THE SUMERIANS

THEIR HISTORY, CULTURE, AND CHARACTER

SAMUEL NOAH KRAMER

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE CHICAGO, CHICAGO 60637
A University of Chicago Press, Ltd., Londres © 1963 pela Universidade de Chicago. Todos os direitos reservados Publicado em 1963

Edição em brochura 1971
Impresso nos Estados Unidos da América ISBN: 0-226-45238-7 (encadernado)ISBN: 978-0-226-45232-6 (ebook) LCN: 63-11398

14 13 12 19 20

O artigo utilizado nesta publicação atende aos requisitos mínimos do American National Standard for Information Sciences—Permanence of Paper for Printed Library Materials, ANSI Z39.48-1992.

OS SUMÉRIOS

SUA HISTÓRIA, CULTURA E CARÁTER

Samuel Noé Kramer

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE CHICAGO
Chicago & Londres

Para a UNIVERSIDADE DE PENNSYLVANIAe seu MUSEU UNIVERSITÁRIO

PREFÁCIO

O ano de 1956 viu a publicação do meu livro Das Tábuas da Suméria, desde que revisado, reimpresso e traduzido para várias línguas sob o título A História Começa na Suméria. Consistia em vinte ensaios díspares unidos por um tema comum – "primeiros" na história e cultura registradas do homem. O livro não tratou da história política do povo sumério ou da natureza de suas instituições sociais e econômicas, nem deu ao leitor qualquer ideia da maneira e do método pelo qual os sumérios e sua língua foram descobertos e "ressuscitados". É principalmente para preencher essas lacunas que o presente livro foi concebido e composto.

O primeiro capítulo tem caráter introdutório; esboça brevemente os esforços arqueológicos e acadêmicos que levaram à decifração da escrita cuneiforme, com especial referência aos sumérios e sua língua, e o faz de uma maneira que, espera-se, o leigo interessado possa seguir com compreensão e perspicácia.

O segundo capítulo trata da história da Suméria desde os dias pré-históricos do quinto milênio até o início do segundo milênio a.C., quando os sumérios deixaram de existir como entidade política. Tanto quanto sei, apresenta o tratamento mais completo e detalhado da história política da Suméria disponível até hoje. Por causa do caráter fragmentário, elusivo e às vezes longe de ser confiável das fontes, não poucas das afirmações neste capítulo são baseadas em conjecturas e suposições, e podem vir a ser verdadeiras apenas em parte ou mesmo ser inteiramente falsas. Para ajudar o leitor a fazer seus próprios julgamentos e decisões nos casos mais cruciais e duvidosos, os vários tipos de material de origem à disposição do estudioso são delineados e avaliados no início do capítulo e suas deficiências, deficiências e armadilhas apontadas.

O terceiro capítulo trata dos aspectos sociais, econômicos, legais e tecnológicos da vida da cidade suméria. Por mais esboçado que seja, por causa da relativa escassez e obscuridade das fontes pertinentes, dificilmente poderia ter sido escrito se não fossem as contribuições muito recentes de Diakonoff, Falkenstein e Civil, os três estudiosos que tanto fizeram para iluminar um ou outro aspecto dessa área de pesquisa.

Os capítulos iv e v tratam da religião e literatura sumérias, as duas áreas da cultura suméria às quais dediquei quase toda a minha carreira acadêmica. Embora incluam, portanto, muito do que se encontra em minhas publicações anteriores, esses capítulos fornecem um levantamento mais completo e abrangente do material disponível do que até agora foi possível, sem mencionar os inúmeros acréscimos e correções que são introduzidos nas traduções citadas.

Os capítulos vi e vii, relacionados à educação e ao caráter sumério, são meus próprios "favoritos", se é que um autor pode ter favoritos. Aqui estão dois aspectos da cultura suméria dos quais praticamente nada se sabia até bem recentemente, mas que, como os dois capítulos mostram, agora podem ser esboçados e tratados em detalhes consideráveis. No capítulo sobre educação, por exemplo, encontram-se

quatro ensaios sumérios que tratam da vida escolar, quase totalmente desconhecidos há apenas quinze anos. O capítulo vii tenta uma abordagem comparativamente nova nos estudos orientais: tenta isolar, analisar e avaliar os motivos e impulsos internos que ajudaram a criar – e destruir – a civilização suméria.

O capítulo viii esboça o que pode ser chamado de "legado" da Suméria para o mundo e sua cultura. Começando com uma revisão do dar e receber entre os sumérios e os outros povos do antigo Oriente Próximo, continua com um resumo de algumas das facetas mais óbvias da vida moderna que podem remontar às raízes sumérias. Ele conclui com um esboço de uma série de ideias teológicas, éticas e literárias dos sumérios que parecem ter seus paralelos na Bíblia – o livro que desempenhou um papel tão grande na cultura ocidental – e que apontam para uma conexão muito mais íntima entre os antigos hebreus e sumérios do que se suspeitava.

Por fim, há os Apêndices, especialmente preparados para aqueles leitores que preferem ir às fontes originais sempre que possível; eles incluem traduções de vários dos documentos mais importantes utilizados no capítulo sobre história, bem como vários itens diversos que são de especial interesse para um livro sobre a Suméria e os Sumérios.

A obra é dedicada à Universidade da Pensilvânia e ao seu Museu Universitário. Isso pode parecer bastante incomum e pouco ortodoxo, mas o fato é que, se não fossem essas duas instituições, este livro nunca poderia ter sido escrito. Não apenas a administração e o corpo docente da universidade incentivaram minhas pesquisas de todas as maneiras, apesar de seu caráter bastante remoto e esotérico, mas o Museu Universitário e sua Coleção Babilônica me forneceram muito do material de origem original no qual este livro se baseia. Sua dedicação a essas duas instituições é, portanto, apenas um sinal de minha profunda e sincera gratidão a todas as pessoas ligadas a elas que, de uma forma ou de outra, foram úteis para mim e para minha pesquisa sumerológica ao longo dos anos.

Desejo também expressar os meus agradecimentos ao Departamento de Antiguidades da República da Turquia e ao Director do Museu Arqueológico de Istambul por generosamente me permitirem utilizar as tábuas literárias sumérias no Museu do Antigo Oriente de Istambul. Aos dois curadores da coleção de tablets deste museu, Muazzez Çiğ e Hatice Kizilyay, estou particularmente grato por sua cooperação implacável e inflexível, que tem sido tão frutífera para a pesquisa sumerológica. Estou também profundamente grato à Direcção de Antiguidades da República do Iraque pela sua generosa cooperação em numerosas ocasiões. Tenho uma dívida muito especial de gratidão com a Universidade Friedrich-Schiller de Jena, na Alemanha Oriental, que me possibilitou estudar as tábuas literárias sumérias da Coleção Hilprecht, em cooperação com sua curadora assistente Inez Bernhardt. A Cyril J. Gadd, ex-membro do Museu Britânico, agora professor emérito da Escola de Estudos Orientais e Africanos, desejo expressar os meus agradecimentos por generosamente ter colocado à minha disposição as suas cópias dos documentos literários sumérios de Ur, aos quais dedicou tanto tempo e esforço. Finalmente, os agradecimentos são devidos à Academia de Ciências da URSS e ao Museu Pushkin

por tornar possível o estudo e a publicação de uma tábua inscrita com duas elegias sumérias.

Ao Conselho Americano de Sociedades Acadêmicas, dou meus sinceros agradecimentos por minha primeira comunhão, que me permitiu ir ao Iraque em 1929-30. À Fundação Memorial John Simon Guggenheim e à Sociedade Filosófica Americana, quero destacar, como tenho em outros escritos, a dívida muito especial que tenho; Eles foram "amigos necessitados" durante um período crucial da minha carreira acadêmica. E esta é uma oportunidade apropriada para mencionar minha dívida com William Foxwell Albright, que falou calorosamente de minhas pesquisas – ainda em seus estágios iniciais – com a Sociedade Filosófica Americana, embora ele e eu nunca tivéssemos nos encontrado. Nos últimos anos, a Fundação Bollingen tem sido muito generosa com uma série de bolsas que me permitiram obter pelo menos um mínimo de assistência científica e administrativa. A Fundação Barth também foi de alguma ajuda a este respeito; proporcionou uma bolsa que me permitiu trabalhar por um tempo na Coleção Hilprecht da Universidade Friedrich-Schiller.

Permitam-me encerrar agradecendo ao meu ex-assistente, Edmund Gordon, cujas excelentes pesquisas na literatura da sabedoria suméria estavam disponíveis para mim antes e durante sua publicação, e a Miguel Civil, meu ex-assistente, que me disponibilizou suas pesquisas em lexicografia, medicina e tecnologia sumérias. Jane Heimerdinger, assistente de pesquisa do Museu da Universidade, preparou o Índice e ajudou de várias maneiras na preparação do manuscrito e sua organização. E meu agradecimento muito especial a Gertrude Silver, uma datilógrafa ágil e conhecedora que exemplifica o provérbio sumério: "Um escriba cuja mão se move tão rápido quanto a boca, isso é um escriba para você".

CONTEÚDO

Um: Arqueologia e Decifração Dois: História: Heróis, Reis e Ensi Três: Sociedade: A Cidade Suméria Quatro: Religião: Teologia, Rito e Mito Cinco: Literatura: As Belas Letras Sumérias Seis: Educação: A Escola Suméria Sete: Personagem: Motivações, Motivos e Valores Oito: O Legado da Suméria

APÊNDICES

Um. A Origem e o Desenvolvimento do Sistema Cuneiforme de Escrita B. A língua suméria

C. Inscrições Votivas

D. Fórmulas de data de exemplo E. Lista de Reis Sumérios

F. Letras

G. Ditilla's (decisões judiciais) Código de Lei H. Lipit-Ishtar I. Almanaque dos Agricultores ANOTAÇÕES

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

ÍNDICE

ILUSTRAÇÕES

PLACAS

Os arredores de Nippur hoje O Ziggurat em Eridu Ur-Nanshe, Rei de Lagash Estela dos Abutres Chefe de Ur-Nammu

Gudea, Ensi de Lagash Mapa da cidade de Nippur Estela de Ur-Nammu Reconstrução do Templo de Harmal Tablet médico

Cabeça de uma estátua feminina Estatueta Barbuda de Khafaje Cabeça de Touro

Diadema da Rainha Shubad Copo Canelado e Vaso de Ouro Bicado Motorista e carruagem puxados por quatro jumentos Almanaque dos Agricultores Baixo-relevo de diversas atividades leiteiras Três cenas mitológicas em selos de cilindro Catálogo Literário A Criação do Homem Texto gramatical de Nippur Casal sentado

FIGURAS

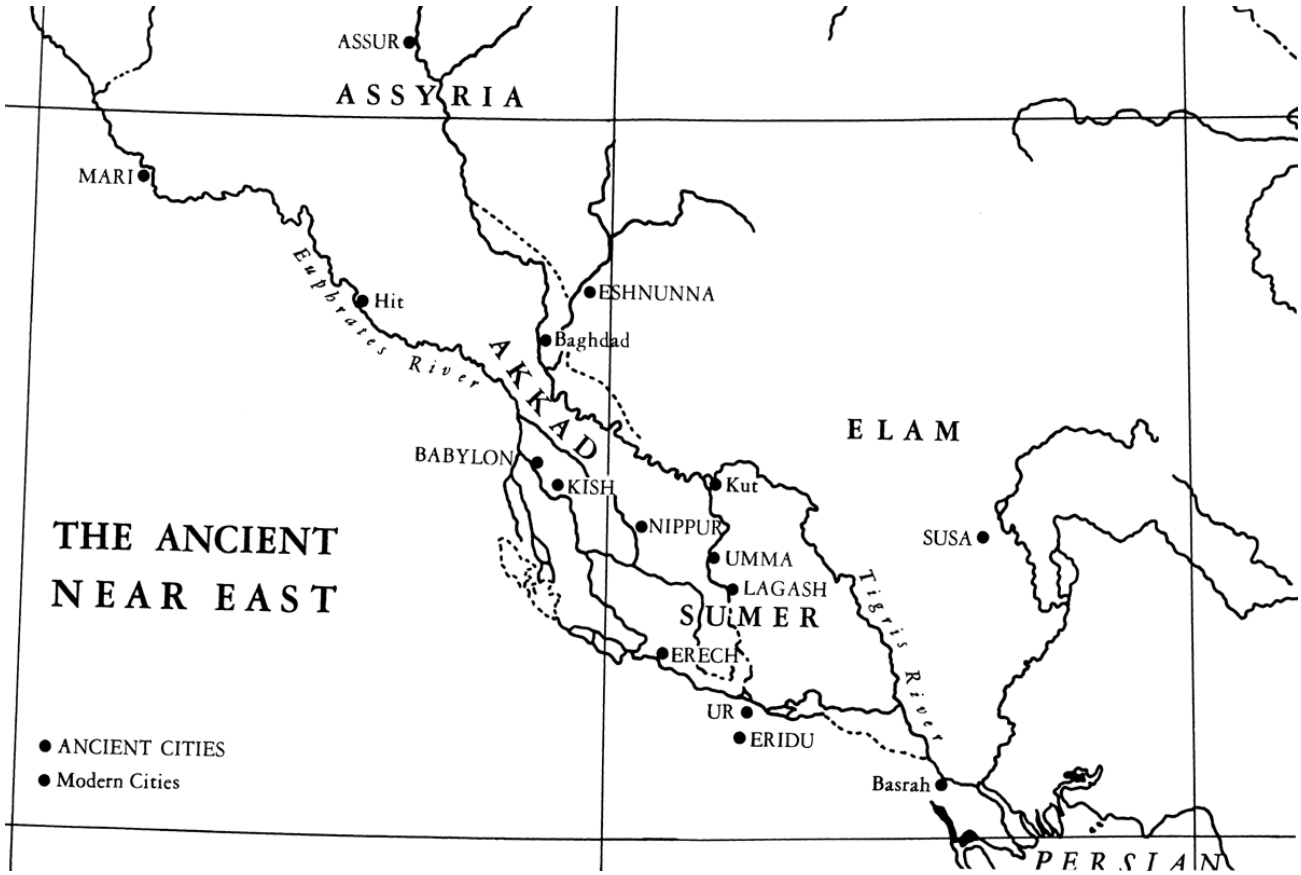
Mapa do Antigo Oriente Próximo 1 Sinais Numéricos Sumérios

2 Texto matemático de Fara

3 Ferramentas, implementos e veículos representados nos primeiros pictogramas 4 Medidas Sumérias e seus equivalentes

5 Extrato de um vocabulário sumero-acadiano

6 A Origem e o Desenvolvimento do Sistema Cuneiforme de Escrita


ASSUR
ASSYRIA
MARI
Euphrates River
Hit
ESHNUNNA
Baghdad
AKKAD
ELAM
BABYLON
KISH
Kut
NIPPUR
SUSA
UMMA
LAGASH
SUMER
Tigris River
ERECH
UR
ERIDU
Basrah
PERSIAN
THE ANCIENT NEAR EAST
ANCIENT CITIES
Modern Cities

CAPÍTULO PRIMEIRO
ARQUEOLOGIA E DECIFRAÇÃO

A Suméria, a terra que ficou conhecida nos tempos clássicos como Babilônia, consiste na metade inferior da Mesopotâmia, aproximadamente idêntica ao Iraque moderno, do norte de Bagdá ao Golfo Pérsico. Tem uma área de aproximadamente 10.000 milhas quadradas, um pouco maior do que o estado de Massachusetts. Seu clima é extremamente quente e seco, e seu solo, abandonado a si mesmo, é árido, varrido pelo vento e improdutivo. A terra é plana e feita de rio e, portanto, não tem minerais e quase nenhuma pedra. Exceto pelos enormes juncos nos pântanos, não tinha árvores para madeira. Eis, então, uma região com "a mão de Deus contra ela", uma terra pouco promissora aparentemente condenada à pobreza e à desolação. Mas o povo que a habitava, os sumérios, como ficaram conhecidos no terceiro milênio a.C., eram dotados de um intelecto extraordinariamente criativo e de um espírito aventureiro e resoluto. Apesar das desvantagens naturais da terra, eles transformaram a Suméria em um verdadeiro Jardim do Éden e desenvolveram o que provavelmente foi a primeira alta civilização na história do homem.

O povo da Suméria tinha um talento incomum para a invenção tecnológica. Mesmo os primeiros colonos tinham tido a ideia da irrigação, que lhes permitia coletar e canalizar o rico transbordamento carregado de lodo dos rios Tigre e Eufrates e usá-lo para regar e frutificar seus campos e jardins. Para compensar a escassez de minerais e pedras, aprenderam a assar o barro e a lama do rio, cujo suprimento era praticamente inesgotável, em foices, panelas, pratos e jarros. Em vez da escassa madeira de construção, eles cortavam e secavam os enormes e abundantes juncos de pântano, amarravam-nos em feixes ou os entrançavam em esteiras e, com a ajuda de rebocos de barro, os transformavam em cabanas e byres. Mais tarde, os sumérios inventaram o molde de tijolo para moldar e assar a onipresente argila do rio e, portanto, não tiveram mais problemas de material de construção. Eles inventaram ferramentas, habilidades e técnicas úteis como a roda do oleiro, a roda do vagão, o arado, o veleiro, o arco, a abóbada, a cúpula, a fundição em cobre e bronze, rebitagem, brasagem e solda, escultura em pedra, gravura e incrustação. Eles originaram um sistema de escrita em argila, que foi emprestado e usado em todo o Oriente Próximo por cerca de dois mil anos. Quase tudo o que sabemos da história inicial da Ásia ocidental vem dos milhares de documentos de argila inscritos na escrita cuneiforme desenvolvida pelos sumérios e escavada por arqueólogos nos últimos cento e vinte e cinco anos.

Os sumérios eram notáveis não apenas por seu progresso material e desenvoltura tecnológica, mas também por suas ideias, ideais e valores. Lúcidos, equilibrados, tinham uma visão pragmática da vida e, dentro dos limites de seus recursos intelectuais, raramente confundiam fato com fantasia, desejo com realização ou mistério com mistificação. No decorrer dos séculos, os sábios sumérios

desenvolveram uma fé e um credo que, de certa forma, "deram aos deuses o que era dos deuses" e reconheceram e aceitaram como inevitáveis limitações mortais, especialmente o desamparo diante da morte e da ira divina. Do lado material, valorizavam a riqueza e os bens, as colheitas ricas, os celeiros bem abastecidos, as dobras e as baias cheias de gado, a caça bem-sucedida na planície e a boa pesca no mar. Espiritual e psicologicamente, eles deram grande ênfase à ambição e ao sucesso, à preeminência e ao prestígio, à honra e ao reconhecimento. O sumério estava profundamente consciente de seus direitos pessoais e se ressentia de qualquer invasão a eles, seja por seu rei, seu superior ou seu igual. Não é à toa que os sumérios foram os primeiros a compilar leis e códigos de leis, a colocar tudo em "preto e branco" para evitar mal-entendidos, deturpações e arbitrariedades.

Embora os sumérios assim atribuíssem um alto valor ao indivíduo e à sua realização, havia um fator primordial que promovia um forte espírito de cooperação entre indivíduos e comunidades: a completa dependência da Suméria da irrigação para seu bem-estar – na verdade, para sua própria existência. A irrigação é um processo complicado que requer esforço e organização comunitária. Os canais tiveram que ser cavados e mantidos em constante reparo. A água tinha que ser dividida equitativamente entre todos os envolvidos. Para garantir isso, era obrigatório um poder mais forte do que o proprietário individual ou mesmo a comunidade única: daí o crescimento das instituições governamentais e a ascensão do Estado sumério. E como a Suméria, por causa da fertilidade do solo irrigado, produzia um vasto excedente de grãos, mas praticamente não tinha metais e muito pouca pedra e madeira, o Estado foi forçado a obter o material essencial para sua economia, seja através do comércio ou da força militar. De modo que, no terceiro milênio a.C., há boas razões para acreditar que a cultura e a civilização sumérias haviam penetrado, pelo menos até certo ponto, no extremo leste da Índia e no extremo oeste do Mediterrâneo, até o sul da antiga Etiópia e até o norte do Cáspio.

Com certeza, tudo isso foi há cinco mil anos e pode parecer de pouca relevância para o estudo do homem moderno e da cultura. Mas o fato é que a terra da Suméria testemunhou a origem de mais de uma característica significativa da civilização atual. Seja ele filósofo ou professor, historiador ou poeta, advogado ou reformador, estadista ou político, arquiteto ou escultor, é provável que o homem moderno encontre seu protótipo e contraparte na antiga Suméria. É certo que a origem suméria da ramificação moderna não pode mais ser traçada com franqueza ou certeza: os caminhos da difusão cultural são múltiplos, intrincados e complexos, e seu toque mágico é sutil e evanescente. Mesmo assim, ainda é aparente em uma lei mosaica e um provérbio salomônico, nas lágrimas de Jó e um lamento de Jerusalém, no triste conto do deus-homem moribundo, em uma cosmogonia hesiódica e um mito hindu, em uma fábula esófica e um teorema euclidiano, em um signo zodiacal e um projeto heráldico, no peso de uma mina, o grau de um ângulo, a escrita de um número. É a história, a estrutura social, as ideias religiosas, as práticas educacionais, as criações literárias e as motivações valorativas da civilização criada na antiga Suméria que serão brevemente esboçadas nas páginas seguintes. Antes, porém, uma

breve revisão introdutória da "ressurreição" arqueológica dos sumérios e de sua cultura e da decifração de sua escrita e linguagem.

Notavelmente, há menos de um século não só não se sabia nada da cultura suméria; a própria existência de um povo e língua sumérios era insuspeitada. Os estudiosos e arqueólogos que há cerca de cem anos começaram a escavar na Mesopotâmia procuravam não sumérios, mas assírios; estas eram as pessoas sobre as quais eles tinham informações consideráveis, embora longe de precisas, de fontes gregas e hebraicas. No caso dos sumérios, no entanto, não havia nenhum vestígio reconhecível da terra, ou de seu povo e língua, em toda a literatura bíblica, clássica e pós-clássica disponível (ou pelo menos assim se pensava; ver páginas 297-99 para a possibilidade de que a Suméria seja mencionada na Bíblia sob uma forma ligeiramente variante). O próprio nome Suméria havia sido apagado da mente e da memória do homem por mais de dois mil anos. A descoberta dos sumérios e de sua língua foi bastante desconhecida e veio de forma bastante inesperada, e esse detalhe bastante irrelevante levou a controvérsias que foram responsáveis em algum grau pelo progresso bastante lento e conturbado da pesquisa sumerológica.

A decifração do sumério na verdade surgiu através da decifração do semita acadiano, conhecido em dias anteriores como assírio ou babilônico, que, como o sumério, é escrito em escrita cuneiforme. E para o acádio, por sua vez, a chave foi encontrada no persa antigo, uma língua indo-europeia falada pelos persas e medos que governaram o Irã durante grande parte do primeiro milênio a.C.; pois alguns dos governantes da dinastia persa aquemênida – o nome remonta a Aquemênes, o fundador da dinastia que viveu por volta de 700 a.C. – acharam político ter suas inscrições cuneiformes escritas em três línguas: persa, sua própria língua materna; elamita, uma língua aglutinativa falada pelos nativos do oeste do Irã que eles conquistaram e subjugaram; e acadiano, a língua semítica falada pelos babilônios e assírios. Este grupo de inscrições cuneiformes trilíngues, que era aproximadamente a contraparte da pedra egípcia de Roseta, não veio do Iraque, mas do Irã, embora seja o Iraque o lar da escrita cuneiforme. E isso nos leva à história das explorações e escavações que levaram à decifração da escrita cuneiforme e à redescoberta das civilizações mesopotâmicas. Ele será aqui esboçado apenas brevemente – foi contado repetidamente e em detalhes durante as últimas décadas (ver Bibliografia para obras específicas) – a fim de dar ao leitor pelo menos um vislumbre do quadro como um todo e, ao mesmo tempo, fazer uma reverente e grata reverência àqueles exploradores há muito mortos, escavadores e savants de poltrona que, sem saber e sem querer, e cada um à sua maneira, ajudaram a tornar possível a escrita de um livro sobre os sumérios.

A ressurreição dos povos assírios, babilônicos e sumérios, há muito enterrados sob seus montes desolados, ou conta, é uma conquista eloquente e magnífica da erudição e do humanismo do século XIX. Com certeza, havia relatos isolados de antigas ruínas mesopotâmicas nos séculos anteriores. De fato, já no século XII um rabino de Tudela, no reino de Navarra, de nome Benjamin, filho de Jonas, visitou os judeus de Mossul e identificou corretamente as ruínas nas proximidades daquela cidade como as da antiga Nínive, embora seu relato não tenha sido publicado até o século XVI.

Por outro lado, a identificação da Babilônia só foi feita em 1616, quando o romano Pietro della Valle visitou os montes no bairro da moderna Hilla. Este viajante de olhos afiados não só deu uma descrição notável das ruínas da Babilônia, mas também trouxe de volta à Europa tijolos inscritos que ele havia encontrado lá e no monte agora chamado pelos árabes Tal al Muqayyar, "o monte de breu", que cobre as ruínas do antigo Ur; e foi assim que os primeiros exemplos de escrita cuneiforme chegaram à Europa.

Ao longo do resto do século XVII e da maior parte do XVIII numerosos viajantes, cada um com uma ideia diferente quanto à identificação das várias localidades e ruínas, viajaram para a Mesopotâmia, todos tentando encaixar o que viam no quadro bíblico de referência. Entre 1761 e 1767, ocorreu uma das mais valiosas dessas expedições, a de Carsten Niebuhr, matemático dinamarquês que, além de copiar em Persépolis as inscrições que levaram à decifração do cuneiforme, foi o primeiro a dar aos seus contemporâneos uma ideia concreta das ruínas de Nínive com a ajuda de esboços e desenhos. Alguns anos depois, o botânico francês A. Michaux vendeu à Bibliothèque Nationale, em Paris, uma pedra de fronteira encontrada perto de Ctesifonte, ao sul de Bagdá, que provou ser a primeira inscrição realmente valiosa a chegar à Europa. Algumas traduções absurdas foram feitas dessa simples inscrição, que na verdade contém a maldição usual contra qualquer um que perturbe o marcador de fronteira; um deles, por exemplo, dizia o seguinte: "O exército do céu nos regará com vinagre para nos esbanjar os remédios certos para efetuar nossa cura".

Nessa mesma época, Abbé Beauchamp, vigário-geral em Bagdá e correspondente da Academia de Ciências, fazia observações cuidadosas e precisas do que via ao seu redor, particularmente nas ruínas da Babilônia; na verdade, ele realmente fez a primeira escavação arqueológica conhecida na Mesopotâmia, empregando alguns operários nativos sob a liderança de um mestre pedreiro, em conexão com uma escultura agora geralmente conhecida como o "Leão da Babilônia", que ainda pode ser vista lá pelo turista de hoje. Ele foi o primeiro a descrever partes do Portão de Ishtar, uma bela réplica da qual agora pode ser vista na Seção Oriente Próximo do Museu de Berlim; ele também menciona ter encontrado cilindros sólidos cobertos com escritos minuciosos que ele sentia que se assemelhavam às inscrições de Persépolis. As memórias de suas viagens, publicadas em 1790, foram traduzidas quase imediatamente para o inglês e o alemão e criaram uma grande sensação no mundo acadêmico.

Uma das consequências da faísca provocada por Abbé Beauchamp foi que a Companhia das Índias Orientais, em Londres, autorizou seus agentes em Bagdá a fazer algumas prospecções arqueológicas e reconhecimento. E assim, em 1811, encontramos Claudius James Rich, um residente da Companhia das Índias Orientais em Bagdá, examinando e mapeando as ruínas da Babilônia e até mesmo escavando brevemente, partes delas. Cerca de nove anos depois, Rich apareceu em Mossul, onde esboçou e investigou os grandes montes da antiga Nínive. Ele coletou muitas tábuas inscritas, tijolos, pedras de fronteira e cilindros, entre eles os famosos cilindros de Nabucodonosor e Senaqueribe, cuidadosamente copiados por seu

secretário Carl Bellino e enviados ao epígrafe Grotefend para decifração. A coleção de Rich formou o núcleo para o vasto conjunto de antiguidades mesopotâmicas agora no Museu Britânico.

Rich morreu em 1821 com a idade de trinta e quatro anos, mas suas duas memórias sobre as ruínas da Babilônia com seu material tipográfico e inscricional viveram e podem ser consideradas como marcando o nascimento da assiriologia e dos estudos cuneiformes relacionados. Ele foi seguido por Robert Ker Porter, que fez reproduções artísticas precisas de várias ruínas mesopotâmicas, bem como um plano de toda a área das ruínas da Babilônia. Em 1828, Robert Mignan escavou brevemente as ruínas da Babilônia, onde Rich havia cavado em 1811; empregou até trinta homens e limpou uma área de doze metros quadrados a uma profundidade de vinte pés; Ele foi o primeiro a escavar um cilindro inscrito. Finalmente, nos anos dezoito e trinta, dois ingleses, J. Baillie Fraser e William F. Ainsworth, visitaram vários locais no sul da Mesopotâmia; no entanto, eles não tinham ideia de que estes eram parte da antiga Suméria.

Chegamos agora às grandes e mais ou menos sistemáticas escavações no Iraque, que começaram em 1842 com a de Paul Emile Botta, cônsul francês em Mossul, e continuaram, com inúmeras interrupções, até hoje. As primeiras dessas escavações foram realizadas no norte da Mesopotâmia, na terra comumente conhecida como Assíria, e os milhares de documentos desenterrados lá foram escritos na língua acadiana. Mas isso não era conhecido na época em que foram escavados pela primeira vez; tudo o que se podia então dizer era que a escrita se assemelhava à da terceira "classe" das inscrições trilíngues que foram encontradas no Irã, principalmente em Persépolis e seus arredores. Em Persépolis, as ruínas de um magnífico palácio ainda estavam de pé, com um grande número de colunas altas e bonitas ainda no lugar e monumentos esculpidos de vários tipos espalhados. Ao redor da cidade havia túmulos magnificamente decorados cortados nas rochas. Muitos dos monumentos persepolitanos foram cobertos com uma escrita que, no final do século XVIII, tinha sido reconhecida como semelhante às inscrições nos tijolos da Babilônia. Além disso, em meados do século XIX, uma das inscrições nos trilíngues havia sido decifrada e fornecia um estoque de nomes próprios que poderiam ser usados para decifrar a terceira das inscrições, o que por sua vez possibilitou a leitura das tábuas "assírias" que estavam sendo escavadas no Iraque. Para acompanhar esse processo de decifração do acadiano, portanto, devemos primeiro ter alguma ideia da decifração da primeira classe de inscrições no trilíngue persepolitano e da natureza das informações que ele forneceu.

As ruínas de Persépolis tornaram-se conhecidas do mundo europeu no século XVI, quando o itinerário do embaixador veneziano na Pérsia, Geosofat Barbaros – no qual ele fala delas com admiração – foi publicado em Veneza, em 1543. A escrita sobre os monumentos foi mencionada pela primeira vez por Antonio de Goueca, o primeiro embaixador da Espanha e de Portugal na Pérsia, em seu livro publicado em Lisboa em 1611, e descrito por ele como sendo diferente do dos persas, árabes, armênios e judeus. Seu sucessor, Don Garcia Silva Figueroa, em um livro publicado em Antuérpia em 1620, foi o primeiro a identificar as ruínas de Persépolis, usando

uma descrição de Diodoro Sículo, como o palácio do governante aquemênida Dario. Ele também menciona a escrita nos monumentos, dizendo que é diferente do caldeu, hebraico, árabe e grego, e descrevendo-a como longa e triangular, em forma de pirâmide, e os caracteres como não diferindo uns dos outros, exceto em sua posição.

Em uma carta datada de vinte e um de outubro de 1621, Pietro della Valle afirmou que havia pesquisado as ruínas de Persépolis e até mesmo feito uma cópia - embora incorreta - de cinco dos caracteres nas inscrições, e sugeriu que as inscrições fossem lidas da esquerda para a direita. Em 1673, o jovem artista francês André Daulier Deslandes publicou a primeira gravura precisa do palácio de Persépolis, mas copiou apenas três dos caracteres das inscrições e os colocou em sua gravura de uma maneira que tendia a dar a impressão de que a escrita era meramente decorativa, uma teoria amplamente difundida durante o século XVIII. Em 1677, Sir Thomas Herbert, um inglês que havia servido o embaixador britânico na Pérsia cerca de cinquenta anos antes, publicou uma cópia bastante pobre do que aparentemente era uma passagem de três linhas, que acabou sendo uma composição de linhas de inscrições totalmente diferentes. Sua caracterização do roteiro não é isenta de interesse histórico: "Os personagens são de uma forma estranha e incomum; nem como Letters nem Hieroglyphicks; sim, tão longe de decifrá-los que não pudéssemos fazer nenhum julgamento positivo se eram palavras ou personagens; embora eu prefira inclinar-me para a primeira, e que elas compreendam palavras ou sílabas, como na Braquiografia ou na Shortwriting que praticamos familiarmente."

Em 1693, foi publicada uma cópia de uma inscrição de duas linhas de Persépolis consistindo de vinte caracteres, que havia sido feita por Samuel Flower, um agente da Companhia das Índias Orientais. Esta foi considerada uma inscrição genuína, embora na verdade consistisse em vinte e três sinais separados selecionados de várias inscrições, um erro que não causou pouca confusão e frustração para aqueles que tentavam decifrar a escrita. Em 1700, a escrita recebeu pela primeira vez sua denominação "cuneiforme", que se manteve desde então, de Thomas Hyde, que escreveu um livro sobre a história da religião dos persas antigos no qual reproduziu a inscrição de Flor e descreveu os caracteres como "cuneiformes"; Infelizmente, ele não acreditava que os sinais tinham a intenção de transmitir um discurso significativo, mas sim servir como decorações e ornamentos.

A primeira inscrição completa de Persépolis só foi publicada em 1711, sendo o autor Jean Chardin, um cidadão inglês naturalizado que visitou Persépolis três vezes durante sua juventude. Três anos depois, cópias bastante precisas de três inscrições trilíngues foram publicadas por Carneille Lebrun. Mas foi o dinamarquês Carsten Niebuhr quem abriu caminho para a decifração das inscrições persas. Em 1778, publicou cópias cuidadosas e precisas de três inscrições trilíngues de Persépolis; ele mostrou que eles foram escritos da esquerda para a direita, que cada uma das três inscrições continha três tipos diferentes de escrita cuneiforme, que ele rotulou de "Classe I", "Classe II" e "Classe III", e finalmente que "Classe I" representava um método alfabético de escrita, uma vez que continha apenas quarenta e dois sinais de acordo com sua tabulação. Infelizmente, ele era da opinião de que as três classes de escrita não representavam três línguas diferentes, mas eram usadas para escrever a

mesma língua em três formas diferentes. Em 1798, Friedrich Munter, outro dinamarquês, fez a importantíssima observação de que a Classe I de Niebuhr era uma escrita alfabética, enquanto as Classes II e III eram respectivamente silábicas e ideográficas; e que cada aula representava uma língua diferente, bem como uma forma diferente de escrita.

Assim, as bases para a decifração estavam agora à mão: havia cópias precisas de um número de inscrições, cada uma das quais continha três tipos diferentes de escrita cuneiforme representando três línguas diferentes; Além disso, a primeira das três classes em cada inscrição foi corretamente reconhecida como sendo de caráter alfabético. Mas a decifração em si levou quase meio século, e provavelmente teria sido completamente impossível se não fossem dois estudiosos que fizeram contribuições significativas, embora involuntárias, ao processo publicando estudos que, embora não se preocupassem em nada com as inscrições cuneiformes de Persépolis, provaram ser uma ajuda fundamental para os decifradores. Um dos estudiosos foi o francês A. H. Anquetil-Duperron, que passou muito tempo na Índia coletando manuscritos do Avesta, o livro sagrado do zoroastrismo, e aprendendo a ler e interpretar o persa antigo, a língua em que foi escrito. Suas publicações relevantes apareceram em 1768 e 1771, e deram àqueles que tentavam decifrar as inscrições cuneiformes de Persépolis alguma ideia do persa antigo, que se mostrou mais útil para a decifração da Classe I dos trilíngues, uma vez que havia sido postulado - por causa de sua posição proeminente nas inscrições - que era persa antigo. O outro estudioso foi A. I. Silvestre de Sacy, que em 1793 publicou uma tradução das inscrições Pahlavi encontradas nos arredores de Persépolis, que embora datando séculos depois das inscrições cuneiformes de Persépolis, revelaram um padrão mais ou menos estereotipado que poderia ser assumido como subjacente aos monumentos anteriores também; este padrão era: X, grande rei, rei dos reis, rei de . . . , filho de Y, grande rei, rei dos reis...

Voltando agora à decifração real das inscrições de Persépolis, a primeira tentativa séria foi feita por Oluf Gerhard Tychsen, que ao estudar a primeira classe identificou corretamente quatro dos caracteres, reconheceu um dos sinais frequentemente ocorridos como um divisor de palavras – o que tornou possível estabelecer o início e o fim de cada palavra – e fez várias outras observações aguçadas. Mas ele erroneamente assumiu que as inscrições datavam da dinastia parta, mais tarde em mais de meio milênio do que sua data verdadeira, e suas traduções eram puro achismo e erradas por toda parte.

Tychsen publicou seus resultados em 1798. No mesmo ano, Friedrich Munter de Copenhague submeteu dois artigos à Sociedade Real Dinamarquesa de Ciências provando que os documentos de Persépolis pertencem à dinastia aquemênida, fato que foi de fundamental importância para a decifração das inscrições. Mas o próprio Munter não fez mais progressos em seus esforços de decifração. Foi Georg Friedrich Grotefend, um professor de grego no Ginásio de Göttingen, que teve sucesso onde os outros falharam e alcançou fama como o decifrador das inscrições cuneiformes persas, ou seja, a primeira das três classes de Niebuhr. Ele começou escolhendo os caracteres que ocorriam com maior frequência e postulou que eram vogais. Ele

pegou o padrão de inscrição Pahlavi de De Sacy e com ele encontrou os pontos onde parecia mais provável que os nomes do rei que mandou colocar o monumento e de seu pai ocorressem, bem como palavras como "rei" e "filho". Ele então manipulou os nomes conhecidos dos reis da dinastia aquemênida, principalmente de acordo com seu comprimento, nos pontos apropriados, e usou as palavras relevantes nos estudos de Anquetil-Duperron sobre o persa antigo para obter as leituras de algumas das outras palavras nas inscrições; Assim, ele chegou à identificação correta de dez dos sinais e três nomes próprios, e a uma tradução que continha inúmeros erros, mas ainda assim dava uma ideia adequada de seu conteúdo.

Um extrato da tentativa de decifração de Grotefend apareceu em 1802, e três anos depois um relato mais completo foi publicado. Seus esforços foram elogiados e aprovados por Tychsen, Munter, e especialmente por Rich, que continuou a enviar-lhe cópias dos documentos cuneiformes que ele havia obtido nas ruínas da Babilônia e Nínive. Mas Grotefend exagerou em suas realizações, alegando que havia decifrado muito mais sinais do que era o caso, e dando transliterações e traduções completas, mas injustificáveis, que só poderiam evocar o ridículo entre alguns de seus colegas. No entanto, Grotefend estava no caminho certo com sua decifração, como foi corroborado direta e indiretamente no decorrer das décadas seguintes pelos esforços de vários estudiosos que continuaram acrescentando, subtraindo, modificando: A. J. Saint-Martin, Rasmus Rask, Eugène Burnouf e seu amigo íntimo e colaborador, Christian Lassen, para citar apenas as figuras notáveis. Mas para uma visão real da língua persa antiga e para a decifração conclusiva de todos os caracteres, as inscrições de Persépolis eram simplesmente muito curtas e não forneciam um vocabulário grande o suficiente e significativo o suficiente para verificação e controle. Isso nos leva à figura dominante nos primeiros estudos cuneiformes, o brilhante, intuitivo e perseverante inglês, Henry Creswicke Rawlinson, e ao fato notável de que um grupo de inscrições foi decifrado independentemente por dois homens usando critérios praticamente idênticos.

H. C. Rawlinson interessou-se pelas inscrições cuneiformes espalhadas por toda a Pérsia enquanto estava a serviço do exército britânico na Pérsia. Ele começou a copiar alguns dos trilíngues, especialmente a inscrição do Monte Alvand perto de Hamadan e a inscrição rupestre Behistun a cerca de vinte milhas de Kermanshah. O primeiro é composto por dois trilíngues curtos, que ele passou a copiar no ano de 1835; e sem conhecer nada da obra de Grotefend, De Sacy, Saint-Martin, Rask, Burnouf e Lassen, ele conseguiu lê-las seguindo praticamente o mesmo método que Grotefend e seus seguidores haviam usado. Mas ele percebeu que, para identificar todos os sinais dessas inscrições e lê-los adequadamente, seria necessário ter um grande número de nomes próprios à mão. E estes ele encontrou na inscrição rupestre de Behistun, gravada em uma superfície especialmente preparada de mais de duzentos metros quadrados que foi preenchida em parte por um baixo-relevo esculpido e consistindo de um trilíngue correndo em centenas de linhas. Infelizmente, este monumento estava situado na rocha a mais de trezentos metros acima do solo, e não havia meios de subida a ele. Rawlinson, portanto, teve que construir um andaime para chegar à inscrição e, às vezes, para obter uma cópia o

mais completa possível, teve que ser suspenso por uma corda pendurada na frente da rocha.

Em 1835, Rawlinson começou a copiar as colunas persas dos trilíngues de Behistun, que eram cinco em número e continham 414 linhas de texto. Ele continuou copiando a inscrição ao longo dos anos até que em 1837 ele terminou cerca de 200 linhas, ou aproximadamente metade, e com a ajuda de escritores clássicos e geógrafos medievais conseguiu ler várias das várias centenas de nomes de lugares que esta inscrição continha. Em 1839, ele se familiarizou com o trabalho de seus colegas na Europa, e auxiliado pelas novas informações que eles forneceram, ele conseguiu traduzir as primeiras duzentas linhas da inscrição persa antiga do trilíngue Behistun. Sua ambição era copiar cada pedacinho da escrita sobre a rocha Behistun; mas seus deveres militares interromperam seus esforços, e não foi até 1844 que ele foi capaz de retomar seu trabalho de amor. Naquele ano, ele retornou a Behistun, terminou toda a inscrição persa antiga de 414 linhas e copiou, também, todas as 263 linhas da segunda versão, ou elamita, como agora passou a ser conhecida. Em 1848, ele enviou seu manuscrito, consistindo de suas cópias, transliterações, tradução, comentários e notas, de Bagdá para a Royal Asiatic Society, e assim colocou a decifração das inscrições persas antigas em uma base absolutamente confiável, fato que foi confirmado quando, no mesmo ano, o brilhante linguista irlandês, Edward Hincks, publicou um artigo que ele havia lido dois anos antes, no qual ele antecipou um grande número de observações significativas feitas por Rawlinson de forma independente. A partir de agora, apenas pequenas alterações, acréscimos e correções poderiam ser feitas; especialmente notáveis foram os de Jules Oppert, um estudante de Lassen, em 1851. Hincks, Rawlinson e Oppert – a "tríade sagrada" do cuneiforme – não apenas colocaram o persa antigo em terreno firme, mas também lançaram o acadiano e o sumério no caminho para decifrar e, assim, abriram as páginas empoeiradas dos "livros" de argila enterrados em todo o antigo Oriente Próximo.

E assim voltamos às grandes escavações sistemáticas na Mesopotâmia e à decifração das línguas acadiana e suméria a que elas levaram. Em 1842, Paul Emile Botta foi nomeado cônsul francês em Mossul. Assim que chegou lá, começou as escavações em Kuyunjik e Nebi Yunus, dois montes cobrindo as ruínas de Nínive. Estes se mostraram infrutíferos, e ele voltou sua atenção para Khorsabad, a uma curta distância ao norte de Kuyunjik, onde ele "ficou rico", arqueologicamente falando; pois as ruínas de Khorsabad cobriam o palácio do poderoso Sargão II, que governou a Assíria no primeiro quartel do século VIII a.C. - embora isso fosse desconhecido para os escavadores, é claro - e continha acres de escultura assíria, frisos e relevos, muitos dos quais estavam cobertos com inscrições cuneiformes. Apenas três anos depois, o inglês Austen Henry Layard começou a cavar primeiro em Nimrud, depois em Nínive e novamente em Nimrud. Além dos palácios reais cobertos de baixos-relevos, ele encontrou em Nínive a biblioteca do rei Asurbanipal, bisneto de Sargão II, que consistia de milhares de tábuas e fragmentos inscritos com as obras lexicais, religiosas e literárias dos antigos. Assim, em meados do século XIX, a Europa tinha centenas de inscrições cuneiformes, vindas em grande parte de sítios assírios, que clamavam por decifração, por assim dizer, mas que apresentavam

dificuldades e obstáculos que pareciam intransponíveis na época. E, no entanto, principalmente como resultado da genialidade e perseverança de Hincks, Rawlinson e Oppert, não levou mais de uma década para que a decifração se tornasse um fato consumado.

É certo que os aspirantes a decifradores tinham uma vantagem. Muito antes de Botta e Layard terem começado suas escavações, um número limitado de inscrições de um tipo ou de outro havia encontrado seu caminho para a Europa, especialmente das ruínas babilônicas, e a escrita sobre eles havia sido reconhecida como semelhante à terceira classe de Niebuhr sobre os trilíngues de Persépolis. Mas, infelizmente, essa terceira classe, que poderia ser razoavelmente assumida como uma tradução da primeira classe, desafiou todos os esforços de decifração. Em primeiro lugar, as inscrições de Persépolis eram breves demais para qualquer conhecimento da língua. Além disso, mesmo uma análise superficial das inscrições babilônicas então existentes revelou que elas consistiam em centenas de sinais, enquanto a primeira classe dos trilíngues tinha apenas quarenta e dois caracteres, o que tornava impossível marcar os nomes ou palavras que se poderia esperar que fossem idênticos. Finalmente, dentro dos próprios documentos babilônicos, os mesmos sinais pareciam mostrar uma variação considerável na forma e na forma. Não admira, portanto, que as primeiras tentativas de decifração da escrita babilônica tenham se mostrado inúteis.

Em 1847 veio a primeira contribuição significativa; seu autor não inesperadamente foi Edward Hincks. Com a ajuda de uma cópia da versão relativamente mais longa da inscrição Behistun, que continha um bom número de nomes próprios, ele conseguiu ler corretamente um número de vogais, sílabas e ideogramas, bem como a primeira palavra babilônica que não era um nome próprio, o pronome a-na-ku – "I" – praticamente idêntico ao seu homólogo hebraico. No entanto, sua principal descoberta, aquela que se mostrou crucial para a decifração, só veio em 1850, e foi baseada em certa medida na visão de Botta, que, não contente em escavar sozinho, publicou em 1848 um estudo sobre os sinais cuneiformes que foi extremamente detalhado. Botta não tentou ler uma única palavra, embora tenha conseguido chegar ao significado de vários ideogramas; Sua contribuição mais frutífera dizia respeito às variantes. Após um estudo cuidadoso e documentação detalhada, ele mostrou que havia um grande número de palavras que, embora evidentemente idênticas em leitura e significado, foram escritas de maneiras diferentes. Foi esse estudo minucioso de escritos variantes que abriu caminho para o artigo de Hincks de 1850, no qual de uma só vez ele foi capaz de explicar o fato aparentemente incrível de que a escrita babilônica continha centenas de sinais, bem como dar a razão para a existência de tantas variantes. A escrita babilônico-assíria (ou como agora é chamada, acadiana), afirmou Hincks, não era alfabética, mas silábica e ideográfica, ou seja, os sinais podiam representar sílabas (de consoante mais vogal, vogal mais consoante, ou consoante mais vogal mais consoante) que eram combinadas de várias maneiras para fazer uma palavra, ou cada sinal poderia expressar uma palavra inteira.

Com essa nova visão da escrita babilônica, a decifração poderia seguir em ritmo acelerado. Mas duas grandes ajudas linguísticas ainda estavam por vir, ambas fruto dos esforços e pesquisas do segundo de nossa tríade, Rawlinson. No ano de 1847, Rawlinson viajou mais uma vez de Bagdá para Behistun e, correndo risco de vida e membro, conseguiu fazer aperto de papel da versão babilônica, o que lhe deu um longo texto de 112 linhas que poderia ser decifrado e traduzido com a ajuda do já decifrado texto persa antigo no mesmo monumento. No decorrer desse trabalho, além disso, ele descobriu a outra característica importantíssima da escrita babilônica, a "polifonia", isto é, que um mesmo sinal poderia representar mais de um som ou "valor". Como resultado, Rawlinson agora podia ler cerca de 150 sinais corretamente; ele conhecia a leitura e o significado de cerca de duzentas palavras da língua, que agora era definitivamente mostrada como uma língua semítica, e ele foi capaz até de dar um esboço gramatical dela.

Os notáveis estudos de Rawlinson foram publicados em 1850 e 1851. Em 1853, Hincks, com a ajuda dos estudos de Rawlinson, conseguiu adicionar mais de uma centena de novos valores aos signos babilônicos, de modo que ele agora poderia identificar cerca de 350 valores ou leituras. Mas o princípio da polifonia, que essa identificação envolvia, despertou dúvida, suspeita e antagonismo entre os estudiosos, alguns dos quais atacaram as traduções de Hincks-Rawlinson como preconceituosas e sem valor; Era difícil acreditar que os povos antigos concebessem um sistema de escrita em que um mesmo signo pudesse ter inúmeros valores, já que isso, presumivelmente, confundiria tanto o leitor a ponto de torná-lo inútil. Nesta conjuntura crucial, Jules Oppert, o terceiro do triunvirato, veio em socorro. Em 1855, ele fez um levantamento do estágio de decifração alcançado naquele ponto, mostrou a exatidão das leituras de Hincks-Rawlinson e acrescentou uma série de novos sinais que tinham mais de um valor. Ele foi o primeiro a fazer um estudo aprofundado dos silabários preparados pelos próprios antigos escribas, que estavam entre as tábuas escavadas na chamada biblioteca assurbanipal em Nínive, e a utilizá-los extensivamente em sua tradução. Seus numerosos tratados, edições de texto e polêmicas ajudaram a consolidar a nova ciência, agora geralmente conhecida como Assiriologia - com base no fato de que as primeiras escavações foram realizadas no norte do Iraque, a casa do povo assírio - e a investi-la com respeito e alta estima.

O ano de 1857 foi fatídico para a assiriologia, e atravessou o calvário com cores voadoras. Foi um matemático e inventor e não um assiriólogo profissional que trouxe as coisas à tona. W. F. Fox Talbot, que fez pesquisas sobre cálculo integral e ajudou a estabelecer as bases para a fotografia atual, também era um orientalista amador; ele havia estudado as publicações de Rawlinson e Hincks e até publicado traduções de vários textos assírios. Tendo obtido uma cópia ainda inédita de uma inscrição do rei assírio Tiglath-pileser I (1116-1076), ele fez uma tradução dela, e a enviou selada para a Royal Asiatic Society em 17 de março de 1857, sugerindo que a sociedade convidasse Hincks e Rawlinson para preparar traduções independentes do mesmo texto e enviá-las em selo, para que as três traduções independentes pudessem ser comparadas. A sociedade fez isso e também enviou um convite a Jules Oppert, que estava então em Londres. Os três aceitaram o convite e, dois meses depois, os

selos dos quatro envelopes contendo as traduções foram quebrados por um comitê especialmente nomeado de cinco membros da Royal Asiatic Society. Um relatório foi emitido afirmando, entre outras coisas, que as traduções de Rawlinson e Hincks se assemelhavam mais de perto, que as renderizações de Talbot eram bastante vagas e inexatas, e que Oppert anotava suas traduções extensivamente e muitas vezes diferia de seus colegas ingleses. Em suma, o veredicto foi favorável à assiriologia como então praticada; As semelhanças entre as quatro traduções foram razoavelmente próximas e a validade da decifração foi justificada.

Dois anos depois, em 1859, Oppert publicou uma de suas obras acadêmicas mais importantes, Déchiffrement des inscriptions cunéiformes; era tão lúcida, abrangente e autoritária uma declaração da assiriologia e suas realizações até hoje que toda a oposição cessou. Nas décadas que se seguiram, estudiosos da partitura, especialmente na França, Inglaterra e Alemanha, escreveram artigos, monografias e livros sobre todos os ramos da nova disciplina: língua, história, religião, cultura e assim por diante. Textos foram copiados e publicados aos milhares. Listas de sinais, glossários, dicionários e gramáticas foram compilados, e inúmeros artigos altamente especializados em gramática, sintaxe e etimologia foram escritos. E assim o estudo do assírio, que foi inicialmente chamado de babilônico e agora está gradualmente se tornando conhecido como acadiano – um termo derivado de um usado pelos próprios mesopotâmicos antigos – se desenvolveu e amadureceu, de modo que agora, em 1963, dois dicionários separados e de muitos volumes estão em processo de publicação – um em inglês pelo Instituto Oriental da Universidade de Chicago, e o outro em alemão sob auspícios internacionais – uma conquista coroante de mais de cem anos de estudos acumulados.

Babilônio! Assírio! Acadiano! Mas ainda não há uma palavra sobre a Suméria e os Sumérios, e afinal este é um livro sobre os Sumérios. Infelizmente, até meados do século passado ninguém sabia que um povo e uma língua suméria haviam existido. E assim devemos refazer um pouco nosso caminho para acompanhar os desenvolvimentos passo a passo que levaram à percepção bastante surpreendente e inesperada de que um povo chamado sumérios já havia habitado a Mesopotâmia. Em 1850, Hincks leu um artigo perante a Associação Britânica para o Avanço da Ciência no qual expressou algumas dúvidas sobre a suposição geral de que foram os habitantes semíticos da Assíria e da Babilônia que inventaram o sistema cuneiforme de escrita, que eles utilizaram. Nas línguas semíticas o elemento estável é a consoante, enquanto a vogal é extremamente variável. Não parecia natural, portanto, que os semitas inventassem um sistema silábico de ortografia em que a vogal parecia ser tão imutável quanto a consoante. A distinção entre palato mole e duro e dentários é uma característica significativa das línguas semíticas, mas o silabário cuneiforme não parece expressar essa distinção adequadamente. Então, também, se os semitas tivessem inventado a escrita cuneiforme, deveria ser possível traçar os valores silábicos dos sinais para palavras semíticas. Mas isso raramente acontecia; a grande maioria dos valores silábicos para os signos cuneiformes parecia remontar a palavras ou elementos para os quais nenhum equivalente semítico poderia ser encontrado.

Hincks começou assim a suspeitar que o sistema cuneiforme de escrita foi inventado por alguns povos não-semitas que haviam precedido os semitas na Babilônia.

Tanto para Hincks e suas suspeitas. Dois anos depois, em 1852, de acordo com uma nota publicada por Hincks, ficamos sabendo que Rawlinson, depois de estudar os silabários escavados em Kuyunjik, havia chegado à conclusão de que eles eram bilíngues e que as palavras babilônicas semíticas neles explicavam palavras correspondentes em uma língua inteiramente nova e até então desconhecida, que ele designou "acadiano" e que ele considerava ser "cita ou turaniano". Aqui, então, aprendemos pela primeira vez sobre a possibilidade de ter existido um povo não-semítico e uma língua não-semítica na Mesopotâmia. Em 1853, o próprio Rawlinson proferiu uma palestra perante a Royal Asiatic Society na qual afirmou que havia inscrições cuneiformes unilíngues em tijolos e tábuas de locais no sul da Babilônia que foram escritas na língua "cita". E em uma palestra perante a mesma sociedade, dois anos depois, ele discutiu com algum detalhe os silabários bilíngues Kuyunjik, que "eram nada mais nada menos do que alfabetos comparativos, gramáticas e vocabulários dos dialetos assírio e cita. Os citas babilônicos, cujo nome étnico é Acádia, podem ser assumidos como tendo inventado a escrita cuneiforme." Foram esses acádios, continuou Rawlinson, que "construíram os templos primitivos e capitéis da Babilônia, adorando os mesmos deuses e habitando os mesmos assentos que os sucessores semíticos; mas parecem ter uma nomenclatura diferente, tanto mitológica quanto geográfica." Quanto à língua desses citas babilônicos, as tábuas de Kuyunjik, disse Rawlinson, "fornecem volumes de exemplos comparativos e traduções interlineares". Como resultado de seu estudo dessa nova língua "primitiva" a partir dos bilíngues, ele conclui que "é duvidoso que alguma afinidade linguística próxima deva ser traçada entre a língua primitiva e qualquer dialeto disponível dos tempos modernos. O sistema pronominal se aproxima mais do tipo mongol e manchu do que de qualquer outro ramo da família turaniana, mas há pouca ou nenhuma semelhança de vocabulário." Em suma, Rawlinson tinha definitivamente descoberto os sumérios e sua língua, exceto que ele os designou erroneamente primeiro como citas babilônicos e depois como acádios, o mesmo termo agora usado para os semitas da terra.

A nomeação correta dos povos não-semitas que inventaram a escrita cuneiforme devemos ao gênio de Jules Oppert, cujas contribuições para todas as facetas da assiriologia, e especialmente para o estudo dos silabários, foram tão notáveis. Em 17 de janeiro de 1869, Oppert proferiu uma palestra perante a seção etnográfica e histórica da Sociedade Francesa de Numismática e Arqueologia, na qual declarou que esse povo e sua língua deveriam ser chamados de sumérios, baseando suas conclusões no título "Rei da Suméria e Acádia" encontrado nas inscrições de alguns dos primeiros governantes; pois, ele argumentou corretamente, era o nome Akkad que se aplicava ao povo semítico da Assíria e da Babilônia, enquanto o nome Suméria se referia aos habitantes não-semitas. Oppert chegou a dizer nesta palestra que uma análise da estrutura da língua suméria o levara a concluir que ela tinha afinidades estreitas com o turco, o finlandês e o húngaro – uma visão brilhante sobre

a estrutura de uma língua que apenas vinte anos antes havia sido inexistente no que diz respeito à erudição mundial.

A designação "sumério" não foi seguida imediatamente pela maioria dos estudiosos cuneiformes, e o termo "acadiano" continuou a ser usado por várias décadas. Na verdade, havia um famoso orientalista, Joseph Halévy, que, apesar de todas as evidências em contrário, negava a própria existência do povo sumério e da língua. A partir da década de 1870 e por mais de três décadas depois, ele publicou artigo após artigo insistindo que nenhum outro povo além dos semitas jamais esteve na posse da Babilônia, e que a chamada língua suméria era apenas uma invenção artificial dos próprios semitas concebida para fins hieráticos e esotéricos. Por um breve período, ele foi até mesmo apoiado por vários eminentes assiriologistas. Mas tudo isso agora é apenas uma questão de curiosidade histórica; pois não muito tempo depois das conclusões perspicazes de Oppert sobre o povo não-semítico da Babilônia e sua língua, duas escavações foram iniciadas no sul da Babilônia que colocaram os sumérios no mapa, por assim dizer, com a descoberta de estátuas e estelas que revelaram suas características físicas, e inúmeras tábuas e inscrições significativas para sua história política, religião, economia e literatura.

A primeira escavação significativa em um sítio sumério foi iniciada em 1877 em Telloh, as ruínas da antiga Lagash, pelos franceses sob a direção de Ernest de Sarzec. Entre os anos de 1877 e 1900, De Sarzec realizou onze campanhas e conseguiu escavar numerosas estátuas, principalmente de Gudea, estelas - a Estela dos Abutres é uma das mais importantes delas - os cilindros de Gudea e milhares de tábuas, muitas das quais datadas da dinastia de Ur-Nanshe. Em 1884 iniciou-se a publicação do magnífico volume de Léon Heuzey, Découvertes en Chaldée par Ernest de Sarzec, com a colaboração de dois destacados epigrafistas, Arthur Amiaud e François Thureau-Dangin. Os franceses continuaram a cavar intermitentemente em Lagash: de 1903 a 1909 sob a direção de Gaston Cros, de 1929 a 1931 sob Henri de Genouillac, e de 1931 a 1933 sob André Parrot. Ao todo, os franceses realizaram vinte campanhas em Lagash; e os resultados são resumidos brevemente no livro de referência mais valioso de André Parrot, Tello (1948), que também fornece uma bibliografia completa e detalhada de todas as publicações relacionadas, de uma forma ou de outra, a essas escavações.

A segunda grande escavação em um sítio sumério foi a conduzida pela Universidade da Pensilvânia, a primeira expedição americana a escavar na Mesopotâmia. Durante toda a década de oitenta do século XIX discussões estavam acontecendo nos círculos universitários americanos sobre a viabilidade de enviar uma expedição americana ao Iraque, onde tanto britânicos quanto franceses vinham fazendo achados arqueológicos tão extraordinários. Não foi até 1887, no entanto, que John P. Peters, professor de hebraico na Universidade da Pensilvânia, conseguiu obter apoio moral e financeiro de vários indivíduos dentro e sobre a universidade com o propósito de equipar e manter uma expedição de escavação no Iraque. Nippur, um dos maiores e mais importantes montes do Iraque, foi escolhido, e quatro campanhas, longas e cansativas, foram realizadas lá entre os anos de 1889 e 1900, primeiro sob a direção de Peters, depois sob J. H. Haynes (originalmente o fotógrafo

da expedição) e, finalmente, sob o notável assiriólogo H. V. Hilprecht, que também havia sido epigrafista na primeira campanha.

As dificuldades e desvantagens eram severas e desanimadoras. Um jovem arqueólogo morreu no campo, e dificilmente houve um ano em que um ou outro dos membros das expedições não sofresse de doença grave. Apesar dos obstáculos, no entanto, a escavação continuou, e a expedição alcançou resultados magníficos, e em alguns aspectos incomparáveis, pelo menos no campo de inscrições. A expedição de Nippur conseguiu escavar cerca de trinta mil tábuas e fragmentos ao longo de suas quatro campanhas, o maior número dos quais estão inscritos na língua suméria e abrangem mais de dois milênios, da segunda metade do terceiro ao último século do primeiro milênio a.C. A publicação de parte desse material começou já em 1893, de acordo com um plano clarividente e de longo alcance concebido por Hilprecht do qual participariam numerosos estudiosos, além de si mesmo. Nem todos os volumes que foram planejados viram a luz do dia; Como a maioria dos planos grandiosos, surgiram imprevistos e dificuldades que impediram sua completa execução. Mas um grande número de volumes tem aparecido, e estes têm provado ser de maior valor para os estudiosos cuneiformes. Isso nos leva de volta à Sumerologia e seu progresso no período seguinte aos dias de seus três grandes pioneiros, Hincks, Rawlinson e Oppert.

Até o momento das escavações em Lagash e Nippur, praticamente todo o material de origem para o estudo dos sumérios e sua língua consistia nos silabários bilíngues e interlineares escavados na biblioteca assurbanipal nas ruínas de Nínive, que estavam sendo publicados em várias seções dos cinco volumes do fólio soberbos intitulados Inscrições cuneiformes da Ásia Ocidental, editado por Rawlinson. Mas esse material data do século VII a.C., mais de um milênio após o desaparecimento do povo sumério como entidade política e da língua suméria como língua viva. Com certeza, havia algumas inscrições de sítios sumérios disponíveis na Europa, mas estas consistiam principalmente de um pequeno grupo de tijolos, tábuas e cilindros dos períodos sumério e pós-sumério que haviam encontrado seu caminho para o Museu Britânico e dos quais poucos dados significativos puderam ser obtidos. A escavação em Lagash e Nippur colocou à disposição dos estudiosos milhares de inscrições sumérias unilíngues, que agora podiam tentar traduzir e interpretar com a ajuda de quaisquer regras gramaticais e dados lexicais que tivessem sido obtidos dos silabários bilíngues e interlineares de Kuyunjik. A grande maioria das inscrições de Lagash e Nippur eram de caráter administrativo, econômico e legal, consistindo em inventários de todos os tipos e tamanhos, notas promissórias e recibos, escrituras de venda, contratos de casamento, testamentos e decisões judiciais; e, assim, a partir deles poderia-se finalmente ter alguma ideia da estrutura social e econômica suméria. Esses documentos também continham centenas de nomes de pessoas, divindades e lugares que eram de algum valor para aprender sobre a religião suméria. Ainda mais importantes foram as centenas de inscrições votivas em estátuas, estelas, cones e tabuletas que foram de valor fundamental para o estudo da história política suméria. Especialmente de Nippur vieram numerosos textos lexicais e gramaticais, os precursores sumérios dos bilíngues Kuyunjik posteriores, e estes

provaram ser inestimáveis para o estudo da língua suméria. Finalmente, em Nippur foram encontrados milhares de tábuas e fragmentos inscritos com obras literárias sumérias; e embora estes tenham permanecido bastante ininteligíveis por muitas décadas após sua descoberta, Hilprecht, que manipulou e catalogou muitos deles, percebeu sua importância para a história da religião e da literatura. Não é demais afirmar que foi como resultado direto das escavações de Lagash e Nippur que François Thureau-Dangin pôde publicar em 1905 suas Les Inscriptions de Sumer et Akkad e Arno Poebel, sua Grundzüge der sumerischen Grammatik em 1923.

Certamente, ambos os estudiosos se basearam nos esforços e contribuições de seus predecessores e contemporâneos; Não há outro caminho para o progresso da erudição produtiva. Para citar apenas algumas das figuras mais notáveis: o inglês A. H. Sayce, que em 1871 editou o primeiro documento sumério unilíngue, uma inscrição Shulgi de doze linhas, e esboçou em um comentário filológico detalhado uma série de características importantes da língua suméria; François Lenormant e seus monumentais Etudes accadiennes (iniciado em 1873); Paul Haupt, que copiou um grande número de bilíngues e unilíngues sumérios no Museu Britânico e que fez algumas contribuições notáveis para a gramática e lexicografia suméria; R. E. Brunnow, que compilou uma lista de sinais e leituras sumérias e um glossário exaustivo de palavras sumérias dos bilíngues conhecidos em sua época, que provou ser de fundamental importância para todos os lexicógrafos desde o momento em que foi publicado pela primeira vez, 1905-7, até o presente, embora tenha sido necessário um número de glossários suplementares preparados por outros estudiosos para mantê-lo atualizado; J. D. Prince, que publicou o primeiro léxico sumério importante em 1905; e Friedrich Delitzsch, que compilou uma gramática suméria e um glossário sumério baseado em raízes de palavras em vez de sinais e suas leituras.

Mas foi Les Inscriptions de Sumer et Akkad, de Thureau-Dangin, de 1905 – aparecendo apenas dois anos depois em uma tradução alemã sob o título Die sumerischen und akkadischen Königsinschriften – que provou ser um marco no progresso dos estudos sumérios. É um compêndio soberbo de tradução direta e notas de redação contundente revelando uma destilação magistral do conhecimento sumerológico acumulado da época, não um pouco do qual poderia ser rastreado às próprias contribuições originais de Thureau-Dangin; Depois de cerca de cinco décadas de erudição cuneiforme, ainda está longe de ser superada e, em alguns aspectos, nunca será. E o Grundzüge der sumerischen Grammatik de Poebel fez pela gramática suméria o que o livro de Thureau-Dangin fez pela história política e pela religião. Com base em estudos minuciosamente minuciosos e minuciosamente detalhados das inscrições sumérias – tanto bilíngues quanto unilíngues e de todos os períodos, desde a língua "clássica" do terceiro milênio a.C. até o final do "livro" sumério do primeiro milênio a.C. (as traduções das inscrições 1 a 35 no Apêndice são baseadas principalmente em vários desses estudos) – o Grundzüge de Poebel estabeleceu com lógica convincente os princípios e regras fundamentais da gramática suméria, ilustrando-os de forma pertinente e, sempre que possível, profusamente. Estudos gramaticais subsequentes preparados pelo próprio Poebel, bem como por outros estudiosos, especialmente Adam Falkenstein e Thorkild

Jacobsen, resultaram em uma série de adições e correções, e estudos futuros sem dúvida resultarão em novas modificações de alguns dos detalhes gramaticais esboçados no Grundzüge; mas, em geral, o trabalho de Poebel resistiu ao teste do tempo e, apesar da paixão atual por mudanças na terminologia e nomenclatura, profundas ou não, permanecerá por muito tempo a pedra angular de todos os esforços gramaticais sumérios construtivos.

A gramática de Poebel, no entanto, não é organizada pedagogicamente, mas logicamente e não pode ser facilmente usada por novatos que gostariam de aprender sumério por conta própria. Um pequeno livro que é bastante útil a esse respeito é A Sumerian Reading Book, de C. J. Gadd; Foi publicado pela primeira vez em 1924, no entanto, e uma versão revisada e atualizada é urgentemente necessária. Outra gramática útil, pedagogicamente falando, é a Shumerische Grammatik de Anton Deimel (segunda edição, 1939), embora não sofra pouco de um tratamento bastante superficial dos problemas envolvidos na tradução de textos sumérios. No campo da lexicografia, o Shumerisches Lexikon, do mesmo autor, baseado em grande parte nas compilações de Brunnow e outros, é indispensável para o estudioso, embora deva ser usado com considerável cautela crítica e discriminação. As obras lexicográficas mais abrangentes e fundamentais agora em processo de preparação são o Materialien zum sumerischen Lexikon: Vokabulare und Formularbücher de Benno Landsberger, o decano dos assiriólogos. Oito volumes consistindo das compilações mais atualizadas dos silabários, vocabulários e bilíngues lexicais posteriores, bem como seus precursores sumérios anteriores, já apareceram sob os auspícios do Pontifício Instituto Bíblico de Roma, uma instituição à qual todos os cuneiformistas devem uma dívida de profunda gratidão pelos estudos sumerológicos que promoveu nos últimos cinquenta anos.

Deixemos agora a pesquisa linguística suméria e voltemos à arqueologia para esboçar brevemente os resultados de algumas das escavações mais importantes em sítios sumérios, que haviam começado tão auspiciosamente com Lagash e Nippur. Em 1902-3, uma expedição alemã sob a direção de Robert Koldewey trabalhou em Fara, antiga Shuruppak, a cidade natal do herói do dilúvio Ziusudra, e desenterrou um grande número de textos administrativos, econômicos e lexicais que datam do século XXI a.C. - mais antigos, portanto, do que as inscrições da dinastia Ur-Nanshe encontradas em Lagash. Os textos econômicos incluíam vendas de casas e campos, o que indicava que a propriedade privada existia na Suméria, uma característica da vida suméria que tem sido motivo de controvérsia entre os orientalistas. Os textos lexicais fara também tiveram uma importância extraordinária para a história da civilização, uma vez que apontavam para a existência de escolas sumérias desde o século XXI a.C. e talvez até antes. As escavadoras também desenterraram uma série de edifícios e túmulos privados e públicos, numerosos vasos de pedra, metal e terracota, e muitos selos de cilindro. Em 1930, uma expedição da Universidade da Pensilvânia sob a direção de Erik Schmidt retornou a Fara, mas as novas descobertas não diferiram materialmente daquelas feitas quase trinta anos antes. Foi minha sorte – jovem e inexperiente como eu – ser o epigrafista dessa expedição. A maioria dos

comprimidos de Fara foram estudados e publicados por Anton Deimel e pelo sumerologista francês R. Jestin.

Em 1903, uma expedição da Universidade de Chicago conduzida por E. J. Banks escavou em Bismaya, o local da capital de Lugalannemundu, Adab. Aqui, também, foi descoberto um grande número de tábuas arcaicas semelhantes às de Fara em forma e conteúdo. Banks também desenterrou os restos de vários templos e palácios, numerosas inscrições votivas e uma estátua com o nome Lugaldalu que data de cerca de 2400 a.C. A principal publicação resultante desta expedição é um volume do Instituto Oriental de textos copiados por D. D. Luckenbill, que é de particular valor para a história da Suméria Sargônica e Pré-Sargônica.

De 1912 a 1914, uma expedição francesa sob a direção do eminente cuneiformista Henri de Genouillac realizou escavações em Kish, a primeira cidade à qual a realeza havia descido após o Dilúvio. A Primeira Guerra Mundial pôs fim a essas escavações, mas em 1923, uma expedição anglo-americana retornou a Kish sob a direção de outro eminente cuneiformista, Stephen Langdon, e trabalhou lá por dez temporadas consecutivas. Eles desenterraram vários edifícios monumentais, ziguezagues, cemitérios e um grande número de tábuas. Várias publicações foram publicadas tanto pelo Field Museum sobre o material arqueológico quanto pela Universidade de Oxford sobre o material epigráfico. Um pequeno contingente desta expedição Kish também trabalhou brevemente nas proximidades de Jemdet Nasr, um monte que cobre as ruínas de uma cidade cujo nome antigo ainda é desconhecido. Esta escavação relativamente pequena em um local bastante pequeno teve a sorte de descobrir várias centenas de tábuas e fragmentos inscritos com sinais semipictográficos que datavam de cerca de 2800 a.C. e eram, portanto, as primeiras inscrições sumérias de qualquer quantidade considerável conhecida na época. Essas tábuas, copiadas e publicadas por Stephen Langdon, marcaram um marco nos estudos epigráficos sumérios.

Chegamos agora a um lugar chamado Warka pelos árabes modernos, Uruk pelos antigos sumérios e acádios, e Erech na Bíblia, onde hoje está sendo realizada uma escavação mais sistemática e científica, que se mostrou fundamental para o que poderia ser chamado de estudo "estratigráfico" da história e da cultura sumérias. Escavações sistemáticas foram iniciadas lá por uma expedição alemã sob a direção de Julius Jordan. Após a inevitável interrupção causada pela Primeira Guerra Mundial, a expedição retornou em 1928 e continuou suas escavações até parar pela Segunda Guerra Mundial em 1939. Ao longo dos anos, a expedição teve em sua equipe uma série de epigrafistas notáveis, incluindo Adam Falkenstein, que tem sido um prolífico e notável contribuinte para os estudos sumérios nas últimas três décadas. Foi a expedição Erech que criou uma espécie de datação relativa para todos os achados sumérios, afundando um grande poço de teste através de cerca de vinte metros de ocupação estratificada até solo virgem e estudando e digitando cuidadosamente os achados dos numerosos níveis e períodos, começando com os primeiros colonos e terminando em meados do terceiro milênio a.C. Ele desnudou os primeiros edifícios monumentais da Suméria conhecidos na época, datando de cerca de 3000 a.C. Entre seus inúmeros achados menores, havia um vaso de alabastro,

com cerca de um metro de altura, que era decorado com cenas de culto altamente reveladoras para o rito e ritual sumério primitivo; havia também uma cabeça de mármore em tamanho real de uma mulher datada de cerca de 2800 a.C., o que indica que a escultura suméria primitiva na rodada havia atingido alturas criativas insuspeitas. Em um dos primeiros templos monumentais foram desenterradas mais de mil tábuas pictográficas, o que possibilitou traçar o sistema cuneiforme de escrita até seus estágios iniciais; muitas dessas tábuas foram publicadas em um volume soberbo preparado com muito cuidado e depois de muito estudo por Adam Falkenstein. Em 1954, a expedição alemã retornou a Erech sob um novo diretor, H. Lenzen, e está realizando suas escavações cuidadosas e metódicas, que sem dúvida farão de Erech – a cidade dos grandes heróis da Suméria – a pedra angular da arqueologia mesopotâmica em todos os seus aspectos: arquitetura, arte, história, religião e epigrafia.

De Erech bíblico nos voltamos para Ur, ou Urim bíblico como era conhecido pelos sumérios, a cidade que foi escavada de 1922 a 1934 com habilidade, cuidado e imaginação pelo falecido Sir Leonard Woolley. Woolley descreveu suas descobertas em seu tempo e em seu tempo, tanto para o estudioso quanto para o leigo – precisamos mencionar aqui apenas seu último trabalho, Excavations at your (1954). Através de seus escritos, seus túmulos reais, zigurata e "Flood-pit" quase se tornaram palavras domésticas. Contribuições menos conhecidas, mas igualmente significativas, foram feitas pelos epigrafistas da expedição, C. J. Gadd, Leon Legrain e E. Burrows, que copiaram, estudaram e publicaram grande parte dos documentos escritos descobertos em Ur, documentos que lançaram uma nova luz sobre a história, a economia, a cultura não apenas de Ur, mas da Suméria como um todo.

Perto de Ur, cerca de quatro milhas ao norte, encontra-se um pequeno monte baixo conhecido como al-Ubaid que, apesar de seu tamanho, desempenhou um grande papel na arqueologia mesopotâmica. Explorado pela primeira vez por H. R. Hall do Museu Britânico em 1919, e mais tarde escavado metodicamente por Leonard Woolley, descobriu-se que era em parte um monte pré-histórico contendo evidências dos primeiros imigrantes na terra. Essas pessoas, que passaram a ser conhecidas como ubaidianos, produziram e usaram um tipo especial de louça pintada monocromática e ferramentas de sílex e obsidiana, que mais tarde foram encontradas nas camadas mais baixas de vários locais da Mesopotâmia. Woolley também desnudou neste local um pequeno templo para a deusa Ninhursag que, além de nos fornecer uma imagem vívida de como era um dos templos provinciais menores em meados do terceiro milênio, provou sem sombra de dúvida que a chamada Primeira Dinastia de Ur, que os estudiosos tendiam a considerar lendária, realmente existiu; esta descoberta ajudou assim a reorientar a atitude excessivamente cética prevalecente em relação à importantíssima Lista do Rei, que por sua vez deu uma visão mais clara da história política suméria.

No extremo nordeste da Suméria, a leste do Tigre e um pouco fora do caminho comum, sumerologicamente falando, havia uma série de montes que atraíram a atenção de Henri Frankfort, um dos grandes arqueólogos do mundo, um historiador de arte perspicaz e estudioso filosoficamente orientado cuja morte prematura foi

uma perda irrecuperável para os estudos orientais. Entre os anos de 1930 e 1936, ele conduziu escavações cuidadosas e metódicas em Asmar, Khafaje e Agrab e desenterrou templos, palácios e casas particulares, tábuas, selos de cilindro e uma série emocionante de esculturas na rodada, algumas das quais remontam a cerca de 2700 a.C. - apenas um século mais tarde do que a famosa cabeça de Erech. Entre os companheiros de Frankfort estavam Pinhas Delougaz, arqueólogo de longa experiência que hoje é diretor do Museu do Instituto Oriental; Seton Lloyd, que se tornou conselheiro da Direção de Antiguidades do Iraque e que provavelmente participou da escavação de mais sítios sumérios do que qualquer outro arqueólogo vivo; e Thorkild Jacobsen, o raro estudioso que está em casa tanto na arqueologia quanto na epigrafia. Os resultados dessas escavações estão aparecendo em uma série de magníficas publicações do Instituto Oriental que se destacam por seu tratamento detalhado e profusamente ilustrado da arquitetura, bem como de artefatos e inscrições.

De 1933 a 1956, interrompida apenas pela Segunda Guerra Mundial, uma expedição ao Louvre sob a direção de André Parrot, o arqueólogo que de certa forma fechou o livro sobre Lagash, escavou em Mari, uma cidade situada no médio Eufrates consideravelmente a oeste do que é geralmente considerado a Suméria propriamente dita; e os resultados foram extraordinários e inesperados. Aqui está uma cidade cujos habitantes eram provavelmente semitas desde tempos muito remotos – até hoje praticamente todas as inscrições descobertas em Mari foram em acadiano – e, no entanto, culturalmente falando, dificilmente pode ser diferenciada de uma cidade suméria – os mesmos tipos de templos, um zigurata, escultura, incrustação e até mesmo uma estatueta de um cantor inscrita com o bom nome sumério Ur-Nanshe, o próprio nome dado pelo fundador da mais antiga dinastia Lagash conhecida. O principal epigrafista da expedição ao Louvre foi o cuneiformista belga Georges Dossin, que, com Parrot, está editando em conjunto uma série de volumes sobre o material de inscrição Mari, na qual vários estudiosos franceses e belgas estão participando. Com Lagash e Mari em seu crédito, os franceses estão novamente assumindo o primeiro lugar na arqueologia e erudição mesopotâmica.

Durante os anos de guerra, quando as expedições estrangeiras não eram práticas nem possíveis, a Diretoria de Antiguidades iraquiana, que cresceu de pequenos começos para um belo departamento de arqueólogos, epigrafistas, registradores e restauradores, e que está mantendo a arqueologia mesopotâmica em uma quilha científica, se ramificou por conta própria e fez três escavações que são de particular relevância e importância para os estudos sumérios. Em uma conta chamada Uqair, as ruínas de uma cidade cujo nome antigo ainda é desconhecido, uma expedição sob a direção de Fuad Safar desenterrou nos anos 1940 e 1941 o primeiro templo pintado sumério conhecido, com afrescos coloridos cobrindo as paredes internas e o altar. Também desnudou algumas casas Ubaid, bem como uma série de tabuletas arcaicas. Em Harmal, um pequeno monte a cerca de seis quilômetros a leste de Bagdá, Taha Baqir, então diretor do Museu do Iraque, realizou escavações de 1945 a 1949 e, para surpresa de estudiosos de todo o mundo, descobriu mais de duas mil tábuas, entre as

quais alguns "livros didáticos" lexicais e matemáticos excelentemente preservados e um templo. E no extremo sul da Suméria, na antiga Eridu (a sede de Enki, o deus sumério da sabedoria), Fuad Safar conduziu escavações nos anos 1946-49, descobrindo a primeira cerâmica Ubaid, um cemitério Ubaid e dois palácios de meados do terceiro milênio a.C. O templo de Enki foi seguido até sua primeira fase de construção, de cerca de 4000 a.C. Triste dizer, nenhum comprimido foi descoberto em Eridu; Um estado de coisas estranho para uma cidade cuja divindade tutelar é o Deus da sabedoria.

Após os anos de guerra, houve apenas duas grandes expedições estrangeiras escavando na Suméria: os alemães retornaram a Erech; e os americanos, principalmente como resultado dos esforços de Thorkild Jacobsen, retornaram a Nippur e, em estações alternadas, limparam o templo Enlil, desenterraram mais de mil tábuas e fragmentos (cerca de quinhentos dos quais são literários) e começaram a desnudar um templo para a deusa Inanna. Mas o futuro das escavações sumérias no Iraque está nas mãos dos próprios iraquianos, e há todas as razões para esperar que os estudiosos e arqueólogos iraquianos não abandonem ou negligenciem seus antepassados do passado distante que tanto fizeram não apenas pelo Iraque, mas pelo homem em todo o mundo.

Tanto para a visão panorâmica da decifração e arqueologia relevante para a Suméria e os Sumérios. Antes de se voltar para a história da Suméria, tema de nosso próximo capítulo, no entanto, o leitor deve ter pelo menos uma ideia de um dos problemas mais vexatórios que afligem o arqueólogo e historiador do Oriente Próximo – o problema da cronologia. Esse problema também não foi resolvido pelo método de datação por carbono-14; devido a factores puramente físicos e mecânicos, os resultados deste método revelaram-se frequentemente ambíguos e enganadores, para não mencionar o facto de que, no caso da Baixa Mesopotâmia, a margem de erro permitida é demasiado grande para o conforto.

pois estes frequentemente tratados como dinastias consecutivas de governantes que agora são conhecidos por outros documentos como tendo sido contemporâneos no todo ou em parte. Embora ainda não haja unanimidade de opinião, as datas sumérias foram agora reduzidas consideravelmente em relação às encontradas em histórias e manuais anteriores, em alguns casos em até meio milênio. Em geral, as datas atribuídas no passado aos governantes e monumentos sumérios eram muito altas. Em certa medida, isso se deveu à inclinação muito compreensível por parte dos arqueólogos em reivindicar alta antiguidade para suas descobertas particulares. Mas, em grande parte, deveu-se ao material de origem disponível e, em particular, às várias listas dinásticas compiladas pelos antigos escribas sumérios e babilônicos;

As duas datas-chave para a cronologia suméria são o fim da Terceira Dinastia de Ur, quando os sumérios perderam sua posição política predominante na Mesopotâmia, e o início do reinado de Hamurabi da Babilônia, quando para todos os efeitos os sumérios deixaram de existir como uma entidade política, étnica e linguística. A última data, agora é geralmente consensual, é aproximadamente 1750 a.C., mais ou menos cinquenta anos. Para o intervalo de tempo entre esta data e o fim da Terceira Dinastia de Ur, há material de inscrição suficiente disponível para

mostrar por cálculo morto que tinha aproximadamente 195 anos de duração; o fim da Terceira Dinastia de Ur pode, portanto, ser colocado em 1945 a.C., mais ou menos cinquenta anos. A partir desta data, há inscrições históricas suficientes, fórmulas de data e sincronismos de vários tipos para nos transportar de volta a aproximadamente 2500 a.C. e a um governante chamado Mesilim. Além disso, toda datação depende inteiramente de inferências e suposições arqueológicas, estratigráficas e epigráficas de um tipo ou de outro e dos resultados dos testes de carbono-14, que, como já dito, não se mostraram tão decisivos e conclusivos quanto se esperava.

CAPÍTULO DOIS
HISTÓRIA: Heróis, Reis e Ensi

Agora que esclarecemos, pelo menos até certo ponto, o método e os procedimentos pelos quais o arqueólogo e estudioso moderno ressuscitou os sumérios há muito mortos e reconstruiu sua cultura há muito esquecida, estamos prontos para nos voltarmos para a história da Suméria, para aqueles eventos políticos, militares e sociológicos que provocaram a ascensão e queda da Suméria. Mas ainda não está pronto! Há um aspecto perturbador do problema da reconstrução da história suméria do qual o leitor deve ser prevenido: o caráter tênue, evasivo, escasso e parcial do material de origem pertinente. De cerca de 4500 a.C., quando os primeiros assentamentos foram estabelecidos na Suméria, até cerca de 1750 a.C., quando os sumérios deixaram de existir como povo, é um trecho de quase três mil anos, e o leitor pode muito bem perguntar de onde tiramos nossas informações históricas e quão confiáveis elas são.

Comecemos pelo lado sombrio, negativo e pouco promissor do quadro – o fato de que os próprios sumérios não escreveram história no sentido geralmente aceito da palavra, isto é, em termos de processos de desdobramento e princípios subjacentes. Os acadêmicos sumérios e os homens de letras não possuíam as ferramentas intelectuais essenciais de definição e generalização, nem a abordagem evolucionista fundamental para a avaliação e interpretação históricas. Limitados pela visão de mundo atual em sua época e aceitos como verdade axiomática – que os fenômenos culturais e eventos históricos vieram prontos, "completamente crescidos... full blown", no cenário mundial, uma vez que eles foram planejados e trazidos pelos deuses todo-poderosos – provavelmente nunca ocorreu nem mesmo aos mais atenciosos e instruídos dos sábios sumérios que a Suméria já havia sido um pântano desolado com poucos assentamentos dispersos e só gradualmente se tornou uma comunidade movimentada, próspera e complexa depois de muitas gerações de luta e labuta em que a vontade e a determinação humanas, planos e experimentos estabelecidos pelo homem, e descobertas e invenções feitas pelo homem desempenharam um papel predominante. Imobilizado intelectualmente por essa atitude estéril e estática em relação à história do homem, o homem sumério de letras poderia, na melhor das hipóteses, tornar-se um arquivista em vez de um historiador, um cronista e analista em vez de um intérprete e expositor de verdades históricas.

Mesmo o tipo de história de crônica-arquivo, no entanto, teve que ser inventado primeiro por alguém, em algum lugar, para preencher alguma necessidade considerada significativa por um motivo ou outro. No caso dos sumérios, ela surgiu não como resultado de um interesse intrínseco em registrar incidentes e eventos para seu próprio bem, mas por causa da convicção religiosa de que os reis e governantes das cidades-estado, geralmente conhecidos como ensi's, poderiam garantir vidas longas para si mesmos, bem como o bem-estar e a prosperidade de seus súditos,

construindo, reparando e mobiliando os templos que eram presumivelmente as moradas de seus deuses. Antes da invenção da escrita, essas atividades de construção reais e principescas, embora acompanhadas sem dúvida por ritos impressionantes e rituais simbólicos, permaneciam sem registro para a posteridade. Uma vez que o sistema cuneiforme de escrita foi desenvolvido a partir de seu estado pictográfico anterior, no entanto, deve ter ocorrido a um ou outro dos sacerdotes e escribas do templo colocar por escrito as atividades de construção e ofertas votivas do governante e, assim, registrá-las para que todos vissem e se lembrassem de dias distantes. Lá e depois – e a julgar pelos nossos dados atuais, esse pensamento se enraizou pela primeira vez no segundo trimestre do terceiro milênio a.C. – pode-se dizer que a história escrita se originou.

Com certeza, o primeiro edifício e as inscrições votivas consistiam em dedicatórias muito breves e de pouco valor histórico. Mas, gradualmente, os escribas tornaram-se mais confiantes, originais e comunicativos; e no século XXI a.C., encontramos relatos históricos relativamente intrincados e diversificados como o tratado entre Lagash e Umma inscrito na Estela dos Abutres, os resumos militares de Eannaturn, o relato de Entemena sobre a perene guerra civil entre Lagash e Umma, os preciosos registros Urukagina das primeiras reformas sociais do homem baseadas em um senso de liberdade, igualdade e justiça, glorificação lírica de Lugalzaggesi e exaltação da paz e prosperidade, felicidade e segurança, que prevaleceram durante seu reinado na Suméria. O material de escrita utilizado por nossos antigos "historiadores" era bastante variado e diversificado: pastilhas de pedra e barro, tijolos, pedras e tomadas de portas, tigelas e vasos, pregos e cones de barro, argamassas e maças, estelas e placas, estátuas e estatuetas de pedra e metal. Ao todo, essas inscrições votivas e dedicatórias somam quase mil, embora infelizmente o conteúdo da grande maioria delas seja muito breve e lacônico. De qualquer forma, é esse conjunto de inscrições, contemporâneas mais ou menos aos acontecimentos que registram, que tem se mostrado uma fonte primordial para a história política da Suméria, por mais parcial e problemática que seja. De fato, não é nada improvável que os próprios historiadores sumérios antigos fizessem uso frequente dessas fontes para ajudá-los na preparação de seus próprios documentos literários e históricos.

Outra fonte histórica contemporânea básica e importante deriva, inesperadamente, de documentos econômicos e administrativos e consiste no que geralmente são conhecidos como fórmulas de data. Os negócios e transações registrados nesses documentos tiveram que ser fixados a tempo para fins práticos, e a partir de cerca de 2500 a.C., os escribas mais inventivos começaram a elaborar esquemas de datação utilizáveis. Felizmente para nós, eles não escolheram datar os anos simplesmente por números de anos a partir de algum ponto de partida geralmente aceito, como o início de um novo reinado ou dinastia, mas sim, depois de algumas experiências, estabeleceram o procedimento de nomear os anos por eventos religiosos e políticos marcantes. Este método de datação nos fornece informações históricas de valor primário. Para identificar os anos que datam seus arquivos com mais precisão, os escribas também compilaram listas de todos os nomes de anos atuais em um determinado reinado ou sucessão de reinados, e essas listas antigas permitem ao

estudioso moderno organizar os eventos registrados nas fórmulas de data em sua ordem cronológica adequada.

Baseado, sem dúvida, em grande parte nessas fórmulas de datas e listas de datas, está um dos mais valiosos documentos históricos sumérios, a chamada Lista de Reis, que registra os nomes da maioria dos reis da Suméria e a duração de seus reinados desde o que, para os sumérios, foi o início da história – o tempo no passado distante em que "a realeza (primeiro) desceu do céu" – até e incluindo parte da dinastia Isin, que começou seu governo por volta de 1950 a.C. Com certeza, este documento único é na verdade uma mistura de fato e fantasia, e muitas vezes é difícil decidir quando um começa e outro termina. Seu autor parecia trabalhar sob a ilusão de que todas as dinastias que ele enumerava se seguiam em estrita sucessão, quando na verdade a maioria delas, se não todas, eram contemporâneas em maior ou menor grau. Além disso, ele atribui reinados de comprimento lendário e incrível a muitos dos governantes das dinastias anteriores, e assim chega a um total de quase um quarto de milhão de anos para os oito reis antes do Dilúvio e um total de mais de vinte e cinco mil anos para as duas primeiras dinastias após o Dilúvio. No entanto, apesar de todos os seus defeitos e insuficiências, a Lista do Rei, se usada com discriminação e compreensão, fornece-nos um quadro histórico de valor inestimável.

Outra fonte histórica altamente reveladora consiste no que poderia ser chamado de "correspondência real", as cartas que iam e voltavam entre os governantes e seus funcionários. Estes aparecem pela primeira vez já no século XXI a.C., mas o grupo de cartas que tem um significado histórico especial é o dos governantes da Terceira Dinastia de Ur. Essas cartas revelam os motivos, tentações, rivalidades e intrigas que aconteciam nos bastidores e dão um toque humano vivo, embora às vezes longe de encantador, às inscrições votivas e fórmulas de data um tanto engraçadas e sem vida. Curiosamente, essas cartas reais não chegaram até nós em sua forma original, mas em cópias preparadas pelos professores e alunos das academias sumérias, ou edubba's, vários séculos depois – uma indicação clara do valor e da importância atribuída a elas mesmo nos dias antigos.

Um prosaico documento historiográfico semelhante a um inventário que pode vir a ser de extraordinária importância para a história e cronologia suméria primitiva é a chamada inscrição Tummal, uma compilação única preocupada principalmente com a restauração do Tummal, o santuário da deusa Ninlil em Nippur, e secundariamente com a construção das várias seções do templo de Enlil na mesma cidade. Parte deste texto é conhecida há quase meio século, mas suas linhas iniciais ausentes só recentemente se tornaram disponíveis, e é o conteúdo dessa parte até então desconhecida do texto que se revelou de surpreendente e inesperado valor histórico.

Há também duas composições altamente poéticas que podem ser denominadas historiográficas, pelo menos até certo ponto. Ambos centram-se em um dos eventos mais catastróficos da história da Suméria: a humilhante e desastrosa invasão do país pelas implacáveis e bárbaras hordas nômades das montanhas ao leste. No primeiro, e mais longo, dos dois, que pode ser intitulado "A Maldição de Agade", um poeta e sábio sumério explica a catástrofe como resultado dos atos ímpios e sacrílegos de Naram-Sin, o quarto governante da dinastia de Acádia. O segundo poema registra a

gloriosa vitória de Utuhegal, um rei de Erech, sobre Tirigan, o último dos reis gutianos, e o feliz retorno da realeza à Suméria.

Nove contos épicos sumérios, variando em comprimento de pouco mais de cem a mais de seiscentas linhas, são agora conhecidos total ou parcialmente, e cinco deles não são de pouca importância, especialmente para os períodos muito iniciais da história suméria, para os quais praticamente não existem documentos escritos contemporâneos. Quatro dos cinco dizem respeito às figuras heroicas Enmerkar e Lugalbanda, e seu conteúdo é notável pela luz que lançaram sobre a estreita inter-relação entre a Suméria e uma cidade-estado desconhecida e ainda não localizada no norte do Irã chamada Aratta. O quinto dos contos épicos historiográficos, "Gilgamesh e Agga de Kish", tem um significado muito especial para a história das instituições políticas; não só ajuda a iluminar o período obscuro da história suméria em que ocorreu a luta inicial entre as cidades-estado sumérias, mas também registra a convocação da primeira assembleia política do homem, um "congresso bicameral", que se reuniu há mais de quarenta e quinhentos anos para decidir sobre a agonizante questão da guerra ou da paz.

Mas as composições posteriores, e muito mais longas, como "The Lamentation over Ur" e "The Lamentation over Nippur", restringem-se principalmente à representação angustiante da destruição das cidades sumérias e do sofrimento de seus habitantes e prestam pouca atenção aos eventos históricos que provocaram esse estado melancólico dos acontecimentos. Um gênero literário bastante decepcionante, do ponto de vista da história política, é a "lamentação", um tipo de composição poética que lamentava a triste situação da Suméria e de suas cidades em tempos de infortúnio e derrota. O mais antigo protótipo conhecido da lamentação, que nos fornece um pouco de informação histórica importante, é encontrado inscrito em uma tábua de argila de Lagash; descreve com algum detalhe a terrível destruição que Lagash sofreu nas mãos de seu implacável inimigo Umma.

Finalmente, um mínimo de informação histórica pode ser colhido até mesmo de gêneros literários como mitos, hinos e literatura de "sabedoria". Nenhum deles é historicamente orientado, mas aqui e ali eles podem revelar, sem querer e incidentalmente, um pouco de informação histórica não conhecida de outra forma. Assim, por exemplo, é a partir dos hinos reais que aprendemos que o inimigo mais temido da Suméria, os gutianos, ainda eram problemáticos e formidáveis nos dias da Terceira Dinastia de Vossa Excelência, apesar da alardeada vitória de Utuhegal. Ou podemos aprender com um mito algo sobre as relações da Suméria com o resto do mundo; ou um provérbio pode mencionar o nome de um governante por uma razão ou outra.

Mas inscrições votivas e fórmulas de datas, epístolas reais e listas de governantes e dinastias, canções épicas de vitória e lamentos amargos de derrota – tudo isso dificilmente se soma à história como gostamos de pensar nela. Além disso, durante aproximadamente os dois primeiros milênios de existência da Suméria, praticamente não temos documentos históricos escritos, e as inscrições votivas que temos dos períodos posteriores vêm de apenas alguns locais sumérios e, portanto, tendem a dar uma imagem unilateral dos eventos que registram. Quanto às composições poéticas,

e especialmente aos contos épicos, estas contêm, na melhor das hipóteses, apenas um núcleo de verdade histórica, e o estudioso moderno geralmente se vê irremediavelmente frustrado em seus esforços para separar o joio do trigo, o real do imaginado e, assim, isolar o resíduo historicamente significativo. Tudo o que o sumerólogo atual pode fazer é analisar e interpretar seus dados fragmentários, obscuros e evasivos, e tentar reconstruir pelo menos alguns dos eventos políticos e desenvolvimentos históricos notáveis de acordo com sua própria razão, compreensão, discernimento e discernimento – tudo isso leva necessariamente a um tratamento mais subjetivo e tendencioso do que é desejável ou talvez até permitido. Nessas circunstâncias, certamente haverá uma diferença considerável de pontos de vista, mesmo entre os especialistas da área. O esboço da história suméria aqui apresentado não sofre dúvida dos preconceitos, concepções e deficiências particulares do autor; mas isso é o melhor que ele pode fazer com os dados disponíveis no ano de 1963, e se seus erros de comissão, bem como omissão, são muitos e terríveis, que as gerações futuras e os deuses sumérios levem em conta as circunstâncias atenuantes e o julguem com misericórdia e compaixão. Ao contar o pouco que sabe, ou acha que sabe, sobre a história suméria, ele está apenas seguindo o ditame do antigo provérbio sumério: "Aquele que sabe, por que deveria mantê-la escondida?"

A Suméria, ou melhor, a terra que veio a ser conhecida como Suméria durante o terceiro milênio a.C., provavelmente foi colonizada pela primeira vez em algum momento entre 4500 e 4000 a.C. – pelo menos este era o consenso dos arqueólogos do Oriente Próximo até bem recentemente. Este número foi obtido a partir de 2500 a.C., uma data aproximada e razoavelmente assegurada obtida por contagem de mortos com a ajuda de documentos escritos. A isso foi adicionado de mil e quinhentos a dois mil anos, um período de tempo grande o suficiente para explicar a acumulação estratigráfica de todos os vestígios culturais anteriores até o solo virgem, ou seja, até o início da habitação humana na Suméria. Naquela época, era geralmente assumido, a Suméria era um vasto pântano pantanoso quebrado aqui e ali por ilhas baixas de terra aluvial construídas pelo depósito gradual de lodo transportado pelos rios Tigre, Eufrates e Karun. Antes disso, a maior parte da Suméria era presumivelmente coberta pelas águas do Golfo Pérsico, que se estendiam muito mais longe do que hoje, e a habitação humana era, portanto, impossível.

Tudo isso foi aceito nos círculos arqueológicos até 1952, quando os dois geólogos Lees e Falcon publicaram um artigo que trazia implicações revolucionárias para a data da primeira Suméria, eles aduziram evidências geológicas para mostrar que a Suméria estava acima da água muito antes de 4500-4000 a.C., e não era de todo impossível, portanto, que o homem tivesse se estabelecido lá consideravelmente antes do que se supunha geralmente. A razão pela qual os vestígios desses primeiros assentamentos na Suméria ainda não foram descobertos, argumentou-se, pode ser porque a terra tem afundado lentamente ao mesmo tempo em que o lençol freático tem subido. O nível mais baixo de vestígios culturais na Suméria pode, portanto, estar agora debaixo d'água e pode nunca ter sido alcançado por arqueólogos, uma

vez que eles teriam sido enganados pelo nível mais alto da água a acreditar que haviam tocado solo virgem. Se isso se provar verdade, os restos culturais mais antigos da Suméria ainda estão enterrados e inexplorados, e a data dos primeiros assentamentos da Suméria pode ter que ser adiada um milênio ou mais. Neste estudo, intitulado "A História Geográfica das Planícies da Mesopotâmia",

Seja como for, é razoavelmente certo que os primeiros colonos na Suméria não foram os sumérios. As evidências pertinentes não derivam de fontes arqueológicas ou antropológicas, bastante ambíguas e inconclusivas sobre o assunto, mas da linguística. O nome dos dois rios que dão vida à Suméria, o Tigre e o Eufrates, ou idiglat e buranun como se lê em cuneiforme, não são palavras sumérias. Nem os nomes dos centros urbanos mais importantes da Suméria – Eridu, Ur, Larsa, Isin, Adab, Kullab, Lagash, Nippur, Kish – palavras que têm uma etimologia suméria satisfatória. Tanto os rios quanto as cidades, ou melhor, as aldeias que mais tarde se tornaram cidades, devem ter sido nomeadas por um povo que não falava a língua suméria, assim como, por exemplo, nomes como Mississippi, Connecticut, Massachusetts e Dakota indicam que os primeiros habitantes dos Estados Unidos não falavam a língua inglesa.

O nome desses colonos pré-sumérios da Suméria é obviamente desconhecido. Eles viveram muito antes de a escrita ser inventada e não deixaram registros reveladores. Também não podemos identificá-los a partir dos documentos sumérios de um dia posterior, embora seja pouco possível que pelo menos alguns deles fossem conhecidos no terceiro milênio como subarianos. Mas isso nós sabemos com um bom grau de certeza: eles foram a primeira força civilizadora importante na antiga Suméria, seus primeiros agricultores, cultivadores, criadores de gado e pescadores; seu primeiro Benno Landsberger, uma das mentes mais perspicazes na pesquisa cuneiforme, analisou uma série de palavras "sumérias" culturalmente significativas – isto é, palavras conhecidas de documentos sumérios do terceiro milênio a.C. e, portanto, geralmente assumidas como sumérias – e mostrou que há boas razões para acreditar que elas não são sumérias. Todas essas palavras consistiam de duas ou mais sílabas – em sumério, a maioria das raízes são monossilábicas – e, em geral, mostravam o mesmo padrão que as palavras para Tigre, Eufrates e os nomes de cidades não-sumérias; Landsberger concluiu que eles devem, portanto, pertencer à língua falada pelo mesmo povo pré-sumério que nomeou os dois rios da Suméria e a maioria de suas cidades. Entre essas palavras estavam as de tecelões agricultores, coureiros, carpinteiros, ferreiros, oleiros e pedreiros. Mais uma vez foi a análise linguística que forneceu a prova. Em um artigo publicado em 1944 em uma revista patrocinada pela Universidade de Ancara, (engar), pastor (udul), e pescador (shuhadak), arado (apin) e sulco (apsin), palma (nimbar) e tâmara (sulumb), metalúrgico (tibira) e ferreiro (simug), carpinteiro (nangar) e cesteiro (addub), tecelão (ishbar) e coureiro (ashgab), oleiro (pahar), pedreiro (shidim) e talvez até comerciante (damgar), uma palavra que foi quase universalmente tomada como uma marca semítica. Segue-se, portanto, que as técnicas agrícolas básicas e as habilidades industriais foram introduzidas pela primeira vez na Suméria não pelos sumérios, mas por seus predecessores sem nome. Landsberger chamou este povo de

proto-eufrateanos, um nome um tanto estranho que, no entanto, é apropriado e útil do ponto de vista linguístico.

Na arqueologia, os proto-eufrateanos são conhecidos como o povo Ubaid, ou seja, o povo responsável pelos restos culturais primeiro desenterrados no conto conhecido como al-Ubaid não muito longe de Ur e mais tarde nos níveis mais baixos de uma série de contos em toda a antiga Suméria. Esses restos consistiam em implementos de pedra, como enxadas, adzes, querns, pounders e facas, e de artefatos de argila, como foices, tijolos, pesos de tear, espirais de fuso, estatuetas, bem como um tipo distinto e característico de cerâmica pintada. Como já colhido das evidências linguísticas, portanto, os proto-eufrateanos, ou ubaidianos, eram agricultores empreendedores que fundaram várias aldeias e cidades em toda a terra e desenvolveram uma economia rural de considerável riqueza e estabilidade.

Os ubaidianos, no entanto, não permaneceram por muito tempo como o único e dominante poder na antiga Suméria. Imediatamente a oeste da Suméria encontra-se o deserto sírio e a península Arábica, o lar dos nômades semíticos de tempos imemoriais. À medida que os colonos ubaidianos prosperaram e prosperaram, algumas dessas hordas semíticas começaram a se infiltrar em seus assentamentos tanto como imigrantes pacíficos quanto como conquistadores bélicos. Certamente, ainda não temos evidências diretas e conclusivas para essa inferência crucial. Em primeiro lugar, no entanto, pode ser postulado a priori a partir do que se sabe da história posterior da Suméria. Repetidas vezes ao longo dos milênios, os bárbaros nômades semíticos se infiltraram e conquistaram os centros estabelecidos da Suméria, e não há razão para supor que isso não tenha acontecido no quarto milênio a.C. também. Por outro lado, mesmo as inscrições sumérias mais antigas contêm uma série de empréstimos semíticos, e o panteão sumério contém não poucas divindades que são de origem semítica - alguns desses empréstimos podem remontar a dias muito antigos. Finalmente, a primeira dinastia da Suméria, cuja existência pode ser historicamente atestada pelo menos até certo ponto, a chamada Primeira Dinastia de Kish, que segundo os próprios antigos seguiu imediatamente após a subsidência do Dilúvio, começa com todo um grupo de governantes com nomes semíticos. Nenhuma dessas evidências é realmente conclusiva, mas em suma, não parece descabido conjecturar que os semitas seguiram os proto-eufrateanos para a Suméria e que, como resultado da fertilização cruzada de suas duas culturas, surgiu a primeira civilização relativamente alta na Suméria, na qual o elemento semítico provavelmente era predominante.

Seja como for, é altamente provável que os próprios sumérios não tenham chegado à Suméria até algum momento da segunda metade do quarto milênio a.C. O local onde era sua casa original ainda é bastante incerto. A julgar por um ciclo de contos épicos que giram em torno de Enmerkar e Lugalbanda, os primeiros governantes sumérios parecem ter tido uma relação extraordinariamente próxima e íntima com uma cidade-estado conhecida como Aratta, provavelmente situada em algum lugar na região do Mar Cáspio. A língua suméria é uma língua aglutinativa, que lembra até certo ponto as línguas uralo-altaicas, e este fato também pode apontar para a mesma área geral que Aratta. Mas de onde vieram os sumérios, e qualquer

que seja o tipo de cultura que trouxessem consigo, isso é certo: sua chegada levou a uma fusão extraordinariamente frutífera, tanto étnica quanto cultural, com a população nativa e provocou um surto criativo repleto de não pouca importância para a história da civilização. No decorrer dos séculos que se seguiram, a Suméria alcançou novos patamares de poder político e riqueza econômica, e testemunhou algumas de suas realizações mais significativas nas artes e ofícios, na arquitetura monumental, no pensamento religioso e ético, e no mito oral, épico e hino. Acima de tudo, os sumérios, cuja língua gradualmente se tornou o discurso predominante da terra, conceberam um sistema de escrita, desenvolveram-no em uma ferramenta eficaz de comunicação e deram os primeiros passos para a introdução da educação formal.

O primeiro governante da Suméria cujos feitos são registrados, mesmo que apenas no tipo mais breve de declaração, é um rei chamado Etana de Kish, que pode ter chegado ao trono bem cedo no terceiro milênio a.C. Na Lista do Rei ele é descrito como "aquele que estabilizou todas as terras". Na suposição de que essa declaração, encontrada em um documento datado de um milênio ou mais tarde do que o reinado de Etana, incorpora uma tradição confiável, pode-se inferir que ele exerceu influência não apenas sobre a Suméria, mas também sobre algumas das terras vizinhas – em suma, que ele pode ter sido o primeiro construtor de impérios conhecido do homem. Que Etana foi uma figura notável e notável no início da história da Suméria é mostrado pela nota puramente lendária na mesma Lista de Reis de que ele foi "um homem que subiu ao céu" e por um poema acadiano semítico corrente no início do segundo milênio a.C. que gira em torno desse mesmo motivo mítico. De acordo com essa lenda, para a qual um protótipo sumério pode muito bem aparecer algum dia futuro, Etana era um rei piedoso e temente a Deus que havia praticado o culto divino fielmente e assiduamente, mas foi amaldiçoado com a falta de filhos e, portanto, não tinha ninguém para carregar seu nome. Seu desejo fervoroso, portanto, era obter "a planta do nascimento", que, no entanto, estava localizada no céu longe do alcance mortal. Para chegar ao céu, Etana buscou o auxílio de uma águia que ele havia resgatado de um poço onde havia sido lançada por uma serpente cuja amizade traíra e cuja juventude devorara. Esta lenda era bastante popular entre os cortadores de focas, a julgar por uma série de selos representando um mortal escalando para o céu nas asas de uma águia. Com certeza, Etana não ficou no céu, pois de acordo com uma sujeira fúnebre recentemente traduzida em uma tabuleta no Museu Pushkin, bem como com a tão conhecida sétima tábua da Epopeia Acádia de Gilgamesh, encontramos Etana residindo no mundo dos nether com todos os mortais, não importa quão grandes sejam suas conquistas – exceto, é claro, o herói do Dilúvio Ziusudra – deve finalmente descer. Mas todas essas tradições lendárias só ajudam a demonstrar que Etana tinha sido uma figura poderosa e impressionante, cuja vida e feitos haviam capturado a imaginação dos antigos bardos e poetas.

Etana, de acordo com a Lista de Reis, é seguida por sete governantes, vários dos quais, a julgar por seus nomes, eram semitas e não sumérios. O oitavo foi o rei Enmebaraggesi, sobre o qual temos algumas informações históricas, ou pelo menos

de saga, tanto da Lista do Rei quanto de outras obras literárias sumérias tardias. Além disso, apenas muito recentemente, uma preciosa inscrição contemporânea de três palavras foi descoberta em um pequeno fragmento de um vaso de alabastro por um jovem sumerologista que trabalhava em Bagdá, o que prova sem sombra de dúvida que ele não era de todo um rei mítico, mas de carne e osso reais. Quando Enmebaraggesi chegou ao trono de Kish, outra cidade-estado suméria, bem ao sul de Kish, havia vindo à tona e estava desafiando a supremacia de Kish; por pouco tempo depois do reinado de Etana, parece que um rei chamado Meskiaggasher, descrito na Lista de Reis como "o filho de Utu (o deus-sol sumério)", fundou uma dinastia ambiciosa e poderosa na cidade de Erech, que em seus dias ainda era conhecida pelo nome mais antigo de Eanna, "Casa de An (o deus-céu)". A julgar por uma nota bastante ambígua e obscura anexada ao seu nome na Lista do Rei, que diz: "Ele entrou nos mares (e) subiu as montanhas", ele pode ter tentado estender seu domínio sobre as terras ao redor da Suméria e muito além. Seja como for, seu filho Enmerkar, que, de acordo com a Lista do Reis, o seguiu no trono, mas que nos poemas épicos recebe o epíteto de "filho de Utu" – o mesmo dado a seu pai na Lista do Rei – foi certamente uma das figuras marcantes da Suméria primitiva. De acordo com a Lista do Rei, ele construiu a cidade de Erech; e de acordo com os contos épicos, ele liderou uma campanha contra Aratta, em algum lugar na vizinhança do Mar Cáspio, e a subjugou a Erech.

Um dos heroicos arautos e companheiros de armas de Enmerkar em sua luta com Aratta foi Lugalbanda, que sucedeu Enmerkar ao trono de Erech. Como ele é o protagonista principal de pelo menos dois contos épicos, ele também deve ter sido um governante venerável e impressionante; e não é surpreendente descobrir que por volta de 2400 a.C., e talvez até antes, ele havia sido divinizado pelos teólogos sumérios e dado um lugar no panteão sumério. Infelizmente, nem a Lista do Rei nem os contos épicos dão qualquer informação sobre suas realizações políticas e militares, exceto que ele acompanhou Enmerkar em sua campanha de Aratta.

Lugalbanda, de acordo com a Lista de Reis, é seguida por Dumuzi, um governante que se tornou a principal figura em um mito sumério de "santo matrimonial" e "deus moribundo" sumério que deixou uma profunda impressão no mundo antigo. De fato, as mulheres de Jerusalém, para horror do profeta Ezequiel, ainda lamentavam sua morte no século VI a.C. (Ezequiel 8:14). Um dos meses do calendário judaico leva seu nome até hoje, e o jejum e a lamentação que marcam seu décimo sétimo dia, sem dúvida, remetem aos dias sumérios do passado distante. Ainda não se sabe por que Dumuzi foi apontado pelos teólogos sumérios posteriores como protagonista desse rito e mito em particular. Deve ter sido devido, pelo menos em grande parte, à profunda impressão que Dumuzi causou durante sua vida, tanto como homem quanto como governante, mas ainda não há dados históricos que corroborem essa visão.

Dumuzi é seguido, de acordo com a Lista de Reis, por Gilgamesh, um governante cujos feitos lhe renderam tanta notoriedade que ele se tornou o herói supremo do mito e da lenda suméria. Poemas exaltando Gilgamesh e seus feitos foram escritos e reescritos ao longo dos séculos, não apenas em sumério, mas na maioria das outras

línguas mais importantes da Ásia ocidental. Gilgamesh tornou-se o herói por excelência do mundo antigo – uma figura aventureira, corajosa, mas trágica, que simboliza o vã, mas interminável busca do homem por fama, glória e imortalidade – a tal ponto que ele às vezes foi tomado pelos estudiosos modernos como uma figura lendária em vez de um homem e governante real. Ainda não temos registros contemporâneos dele, embora haja alguma esperança de que as escavações que estão sendo conduzidas agora em Erech possam descobrir um pouco mais cedo ou mais tarde. Em 1955, no entanto, vieram à tona as dez linhas iniciais de uma inscrição Tummal há muito conhecida que colocou uma luz inteiramente nova sobre Gilgamesh e sua época. De fato, esta passagem, por mais breve que seja, ajuda a esclarecer a situação política naqueles primeiros dias da história suméria de uma forma tão significativa e inesperada que é aconselhável entrar no assunto com algum detalhe.

De acordo com a Lista de Reis, as três primeiras dinastias sumérias após o Dilúvio foram as de Kish, Erech e Ur, nessa ordem. Mas da tradição épica e hinária suméria já se sabia há algum tempo que os dois últimos reis da dinastia Kish, Enmebaraggesi (de quem, como foi observado anteriormente, agora temos uma inscrição contemporânea) e seu filho Agga, eram contemporâneos de Gilgamesh, o quinto governante de Erech, com quem travaram uma amarga luta pela supremacia sobre a Suméria. Portanto, era geralmente aceito entre os cuneiformistas que a Primeira Dinastia de Kish e a Primeira Dinastia de Erech se sobrepunham em grande medida. Quanto à Primeira Dinastia de Ur, da qual temos agora várias inscrições contemporâneas, seu fundador, Mesannepadda, foi considerado por praticamente todos os estudiosos como tendo vivido consideravelmente mais tarde do que Gilgamesh de Erech, o período de tempo sugerido entre esses dois governantes variando de apenas quarenta a até quatrocentos anos. Portanto, foi um pouco chocante perceber, como resultado das novas evidências baseadas em uma passagem até então desconhecida de não mais do que dez linhas, que Mesannepadda era na verdade um contemporâneo mais velho de Gilgamesh – que até mesmo o filho de Mesannepadda, Meskiagnunna, era contemporâneo de Gilgamesh – e que foi Mesannepadda de Ur quem pôs fim à Primeira Dinastia de Kish, não Gilgamesh ou qualquer outro governante da Primeira Dinastia de Erech, apesar da declaração na Lista do Rei que dizia: "Kish foi ferido com armas; sua realeza foi levada para Eanna."

O documento no qual esta nova evidência se baseia é o texto historiográfico de trinta e quatro linhas mencionado anteriormente, conhecido como a Inscrição Tummal, sendo Tummal o nome de um distrito em Nippur consagrado à deusa Ninlil, que sem dúvida continha seu santuário mais importante. Com exceção das primeiras dez linhas, o Começando com a linha 11, este texto funciona da seguinte forma:O texto tummal é conhecido quase em sua totalidade desde 1914, quando Arno Poebel publicou duas tábuas inscritas com a composição em seu livro Textos Históricos.

11 Pela segunda vez, o Tummal caiu em ruína,

12 Gilgamesh construiu a Numunburra da Casa de Enlil.

13 Ur-lugal, filho de Gilgamesh,

14 Fez o Tummal proeminente,

15 Trouxe Ninlil para o Tummal.
16 Pela terceira vez, o Tummal caiu em ruína,
17 Nanna construiu o "Lofty Park" da Casa de Enlil.
18 Meskiag-Nanna, filho de Nanna,

19 Fez o Tummal proeminente,

20 Trouxe Ninlil para o Tummal.
21 Pela quarta vez, o Tummal caiu em ruína,
22 Ur-Nammu construiu o Ekur.
23 Shulgi, filho de Ur-Nammu,

24 Fez o Tummal proeminente,

25 Trouxe Ninlil para o Tummal.
26 Pela quinta vez, o Tummal caiu em ruína,

27 Do ano de Amar-Sin

28 Até (o ano em que) Ibbi-Sin, o rei,
29 Enamgalanna como o en de Inanna de Erech

30 Selecionados,

31 Ninlil foi trazido para o Tummal.
32 Segundo a palavra de Lu-Inanna, o ashgab-gal de Enlil,

33 Ishbi-Erra construiu o Ekurraigigalla,

34 O armazém de Enlil.

A partir deste texto, mesmo faltando a passagem inicial, ficou claro que seu autor, que viveu no tempo de Ishbi-Erra, o fundador da Primeira Dinastia de Isin, pretendia dar um breve resumo histórico dos vários edifícios no complexo do templo Enlil em Nippur e, em particular, das restaurações do Tummal de Ninlil. Além disso, o padrão estilístico bastante marcante utilizado pelo autor permitiu deduzir o caráter geral do

conteúdo das cinco linhas faltantes imediatamente anteriores, mas não os nomes dos indivíduos envolvidos. Assim, uma vez que o texto disponível começava com o trecho de cinco linhas:

Pela segunda vez, o Tummal caiu em ruína,
Gilgamesh construiu o Numunburra da Casa de Enlil.
Ur-lugal, filho de Gilgamesh,
Fez o Tummal proeminente,
Trouxe Ninlil para o Tummal.

Parecia razoável concluir que a passagem anterior de cinco linhas tinha lido:

Pela primeira vez, o Tummal caiu em ruína,
X construiu o edifício Y da Casa de Enlil.
Z, o filho de X,
Fez o Tummal proeminente,
Trouxe Ninlil para o Tummal.

Quanto à passagem no início do documento, não havia como inferir seu conteúdo, embora parecesse apenas senso comum supor que isso deveria ter declarado quem foi que construiu a Casa de Enlil e o Tummal em primeiro lugar.

Felizmente, agora não há mais necessidade de suposições, inferências ou restaurações; toda a passagem de dez linhas desaparecida encontra-se em duas tábuas da Colecção Hilprecht da Universidade Friedrich-Schiller, que estudei pela primeira vez durante uma estadia de dez semanas em Jena, no Outono de 1955, e que Inez Bernhardt, a curadora assistente da Colecção Hilprecht, copiou para um volume de textos literários que apareceu em 1961. Ambos são fragmentários, mas felizmente se complementam de tal forma que não falta um único sinal na passagem inicial de dez linhas do documento. Eis o que dizem estas linhas:

1 Enmebaraggesi, o rei,

2 Nesta mesma cidade (isto é, Nippur) construiu a Casa de Enlil.
3 Agga, filho de Enmebaraggesi,

4 Fez o Tummal proeminente,

5 Trouxe Ninlil para o Tummal.
6 Pela primeira vez, o Tummal caiu em ruína,
7 Mesannepadda construiu o Burshushua da Casa de Enlil.
8 Meskiagnunna, filho de Mesannepadda,

9 Fez o Tummal proeminente,

10 Trouxe Ninlil para o Tummal.

O texto prossegue:

11 Pela segunda vez, o Tummal caiu em ruína,

12 Gilgamesh, *etc.*

Aqui, então, a menos que devemos supor que o documento de Tummal é historicamente não confiável, é uma prova positiva de que Mesannepadda e até mesmo seu filho Meskiagnunna precederam Gilgamesh no controle da cidade de Nippur. Como, no entanto, eles seguiram Agga, que foi contemporâneo de Gilgamesh, de acordo com o sincronismo Gilgamesh-Agga mencionado acima, é óbvio que eles também foram contemporâneos de Gilgamesh. Os eventos históricos declarados e implícitos na recém-recuperada passagem de Tummal devem, portanto, provavelmente ser reconstruídos da seguinte forma.

Na luta pelo poder sobre a Suméria como um todo, Mesannepadda, o fundador da Primeira Dinastia de Ur, tirou o controle de Nippur de Agga, o último governante da Primeira Dinastia de Kish. Na verdade, ele provavelmente atacou Kish em si e foi diretamente responsável pela queda de Agga, o que explicaria por que Mesannepadda foi chamado de "rei de Kish" em vez de "rei de Ur" em sua própria inscrição de selo, já que o título de "rei de Kish" carregava prestígio consagrado pelo tempo. Mas Mesannepadda deve ter sido um homem velho quando Nippur caiu em suas mãos e, portanto, ele só teve tempo de construir um novo edifício no complexo de templos de Enlil, o Burshushua. Coube a seu filho, Meskiagnunna, restaurar o Tummal para Ninlil. Mas então o controle de Meskiagnunna sobre Nippur foi encerrado por Gilgamesh, que, quando jovem, evidentemente teve suas próprias dificuldades com Agga de Kish, bem como seu pai Enmebaraggesi. A essa altura, no entanto, Gilgamesh também deve estar longe há anos; em todo caso, não foi ele, mas seu filho, Ur-lugal, que restaurou o Tummal.

Como Mesannepadda, o fundador da Primeira Dinastia de Ur, era um contemporâneo mais velho de Gilgamesh, que provavelmente reinou por volta de 2600 a.C. – ele já havia sido divinizado por volta de 2500 a.C. – a data de seu reinado é cerca de um século antes do que os estudiosos geralmente atribuíam no disponível, mas longe de evidências epigráficas conclusivas. Isto levanta, no entanto, outro problema cronológico que não pode ser resolvido para o presente, mas que pelo menos deve ser tido em conta. Durante a escavação do renomado Cemitério Real de Ur, foi descoberto um selo de cilindro de concha branca inscrito com as palavras "Meskalamdug, rei" e outro selo de cilindro inscrito com as palavras "Akalamdug, rei de Ur". Nenhum desses governantes é mencionado na Lista de Reis, e por isso não há como saber se eles precederam ou seguiram Mesannepadda. O escavador, Sir Leonard Woolley, afirma que, uma vez que várias impressões de focas com o nome de Mesannepadda foram recuperadas de uma massa de lixo espalhada pela parte do Cemitério Real em que as focas Meskalamdug e Akalamdug foram encontradas, esses dois reis devem ser anteriores à data de Mesannepadda. Pode ser que assim seja; mas há considerável espaço para erros quando se trata de interpretar evidências arqueológicas e estratigráficas, e a possibilidade de que Mesannepadda tenha precedido os outros dois governantes não deve ser excluída.

A amarga luta de três cantos pela supremacia pelos governantes de Kish, Erech e Ur deve ter enfraquecido seriamente a Suméria e prejudicado seu poderio militar. De

qualquer forma, imediatamente após a Primeira Dinastia de Ur, de acordo com a Lista de Reis, a realeza da Suméria foi levada para partes estrangeiras, para o reino de Awan, uma cidade-estado elamita não muito distante de Susa. Como e quando a Suméria se recuperou desse golpe é bastante incerto. A Lista do Rei registra que "Awan foi atingido por armas" e que sua realeza "foi levada para Kish". Mas nenhuma inscrição dos governantes desta dinastia, a Segunda Dinastia de Kish, foi recuperada até hoje; e isso, juntamente com o fato de que a Segunda Dinastia de Kish foi seguida por outra dinastia elamítica, a do reino de Hamazi, parece indicar que os sumérios ainda não haviam recuperado seu antigo poder. A dinastia de Hamazi, de acordo com a Lista de Reis, foi seguida por uma Segunda Dinastia de Erech, para a qual nenhum material de inscrição foi descoberto até o momento. É seguindo esta dinastia que nos deparamos com um governante que pode muito bem ter sido o salvador da Suméria. Seu nome é Lugalannemundu, um rei de Adab, a quem a Lista do Rei atribui o reinado incrivelmente longo de noventa anos. Ele deixou um documento que indica que ele foi um grande conquistador e líder militar que estava no controle de todo o Crescente Fértil, do Mediterrâneo às montanhas de Zagros. Com certeza, essa inscrição chegou até nós apenas na forma de uma cópia datada de quase um milênio depois dos eventos que ela registra. Mas seu conteúdo é cuidadoso, minucioso e convincentemente detalhado, e soa bastante genuíno e confiável.

Lugalannemundu, de acordo com este documento, é "rei dos quatro quartos (do universo)", um governante "que fez com que todas as terras estrangeiras lhe prestassem tributo constante, que trouxe paz aos povos de todas as terras, que construiu os templos de todos os grandes deuses, que restaurou a Suméria (à sua antiga glória), que exerceu a realeza sobre o mundo inteiro". O texto então passa a nomear treze ensi's, juntamente com as cidades-estado sobre as quais eles exerciam o poder, que se uniram em rebelião contra ele e que ele derrotou. Não é desinteressante notar que a maioria desses ensi's, mesmo aqueles que governam reinos elamitas, têm nomes semíticos. Em seguida, Lugalannemundu tomou Gutium, cujo povo é conhecido por inscrições posteriores como o inimigo mais temido da Suméria, e uma série de outras terras - mas infelizmente o texto é muito fragmentário neste ponto.

A parte principal do documento é dedicada à construção em Adab de um templo chamado Enamzu, dedicado à principal divindade da cidade, a deusa-mãe Nintu; o templo era particularmente notável por seus sete portões e sete portas, cada um dos quais tinha um nome especial, como "Portão Elevado", "Grande Portão", "Portão de Decretos (divinos)", "Porta Elevada", "Porta de Sombra Refrescante" e assim por diante. Quando o templo foi concluído, continua nosso documento, Lugalannemundu o dedicou à deusa com sacrifícios de "sete vezes sete" bois gordos e ovelhas gordas, e os vizires, ou sukkalmah's, da terra da "Montanha do Cedro", Elam, Marhashi, Gutium, Subir, Martu, Sutium e Eanna (o antigo nome para o reino de Erech) vieram com sacrifícios ao templo de Adab para participar da celebração. Esta inscrição dedicatória bastante extraordinária então se encerra com a exortação

de que a deusa Nintu deve conceder vida longa aos ensi's dessas sete terras se eles continuarem a trazer ofertas e sacrifícios aos Enamzu de Adab.

Lugalannemundu, fica claro nesta inscrição, foi, portanto, um dos governantes mais poderosos e dinâmicos da Suméria; a julgar pela lista e localização das terras que ele controlava – Terra da "Montanha do Cedro", Elam, Marhashi e Gutium no leste, Subir no norte, Martu no oeste e Sutium e Eanna no centro e sul – ele poderia muito bem se dizer um governante dos "quatro quartos" do universo. Quanto à data de seu governo, ela pode remontar ao século XXI a.C., ou seja, pelo menos meio século ou mais antes dos governantes da Suméria, cujas datas podem ser calculadas de perto por cálculos mortos com a ajuda dos documentos de Lagash, pois esses governantes se seguem em estreita sucessão e não deixam espaço para uma figura tão poderosa e dominante como Lugalannemundu.

Começando com cerca de 2500 e terminando com cerca de 2350 a.C., temos toda uma série de inscrições dedicatórias que nos permitem reconstruir uma história mais ou menos contínua e ininterrupta da Suméria – pelo menos no que diz respeito às principais figuras e eventos. Estes derivam principalmente de Lagash, uma cidade-estado na parte sudeste da Suméria, que, por alguma razão ainda desconhecida, não é mencionada na Lista do Rei, mas que desempenhou um papel muito importante na história política da Suméria entre cerca de 2450 e 2300 a.C. Com certeza, Lagash foi apenas um dos reinos que constituíram a terra da Suméria ao longo deste trecho de cento e cinquenta anos; havia mais de meia dúzia de outros existindo lado a lado, por exemplo, Mari, Adab, Erech, Ur, Kish e Akshak. Mas, infelizmente, sabemos pouco do que realmente aconteceu neles, já que praticamente nada além dos nomes dos governantes chegou até nós; apenas raramente é encontrado um documento que registra um evento político e militar significativo. De Lagash, por outro lado, temos várias centenas de inscrições dedicatórias, e embora a grande maioria seja lacônica e repetitiva, há várias que são de grande valor para a história deste período. Isso significa, é claro, que vemos os acontecimentos através dos olhos de Lagashite; mas, a julgar pelos casos que podem ser verificados a partir de outras fontes, os historiadores lagashitas parecem ter respeitado a verdade e registrado os fatos como eles realmente ocorreram, embora o caráter piedoso e religioso do estilo histórico que desenvolveram seja às vezes obscuro e confuso. É, então, principalmente a partir dessas inscrições de Lagash que o curso dos eventos históricos prestes a serem esboçados pode ser reconstruído.

Não muito depois de cerca de 2500 a.C., chegou à cena suméria um governante chamado Mesilim, que tomou o título de Rei de Kish e parecia estar no controle de toda a terra - sua macehead inscrita foi encontrada em Lagash; vários de seus objetos inscritos foram encontrados em Adab; e o mais importante de tudo, ele foi o árbitro responsável em uma amarga disputa de fronteira entre os reinos de Lagash e Umma. Uma geração ou mais após o reinado de Mesilim, 2450 a.C. ou por aí, um homem chamado Ur-Nanshe estabeleceu-se como rei de Lagash e fundou uma dinastia que duraria cinco gerações. Não sabemos de onde Ur-Nanshe veio ou como ele chegou ao poder – há até uma possibilidade nua de que ele originalmente não era um sumério, mas um semita de uma terra conhecida como Tidnum, a oeste da Suméria.

Seja como for, ele deixou atrás de si cerca de cinquenta inscrições em tábuas, placas, tomadas de portas, tijolos e pregos, que registram principalmente a construção de templos, escavação de canais e confecção de estátuas divinas. Uma das frases que ocorrem repetidamente nessas inscrições, no entanto, carrega implicações políticas e econômicas de caráter bastante surpreendente, embora se deva notar que a tradução aqui oferecida ainda não está totalmente assegurada. A declaração diz: "Os navios de Dilmun trouxeram-lhe (Ur-Nanshe) madeira como um tributo de terras estrangeiras", o que implica que Ur-Nanshe era poderoso o suficiente para controlar uma série de terras estrangeiras além do Golfo Pérsico. Até o momento, no entanto, não há nenhuma outra evidência para verificar uma alegação de alcance tão abrangente, e pode ser aconselhável deixar a questão descansar como incerta para o presente.

Um dos filhos de Ur-Nanshe, Akurgal, sucedeu-o no trono de Lagash. No início de seu reinado, ele aparentemente enfrentou dificuldades com os ummaitas, e seu governo foi de curta duração. Ele foi sucedido por seu filho Eannatum, cujas conquistas militares o tornaram a figura mais poderosa de sua época, tanto que ele ousou assumir, pelo menos por alguns breves anos, o título de Rei de Kish, que carregava consigo a reivindicação de supremacia sobre toda a Suméria. Ele começou seu reinado pacificamente com a construção e reconstrução das partes de seu reino que devem ter sido destruídas pelos ummaitas nos dias de Akurgal. Mas mais tarde ele embarcou em uma série de empreendimentos militares vitoriosos conduzidos contra Elam a leste, Umma ao norte, Erech e Ur a oeste, sem mencionar várias cidades cuja localização ainda é desconhecida. As causas imediatas para essas guerras são desconhecidas, exceto no caso de Umma. Para um relato dessa luta, temos o documento bastante detalhado preparado por um dos arquivistas do sobrinho de Eannatum, Entemena, e a partir dele podemos reconstruir o pano de fundo e o drama do conflito entre Lagash e Umma e o papel temporariamente bem-sucedido de Eannatum nele da seguinte forma.

Nos dias em que Mesilim era rei de Kish e pelo menos o suserano nominal da Suméria, uma disputa fronteiriça surgiu entre as cidades de Lagash e Umma, ambas evidentemente reconhecendo Mesilim como seu senhor. Este último procedeu à arbitragem da controvérsia medindo uma linha de fronteira entre as duas cidades de acordo com o que foi dado como um oráculo de Sataran, uma divindade encarregada de resolver as queixas. Além disso, ele ergueu uma estela inscrita para marcar o local e evitar futuras disputas.

No entanto, a decisão, que foi presumivelmente aceita por ambas as partes, parecia favorecer Lagash em vez de Umma. De qualquer forma, pouco tempo depois, Ush, um ensi de Umma, violou os termos da decisão – o tempo não é declarado, mas há indícios de que essa violação ocorreu não muito antes de Ur-Nanshe fundar sua dinastia em Lagash. Ush arrancou a estela de Mesilim para indicar que ele não estava vinculado aos seus termos e, em seguida, cruzou a fronteira e tomou o território mais setentrional pertencente a Lagash, conhecido como Guedinna.

Esta terra permaneceu nas mãos dos ummaiitas até os dias de Eannatum, neto de Ur-Nanshe, que atacou e derrotou os ummaiitas e fez um novo tratado de fronteira

com Enakalle (então o ensi de Umma). Ele cavou uma vala em linha com a nova fronteira que ajudaria a garantir a fertilidade da Guedinna, ergueu lá para fins de registro futuro a antiga estela de Mesilim, bem como várias estelas de sua autoria, e construiu uma série de edifícios e santuários para várias das divindades sumérias mais importantes. Além disso, para ajudar a minimizar a possível fonte de futuros conflitos entre Umma e Lagash, ele reservou uma faixa de terra em pousio no lado Umma da vala de fronteira como uma espécie de terra de ninguém. Finalmente, Eannatum, provavelmente em um esforço para aliviar os sentimentos dos ummaitas até certo ponto, uma vez que ele estava ansioso para expandir suas conquistas em outras direções, concordou em deixá-los cultivar os campos situados na Guedinna e ainda mais ao sul. Mas, ele concedeu isso apenas sob a condição de que eles pagassem aos governantes de Lagash uma parte das colheitas para o uso da terra, garantindo assim a si mesmo e a seus sucessores uma receita considerável.

Eannatum seguiu suas vitórias sobre Elam e as cidades mais ao sul da Suméria, como Umma, Erech e Ur, com triunfos militares sobre o norte da Suméria, que estava sob o controle da cidade de Kish e da vizinha Akshak. Kish, com certeza, parecia ter sido enfraquecido por uma derrota nas mãos de Enshakushanna, que se descreveu como "en da Suméria" e "rei da 'Terra'"; e foi Zuzu, o rei de Akshak, que liderou uma invasão das forças do norte em Lagash. Eannatum derrotou as forças invasoras e as perseguiu "da Antasurra" (a fronteira norte de Lagash) para Akshak, infligindo-lhes pesadas perdas.

Eannatum estava agora no ápice de seu poder; ele até se sentiu poderoso o suficiente para tomar o título de "Rei de Kish" com sua reivindicação implícita de suserania sobre a Suméria como um todo; ou, como diz o autor antigo: "Para Eannatum, o ensi de Lagash... Inanna (a divindade tutelar de Kish), porque ela o amava, deu a realeza de Kish, além da ensi-ship de Lagash." Foi nessa época, também, que ele deve ter erguido e dedicado a Estela dos Abutres comemorando suas merecidas vitórias. Parece que um breve período de paz agora se seguiu para a Suméria, e encontramos Eannatum tirando um tempo para cavar um novo canal, que ele chamou exultantemente de Lummagimdug, "Bom (?) -like-Lumma", Lumma sendo o nome Tidnum de Eannatum, ou seja, presumivelmente o nome dado a ele pelo povo Martu semítico a oeste da Suméria, onde Tidnum é conhecido por ter sido localizado.

Mas antes que o canal fosse terminado, antes que ele de fato tivesse tempo de forrar suas paredes com tijolos, Eannatum estava novamente em guerra. Desta vez, foi ele quem ficou na defensiva, mal conseguindo segurar os inimigos e evitar a derrota. Primeiro os elamitas o atacaram do leste, e embora ele os tenha jogado de volta à sua terra natal, ele foi incapaz de seguir seu sucesso e invadir Elam em si. Pois a essa altura seus velhos inimigos do norte, Kish e Akshak, haviam invadido Lagash. Assim que ele os expulsou do território de Lagash, os elamitas retornaram com novos aliados, para serem seguidos mais uma vez pelas tropas de Kish e Akshak, apoiadas desta vez por um novo inimigo, o reino de Mari, muito a oeste. Em batalhas campais travadas no Asuhur, o limite oriental de Lagash, e no Antasurra, seu limite norte, Eannatum obteve uma vitória decisiva sobre seus

inimigos. Mais uma vez houve uma breve pausa das guerras, e Eannatum estava em posição de renovar suas atividades de construção, reforçando as paredes do canal Lummagimdug e construindo um enorme reservatório para suas águas. Mas, apesar de suas vitórias e de seu orgulhoso epíteto de "Prostrador de todas as Terras para Ningirsu", Eannatum parece ter chegado a um final infeliz, pois seu sucessor não era um de seus filhos, mas seu irmão Enannatum. Isso aponta para a probabilidade de que ele não morreu de morte natural, mas caiu em uma batalha que deve ter sido catastrófica para Lagash, uma batalha da qual nunca se recuperou totalmente.

Enannatum, ao suceder seu irmão ao governo de Lagash, logo se viu em sérias dificuldades com os ummaitas, pois apesar de sua derrota nas mãos de Eannatum, eles levaram menos de uma geração para recuperar sua confiança, se não sua força anterior. De qualquer forma, Ur-Lumma, filho do infeliz Enakalle, repudiou o acordo amargo com Lagash e se recusou a pagar a Enannatum a receita imposta a Umma. Além disso, ele procedeu a drenar as valas de fronteira, arrancar e incendiar as estelas de Mesilim e Eanatum com suas inscrições irritantes, e destruir os edifícios e santuários que Eannatum havia construído ao longo da vala de fronteira para avisar os ummaitas que eles não deveriam invadir o território de Lagash. Ele agora estava pronto para cruzar a fronteira e entrar na Guedinna. Para se assegurar ainda mais da vitória, ele buscou e obteve a ajuda militar dos "estrangeiros" ao norte da Suméria.

As duas forças se encontraram no Gana-ugigga da Guedinna, não muito ao sul da fronteira. Os ummaitas e seus aliados estavam sob o comando do próprio Ur-Lumma, enquanto os lagashitas eram liderados por Entemena, já que seu pai Enannatum deve ter sido um homem bastante velho na época. Os lagashitas foram vitoriosos; Ur-Lumma fugiu, perseguido ferozmente por Entemena, e muitas de suas tropas foram arrastadas e mortas.

Mas a vitória de Entemena revelou-se efémera. Após a derrota e provável morte de Ur-Lumma, um novo inimigo apareceu em cena: Il, o chefe do templo de uma cidade chamada Hallab, situada não muito longe de Umma, ao norte. Il tinha sido evidentemente astuto o suficiente para esperá-lo enquanto Entemena e Ur-Lumma estavam lutando por uma decisão. Mas assim que a batalha terminou, ele atacou a vitoriosa Entemena, encontrou sucesso inicial e penetrou profundamente no território de Lagash. Com certeza, ele foi incapaz de segurar seus ganhos ao sul da fronteira Umma-Lagash; mas ele conseguiu fazer-se ensi de Umma.

Il agora passou a mostrar seu desprezo pelas reivindicações de Lagash quase da mesma maneira que seu antecessor, Ush. Ele privou as valas de fronteira da água tão essencial para a irrigação dos campos e fazendas próximas e se recusou a pagar tudo, exceto uma fração da receita imposta a Umma pelo antigo tratado de Eannato. E quando Entemena lhe enviou enviados exigindo uma explicação para seus atos hostis, ele respondeu reivindicando arrogantemente toda a Guedinna como seu território e domínio.

A questão entre Il e Entemena, no entanto, não foi decidida pela guerra. Em vez disso, um compromisso parece ter sido forçado a eles por um terceiro, provavelmente mais uma vez o governante não-sumério do norte que reivindicou o

senhorio sobre a Suméria como um todo. De modo geral, a decisão parece ter favorecido Lagash, uma vez que a antiga linha Mesilim-Eannatum foi mantida como o limite fixo entre Umma e Lagash. Por outro lado, nada foi dito sobre a compensação dos ummaites pelas receitas que haviam retido; nem parecem ter sido mais responsabilizados por garantir o abastecimento de água dos Guedinna – essa tarefa agora foi deixada para os próprios Lagashites.

Entemena foi o último dos grandes ensi's da dinastia Ur-Nanshe; seu filho Enannatum II reinou apenas brevemente e conseguiu, mas pouco, a julgar pelo fato de que apenas uma de suas inscrições foi recuperada até hoje - uma tomada de porta dedicada à restauração da cervejaria de Ningirsu. Ele foi seguido como ensi de Lagash por Enetarzi, que provavelmente era um usurpador; Desde os dias de seu governo, temos um grande número de documentos administrativos, mas nenhuma inscrição dedicatória. No entanto, uma carta foi recuperada que é endereçada a Enetarzi por Luenna, a sanga (cabeça do templo) de Ninmar, relatando a derrota de um grupo de seiscentos elamitas que haviam invadido e saqueado Lagash.

Enetarzi é seguido como Tudo isso deixa a impressão de que Urukagina de fato não ofereceu resistência a seus companheiros sumérios agressivos de Umma, tão confiante estava ele na justiça dos deuses e na retribuição que eles causariam ao malfeitor – embora não esteja claro o bem que isso faria à vítima. De qualquer forma, a carreira de Lugalzaggesi, que começou com a conquista de Lagash e foi por um tempo coroada de sucesso fenomenal, chegou a um fim ignominioso.ensi de Lagash por Lugalanda, que, como seu antecessor, nos deixou apenas documentos administrativos e nenhuma inscrição dedicatória; Portanto, não sabemos praticamente nada sobre o seu reinado. Lugalanda é seguido por Urukagina que se tornou conhecido não por suas façanhas militares – na verdade, ele pode ter sido o primeiro pacifista do homem – mas por suas reformas sociais e éticas, as mais antigas na história registrada do homem. Infelizmente, seu reinado foi breve e chegou a um triste fim quando Lugalzaggesi, um ambicioso e militar ensi da vizinha Umma, queimou, saqueou e destruiu praticamente todos os lugares sagrados de Lagash. Esses atos cruéis de Lugalzaggesi são cuidadosamente registrados em um documento bastante notável escrito por um escriba e teólogo lagashita sem dúvida a mando de Urukagina, que – há razões para acreditar – sobreviveu à catástrofe. A passagem final deste documento revela uma fé na justiça dos deuses por parte de Urukagina que, embora bastante tocante, pode muito bem ter provocado seu desfazimento; lê-se: "Porque o Ummaite destruiu os tijolos (?) de Lagash, cometeu um pecado contra o deus Ningirsu; ele (Ningirsu) cortará as mãos levantadas (?) contra ele. Não é o pecado de Urukagina, o rei de Girsu. Que Nidaba, a deusa (pessoal) de Lugalzaggesi, a ensi de Umma, o faça (Lugalzaggesi) suportar todos (esses) pecados."

Lugalzaggesi deixou-nos uma inscrição importante, cujo texto foi reunido por Hermann Hilprecht mais da metade Nela, Lugalzaggesi se descreve orgulhosamente como "rei de Ereque (e) rei da Terra", como alguém que havia feito todas as terras estrangeiras subservientes a ele, de modo que não havia nada além de paz, felicidade e prosperidade em todo o seu reino, que se estendia "do Mar Inferior ao longo dos

rios Tigre e Eufrates até o Mar Superior". Mas, como foi dito anteriormente, tudo isso não durou muito tempo; depois de cerca de duas décadas de sucessos e triunfos militares, ele foi levado em um estoque de pescoço até o portão de Nippur para ser insultado e cuspido por todos os que passavam por ali. Seu conquistador foi um semita chamado Sargão, o fundador da poderosa dinastia de Acádia, que iniciou, conscientemente ou não, a Semitização da Suméria que finalmente trouxe o fim do povo sumério, pelo menos como uma entidade política e étnica identificável.um século atrás a partir de centenas de fragmentos de vasos.

Sargão, o Grande, como passou a ser conhecido pelo historiador moderno, foi uma das figuras políticas mais notáveis do antigo Oriente Próximo – um líder militar de gênio, bem como um administrador e construtor imaginativo com uma noção do significado histórico de seus feitos e realizações. Sua influência fez-se sentir de uma forma ou de outra em todo o mundo antigo, do Egito à Índia. Nos séculos posteriores, Sargão tornou-se uma figura lendária em torno da qual os poetas e bardos teceram sagas e contos de maravilhas – que eram, em geral, no entanto, baseados em um núcleo de verdade. Felizmente, no caso de Sargão, não temos necessidade de ir a essas crônicas e contos posteriores para nossos fatos históricos, já que temos suas próprias inscrições registrando suas conquistas e realizações militares mais importantes; pois Sargão, assim como seus dois filhos, Rimush e Manishtushu, que o sucederam, comemoraram suas vitórias erguendo no templo de Enlil em Nippur estátuas inscritas de si mesmos e também estelas representando a si mesmos e seus inimigos prostrados. É certo que, exceto por um fragmento diorito ocasional de um original, nenhuma dessas estátuas e estelas foi recuperada até hoje; mesmo as novas escavações de Nippur se mostraram decepcionantes a esse respeito, e pode ser, é claro, que tenham sido destruídas em dias antigos. Mas, para sorte do historiador moderno, vários séculos depois de terem sido dedicadas no templo Enlil, um estudioso e pesquisador anônimo copiou todas as inscrições nas estátuas e estelas com o cuidado e a fidelidade que honrariam qualquer arqueólogo e epígrafe moderno, mesmo observando se as inscrições copiadas vinham da própria estátua ou do pedestal com frases como "(esta é) a inscrição na estátua, " ou "(esta é) a inscrição no pedestal", ou "o pedestal não está inscrito". O motivo pelo qual ele preparou essas cópias é completamente desconhecido; Talvez o templo e seus monumentos estivessem em perigo de serem destruídos, e seu propósito era salvá-los para a posteridade. Se assim for, ele conseguiu quase melhor do que poderia ter previsto; pois sua preciosa tábua foi recuperada quase em sua totalidade pela antiga expedição Nippur, e seu conteúdo foi disponibilizado para a posteridade pelos dois estudiosos Amo Poebel e Leon Legrain.

Sargão, embora semita, começou sua carreira como um alto funcionário - o copeiro, na verdade - de um rei sumério de Kish chamado Ur-Zababa. Foi este governante que o ambicioso Lugalzaggesi deve ter destronado e talvez matado quando embarcou em seu caminho de conquista após sua destruição de Lagash. O primeiro objetivo de Sargão era eliminar Lugalzaggesi da cena política. Para este fim, ele fez um ataque surpresa contra a capital de Lugalzaggesi, Erech, "feriu-a", e destruiu suas muralhas. Os defensores de Erech parecem ter fugido da cidade, e

depois de obter fortes reforços - cinquenta ensi's das províncias vieram em seu auxílio, de acordo com a inscrição - tomaram sua posição contra o perseguidor Sargão. Em uma batalha campal, este último derrotou as forças de Erec. Foi só então, ao que parece, que Lugalzaggesi, que deve ter estado longe de Erech em uma campanha distante, entrou em cena com seu exército. Desta vez, também, Sargão foi vitorioso, de forma tão avassaladora que conseguiu levar Lugalzaggesi acorrentado, ou melhor, em um caldo de pescoço, até os portões de Nippur.

Após a captura de Lugalzaggesi, Sargão retornou à parte mais meridional da Suméria, onde os ensi de Lugalzaggesi ainda tinham esperanças de verificar seu progresso. Ele primeiro atacou Ur no extremo sudoeste, depois na região de Eninmar, que se estendia da cidade de Lagash até as margens do Golfo Pérsico, onde lavou suas armas, sem dúvida em uma cerimônia ritual comemorativa de suas vitórias. Em seu caminho de volta do mar, ele atacou Umma, uma fortaleza de Lugalzaggesi, e destruiu suas muralhas, completando assim sua conquista do sul da Suméria. Ele agora se voltou para o oeste e para o norte e subjugou as terras Mari, Jarmuti e Ibla até a "Floresta de Cedro" e a "Montanha de Prata", ou seja, as cordilheiras de Amanus e Touro. Em seguida, o encontramos fazendo campanha a leste da Suméria, atacando Elam e o vizinho Barahshi, e carregando suas posses.

Isso nos leva ao final das cópias Nippur das inscrições nas estátuas e estelas de Sargão, que, no entanto, cobrem apenas uma parte de seu reinado. A julgar pelas lendas e crônicas muito posteriores, as conquistas de Sargão continuaram a se estender por toda parte; ele pode até ter enviado seus exércitos para o Egito, Etiópia e Índia. Para controlar um império tão vasto, ele estacionou guarnições militares em vários postos avançados importantes. Na própria Suméria, onde a rebelião era crônica, ele nomeou companheiros semitas para os postos administrativos superiores e guarneceu as cidades com todas as tropas acadianas. Para si e para a sua enorme corte de oficiais e soldados – gaba-se de que "5400 homens comiam pão diariamente antes dele" – construiu a cidade de Agade, não muito longe de Kish, a cidade onde começara a sua fenomenal carreira como copeiro do reinante Ur-Zababa. Em um breve espaço de tempo, Agade tornou-se a mais próspera e resplandecente das cidades do mundo antigo; a ela foram trazidos presentes e tributos dos quatro cantos do reino de Sargão, e em seu cais atracavam navios dos longínquos Dilmun, Magan e Meluhha (isto é, talvez, Índia, Egito e Etiópia). A maioria dos cidadãos de Agade eram, sem dúvida, semitas relacionados a Sargão por laços de sangue e língua, e é a partir do nome Agade, ou melhor, de sua contraparte bíblica, Akkad (Gênesis 10:10), que a palavra acadiano passou a designar hoje os semitas mesopotâmicos em geral.

Sargão foi seguido por seu filho Rimush, que encontrou seu império dilacerado por revoltas e rebeliões. Em batalhas amargas envolvendo dezenas de milhares de soldados, ele conquistou, ou melhor, reconquistou as cidades de Ur, Umma, Adab, Lagash, Der e Kazallu, bem como os países de Elam e Barahshi. Ele reinou, no entanto, apenas nove anos, e foi seguido por seu "irmão mais velho" - talvez seu gêmeo - Manishtushu, que continuou no mesmo padrão militar e político. Além disso, como seu pai Sargão, ele carregou seus exércitos vitoriosos para terras distantes, ou pelo menos assim pode parecer de uma passagem de uma de suas

inscrições que diz: "Quando ele (Manishtushu) cruzou o Baixo Mar (isto é, o Golfo Pérsico) em navios, trinta e dois reis se reuniram contra ele, mas ele os derrotou e feriu suas cidades e prostrou seus senhores e destruiu [todo o (?) campo (?)] até as minas de prata".

Manishtushu reinou quinze anos e foi seguido por seu filho Naram-Sin, que elevou Agade a novos patamares de poder e glória, apenas para vê-lo chegar a um fim amargo e trágico. Seus sucessos militares foram numerosos e prodigiosos: ele derrotou uma poderosa coalizão de reis rebeldes da Suméria e das terras vizinhas; conquistou a região a oeste até o Mar Mediterrâneo e as cordilheiras de Touro e Amanus; estendeu seu domínio na Armênia e ergueu sua estátua da vitória perto da moderna Dierbakir; lutou contra os Lullubi nas cordilheiras de Zagros do norte e comemorou sua vitória com uma magnífica estela; ele transformou Elam em um estado vassalo parcialmente semitado e construiu numerosos edifícios em Susa; ele trouxe espólio de Magão depois de derrotar seu rei Manium, que alguns estudiosos identificaram com o renomado Menes do Egito. Não admira que ele se sentisse poderoso o suficiente para adicionar o epíteto de "rei dos quatro quartos" ao seu título e que ele fosse presunçoso o suficiente para ter se divinizado como "o deus de Agade".

Mas então veio a calamidade fatal que esmagou Naram-Sin e a cidade de Agade e ameaçou engolir toda a Suméria – a invasão desmoralizante e destrutiva dos gutianos, uma horda bárbara implacável das montanhas para o leste. Isso aprendemos principalmente com um poema historiográfico que pode ser intitulado "A Maldição de Agade: O Vingador de Ekur". Foi composta por um poeta sumério que viveu vários séculos após a catástrofe gutiana, quando Agade havia sido abandonada à ruína e à desolação. O documento é memorável não apenas por sua descrição vívida de Agade antes e depois de sua queda, mas como uma das primeiras tentativas registradas de interpretar um evento histórico no âmbito de uma visão de mundo atualmente mantida. Ao procurar as causas por trás da humilhante e desastrosa invasão gutiana, o autor se depara com o que ele acha ser sem dúvida a verdadeira resposta e nos informa de um ultraje cometido por Naram-Sin, ainda desconhecido de qualquer outra fonte. De acordo com nosso autor, Naram-Sin havia saqueado Nippur e cometido todos os tipos de atos profanadores e profanadores contra o santuário de Enlil, e Enlil tinha, portanto, se voltado para os gutianos e os trazido de sua morada na montanha para destruir Agade e vingar seu amado templo. Além disso, oito das divindades mais importantes do panteão sumério, a fim de acalmar o espírito de seu governante Enlil, lançaram uma maldição sobre Agade para que permanecesse para sempre desolada e desabitada. E isso, acrescentou o autor no final de sua obra, era de fato o caso: Agade permanecera desolada e desabitada.

Nosso historiógrafo começa seu trabalho com uma introdução contrastando a glória e o poder de Agade que marcaram sua ascensão e a ruína e desolação que a engoliram após sua queda. As primeiras linhas da composição diziam: "Depois, com a testa franzida, Enlil matou o povo de Kish como o Touro do Céu, e como um boi elevado esmagou a casa de Ereque em pó; depois, no devido tempo, Enlil deu a

Sargão, o rei de Agade, o senhorio e a realeza das terras de cima para as terras de baixo", então (parafraseando algumas das passagens mais inteligíveis) a cidade de Agade tornou-se próspera e poderosa sob a terna e constante orientação de sua divindade tutelar, Inanna. Seus edifícios estavam cheios de ouro, prata, cobre, estanho e lápis-lazúli; seus velhos homens e mulheres davam sábios conselhos; seus filhos pequenos estavam cheios de alegria; a música e o canto ressoavam por toda parte; Todas as terras vizinhas viviam em paz e segurança. Naram-Sin, além disso, tornou seus santuários gloriosos e ergueu suas muralhas no alto da montanha, enquanto seus portões permaneciam abertos. A ela vieram os nômades Martu, o povo que "não conhece grãos" do oeste, trazendo bois e ovelhas escolhidos; a ela vieram Meluhhaites, "o povo da terra negra", trazendo seus produtos exóticos; a ela vinham os elamitas e subarianos do leste e do norte carregando cargas como "jumentos de carga"; a ela vinham todos os príncipes, caciques e sheiks da planície trazendo presentes mensalmente e no Ano Novo.

Mas então veio a catástrofe; ou como diz o autor: "As portas de Agade, como se prostram; a santa Inanna deixa intocados seus dons; o Ulmash (templo de Inanna) está temeroso (já que) ela saiu da cidade, deixou-a; como uma empregada que abandona seu quarto, a santa Inanna abandonou seu santuário de Agade; como uma guerreira com armas levantadas, ela atacou a cidade em batalha feroz, fazendo-a virar o peito para o inimigo." E assim, em muito pouco tempo, "em nem cinco dias, nem em dez dias", o senhorio e a realeza partiram de Agade; os deuses se voltaram contra ela, e Agade ficou desolada; Naram-Sin sufocado por si mesmo, vestido com pano de saco; suas carruagens e barcos estavam sem uso e negligenciados.

Como isso aconteceu? A versão de nosso autor é que Naram-Sin, durante os sete anos em que seu governo foi firmemente estabelecido, agiu de forma contrária à palavra de Enlil: ele permitiu que seus soldados atacassem e devastassem o Ekur e seus bosques; ele havia demolido os edifícios do Ekur com machados de cobre e machadinhas, de modo que "a casa estava prostrada como um jovem morto" – na verdade, "todas as terras estavam prostradas". Além disso, no portão chamado "Portão do Não Corte de Grãos", ele cortou grãos; "o 'Portão da Paz' ele demoliu com uma picareta"; profanou os vasos sagrados e cortou os bosques dos Ekur; triturou seus vasos de ouro, prata e cobre em pó; e carregou todos os bens do Nippur destruído em barcos atracados junto ao santuário de Enlil e levou-os para Agade.

Mas mal ele fez essas coisas, "o conselho deixou Agade" e "o bom senso de Agade se transformou em loucura". Então "Enlil, o dilúvio furioso que não tem rival, por causa de sua amada casa que foi atacada, que destruição causou"; ergueu os olhos para as montanhas e derrubou os gutianos, "um povo que não tem controle"; "cobria a terra como o gafanhoto", para que ninguém pudesse escapar de seu poder. A comunicação, seja por terra ou por mar, tornou-se impossível em toda a Suméria. "O arauto não pôde prosseguir em sua jornada; o marinheiro não podia navegar em seu barco... ; bandidos moravam nas estradas; as portas dos portões da terra viraram barro; todas as terras vizinhas estavam planejando o mal em suas muralhas da cidade." Como resultado, a fome terrível veio sobre a Suméria. "Os grandes campos e prados não produziam grãos; as pescarias não produziam peixe; e os jardins

regados não produziam mel nem vinho". Por causa da fome, os preços foram inflacionados a tal ponto que um cordeiro trouxe apenas meia sila de óleo, ou meia sila de grão, ou meia mina de lã (ver Fig. 4, p. 107, para todas as medidas).

Com a miséria, a carência, a morte e a desolação ameaçando dominar praticamente toda a "humanidade moldada por Enlil", oito das divindades mais importantes do panteão sumério – a saber, Sin, Enki, Inanna, Ninurta, Ishkur, Utu, Nusku e Nidava – decidiram que era hora de acalmar a raiva de Enlil. Em uma oração a Enlil eles prometeram que Agade, a cidade que destruiu Nippur, seria destruída como Nippur. E assim essas oito divindades "voltam seus rostos para a cidade, pronunciam (uma maldição de) destruição sobre Agade":

City, você que ousou assaltar o Ekur, que [desafiou] Enlil,
Agade, você que ousou atacar o Ekur, que [desafiou] Enlil,
Que seus bosques sejam amontoados como pó,. . . .
Que o seu barro (tijolos) volte ao seu abismo,
Que eles se tornem barro (tijolos) amaldiçoados por Enki,
Que suas árvores retornem às suas florestas,
Que se tornem árvores amaldiçoadas por Ninildu.
Seus bois abatidos – que vocês matem suas esposas,
Suas ovelhas esquartejadas — que você massacra seus filhos,
Seus pobres — podem ser forçados a afogar seus preciosos (?) filhos,. . . . ,
Agade, que o seu palácio construído com o coração alegre, seja transformado numa ruína deprimente... ,
Sobre os lugares onde seus ritos e rituais foram conduzidos,
Que a raposa (que assombra) os montes arruinados, deslize o rabo... ,
Que seus caminhos de reboque de barco não cresçam nada além de ervas daninhas,
Que suas estradas de carruagem não cresçam nada além da "planta das lamentações",
Além disso, em seus caminhos de reboque e desembarques de barcos,
Nenhum ser humano pode andar por causa das cabras selvagens, vermes (?), cobras e escorpiões da montanha,
Que suas planícies onde cresceram as plantas calmantes do coração,
Não cresça nada além do "junco de lágrimas",
Agade, em vez de sua água de fluxo doce, pode fluir água amarga,
Quem disser "eu moraria naquela cidade" não encontrará uma boa morada,
Quem diz "eu me deitaria em Agade" não encontrará um bom lugar para dormir.

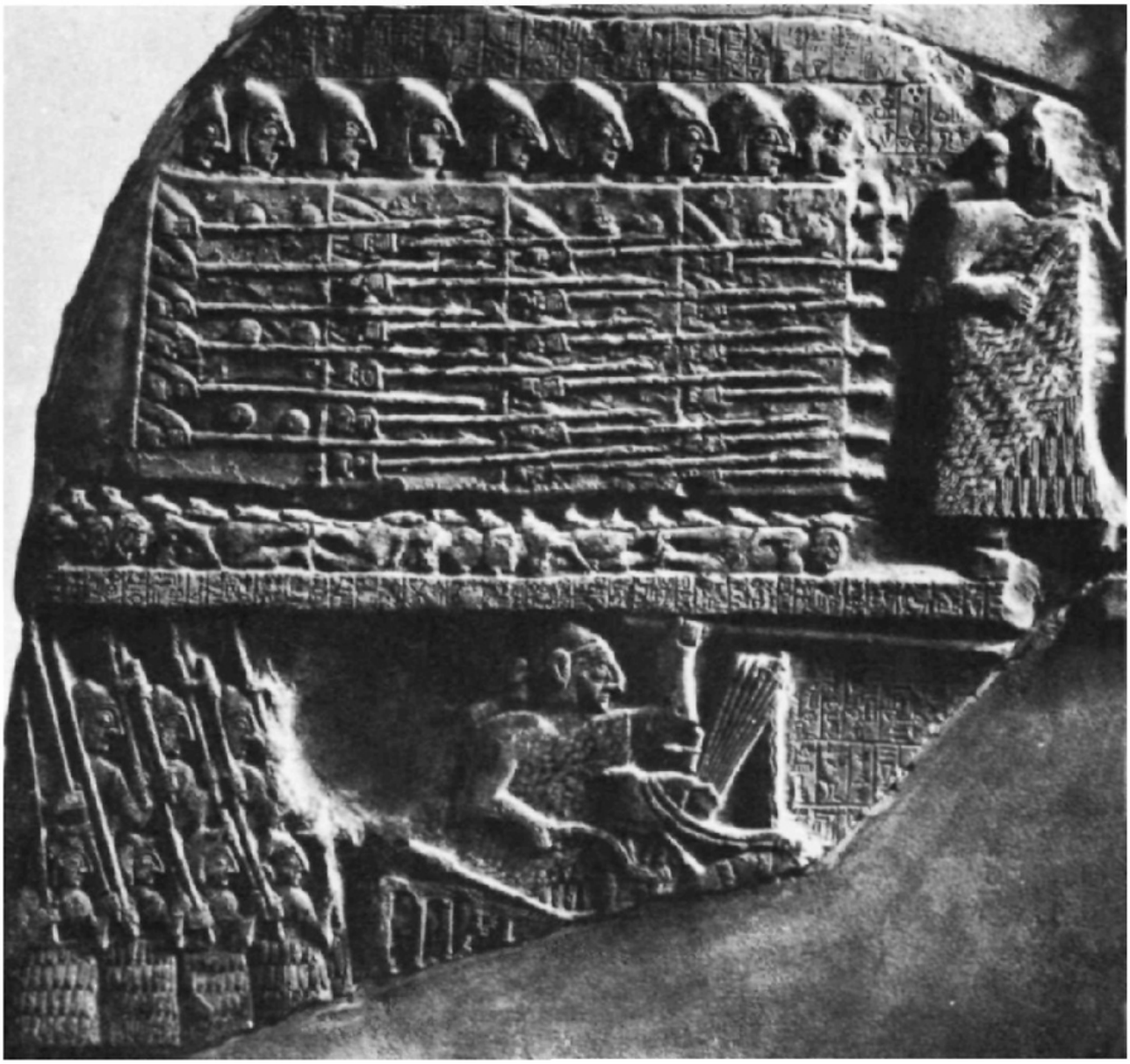
E, conclui nosso historiador, foi exatamente o que aconteceu:

Seus caminhos de reboque de barco não cresciam nada além de ervas daninhas,
Suas estradas de carruagem não cresceram nada além da "planta das lamentações",
Além disso, em seus caminhos de reboque e desembarques de canal,
Nenhum ser humano anda por causa das cabras selvagens, vermes (?), cobras e escorpiões da montanha,
As planícies onde cresciam as plantas calmantes do coração, não cresciam nada além do "junco de lágrimas",
Agade, em vez de sua água doce, fluía água amarga,
Quem disse "eu moraria naquela cidade" não encontrou uma boa morada,
Quem disse "eu me deitaria em Agade" não encontrou um bom lugar para dormir.

Os arredores de Nippur hoje - dunas de areia e desolação. (Expedição Conjunta Nippur do Instituto Oriental e das Escolas Americanas de Pesquisa Oriental.)

O zigurate em Eridu, a cidade de Enki (parcialmente escavada). Os restos do templo podem ser vistos aos pés do zigurata. (Fotografia, Museu do Iraque.)

Ur-Nanshe, rei de Lagash, com seus filhos e cortesãos (placa de calcário). No registro superior, ele está carregando uma cesta cheia de terra para a construção de um templo; na parte inferior, comemora sua conclusão. (Louvre.)

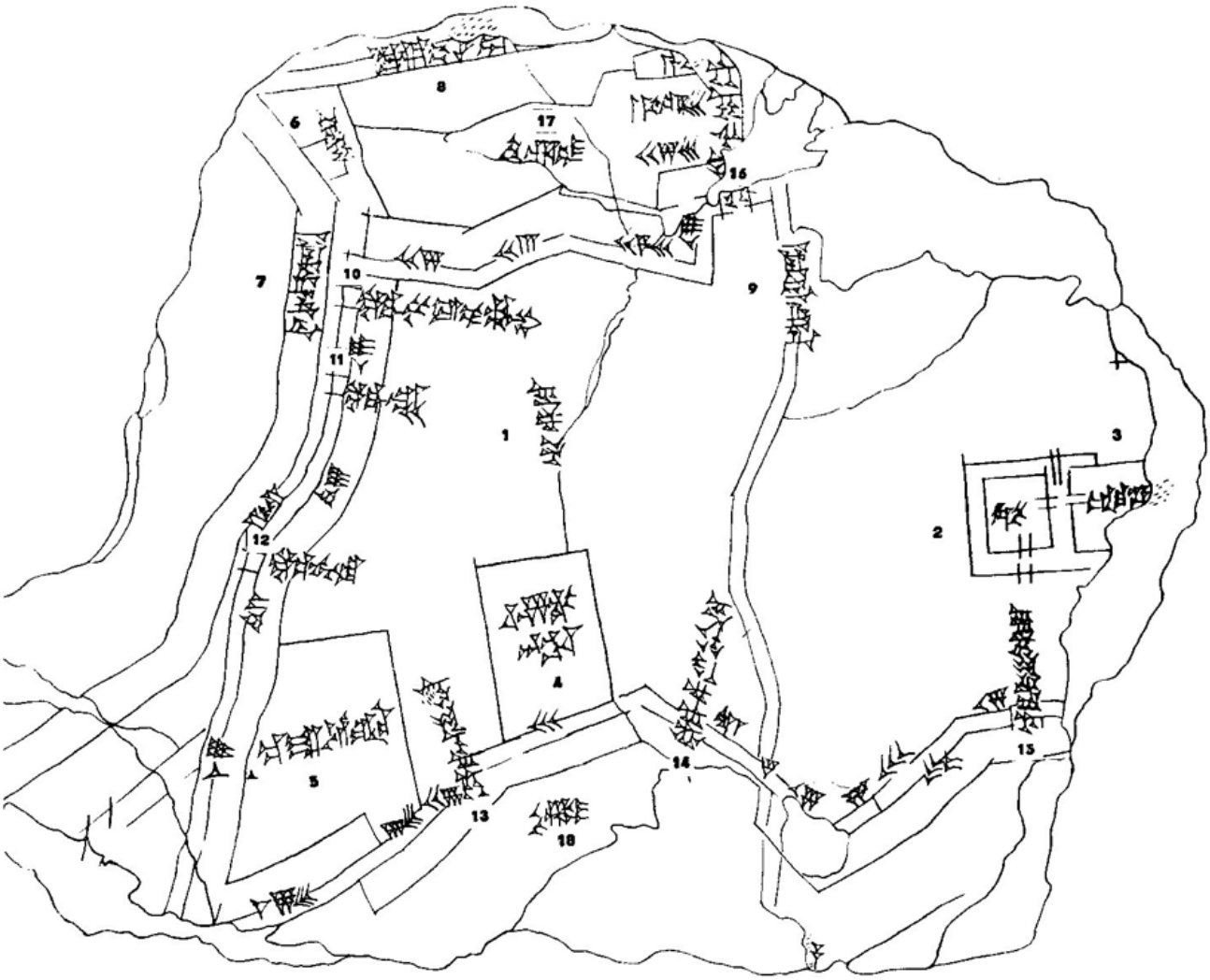


Estela dos Urubus (calcário). Eannatum liderando os Lagashitas para a batalha. A inscrição sobre as cabeças dos soldados registra sua vitória sobre os ummaitas. (Louvre.)

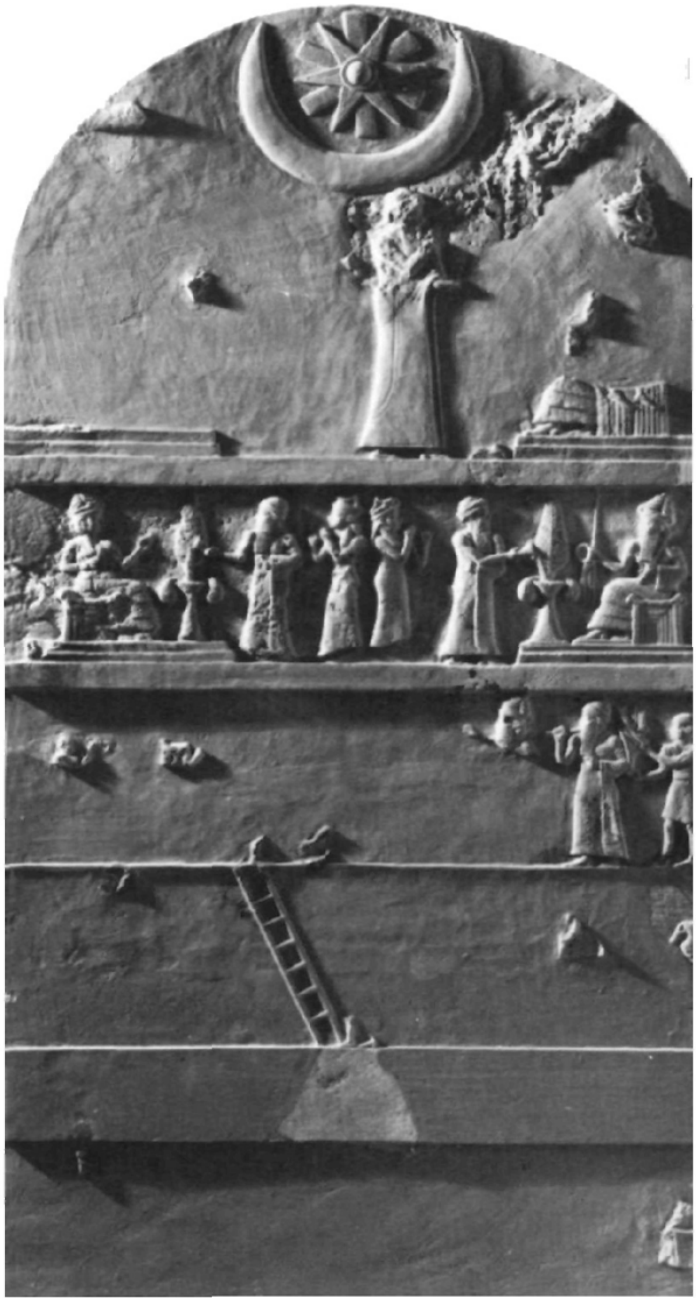
Cabeça de Ur-Nammu ampliada de uma estatueta de cobre que estava entre o conteúdo da caixa de fundação de Ur-Nammu do templo Inanna em Nippur. (Expedição Conjunta Nippur do Instituto Oriental e das Escolas Americanas de Pesquisa Oriental.)

Gudea ensi de Lagash (diorito). (Museu Universitário.)

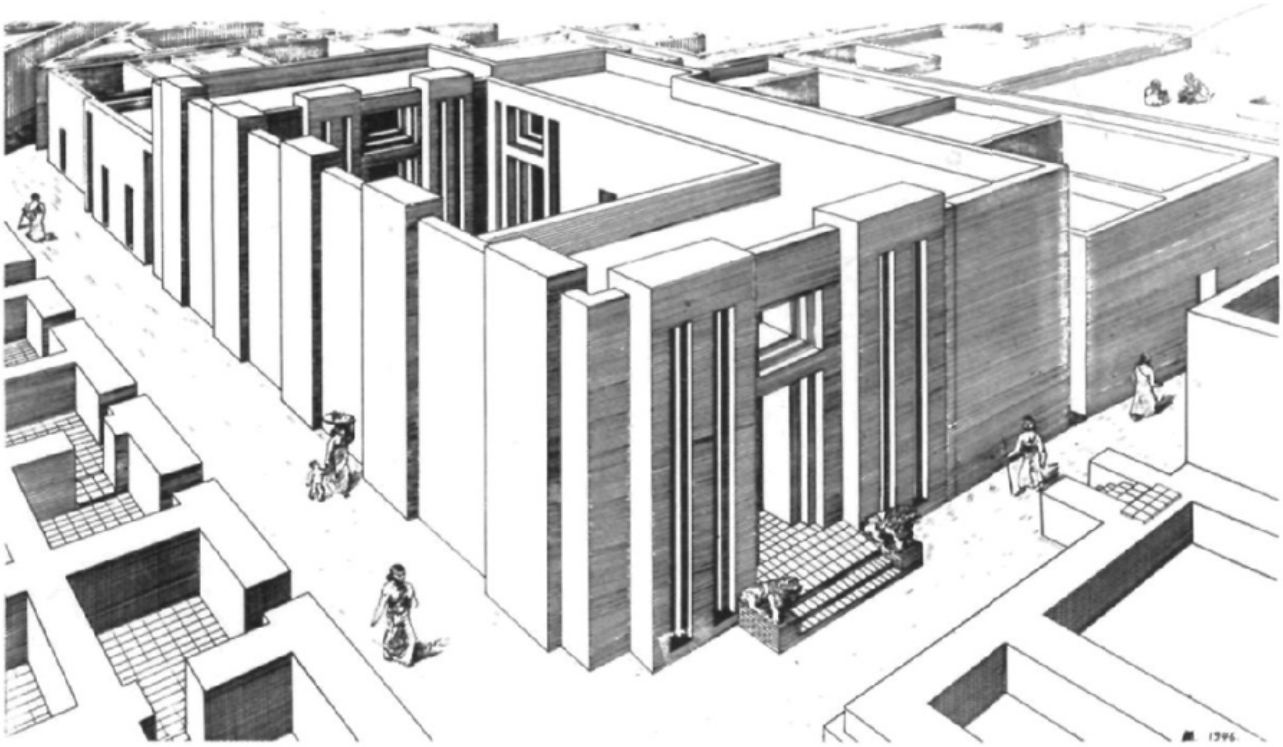
Cópia à mão do mapa da cidade de Nippur No centro está o nome da cidade (1). Os edifícios mostrados no mapa são: o Eknr (2), o templo mais famoso da Suméria; o Kiur (3), um templo adjacente ao Ekur; o Anniginna (4), uma espécie de recinto; e nos arredores da cidade, o Eshmah (6), "Santuário Elevado". No canto formado pelas muralhas sudeste e sudoeste está o "Central Park" de Nipur (5), o Kirishauru. Formando o limite sudoeste da cidade está o rio Eufrates (7). A noroeste, a cidade é delimitada pelo canal Nunbirdu (8). Fluindo através do meio da cidade no Idsliauru, "Canal Central" (9). Há três portões na parede sudoeste (10, 11, 12); três na parede sudeste (13, 14, 15); mas apenas um na parede noroeste (16). Finalmente, há um fosso paralelo à parede noroeste (17), e outro paralelo à parede sudeste (18). (Coleção Hilprecht. Cópia manual de Inez Bernhardt, assistente de guarda da Coleção.)



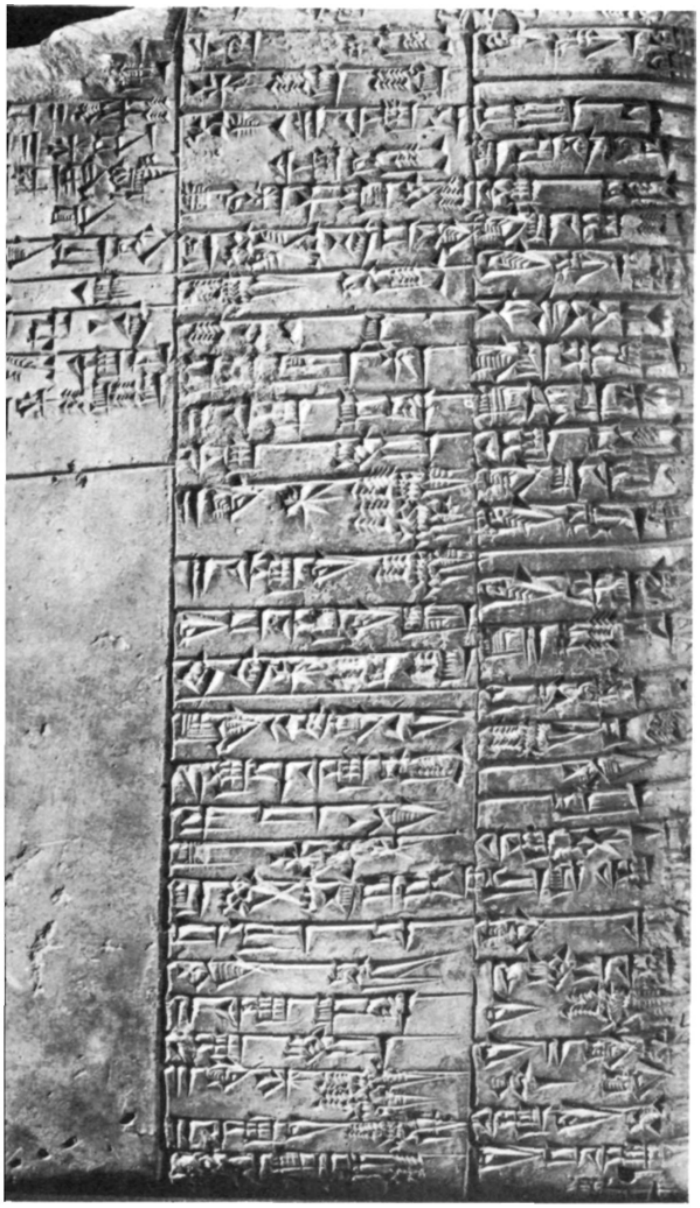
Mapa da cidade de Nippur inscrito em uma tábua de argila datada de cerca de 1500 a.C. A escrita no mapa dá os nomes de vários edifícios, rios e portões e está em sumério e acadiano. (Coleção Hilprecht, Universidade Friederich-Schiller, Jena.)



Estela de Ur-Nammu (calcário). Os dois registros inferiores retratam a construção do templo. (Museu Universitário.)



Reconstrução do templo de Harmal (ca. 1900 a.C.). O templo consistia de um vestíbulo de entrada, pátio, antecela e cela, todos dispostos com portas comunicantes em um único eixo, de modo que o nicho na cela, sobre o qual pode ter apoiado a estátua da divindade, era visível da rua quando todas as portas estavam abertas. Leões de terracota em tamanho natural guardavam as portas. (Reconstrução por Mohammed Ali Mustapha. Museu do Iraque.)



Comprimido médico (ca. 2200 a.C.). Quinze prescrições estão inscritas neste comprimido. (Museu Universitário.)

Cabeça de uma estátua feminina encontrada enterrada no chão do santuário do nível VII do templo Inanna em Nippur (ca. 2500 a.C.). (Expedição Conjunta Nippur do Instituto Oriental e das Escolas Americanas de Pesquisa Oriental.)

Estatueta barbuda de Khafaje (ca. 2600 a.C.) (Museu Universitário.)

A derrota de Naram-Sin nas mãos dos gutianos trouxe confusão política e anarquia para a Suméria, embora o filho de Naram-Sin, Sharkalisharri, pareça ter tentado desfazer algumas das travessuras causadas por seu pai, a julgar por várias de suas inscrições dedicatórias nas quais ele se descreve como "o construtor do Ekur, a casa de Enlil". Mas, se assim fosse, era tarde demais; ele viu seu domínio reduzido à cidade de Agade e seus arredores imediatos. Ele carrega apenas o título de "rei de Agade" e não ousa mais usar o orgulhoso epíteto de seu pai de "rei dos quatro quartos". Com certeza, em suas fórmulas de data, ele reivindica vitórias sobre os gutianos, elamitas e amorreus, mas estas provavelmente foram batalhas defensivas travadas para afastar o inimigo dos portões de Agade. Tudo indica que foram os governantes gutianos que foram o elemento político dominante ao longo das sete ou

oito décadas após a morte de Naram-Sin; eles parecem ter estado em posição de nomear e remover os governantes das cidades sumérias quase à vontade. E por uma razão ou outra – provavelmente porque acharam os ensi's de Lagash flexíveis e cooperativos – os gutianos pareciam favorecer Lagash, que por quase meio século se tornou a cidade dominante no sul da Suméria, controlando às vezes Ur, Umma e talvez até Erech. De qualquer forma, no final do "período Gutiano" encontramos uma dinastia de ensi's em Lagash que levou adiante as políticas políticas e religiosas do grande reformador Urukagina, dando "a César as coisas que são de César" para melhor servir aos deuses.

O fundador desta nova dinastia Lagash de ensi foi Ur-Bau, que nos deixou várias inscrições dedicatórias registrando a construção de numerosos templos em Lagash. Ele também estava no controle de Ur; pelo menos ele foi influente o suficiente para ter sua filha instalada como sacerdotisa de Nanna, a divindade tutelar de Ur. Ur-Bau teve três genros, Gudea, Urgar e Namhani (também escrito Nammahni), cada um dos quais se tornou ensi de Lagash. O rosto bastante imóvel de Gudea e os traços sem expressão tornaram-se familiares ao estudante moderno a partir das inúmeras estátuas dele que foram recuperadas. Alguns deles carregam longas inscrições registrando suas atividades religiosas em conexão com a construção e reconstrução dos templos mais importantes de Lagash. Com eles aprendemos que, apesar da dominação gutiana, Gudea tinha contatos comerciais com praticamente todo o mundo "civilizado" da época. Ele obteve ouro da Anatólia e do Egito, prata da cordilheira de Touro, cedros do Amanus, cobre dos Zagros, diorito do Egito, carneliana da Etiópia e madeira de Dilmun. Ele também não parecia encontrar qualquer dificuldade em obter artesãos de Susa e Elam para a decoração de seu templo. Os dois cilindros de barro de Gudea desenterrados em Lagash há mais de setenta e cinco anos estão inscritos na mais longa obra literária suméria conhecida, perto de quatrocentas linhas de uma composição narrativa, ritualística e hinário, comemorando sua reconstrução do templo principal de Lagash, o Eninnu. Gudea até relata uma importante vitória militar – a sobre o estado de Anshan, vizinho de Elam ao sul. Ele também fala em moldar uma série de armas de culto e simbólicas, como o sharur e maças com cinquenta cabeças. Isso pode indicar uma atividade militar considerável de sua parte, embora talvez apenas como vassalo dos gutianos. Gudea, como seu sogro Ur-Bau, também controlava a cidade de Ur, onde três de suas inscrições foram descobertas.

Gudea foi seguido por seu filho, Ur-Ningirsu, e seu neto, Ugme, que entre eles governaram menos de uma década. Eles foram sucedidos, talvez, por Urgar, outro genro de Ur-Bau, cujo governo, no entanto, era efêmero. Seguiu-se então o terceiro dos genros de Ur-Bau, Namhani, que provavelmente era ensi de Umma, bem como de Lagash. Que Namhani cooperou com os gutianos, e assim poderia ser chamado de traidor da Suméria, é bastante certo, pois ele data uma de suas inscrições para os dias em que "Yarlagan era rei de Gutium". Mas nessa época um salvador havia surgido na Suméria, Utuhegal de Erech, que conseguiu quebrar o jugo gutiano e trazer de volta a realeza para a Suméria. Isso é contado em um tipo historiográfico de poema narrativo composto na época de Utuhegal ou pouco tempo depois.

Começando com uma amarga denúncia dos gutianos, "a cobra (e) escorpião da montanha", por seus ataques cruéis à Suméria, descreve vividamente a campanha vitoriosa de Utuhegal contra o rei gutiano Tirigan, que foi feito prisioneiro e trazido amarrado e vendado diante de Utuhegal para "colocar o pé em seu pescoço".

Mas, apesar de sua vitória retumbante, Utuhegal não deteve por muito tempo o poder sobre a Suméria; as indicações são de que, após cerca de sete anos de governo, o trono foi usurpado por Ur-Nammu, um de seus governadores mais ambiciosos, que conseguiu fundar a última importante dinastia suméria, comumente conhecida como a Terceira Dinastia de Ur. Ur-Nammu, que reinou por dezesseis anos, provou ser um líder militar capaz, um grande construtor e um excelente administrador; Ele promulgou o primeiro código de leis da história registrada do homem.

Ur-Nammu começou seu reinado atacando e matando Namhani, um genro de Ur-Bau de Lagash, que evidentemente estava invadindo o território de Ur, sem dúvida com a ajuda de seus senhores gutianos. Tendo se feito senhor de Ur e de Lagash, ele então passou a estabelecer sua autoridade em toda a Suméria; suas inscrições foram encontradas em Erech, Nippur, Adab e Larsa, bem como em Ur. Ele pode até ter conseguido estender seu controle sobre algumas das terras que fazem fronteira com a Suméria, a julgar por uma de suas fórmulas de data, na qual ele se vangloria de que "ele fez as estradas retas de (as terras) abaixo para (as terras) acima".

Ur-Nammu, a julgar pela afirmação de que "ele havia sido abandonado no campo de batalha como um navio esmagado", provavelmente morreu em batalha com os gutianos, que, apesar da alardeada vitória de Utuhegal, continuaram a perturbar a Suméria durante todo o período da Terceira Dinastia de Ur. Ele foi sucedido por seu filho, Shulgi, que governou quarenta e oito anos e inaugurou um período de relativa paz e prosperidade para a Suméria. Shulgi estendeu seu domínio sobre Elam e Anshan para o leste e também sobre os povos nômades das cordilheiras de Zagros. Ele ainda estava no controle de Ashur e Irbil em território subariano ao extremo norte da Suméria. Que ele teve problemas consideráveis em pacificar e subjugar os subarianos, no entanto, é mostrado por uma carta que um de seus altos funcionários, Aradmu de nome, enviou a ele de algum lugar em Subir. Aradmu havia sido incumbido por Shulgi "de manter em boas condições as estradas de expedição para a terra de Subir", de estabilizar as fronteiras do país, de "dar a conhecer os caminhos do país" e de "aconselhar os sábios da assembleia contra (?) a semente suja (?) (?)", o último termo provavelmente sendo um epíteto depreciativo para algum líder subariano não identificado que se recusou a se submeter à autoridade de Shulgi. Mas Aradmu achou a situação bastante desesperadora; a "semente suja" parecia ser rica e poderosa, e ele tanto aterrorizou e desmoralizou Aradmu que este só pôde clamar por ajuda de Shulgi. Também temos a resposta de Shulgi a esta carta em que Shulgi suspeita Aradmu de traição e faz uso de ameaças e cajolearia em um esforço para impedir Aradmu de se juntar aos rebeldes subarianos.

Shulgi, como foi apontado recentemente, pode ter tentado seguir conscientemente os passos de Naram-Sin, o quarto governante da dinastia semítica de Acádia. Como este último, ele tomou o título de "rei dos quatro quartos" e se divinizou durante sua vida. Sua rainha era uma enérgica e ativa senhora semítica chamada Abisimti, que

sobreviveu a Shulgi e continuou como rainha viúva sob os três sucessores de Shulgi, dois dos quais pelo menos - Shu-Sin e Ibbi-Sin - tinham nomes semíticos. Mas embora Shulgi pareça ter sido semiticamente orientado, ele era um grande amante da literatura e da cultura sumérias e um dos principais patronos da escola suméria, a edubba (ver capítulo vi). Em seus hinos, ele se vangloria do aprendizado e da erudição que ele mesmo obteve na edubba nos dias de sua juventude, e afirma ter dominado seu currículo e se tornado um hábil escriba.

Shulgi foi seguido por seu filho Amar-Sin, que governou apenas nove anos, mas conseguiu manter o controle sobre a Suméria e suas províncias, incluindo a distante Ashur ao norte. Seu irmão Shu-Sin, que o sucedeu, também governou nove anos. É no decorrer de seu reinado que ouvimos pela primeira vez uma séria incursão da Suméria por um povo semita conhecido como os amorreus do deserto sírio e árabe. Shu-Sin achou necessário construir uma enorme muralha fortificada para manter esses nômades bárbaros à distância, embora com pouco sucesso. Nos primeiros anos do reinado de Ibbi-Sin, o quinto e último da dinastia Ur-Nammu, os amorreus fizeram grandes incursões, e seus ataques, juntamente com os dos elamitas para o leste, obrigaram Ibbi-Sin a construir grandes muralhas e fortificações sobre sua capital, Ur, bem como o centro religioso da Suméria, Nippur.

Ibbi-Sin conseguiu manter-se como governante da Suméria por vinte e quatro anos. Mas durante todo o seu reinado sua situação foi insegura e até patética; Na maior parte do tempo, ele estava confinado à cidade de Vossa Excelência, que muitas vezes sofria fome e fome. Como resultado das incursões dos amorreus e dos ataques dos elamitas, seu império cambaleou e desmoronou, e os governadores de todas as cidades mais importantes da Suméria acharam aconselhável abandonar seu rei e se defender. Ficamos sabendo desse lamentável estado de coisas principalmente pela correspondência de Ibbi-Sin com seus governadores provinciais, que fornece uma imagem gráfica do Ibbi-Sin bastante confuso e patético e de seus funcionários ardilosos, ambiciosos e de duplo trato.

O texto de três cartas pertencentes a esta correspondência real está agora disponível. O primeiro contém um relatório enviado a Ibbi-Sin por Ishbi-Erra sobre os resultados de uma expedição de compra de grãos com a qual Ibbi-Sin o havia acusado; a carta lança uma luz considerável sobre as incursões dos amorreus na Suméria ocidental, bem como sobre as dificuldades que os elamitas estavam fazendo para Ibbi-Sin. Ishbi-Erra começa seu relatório com a afirmação de que conseguiu comprar setenta e dois mil gur de grãos ao preço normal de um siclo por gur; mas tendo ouvido que os amorreus hostis haviam entrado na Suméria e "tomado as grandes fortalezas uma após a outra", ele trouxe o grão não para a capital, mas para Isin. Se o rei agora lhe enviar seiscentos barcos de cento e vinte gur cada, ele continua, ele entregará os grãos às várias cidades da Suméria; no entanto, ele deve ser encarregado "dos locais onde os barcos devem ser atracados". A carta termina com um apelo a Ibbi-Sin para não ceder aos elamitas – presumivelmente, eles estavam realmente sitiando Ur e seus arredores – pois ele tinha grãos suficientes para saciar a fome do "palácio e suas cidades" por quinze anos. Em qualquer caso, ele implora, o rei deve colocá-lo no comando de Nippur e Isin.

Que Ibbi-Sin tinha grande confiança em Ishbi-Erra e realmente confiou Nippur e Isin a ele, aprendemos com sua carta de resposta, que embora ainda inédita foi recentemente resumida por Thorkild Jacobsen. Infelizmente para Ibbi-Sin, Ishbi-Erra revelou-se tão desleal quanto capaz e competente; ele foi bem sucedido não apenas em defender Isin e Nippur, mas também em usurpar o trono de seu mestre. Isso nós aprendemos, é claro, não com a correspondência de Ishbi-Erra com Ibbi-Sin, mas com uma carta escrita a este último por Puzur-Numushda, um governador da cidade Kazallu, e a resposta de Ibbi-Sin.

De acordo com a carta de Puzur-Numushda, Ishbi-Erra havia se estabelecido firmemente como o governante de Isin, que ele havia transformado em sua residência real; além disso, ele havia subjugado Nipur e estendido seu domínio ao longo do Tigre e Eufrates, desde Hamazi, no norte e no leste, até o Golfo Pérsico. Ele havia feito prisioneiros os governadores de Ibbi-Sin que permaneceram leais e retornou ao cargo aqueles que presumivelmente haviam sido demitidos por Ibbi-Sin por causa de sua deslealdade. A patética impotência e o lamentável vacilo de Ibbi-Sin são revelados em sua resposta a Puzur-Numushda. Embora ele percebesse muito bem que este último estava a ponto de traí-lo – ele realmente não havia marchado em ajuda dos governadores leais de Ibbi-Sin, embora um seleto corpo de tropas tivesse sido colocado à sua disposição para esse fim – ele não podia fazer nada mais do que implorar a ele que permanecesse leal, com as garantias duvidosas de que, de alguma forma, Ishbi-Erra, "que não é de semente suméria", fracassaria em sua ambição de se tornar mestre da Suméria e que os elamitas seriam derrotados, pois "Enlil expulsou os amorreus de sua terra, e eles derrubarão os elamitas e capturarão Ishbi-Erra" – os mesmos amorreus, por incrível que pareça, que vinham assolando a Suméria desde os dias de Shu-Sin, Antecessor de Ibbi-Sin.

Com o crescimento da independência e do poder de Ishbi-Erra, a Suméria viu-se sob o domínio de dois reis: Ibbi-Sin, cujo domínio era limitado à sua capital, Ur, e Ishbi-Erra, que controlava a maioria das outras cidades da Suméria a partir de sua capital, Isin. No vigésimo quinto ano do reinado de Ibbi-Sin, no entanto, os elamitas finalmente capturaram Ur e levaram Ibbi-Sin um prisioneiro, deixando uma guarnição no controle da cidade. Vários anos depois, Ishbi-Erra atacou esta guarnição e a expulsou de Ur, tornando-se assim rei de toda a Suméria, com Isin como sua capital.

Ishbi-Erra fundou uma dinastia em Isin que durou mais de dois séculos, embora seus governantes posteriores não fossem seus descendentes diretos. Teoricamente, Isin reivindicava a suserania de toda a Suméria e Acádia. Na verdade, no entanto, a terra estava se dividindo em várias cidades-estado sob governantes separados, e não havia mais um império centralizado. Por quase um século, é verdade, Isin permaneceu o mais poderoso desses estados; controlava Ur, a antiga capital imperial, e Nippur, que continuou como centro espiritual e intelectual da Suméria durante todo este período. O quarto governante da dinastia Isin, Ishme-Dagan, orgulha-se nos hinos de restaurar Nippur à sua antiga glória; antes de seu reinado, parece ter sofrido um ataque severo nas mãos de um inimigo, talvez os assírios do norte. Seu filho e sucessor, Lipit-Ishtar, reivindicou o controle sobre as principais divindades da

Suméria e tomou o orgulhoso título de "rei da Suméria e da Acádia". No início de seu reinado, ele promulgou um novo código de lei sumério, que foi o modelo do famoso código de Hamurabi, embora este último esteja escrito na língua acadiana, não na suméria.

Mas no terceiro ano do reinado de Lipit-Ishtar, um governante ambicioso e dinâmico chamado Gungunum chegou ao trono de Larsa, uma cidade a sudeste de Isin, e começou a construir a força política da cidade com uma série de sucessos militares na região de Elam e Anshan. Apenas alguns anos depois encontramos esse mesmo Gungunum no controle de Ur, a antiga capital imperial que significou muito para o prestígio e poder de Isin. Com certeza, foi uma ocupação "amigável" – Ur foi ameaçada por uma nova invasão dos amorreus – mas a partir daí Isin deixou de ser uma força política significativa, embora tenha mantido algumas de suas antigas reivindicações por mais um século ou mais. Foi finalmente atacado e tomado por Rim-Sin, o último governante de Larsa, que deu tanta importância a esta conquista que ele datava todos os documentos ao longo dos últimos trinta anos de seu reinado por este evento.

Mas o próprio Rim-Sin foi incapaz de explorar sua vitória. Ao norte, na cidade anteriormente sem importância da Babilônia, um notável governante semítico chamado Hamurabi ganhou destaque. Após cerca de três décadas de um governo bastante conturbado, ele atacou e derrotou Rim-Sin de Larsa, bem como os reis de Elam, Mari e Eshnunna, e assim, por volta de 1750 a.C., tornou-se o governante de um reino unido que ia do Golfo Pérsico ao rio Habur. Com Hamurabi, a história da Suméria chega ao fim, e a história da Babilônia, um estado semítico construído sobre uma base suméria, começa.

CAPÍTULO TERCEIRO
SOCIEDADE: A Cidade Suméria

A civilização suméria era essencialmente de caráter urbano, embora se apoiasse em uma base agrícola e não industrial. A terra Suméria, no terceiro milênio a.C., consistia de uma dúzia de cidades-estado, cada uma com uma cidade grande e geralmente murada cercada por vilas e vilarejos suburbanos. A característica marcante de cada cidade era o templo principal situado em um terraço alto, que gradualmente se desenvolveu em uma enorme torre encenada, um zigurata, a contribuição mais característica da Suméria para a arquitetura religiosa. O templo geralmente consistia de um santuário central retangular, ou cela, cercado em seus lados longos por um número de salas para o uso dos sacerdotes. Na cela havia um nicho para a estátua do deus, encimado por uma mesa de oferendas feita de tijolos de barro. O templo foi construído em grande parte de tijolos de barro, e como este material não é atraente em textura e cor, os arquitetos sumérios embelezaram as paredes por meio de contrafortes e recessos regularmente espaçados. Eles também introduziram a coluna de tijolos de barro e a meia-coluna, que cobriram com padrões de ziguezagues, pastilhas e triângulos, inserindo milhares de cones de argila pintados no gesso de lama espessa. Às vezes, as paredes internas do santuário foram pintadas com afrescos de figuras humanas e animais, bem como uma variedade variada de motivos geométricos.

O templo era o maior, mais alto e mais importante edifício da cidade, de acordo com a teoria aceita pelos líderes religiosos sumérios e remontando sem dúvida aos tempos muito antigos que toda a cidade pertencia ao seu deus principal, a quem tinha sido atribuído no dia em que o mundo foi criado. Na prática, no entanto, a corporação do templo possuía apenas parte das terras, que alugava aos meeiros; o restante era propriedade privada de cidadãos individuais. Nos primórdios, o poder político estava nas mãos desses cidadãos livres e de um governador da cidade conhecido como ensi, que não passava de um par entre pares. No caso de decisões vitais para a cidade como um todo, esses cidadãos livres se reuniam em uma assembleia bicameral composta por uma câmara alta de "anciãos" e uma câmara baixa de "homens". À medida que a luta entre as cidades-estado se tornava mais violenta e amarga, e à medida que as pressões dos povos bárbaros a leste e oeste da Suméria aumentavam, a liderança militar tornou-se uma necessidade premente, e o rei, ou como é conhecido em sumério, o "homem grande", passou a ocupar um lugar superior. No início, ele provavelmente foi selecionado e nomeado pela assembleia em um momento crítico para uma tarefa militar específica. Mas, aos poucos, a realeza, com todos os seus privilégios e prerrogativas, tornou-se uma instituição hereditária e foi considerada a própria marca da civilização. Os reis estabeleceram um exército regular, com a carruagem - o antigo "tanque" - como a principal arma ofensiva e uma infantaria fortemente blindada que atacava em formação de falange.

As vitórias e conquistas da Suméria foram devidas em grande parte a essa superioridade em armas militares, táticas, organização e liderança. Com o passar do tempo, portanto, o palácio começou a rivalizar com o templo em riqueza e influência.

Mas padres, príncipes e soldados constituíam, afinal, apenas uma pequena fração da população da cidade. A grande maioria eram fazendeiros e pecuaristas, barqueiros e pescadores, comerciantes e escribas, médicos e arquitetos, pedreiros e carpinteiros, ferreiros, joalheiros e oleiros. Havia, é claro, um número de famílias ricas e poderosas que possuíam grandes propriedades; mas mesmo os pobres conseguiam possuir fazendas e roças, casas e gado. Os mais laboriosos artesãos e artesãos vendiam seus produtos artesanais no mercado livre da cidade, recebendo pagamento em espécie ou em "dinheiro", que normalmente era um disco ou anel de prata de peso padrão. Os mercadores viajantes realizavam um comércio próspero de cidade em cidade e com os estados vizinhos por terra e mar, e não poucos desses comerciantes eram provavelmente indivíduos privados, em vez de representantes de templos ou palácios.

Segue-se, então, um esboço da estrutura econômica da cidade-estado suméria baseado principalmente na análise esclarecedora de Diakanoff. A visão de que a economia suméria era relativamente livre e que a propriedade privada era a regra e não a exceção contraria a afirmação de vários estudiosos orientais de que a cidade-estado suméria era uma teocracia totalitária dominada pelo templo, que possuía toda a terra e estava no controle absoluto de toda a economia. O fato de que a esmagadora maioria das tábuas da Suméria pré-sargônica, isto é, da Suméria de cerca de 2400 a.C., são documentos de inventário dos templos de Lagash, que tratam exclusivamente da terra e do pessoal do templo, levou os estudiosos à conclusão injustificada de que toda a terra de Lagash – e, presumivelmente, das outras cidades-estado – era propriedade do templo. No entanto, também é verdade que existem muitos documentos de Lagash, bem como de outros locais, que indicam claramente que os cidadãos das cidades-estado poderiam comprar e vender os seus campos e casas, para não mencionar todos os tipos de bens móveis. Assim, por exemplo, vários documentos de cerca de 2500 a.C. foram desenterrados em Fara e Bismaya que registram vendas de imóveis por particulares, e eles são, sem dúvida, apenas uma pequena fração daqueles ainda sob terra. De Lagash vem uma tábua de pedra registrando uma venda de terras para Enhegal, um rei de Lagash e um antecessor de Ur-Nanshe, o que mostra que mesmo um rei não poderia simplesmente confiscar propriedades quando quisesse, mas tinha que pagar por elas. Outro documento de pedra foi encontrado em que um Lummatur, filho de Enannatum I, compra terras de vários indivíduos e famílias. No texto da reforma Urukagina encontramos que mesmo os pobres e humildes possuem casas, jardins e lagoas de pesca. Mas a ideia de uma teocracia do templo no controle absoluto da cidade havia tomado conta das mentes de vários estudiosos-chave e, para extirpá-la, um reestudo minucioso das centenas de documentos econômicos disponíveis, especialmente os de Lagash, era uma necessidade urgente. Isso foi alcançado por I. M. Diakanoff, um estudioso russo

que dedicou muito tempo e trabalho à tarefa e cujo estudo detalhado apareceu em 1959.

O erro fundamental que levou à suposição de que o templo de cada cidade-estado possuía todas as suas terras foi cometido pelo falecido Anton Deimel, um estudioso altamente produtivo que dedicou muitos anos ao estudo dos documentos de Lagash e contribuiu significativamente para os estudos cuneiformes como um todo. Somando todas as parcelas de terra nelas mencionadas, ele estimou que a área total das propriedades do templo em Lagash estava entre duzentos e trezentos quilômetros quadrados, um número bastante justificável, que, quando muito, é muito baixo. Mas ele passa a supor que essa era a área total da cidade-estado de Lagash, uma alegação que é bastante injustificada pelos dados. Ao estudar mais cuidadosamente todos os documentos Lagash disponíveis, Diakanoff estima que o território de Lagash provavelmente compreendia cerca de três mil quilômetros quadrados, dos quais cerca de dois mil consistiam em terras naturalmente irrigadas. A área total das propriedades do templo, mesmo que a estimativa de Deimel fosse dobrada – como há alguma razão para acreditar que deveria ser – compreenderia uma fração considerável do território da cidade-estado, mas apenas uma fração. Esse terreno do templo, que não podia ser comprado, vendido ou alienado de forma alguma, foi dividido em três categorias: (1) nigenna – terra que era reservada para a manutenção do templo; (2) kurra — terras destinadas aos agricultores que trabalhavam na terra nigenna e também aos artesãos e parte do pessoal administrativo do templo em pagamento por seus serviços (esta terra não poderia ser herdada e poderia ser trocada ou retirada completamente pela administração do templo sempre que decidisse fazê-lo por um motivo ou outro); e (3) urulal — terras destinadas em troca de uma parte da colheita a diferentes indivíduos, mas especialmente ao pessoal do templo para complementar sua renda.

Quanto às terras que não pertenciam ao templo e que compreendiam de longe a maior parte do território da cidade-estado, os documentos mostram que grande parte dela pertencia à "nobreza", isto é, aos príncipes governantes e suas famílias e administradores palacianos, bem como aos sacerdotes mais importantes. Essas famílias nobres muitas vezes possuíam enormes propriedades medindo centenas de hectares, grande parte das quais eles obtinham por compra dos cidadãos menos afortunados. O trabalho nessas propriedades era realizado por clientes ou dependentes, cujo status se assemelhava ao dos dependentes do templo, que eram clientes dos funcionários e administradores do templo mais prósperos. O resto da terra – isto é, a terra que não pertencia ao templo ou à nobreza – pertencia aos cidadãos comuns da comunidade, provavelmente mais da metade da população. Esses cidadãos livres ou plebeus estavam organizados em grandes famílias patriarcais e também em clãs patriarcais e comunidades da cidade. As terras hereditárias na posse das famílias patriarcais desde os primórdios podiam ser alienadas e vendidas, mas apenas por algum membro ou membros da família – não necessariamente o chefe – que atuasse como representante escolhido da comunidade familiar. Normalmente, outros membros da família participaram da transação como testemunhas, indicando assim sua concordância e consentimento; Essas testemunhas

recebiam um pagamento, assim como os próprios vendedores, embora geralmente fosse mais ou menos nominal. Em muitos casos, testemunhas não remuneradas do lado do comprador também foram registradas, e às vezes representantes do governo participaram das transações.

Em suma, como resultado das investigações detalhadas e imaginativas de Diakanoff, temos um quadro da estrutura socioeconômica da cidade-estado suméria que é bastante diferente daquela atualmente em voga entre os estudiosos orientais. Vemos que a população era composta por quatro categorias: nobres, plebeus, clientes e escravos. A nobreza possuía grandes propriedades, em parte como particulares, em parte sob a forma de bens familiares, que eram trabalhados por clientes livres ou dependentes, bem como escravos. Era a nobreza, também, que controlava as terras do templo, embora esta terra gradualmente ficasse sob o domínio do governante e mais tarde até se tornasse sua propriedade. A câmara alta da assembleia, ou "reunião da cidade", provavelmente consistia dos membros da nobreza.

O plebeu possuía seu próprio terreno na cidade-estado, mas como membro de uma família e não como indivíduo; Foram os plebeus que provavelmente constituíram a câmara baixa da assembleia.

Os clientes consistiam em três categorias: (1) os dependentes abastados do templo, como os administradores do templo e artesãos mais importantes; (2) a grande massa do pessoal do templo; e (3) os dependentes da nobreza. A maioria dos clientes nas duas primeiras categorias recebeu pequenos lotes de terra do templo (mas apenas como posses temporárias), embora alguns tenham recebido rações de comida e lã. Os clientes dos nobres, que trabalhavam em suas propriedades, sem dúvida também eram pagos de acordo com arranjos semelhantes.

A escravidão era uma instituição reconhecida, e templos, palácios e propriedades ricas possuíam escravos e os exploravam para seu próprio benefício. Muitos escravos eram prisioneiros de guerra, embora não necessariamente estrangeiros, já que podiam ser sumérios de uma cidade vizinha derrotados em batalha. Os escravos sumérios eram recrutados de outras maneiras. Os homens livres podem ser reduzidos à escravidão como punição por certos delitos. Os pais poderiam vender seus filhos como escravos em tempo de necessidade, ou um homem poderia entregar toda a sua família aos credores em pagamento de uma dívida, embora não por mais de três anos. O escravo era propriedade de seu senhor como qualquer outro senhor. Ele poderia ser marcado e açoitado e era severamente punido se tentasse escapar. Por outro lado, era vantajoso para seu senhor que seu escravo permanecesse forte e saudável, e os escravos eram, portanto, geralmente bem tratados. Eles até tinham certos direitos legais: podiam fazer negócios, pedir dinheiro emprestado e comprar sua liberdade. Se um escravo, homem ou mulher, se casasse com uma pessoa livre, os filhos eram livres. O preço de venda de um escravo variava de acordo com o mercado e o indivíduo envolvido; Um preço médio para um homem crescido era de vinte siclos, que às vezes era menor do que o preço de um jumento.

A unidade básica da sociedade suméria era, como conosco, a família, cujos membros estavam unidos por amor, respeito e obrigações mútuas. O casamento foi arranjado pelos pais, e o noivado foi legalmente reconhecido assim que o noivo

apresentou um presente de noiva ao pai. O noivado era muitas vezes consumado com um contrato inscrito em um tablet. Embora o casamento tenha sido assim reduzido a um arranjo prático, há algumas evidências que mostram que o amor pré-marital sub-reptício não era totalmente desconhecido. Uma mulher na Suméria tinha certos direitos legais importantes: ela podia deter propriedades, se envolver em negócios e se qualificar como testemunha. Mas seu marido poderia se divorciar dela por motivos relativamente leves, e se ela não tivesse filhos, ele poderia se casar com uma segunda esposa. Os filhos estavam sob a autoridade absoluta de seus pais, que podiam deserdá-los ou até mesmo vendê-los como escravos. Mas, no curso normal dos acontecimentos, eles eram muito amados e acarinhados e, com a morte dos pais, herdaram todos os seus bens. Crianças adotadas não eram incomuns, e elas também eram tratadas com o máximo cuidado e consideração.

Como se pode depreender do que já foi dito sobre a organização social e econômica, o direito escrito desempenhou um grande papel na cidade suméria. A partir de cerca de 2700 a.C., encontramos escrituras reais de vendas, incluindo vendas de campos, casas e escravos. A partir de cerca de 2350 a.C., durante o reinado de Urukagina de Lagash, temos um dos documentos mais preciosos e reveladores da história do homem e sua luta perene e implacável pela libertação da tirania e da opressão. Este documento registra uma reforma abrangente de toda uma série de abusos prevalentes, a maioria dos quais poderia ser atribuída a uma burocracia onipresente e desagradável que consistia no governante e sua coterie palaciana; Ao mesmo tempo, fornece um quadro sombrio e ameaçador da crueldade do homem para com o homem em todos os níveis – social, econômico, político e psicológico. Lendo nas entrelinhas, também temos um vislumbre de uma amarga luta pelo poder entre o templo e o palácio – a "igreja" e o "Estado" – com os cidadãos de Lagash tomando o lado do templo. Finalmente, é neste documento que encontramos a palavra "liberdade" usada pela primeira vez na história registrada do homem; a palavra é amargi, que, como foi recentemente apontado por Adam Falkenstein, significa literalmente "retorno à mãe". No entanto, ainda não sabemos por que essa figura de linguagem passou a ser usada para a "liberdade".

Dos eventos que levaram ao estado de coisas corrupto, sem lei e opressivo em Lagash, conforme descrito no documento de reforma de Urukagina não há um vestígio no texto em si. Mas podemos supor que eles foram o resultado direto das forças políticas e econômicas soltas pela pulsão de poder que caracterizou a dinastia governante fundada por Ur-Nanshe por volta de 2500 a.C. Atingidos por ambições grandiosas para si e seu Estado, alguns dos governantes recorreram a guerras imperialistas e conquistas sangrentas. Em alguns casos, eles tiveram um sucesso considerável, e por um breve período, um deles, Eannatum, estendeu o domínio de Lagash sobre a Suméria como um todo e até mesmo sobre vários dos estados vizinhos. As vitórias anteriores se mostraram efêmeras, no entanto, e em menos de um século Lagash foi reduzido aos seus limites anteriores e status anterior. Quando Urukagina chegou ao poder, Lagash estava tão enfraquecida que era uma presa pronta para seu inimigo implacável ao norte, a cidade-estado de Umma.

Foi no decurso destas guerras cruéis e das suas trágicas consequências que os cidadãos de Lagash se viram privados da sua liberdade política e económica; pois, para levantar exércitos e fornecer-lhes armas e equipamentos, os governantes acharam necessário infringir os direitos pessoais do cidadão individual, tributar sua riqueza e propriedade até o limite e apropriar-se, também, dos bens pertencentes ao templo. Sob o impacto da guerra, eles encontraram pouca oposição. E uma vez introduzido, o palácio mostrou-se mais relutante em abrir mão dos controles domésticos, mesmo em tempos de paz, pois eles haviam se mostrado altamente lucrativos. De fato, nossos antigos burocratas haviam inventado uma variedade de fontes de receita e renda, impostos e impostos, que de certa forma poderiam muito bem ser a inveja de seus colegas modernos. Os cidadãos eram jogados na cadeia sob o menor pretexto: por dívidas, não pagamento de impostos ou acusações forjadas de roubo e assassinato.

Mas que o historiador que viveu em Lagash há mais de quarenta e duzentos anos, e que foi, portanto, contemporâneo dos acontecimentos que relata, o conte mais ou menos com suas próprias palavras. Três versões duplicadas de seu texto, e pode muito bem ter havido mais, foram desenterradas em Lagash indicando que Urukagina e seus colegas reformadores estavam orgulhosos, e não injustificadamente, da revolução social e moral que haviam provocado.

Nos dias que antecederam Urukagina, ou como o autor diz pomposamente, "antigamente, desde os dias de outrora, desde (o dia) em que a semente (do homem) surgiu", os nomeados do palácio praticaram abusos como confiscar, presumivelmente sem direito ou mandado, propriedades pertencentes aos cidadãos de Lagash – seus burros, ovelhas e pescadores. Outros cidadãos foram mais ou menos indiretamente poupados de seus bens e posses, sendo obrigados a ter suas rações medidas no palácio, muito em seu desfavor, ou a trazer suas ovelhas ao palácio para tosquiar e pagar em "dinheiro frio" pelo serviço, pelo menos em certos casos específicos.

Se um homem se divorciasse de sua esposa, o ensi recebia cinco siclos, e seu vizir recebia um siclo. Se um perfumista fazia uma preparação de óleo, o ensi recebia cinco siclos, o vizir recebia um siclo e o abgal (mordomo do palácio) recebia outro siclo. Quanto ao templo e sua propriedade, o ensi o assumiu como seu. Para citar nosso antigo narrador literalmente: "Os bois dos deuses lavravam as manchas de cebola do ensi; As manchas de cebola e pepino do Ensi estavam localizadas nos melhores campos dos deuses." Além disso, os oficiais mais importantes do templo, particularmente os sanga, foram privados de uma forma ou de outra de muitos de seus burros e bois, bem como de grande parte de seus grãos e roupas de vestuário.

Mesmo a morte não trouxe alívio de taxas e impostos. Quando um morto era levado ao cemitério para o enterro (havia dois graus de cemitérios - um comum e outro chamado "os juncos de Enki"), um grande número de funcionários e parasitas fez seu negócio para estar à disposição para aliviar a família enlutada de quantidades de cevada, pão e vinho de tâmara, e vários móveis. De um extremo ao outro do Estado, observa amargamente nosso venerável repórter, "lá estavam os cobradores de impostos". Não admira, pois, que o palácio se tornasse gordo e próspero. Suas

terras e propriedades formavam uma vasta e contínua propriedade. Nas palavras literais do nosso comentador sumério: "As casas dos ensi e os campos dos ensi, as casas do harém do palácio e os campos do harém do palácio, as casas do viveiro do palácio e os campos do viveiro do palácio amontoavam-se um ao outro."

Também prevaleceram outros abusos aparentemente não diretamente atribuíveis à burocracia palaciana, mas resultantes sem dúvida do estado geral de injustiça, cinismo e autoengrandecimento induzido por suas ações corruptas e opressoras: artesãos e aprendizes foram reduzidos à pobreza abjeta e tiveram que implorar por sua comida. Cegos – presumivelmente, prisioneiros de guerra e escravos que haviam sido cegados para impedi-los de tentar escapar – foram capturados e colocados para regar os campos como animais e receberam apenas comida suficiente para mantê-los vivos. Os ricos, "os grandes" e os supervisores, estavam ficando cada vez mais ricos às custas dos cidadãos menos afortunados, como os shublugal (talvez originalmente, "retentores do rei"), forçando-os a vender seus burros e casas a preços baixos e contra sua vontade. Os indigentes, os pobres, os órfãos e os viúvos eram maltratados e privados de uma forma ou de outra do pouco que tinham pelos homens de poder e influência.

Neste ponto baixo dos assuntos políticos e sociais de Lagash, nos diz nosso historiador sumério, o novo e temente a Deus, Urukagina, foi escolhido por Ningirsu, a divindade tutelar da cidade, entre toda a multidão de cidadãos Lagash e ordenado a restabelecer as "leis divinas" que haviam sido abandonadas e negligenciadas por seus antecessores. Urukagina se aproximou das palavras de Ningirsu e cumpriu plenamente os mandamentos do deus. Ele proibiu práticas como a apreensão de jumentos, ovelhas e pescarias pertencentes aos cidadãos, e a exação de pagamento ao palácio de uma forma ou de outra para medir suas rações e tosquiar suas ovelhas. Quando um homem se divorciava de sua esposa, nem o ensi nem seu vizir recebiam nada. Quando um perfumista fazia uma preparação de óleo, nem o ensi, nem o vizir, nem o abgal recebiam nada. Quando um morto era levado ao cemitério para o enterro, os vários funcionários recebiam consideravelmente menos dos bens do morto do que antigamente, em alguns casos muito menos da metade. Quanto à propriedade do templo que o ensi havia apropriado para si, ele, Urukagina, a devolveu aos proprietários apropriados, os deuses; Na verdade, agora parece que os administradores do templo foram colocados no comando do palácio do ensi, bem como os palácios de sua esposa e filhos. De um extremo ao outro da terra, observa nosso historiador contemporâneo, "não havia cobradores de impostos".

Mas remover os onipresentes oficiais de justiça, cobradores de impostos e outros funcionários parasitas não foi a única conquista de Urukagina. Ele também pôs fim à injustiça e à exploração sofridas pelos pobres nas mãos dos ricos e poderosos. Rações permanentes de comida e bebida foram destinadas às guildas de artesãos, certos trabalhadores cegos e outros trabalhadores, e também vários sacerdotes de gala (provavelmente cantores do templo). Artesãos e aprendizes não precisavam mais implorar por sua comida. Para evitar que os supervisores e "homens grandes" se aproveitassem de cidadãos menos afortunados, como os shublugal, ele promulgou duas portarias proibindo-os de forçar seus irmãos mais humildes a vender seus

burros ou suas casas contra sua vontade. Ele anistiou e libertou os cidadãos de Lagash que haviam sido presos por dívidas ou falta de pagamento de impostos ou por acusações falsas (presumivelmente) de roubo ou assassinato. Quanto ao órfão e à viúva, vítimas prontas e indefesas dos ricos e poderosos, "Urukagina fez um pacto com o deus Ningirsu de que um homem de poder não deve cometer uma injustiça contra eles".

Finalmente, em uma das versões do documento de Urukagina (ver páginas 321-22), encontramos uma série de regulamentos que, se corretamente traduzidos e interpretados, não devem ser de pouca importância para a história do direito; indicam que os tribunais sumérios enfatizaram muito a necessidade de manifestar a todos, por meio da palavra escrita, a culpa pela qual o acusado foi punido. Assim, o ladrão e a mulher que se casam com dois maridos devem ser apedrejados com pedras nas quais sua má intenção foi inscrita; e a mulher que pecou ao dizer algo a um homem que ela não deveria ter dito (o texto que dá suas palavras é infelizmente ininteligível) deve ter seus dentes esmagados com tijolos queimados sobre os quais, presumivelmente, sua ação culpada foi inscrita.

Como é evidente no texto da reforma de Urukagina , a promulgação de leis e regulamentos legais pelos governantes dos estados sumérios foi um fenômeno comum em 2400 a.C. e provavelmente até consideravelmente antes. Não é descabido inferir, portanto, que nos três séculos que se seguiram, mais de um juiz oficial, ou arquivista palaciano, ou professor da edubba deve ter tido a ideia de escrever as leis ou precedentes atuais e passados para fins de referência ou ensino. Mas, até hoje, nenhuma dessas compilações foi recuperada para o período entre os dias de Urukagina e os de Ur-Nammu, o fundador da Terceira Dinastia de Ur, que começou seu reinado por volta de 2050 a.C.

O código de lei Ur-Nammu foi originalmente inscrito sem dúvida em uma estela de pedra, não muito diferente daquele em que o código de lei acadiano de Hamurabi foi inscrito cerca de três séculos depois. Mas o que foi descoberto até hoje não é essa estela original, nem mesmo uma cópia contemporânea dela, mas uma tábua de argila mal preservada preparada várias centenas de anos depois. Esta tábua foi dividida pelo antigo escriba em oito colunas, quatro no anverso e quatro no reverso. Cada uma das colunas continha cerca de quarenta e cinco pequenos espaços regrados; menos da metade deles já está legível. O anverso contém um longo prólogo que é apenas parcialmente inteligível por causa das inúmeras quebras no texto. Resumidamente, seu conteúdo pode ser reconstruído em parte da seguinte forma.

Depois que o mundo foi criado e depois que o destino da terra Suméria e da cidade Ur foi decidido, An e Enlil, as duas principais divindades do panteão sumério, nomearam o deus-lua, Nanna, como o rei de Ur. Então, um dia, Ur-Nammu foi escolhido pelo deus como seu representante terreno para governar a Suméria e Ur. Os primeiros atos do novo rei foram relacionados com a segurança política e militar de Ur e da Suméria. Em particular, ele achou necessário lutar contra a cidade-estado fronteiriça de Lagash, que estava se expandindo às custas de Ur. Ele derrotou e matou seu governante, Namhani, e então, "com o poder de Nanna, o rei da cidade", ele restabeleceu os antigos limites de Ur.

Agora chegou a hora de nos voltarmos para os assuntos internos e instituir reformas sociais e morais. Removeu os cinzeladores e enxertos, ou como o próprio código os descreve, os "pegadores" dos bois, ovelhas e burros dos cidadãos. Ele então estabeleceu e regulamentou pesos e medidas honestos e imutáveis. Ele cuidou para que "o órfão não caísse presa dos ricos", "a viúva não caísse presa dos poderosos" e "o homem de um siclo não caísse presa do homem de uma mina (sessenta siclos)". E, embora a passagem relevante seja destruída, este lado da tábua continha sem dúvida uma declaração no sentido de que Ur-Nammu promulgou as leis que se seguiram para assegurar a justiça na terra e promover o bem-estar de seus cidadãos.

As próprias leis provavelmente começaram no reverso da tábua e estão tão danificadas que apenas o conteúdo de cinco delas pode ser restaurado com algum grau de certeza. Um deles trata de uma acusação de bruxaria e envolve um julgamento pelo calvário da água; outro trata da devolução de um escravo ao seu senhor. Mas são as outras três leis, fragmentárias e difíceis como são os seus conteúdos, que são de especial importância para a história do crescimento social e espiritual do homem; pois mostram que, mesmo antes de 2000 a.C., a lei do "olho por olho" e do "dente por dente" já havia dado lugar à abordagem muito mais humana, na qual uma multa em dinheiro era substituída como punição. Essas três leis têm a seguinte redação:

> Se um homem cortou com um . . - instrumentar o pé de outro homem cujo . . . . . , pagará 10 siclos de lascas.
> Se um homem cortou com uma arma os ossos de outro homem cujo . . . , pagará 1 mina de prata.
> Se um homem cortou com um instrumento geshpu, o nariz de outro homem, ele pagará 2/3 de uma mina de prata.

Até hoje, nenhum código de lei foi descoberto de nenhum dos outros governantes da Terceira Dinastia de Ur, a dinastia fundada por Ur-Nammu. Mas para o período de trinta e oito anos que começa com o trigésimo segundo ano de Shulgi, filho e sucessor de Ur-Nammu, e termina com o terceiro ano do trágico e patético Ibbi-Sin, temos um grupo de mais de trezentos registros judiciais que são altamente reveladores para as práticas legais e procedimentos judiciais das cidades-estado sumérias, bem como para sua organização social e econômica. É certo que todos esses registros provêm de uma época em que os sumérios estavam se aproximando do fim de sua história, mas há pouca dúvida de que eles refletem em algum grau os costumes e modos de dias anteriores.

A grande maioria desses arquivos da corte foram escavados em Lagash e foram copiados, publicados e parcialmente traduzidos por estudiosos franceses, especialmente Charles Virolleaud e Henri de Genouillac. Em 1956, novas transliterações e traduções de todos esses documentos da corte foram publicadas por Adam Falkenstein, juntamente com um comentário detalhado e discussão - adicionando assim mais uma à sua série significativa de contribuições à Sumerologia. O esboço a seguir dos procedimentos legais vigentes na cidade-estado suméria é baseado quase inteiramente na publicação de Falkenstein.

Os registros judiciais são designados pelos próprios antigos escribas como ditilla's, palavra que significa literalmente "processos concluídos". Pelo menos treze deles, no entanto, não são ações judiciais, mas meros notarizações judiciais de

acordos ou contratos envolvendo casamento, divórcio, apoio de uma esposa, presentes, vendas e a nomeação de várias pessoas para os escritórios do templo. O restante, que são todos registros de ações judiciais reais, diz respeito a contratos de casamento, divórcios, heranças, escravos, aluguel de barcos, reivindicações de todos os tipos, penhores e itens diversos como investigações preliminares, intimações, roubo, danos à propriedade e prevaricação no cargo.

Teoricamente – pelo menos na época da Terceira Dinastia de Ur, era o rei de toda a Suméria o responsável pela lei e pela justiça, mas na prática a administração da lei estava nas mãos dos ensi's, os governantes locais das várias cidades-estado. Nos documentos judiciais anteriores, apenas o nome do ensi aparece como uma espécie de assinatura oficial; Mais tarde, o nome da ENSI aparece junto com os nomes dos juízes que decidiram o caso; e ainda mais tarde os nomes dos juízes aparecem sem o nome do ensi. No entanto, na inscrição nos recipientes dos tablets, onde esses documentos foram armazenados e arquivados em ordem cronológica, o nome do ensi geralmente é dado junto com o dos juízes.

O templo, a julgar pelo material disponível, praticamente não desempenhou nenhum papel na administração da justiça, exceto como o lugar onde os juramentos eram administrados. Há um caso, no entanto, em que um indivíduo é descrito como "o juiz da casa de Nanna" (isto é, o templo principal em Ur), e isso pode indicar que havia juízes especiais nomeados pelo templo por uma razão ou outra.

Os tribunais geralmente consistiam de três ou quatro juízes, embora em alguns casos apenas de um ou dois. Não havia juízes de profissão; Dos trinta e seis homens listados como juízes nos documentos, a maioria eram importantes administradores de templos, mercadores marítimos, mensageiros, escribas, policiais, inspetores, augures, prefeitos, arquivistas, anciãos da cidade e até mesmo ensi's. Há, no entanto, vários indivíduos designados como "juízes reais", e um dos documentos termina com as palavras "a ditilla dos sete juízes reais de Nippur", o que aponta para a existência de um tribunal especial em Nippur, talvez uma espécie de tribunal de última instância. Nada se sabe sobre os métodos ou critérios que regem a nomeação dos juízes, o tempo de serviço ou o quanto, se houver, remuneração receberam.

Imediatamente antes dos nomes dos juízes nos arquivos do tribunal, geralmente aparece o nome do mashkim, que parece ter sido uma espécie de funcionário judicial e oficial de justiça encarregado da preparação do caso para o tribunal e de cuidar dos detalhes do processo judicial. Mais de cem mashkim estão listados na ditilla, e todos eles vêm do mesmo estrato social que os juízes; O papel de Mashikim, portanto, também não era uma profissão regular e permanente. Há alguma indicação de que o mashkim foi pago por seus serviços; Assim, há uma declaração em um dos documentos que diz: "1 siclo de prata e 1 cordeiro foram (pagamento) pelo que o mashkim fez".

Em alguns dos ditilla's, os nomes dos juízes e mashkim são seguidos por uma lista de indivíduos descritos como testemunhas de um tipo ou de outro, que parecem representar não os litigantes, mas o público nos julgamentos judiciais.

Em uma ação judicial, o procedimento judicial sumério era o seguinte: uma ação era iniciada por uma das partes ou, se os interesses do Estado estivessem envolvidos,

pela administração estadual. O depoimento prestado ao tribunal pode consistir em declarações prestadas por testemunhas, geralmente sob juramento, ou por uma das partes sob juramento; ou pode ser na forma de documentos escritos ou declarações feitas por "especialistas" ou funcionários importantes. O veredicto foi condicional e tornou-se operacional somente depois que um juramento foi administrado no templo à parte de quem o tribunal exigiu como prova de sua alegação. Esse juramento era geralmente feito às testemunhas - uma ou duas em número - e não aos litigantes, exceto nos casos em que o depoimento das testemunhas era negado pelo litigante. Não era necessário juramento se um documento escrito estivesse disponível para uma das partes. Em alguns momentos, o mashkim que havia participado de uma ação judicial anterior relevante para a questão em questão fez o juramento. O veredicto era geralmente expresso de forma bastante contundente com frases como "ele (isto é, o objeto ou escravo envolvido no litígio) foi confirmado como pertencente a X (a parte vencedora)", ou "X (a parte vencedora) tomou (o objeto ou escravo) como devido", ou mesmo "Y (a parte perdedora) deve pagar". Às vezes, mas nem sempre, o motivo do veredicto era declarado. Após o veredicto, o documento ocasionalmente continha uma cláusula de renúncia e abjuração.

Cerca de duzentos anos depois de Ur-Nammu, um governante da dinastia de Isin chamado Lipit-Ishtar promulgou um código de lei, que foi descoberto na forma de fragmentos de uma grande tabuleta de vinte colunas contendo originalmente todo o texto e quatro tabuletas de "trecho" usadas para a prática escolar. Como o código acadiano de Hamurabi, consiste em três seções: um prólogo, as próprias leis e um epílogo. O prólogo começa com uma declaração colocada na boca do rei, Lipit-Ishtar, que depois de An e Enlil terem dado Nininsinna, a deusa que era a divindade tutelar de Isin, a realeza da Suméria e Acádia, e depois de o terem chamado (Lipit-Ishtar), "ao principado da terra", a fim de trazer "bem-estar aos sumérios e aos acadianos, " ele promulgou um código de justiça na Suméria e na Acádia. Em seguida, ele cita algumas de suas conquistas em relação ao bem-estar de seus súditos: libertou "os filhos e filhas da Suméria e da Acádia" da escravidão que lhes havia sido imposta e restabeleceu uma série de práticas familiares equitativas. O final do prólogo infelizmente está destruído.

Quanto às leis propriamente ditas, o texto disponível permite a restauração total ou parcial de cerca de trinta e oito, praticamente todas pertencentes à segunda metade do código, sendo a primeira metade quase totalmente destruída. O assunto tratado nessas leis inclui a locação de embarcações; imóveis, especialmente pomares; escravos e talvez servos; inadimplência tributária; herança e casamento; aluguel de bois. Imediatamente após a última das leis vem o epílogo, que é apenas parcialmente inteligível por causa das inúmeras quebras no texto. Começa com uma reiteração de Lipit-Ishtar de que ele estabeleceu a justiça na terra e que ele trouxe bem-estar para seu povo. Ele então afirma que montou "esta estela" – o código estava, portanto, como era de se esperar, inscrito em uma estela da qual as tábuas eram cópias – e passa a pronunciar uma bênção sobre aqueles que não a danifiquem de forma alguma e uma maldição contra aqueles que quiserem.

Passando da estrutura socioeconômica da cidade suméria para seus aspectos mais materiais, poderíamos começar tentando estimar o tamanho de sua população. Isso dificilmente pode ser feito, no entanto, com qualquer grau razoável de exatidão, uma vez que não houve censo oficial; pelo menos nenhum vestígio de nenhum foi encontrado até o momento. Para Lagash, Diakanoff (ver acima, página 75), depois de estudar os dados bastante incompletos e indiretos fornecidos pelos textos econômicos, estima uma população livre de cerca de 100.000. E para Ur, por volta de 2000 a.C., quando era a capital da Suméria pela terceira vez, C. L. Woolley, em seu recente artigo, "The Urbanization of Society", estima uma população de cerca de 360.000 almas. Seu número é baseado em comparações tênues e suposições duvidosas, e talvez seja prudente reduzi-lo pela metade, o que ainda daria uma população de cerca de 200.000 habitantes.

Com exceção do temenos, a área sagrada da cidade com seus principais templos e zigurata, a cidade suméria não era um local atraente. Citando Woolley, "Se os bairros residenciais escavados em você dão, como presumivelmente fazem, uma amostra justa da cidade como um todo, vemos algo que cresceu a partir das condições da vila primitiva, não estabelecido em nenhum sistema de planejamento urbano. As ruas não pavimentadas eram estreitas e sinuosas, às vezes meros becos sem saída que levavam a casas escondidas no meio de um grande bloco de edifícios aleatórios; casas grandes e pequenas são tombadas juntas, algumas delas cortiços de telhado plano de um andar de altura, a maioria deles de dois andares, e alguns, aparentemente de três. Pistas abrigadas por toldos e forradas com cabines abertas correspondem aos bazares da moderna cidade do Oriente Médio."

No entanto, a julgar pelas passagens da "Lamentação pela Destruição de Ur" (ver abaixo, páginas 142-44), ela tinha suas atrações: "portões elevados" e avenidas para promessas, bem como avenidas onde as festas eram celebradas. E em "Um Escriba e Seu Filho Perverso" e "O Amor Encontra um Caminho" (ver abaixo, páginas 243–46 e 250–52), aprendemos que a cidade tinha uma praça pública que não era desprovida de apelo para os jovens e os que buscam prazer.

A casa suméria média era uma pequena estrutura de tijolos de barro de um andar que consistia em vários cômodos geralmente agrupados em torno de um pátio aberto. O sumério abastado, por outro lado, provavelmente vivia em uma casa de dois andares de cerca de uma dúzia de cômodos, construída de tijolos e rebocada e caiada de branco por dentro e por fora. O piso térreo da casa de dois andares consistia de uma sala de recepção, cozinha, lavatório, quartos de empregados e, às vezes, até mesmo uma capela privada. Para os móveis, havia mesas baixas, cadeiras com encosto alto e camas com molduras de madeira. Os vasos domésticos eram feitos de argila, pedra, cobre e bronze; Havia também cestos e baús feitos de juncos e madeira. Pisos e paredes foram cobertos com tapetes de junco, tapetes de pele e penduricalhos de lã. Abaixo da casa havia muitas vezes um mausoléu familiar onde os mortos da família eram enterrados, embora também pareça ter havido cemitérios especiais para os mortos fora das cidades.

A vida econômica da cidade suméria dependia principalmente das habilidades altamente desenvolvidas de agricultores e lavradores, artesãos e artesãos. Os

sumérios não desenvolveram nenhuma "ciência" teórica; não conhecemos leis gerais de caráter científico formuladas por seus homens de erudição. Os pensadores sumérios classificaram o mundo natural nas seguintes categorias: animais domésticos, animais selvagens (de elefante a inseto), pássaros (incluindo alguns insetos voadores), peixes, árvores, plantas, vegetais e pedras. Listas de todos os itens possíveis nessas categorias foram compiladas como livros didáticos para uso na edubba; Essas listas consistem, no entanto, em nada além de nomes, embora os professores sem dúvida acrescentassem explicações – palestras, por assim dizer – em benefício dos alunos. Isso fica evidente, em certa medida, nos textos literários em que o "pássaro-pastor", por exemplo, é descrito com estas palavras:

O "pássaro-pastor" diz ri-di-ik, ri-di-ik,
O "pássaro-pastor" (tem) um pescoço variegado como o pássaro-dar,
Ele tem uma crista na cabeça.

Ou o peixe-mur – provavelmente o skate ou a raia – é descrito como:

A cabeça, uma enxada, os dentes, um pente,
Seus ossos, um abeto alto,
Seu estômago, a pele de água de Dumuzi,
Sua cauda esbelta, o chicote dos pescadores,
Sua pele sem escamas não precisa de processamento... ,
A picada serve como um prego.

Ou o contraste entre a paciência do gato e a franqueza do mangusto é notado nestas palavras:

Um gato — por seus pensamentos,
Um mangusto – por suas ações.

A astronomia, que na última metade do primeiro milênio a.C. tornou-se uma das mais altas realizações científicas dos herdeiros culturais dos sumérios, os babilônios, era praticamente desconhecida na antiga Suméria; pelo menos a partir de hoje temos apenas uma lista de cerca de vinte e cinco estrelas e nada mais da Suméria. A observação dos corpos celestes deve ter sido praticada na Suméria para fins calendrícios se não por outras razões, mas se os resultados dessas observações foram registrados, eles não são preservados. A astrologia, no entanto, deve ter tido uma voga considerável a julgar pelo sonho de Gudea (ver abaixo, página 138) em que a deusa Nidaba apareceu, estudando uma tábua de argila na qual o céu estrelado foi representado, indicando assim que Gudea deveria construir o templo Eninnu de acordo com as "estrelas sagradas".

Os sumérios dividiram o ano em duas estações: emesh, "verão", começando em fevereiro-março, e enten, "inverno", começando em setembro-outubro. O ano novo provavelmente deveria cair em algum momento de abril a maio. Os meses eram estritamente lunares; Começaram com a noite da lua nova e tinham 29 ou 30 dias de duração. Os nomes dos meses, que muitas vezes eram derivados de atividades agrícolas ou de festas em homenagem a certas divindades, variavam de cidade para cidade. Para cuidar da diferença de comprimento entre os anos lunar e solar, um mês intercalar foi introduzido em intervalos regulares. O dia começou com o pôr do sol e teve doze horas de duração. A noite foi dividida em três relógios de quatro horas cada. O tempo era medido por um relógio de água, ou clepsidra, em forma de

cilindro ou prisma; O relógio das sombras ou relógio de vara também era provavelmente conhecido.

O sistema sumério de numeração era de caráter sexagesimal, mas não estritamente assim, uma vez que faz uso do fator 10 e 6 assim: 1, 10, 60, 600, 3600, 36.000, *etc.* Do ponto de vista da escrita, havia, na verdade, dois sistemas de numeração; o usado normalmente, que tem sinais especiais para cada ordem de unidades (ver Fig. 1, página 92), e o sistema "aprendido", o único usado nos textos matemáticos, que é puramente sexagesimal e posicional, como nosso sistema decimal. Assim, enquanto de acordo com o sistema decimal, o número escrito 439, por exemplo, significa (4 X 102) + (3 X 10) + 9, no sistema sexagesimal, o mesmo número significaria (4 X 602) + (3 X 60) + 9, ou 14.589. O zero era desconhecido para os sumérios, e o valor absoluto das unidades não era indicado na escrita, de modo que um número escrito

que podemos transcrever como 4, 23, 36, pode ser lido como (4 X 602) + (23 X 60) + 36 = 15.816, ou como (4 X 603) + (23 X 602) + (36 X 60) = 948.960, etc.; ou pode ser lido como (4 X 60) + 23 + (36/60) =236-3/5 ou como 4 + (23/60) + (36/3600) = (59/4150), *etc.* Como nosso sistema decimal, portanto, o sistema sexagesimal permite uma flexibilidade na escrita numérica que é altamente favorável ao desenvolvimento da matemática.

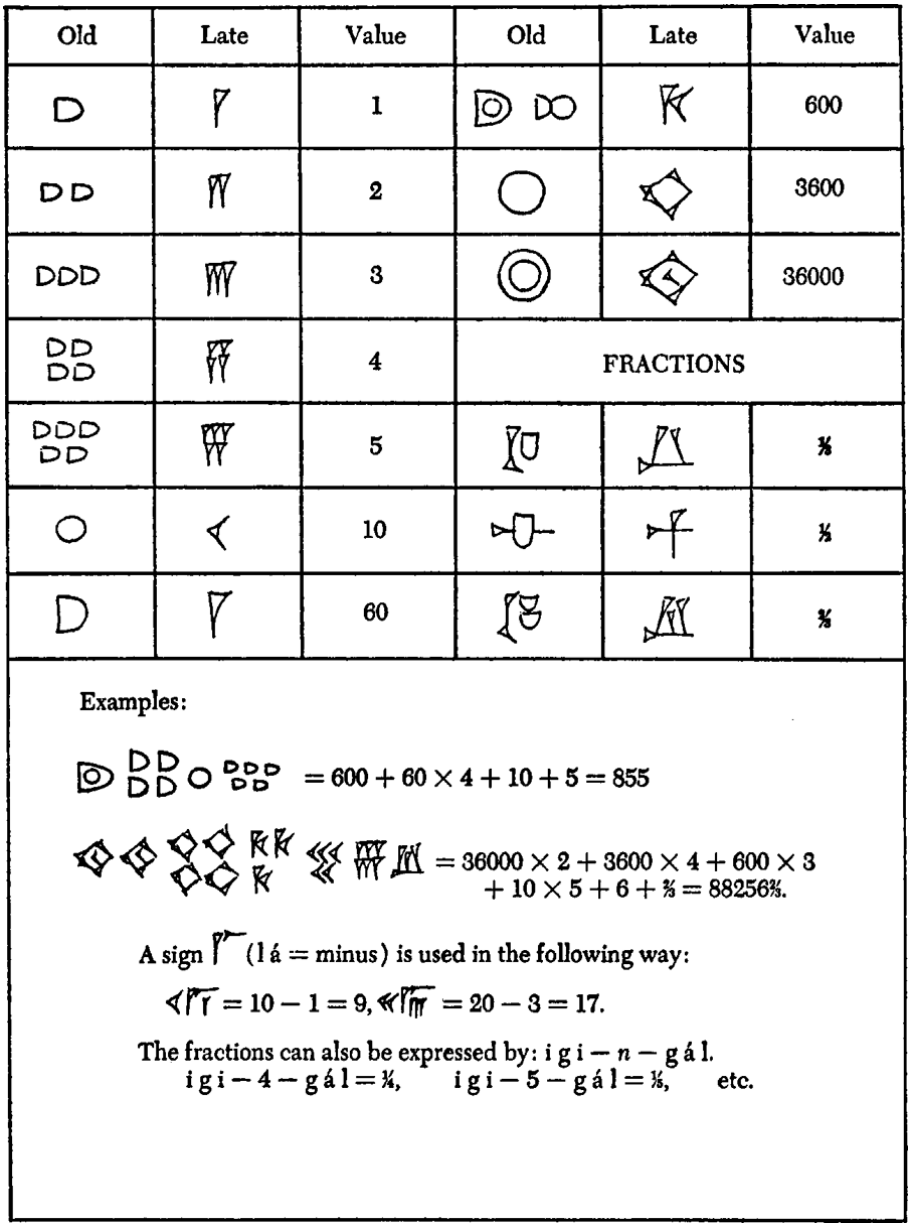

Old
Late
Value
Old
Late
Value
1
600
2
3600
3
36000
4
FRACTIONS
5
⅚
10
½
60
⅚
Examples:
= 600 + 60 × 4 + 10 + 5 = 855
= 36000 × 2 + 3600 × 4 + 600 × 3
+ 10 × 5 + 6 + ⅔ = 88256⅔.
A sign (1 á = minus) is used in the following way:
= 10 − 1 = 9, = 20 − 3 = 17.
The fractions can also be expressed by: i g i − n − g á l.
i g i − 4 − g á l = ¼, i g i − 5 − g á l = ⅕, etc.

FIG. 1.—Sinais numéricos sumérios

Os textos escolares matemáticos que chegaram até nós são de dois tipos: tabelas e problemas. Os primeiros incluem tabulações de recíprocas, multiplicações, quadrados e raízes quadradas, cubos e raízes cúbicas, as somas de quadrados e cubos necessários para a solução numérica de certos tipos de equações, funções exponenciais, coeficientes que dão números para cálculos práticos (como o valor aproximado de $\sqrt{2}$), e numerosos cálculos metrológicos dando áreas de retângulos, círculos, *etc.* Os textos-problema tratam de números pitagóricos, raízes cúbicas, equações e questões práticas como escavar ou ampliar canais, contar tijolos e assim por diante. A partir de hoje, quase todos os textos de problemas são acadianos, embora devam remontar em grande parte aos protótipos sumérios, já que quase todos os termos técnicos usados são sumérios. (A fig. 2, página 94, reproduz uma tábua suméria de cerca de 2500 a.C., escavada em Fara, que contém uma tabela para calcular a superfície de campos quadrados.)

Até bem recentemente, praticamente nada se sabia da medicina suméria, embora houvesse centenas de textos médicos acadianos do primeiro milênio a.C. utilizando

todos os tipos de palavras e frases médicas sumérias. Ainda hoje temos apenas dois comprimidos médicos sumérios, e um deles é um pequeno pedaço contendo apenas uma prescrição. O outro, no entanto, é um comprimido de 3-3/4 X 6-1/4 polegadas de tamanho, inscrito com quinze receitas, o que não é de pouca importância para a história da medicina. A julgar pela escrita cuidadosa, grande e elegante, a tábua foi inscrita em algum momento no último quartel do terceiro milênio a.C. e contém, portanto, o que é, com todas as probabilidades, a farmacopeia mais antiga conhecida pelo homem. Embora a tábua tenha sido escavada há cerca de sessenta a setenta anos, ela não se tornou conhecida do mundo acadêmico até 1940. Desde então, várias traduções do texto, repleto de dificuldades linguísticas por causa da fraseologia técnica, foram publicadas, sendo a última e mais confiável a elaborada por Miguel Civil, então pesquisador associado do Museu Universitário da Universidade da Pensilvânia.

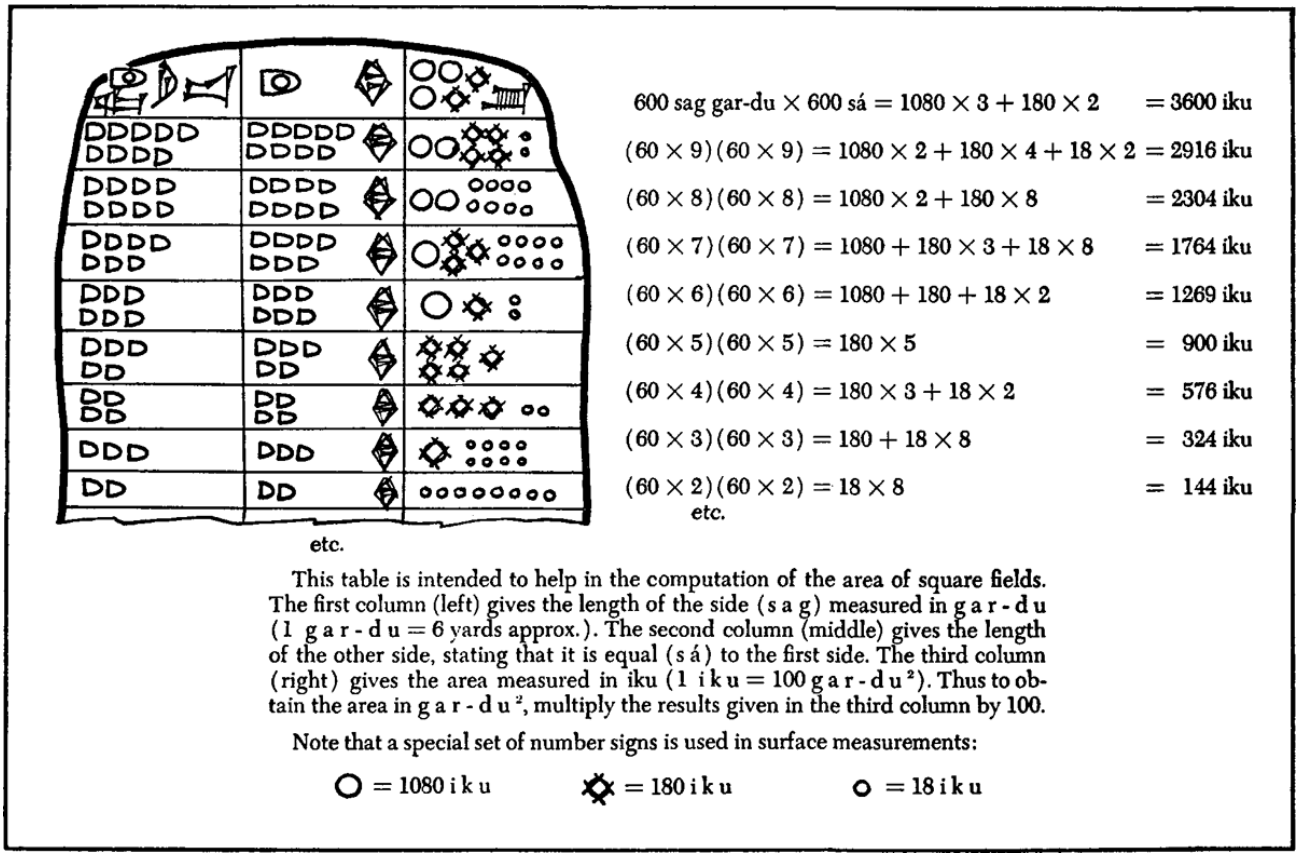

600 sag gar-du × 600 sá = 1080 × 3 + 180 × 2 = 3600 iku
(60 × 9)(60 × 9) = 1080 × 2 + 180 × 4 + 18 × 2 = 2916 iku
(60 × 8)(60 × 8) = 1080 × 2 + 180 × 8 = 2304 iku
(60 × 7)(60 × 7) = 1080 + 180 × 3 + 18 × 8 = 1764 iku
(60 × 6)(60 × 6) = 1080 + 180 + 18 × 2 = 1269 iku
(60 × 5)(60 × 5) = 180 × 5 = 900 iku
(60 × 4)(60 × 4) = 180 × 3 + 18 × 2 = 576 iku
(60 × 3)(60 × 3) = 180 + 18 × 8 = 324 iku
(60 × 2)(60 × 2) = 18 × 8 = 144 iku
etc.
etc.
This table is intended to help in the computation of the area of square fields. The first column (left) gives the length of the side (s a g) measured in g a r - d u (1 g a r - d u = 6 yards approx.). The second column (middle) gives the length of the other side, stating that it is equal (s á) to the first side. The third column (right) gives the area measured in iku (1 i k u = 100 g a r - d u²). Thus to obtain the area in g a r - d u², multiply the results given in the third column by 100.
Note that a special set of number signs is used in surface measurements:
= 1080 i k u
= 180 i k u
= 18 i k u

FIG. 2.—Texto matemático de Fara (depois de A. Deimel, "Schultexte aus Fara", nº 82)

O documento contém 145 linhas, ou melhor, casos. As primeiras 21 linhas estão tão danificadas que é impossível ter uma ideia clara do conteúdo. A priori, e em analogia com os documentos médicos cuneiformes do primeiro milênio a.C., esperava-se que eles pudessem conter uma afirmação como "se um homem sofre de", seguida do nome desta ou daquela doença. Mas os relativamente poucos sinais e frases que são preservados, como "raiz de um . . . planta" (casos 1 e 2), "cabeça de . . . " (casos 3 e 5), "lã" (casos 9 e 10) e "sal" (caso 15) não apontam nessa direção.

As prescrições em si, quinze ao todo, começam com a linha 22 (perto da parte inferior da primeira coluna do comprimido). Eles podem ser divididos em três

classes, de acordo com a maneira como os remédios foram aplicados. A primeira classe consiste em oito prescrições em que a aplicação é na forma de cataplasma. Em geral, seu conteúdo é o seguinte: primeiro uma lista dos simples a serem utilizados em cada prescrição; em seguida, a direção de pulverizá-los e misturá-los com um líquido, a fim de formar uma pasta que deve ser fixada como um cataplasma à parte doente do corpo depois que este último foi esfregado com óleo, uma ação realizada por seu valor terapêutico intrínseco ou para evitar que a pasta se agarre à pele. Aqui estão traduções literais das últimas cinco dessas prescrições de cataplasma (as três primeiras são muito fragmentárias para tradução).

Prescrição nº 4. Pulverizar a planta-anadishsha, os ramos da planta-"espinho" (provavelmente a Prosopis stephaniana), as sementes do duashbur (talvez o Atriplex halimus L.), (e) . . . (nomes de pelo menos dois simples destruídos); . . . . despeje cerveja diluída em água sobre ela (a massa de simples pulverizada); esfregue (o ponto doente) com óleo vegetal, (e) fixe (a pasta formada derramando o líquido sobre o simples pulverizado) como um cataplasma.

Prescrição nº 5. Pulverizar a lama do rio (e) . . . ; amasse-o com água; esfregue com petróleo bruto, (e) prenda como um cataplasma.

Prescrição nº 6. Pulverizar peras (?) (e) "Maná", despeje as borras de cerveja sobre ele; esfregue com óleo vegetal, (e) prenda como um cataplasma.

Prescrição nº 7. Pulverizar as borras da trepadeira seca, do pinheiro e da ameixeira; Despeje cerveja sobre ele, esfregue com óleo, (e) prenda como um cataplasma.

Prescrição nº 8. Pulverizar as raízes da árvore e o betume seco do rio; despeje cerveja sobre ele; esfregue com óleo, (e) prenda como um cataplasma.

O segundo grupo de prescrições, em número de três, consiste em remédios que devem ser tomados internamente. O primeiro é um pouco complicado e envolve o uso de cerveja e óleo de betume de rio:

Prescrição nº 9. Despeje cerveja forte sobre a resina de . . . -planta; calor sobre um fogo; Coloque este líquido no óleo de betume do rio, (e) deixe o homem (doente) beber.

Nos dois restantes, o processo é idêntico; As instruções são pulverizar dois ou três simples e dissolvê-los em cerveja para o doente beber:

Prescrição nº 10. Pulverizar peras (?) e) As raízes da planta "maná"; Coloque (o simples pulverizado) na cerveja, (e) deixe o homem (doente) beber.

Prescrição nº 11. Pulverizar as sementes do nignagar-vegetal, mirra (?), (e) tomilho; coloque cerveja, (e) deixe o homem (doente) beber.

O terceiro conjunto de prescrições é introduzido por uma passagem difícil e enigmática que diz: "Organizar (?) as corredeiras sobre as mãos e os pés do homem (doente)". Neste momento, não está claro a que se refere esta operação e por que razão foi colocada neste ponto específico. Apesar de sua obscuridade, a linha é de suma importância, pois dá pelo menos uma ideia das partes doentes do corpo a serem tratadas.

As próprias prescrições seguem esta afirmação introdutória. São quatro, e seus componentes são mais complexos e menos homogêneos que os dos onze anteriores.

Nas três primeiras, as operações prescritas consistem principalmente em lavar o órgão doente com uma solução especialmente preparada e, em seguida, cobri-lo imediatamente (?) com uma substância que, em dois casos, parece ser cinzas queimadas. A quarta e última prescrição, cujas linhas iniciais são destruídas, parece conter apenas os nomes de uma série de simples seguidos imediatamente pela operação de cobertura (?), não sendo impossível, portanto, que o escritor tenha inadvertidamente omitido pelo menos uma operação interveniente. A seguir, uma tradução das últimas quatro prescrições:

Prescrição nº 12. Peneire e amasse – tudo em um só – casco de tartaruga, a planta naga (uma planta usada para obter refrigerante e outros álcalis), sal (e) mostarda; lavar (o ponto doente) com cerveja de qualidade (e) água quente; esfregar (o ponto doente) com tudo isso (a mistura amassada); Depois de esfregar, esfregue com óleo vegetal (e) cubra (?) com abeto pulverizado.

Prescrição nº 13. Despeje água sobre uma cobra d'água seca e pulverizada, a planta amamashumkaspal, as raízes da planta "espinho", naga pulverizada, terebintina de abeto em pó, (e) as fezes do garib (?) -morcego; calor (a infusão), (e) lavar (o ponto doente) com este líquido; Depois de lavar com o líquido, esfregue com óleo vegetal (e) cubra com shaki.

Prescrição nº 14. Despeje água sobre os pelos secos (e) pulverizados do revestimento interno (?) de uma vaca, ramos da planta-"espinho", a planta-"estrela", as raízes da árvore-"mar", figos secos, (e) ib-sal; aquecer (e) lavar com este líquido; Depois de lavar com o líquido, cubra (?) com as cinzas (?) de Rushes.

Prescrição nº 15. . . . . (uma série de sinais destruídos) que você extraiu do salgueiro, a borra (?) do vaso girbi, as borras de vinho, a planta nigmi, a planta arina – raízes e tronco – (e) cobrir (?) com cinzas (?).

Como mostra nosso documento, o médico sumério, não muito diferente de seu homólogo moderno, recorreu a fontes botânicas, zoölógicas e mineralógicas para sua matéria médica. Seus minerais favoritos eram cloreto de sódio (sal), betume de rio e petróleo bruto. Do reino animal utilizou lã, leite, casco de tartaruga e cobra d'água. Mas a maioria de seus medicamentos veio do mundo botânico, de plantas como tomilho, mostarda, ameixeira, peras, figos, salgueiro, Atriplex halimus L., Prosopis stephaniana, "maná", abeto e pinheiro, e de produtos processados, como cerveja, vinho e óleo vegetal.

Nosso antigo documento, vale a pena notar, está inteiramente livre dos feitiços e encantamentos mágicos que são uma característica regular dos textos médicos cuneiformes de dias posteriores; Nenhuma divindade ou demônio é mencionado no texto. O médico que redigiu esse documento, portanto, parece ter exercido sua medicina segundo linhas empirirracionales. Com certeza, é pouco provável que ele tenha recorrido à experimentação e verificação conscientemente planejadas. No entanto, parece razoável supor que os tratamentos que ele prescreveu tinham um valor terapêutico considerável, uma vez que sua reputação profissional estava em jogo, e não é inconcebível que eles pudessem provar algum valor prático para a pesquisa médica moderna.

Triste dizer que a nossa antiga farmacopeia não nos dá uma ideia clara das doenças ou males a que se destinam as prescrições. A introdução que precede as prescrições, que ocupa a maior parte da primeira coluna do comprimido, está muito danificada; De qualquer forma, a julgar pelos poucos sinais preservados, não continha nomes de doenças. Na primeira prescrição mal quebrada encontramos as palavras sumérias para "costas" e "nádegas", mas em uma passagem fragmentária e ininteligível. Introduzindo o terceiro conjunto de prescrições há uma passagem mencionando mãos e pés, mas também neste caso o contexto é obscuro e enigmático. Nem sequer sabemos se cada prescrição se destinava a uma moléstia específica ou se várias se destinavam à mesma doença. Não é impossível, no entanto, que esses detalhes, e muitos outros, tenham sido explicados oralmente ao leitor da tábua, o que nos leva ao propósito do documento e aos motivos que motivaram sua compilação e inscrição.

O antigo médico que preparou nossa farmacopeia, vale ressaltar, não era apenas um praticante restrito de sua profissão, mas um humanista culto e culto. Para aprender a escrever correta e elegantemente o complexo silabário cuneiforme, com suas centenas de sinais e milhares de leituras, ele teve que passar grande parte de sua juventude na escola suméria, ou edubba, onde estudou e absorveu qualquer conhecimento científico e literário que fosse corrente em sua época. Os "livros didáticos" consistiam principalmente em compilações de palavras, frases, parágrafos, extratos e composições inteiras preparadas pelos ummia's, ou professores, da academia, que o aluno tinha que copiar e recopiar até conhecê-los de cor. Essas compilações, concisas, concisas e sem adornos, eram sem dúvida acompanhadas de explicações orais, ou palestras. Nossa farmacopeia antiga pode muito bem ter sido uma compilação desse tipo preparada por um médico praticante que era um "conferencista" sobre medicina na academia. Se essa suposição se mostrasse correta, nosso documento sumério não poderia ser inapropriadamente descrito como uma página do mais antigo livro didático conhecido na história da medicina.

O conteúdo do segundo comprimido médico foi publicado já em 1935, mas foi tratado como um documento comercial e permaneceu sem reconhecimento até 1960, quando Michel Civil, como resultado de seu trabalho sobre o comprimido maior discutido acima, identificou-o e traduziu-o da seguinte forma:

Tendo esmagado o casco de tartaruga e . . . , e tendo ungido a abertura (do órgão doente, talvez) com óleo, esfregarás (com o casco esmagado) o homem deitado de bruços (?). Depois de esfregar com a casca esmagada você deve esfregar (novamente) com cerveja fina; depois de esfregar com cerveja fina, você deve lavar com água; Depois de lavar com água, você deve encher (o ponto doente) com madeira de abeto esmagada. É (uma prescrição) para alguém acometido por uma doença no tun e no nu.

O tun e o nu são provavelmente duas partes ainda não identificadas dos órgãos sexuais, e o tratamento pode, portanto, ter sido destinado a algum tipo de doença

venérea. Como o leitor notará, o tratamento descrito neste comprimido é muito semelhante à prescrição nº 12 no documento médico maior discutido acima.

O médico é conhecido em sumério como o a-zu, cuja tradução literal pode ser o "conhecedor da água". O primeiro médico registrado é um profissional chamado Lulu; as palavras "Lulu, o médico" são encontradas em uma tábua escavada em Ur pelo falecido Sir Leonard Woolley, que data de cerca de 2700 a.C. O médico deve ter tido um status social relativamente alto a julgar pelo fato de que um dos médicos Lagash de nome Urlugaledinna, cujo selo de cilindro e inscrição votiva de pedra foram preservados, ocupou uma posição importante sob Ur-Ningirsu, o filho de Gudea. Havia também veterinários conhecidos como "o médico dos bois" ou "o médico dos burros"; mas eles só são mencionados nos textos lexicais, e nada mais se sabe sobre eles ainda desde os tempos sumérios.

No campo da arte, os sumérios eram particularmente conhecidos por sua habilidade em escultura. Os primeiros escultores tendiam a ser abstratos e impressionistas. Suas estátuas do templo mostram grande intensidade emocional e espiritual em vez de habilidade em modelagem. Isso veio gradualmente, no entanto, e os escultores posteriores foram tecnicamente superiores, embora suas imagens se perdessem em inspiração e vigor. Os escultores sumérios eram bastante hábeis em esculpir figuras em estelas e placas e até mesmo em vasos e tigelas. É com esta escultura que aprendemos muito sobre a aparência e o vestido sumérios.

Os homens ou eram barbeados ou usavam barbas compridas e cabelos compridos no meio. A forma mais comum de vestido era uma espécie de saia esvoaçante, sobre a qual às vezes eram usadas longas capas de feltro. Mais tarde, o chiton, ou saia comprida, tomou o lugar da saia esvoaçante. Cobrindo a saia havia um grande xale com franjas, que era carregado sobre o ombro esquerdo, deixando o braço direito livre. As mulheres muitas vezes usavam vestidos que pareciam longos xales tufados, cobrindo-os da cabeça aos pés e deixando apenas o ombro direito nu. Seus cabelos eram geralmente separados no meio e trançados em um rabo de porco pesado, que era então ferido ao redor da cabeça. Eles muitas vezes usavam cocares elaborados consistindo de fitas de cabelo, contas e pingentes.

A música, tanto instrumental quanto vocal, desempenhou um grande papel na vida suméria, e alguns dos músicos foram figuras importantes nos templos e na corte. Harpas e liras lindamente construídas foram escavadas nos túmulos reais de Ur. Instrumentos percussivos, como o tambor e o pandeiro, também eram comuns, assim como canos de junco e metal. A poesia e o canto floresceram nas escolas sumérias. A maioria das obras recuperadas são hinos a deuses e reis para uso no templo e palácio; Mas há todas as razões para acreditar que a música, a música e a dança eram uma grande fonte de entretenimento em casa e no mercado.

Uma das contribuições mais originais dos sumérios para as artes foi o selo de cilindro, um pequeno cilindro de pedra gravado com um design que se tornava claro e significativo quando enrolado sobre uma tabuleta de argila ou a vedação de argila de um frasco. O selo do cilindro tornou-se uma espécie de marca registrada da Mesopotâmia, embora seu uso tenha penetrado na Anatólia, Egito, Chipre e Grécia. Os artistas sumérios foram altamente engenhosos na concepção de projetos

adequados, especialmente quando o selo foi inventado pela primeira vez. Os primeiros selos de cilindro são gemas cuidadosamente incisadas representando fileiras de animais ou criaturas de contos de fadas e monstros e cenas como o rei no campo de batalha e o pastor defendendo seu gado contra feras. Mais tarde, os desenhos tornaram-se mais decorativos e formalizados. Finalmente, um projeto tornou-se predominante, quase com a exclusão de todos os outros: a cena de apresentação em que um adorador é apresentado a um deus por seu "anjo bom".

Apesar do fato de que a Suméria era destituída de metal e pedra e pobre em madeira, os artesãos da Suméria estavam entre os mais habilidosos do mundo antigo, embora não seja improvável que, pelo menos originalmente, muitos deles vieram de partes estrangeiras para praticar suas habilidades em conexão com a construção de templos. Temos um vislumbre bastante vívido e esclarecedor dos artesãos e artesãos sumérios trabalhando a partir de uma grande tábua escavada em Ur por Leonard Woolley, na qual dois supervisores das oficinas do templo, ou ateliês, dão um resumo do trabalho concluído durante o décimo segundo ano do reinado de Ibbi-Sin, que governou cerca de 1975 a.C. Oito ateliês estão listados neste tablet: as "casas" do "cinzeleiro", ou escultor, do joalheiro, do lapidário, do carpinteiro, do ferreiro, do coureiro, do encadernador e do cesteiro.

O primeiro da lista é o cinzeleiro, cujo trabalho era esculpir as estatuetas e outros pequenos objetos de marfim e madeira rara. No ano em que estamos preocupados, vinte e um quilos de marfim foram trabalhados em objetos como estatuetas, machos e fêmeas, pequenos pássaros, caixas e anilhas.

O joalheiro trabalhou em grande parte em ouro e prata, embora também tenha colocado pedras semipreciosas, como lápis-lazúli, carneliana e topázio. Ele fez um excelente trabalho de fundição com moldes de três e quatro peças, e martelou chapas de metal sobre um núcleo de madeira, finalizando-as com repoussé ou estamparia. Ele sabia como prender peças de ouro e prata com pinos ou rebites, bem como por soldagem e era especialista em fazer uso de trabalho de filigrana e granulação. Os lapidários – em nossa tábua – trabalhavam apenas em pedras semipreciosas para o joalheiro, mas também podiam, sem dúvida, preparar pedras para a construção.

Os carpinteiros sempre foram bastante numerosos na Suméria, pois apesar da escassez de madeira, ela era utilizada em grande escala para fazer todos os tipos de móveis, bem como barcos, carroças e carruagens. No ateliê registrado em nossa tábua, os carpinteiros construíam um punhado de marfim pesando nada menos que quarenta quilos, sem falar em objetos feitos de carvalho, abeto, ébano e salgueiro. Outras madeiras usadas pelo carpinteiro, não mencionadas em nossa tábua, são cedro, amora, tamarisco e avião. A árvore mais comum encontrada na Suméria, a palmeira, era pouco utilizada pelos carpinteiros, uma vez que sua madeira é de baixa qualidade. Para compensar em certa medida a dificuldade de obtenção de madeira, móveis antigos eram constantemente reaproveitados. Assim, no ateliê descrito na tabuleta Ibbi-Sin, três tampos de mesa antigos e quatro caixas de abeto foram reutilizados para fazer uma mesa, duas camas e uma pequena caixa. No ano registrado no tablet, os carpinteiros confeccionavam principalmente cadeiras de

vários tipos, mesas, camas e caixas. Entre as ferramentas usadas pelo carpinteiro sumério estavam a serra, o cinzel, o martelo e a broca.

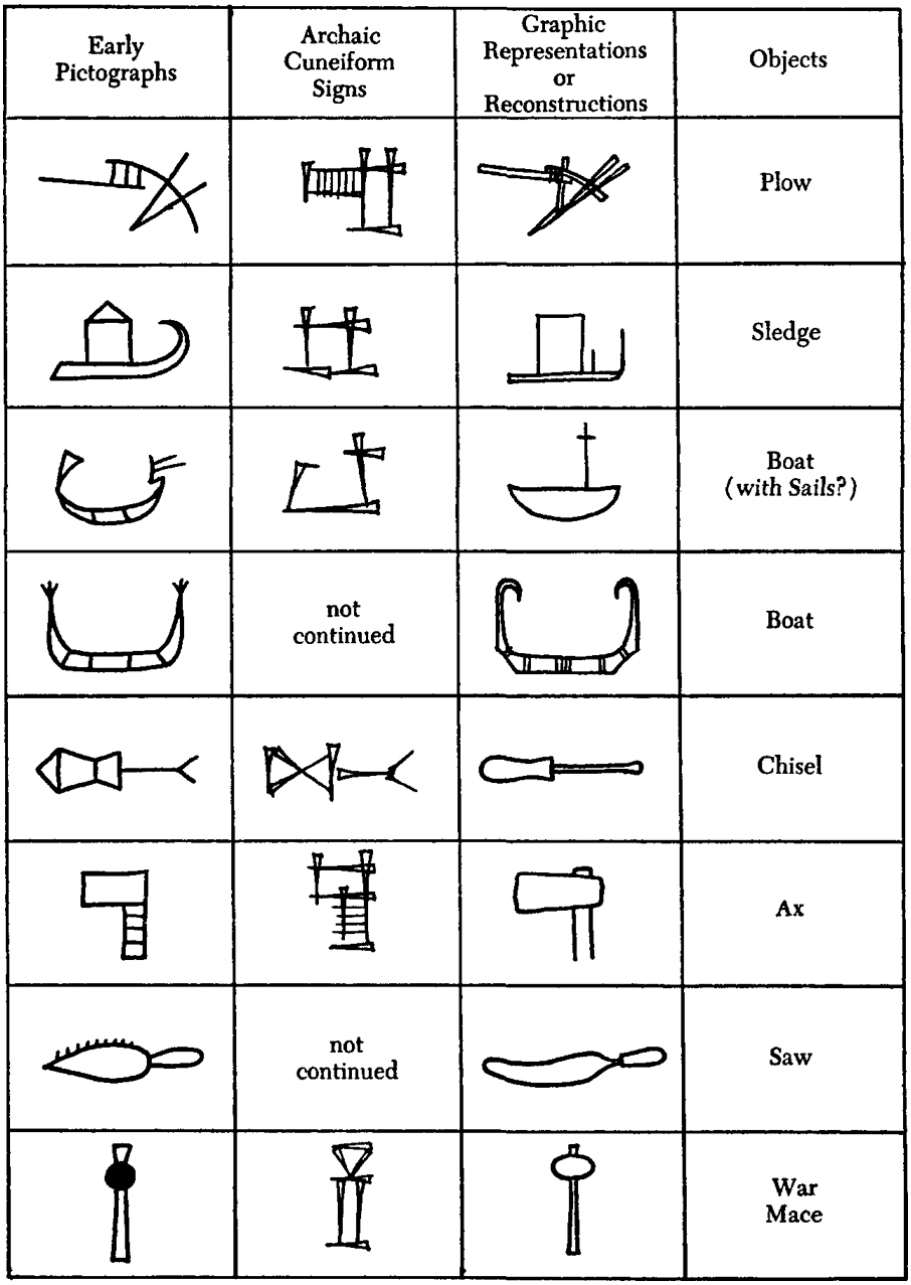


FIG. 3.—Ferramentas, implementos e veículos representados nos primeiros pictogramas.

A lista de metais usados na fundição do ferreiro registrada em nossa tabuleta inclui quase todos os conhecidos na época: ouro, prata, estanho, chumbo, cobre, bronze e um metal chamado sugan (talvez antimônio) utilizado em pequenas quantidades como liga. A cobre foi altamente desenvolvida já no início do terceiro milênio a.C.; Não só a fundição de cobre era bem conhecida, mas também outras técnicas como martelagem, recozimento, filigrana e granulação. O ferreiro, ou metalúrgico, tinha à sua disposição um tipo especial de fole que podia ser trabalhado à mão ou a pé para elevar a temperatura de sua fornalha a um grau de calor que derretesse o cobre. Madeira e juncos eram usados como kindling, e eram necessários dois quilos de madeira e três "feixes de junco" – ou seis feixes de junco, se nenhuma madeira fosse usada – para derreter meio quilo de cobre. Os produtos mais comuns

feitos de cobre e bronze eram ferramentas como enxadas, machados, cinzéis, facas e serras; braços como pontas de lança e pontas de flecha, espadas, adagas e arpões; embarcações e contêineres; pregos, alfinetes, anéis e espelhos.

O coureiro em nossa tabuleta recebeu durante o ano um grande número de peles de touros, bezerros, porcos e, especialmente, ovelhas. A partir da pele e do couro foram fabricados inúmeros objetos: peles de água, bolsas, arreios e selas, pneus para rodas de carroça, tipoias e, sobretudo, sapatos e sandálias. Para fins de curtimento, o coureiro utilizava álcalis, sumac e outras substâncias ainda não identificáveis. A gordura foi usada para tornar as peles flexíveis e impermeáveis. O coureiro mencionado em nosso tablet fez uso de farinha para finalizar certas peles especiais e também "pó de ouro" para decorar algumas das peças fabricadas.

O mais cheio do nosso tablet parece ter tido apenas uma pequena loja, e pouco se fala sobre ele. O último dos artesãos é o cesteiro. Ele recebia quantidades de juncos, uma mercadoria muito importante na Suméria, e betume para fabricar cestas e barcos.

A indústria têxtil, não mencionada em nosso tablet, era provavelmente a maior do país e a mais importante do ponto de vista do comércio. Muitos milhares de toneladas de lã eram trabalhadas anualmente em seu só. Tremendos rebanhos de cabras, ovelhas e cordeiros foram criados para obter lã. A "tosquia" era feita por arrancamento. Um fuso foi usado para fiar a lã, e a tecelagem foi feita em teares horizontais e verticais; Normalmente, essas duas operações eram realizadas por uma equipe de três mulheres, que levavam até oito dias para preparar um pedaço de material de 3 a 1/2 X 4 metros. O tecido era então entregue aos enchimentos, que o embebiam em uma solução alcalina em grandes cubas e depois o pisoteavam caminhando sobre ele com os pés. Embora a lã fosse o tecido mais comum usado para tecidos, o linho também era cultivado, e roupas de linho parecem ter sido usadas especialmente por certos sacerdotes e homens santos.

Materiais e mercadorias eram transportados na Suméria pelo homem e pela besta ou com a ajuda de implementos como trenós, carroças, carruagens e barcos. Os trenós provavelmente foram usados especialmente para transportar cargas muito pesadas, como grandes blocos de rochas. Os vagões eram de quatro e duas rodas e geralmente eram puxados por bois. As carruagens eram bastante pesadas, pequenas em tamanho e puxadas por onças. O transporte por barco era bastante viável e econômico, e um barco de pouco mais de cinco toneladas podia transportar uma carga tão pesada quanto cem minas. Havia também barcos muito grandes construídos de madeira em estaleiros especiais, e estes foram sem dúvida usados para longas viagens marítimas para terras como Meluhha e Dilmun. O barco comum em uso era o conhecido hoje no Iraque como guffa e nos tempos antigos como "o nabo"; era feito de juncos, coberto de pele e em forma de cesto. O veleiro também era provavelmente conhecido na antiga Suméria, a julgar pelo modelo de um barco encontrado em Eridu. Remos e varas de punting eram de uso comum desde os tempos mais remotos. Ao longo das margens do rio, no entanto, os barcos eram frequentemente puxados por homens ou bois.

Algumas das conquistas tecnológicas de maior alcance dos sumérios estavam ligadas à irrigação e à agricultura. A construção de um intrincado sistema de canais, diques, açudes e reservatórios exigiu não pouca habilidade e conhecimento de engenharia. Deveriam ser elaborados levantamentos e planos que envolvessem o uso de instrumentos de nivelamento, varetas de medição, desenho e mapeamento. A agricultura também havia se tornado uma técnica metódica e complicada que exigia previsão, diligência e habilidade. Não surpreende, portanto, que os pedagogos sumérios tenham compilado um "almanaque dos agricultores" que consistia em uma série de instruções para orientar um agricultor ao longo de suas atividades agrícolas anuais, começando com a inundação dos campos em maio-junho e terminando com a colheita e limpeza da safra recém-colhida em abril-maio seguinte. O texto deste documento, que consiste em 107 linhas de instruções precedidas por uma introdução de uma linha e seguidas por um colofão de três linhas, foi reunido a partir de mais de uma dúzia de tábuas e fragmentos, dos quais um dos mais importantes é uma peça ainda inédita escavada em Ur pelo falecido Leonard Woolley há mais de um quarto de século. Este fragmento foi agora copiado por C. J. Gadd, ex-Guardião do Museu Britânico e agora professor emérito da Universidade de Londres, que generosamente o disponibilizou para a melhor restauração do texto como um todo. A tradução do texto é bastante difícil e perigosa, em particular devido à sua terminologia técnica, e o esforço actual (que é dado no Apêndice I) deve ser tomado como provisório e provisório; foi preparado em colaboração com Thorkild Jacobsen e Benno Landsberger, do Instituto Oriental da Universidade de Chicago, e Miguel Civil, então do Museu Universitário da Universidade da Pensilvânia. Segue-se uma extensa paráfrase do texto.

Nosso manual da fazenda é apresentado com a seguinte frase: "Em dias de outrora, um fazendeiro instruiu seu filho". As orientações que se seguem dizem respeito a todas as tarefas e trabalhos mais importantes que um agricultor deve realizar para garantir uma colheita bem-sucedida. Como a irrigação era o principal elemento essencial para o solo ressecado da Suméria, nosso antigo mentor começa aconselhando que é preciso tomar cuidado para que as águas inundadas não subam muito alto sobre o campo. Quando as águas baixam, os bois devem ser soltos para pisar o solo molhado, eliminando assim as ervas daninhas e nivelando a superfície do campo, que deve então ser vestido com pequenos machados leves até ficar uniforme. Como os cascos dos bois deixaram sua marca no chão ainda molhado, os homens com picaretas devem percorrer todo o campo e alisá-lo, e as fendas feitas pelos bois devem ser trabalhadas com um arrasto.

Enquanto o campo está secando, o agricultor é aconselhado a preparar as ferramentas essenciais; Ênfase especial é colocada em chicotes, goads e outros instrumentos "disciplinares" que servem para manter trabalhadores e animais trabalhando arduamente e constantemente. Ele também é aconselhado a ter um boi extra para o arado, pois isso compensará bem a longo prazo – ele conseguirá plantar a quantidade bastante grande de três gur sobre uma broca de terra.

Antes de realmente começar a cultivar o solo, o agricultor é instruído a lavrá-lo completamente duas vezes com dois arados de solo profundo diferentes (os arados

shukin-e bardil-plow), depois gradeado e raspado três vezes e, finalmente, pulverizado com martelos. Durante a realização desses trabalhos, o agricultor é instado a manter os trabalhadores sob vigilância constante para que eles não afrouxem seus esforços por um instante. Por outro lado, ele mesmo deve mostrar autodisciplina e não exigir deles o atendimento habitual à sua pessoa.

A aração e a semeadura propriamente ditas já podem começar; As duas operações são realizadas simultaneamente por meio de uma semeadora, ou seja, um arado com um acessório que transporta a semente de um recipiente através de um funil estreito até o sulco. O agricultor é instruído a arar oito sulcos para cada garush (uma faixa entre seis e sete metros de comprimento). Ele deve cuidar para que a semente seja colocada a uma profundidade uniforme de dois "dedos". Se a semente não penetrar corretamente, ele deve mudar a parte, "a língua do arado". Havia vários tipos de sulcos, de acordo com nosso antigo especialista, mas exceto onde ele fala de sulcos retos e diagonais, o texto é bastante obscuro neste ponto. Após o plantio dos sulcos, o campo teve que ser limpo de todos os torrões e as elevações e depressões do solo tiveram que ser niveladas para que o brotamento da cevada não fosse impedido de forma alguma.

"Depois que o broto rompeu a (superfície do) solo", continua o manual, o fazendeiro deve fazer uma oração a Ninkilim, a deusa dos ratos do campo e dos vermes, para que eles não prejudiquem o grão em crescimento; ele também deve assustar os pássaros voadores. Quando a cevada tiver crescido o suficiente para preencher os fundos estreitos dos sulcos, é hora de regá-la; e quando ele "fica alto como (a palha de) uma esteira no meio de um barco", é hora de regá-lo uma segunda vez. Ele deve regá-la uma terceira vez quando for cevada "real", ou seja, quando tiver atingido sua altura máxima. Se ele notar um avermelhamento do grão úmido, é a temida doença do samana, que coloca em risco as plantações. Se a cevada estiver indo bem, no entanto, ele deve regá-la uma quarta vez e, assim, obter um rendimento extra de 10%.

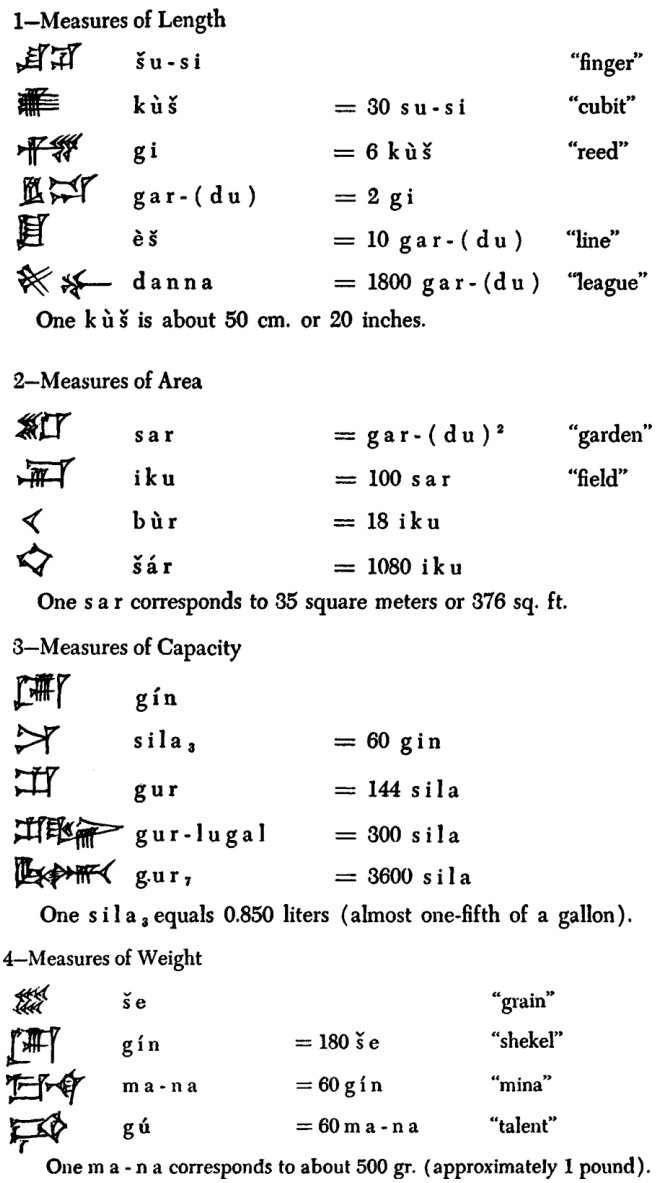

1—Measures of Length
šu-si "finger"
kùš = 30 su-si "cubit"
gi = 6 kùš "reed"
gar-(du) = 2 gi
èš = 10 gar-(du) "line"
danna = 1800 gar-(du) "league"
One kùš is about 50 cm. or 20 inches.
2—Measures of Area
sar = gar-(du)² "garden"
iku = 100 sar "field"
bùr = 18 iku
šár = 1080 iku
One sar corresponds to 35 square meters or 376 sq. ft.
3—Measures of Capacity
gín
sila₃ = 60 gin
gur = 144 sila
gur-lugal = 300 sila
g.ur₇ = 3600 sila
One sila₃ equals 0.850 liters (almost one-fifth of a gallon).
4—Measures of Weight
še "grain"
gín = 180 še "shekel"
ma-na = 60 gín "mina"
gú = 60 ma-na "talent"
One ma-na corresponds to about 500 gr. (approximately 1 pound).

FIG. 4.—Medidas Sumérias e Seus Equivalentes (as traduções são dadas quando conhecidas).

Chegou a hora da colheita. O agricultor é alertado para não esperar até que a cevada se dobre sob seu próprio peso, mas para cortá-la "no dia de sua força", ou seja, no momento certo. Três homens devem trabalhar em equipe nos talos de cevada em pé: um ceifador, um encadernador e um homem que organiza os feixes. Segue-se então uma passagem que, se corretamente traduzida, não tem pouco significado ético e bíblico: exorta o agricultor a deixar no chão algumas das orelhas caídas de cevada para os "jovens" e os "colhedores" (ver Levítico 19:9–10 e Rute 2:3 e ss.), uma ação de caridade pela qual seu deus lhe mostrará um favor duradouro.

A debulha, que segue imediatamente após a colheita, é feita em duas etapas. Primeiro, os montes de cevada são pisoteados por vagões puxados para frente e para trás sobre eles por cinco dias consecutivos. Em seguida, um trenó de debulha, composto por vigas com dentes presos com tiras de couro e mantidos presos por betume, é usado para "abrir a cevada". Aqui segue outro paralelo bíblico, uma exortação de que os bois devem ser alimentados até a saciedade durante a debulha, quando suas bocas estão com água, por assim dizer, para a tentadora cevada de cheiro fresco (ver Deuteronômio 25:4).

Chegou a hora da vitória, que será realizada por dois "levantadores de cevada". A partir daqui, o texto não é totalmente claro, mas podemos perceber que o processo de winnowing consistiu em levantar a mistura "suja" de cevada e palha à medida que saía da eira em garfos ou pás, libertando assim a cevada da palha e das cascas que, de certa forma, a contaminavam. O documento termina com uma declaração de três linhas destinada a impressionar o leitor e o estudante com a afirmação de que as instruções que o fazendeiro deu a seu filho são, na verdade, as do deus Ninurta, que, de acordo com os teólogos sumérios, era o "fazendeiro confiável de Enlil", a divindade líder do panteão sumério.

O autor deste documento agrícola único, apesar das suas linhas introdutórias, não era um agricultor; os agricultores eram provavelmente analfabetos e, em qualquer caso, dificilmente teriam tempo ou vontade de preparar um manual agrícola. Foi, sem dúvida, composta por um dos professores, ou ummia, da escola suméria, a eduba – seus maneirismos literários são evidentes em não poucas de suas passagens. O objetivo da composição era pedagógico; Destinava-se a ensinar aos alunos da edubiba, especialmente os mais avançados, tudo sobre a arte e a habilidade da agricultura bem-sucedida. Isso é provado pelo fato de que a composição foi encontrada inscrita em numerosas duplicatas e extratos, e escusado será dizer que muitos mais provavelmente ainda estão enterrados nas ruínas da Suméria. Podemos concluir, portanto, que era bastante popular tanto entre o professor quanto entre os alunos, e não à toa, pois provavelmente ajudou o egresso da edubba a conseguir um bom emprego e mantê-lo, como podemos ver em um ensaio até então praticamente desconhecido que pode ser intitulado "Colóquio entre uma úcula e um escriba", que mostra o edubba-graduado no papel de um gestor bem-sucedido e articulado de uma grande propriedade.

Os cereais criados pelos sumérios eram cevada – com todas as probabilidades a mais importante – trigo, milheto e emmer. Um grande número de vegetais foram cultivados, incluindo grão-de-bico, lentilha, ervilhaca, cebola, alho, alface, nabos, agrião, alho-poró, mostarda e vários tipos de pepinos. O uso de um cinturão de árvores para proteger o jardim do sol murcho e dos ventos dessecantes era conhecido pelos sumérios e foi até transformado em um tema mítico (ver páginas 162–64). A ferramenta mais usada para jardinagem era a enxada, e havia um tipo especial de grade conhecido como "grade de jardim".

A árvore que desempenhou um papel predominante na vida econômica suméria foi a tamareira, da qual uma substância doce conhecida como lal, ou "mel", foi extraída. A fertilização artificial da palmeira feminina era conhecida e praticada na época suméria. E desde o início do segundo milênio a.C., existem listas lexicográficas sumérias contendo cerca de cento e cinquenta palavras para os vários tipos de palmeiras e suas diferentes partes.

A pecuária, assim como a agricultura, era fundamental para a economia suméria – era a fonte de transporte, comida e vestuário. O animal comumente utilizado para o transporte era o jumento; o cavalo era aparentemente conhecido no final dos dias sumérios, mas nunca foi usado extensivamente. O mais útil dos animais domesticados era, sem dúvida, o boi, o único animal de tração que era mais ou

menos adequadamente aproveitado naqueles primeiros dias. Era usado para arar, puxar carroças e trenós e transportar cargas pesadas. Touros, vacas e bezerros eram inestimáveis por sua carne e pele.

Cerca de duzentas palavras sumérias que designam os vários tipos e variedades de ovelhas chegaram até nós, embora a maioria delas ainda não possa ser identificada. Do ponto de vista econômico, os mais importantes – além dos comuns – eram as ovelhas engordas, as ovelhas de cauda gorda e as ovelhas da montanha, provavelmente o muflão. Cabras e cabritos também eram abundantes, e o cabelo de cabra era usado extensivamente para tecer tapetes e grandes recipientes semelhantes a caixotes. Os porcos eram usados por sua gordura e pele, bem como sua carne – a carne de porco era vista com bons olhos pelos sumérios – e havia um rebanho suíno especial, bem como um açougueiro suíno encarregado de abater e preparar a carne.

A criação de animais foi complementada pela caça, e há textos registrando as entregas de veados, javalis e gazelas. Havia também a coruja, que capturava aves com todo um arsenal de redes, e há registro de entregas de até cinquenta e quatro aves assadas. A pesca também era uma indústria de produção de alimentos muito importante, embora em uma extensão muito maior no início do que nos tempos sumérios posteriores, a julgar pelo fato de que mais de cinquenta tipos diferentes de peixes são mencionados em textos que datam de antes de 2300 a.C. e apenas meia dúzia ou mais depois disso. A rede foi o implemento mais utilizado para a captura de peixes, embora armadilhas e linhas de pesca também sejam mencionadas.

A bebida mais popular entre os sumérios era a cerveja, a bebida que alegrava os "corações" e as "vidas" de deuses e homens, sem mencionar seu valor medicinal. As técnicas de fabricação de cerveja ainda são bastante obscuras, e o que se sabe foi admiravelmente tratado por Leo Oppenheim em sua monografia "Sobre cerveja e técnicas de fabricação de cerveja na antiga Mesopotâmia". O preparo da cerveja estava intimamente relacionado à fabricação de bolos de cereais a partir da cevada brotada; Foi essa malte que deu um maior valor nutricional ao grão que agora tinha um grande teor de carboidratos e proteínas. Havia uma deusa especial encarregada do preparo da cerveja chamada Ninkasi, nome que parece significar literalmente "a senhora que enche a boca". Embora fosse uma deusa "nascida em água fresca com gás", foi a cerveja que foi seu primeiro amor; e ela é descrita em um hino de glorificação dirigido a ela por um dos devotos do culto de Inanna como a cervejeira dos deuses que "assa com pá elevada a cevada brotada", que "mistura o bappir-malte com doces aromáticos", que "assa o bappir-malte no forno elevado" e que "derrama a cerveja perfumada no lohtanvessel que é como o Tigre e o Eufrates se juntaram". É evidente, então, que até a cerveja tinha suas qualidades divinas e sublimes para os poetas e sábios sumérios.

CAPÍTULO QUARTO
RELIGIÃO: Teologia, Rito e Mito

No decorrer do terceiro milênio a.C., os sumérios desenvolveram ideias religiosas e conceitos espirituais que deixaram uma marca indelével no mundo moderno, especialmente por meio do judaísmo, cristianismo e maometismo. No nível intelectual, pensadores e sábios sumérios, como resultado de suas especulações sobre a origem e a natureza do universo e seu modus operandi, desenvolveram uma cosmologia e teologia que carregavam uma convicção tão alta que se tornaram o credo e dogma básico de grande parte do antigo Oriente Próximo. No nível prático e funcional, os sacerdotes e homens santos sumérios desenvolveram um complexo colorido e variado de ritos, rituais e cerimônias que serviam para agradar e aplacar os deuses, bem como fornecer uma válvula emocional para o amor do homem pela ostentação e pelo espetáculo. No plano estético, os analfabetos menestréis e bardos sumérios, e seus herdeiros posteriores, os poetas e escribas da edubba, criaram o que é por todas as probabilidades a mitologia mais rica do antigo Oriente Próximo, que reduziu os deuses ao tamanho humano, mas o fez com compreensão, reverência e, acima de tudo, originalidade e imaginação.

Comecemos pela cosmogonia e pela teologia. Cientificamente falando, os filósofos e pensadores sumérios tinham à sua disposição apenas as ideias mais rudimentares e superficiais sobre a natureza do universo e seu método de funcionamento. Aos olhos dos mestres e sábios sumérios, os principais componentes do universo (no sentido mais restrito da palavra) eram o céu e a terra; na verdade, seu termo para universo era an-ki, uma palavra composta que significa "céu-terra". A terra era um disco plano encimado por um vasto espaço oco, completamente fechado por uma superfície sólida em forma de abóbada. O que se pensava ser esse sólido celestial ainda é incerto; a julgar pelo fato de que o termo sumério para estanho é "metal do céu", pode ter sido estanho. Entre o céu e a terra reconheceram uma substância que chamaram de lil, palavra cujo significado aproximado é vento, ar, respiração, espírito; Suas características mais significativas parecem ser o movimento e a expansão e, portanto, corresponde aproximadamente à nossa "atmosfera". O sol, a lua, os planetas e as estrelas foram tomados como feitos do mesmo material que a atmosfera, mas dotados, além disso, da qualidade da luminosidade. Ao redor do "céu-terra" por todos os lados, bem como por cima e por baixo, estava o mar sem limites no qual o universo de alguma forma permanecia fixo e imóvel.

A partir desses fatos básicos sobre a estrutura do universo – fatos que pareciam aos pensadores sumérios óbvios e indiscutíveis – eles desenvolveram uma cosmogonia para se encaixar. Primeiro, concluíram, havia o mar primitivo; Os indícios são de que eles olhavam para o mar como uma espécie de causa primeira e principal impulsionadora, e nunca se perguntaram o que precedeu o mar no tempo e

no espaço. Neste mar primitivo foi de alguma forma engendrado o universo (isto é, "céu-terra"), consistindo de um céu abobadado sobreposto sobre uma terra plana e unido a ele. Entre eles, porém, vinha a "atmosfera" em movimento e expansão que separava o céu da terra. Dessa atmosfera foram formados os corpos luminosos, a lua, o sol, os planetas e as estrelas. Após a separação do céu e da terra e a criação dos corpos astrais que dão luz, a vida vegetal, animal e humana passou a existir.

Operando, dirigindo e supervisionando esse universo, o teólogo sumério assumiu, era um panteão composto por um grupo de seres vivos, semelhantes ao homem na forma, mas sobre-humanos e imortais, que, embora invisíveis aos olhos mortais, guiavam e controlavam o cosmos de acordo com planos bem estabelecidos e leis devidamente prescritas. Os grandes reinos do céu, da terra, do mar e do ar; os principais corpos astrais, sol, lua e planetas; forças atmosféricas como vento, tempestade e tempestade; e, finalmente, na terra, entidades naturais como rio, montanha e planície, entidades culturais como cidade e estado, dique e vala, campo e fazenda, e até mesmo implementos como picareta, molde de tijolo e arado – cada um era considerado sob a responsabilidade de um ou outro ser antropomórfico, mas sobre-humano, que orientava suas atividades de acordo com regras e regulamentos estabelecidos.

Por trás dessa suposição axiomática do teólogo sumério estava, sem dúvida, uma inferência lógica, se talvez não articulada, já que ele dificilmente poderia ter visto qualquer um dos seres semelhantes aos humanos com seus próprios olhos. Nosso teólogo provavelmente se inspirou na sociedade humana como a conhecia e raciocinou do conhecido ao desconhecido. Ele observou que terras e cidades, palácios e templos, campos e fazendas – em suma, todas as instituições e empresas imagináveis – são cuidadas e supervisionadas, guiadas e controladas por seres humanos vivos; sem eles, terras e cidades se tornam desoladas, templos e palácios desmoronam, campos e fazendas se transformam em deserto e deserto. Certamente, portanto, o cosmos e todos os seus múltiplos fenômenos também devem ser cuidados e supervisionados, guiados e controlados pelos seres vivos em forma humana. Mas sendo o cosmos muito maior do que a soma total das habitações humanas, e sua organização sendo muito mais complexa, esses seres vivos obviamente devem ser muito mais fortes e muito mais eficazes do que os humanos comuns. Acima de tudo, devem ser imortais; caso contrário, o cosmos se transformaria em caos após sua morte, e o mundo chegaria ao fim, alternativas que, por razões óbvias, não se recomendavam ao metafísico sumério. Foi cada um desses seres invisíveis, antropomórficos e, ao mesmo tempo, sobre-humanos e imortais que o sumério designou por sua palavra dingir, que traduzimos pela palavra "deus".

Como funcionava esse panteão divino? Em primeiro lugar, parecia razoável para os sumérios supor que as divindades que constituíam o panteão não eram todas da mesma importância ou de igual nível. Dificilmente se poderia esperar que o deus responsável pela picareta ou molde de tijolo se comparasse com a divindade responsável pelo sol. Também não se poderia esperar que a divindade encarregada de diques e valas igualasse em nível hierárquico a divindade encarregada da terra como um todo. Depois, também, em analogia com a organização política do Estado

humano, era natural supor que à frente do panteão estava uma divindade reconhecida por todos os outros como seu rei e governante. O panteão sumério foi, portanto, concebido como funcionando como uma assembleia com um rei à frente; Os grupos mais importantes desta assembleia consistiam de sete deuses que "decretam os destinos" e cinquenta divindades conhecidas como "os grandes deuses". Mas uma divisão mais significativa estabelecida pelos teólogos sumérios dentro de seu panteão é aquela entre divindades criativas e não criativas, uma noção alcançada como resultado de suas visões cosmológicas. De acordo com essas visões, os componentes básicos do cosmos são o céu e a terra, o mar e a atmosfera; todos os outros fenômenos cósmicos existem apenas dentro de um ou outro desses reinos. Assim, parecia razoável inferir que as divindades no controle do céu, da terra, do mar e do ar eram os deuses criativos e que uma ou outra dessas quatro divindades criou todas as outras entidades cósmicas de acordo com os planos originados por elas.

Quanto à técnica de criação atribuída a essas divindades, nossos filósofos sumérios desenvolveram uma doutrina que se tornou dogma em todo o Oriente Próximo, a doutrina do poder criador da palavra divina. Tudo o que a divindade criadora tinha que fazer, de acordo com essa doutrina, era estabelecer seus planos, pronunciar a palavra e pronunciar o nome. Essa noção do poder criador da palavra divina foi provavelmente também o resultado de uma inferência analógica baseada na observação da sociedade humana: se um rei humano podia alcançar quase tudo o que queria por comando, por não mais do que o que parecia ser as palavras de sua boca, quanto mais era possível para as divindades imortais e sobre-humanas encarregadas dos quatro reinos do universo. Mas talvez essa solução "fácil" dos problemas cosmológicos, nos quais o pensamento e a palavra por si só são tão importantes, seja em grande parte um reflexo do impulso de fuga para a realização esperançosa de desejos característicos de praticamente todos os seres humanos em tempos de estresse e infortúnio.

Da mesma forma, os teólogos sumérios aduziam o que era para eles uma inferência metafísica satisfatória para explicar o que mantinha as entidades cósmicas e os fenômenos culturais, uma vez criados, operando contínua e harmoniosamente sem conflitos e confusões; este foi o conceito designado pela palavra suméria me, cujo significado exato ainda é incerto. Em geral, parece denotar um conjunto de regras e regulamentos atribuídos a cada entidade cósmica e fenômeno cultural com o propósito de mantê-lo operando para sempre de acordo com os planos estabelecidos pela divindade que o criou. Em suma, outra resposta superficial, mas evidentemente não totalmente ineficaz, a um problema cosmológico insolúvel que apenas escondia as dificuldades fundamentais com a ajuda de uma camada de palavras em grande parte sem sentido.

Nossa principal fonte de informação sobre os eus é o mito "Inanna e Enki: A Transferência das Artes da Civilização de Eridu para Erech" (ver páginas 160–62). O autor do poema dividiu a civilização como a conhecia em mais de cem elementos, cada um dos quais exigiu um eu para originá-la e mantê-la funcionando. Ele lista as cem vezes no mito; mas, apesar dessas repetições, apenas cerca de sessenta e poucos

são atualmente inteligíveis, e algumas delas são apenas palavras nuas que, por falta de contexto, dão apenas uma pista de seu real significado. No entanto, resta o suficiente para mostrar o caráter e a importância dessa primeira tentativa registrada de análise da cultura, resultando em uma lista considerável do que hoje são geralmente denominados traços e complexos culturais; Como se verá, esses itens consistem em várias instituições, ofícios sacerdotais, apetrechos ritualísticos, atitudes mentais e emocionais, bem como crenças e dogmas diversos.

Aqui estão as partes mais inteligíveis da lista na ordem exata dada pelo antigo escritor sumério: (1) o navio, (2) a divindade, (3) a coroa exaltada e duradoura, (4) o trono da realeza, (5) o cetro exaltado, (6) a insígnia real, (7) o santuário exaltado, (8) o pastoreio, (9) a realeza, (10) a dama duradoura, (11) (o ofício sacerdotal) "dama divina", (12) (o ofício sacerdotal) ishib, (13) (o ofício sacerdotal) lumah, (14) (o ofício sacerdotal) guda, (15) verdade, (16) descida ao mundo nether, (17) ascensão do mundo nether, (18) (o eunuco) kurgarra, (19) (o eunuco) girbadara, (20) (o eunuco) sagursag, (21) o padrão (de batalha), (22) o dilúvio, (23) armas (?), (24) relações sexuais, (25) prostituição, (26) lei (?), (27) libelo (?), (28) arte, (29) a câmara de culto, (30) "hierodulo do céu", (31) (o instrumento musical) gusilim, (32) música, (33) presbítero, (34) heroísmo, (35) poder, (36) inimizade, (37) simplicidade, (38) destruição das cidades, (39) lamentação, (40) regozijo do coração, (41) falsidade, (42) arte da metalurgia, (47) escriba, (48) ofício do ferreiro, (49) ofício do coureiro, (50) ofício do construtor, (51) ofício do tecelão de cestos, (52) sabedoria, (53) atenção, (54) Santa Purificação, (55) Medo, (56) Terror, (57) Conflito, (58) Paz, (59) Cansaço, (60) Vitória, (61) Conselho, (62) O Coração Perturbado, (63) Julgamento, (64) Decisão, (65) (O Instrumento Musical) Lilis, (66) (O Instrumento Musical) UB, (67) (O Instrumento Musical) Mesi, (68) (O Instrumento Musical) Ala.

Os deuses sumérios, como ilustrado graficamente pelos mitos sumérios, eram inteiramente antropomórficos; Mesmo os mais poderosos e mais conhecedores entre eles foram concebidos como humanos em forma, pensamento e ação. Como o homem, eles planejam e agem, comem e bebem, casam e criam famílias, sustentam grandes famílias e são viciados em paixões e fraquezas humanas. Em geral, eles preferem a verdade e a justiça à falsidade e à opressão, mas seus motivos não são de modo algum claros, e o homem muitas vezes não consegue entendê-los. Pensava-se que eles viviam na "montanha do céu e da terra, o lugar onde o sol nasceu", pelo menos, presumivelmente, quando sua presença não era necessária nas entidades cósmicas particulares sobre as quais eles tinham carga. A forma como eles viajaram não é de forma alguma certa pelos dados disponíveis, embora saibamos que o deus-lua viajou em um barco, o deus-sol em uma carruagem, ou, de acordo com outra versão, a pé, e o deus-tempestade nas nuvens. Barcos eram usados com frequência. Mas os pensadores sumérios parecem não ter se preocupado muito com problemas tão práticos e realistas; e, portanto, não somos informados sobre a maneira pela qual os deuses deveriam chegar aos seus vários templos e santuários na Suméria e de que maneira eles realmente realizavam atividades humanas como comer e beber. Os sacerdotes presumivelmente viram apenas suas estátuas, que sem dúvida cuidaram e

manusearam com muito cuidado. Mas como os objetos de pedra, madeira e metal deveriam ser concebidos como tendo osso, músculo e sopro de vida – esse tipo de pergunta – nunca lhes ocorreu. Nem os pensadores sumérios parecem ter se incomodado com a contradição inerente entre imortalidade e antropomorfismo. Embora se acreditasse que os deuses eram imortais, eles tinham que ter seu sustento; poderiam adoecer até a morte; eles lutaram, feriram e mataram, e presumivelmente poderiam ser feridos e mortos. Sem dúvida, nossos sábios sumérios desenvolveram numerosas noções teológicas em uma tentativa fútil de resolver as inconsistências e contradições inerentes a um sistema politeísta de religião. Mas, a julgar pelo material disponível, eles provavelmente nunca os anotaram de forma sistemática e, portanto, nunca aprenderemos muito sobre eles. De qualquer forma, é pouco provável que tenham resolvido muitas das inconsistências. O que os salvou da frustração espiritual e intelectual foi, sem dúvida, o fato de que muitas questões que, segundo nosso modo de pensar, deveriam tê-los perturbado, nunca lhes vieram à mente.

Em meados do terceiro milênio a.C., o mais tardar, descobrimos que centenas de divindades, pelo menos pelo nome, existiam entre os sumérios. Conhecemos os nomes de muitos deles, não apenas de listas compiladas nas escolas, mas também de listas de sacrifícios em tábuas que foram desenterradas ao longo do século passado e de nomes próprios como "X é um pastor", "X tem um grande coração", "quem é como X", "o servo de X", "o homem de X, " "o amado X", "X me deu", etc., em que X representa o nome de uma divindade. Muitas dessas divindades são secundárias, ou seja, são esposas, filhos e servos pensados com base no padrão humano para as divindades maiores. Outros talvez sejam nomes e epítetos de divindades conhecidas que atualmente não podemos identificar. No entanto, um grande número de divindades foi realmente adorado durante todo o ano com sacrifícios, adoração e oração. De todas essas centenas de divindades, as quatro mais importantes eram o deus-céu, An, o deus-ar, Enlil, o deus-água, Enki, e a grande deusa-mãe, Ninhursag. Eles geralmente encabeçam as listas de deuses e muitas vezes são listados como realizando atos significativos juntos como um grupo; Nas reuniões e banquetes divinos, recebiam os assentos de honra.

Há boas razões para acreditar que An, o deus-céu, foi concebido pelos sumérios para ser o governante supremo do panteão, embora em nossas fontes disponíveis que cheguem a cerca de 2500 a.C. é o deus-ar, Enlil, que parece ter tomado seu lugar como o líder do panteão. A cidade-estado em que An tinha sua principal sede de culto chamava-se Erech, uma cidade que desempenhou um papel político proeminente na história da Suméria e onde, não muito antes da Segunda Guerra Mundial, uma expedição alemã descobriu centenas de pequenas tábuas de argila inscritas em sinais semipictográficos que datam de cerca de 3000 a.C., pouco tempo depois de a escrita ter sido inventada pela primeira vez. An continuou a ser adorado na Suméria ao longo dos milênios, mas ele gradualmente perdeu muito de sua proeminência. Tornou-se uma figura bastante sombria no panteão, e raramente é mencionado nos hinos e mitos dos últimos dias; naquela época, a maioria de seus poderes havia sido conferida ao deus Enlil.

De longe, a divindade mais importante no panteão sumério, aquela que desempenhou um papel dominante em toda a Suméria no rito, mito e oração, foi o deus-ar, Enlil. Os eventos que levaram à sua aceitação geral como uma divindade líder do panteão sumério são desconhecidos; mas desde os primeiros registros inteligíveis, Enlil é conhecido como "o pai dos deuses", "o rei do céu e da terra", "o rei de todas as terras". Reis e governantes se vangloriam de que foi Enlil quem lhes deu a realeza da terra, que tornou a terra próspera para eles, que lhes deu todas as terras para conquistar por sua força. É Enlil quem pronuncia o nome do rei e lhe dá o cetro e o olha com bons olhos.

De mitos e hinos posteriores aprendemos que Enlil foi concebido para ser uma divindade muito benéfica que foi responsável pelo planejamento e criação das características mais produtivas do cosmos. Ele foi o deus que fez o dia nascer, que teve piedade dos humanos, que lançou os planos que trouxeram todas as sementes, plantas e árvores da terra; Foi ele quem estabeleceu a fartura, a abundância e a prosperidade na terra. Foi Enlil quem moldou a picareta e o arado como protótipos dos implementos agrícolas a serem utilizados pelo homem. Destaco as características benéficas do caráter de Enlil, a fim de corrigir um equívoco que encontrou seu caminho em praticamente todos os manuais e enciclopédias que tratam da religião e da cultura sumérias, a crença de que Enlil era uma divindade violenta e destrutiva cuja palavra e ação praticamente sempre não traziam nada além do mal. Como não raro acontece, esse mal-entendido se deve em grande parte a um acidente arqueológico; pois aconteceu que, entre as primeiras composições sumérias publicadas, havia uma proporção extraordinariamente grande de tipos de lamentação em que, necessariamente, Enlil tinha o infeliz dever de realizar a destruição e os infortúnios decretados pelos deuses por uma razão ou outra. Como resultado, ele foi estigmatizado como uma divindade feroz e destrutiva por estudiosos anteriores, e ele nunca viveu isso. Na verdade, quando analisamos os hinos e mitos – alguns dos quais foram publicados apenas em dias mais recentes – encontramos Enlil glorificado como uma divindade paterna e muito simpática que zela pela segurança e bem-estar de todos os humanos e, particularmente, é claro, pelos habitantes da Suméria.

A profunda veneração dos sumérios pelo deus Enlil e seu templo, o Ekur em Nippur, pode ser sentida em um hino (cujo texto só recentemente se tornou disponível) que diz em parte o seguinte: Enlil, cujo mandamento é de longo alcance, cuja palavra é santa,

O senhor cujo pronunciamento é imutável, que decreta para sempre destinos,
Cujo olho levantado varre as terras,
Cuja viga levantada vasculha o coração de todas as terras,
Enlil que se senta amplamente na maré branca, na margarida elevada,
Quem aperfeiçoa os decretos de poder, senhorio e principado,
Os deuses da terra se curvam com medo diante dele,
Os deuses-céus humilham-se diante dele...

A cidade (Nippur), sua aparência é temível e impressionante,
O injusto, o mau opressor,
O.... , o informador,
O arrogante, o violador do acordo,

Ele não tolera o mal deles na cidade,
A grande rede . . . ,
Ele não deixa o ímpio e o malfeitor escaparem de suas malhas.

Nipur – o santuário onde habita o pai, a "grande montanha",
O dais da fartura, o Ekur que se eleva . . .
A alta montanha, o lugar puro...
Seu príncipe, a "grande montanha", padre Enlil,
Estabeleceu seu assento no dais do Ekur, santuário elevado;
O templo — seus decretos como o céu não podem ser derrubados,
Seus ritos puros como a terra não podem ser quebrados,
Seus decretos são como os decretos do abismo, ninguém pode olhar para eles,
Seu "coração" é como um santuário distante, desconhecido como o zênite do céu. , Suas palavras são orações,
Seus enunciados são súplicas... ,
Seu ritual é precioso,
Suas festas fluem com gordura e leite, são ricas em abundância,
Seus armazéns trazem alegria e regozijo, . . . ,
A casa de Enlil, é uma montanha de fartura... ;
O Ekur, a casa de lápis-lazúli, a morada elevada, inspiradora,
Seu espanto e pavor estão ao lado do céu,
Sua sombra está espalhada por todas as terras,
Sua altivez alcança o coração do céu,
Todos os senhores e príncipes conduzem seus santos dons, ofertas,
Pronuncie ali oração, súplica e súplica.

Enlil, o pastor sobre o qual você olha (favoravelmente),
A quem chamaste e fizeste alto na terra,. . . . ,
Que prostra as terras estrangeiras por onde passa,
Libações calmantes de todos os lugares,
Sacrifícios de espólio pesado,
Trouxe; no armazém,
Nos pátios elevados, dirigiu suas oferendas;
Enlil, do digno pastor,. . . . ,
Do principal pastor de todos os que têm fôlego (o rei),
Feito nascer o seu principado,
Colocou a coroa santa em sua cabeça...

O céu — ele é o seu principesco; terra — ele é o seu grande,
Os Anunnaki – ele é o seu deus exaltado;
Quando, em sua grandiosidade, decreta os destinos,
Nenhum deus se atreve a olhar para ele.
Apenas ao seu nobre vizir, o camareiro Nusku,
O mandamento, a palavra do seu coração,
Deu a conhecer, informou,
Ele encarregou de executar suas ordens abrangentes,
Ele confiou todas as santas leis, todos os santos decretos.

Sem Enlil, a grande montanha,
Nenhuma cidade seria construída, nenhum assentamento seria fundado,
Nenhuma barraca seria construída, nenhum curral de ovelhas seria estabelecido,
Nenhum rei seria criado, nenhum sumo sacerdote nasceria,
Nenhum sacerdote, nenhuma sacerdotisa, seria escolhido por presságio de ovelhas, Os trabalhadores não teriam nem controlador nem supervisor...
Os rios, suas águas de inundação, não trariam transbordamento,
Os peixes do mar não botavam ovos no canavial,
As aves do céu não construiriam ninhos na terra larga,
No céu, as nuvens à deriva não produziriam sua umidade,
Plantas e ervas, a glória da planície, deixariam de crescer,
No campo e no prado, o grão rico deixaria de florescer,
As árvores plantadas na floresta serrana não dariam seus frutos

A terceira das principais divindades sumérias era Enki, o deus encarregado do abismo, ou, em sumério, o abzu. Enki era o deus da sabedoria, e foi principalmente ele quem organizou a terra de acordo com as decisões de Enlil, que só fez os planos gerais. Os detalhes reais e as execuções foram deixados para Enki, o engenhoso, habilidoso, prático e sábio. Aprendemos muito sobre Enki com o mito "Enki e a Ordem Mundial: A Organização da Terra e Seus Processos Culturais" (ver páginas 171–73), que fornece um relato detalhado das atividades criativas de Enki na instituição dos fenômenos naturais e culturais essenciais à civilização. Este mito serve como uma ilustração vívida das noções superficiais dos sumérios sobre a natureza e seus mistérios. Em nenhum lugar há uma tentativa de chegar às origens fundamentais dos processos naturais ou culturais; todos são atribuídos aos esforços criativos de Enki, geralmente simplesmente declarando o que equivale a "Enki fez isso". Onde a técnica criativa é mencionada, ela consiste na palavra e no comando do deus, nada mais.

A quarta entre as divindades criadoras era a deusa-mãe, Ninhursag, também conhecida como Ninmah, "a senhora exaltada". Em um dia anterior, essa deusa era provavelmente de um nível ainda mais alto, e seu nome muitas vezes precedeu o de Enki quando os quatro deuses foram listados juntos por um motivo ou outro. Seu nome pode ter sido originalmente Ki, "(mãe) Terra", e ela provavelmente foi tomada como a consorte de An, "Céu", - An e Ki, portanto, podem ter sido concebidos como os pais de todos os deuses. Ela também era conhecida como Nintu, "a senhora que deu à luz". Os primeiros governantes sumérios gostavam de se descrever como "constantemente alimentados por Ninhursag com leite". Ela era considerada a mãe de todos os seres vivos, a deusa-mãe proeminente. Em um de seus mitos, ela desempenha um papel importante na criação do homem, e em outro ela inicia uma cadeia de nascimentos divinos em Dilmun, o paraíso dos deuses, que leva ao motivo "fruto proibido".

Além dessas quatro divindades líderes, havia três importantes divindades astrais: o deus-lua, Nanna, que também é conhecido pelo nome de Pecado, que provavelmente é de origem semítica; o filho de Nanna, o deus-sol, Utu; e a filha de Nanna, a deusa Inanna, conhecida pelos semitas como Ishtar. Pode ser que seja esse grupo de sete divindades, An, Enlil, Enki, Ninhursag, Nanna-Sin, Utu e Inanna que é referido como as sete divindades que "decretam os destinos". Os cinquenta "grandes deuses" nunca são nomeados, mas parecem ser idênticos aos Anunnaki, os filhos de An, pelo menos com aqueles que não estão confinados ao mundo das redes. Sem dúvida, alguns dos numerosos deuses mencionados ao longo deste livro pertencem aos Anunnaki, ou pelo menos aos cinquenta "grandes deuses". Havia também um grupo de deuses designados como Igigi, embora eles pareçam desempenhar um papel relativamente menor a julgar pelo fato de que eles são, mas raramente mencionados nas obras literárias existentes.

Passando de deus para homem, descobrimos que os pensadores sumérios, de acordo com sua visão de mundo, não tinham confiança exagerada no homem e em seu destino. Eles estavam firmemente convencidos de que o homem foi feito de barro e criado para um único propósito: servir aos deuses, fornecendo-lhes comida,

bebida e abrigo para que pudessem ter pleno lazer para suas atividades divinas. A vida do homem era cercada de incertezas e assombrada pela insegurança, pois não sabia de antemão o destino que lhe era decretado pelos deuses imprevisíveis. Quando morreu, seu espírito emasculado desceu ao mundo sombrio e sombrio, onde a vida era apenas um reflexo sombrio e miserável de sua contraparte terrena.

Um problema moral fundamental, um dos favoritos dos filósofos ocidentais, nunca incomodou os pensadores sumérios, a saber, o delicado e bastante escorregadio problema do livre-arbítrio. Convencidos além de qualquer necessidade de argumento de que o homem foi criado pelos deuses apenas para seu benefício e lazer, os sumérios aceitaram sua condição de dependente, assim como aceitaram a decisão divina de que a morte era a sorte do homem e que apenas os deuses eram imortais. Todo o crédito pelas altas qualidades morais e virtudes éticas que os sumérios haviam evoluído gradual e dolorosamente ao longo dos séculos a partir de suas experiências sociais e culturais foi atribuído aos deuses; Foram os deuses que planejaram dessa forma, e o homem estava apenas seguindo as ordens divinas.

Os sumérios, de acordo com seus próprios registros, prezavam a bondade e a verdade, a lei e a ordem, a justiça e a liberdade, a retidão e a retidão, a misericórdia e a compaixão, e naturalmente abominavam seus opostos, o mal e a falsidade, a ilegalidade e a desordem, a injustiça e a opressão, o pecado e a perversidade, a crueldade e a impiedade. Reis e governantes, em particular, vangloriam-se constantemente do fato de terem estabelecido a lei e a ordem na terra, protegido os fracos dos fortes e os pobres dos ricos, e eliminado o mal e a violência. Urukagina, por exemplo, registra orgulhosamente que restaurou a justiça e a liberdade aos sofridos cidadãos de Lagash, acabou com funcionários onipresentes e opressores, pôs fim à injustiça e à exploração e protegeu a viúva e o órfão. Menos de quatro séculos depois, Ur-Nammu, o fundador da Terceira Dinastia de Ur, promulgou seu código de leis, que lista em seu prólogo algumas de suas conquistas éticas: ele eliminou uma série de abusos burocráticos prevalentes, regulamentou pesos e medidas para garantir a honestidade no mercado, e cuidou para que a viúva, os órfãos e os pobres eram protegidos de maus tratos e abusos. Cerca de dois séculos depois, Lipit-Ishtar de Isin promulgou um novo código de leis no qual se gaba de ter sido especialmente escolhido pelos grandes deuses An e Enlil para "o príncipe da Terra", a fim de estabelecer justiça na Terra, banir queixas, reverter a inimizade e a rebelião pela força das armas e trazer bem-estar aos sumérios e acádios. Os hinos de um grande número de governantes sumérios abundam em alegações semelhantes de alta conduta ética e moral.

Os deuses, é claro, também preferiram o ético e moral ao antiético e imoral, de acordo com os sábios sumérios, e praticamente todas as principais divindades do panteão sumério são exaltadas em seus hinos como amantes do bem e do justo, da verdade e da justiça. De fato, havia várias divindades que tinham a supervisão da ordem moral como sua principal função: por exemplo, o deus-sol, Utu. Outra divindade, a deusa lagashita chamada Nanshe, também desempenhou um papel significativo na esfera da conduta ética e moral do homem. Ela é descrita em um de seus hinos como a deusa Quem conhece o órfão, quem conhece a viúva,

Conhece a opressão do homem sobre o homem, é a mãe do órfão,
Nanshe, que cuida da viúva,
Quem busca (?) justiça (?) para os mais pobres (?).
A rainha traz o refugiado ao colo,
Encontra abrigo para os fracos.

Em outra passagem deste hino, ela é retratada julgando a humanidade no dia de Ano Novo; ao seu lado estão Nidaba, a deusa da escrita e dos relatos, e seu marido, Haia, além de numerosas testemunhas. Os maus tipos humanos que sofrem seu desagrado são (Pessoas) que andando em transgressão estenderam a mão erguida, . . . ,

Quem transgride as normas estabelecidas, viola contratos,
Quem olhava com favor para os lugares do mal,. . . . ,
Quem substituiu um peso pequeno por um peso grande,
Quem substituiu uma pequena medida por uma grande medida,
Quem, tendo comido (algo que não lhe pertencia), não disse "comi",
Quem, tendo bebido, não disse "bebi"... ,
Quem disse "eu comeria o que é proibido",
Que disse: "Eu beberia o que é proibido".

A consciência social de Nanshe é ainda revelada em linhas que dizem:

Para confortar o órfão, para fazer desaparecer a viúva,
Para estabelecer um lugar de destruição para os poderosos,
Entregar os poderosos aos fracos... ,
Nanshe vasculha o coração das pessoas.

Infelizmente, embora as divindades líderes fossem assumidas como éticas e morais em sua conduta, o fato é que, de acordo com a visão de mundo dos sumérios, eles também foram aqueles que, no processo de estabelecimento da civilização, planejaram o mal e a mentira, a violência e a opressão – em suma, todos os modos imorais e antiéticos da conduta humana. Assim, por exemplo, entre a lista de mim, as regras e regulamentos criados pelos deuses para fazer o cosmos funcionar sem problemas e de forma eficaz, há não apenas aqueles que regulam a "verdade", a "paz", a "bondade" e a "justiça", mas também aqueles que governam a "falsidade", a "contenda", a "lamentação" e o "medo". Por que, então, alguém poderia perguntar, os deuses acharam necessário planejar e criar o pecado e o mal, o sofrimento e o infortúnio, que eram tão difundidos que um pessimista sumério poderia dizer: "Nunca uma criança sem pecado nasceu de sua mãe"? A julgar pelo nosso material disponível, os sábios sumérios, se fizessem a pergunta, estavam dispostos a admitir sua ignorância a esse respeito; A vontade dos deuses e seus motivos eram, às vezes, inescrutáveis. O caminho adequado para um Jó sumério seguir não era argumentar e reclamar diante de infortúnios aparentemente injustificáveis, mas implorar e lamentar, lamentar e confessar seus inevitáveis pecados e falhas.

Mas darão ouvidos aos deuses, um mortal solitário e pouco eficaz, mesmo que ele se prostre e se humilhe em oração sincera? Provavelmente não, teriam respondido os professores sumérios. Como eles viam, os deuses eram como governantes mortais e, sem dúvida, tinham coisas mais importantes para atender; e assim, como no caso dos reis, o homem deve ter um intermediário para interceder em seu favor, aquele a quem os deuses estariam dispostos a ouvir e favorecer. Como resultado, os pensadores sumérios inventaram e evoluíram a noção de um deus pessoal, uma

espécie de anjo bom para cada indivíduo em particular e chefe de família, seu pai divino que o gerou, por assim dizer. Foi para ele, para sua divindade pessoal, que o indivíduo sofredor desnudou seu coração em oração e súplica, e foi através dele que encontrou sua salvação.

Aprendemos tudo isso com um ensaio poético recém-elaborado que trata do sofrimento e da submissão, tema que ficou famoso na literatura mundial e no pensamento religioso pelo Livro Bíblico de Jó. O poema sumério de forma alguma se compara a este último em amplitude de alcance, profundidade de compreensão ou beleza de expressão. Seu maior significado reside no fato de que representa a primeira tentativa registrada do homem de lidar com o problema antigo e ainda muito moderno do sofrimento humano – mais de mil anos antes da composição do Livro de Jó.

A tese principal de nosso poeta é que em casos de sofrimento e adversidade, por mais aparentemente injustificados, a vítima tem apenas um recurso válido e eficaz, que é glorificar continuamente seu deus e continuar lamentando e lamentando diante dele até que ele vire um ouvido favorável para suas orações. O deus em questão é o deus "pessoal" do sofredor, isto é, a divindade que, de acordo com o credo sumério aceito, atua como representante e intercessor do homem na assembleia dos deuses. Para provar seu ponto, nosso autor não recorre à especulação filosófica, mas a uma aplicação prática; ele cita um caso: Aqui está um homem, sem nome para ter certeza, que tinha sido rico, sábio e justo, ou pelo menos aparentemente assim, e abençoado com amigos e parentes. Um dia, a doença e o sofrimento o dominaram. Ele desafiou a ordem divina e blasfema? De modo algum. Ele veio humildemente diante de seu deus com lágrimas e lamentações e derramou seu coração em oração e súplica. Como resultado, seu deus ficou muito satisfeito e movido à compaixão; Ele deu ouvidos à sua oração, livrou-o de sua desgraça e transformou seu sofrimento em alegria.

Estruturalmente falando, o poema pode ser provisoriamente dividido em quatro seções. Primeiro vem uma breve exortação introdutória, cujas cinco primeiras linhas dizem: Que o homem pronuncie constantemente a exaltação de seu deus,

> Que o jovem louve sem arte as palavras de seu deus,
> Aquele que vive na Terra Pura faça gemer,
> Na casa da canção (?) deixe-o confortar (?) seu amigo e companheiro,
> Que ele acalme seu coração.

O poeta então apresenta o indivíduo sem nome que, ao ser acometido de doenças e infortúnios, dirige-se ao seu deus com lágrimas e orações. Segue-se a petição do sofredor, constituindo a maior parte do poema. Começa com uma descrição dos maus tratos que lhe eram dispensados por seus semelhantes – amigos e inimigos; continua com um lamento contra seu amargo destino, incluindo um pedido retórico aos seus parentes e aos cantores profissionais para que façam o mesmo; e conclui com uma confissão de culpa e um pedido direto de alívio e libertação.

> Sou um homem, um homem perspicaz, mas quem me respeita não prospera,
> Minha palavra justa foi transformada em mentira,
> O homem do engano cobriu-me com o Vento Sul, sou obrigado a servi-lo,
> Quem me respeita não me envergonhou diante de você.

Tu me doaste sempre de novo sofrimento,
Entrei em casa, pesado é o espírito,
Eu, o homem, saí às ruas, oprimido é o coração,
Comigo, o valente, meu justo pastor se irritou, olhou para mim de forma incisiva, Meu pastor buscou forças malignas contra mim, que não sou seu inimigo,
Meu companheiro não me diz uma palavra verdadeira,
Meu amigo dá a mentira à minha justa palavra,
O homem do engano conspirou contra mim,
E você, meu Deus, não o frustre.
(Três linhas omitidas)
Eu, o sábio, por que estou ligado aos jovens ignorantes?
Eu, o perspicaz, por que sou contado entre os ignorantes?
Comida é tudo, mas minha comida é fome,
No dia em que as ações foram atribuídas a todos, minha parte destinada estava sofrendo.
(Dez linhas omitidas)
Meu Deus, [eu estaria] diante de você,
Falaria com você... , minha palavra é um gemido,
Eu lhe contaria sobre isso, lamentaria a amargura do meu caminho,
[Lamentaria] a confusão...
(Três linhas omitidas)
Eis que minha mãe que me gerou não cesse o meu lamento diante de ti,
Que minha irmã não pronuncie o cântico feliz e cante,
Que ela pronuncie em lágrimas os meus infortúnios diante de ti,
Que minha esposa expresse com pesar meu sofrimento,
Deixe o experiente cantor lamentar meu amargo destino.
Meu Deus, o dia brilha sobre a terra, para mim o dia é negro,
O dia brilhante, o bom dia tem. . como o . . . ,
Lágrimas, lamentos, angústias e depressão estão alojados dentro de mim,
O sofrimento me domina como um escolhido por nada além de lágrimas,
O destino maligno me segura na mão, tira meu sopro de vida,
A doença maligna banha meu corpo.
(Cerca de 22 linhas omitidas)
Meu Deus, você que é meu pai que me gerou, levante meu rosto,
Como uma vaca inocente, com pena... o gemido,
Até quando você vai me negligenciar, me deixar desprotegido?
Como um boi... ,
Me deixa sem orientação?

Eles dizem — sábios valentes — uma palavra justa e direta:
"Nunca uma criança sem pecado nasceu de sua mãe,
. . . . uma juventude sem pecado não existe desde antigamente".
(14 linhas omitidas)

Tanto pelas orações e súplicas do homem; O "final feliz" segue:

[O homem] — seu [deus] se aproximou [de suas lágrimas amargas e choro],
[O jovem] – seu lamento e lamento acalmaram o coração de seu deus,
As palavras justas, as palavras puras proferidas por ele, seu deus aceitou,
As palavras que o jovem confessou em oração,
Agradou (?) a carne (?) de seu deus, (e) seu deus retirou sua mão da palavra má, . . que oprime o coração... , ele abraça, O demônio-enfermidade abrangente, que havia aberto suas asas, ele varreu,
A [doença] que o atingira como um . . . dissipou-se,
O mau destino que lhe fora decretado de acordo com a sentença ele se afastou,
Transformou o sofrimento do homem (?) em alegria.
Definido por ele o . . amavelmente. . espírito como vigilante e guardião,
Deu-lhe. . os gênios do mien amigo,
(E assim) [o homem] profere constantemente a exaltação de seu deus,
[O jovem] traz à tona... , dá a conhecer . . . . . .

Mas, anjo da guarda ou não, o fato é que o homem morreu mais cedo ou mais tarde, e até onde os pensadores sumérios bastante duros e realistas puderam ver, ele foi ao mundo abaixo para nunca mais voltar. Escusado será dizer que isso era uma fonte de ansiedade e perplexidade; o problema da morte e do mundo estava cercado de enigmas, paradoxos e dilemas, e não é de admirar que as ideias sumérias a eles pertinentes não fossem nem precisas nem consistentes, como se verá na análise a seguir do material relevante.

Do ponto de vista do comportamento cultural sumério, os túmulos reais escavados em Ur com tanto cuidado e habilidade pelo falecido Sir Leonard Woolley foram de importância histórica; eles indicam com razoável certeza que os primeiros governantes da Suméria eram costumeiramente acompanhados até o túmulo não apenas por alguns de seus bens pessoais mais preciosos, mas também por um considerável séquito humano. Desnecessário dizer que, imediatamente após essa descoberta bastante surpreendente, os cuneiformistas – e particularmente os sumerologistas – começaram a procurar os documentos para verificação de inscrição de um tipo ou de outro, mas sem sucesso. Além disso, nas últimas duas décadas, um grande número de mitos sumérios, contos épicos, hinos, lamentações e documentos historiográficos tornaram-se disponíveis, e não parecia despropositado esperar que um ou outro deles pudesse lançar luz sobre os costumes funerários sumérios relacionados aos túmulos reais. Mas essa esperança também não se materializou de forma significativa, o que não é muito surpreendente tendo em vista que os túmulos reais datam de cerca de 2500 a.C., enquanto a maioria de nossos documentos literários disponíveis provavelmente foram compostos pela primeira vez por volta de 2000 a.C.

A partir de hoje, o único documento literário sumério que parece confirmar a evidência arqueológica de que os antigos governantes foram acompanhados a seus túmulos por uma comitiva humana é uma pequena tábua no Museu da Universidade da Pensilvânia inscrita com as últimas 42 linhas de um conto épico de Gilgamesh, provavelmente o provisoriamente intitulado "A Morte de Gilgamesh, " dos quais apenas restos fragmentários estão disponíveis no momento. Este texto afirma em fraseologia poética que Gilgamesh apresentou presentes e oferendas às várias divindades do mundo e aos mortos importantes que ali habitavam para todos os que "jaziam com ele" em seu "palácio purificado" em Erech: sua esposa, filho, concubina, músico, animador, manobrista chefe e empregados domésticos. Não é descabido supor que o poeta retratou esses dons como apresentados por Gilgamesh depois que ele e sua comitiva morreram e desceram ao mundo das redes. Se essa interpretação se mostrasse correta, teríamos corroboração literária para o tipo de sepultamento múltiplo de túmulo real descoberto por Woolley, especialmente porque, como sabemos agora pela composição de Tummal (ver páginas 46-49), Gilgamesh foi contemporâneo de Mesannepadda e, portanto, pertence aproximadamente ao período representado pelos túmulos.

Outro documento que não esclarece pouco as práticas funerárias relativas aos mortos reais é a tabuleta de seis colunas do Museu Universitário inscrita com uma composição única de Ur-Nammu pertencente a um gênero literário ainda

inclassificável. A primeira coluna, que é totalmente separada, pode ter contido uma descrição poética das realizações notáveis de Ur-Nammu na guerra e na paz e dos infelizes incidentes que levaram à sua morte. O texto disponível, que começa com a segunda coluna, parece relatar como Ur-Nammu, "que havia sido abandonado no campo de batalha como um navio esmagado", estava deitado em seu peito em seu palácio, enlutado (provavelmente) por sua família e parentes e pelo povo de Ur. Em seguida, encontramo-lo no mundo das redes – como no caso de Gilgamesh – apresentando presentes aos seus "sete deuses", matando bois e ovelhas aos mortos importantes e apresentando armas, bolsas de couro, vasos, roupas, ornamentos, joias e outros apetrechos para Nergal, Gilgamesh, Ereshkigal (?), Dumuzi, Namtar, Hubishhag e Ningishzida – cada um em seu próprio palácio; ele também presenteou Dimpimekug e o "escriba do mundo nether". Como Ur-Nammu chegou ao mundo com todos esses ricos dons e oferendas não é declarado por nosso poeta, a menos que se descubra que as "carruagens" mencionadas nas linhas muito obscuras imediatamente anteriores à "passagem do mundo nether" foram utilizadas para esse fim. De qualquer forma, Ur-Nammu finalmente chegou ao local que (provavelmente) os sacerdotes do mundo nether lhe haviam designado. Aqui alguns dos mortos foram entregues a ele, talvez para serem seus assistentes, e Gilgamesh, seu amado irmão, explicou-lhe as regras e regulamentos do mundo das redes.

Mas, continua nosso poema, "passados sete dias, dez dias", "o gemido da Suméria" chegou a Ur-Nammu. As paredes de Ur que ele deixara inacabadas, seu palácio recém-construído que ele deixara não purificado (?), sua esposa que ele não podia mais virar em seu colo, seu filho que ele não podia mais acariciar (?) em seu joelho – tudo isso trouxe lágrimas aos olhos, e ele estabeleceu um longo e amargo lamento. O peso de seu clamor parece ser que, embora ele tivesse servido bem aos deuses, eles não conseguiram apoiá-lo em momentos de necessidade; Agora ele estava morto, e sua esposa, amigos e apoiadores estavam saciados, com lágrimas e lamentações. A conclusão da composição é totalmente desconhecida, já que a última coluna está completamente destruída.

Como se depreende do esboço preliminar de seu conteúdo, é difícil classificar o gênero literário ao qual o poema pertence; pode ser uma espécie de composição historiográfica, semelhante em alguns aspectos à "Maldição de Agade" (ver páginas 62-66), na qual um poeta sumério dá vazão aos seus sentimentos diante do triste estado de coisas existente na Suméria imediatamente após a morte de Ur-Nammu. De qualquer forma, o documento Ur-Nammu lança uma luz considerável sobre a vida dos mortos no mundo abaixo, conforme retratado pelos sábios sumérios. Encontramos mais uma vez os deuses que tiveram que ser aplacados, bem como os importantes sacerdotes mortos. O falecido recém-chegado tinha um lugar especial atribuído a ele e era instruído nas leis do mundo, pelo menos se fosse um rei. Embora morto, o falecido poderia, de alguma maneira inexplicável, estar em contato solidário com o mundo acima, poderia sofrer angústia e humilhação, e poderia clamar contra os deuses inconfiáveis. Ao contrário do poema "A Morte de Gilgamesh", no entanto, nenhuma menção é feita a um séquito humano assistindo o rei ao mundo nether; De fato, a esposa e os filhos são descritos como vivendo no

mundo acima. Portanto, parece seguro concluir que, pelo menos na época de Ur-Nammu, já não era costume ter o rei acompanhado até seu túmulo por qualquer de sua família ou assistentes.

Passando da realeza para os mortais mais comuns, aprendemos uma série de detalhes até então desconhecidos sobre o mundo sumério a partir das duas sujeiras no tablet do Museu Pushkin. Nesta tábua lemos pela primeira vez que os pensadores sumérios sustentavam a visão de que o sol depois de se pôr continuava sua jornada pelo mundo da rede à noite, transformando sua noite em dia, e que a lua passava seu "dia de descanso", ou seja, o último dia de cada mês, no mundo das redes. Aprendemos, também, que houve um julgamento dos mortos pelo deus-sol, Utu, e que o deus-lua, Nanna, também "decretou o destino" dos mortos. No mundo das redes, segundo o tablet, encontravam-se "heróis comedores de pão (?)" e ". - bebedores" que saciam a sede dos mortos com água fresca. Aprendemos, também, que os deuses do mundo podem ser chamados a proferir orações pelos mortos, que o deus pessoal do falecido e o deus de sua cidade foram invocados em seu favor, e que o bem-estar da família do falecido não foi de modo algum negligenciado nas orações funerárias.

O documento sumério que fornece as informações mais detalhadas sobre o mundo nether e a vida que acontece dentro de seus limites é o poema "Gilgamesh, Enkidu, and the Nether World". De acordo com essa composição, que caracteriza eufemisticamente o mundo como a "Grande Morada", havia uma espécie de abertura em Erech que levava ao mundo dos mortos, através do qual objetos de madeira como o pukku e o mikku podiam cair e no qual uma mão e um pé podiam ser colocados. Havia também um portão em Erech em frente ao qual se podia sentar e através do qual um mortal – pelo menos se ele fosse um herói como Enkidu – poderia descer para o mundo das redes, embora não fique claro como essa descida ocorreu. Havia certos tabus, no entanto, que, segundo o autor do poema, qualquer pessoa que desejasse descer ao mundo das redes deve tomar cuidado com a violação: não deve usar roupas limpas, ungir-se com óleo "bom", portar arma ou cajado, usar sandálias, fazer barulho ou se comportar normalmente com os membros de sua família. Se quebrasse algum desses tabus, seria cercado pelos "mordomos" e pelas sombras que habitam as regiões mais baixas e seria mantido firme pelo "clamor do mundo das redes". Uma vez tomado por esse "clamor", era impossível para um mortal reascender à terra, a menos que um ou outro dos deuses interviesse em seu nome. No caso de Enkidu, foi Enki quem veio em seu socorro; ele fez com que Utu abrisse o ablal do mundo nether e Enkidu reascendeu à terra, aparentemente "na carne" em vez de como um fantasma. De acordo com o poema, seguiu-se um colóquio comovente entre Gilgamesh e Enkidu, no qual este último supostamente descreveu o estado dos mortos, ou melhor, de algumas categorias selecionadas dos mortos.

Passando dos mortais, ordinários e extraordinários, para os deuses imortais, parece que o mundo seria o último lugar para procurar sua presença "imortal". No entanto, encontramos um grande número de divindades lá, e enquanto algumas parecem pertencer lá, por assim dizer, outras foram originalmente deuses-do-céu

condenados ao mundo pelos mitógrafos sumérios como resultado de especulação teológica e invenção. A partir de hoje, no entanto, apenas alguns dos mitos relevantes foram recuperados e, exceto um, todos dizem respeito à ambiciosa Inanna e seu infeliz cônjuge, Dumuzi (ver páginas 153–60). A única exceção é o mito "Enlil e Ninlil: Nascimento do Deus-Lua", que conta como o próprio Enlil, o mais poderoso dos deuses sumérios e chefe do panteão sumério, foi banido para o mundo dos nether e seguido por sua esposa, Ninlil. Este mito também é significativo como a única fonte para a crença suméria de que havia um rio "devorador de homens" que tinha que ser atravessado pelos mortos, bem como um barqueiro que transportava os mortos para o seu destino, uma crença predominante em todo o antigo Oriente Próximo e mundo mediterrâneo.

Um mito altamente revelador relacionado à morte e ao mundo nether é "Inanna's Descent to the Nether World", que agora está disponível quase na íntegra. De acordo com este poema, o mundo nether é um lugar para o qual se desce e do qual se ascende – presumivelmente através de uma abertura ou um portão situado em Erech, embora isso não seja explicitamente declarado. No mundo dos nether há um lugar descrito como uma "montanha de lápis-lazúli", cujos portões trancados e aparafusados são guardados por porteiros sob a supervisão de Neti, seu chefe. O mundo é regido por regulamentos e regras divinas, entre as quais uma das mais importantes parece ser a de que seus habitantes devem estar nus. Outra regra, que se provou fatal para Dumuzi, era que ninguém uma vez no mundo, nem mesmo uma divindade, poderia reascender ao mundo acima, a menos que um substituto tivesse sido encontrado para tomar seu lugar. Assim, por exemplo, era para garantir que Inanna, que havia sido revivida através dos esforços inteligentes de Enki, fornecesse um substituto adequado para tomar seu lugar que os sete galla ficaram ao seu lado até que ela entregou Dumuzi para eles.

Em suma, portanto, descobrimos que o quadro sumério da morte e do mundo era bastante borrado e contraditório. Em geral, acreditava-se que o mundo era o enorme espaço cósmico abaixo da Terra correspondendo aproximadamente ao céu, o enorme espaço cósmico acima da Terra. Os mortos, ou pelo menos as almas dos mortos, desceram para dentro dela presumivelmente da sepultura, mas também parece ter havido aberturas e portões especiais em Erech, bem como, sem dúvida, em todos os centros importantes da cidade. Havia um rio que os mortos tinham que atravessar de balsa, mas onde ele estava situado em relação à terra ou ao mundo não está declarado nos mitos disponíveis. O mundo nether era governado por Ereshkigal e Nergal, que tinham uma comitiva especial de divindades, incluindo sete Anunnaki e numerosos deuses do céu infelizes, bem como um número de oficiais semelhantes a condestáveis conhecidos como galla's. Todos eles, exceto os galla, aparentemente precisavam de comida, roupas, armas, vasos de vários tipos, joias, etc., assim como os deuses no céu ou mortais na terra. Havia um palácio com sete portões onde Ereshkigal mantinha a corte, mas não se sabe onde deveria estar localizado.

Os mortos parecem ter sido organizados em uma hierarquia, como os vivos, e sem dúvida os assentos mais altos foram atribuídos aos reis mortos e aos altos funcionários sacerdotais que tiveram que ser cuidados com sacrifícios especiais por

pessoas como Gilgamesh e Ur-Nammu. Havia todos os tipos de regras e regulamentos no mundo nether, e foi o divinizado Gilgamesh que cuidou para que os habitantes do mundo nether se comportassem corretamente. Embora em geral se tenha a sensação de que o mundo era sombrio e sombrio, isso parece ser verdade apenas durante o dia; à noite o sol trazia luz e, no vigésimo oitavo dia do mês, o sol era acompanhado pela lua. Os falecidos não eram tratados todos da mesma forma; havia um julgamento dos mortos pelo deus-sol, Utu, e até certo ponto pelo deus-lua, Nanna, e se o julgamento fosse favorável, a alma do morto presumivelmente viveria em felicidade e contentamento e teria tudo o que desejava. No entanto, os indícios são de que os sumérios tinham pouca confiança nas esperanças de uma vida feliz no mundo, mesmo para o bem e o merecimento. Em geral, os sumérios estavam convencidos de que a vida no mundo era apenas um reflexo sombrio e miserável da vida na Terra.

Embora a devoção privada e a piedade pessoal não fossem desimportantes, era o rito e o ritual que, por causa da visão de mundo dos sumérios, desempenhavam o papel predominante em sua religião. Uma vez que o homem não foi criado para nenhum outro propósito senão servir aos deuses, era obviamente seu maior dever realizar e aperfeiçoar esse serviço de uma maneira agradável e satisfatória para seus mestres. Por que Ziusudra foi salva da destruição do dilúvio? Porque ele havia realizado humilde e piedosamente os ritos diários para os deuses. Os governantes da Suméria não se cansaram de repetir que haviam cumprido seus deveres de culto de acordo com as regras e regulamentos prescritos.

O centro do culto era, claro, o templo. Um dos primeiros templos foi escavado em Eridu, a cidade da qual Enki era a divindade tutelar, pelo menos nos últimos dias. Embora fosse um santuário de forma muito simples, medindo apenas cerca de doze metros por quinze, continha desde o início duas características que caracterizam o templo sumério ao longo dos milênios: um nicho para o emblema ou estátua do deus e uma mesa de oferenda de tijolos de barro à sua frente. No decorrer da reconstrução posterior, este santuário de Eridu foi ampliado e melhorado. Tinha então uma cela no centro rodeada por várias salas subsidiárias, e o altar, virado para uma mesa de oferendas, foi colocado contra uma das paredes curtas; As paredes de tijolos de barro do templo foram ornamentadas com contrafortes e recessos regularmente colocados, e toda a estrutura foi construída sobre uma plataforma alcançada por um conjunto de escadas que levam à sua entrada no lado longo do edifício.

Mais ao norte, em Erech, há um templo provavelmente dedicado ao deus An, e datado de cerca de 3000 a.C., que é construído em grande parte ao longo das mesmas linhas do templo de Eridu, exceto que a plataforma é substituída por uma colina artificial que se eleva cerca de quarenta metros acima da planície. Uma escadaria construída contra sua face nordeste levava ao cume, onde ficava um pequeno santuário caiado de branco. Um templo semelhante foi descoberto em Uqair; e embora a plataforma sobre a qual foi construída tivesse apenas quinze metros de altura, ela se ergueu em dois estágios e pode assim ser considerada o protótipo do zigurata, a torre encenada que se tornou a marca registrada da arquitetura do templo mesopotâmico e que se destinava a servir como elo de ligação,

real e simbólico, entre os deuses no céu e os mortais na terra. O templo de Uqair é notável por outra inovação arquitetônica, que não parece ter sido seguida nos outros templos sumérios: as paredes internas foram cobertas com afrescos consistindo de lavagens coloridas e ornamento pintado. O arranjo era o seguinte: Primeiro veio uma faixa de cor lisa, geralmente algum tom de vermelho, formando um dado de mais de três metros de altura em toda a sala. Acima disso, uma faixa de ornamento geométrico sobre um pé de altura foi pintada. As partes superiores das paredes foram então decoradas com cenas de figuras humanas e animais pintadas em um chão branco liso.

Outra inovação arquitetônica foi feita em Erech quando os construtores do templo de Eanna desenvolveram um método único de ornamentar as paredes e colunas de tijolos de barro de aparência sombria do edifício, cobrindo-as com dezenas de milhares de pequenos cones de argila que haviam sido mergulhados em cores diferentes para que seus topos fossem vermelhos, pretos ou buff. Esses cones coloridos foram inseridos lado a lado em gesso de lama grossa de tal forma que formaram triângulos policromados, losangos, ziguezagues e outros desenhos geométricos.

Os templos continuaram a seguir o mesmo padrão geral ao longo do terceiro milênio a.C., embora tendessem a se tornar maiores e mais complexos. O pátio tornou-se uma característica permanente. A planta do edifício pode agora ser oval e retangular. Um material de construção novo e aparentemente não muito apropriado foi introduzido - o tijolo plano-convexo, plano de um lado e curvo do outro. As fundações eram agora geralmente construídas de blocos ásperos de calcário.

Na época da Terceira Dinastia de Ur, os templos nas grandes cidades haviam se tornado vastos complexos de edifícios. Assim, o templo Nanna da cidade de Ur, o Ekishnugal, consistia em um recinto medindo cerca de 400 X 200 metros que continha o zigurat, bem como um grande número de santuários, armazéns, revistas, pátios e moradas para o pessoal do templo. O zigurata, a característica marcante, era uma torre retangular cuja base tinha cerca de 200 pés de comprimento e 150 pés de largura; sua altura original era de cerca de 70 pés. O conjunto era uma massa sólida de alvenaria com uma cobertura de tijolos de barro bruto e uma camada externa de tijolos queimados fixados em betume. Ergueu-se em três estágios irregulares e foi abordado por três escadas compostas por cem degraus cada. Em seu topo havia provavelmente um pequeno santuário construído inteiramente de tijolos esmaltados azuis. O zigurate ficava em um terraço alto cercado por uma parede dupla. Em parte neste terraço e em parte aos seus pés havia um grande templo para o deus-lua, Nanna, com um amplo pátio exterior cercado por numerosas câmaras de lojas e escritórios. Não muito longe dele havia outro templo dedicado a Nanna e sua esposa, Ningal; depois veio um edifício conhecido como dublal, que era usado como uma espécie de tribunal, e finalmente o templo sagrado para Ningal, conhecido como giparku.

A construção e reconstrução de um templo foi acompanhada por numerosos ritos e rituais diversos, como é evidenciado por aquele longo e notável poema narrativo hinário inscrito nos dois cilindros Gudea escavados em Lagash, que contêm 54

colunas e cerca de 1400 "espaços" de texto. Este documento, que é praticamente a única obra literária preservada deste período, foi provavelmente composto por um dos poetas do templo Eninnu em Lagash para comemorar a sua construção pelo piedoso Gudea. Seu estilo literário é bastante inflado, grandiloquente e difuso, e o quadro que ele pinta dos ritos e rituais que acompanharam a construção de Eninnu parece conter mais fantasia do que fato. Mesmo assim, é altamente significativo e informativo, como mostrará o esboço a seguir de seu conteúdo.

Para ouvir o poeta contá-lo, tudo começou logo depois que os destinos foram decretados e a cidade de Lagash foi abençoada com o rico transbordamento do Tigre. Foi então que Ningirsu, a divindade tutelar de Lagash, decidiu fazer com que Gudea construísse seu Eninnu para ele em grande estilo. Ele apareceu, portanto, a Gudea em um sonho que parece uma pura invenção ad hoc por parte do poeta, embora ele narre os eventos como se eles realmente tivessem ocorrido.

No sonho, Gudea viu um homem de tremenda estatura com uma coroa divina na cabeça, as asas de um pássaro com cabeça de leão e uma "onda de inundação" como a parte inferior de seu corpo; Leões agachavam-se à sua direita e esquerda. Esse homem enorme ordenou a Gudea que construísse seu templo, mas ele não conseguiu entender o significado de suas palavras. O dia quebrou – no sonho – e uma mulher apareceu segurando uma caneta de ouro e estudando uma tábua de argila na qual o céu estrelado foi representado. Então um "herói" apareceu segurando uma tábua de lápis-lazúli na qual desenhou um plano de uma casa; ele também colocou tijolos em um molde de tijolos que ficava diante de Gudea junto com uma cesta de transporte. Ao mesmo tempo, um burro macho especialmente criado estava impacientemente pisando o chão.

Como o significado do sonho não estava claro para ele, Gudea decidiu consultar a deusa Nanshe, que interpretava sonhos para os deuses. Mas Nanshe vivia em um distrito de Lagash chamado Nina, que poderia ser melhor alcançado pelo canal. Gudea, portanto, viajou até ela de barco, certificando-se de parar em vários santuários importantes ao longo do caminho para oferecer sacrifícios e orações às suas divindades, a fim de obter seu apoio. Finalmente, o barco chegou ao cais de Nina, e Gudea foi com a cabeça erguida para a corte do templo, onde fez sacrifícios, derramou libações e ofereceu orações. Ele então contou-lhe seu sonho e ela o interpretou ponto por ponto, assim: O homem de tremenda estatura com uma coroa divina na cabeça, as asas de um pássaro com cabeça de leão, uma onda de inundação como a parte inferior de seu corpo e leões agachados à sua direita e esquerda – esse é seu irmão Ningirsu, que lhe ordenou que construísse o templo Eninnu. A quebra do dia no horizonte – que é Ningishzida, o deus pessoal de Gudea, nascendo como o sol. A mulher segurando uma caneta de ouro e estudando uma tábua de argila na qual o céu estrelado foi representado – que é Nidaba (a deusa da escrita e a divindade padroeira da edubba), que o orienta a construir a casa de acordo com as "estrelas sagradas". O herói segurando uma tábua de lápis-lazúli — que é o deus (arquiteto) Nindub desenhando o plano do templo. A cesta de transporte e o molde de tijolo em que "o tijolo do destino" foi colocado – estes simbolizam os tijolos para o templo

Eninnu. O burro macho que pisa o chão impacientemente – isso, é claro, é o próprio Gudea, que está impaciente para realizar sua tarefa.

Nanshe então passou a aconselhar Gudea a construir uma nova e belamente decorada carruagem de guerra para Ningirsu e apresentá-la a ele, juntamente com sua extensão de burros masculinos e o emblema e armas do deus, acompanhados pelo som de tambores. Feito isso, Ningirsu, em outro sonho, deu-lhe instruções mais detalhadas, abençoou Lagash com abundância e transbordamento, e garantiu a Gudea que seu povo trabalharia diligentemente para construir o Eninnu com todos os tipos de madeira e pedra trazidos a ele de diferentes terras do mundo.

Gudea levantou-se de seu sono e, depois de fazer um sacrifício e achar seu presságio favorável, procedeu humildemente a cumprir as instruções de Ningirsu. Ele deu instruções ao povo de sua cidade, que respondeu com entusiasmo e união. Ele primeiro purificou a cidade moral e eticamente: não haveria reclamações, acusações ou punições; a mãe não deve repreender seu filho, nem a criança deve levantar sua voz contra a mãe; o escravo não deveria ser punido por malfeitos; a escrava não deveria ser atingida pela amante por desrespeito; todos os impuros foram banidos da cidade. Após outra série de presságios e oráculos, sacrifícios, cerimônias e orações, ele prosseguiu valentemente para a tarefa de construir o Eninnu, que é então descrito pelo poeta em grandes, repetitivos e, infelizmente, muitas vezes obscuros detalhes.

O poema inscrito no primeiro cilindro termina com a conclusão da construção do complexo Eninnu. A narrativa do hinário então continua no segundo cilindro, começando com uma oração de Gudea aos Anunnaki, seguida por seu anúncio a Ningirsu e sua esposa, Bau, de que o templo foi concluído e está pronto para habitação. Com a ajuda de várias divindades, Gudea então limpou o templo e preparou todos os alimentos, libações e incensos para serem usados na cerimônia que celebra a entrada dos deuses em sua casa. Mais uma vez Gudea limpou a cidade, ética e moralmente. Em seguida, ele passou a nomear todo um grupo de divindades para cuidar das necessidades do templo: um porteiro, um mordomo, dois armeiros, um mensageiro, um camareiro, um cocheiro, um rebanho de cabras, dois músicos, um inspetor de grãos, um inspetor de pesca, um guarda de caça e um oficial de justiça. Essas nomeações são descritas em um estilo que lembra a descrição da nomeação das várias divindades supervisoras por Enki no mito "Enki e a Ordem Mundial" (ver páginas 179–82). Depois que Ningirsu e Bau se uniram em êxtase conjugal, seguiu-se uma celebração de sete dias coroada por um banquete para os grandes deuses An, Enlil e Ninmah. Após uma bênção de Ningirsu, o poema termina com um paean de louvor para o Eninnu e seu deus, Ningirsu.

Passando dessa imagem altamente idealizada de um templo e seu culto para os ritos e rituais reais do dia-a-dia, podemos ter como certo que no templo de cada grande cidade eram oferecidos sacrifícios diários, consistindo em alimentos animais e vegetais, libações de água, vinho e cerveja, e a queima de incenso. Sem dúvida, as cerimônias eram muito mais espetaculares e impressionantes em festas e feriados especiais. Havia inúmeros festivais perenes, a julgar por nomes de meses como "O Mês do Comer da Cevada de Ningirsu", "O Mês do Comer das Gazelas" e "O Mês

da Festa de Shulgi". Algumas dessas festas duraram vários dias e foram celebradas com sacrifícios e procissões especiais. Além disso, havia festas mensais regulares no dia da lua nova, bem como no sétimo, décimo quinto e último dia de cada mês.

O feriado mais importante de todos foi o feriado de Ano Novo, que provavelmente foi comemorado ao longo de vários dias com festas e celebrações especiais. O rito mais significativo do Ano Novo era o hieros-gamos, ou casamento santo, entre o rei, que representava o deus Dumuzi, e uma das sacerdotisas, que representava a deusa Inanna, para garantir efetivamente a fecundidade e prosperidade da Suméria e seu povo. É incerto como e quando esse rito se originou, embora possamos talvez reconstruir os eventos da seguinte maneira.

No início do terceiro milênio a.C., Dumuzi foi um proeminente governante da importante cidade-estado suméria de Erech, e sua vida e seus feitos causaram uma profunda impressão em suas próprias gerações e nas gerações futuras. A divindade tutelar de Ereque era Inanna, uma deusa que ao longo da história suméria foi considerada a divindade principal responsável pelo amor sexual, fertilidade e procriação, e os nomes de Dumuzi e Inanna sem dúvida se tornaram intimamente ligados no mito e ritual inicial de Erech. Em meados do terceiro milênio, no entanto, quando os sumérios estavam se tornando cada vez mais nacionalistas e os teólogos estavam no processo de sistematizar e classificar o panteão sumério de acordo, surgiu uma ideia aparentemente bastante plausível e não pouco atraente de que o rei da Suméria, não importa quem ele fosse ou de que cidade ele se originasse, deve tornar-se o marido da deusa vivificante do amor, isto é, Inanna de Erech, se quiser garantir efetivamente a fecundidade e a prosperidade da terra e de seu povo. Depois que a ideia inicial se tornou dogma aceito, ela foi realizada na prática ritual pela consumação de uma cerimônia de casamento, que provavelmente era repetida a cada Ano Novo, entre o rei e um hierodulo especialmente selecionado do templo de Inanna em Erech. Para dar importância e prestígio tanto ao credo quanto ao rito, no entanto, era aconselhável rastreá-los até tempos anteriores, e a honra de ser o primeiro governante mortal a se tornar o marido de Inanna, a divindade mais reverenciada de Erech, não por acaso coube a Dumuzi, o governante Erech que ao longo dos séculos se tornou uma figura memorável na lenda e no folclore sumério.

Sobre os sacerdotes encarregados do culto, sabemos pouco mais do que os nomes de seus ofícios. O chefe administrativo do templo era o sanga, e seus deveres eram, sem dúvida, manter os edifícios e as finanças do templo em boa ordem e zelar para que o pessoal do templo realizasse seus deveres com eficiência. O chefe espiritual do templo era o en, que vivia em uma parte do templo conhecida como gipar. Os en's, ao que parece, poderiam ser tanto mulheres quanto homens, dependendo do sexo da divindade a quem seus serviços eram dedicados. Assim, no templo principal de Erech, o Eanna, do qual a deusa Inanna se tornou a divindade principal, o en era um homem; os heróis Enmerkar e Gilgamesh foram originalmente designados en's, embora também possam ter sido reis e certamente foram grandes líderes militares. O en do Ekishnugal em Ur, cuja principal divindade era o deus-lua, Nanna, era uma mulher e geralmente a filha do monarca reinante da Suméria. (Na verdade, temos os nomes de quase todos, se não todos, os en's do Ekishnugal dos dias de Sargão, o

Grande.) Sob o en havia uma série de classes sacerdotais, incluindo guda, mah, ishib, gala e nindingir, de cujos deveres sabemos muito pouco, exceto que o ishib pode ter sido encarregado de libações e ilustrações, e a gala pode ter sido uma espécie de cantor e poeta do templo. Havia também todo um corpo de cantores e músicos e, especialmente nos templos dedicados a Inanna, um grande número de eunucos (castrados) e hieródulos. Além daqueles envolvidos de uma forma ou de outra nos serviços religiosos, o pessoal do templo incluía muitos funcionários seculares, trabalhadores e escravos que ajudavam a conduzir seus vários empreendimentos agrícolas e econômicos, como é evidenciado pelos inúmeros documentos administrativos escavados nos antigos templos sumérios.

A destruição de um templo sumério era a calamidade mais desastrosa que poderia se abater, como revelam os lamentos amargos compostos por poetas e bardos do templo angustiados. Para citar apenas um exemplo, aqui está uma estrofe da "Lamentação sobre a Destruição de Ur", que pinta um quadro da desolação total que se abateu sobre Ur e seu templo, o Ekishnugal, depois que os elamitas o atacaram e levaram Ibbi-Sin, o último governante da Terceira Dinastia de Ur: Ó rainha, como é que o teu coração te levou, como podes manter-te viva!

Ó Ningal, como o teu coração te levou, como podes manter-te vivo!
Ó mulher justa, cuja cidade foi destruída, como agora podes existir!
Ó Ningal, cuja terra pereceu, como o teu coração te conduziu!
Depois que sua cidade foi destruída, como agora você pode existir!
Depois que sua casa foi destruída, como seu coração o levou!
Sua cidade se tornou uma cidade estranha; como agora você pode existir!
Sua casa se tornou uma casa de lágrimas, como seu coração o levou!
Sua cidade que foi transformada em ruínas – você não é mais sua amante,
Sua casa justa que foi entregue à picareta — você não a habita mais,
Seu povo que foi levado à matança – você não é mais a rainha deles,
Suas lágrimas se tornaram lágrimas estranhas, sua terra não chora,
Sem "lágrimas de súplica" habita terras estrangeiras,
Sua terra como quem se multiplicou... fecha a boca com força.
Sua cidade foi transformada em ruínas; como você pode existir!
Sua casa foi desnudada; como o seu coração o conduziu!
Ur, o santuário, foi entregue ao vento; como agora você pode existir!
Seu guda-sacerdote não anda mais no bem-estar; como o seu coração o conduziu!
Não habita no gipar; como agora você pode existir!
Seu... quem preza por ilustrações não faz ilustrações para você,
Padre Nanna, seu sacerdote não aperfeiçoou os vasos santos para você,
Sua mah na santa giguna vestida não de linho,
Seus justos en escolhidos . . . , no Ekishnugal,
Procede não alegremente do santuário para o gipar,
No ahu, sua casa de festas, eles não celebravam as festas;
No ub e na ala eles tocaram não para você aquilo que traz alegria ao coração, o tigi-music.
O povo de cabeça preta não se banha para a sua festa,
Como a sujeira de linho foi decretada para eles; sua aparência mudou.
Sua canção foi transformada em choro, . . . ,
Sua música tigi foi transformada em lamentação...
Seu boi não foi trazido para seu estábulo, sua gordura não está preparada para você, A tua ovelha não fica no seu aprisco, o seu leite não te é apresentado,
Quem antes trazia sua gordura, não a traz mais da baia...
Quem antes trazia o seu leite já não o traz do aprisco das ovelhas...
O pescador que lhe trazia peixe é tomado pelo infortúnio,

Os caçadores de pássaros que costumavam trazer-lhe pássaros foram levados pelo . . . , agora você mal pode existir, Cresce o vosso rio, que tinha sido feito apto para os magwr-boats, no meio da planta, Em sua estrada que havia sido preparada para as carruagens, o espinho da montanha cresce.
Ó minha rainha, a tua cidade chora diante de ti como sua mãe;
Ur, como o filho de uma rua que foi destruída, procura por você,
A casa, como um homem que perdeu tudo, estende as mãos para você,
Sua alvenaria da casa justa, como um ser humano, grita seu "Onde, ore?"
Ó minha rainha, tu te afastaste da casa; você partiu da cidade.
Até quando, orem, vocês ficarão de lado na cidade como um inimigo?
Ó Mãe Ningal, (até quando) você lançará desafios na cidade como um inimigo?
Embora você seja uma rainha amada de sua cidade, sua cidade... você abandonou;
[Embora] você seja uma rainha amada por seu povo, seu povo... você abandonou.
Ó Mãe Ningal, como um boi para o teu estábulo, como uma ovelha para o teu aprisco!
Como um boi para o seu estábulo de outros dias, como uma ovelha para o seu aprisco!
Como uma criança para o teu quarto, ó empregada, para a tua casa!
Que An, o rei dos deuses, pronuncie seu "tis enough".
Que Enlil, o rei de todas as terras, decrete seu destino (favorável).
Que ele devolva a cidade ao seu lugar para você; exerça sua realeza!
Que ele te devolva ao seu lugar para você; exerça sua realeza!

Voltando agora à mitologia suméria, é importante notar, em primeiro lugar, que os mitos sumérios têm pouca ou nenhuma conexão com rito e ritual, apesar do fato de que estes últimos desempenharam um papel tão importante na prática religiosa suméria. Praticamente todos os mitos sumérios existentes são de caráter literário e etiológico; eles não são "ritos falados", como o mito tem sido muitas vezes erroneamente categorizado, nem apêndices verbalizados de atos rituais. Eles giram principalmente sobre a criação e organização do universo, o nascimento dos deuses, seus amores e ódios, seus rancores e intrigas, suas bênçãos e maldições, seus atos de criação e destruição. Há muito pouco neles sobre a luta pelo poder entre os deuses, e mesmo quando isso ocorre, nunca é descrito como um conflito amargo, vingativo e sangrento.

Intelectualmente falando, os mitos sumérios revelam uma abordagem bastante madura e sofisticada dos deuses e suas atividades divinas; Por trás deles pode ser reconhecida uma considerável reflexão cosmológica e teológica. Em geral, no entanto, os mitógrafos sumérios eram os herdeiros diretos dos menestréis e bardos analfabetos de outros tempos, e seu primeiro objetivo era compor poemas narrativos sobre os deuses que fossem atraentes, inspiradores e divertidos. Suas principais ferramentas literárias não eram a lógica e a razão, mas a imaginação e a fantasia. Ao contar suas histórias, eles não hesitaram em inventar motivos e incidentes padronizados na ação humana que não poderiam ter qualquer base no pensamento racional e especulativo. Tampouco hesitaram em adotar motivos lendários e folclóricos que nada tinham a ver com investigação e inferência cosmológicas.

Até o momento, nenhum mito sumério foi recuperado tratando direta e explicitamente da criação do universo; o pouco que se sabe sobre as ideias cosmogônicas sumérias foi inferido a partir de declarações lacônicas espalhadas pelos documentos literários. Mas temos uma série de mitos relacionados à organização do universo e seus processos culturais, à criação do homem e ao estabelecimento da civilização. Os principais protagonistas envolvidos nesses mitos são relativamente poucos em número: o deus-ar, Enlil, o deus-água, Enki, a deusa-

mãe, Ninhursag (também conhecido como Nintu e Ninmah), o deus do vento sul, Ninurta, o deus-lua, Nanna-Sin, o deus-Bedu, Martu e, mais frequentemente, a deusa Inanna, particularmente em relação ao seu azarado cônjuge, Dumuzi.

Enlil, como já foi observado no início deste capítulo, era a divindade mais importante do panteão sumério, "o pai dos deuses", "o rei do céu e da terra", "o rei de todas as terras". De acordo com o mito "Enlil e a Criação da Picareta", ele foi o deus que separou o céu da terra, trouxe "a semente da terra" da terra, trouxe "o que fosse necessário", moldou a picareta para fins agrícolas e de construção e a apresentou aos "cabeças-pretas", isto é, aos sumérios, ou talvez até mesmo à humanidade como um todo. De acordo com a disputa "Verão e Inverno", Enlil foi o deus que gerou todas as árvores e grãos, produziu abundância e prosperidade na "Terra" e nomeou "Inverno" como o "Fazendeiro dos Deuses", encarregado das águas produtoras de vida e de tudo o que cresce. Os deuses – mesmo os mais importantes entre eles – estavam todos ansiosos por Sua bênção. Um mito relata como o deus-água, Enki, depois de construir sua "casa do mar" em Eridu, viajou para o templo de Enlil em Nippur, a fim de obter sua aprovação e bênção. Quando o deus-lua, Nanna-Sin, a divindade tutelar de Ur, quis certificar-se do bem-estar e prosperidade de seu domínio, ele viajou para Nippur em um barco carregado de presentes e, assim, obteve a generosa bênção de Enlil.

Embora Enlil fosse o chefe do panteão sumério, seus poderes não eram de forma alguma ilimitados e absolutos. Um dos mitos sumérios mais humanos e ternos diz respeito ao banimento de Enlil para o mundo das redes como resultado dos seguintes eventos: Quando o homem ainda não havia sido criado e a cidade de Nippur era habitada apenas por deuses, "seu jovem" era o deus Enlil; "sua jovem empregada" era a deusa Ninlil; e "sua velha" era a mãe de Ninlil, Nunbarshegunu. Um dia, esta última, evidentemente tendo definido sua mente e coração sobre o casamento de Ninlil com Enlil, instrui sua filha assim: No riacho puro, mulher, banha-se no riacho puro,

Ninlil, caminhe ao longo da margem do córrego Nunbirdu,
Os olhos brilhantes, o senhor, os olhos brilhantes,
A "grande montanha", o padre Enlil, o de olhos brilhantes, o verá,
O pastor . . . quem decreta os destinos, os olhos brilhantes te verão,
Vai logo te abraçar (?), te beijar.

Ninlil segue alegremente as instruções de sua mãe:

No riacho puro, a mulher se banha, no riacho puro,
Ninlil caminha ao longo da margem do córrego Nunbirdu,
Os olhos brilhantes, o senhor, os olhos brilhantes,
A "grande montanha", o padre Enlil, de olhos brilhantes, viu-a,
O pastor . . . quem decreta os destinos, os olhos brilhantes a viram.
O senhor fala-lhe da relação sexual (?), ela não está disposta,
Enlil fala com ela de relações sexuais (?), ela não está disposta;
"Minha vagina é muito pequena, sabe não copular,
Meus lábios são muito pequenos, eles sabem não beijar".

Enlil liga para seu vizir, Nusku, e lhe fala de seu desejo pelo adorável Ninlil. Nusku traz um barco, e Enlil estupra Ninlil enquanto navega no riacho e a engravida com o deus-lua, o pecado. Os deuses estão consternados com esse ato imoral e, embora Enlil seja seu rei, eles o apoderam e o banem da cidade para o mundo. A

passagem relevante, uma das poucas a lançar alguma luz indireta sobre a organização do panteão e seu método de funcionamento, diz o seguinte: Enlil caminha no Kiur (santuário privado de Ninlil),

> Enquanto Enlil caminha no Kiur,
> Os grandes deuses, os cinquenta deles,
> Os deuses decretadores do destino, os sete,
> Agarre Enlil no Kiur (dizendo):
> "Enlil, imoral, tira você da cidade,
> Nunamnir (epíteto de Enlil), imoral, te tire da cidade."

E assim Enlil, de acordo com o destino decretado pelos deuses, parte em direção ao Hades sumério. Ninlil, no entanto, agora grávida de um filho, se recusa a ficar para trás e segue Enlil em sua jornada forçada para o mundo das redes. Isso perturba Enlil, pois parece que seu filho Sin, originalmente destinado a ser responsável pelo maior corpo luminoso, a lua, teria que habitar no mundo sombrio e sombrio em vez de no céu. Para contornar isso, ele parece ter arquitetado o seguinte esquema bastante complicado. No caminho para o mundo nether de Nippur, o viajante encontra três indivíduos, divindades menores sem dúvida: o porteiro encarregado dos portões de Nippur, o "homem do rio do mundo nether", e o barqueiro, o sumério "Charon", que transporta os mortos para o Hades. Enlil toma a forma de cada um deles, por sua vez – o primeiro exemplo conhecido de metamorfose divina – e impregna Ninlil de três divindades do mundo como substitutos de seu irmão mais velho, Sin, que é assim livre para subir ao céu.

Um dos mitos sumérios mais detalhados e reveladores diz respeito à organização do universo por Enki, o deus sumério da água e deus da sabedoria; uma nova tradução completa será encontrada no capítulo v ("Literatura: As Belas Letras Sumérias"). Outro mito de Enki conta uma história intrincada e ainda um tanto obscura envolvendo a terra paradisíaca Dilmun, talvez para ser identificada em parte com a Índia antiga. Muito brevemente esboçado, o enredo desse mito do "paraíso" sumério, que trata de deuses, não de humanos, funciona da seguinte forma: Dilmun é uma terra "pura", "limpa" e "brilhante", uma "terra dos vivos" que não conhece nem a doença nem a morte. O que falta, no entanto, é a água doce tão essencial à vida animal e vegetal. O grande deus sumério da água, Enki, ordena, portanto, que Utu, o deus-sol, o encha de água doce trazida da terra. Dilmun é assim transformado em um jardim divino, verde com campos e prados cheios de frutas.

Neste paraíso dos deuses oito plantas são feitas para brotar por Ninhursag, a grande deusa-mãe dos sumérios, talvez originalmente a Mãe Terra. Ela só consegue criar essas plantas depois de um intrincado processo que envolve três gerações de deusas, todas concebidas pelo deus-água e nascidas – como nosso poema sublinha repetidamente – sem a menor dor ou sofrimento. Mas provavelmente porque Enki queria prová-las, seu mensageiro, o deus de duas faces Isimud, arranca essas plantas preciosas uma a uma e as entrega a seu mestre, que passa a comê-las cada uma por sua vez. Diante disso, o irritado Ninhursag pronuncia a maldição da morte sobre ele. Então, evidentemente para ter certeza de que ela não mudará de ideia e cederá, ela desaparece do meio dos deuses.

A saúde de Enki começa a falhar; oito de seus órgãos adoecem. Enquanto Enki afunda rápido, os grandes deuses sentam-se no pó. Enlil, o deus-ar, o rei dos deuses sumérios, parece incapaz de lidar com a situação quando uma raposa fala. Se devidamente recompensado, ele diz a Enlil, ele, a raposa, trará Ninhursag de volta. Por melhor que seja sua palavra, a raposa consegue de alguma forma – a passagem relevante infelizmente é destruída – em fazer com que a deusa-mãe retorne aos deuses e cure o deus-água moribundo. Ela o senta por sua vulva, e depois de perguntar quais oito órgãos de seu corpo doem, ela traz à existência oito divindades curativas correspondentes, e Enki é trazido de volta à vida e à saúde.

Embora nosso mito trate de um paraíso divino, e não humano, ele tem inúmeros paralelos com a história bíblica do paraíso. Na verdade, há alguma razão para acreditar que a própria ideia de um paraíso, um jardim dos deuses, se originou com os sumérios. O paraíso sumério está localizado, de acordo com nosso poema, em Dilmun, uma terra em algum lugar a leste da Suméria. É nesse mesmo Dilmun que os babilônios, o povo semítico que conquistou os sumérios, mais tarde localizaram sua "terra dos vivos", a casa de seus imortais. E há boas indicações de que o paraíso bíblico também, que é descrito como um jardim plantado para o leste no Éden, de cujas águas fluem os quatro rios mundiais, incluindo o Tigre e o Eufrates, pode ter sido originalmente idêntico a Dilmun, a terra paradisíaca suméria.

Novamente, a passagem em nosso poema que descreve a rega de Dilmun pelo deus-sol com água doce trazida da terra lembra a passagem bíblica: "Mas subiu uma névoa (?) da terra, e regou toda a face da terra" (Gênesis 2:6). O nascimento das deusas sem dor ou sofrimento ilumina o fundo da maldição contra Eva de que será sua sorte conceber e gerar filhos na dor. E, obviamente, o fato de Enki ter comido as oito plantas e a maldição proferida contra ele por esse erro lembram o comer do fruto da árvore do conhecimento por Adão e Eva e as maldições pronunciadas contra cada um deles por essa ação pecaminosa.

Mas talvez o resultado mais interessante de nossa análise comparativa do poema sumério seja a explicação que ele fornece para um dos motivos mais intrigantes da história bíblica do paraíso, a famosa passagem que descreve a formação de Eva, "a mãe de todos os vivos", a partir da costela de Adão – por que uma costela? Por que o contador de histórias hebraico achou mais apropriado escolher uma costela em vez de qualquer outro órgão do corpo para a formação da mulher cujo nome, Eva, de acordo com a noção bíblica, significa aproximadamente "aquela que faz viver". A razão torna-se bastante clara se assumirmos um fundo literário sumério, como o representado pelo nosso poema de Dilmun, para fundamentar o conto bíblico do paraíso; pois em nosso poema sumério, um dos órgãos doentes de Enki é a costela. Agora, a palavra suméria para "costela" é ti (pronuncia-se tee); a deusa criada para a cura da costela de Enki foi, portanto, chamada em sumério Nin-ti, "a Senhora da costela". Mas a palavra suméria ti também significa "fazer viver". O nome Nin-ti pode assim significar "a Senhora que faz viver", bem como "a Senhora da costela". Na literatura suméria, portanto, "a Senhora da costela" passou a ser identificada com "a Senhora que faz viver" através do que pode ser chamado de um jogo de palavras. Foi este, um dos mais antigos trocadilhos literários, que foi carregado e perpetuado

na história bíblica do paraíso, embora ali, é claro, o trocadilho perca sua validade, já que as palavras hebraicas para "costela" e "quem faz viver" não têm nada em comum.

Há outro mito de Enki-Ninhursag preocupado com a criação do homem a partir do "barro que está sobre o abismo". A história começa com uma descrição das dificuldades dos deuses em adquirir seu pão, especialmente, como era de se esperar, depois que as divindades femininas surgiram. Os deuses reclamam, mas Enki, que, como o deus sumério da sabedoria, poderia ter vindo em seu auxílio, está adormecido nas profundezas e não consegue ouvi-los. Daí sua mãe, o mar primitivo, "a mãe que deu à luz a todos os deuses", traz as lágrimas dos deuses diante de Enki, dizendo: Ó meu filho, levanta-te da tua cama, do teu ... trabalhar o que é sábio,

> Servos dos deuses, que produzam seus duplos (?).

Enki pensa no assunto, conduz a multidão de "bons e principescos fashionistas" e diz a sua mãe, Nammu, o mar primitivo: Ó minha mãe, a criatura cujo nome você pronunciou, ela existe,

> Amarre sobre ela a imagem (?) dos deuses;
> Misture o coração da argila que está sobre o abismo,
> Os bons e principescos moços engrossarão o barro,
> Você, você traz os membros à existência;
> Ninmah (outro nome para Ninhursag) trabalhará acima de você,
> As deusas (de nascimento) . . . estará ao seu lado na sua moda;
> Ó minha mãe, decreta o seu destino (do recém-nascido),
> Ninmah amarrará sobre ele o molde (?) dos deuses,
> É o homem...

O poema então passa da criação do homem como um todo para a criação de certos tipos humanos imperfeitos em uma tentativa óbvia de explicar a existência desses seres anormais. Conta sobre uma festa organizada por Enki para os deuses, provavelmente para comemorar a criação do homem. Nesta festa, Enki e Ninmah bebem muito vinho e tornam-se um pouco exuberantes. Ninmah pega um pouco da argila que está sobre o abismo e molda seis variedades diferentes de indivíduos anormais, enquanto Enki decreta seus destinos e lhes dá pão para comer. Depois que Ninmah criou esses seis tipos de homem, Enki decide criar um de seus próprios. A maneira como ele o faz não é clara, mas seja o que for, a criatura resultante é um fracasso; é fraco e débil no corpo e no espírito. Enki agora está ansioso para que Ninmah ajude essa criatura desamparada; Por conseguinte, dirige-se a ela da seguinte forma: Daquele que a tua mão formou, eu decretei o destino,

> Deram-lhe pão para comer;
> Decretas o destino daquele que a minha mão formou?
> Você lhe dá pão para comer.

Ninmah tenta ser boa para a criatura, mas sem sucesso. Ela conversa com ele, mas ele não responde. Ela lhe dá pão para comer, mas ele não estende a mão. Ele não pode sentar, nem ficar de pé, nem dobrar os joelhos. Após uma longa mas ainda ininteligível conversa entre Enki e Ninmah, este último profere uma maldição contra Enki por causa da criatura doente e sem vida que ele produziu, uma maldição que Enki parece aceitar como sua devida.

Em relação a Ninurta, o deus do vento sul tempestuoso, há um mito com um motivo de matar dragões. Após uma breve passagem hinária ao deus, a trama começa com um discurso a Ninurta por Sharur, sua arma personificada. Por alguma razão não declarada, Sharur havia colocado sua mente contra Asag, o demônio da doença e da doença, cuja morada é no mundo kur, ou nether. Em um discurso, cheio de frases exaltando as qualidades e feitos heroicos de Ninurta, ele o exorta a atacar e destruir o monstro. Ninurta se propõe a fazer o que foi licitado. A princípio, no entanto, ele parece ter encontrado mais do que seu par e "foge como um pássaro". Mais uma vez, o Sharur dirige-se a ele com palavras tranquilizadoras e encorajadoras. Ninurta agora ataca o Asag ferozmente com todas as armas sob seu comando, e o demônio é destruído.

Com a destruição do Asag, no entanto, uma grave calamidade tomou conta da Suméria. As águas primitivas do Kur subiram à superfície e, como resultado de sua violência, nenhuma água doce pôde chegar aos campos e jardins. Os deuses da Suméria que "carregavam sua picareta e cesta", isto é, que tinham a tarefa de irrigar a Suméria e prepará-la para o cultivo, estavam desesperados. O Tigre não se levantou; não tinha água "boa" em seu canal.

A fome era severa, nada era produzido,
Nos pequenos rios, não havia "lavagem das mãos",
As águas não subiram alto,
Os campos não são regados,
Não houve escavação de valas (de irrigação),
Em todas as terras não havia vegetação,
Só as ervas daninhas cresceram.
Daí em diante o senhor pôs a sua mente elevada,
Ninurta, o filho de Enlil, trouxe grandes coisas à existência.

Ninurta montou uma pilha de pedras sobre o Kur e as amontoou como uma grande muralha em frente à Suméria. Essas pedras retiveram "as águas poderosas" e, como resultado, as águas do Kur não podiam mais subir à superfície da terra. Quanto às águas que já haviam inundado a terra, Ninurta as reuniu e as levou para o Tigre, que agora era capaz de regar os campos com seu transbordamento.

O que havia sido espalhado, ele colheu,
O que do Kur tinha sido espalhado,
Ele guiou e arremessou para dentro do Tigre,
As águas altas que derrama sobre os campos.
Eis agora tudo na terra,
Regozijou-se de longe com Ninurta, o rei da terra,
Os campos produziam grãos abundantes,
A vinha e o pomar deram os seus frutos,
A colheita foi amontoada em celeiros e colinas,
O senhor fez o luto desaparecer da terra,
Fez feliz o espírito dos deuses.

Ao saber dos grandes e heroicos feitos de seu filho, sua mãe, Ninmah, é tomada com piedade por ele; Ela fica tão inquieta que não consegue dormir em seu quarto. Por isso, dirige-se a Ninurta de longe com uma oração pedindo permissão para visitá-lo e contemplá-lo. Ninurta olha-a com o "olho da vida", dizendo: Ó Senhora, porque viestes ao Kur,

Ó Ninmah, porque por minha causa entraríeis na terra inimiga
Porque você não tem medo do terror da batalha ao meu redor,
Portanto, do monte que eu, o herói, amontei, amontei,
Deixe seu nome ser Hursag (montanha) e você seja sua rainha.

Ninurta então abençoa o Hursag para que ele possa produzir todos os tipos de ervas, vinho e mel, vários tipos de árvores, ouro, prata e bronze, e gado, ovelhas e todas as "criaturas de quatro patas". Após essa bênção, ele se volta para as pedras, amaldiçoando aqueles que haviam sido seus inimigos em sua batalha com o demônio Asag e abençoando aqueles que haviam sido seus amigos.

Não são poucos os mitos sumérios que giram em torno da ambiciosa, agressiva e exigente deusa do amor, Inanna – a Ishtar acadiana – e seu marido, o deus-pastor, Dumuzi – o bíblico Tamuz. O cortejo da deusa por Dumuzi é contado em duas versões. No primeiro, ele disputa seu favor com o deus-fazendeiro, Enkimdu, e só é bem-sucedido depois de uma boa dose de discussão briguenta que leva a ameaças de violência. No outro, Dumuzi parece encontrar pronta e imediata aceitação como amante e marido de Inanna. Mas mal sonha que seu casamento com Inanna terminará em sua perdição e que será literalmente arrastado para o inferno. Esta história é contada em um dos mitos sumérios mais bem preservados, "A Descida de Inanna ao Mundo Nether", que foi publicado e revisado três vezes ao longo dos últimos vinte e cinco anos, e está prestes a ser revisado uma quarta vez com a ajuda de várias tábuas e fragmentos até então desconhecidos. Brevemente esboçado, esse mito conta a seguinte história.

Inanna, a "Rainha do Céu", a ambiciosa deusa do amor e da guerra que o pastor Dumuzi havia cortejado e conquistado por uma esposa, decide descer ao mundo das redes para se tornar sua amante e, assim, talvez ressuscitar os mortos. Ela recolhe as leis divinas apropriadas e, tendo se adornado com suas vestes e joias de rainha, está pronta para entrar na "terra sem volta".

A rainha do mundo nether é sua irmã mais velha e inimiga amarga, Ereshkigal, a deusa suméria da morte e da melancolia. Temendo, não sem razão, que sua irmã não a matasse no domínio que ela governa, Inanna instrui seu vizir Ninshubur, que está sempre à sua disposição, que se depois de três dias ela não conseguiu voltar, ele deve criar um lamento para ela pelas ruínas na sala de assembleia dos deuses. Ele deve então ir para Nippur, a cidade de Enlil, o deus líder do panteão sumério, e implorar a ele para salvá-la e não deixá-la ser morta no mundo das redes. Se Enlil se recusar, Ninshubur deve ir até Ur, a cidade do deus-lua, Nanna, e repetir seu apelo. Se Nanna também se recusar, ele deve ir para Eridu, a cidade de Enki, o deus da sabedoria, que "conhece o alimento da vida", que "conhece a água da vida", e certamente virá em seu socorro.

Inanna então desce para o mundo nether e se aproxima do templo de lápis-lazúli de Ereshkigal. No portão, ela é recebida pelo porteiro chefe, que exige saber quem ela é e por que veio. Inanna inventa uma falsa desculpa para sua visita, e o porteiro, sob instruções de sua amante, a conduz através dos sete portões do mundo nether. Ao passar por um portão após o outro, suas roupas e joias são removidas peça por peça, apesar de seus protestos. Finalmente, depois de passar pelo último portão, ela é trazida nua e de joelhos dobrados diante de Ereshkigal e dos Anunnaki, os sete

temidos juízes do mundo das redes. Eles prendem sobre ela seus olhos de morte, e ela é transformada em um cadáver, que é então pendurado em uma estaca.

Três dias e três noites se passam. No quarto dia, Ninshubur, vendo que sua amante não voltou, passa a fazer as rondas dos deuses de acordo com suas instruções. Como Inanna havia suposto, tanto Enlil quanto Nanna recusam qualquer ajuda. Enki, no entanto, elabora um plano para restaurá-la à vida. Ele molda a kurgarra e a kalaturra, duas criaturas sem sexo, e confia-lhes o "alimento da vida" e a "água da vida", com as quais devem seguir para o mundo onde Ereshkigal, "a mãe que dá à luz", está doente "por causa de seus filhos"; Nua e descoberta, ela continua gemendo: "ai do meu interior" e "ai do meu fora". Eles, a kurgarra e a kalaturra, devem repetir seu grito com simpatia e acrescentar: "Do meu 'dentro' para o seu 'dentro', do meu 'fora' para o seu 'fora'. " Eles então receberão água dos rios e grãos dos campos como presentes, mas, adverte Enki, eles não devem aceitá-los. Em vez disso, eles devem dizer: "Dá-nos o cadáver pendurado em um prego", e aspergir sobre ele "o alimento da vida" e "a água da vida", que ele lhes havia confiado, e assim reviver a morta Inanna. A kurgarra e a kalaturra fazem exatamente como Enki lhes ordenou, e Inanna revive.

Embora Inanna esteja novamente viva, seus problemas estão longe de acabar, pois era uma regra ininterrupta do mundo que ninguém que tivesse entrado em seus portões poderia retornar ao mundo acima, a menos que ele produzisse um substituto para tomar seu lugar. Inanna não poderia ser uma exceção à regra. Ela foi realmente autorizada a reascender à terra, mas foi acompanhada por um número de demônios sem coração com instruções para trazê-la de volta para as regiões inferiores se ela não fornecesse outra divindade para tomar seu lugar. Cercada por esses terríveis policiais, Inanna primeiro começa a visitar as duas cidades sumérias Umma e Bad-tibira. Os deuses protetores dessas cidades, Shara e Latarak, apavorados ao ver as chegadas sobrenaturais, vestem-se de pano de saco e se enchem de poeira diante de Inanna. Inanna parece estar satisfeita com sua humildade, e quando os demônios ameaçam levá-los para o mundo das redes, ela restringe os demônios e, assim, salva a vida dos dois deuses.

Inanna e os demônios, continuando sua jornada, chegam a Kullab, um distrito na cidade-estado suméria de Erech. O rei desta cidade é o deus-pastor, Dumuzi, que, em vez de lamentar o fato de sua esposa ter descido para o mundo onde ela havia sofrido tortura e morte, "vestiu um manto nobre, sentou-se no alto de um trono", ou seja, ele estava realmente celebrando seu infortúnio. Enfurecida, Inanna olha para ele com "o olho da morte" e o entrega aos demônios ansiosos e impiedosos para serem levados para o mundo das redes. Dumuzi fica pálido e chora. Ele levanta as mãos para o céu e implora ao deus-sol, Utu, que é irmão de Inanna e, portanto, seu próprio cunhado. Dumuzi implora a Utu para ajudá-lo a escapar dos demônios, transformando sua mão na mão de uma cobra e seu pé no pé de uma cobra.

Mas nesse ponto da história – no meio da oração de Dumuzi – as tábuas disponíveis chegam ao fim, e até recentemente o leitor era deixado pendurado no ar. Agora, no entanto, temos o final melancólico: Dumuzi, apesar de três intervenções de Utu, é levado para morrer no mundo das redes como um substituto para sua

esposa irritada e amargurada, Inanna. Isso aprendemos com um poema até então amplamente desconhecido que não é realmente uma parte da "Descida de Inanna ao Mundo Nether", mas está intimamente relacionado a ele, e que, além disso, fala da transformação de Dumuzi em uma gazela em vez de uma cobra. Esta nova composição foi encontrada inscrita em vinte e oito tábuas e fragmentos datados de cerca de 1750 a.C.; O texto completo só recentemente foi reunido e traduzido, pelo menos provisoriamente, embora algumas das peças tenham sido publicadas décadas atrás. Na verdade, a primeira das peças pertencentes ao mito foi publicada já em seguida, identifiquei dezenove tábuas e fragmentos adicionais, dez dos quais estão no Museu do Antigo Oriente, em Istambul (cópias dessas dez foram feitas por mim e pelos curadores da coleção de tablets do museu, Mmes Muazzez Çiğ e Hatice Kizilyay). Como resultado de todos esses novos documentos, foi possível, finalmente, restaurar o texto do poema quase na íntegra e preparar a tradução provisória em que se baseia o esboço seguinte de seu conteúdo.1915 de Hugo Radau, mas continha apenas as últimas linhas do poema. Em 1930, o estudioso francês Henri de Genouillac publicou duas peças adicionais que continham as cinquenta e cinco linhas iniciais do poema. Mas como toda a porção do meio ainda era desconhecida, não havia como saber que as peças de Radau e De Genouillac pertenciam ao mesmo poema. Em 1953, seis peças adicionais do poema, publicadas e inéditas, tornaram-se disponíveis, e Thorkild Jacobsen, do Instituto Oriental da Universidade de Chicago, foi o primeiro a dar uma ideia de seu enredo e a traduzir várias passagens.

O mito, que pode ser intitulado "A Morte de Dumuzi", começa com uma passagem introdutória em que o autor dá o tom melancólico da história que vai contar. Dumuzi, o pastor de Erech, tem uma premonição de que sua morte é iminente e por isso vai para a planície com olhos lacrimejantes e lamento amargo: Seu coração se encheu de lágrimas,

Ele saiu para a planície,
O pastor — seu coração se encheu de lágrimas,
Ele saiu para a planície,
Dumuzi — seu coração se encheu de lágrimas,
Ele saiu para a planície,
Prendeu a flauta (?) no pescoço,
Deu voz a um lamento:

Estabeleça um lamento, crie um lamento,
Ó simples, monta um lamento!
Ó simples, monta um lamento, monta um gemido (?)!
Entre os caranguejos do rio, montou-se um lamento
Entre as rãs do rio, criou-se um lamento!
Que minha mãe pronuncie palavras de (lamento),
Que minha mãe, Sirtur, pronuncie palavras de (lamento).
Que minha mãe que não tem (?) cinco pães (?) pronuncie palavras de (lamento) (?), Que minha mãe que não tem (?) dez pães (?) pronuncie palavras de (lamento),
No dia que eu morrer ela não vai ter ninguém para cuidar (?) dela,
Na planície, como minha mãe, que meus olhos derramassem lágrimas (?),
Na planície, como minha irmãzinha, meus olhos derramaram lágrimas.

Dumuzi, continua o poema, deita-se para dormir e tem um sonho sinistro e pressentimento: Entre os botões (?) deitou-se, entre os botões (?) deitou-se,

O pastor — entre os botões (?) deitou-se,
Quando o pastor se deitou entre os botões (?), sonhou um sonho,
Levantou-se, foi um sonho, tremeu (?) —foi uma visão,
Esfregou os olhos com as mãos, ficou atordoado.

O desnorteado Dumuzi chama sua irmã, Geshtinanna, a divina poetisa, cantora e intérprete dos sonhos, diante dele e lhe diz sua visão portentosa: Meu sonho, ó minha irmã, meu sonho,

Este é o coração do meu sonho!
As pressas se levantam sobre mim, as pressas brotam todas sobre mim,
Um junco de pé sozinho inclina a cabeça para mim,
Dos juncos em pé em pares, um é removido para mim,
No bosque arborizado, árvores altas (?) erguem-se assustadoramente à minha volta, Sobre o meu santo fogo, derrama-se água,
Do meu santo churn — sua posição (?) é removida,
O cálice santo pendurado em uma estaca, da estaca caiu,
O bandido do meu pastor desapareceu,
Uma coruja segura um . . . ,
Um falcão segura um cordeiro em suas garras,
Minhas jovens cabras arrastam suas barbas de lápis no pó.
Minhas ovelhas da dobra patam o chão com seus membros dobrados,
O churn jaz (quebrado), nenhum leite é derramado,
A taça jaz (quebrada), Dumuzi não vive mais,
O aprisco das ovelhas é entregue ao vento.

Geshtinanna também está profundamente perturbada com o sonho de seu irmão:

Oh, meu irmão, seu sonho não é favorável, o que você me diz!
Oh, Dumuzi, seu sonho não é favorável que você me diga!
As pressas se levantam sobre você, as pressas brotam sobre você.
(Isso significa) bandidos se levantarão para atacá-lo.
Um junco de pé sozinho inclina a cabeça para você,
(Isso significa) sua mãe que te gerou vai abaixar a cabeça para você,
Dos juncos em pé em pares, um é removido,
(Isso significa) Eu e você, um de nós, será removido...

Geshtinanna passa a interpretar, item por item, o sonho sombrio e pressentido de seu irmão, terminando com um aviso de que os demônios do mundo nether, os galla, estão se aproximando dele e que ele deve se esconder imediatamente. Dumuzi concorda e implora à irmã que não conte aos galla sobre seu esconderijo: Meu amigo, vou me esconder entre as plantas,

Não diga a ninguém o meu (esconderijo) lugar,
Vou me esconder entre as pequenas plantas,
Não diga a ninguém o meu (esconderijo).
Vou me esconder entre as grandes plantas,
Não diga a ninguém o meu (esconderijo).
Vou me esconder entre valas de Arallu,
Não diga a ninguém o meu (esconderijo).

Ao que Geshtinanna responde:

Se eu disser o seu lugar (escondido), que seus cães me devorem,
Os cães pretos, seus cães de "pastoreio",
Os cães selvagens, seus cães de "senhorio",
Que seus cães me devorem.

E assim os galla's, as criaturas desumanas que

Não comer comida, não saber água,
Coma farinha não polvilhada,
Beba água não libada,
Não aceite presentes que acalmem,
Não sacie com prazer o seio da esposa,
Não beije as crianças, o doce... ,

vem procurar o Dumuzi escondido, mas não consegue encontrá-lo. Eles tomam Geshtinanna e tentam suborná-la para contar o paradeiro de Dumuzi, mas ela permanece fiel à sua palavra.

Dumuzi, no entanto, retorna à cidade, provavelmente porque teme que os demônios matem sua irmã. Lá os galos o pegam, o agredem com golpes, socos e chicotadas, prendem suas mãos e braços rapidamente e estão prontos para levá-lo para o mundo das redes. Em seguida, Dumuzi se volta para o deus-sol, Utu, o irmão de sua esposa, Inanna, com a oração para transformá-lo em uma gazela para que ele possa escapar da galla e levar sua alma para um lugar conhecido pelo nome de Shubirila (ainda não identificado), ou como o próprio Dumuzi diz: Utu, você é irmão da minha esposa,

Eu sou o marido da sua irmã,
Eu sou aquele que leva comida para Eanna (templo de Inanna),
Em Ereque eu trouxe os presentes de casamento,
Beijei os lábios santos (?),
Acariciou (?) o colo santo, o colo de Inanna—
Transforme minhas mãos nas mãos de uma gazela,
Transforme meus pés nos pés de uma gazela,
Deixe-me escapar dos meus gala-demônios,
Deixe-me levar minha alma para Shubirila . . .

O deus-sol ouviu a oração de Dumuzi; Nas palavras do poeta:

Utu tomou suas lágrimas como um presente,
Como um homem de misericórdia, mostrou-lhe misericórdia,
Transformou as mãos nas mãos de uma gazela,
Transformou os pés nos pés de uma gazela,
Ele escapou de seus demônios gala,
Levou sua alma para Shubirila . . . . .

Infelizmente, os demônios perseguidores o alcançam mais uma vez e o espancam e torturam como antes, Uma segunda vez, portanto, Dumuzi se volta para Utu com a oração para transformá-lo em uma gazela; desta vez, ele deseja levar sua alma para a casa de uma deusa conhecida como "Belili, a velha sábia". Utu responde à sua oração, e Dumuzi chega à casa de Belili, suplicando: Senhora sábia, eu não sou um homem, eu sou o marido de uma deusa,

Da água libada, deixe-me beber um pouco (?),
Da farinha que foi polvilhada, deixe-me comer um pouco (?).

Ele mal teve tempo de comer e beber quando os galos apareceram e o espancaram e atormentaram pela terceira vez. Novamente Utu o transforma em uma gazela, e ele escapa para o aprisco de sua irmã, Geshtinanna. Mas tudo em vão; cinco dos galla entram no aprisco das ovelhas e golpeiam Dumuzi na bochecha com um prego e um pau, e Dumuzi morre. Ou, para citar as linhas melancólicas que encerram o poema: A primeira gala entra no aprisco das ovelhas,

Ele golpeia Dumuzi na bochecha com uma unha piercing (?) (?),
O segundo entra no aprisco das ovelhas,
Ele golpeia Dumuzi na bochecha com o bandido do pastor,
O terceiro entra no aprisco das ovelhas,
Do churn santo, o stand (?) é removido,
O quarto entra no aprisco das ovelhas,
O copo pendurado em uma estaca, da estaca cai,
O quinto entra no aprisco das ovelhas,
O santo churn jaz (despedaçado), nenhum leite é derramado,
A taça jaz (quebrada), Dumuzi não vive mais
O aprisco das ovelhas é dado ao vento.

Assim, Dumuzi chega a um fim trágico, vítima do amor e do ódio de Inanna.

Nem todos os mitos de Inanna, no entanto, dizem respeito a Dumuzi. Há uma, por exemplo, que relata como a deusa, através de artimanhas, obteve as leis divinas, os eus que regem a humanidade e suas instituições. Este mito é de considerável interesse antropológico porque seu autor achou desejável, em conexão com a história, dar uma lista completa dos me's, e dividir a civilização como ele a concebeu em mais de cem traços culturais e complexos relacionados às instituições políticas, religiosas e sociais do homem, às artes e ofícios, à música e aos instrumentos musicais, e a uma variedade variada de padrões de comportamento intelectual, emocional e social (ver página 116). Brevemente esboçado, o enredo desse mito revelador funciona da seguinte forma.

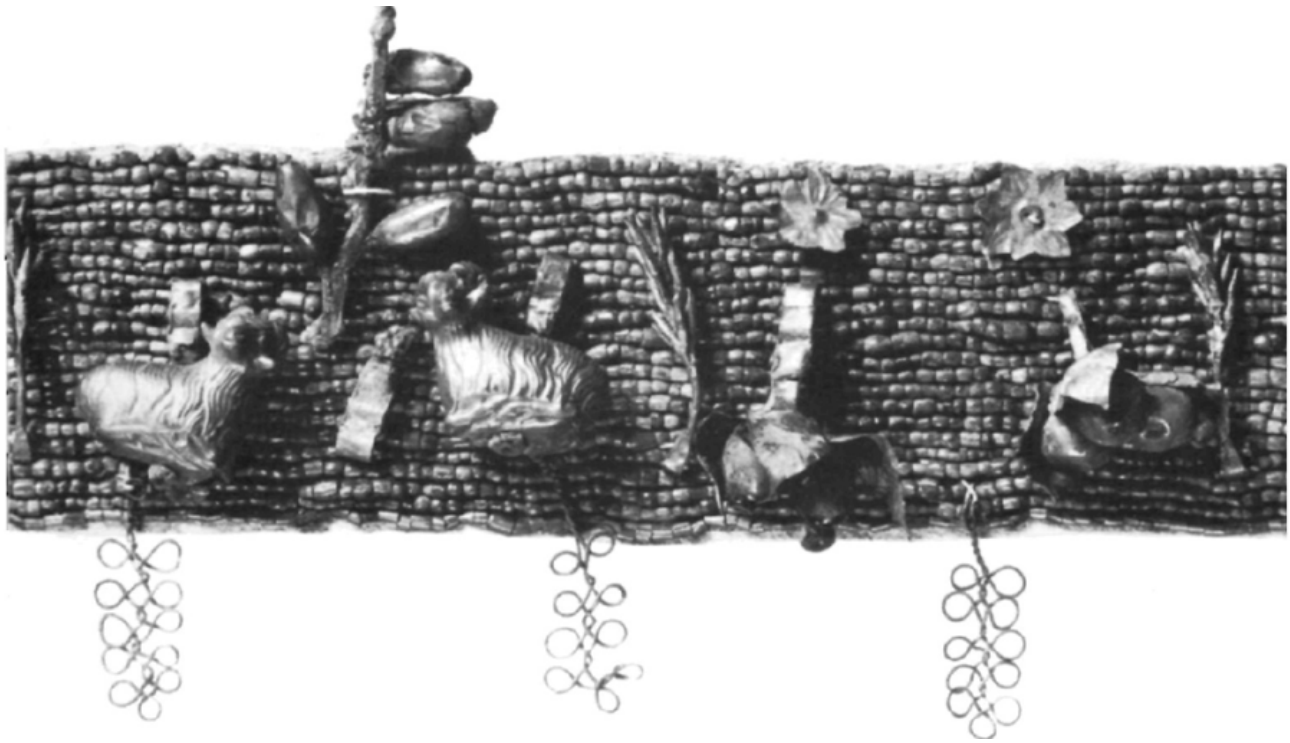
Inanna, rainha do céu, a deusa tutelar de Erech, está ansiosa para aumentar o bem-estar e a prosperidade de sua cidade, para torná-la o centro da civilização suméria e, assim, exaltar seu nome e fama. Ela, portanto, decide ir para Eridu, a antiga sede da cultura suméria, onde Enki, o senhor da sabedoria, "que conhece o próprio coração dos deuses", habita em seu abismo aquático, o Abzu; pois Enki tem sob seu comando todos os decretos divinos que são fundamentais para a civilização. Se ela puder obtê-los, por meios justos ou sujos, e trazê-los a Erech, sua glória e sua própria vontade serão de fato insuperáveis. Quando ela se aproxima do Abzu de Eridu, Enki – sem dúvida tomado por seu charme – chama seu mensageiro Isimud, a quem ele se dirigiu da seguinte forma: Vem, meu mensageiro Isimud, dá ouvidos às minhas instruções,

Uma palavra vos direi: tomai a minha palavra.
A empregada, sozinha, direcionou seu passo para o Abzu,
Inanna, sozinha, direcionou seu passo para o Abzu,
Peça à empregada que entre no Abzu de Eridu,
Dê-lhe para comer bolo de cevada com manteiga,
Despeje por ela água fria que refresca o coração,
Dê-lhe para beber cerveja na "cara do leão"
Na mesa santa, a "mesa do céu",
Fale a Inanna palavras de saudação.

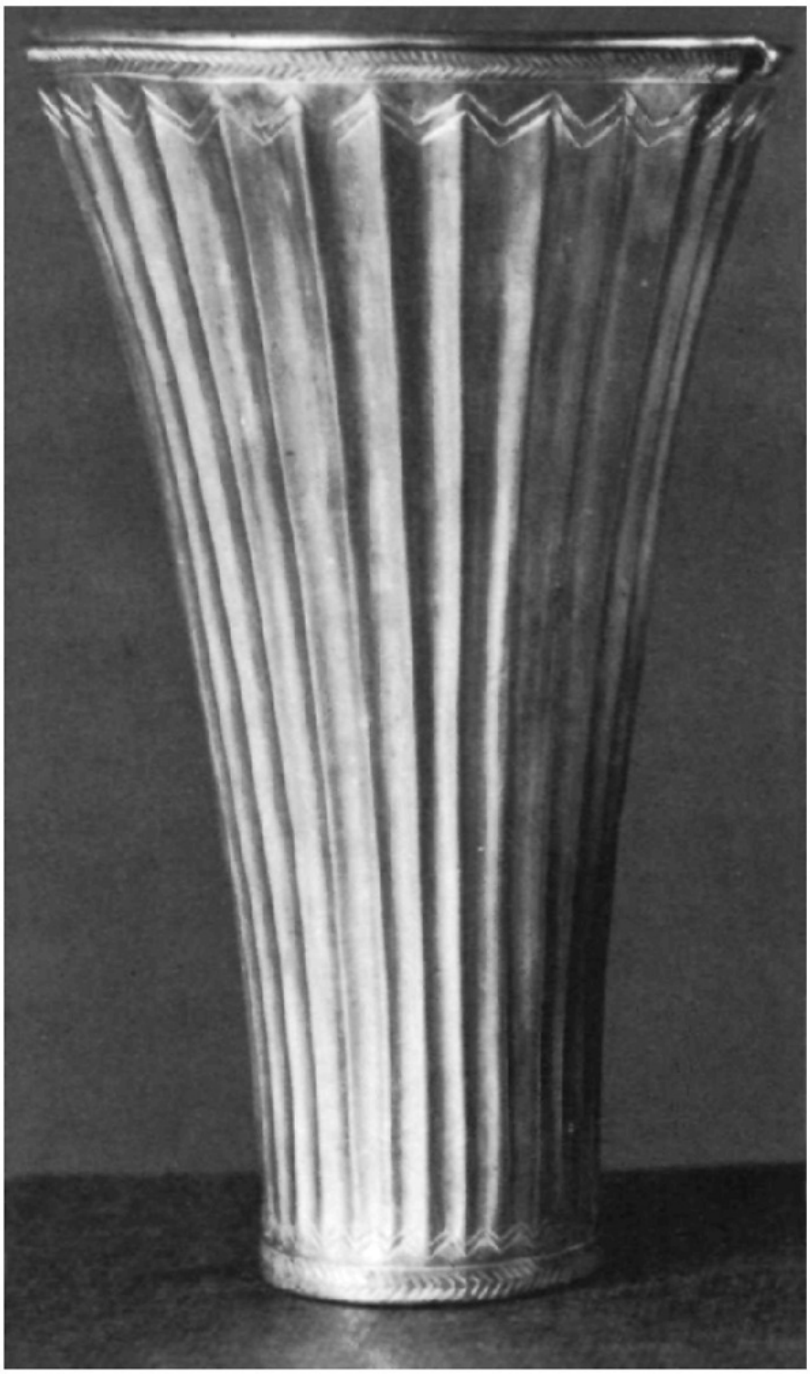
Isimud fez exatamente o que seu mestre ordenou, e Inanna e Enki sentam-se para banquete e banquete. Depois que seus corações ficaram felizes com a bebida, Enki exclama: Pelo nome do poder, pelo nome do meu poder,

A santa Inanna, minha filha, apresentarei os decretos divinos.

Cabeça de touro feita de lápis-lazúli e ouro. Detalhe de uma lira encontrada no Cemitério Real de Ur (ca. 2500 a.C.). (Museu Universitário.)

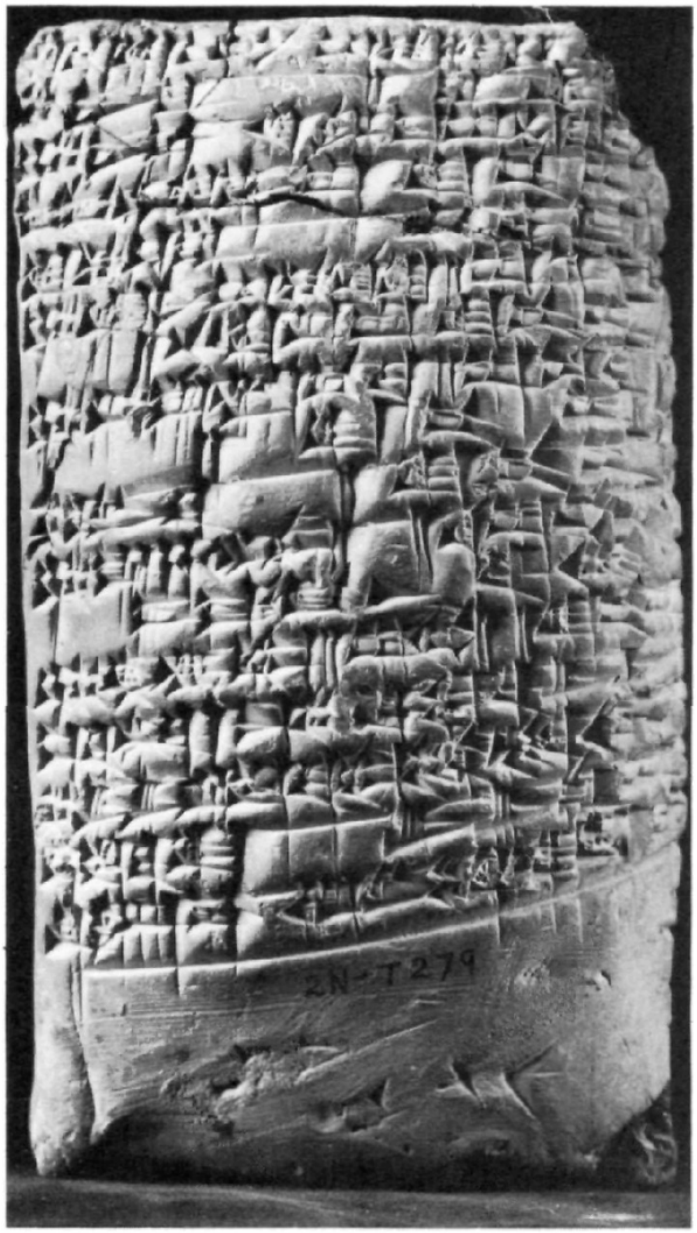


Diadema da Rainha Shubad (detalhe), do Cemitério Real de Ur (ca. 2500 a.C.). Contas de lápis-lazúli montadas com folhas minúsculas, frutos, flores e figuras de ouro. (Museu Universitário.)

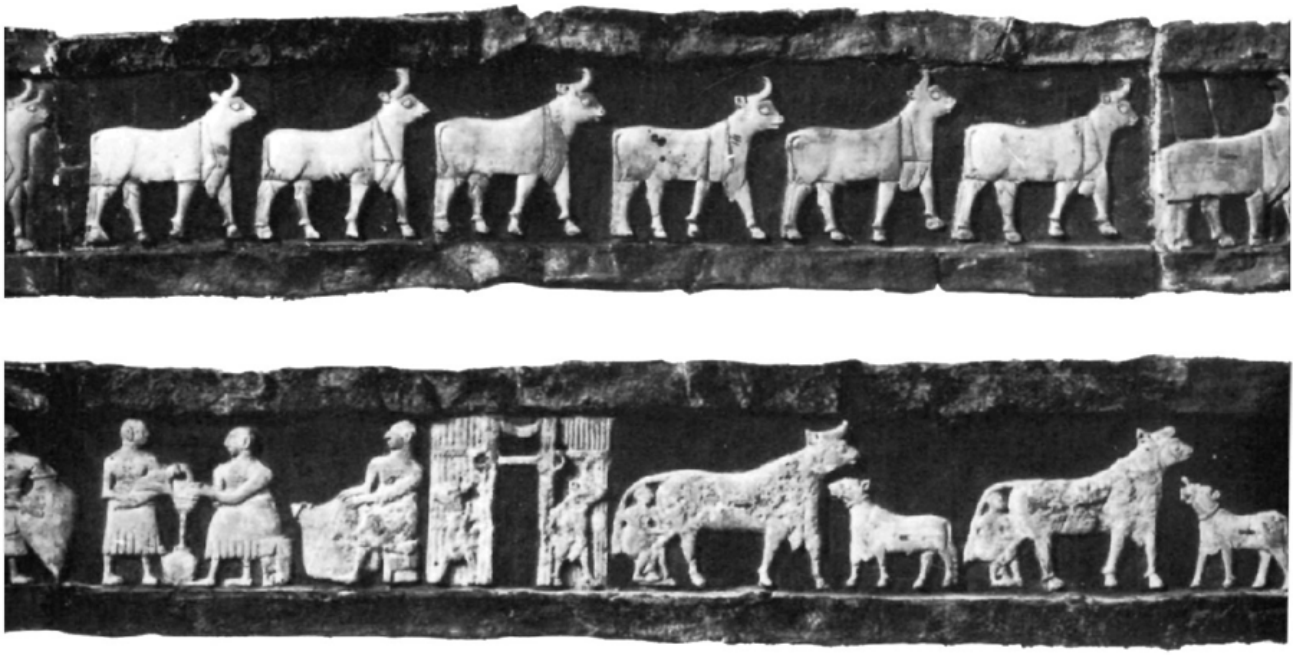


Copo canelado e vaso jorrado do Cemitério Real em seu 2500 a.C.). (Museu Universitário.)

Motorista e carruagem puxados por quatro jumentos (cobre), encontrados no Templo Shara em Tel Agrab (ca. 2700 a.C.). A carruagem é levemente construída. O motorista fica em dois degraus acima do eixo e segura uma peça central de madeira coberta com lã com as pernas. O vão de quatro é guiado por anéis fixados nos lábios superiores da bunda e por um chicote, agora perdido. (O.I.P., LX, Chapa 58, nº 310.)



Almanaque do Agricultor. Reverso do comprimido que dá instruções para um ciclo anual de atividades agrícolas. (Museu Universitário.)



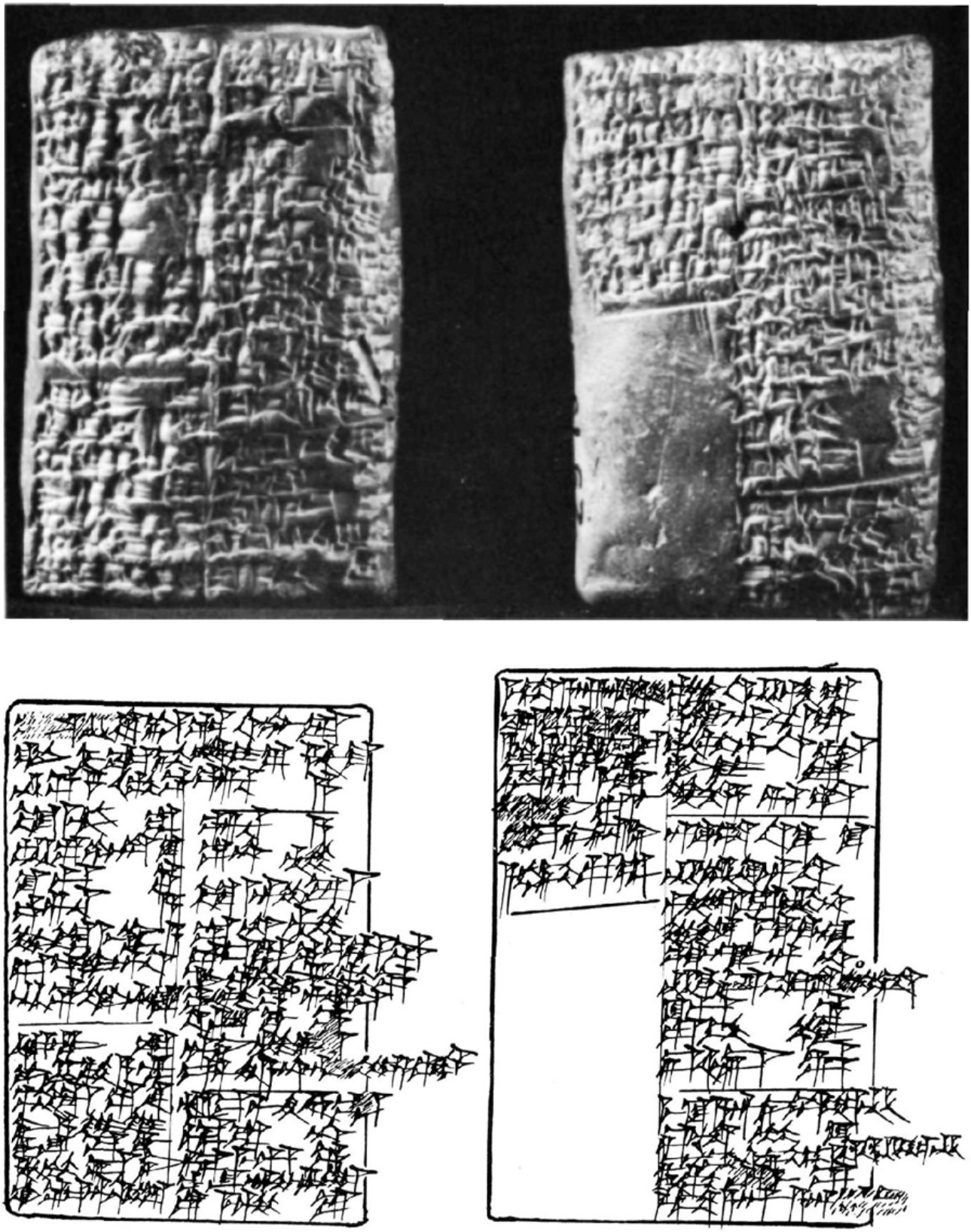
Baixo-relevo mostrando um rebanho de vacas e várias atividades leiteiras do templo em Al Ubaid (ca. 2500 a.C.). Na parte inferior, à direita do desvio central, um homem está ordenhando uma vaca; diretamente à esquerda do byre um homem está agitando manteiga; enquanto mais à esquerda três homens estão preparando e armazenando "samn", ou manteiga clarificada, que ainda é o principal produto da população pastoral do Iraque. (Original no Museu do Iraque; elenco no Museu da Universidade.)

a

b

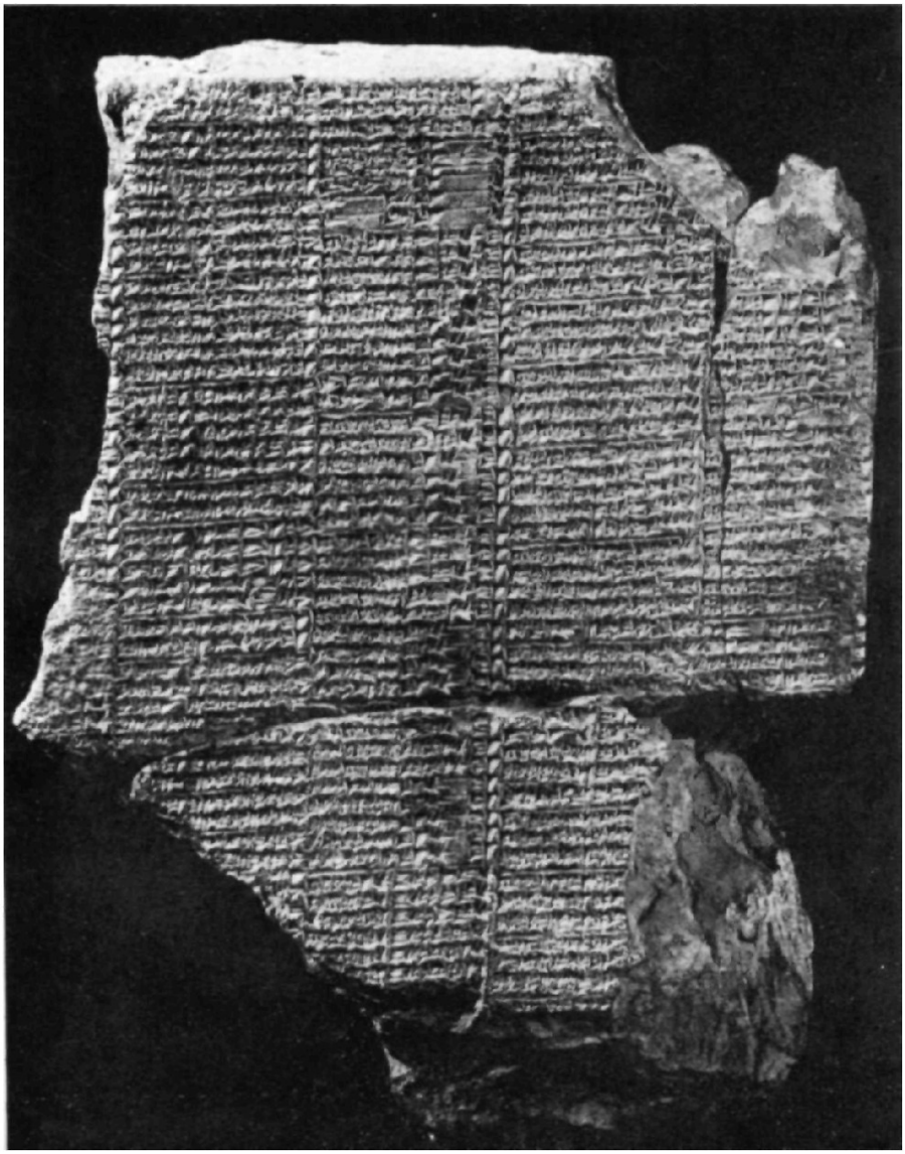
c

Várias cenas mitológicas em selos de cilindro. (a) O deus-sol nascendo da montanha. No centro Utu, o deus-sol, ergue-se da montanha, com raios dos ombros e uma serra na mão. À direita de Utu está Enki, o deus da água e da sabedoria, que é acompanhado por seu ministro de duas faces, Isimud. À esquerda de Utu está uma deusa da vegetação, e ao lado dela uma caçadora (ca. 2200 a.C.). (Museu Britânico.) (b) O deus-água em sua casa do mar (Abzu) (ca. 2200 a.C.). Na extrema direita está Enki, o deus-água, entronizado em sua casa do mar. À esquerda está Utu, o deus-sol, com seus raios e serra. A divindade do meio não é identificada. (Museu Britânico.) c) Viagem divina (ca. 2200 a.C.). Uma divindade não identificada segurando um arado está viajando em um barco cuja popa termina em uma cobra e cuja proa termina no corpo de um deus impulsionando o barco. (Museu do Iraque.)



Catálogo literário. Tablet e cópia à mão do autor dando os títulos de sessenta e duas obras literárias. (Museu Universitário.)

A criação do homem. Tábua, recortada a partir de três fragmentos, narrando a criação do homem a partir do "barro que está sobre o abismo". (Museu Universitário.)



Texto gramatical de Nippur. Esta tabuleta originalmente continha dezesseis colunas, cada uma subdividida em duas. A metade esquerda contém uma unidade gramatical suméria, como um complexo substantivo ou verbal, enquanto a metade direita dá sua tradução semítica. (Museu Universitário.)

Casal sentado. Uma escultura de gesso expressiva de afeto doméstico e contentamento conjugal. (Expedição Conjunta Nippur do Instituto Oriental e das Escolas Americanas de Pesquisa Oriental.)

Ele então apresenta, vários de cada vez, os mais de cem decretos divinos que, segundo nosso autor, controlam o padrão cultural da civilização. Inanna fica feliz demais em aceitar os presentes oferecidos a ela pelo bêbado Enki. Ela os pega e os carrega em seu "barco do céu", e embarca para Erech com sua preciosa carga. Mas depois que os efeitos do banquete se esgotaram, Enki percebe que os me's desapareceram de seu lugar habitual. Ele se volta para Isimud, que o informa que ele, o próprio Enki, os apresentou para sua filha, Inanna. Muito chateado, Enki se arrepende de sua munificência e decide impedir a todo custo que o "barco do céu" chegue a Erech. Ele, portanto, despacha seu mensageiro junto com um grupo de monstros marinhos para seguir Inanna e seu barco até a primeira das sete estações de parada que estão situadas entre o Abzu de Eridu e Erech. Aqui os monstros marinhos

devem tomar o "barco do céu" de Inanna; A própria Inanna, no entanto, deve ser autorizada a continuar sua jornada para Erech em pé.

Isimud faz o que manda. Ele ultrapassa Inanna e o "barco do céu" e informa que Enki mudou de ideia, e que enquanto ela está livre para ir para Erech, ele terá que pegar o barco e sua preciosa carga dela e trazê-lo de volta para Erech. Inanna repreende Enki redondamente por quebrar sua palavra e juramento; ela pede ajuda a seu vizir, o deus Ninshubur, e este a resgata e o barco de Isimud e dos monstros marinhos. Enki é persistente; uma e outra vez ele envia Isimud acompanhado de vários monstros marinhos para tomar o "barco do céu". Mas em todas as ocasiões Ninshubur vem em socorro de sua amante. Finalmente, Inanna e seu barco chegam em segurança a Erech, onde, em meio ao júbilo e banquete por parte dos habitantes encantados, ela descarrega o precioso eu divino de cada vez.

Em outro mito de Inanna, um mortal desempenha um papel importante; seu enredo funciona da seguinte forma: Certa vez viveu um jardineiro chamado Shukalletuda, cujos esforços diligentes de jardinagem não haviam encontrado nada além de fracasso. Embora ele tivesse cuidadosamente regado seus sulcos e manchas de jardim, as plantas haviam murcho; os ventos furiosos feriram-lhe o rosto com o "pó das montanhas"; tudo o que ele cuidara cuidadosamente ficou desolador. Ele, então, ergueu os olhos para o leste e oeste para os céus estrelados, estudou os presságios, observou e aprendeu os decretos divinos. Como resultado dessa sabedoria recém-adquirida, ele plantou o sarbatueiro (ainda não identificado) no jardim, uma árvore cuja sombra larga dura do nascer ao pôr do sol. Como consequência deste antigo experimento hortícola, o jardim de Shukalletuda floresceu com todos os tipos de verde.

Um dia, continua nosso mito, a deusa Inanna, depois de atravessar o céu e a terra, deitou-se para descansar seu corpo cansado não muito longe do jardim de Shukalletuda. Este último, que a espiara da beira de seu jardim, aproveitou-se do extremo cansaço de Inanna e teve relações sexuais com ela. Quando a manhã chegou e o sol nasceu, Inanna olhou para ela consternada e determinada a expulsar a todo custo o mortal que tão vergonhosamente a havia abusado. Ela, portanto, enviou três pragas contra a Suméria. Primeiro, ela encheu todos os poços da terra de sangue, de modo que todos os palmeirais e vinhedos estavam saturados de sangue. Em segundo lugar, ela enviou ventos destrutivos e tempestades contra a terra. A natureza da terceira praga é incerta, uma vez que as linhas relevantes são muito fragmentárias. Mas, apesar de todas as três pragas, ela não conseguiu localizar seu contaminador, pois depois de cada praga Shukalletuda foi à casa de seu pai e informou-o de seu perigo. O pai aconselhou o filho a direcionar seu passo para seus irmãos, o "povo de cabeça preta", ou seja, o povo da Suméria, e a ficar perto dos centros urbanos. Shukalletuda seguiu este conselho e, como resultado, Inanna não conseguiu encontrá-lo. Após seu terceiro fracasso, Inanna percebeu amargamente que era incapaz de vingar o ultraje cometido contra ela. Ela então decidiu ir a Eridu, à casa de Enki, o deus sumério da sabedoria, e pedir seu conselho e ajuda. Aqui, infelizmente, o tablet quebra, e o final da história permanece desconhecido.

Exceto por referências à humanidade como um todo, os mortais desempenham pouco papel nos mitos sumérios. Além do mito Inanna-Shukalletuda que acabamos de contar, há apenas um outro mito envolvendo um mortal. Esta é a história do Dilúvio, tão importante para os estudos bíblicos comparativos. Infelizmente, apenas uma tábua inscrita com este mito foi escavada até hoje, e apenas um terço desta tábua foi preservada. O início do mito é rompido, e as primeiras linhas inteligíveis dizem respeito à criação do homem, da vegetação e dos animais; a origem celestial da realeza; a fundação e nomeação de cinco cidades antediluvianas, que são apresentadas a cinco divindades tutelares. Em seguida, aprendemos que várias divindades são amargas e infelizes por causa de uma decisão divina de trazer o dilúvio e destruir a humanidade. Ziusudra, a contraparte suméria do Noé bíblico, é então introduzido na história como um rei piedoso e temente a Deus que está constantemente atento aos sonhos e revelações divinas. Ele se posiciona perto de uma parede, onde ouve a voz de uma divindade, provavelmente Enki, informando-o da decisão tomada pela assembleia dos deuses de enviar um dilúvio e "destruir a semente da humanidade".

O mito deve ter continuado com instruções detalhadas para Ziusudra construir um barco gigante e, assim, salvar-se da destruição. Mas tudo isso está faltando por causa de uma quebra bastante grande no tablet. Quando o texto recomeça, descobrimos que o dilúvio, em toda a sua violência, já veio sobre a terra, onde se enfurece por sete dias e noites. No final desse tempo, o deus-sol, Utu, surge iluminando e aquecendo a terra, e Ziusudra prostra-se diante dele e oferece-lhe sacrifícios de bois e ovelhas. As últimas linhas existentes do mito descrevem a divinização de Ziusudra: depois de se prostrar diante de An e Enlil, foi-lhe dada "vida como um deus" e transportado para Dilmun, a divina terra-paraíso, "o lugar onde o sol nasce".

Finalmente, há um mito sumério que, embora preocupado apenas com deuses, fornece uma informação antropológica interessante sobre o povo semítico Bedu conhecido como Martu. A ação da história se passa na cidade de Ninab, "a cidade das cidades, a terra do príncipe" (uma localidade ainda não identificada na Mesopotâmia). Sua divindade tutelar parece ter sido Martu, deus dos semitas nômades que viviam a oeste e sudoeste da Suméria. O tempo relativo em que os eventos ocorreram é descrito em frases enigmáticas, antitéticas e obscuras, assim: Ninab existia, Aktab não existia,

> A coroa santa existia, a tiara santa não existia,
> As ervas sagradas existiam, o santo nitrato não existia...

O deus Martu, começa a história, decide se casar. Ele pede a sua mãe para encontrá-lo uma esposa, mas ela o aconselha a ir e encontrar uma esposa para si mesmo, de acordo com seu próprio desejo. Um dia, continua a história, uma grande festa é preparada em Ninab, e a ela vem Numushda, a divindade tutelar de Kazallu, uma cidade-estado localizada ao nordeste da Suméria, junto com sua esposa e filha. Durante esta festa, Martu realiza alguns atos heroicos que trazem alegria ao coração de Numushda. Como recompensa, este último oferece prata Martu e lápis-lazúli. Mas Martu recusa; é a mão da filha de Numushda que ele reivindica como recompensa. Numushda consente de bom grado; o mesmo acontece com sua filha,

embora suas amigas tentem dissuadi-la de se casar com Martu, já que ele não passa de um Bēdu, bárbaro que vive em barracas, que come carne crua e "não é levado ao enterro quando morre".

CAPÍTULO CINCO
LITERATURA: As Belas Letras Sumérias

A arqueologia, e particularmente o estudo do passado mais antigo do homem, revelado nas escavações de cidades e aldeias há muito enterradas, é, por sua própria natureza, geralmente mais articulado sobre sua cultura material; pois os achados arqueológicos consistem principalmente de tijolos e paredes, ferramentas e armas, vasos e vasos, joias e ornamentos, estátuas e estatuetas, enfim, todos os variados produtos das artes e ofícios do homem. Sua vida social, sua organização econômica e administrativa e, particularmente, sua visão de mundo revelada em suas crenças religiosas, ideais éticos e anseios espirituais – tudo isso geralmente tem que ser inferido e suposto a partir dos artefatos, arquitetura e costumes funerários e, em seguida, apenas na forma de generalizações vagas e soltas.

A situação é bem diferente, no entanto, no caso da Suméria, pois aqui as escavadoras desenterraram dezenas de milhares de tábuas de argila inscritas – literalmente assim – e estas adicionam o que poderia ser chamado de uma dimensão em profundidade à nossa compreensão de sua cultura antiga. É certo que mais de 90% do material inscrito consiste em documentos econômicos e administrativos, e estes, por mais significativos que sejam em muitos aspectos, revelam relativamente pouco da vida espiritual dos antigos mesopotâmicos. Mas um grupo de cerca de cinco mil tábuas e fragmentos inscritos com uma variedade variada de obras literárias também foram descobertos, e estes nos permitem penetrar até certo ponto em seus próprios corações e almas.

Os documentos literários sumérios variam em tamanho, desde grandes tábuas de doze colunas inscritas com centenas de linhas de texto compactamente escritas até pequenos fragmentos contendo não mais do que algumas linhas quebradas. As composições literárias inscritas nessas tábuas e fragmentos chegam às centenas e variam em extensão, desde hinos de menos de cinquenta linhas até mitos de quase mil linhas. Como produtos literários, as belles-lettres sumérias estão no topo das criações estéticas do homem civilizado. Eles se comparam não muito desfavoravelmente com as antigas obras-primas gregas e hebraicas e, como eles, espelham a vida espiritual e intelectual de uma cultura antiga que, de outra forma, teria permanecido em grande parte desconhecida. Seu significado para uma avaliação adequada do desenvolvimento cultural e espiritual de todo o antigo Oriente Próximo não pode ser superestimado. Os acadianos, isto é, os assírios e babilônios, tomaram essas obras quase in toto. Os hititas, hurrianos e cananeus traduziram alguns deles para suas próprias línguas e, sem dúvida, os imitaram amplamente. A forma e o conteúdo das obras literárias hebraicas e, em certa medida, mesmo as dos gregos antigos foram profundamente influenciadas por elas. Como praticamente a literatura escrita mais antiga de qualquer quantidade significativa já descoberta – e há pouca probabilidade de que quaisquer documentos literários mais

antigos sejam descobertos fora da Suméria – ela fornece material de origem novo, rico e inesperado para todos os estudantes da história da civilização e, particularmente, de seus aspectos mais intelectuais e espirituais. Não é demais prever que a recuperação e restauração dessa literatura antiga e há muito esquecida venha a ser uma grande contribuição do nosso século para as ciências humanas.

A plena realização dessa tarefa, no entanto, não é uma questão simples; Implicará os esforços dedicados de mais de um estudioso cuneiforme nos próximos anos. Pois, embora a maioria dos documentos tenha sido escavada há mais de meio século, a junção e tradução das composições inscritas neles fez relativamente pouco progresso nas décadas seguintes. Em primeiro lugar, a grande maioria das tábuas saiu do chão quebrada e fragmentada, de modo que apenas uma pequena parte de seu conteúdo original foi preservada em cada uma. Compensando essa desvantagem está o fato de que os antigos escribas comumente preparavam mais de uma cópia de uma determinada composição. As quebras e lacunas em uma tabuleta ou fragmento podem, portanto, ser frequentemente restauradas a partir de peças duplicadas que podem estar em uma condição fragmentária. Para aproveitar ao máximo essas duplicações e as restaurações resultantes, no entanto, é essencial ter disponível o máximo possível do material de origem em forma publicada. Isso frequentemente envolve copiar à mão centenas e centenas de comprimidos e fragmentos minuciosamente inscritos — uma tarefa tediosa e demorada. Não admira que, até 1935, apenas uma parte relativamente pequena dos documentos literários sumérios tenha sido disponibilizada, apesar dos esforços dedicados de numerosos cuneiformistas: Hermann Hilprecht, Hugo Radau, Stephen Langdon, L. W. King, Heinrich Zimmern, Cyril Gadd, Henri de Genouillac, Arno Poebel e Edward Chiera.

Para ajudar a remediar essa situação, pelo menos até certo ponto, dediquei grande parte dos últimos vinte e cinco anos ao estudo e cópia dos textos literários sumérios inéditos espalhados por museus de todo o mundo. Mas, com o passar dos anos, tornou-se cada vez mais evidente que essa não era uma tarefa de um homem só. Felizmente, nos últimos anos, vários outros estudiosos não mostraram pouco zelo e entusiasmo em colaborar na obra: Edmund Gordon, cujo trabalho sobre os provérbios e fábulas sumérias abriu novas perspectivas no estudo comparativo da literatura de sabedoria mundial; Muazzez Çiğ e Hatice Kizilyay, os dois curadores dos arquivos de tablets do Museu do Antigo Oriente, em Istambul; Inez Bernhardt, assistente da Coleção Hilprecht da Universidade Friedrich-Schiller em Jena; Eugen Bergmann, do Pontifício Instituto Bíblico, em Roma; e George Castellino, da Universidade de Roma. Ao mesmo tempo, J. A. van Dijk, ex-aluno de De Liagre Böhl e Adam Falkenstein, tem copiado e publicado textos literários sumérios do Museu do Iraque, em Bagdá, e da coleção Böhl, em Leiden. E o mais importante, várias centenas de tábuas literárias sumérias escavadas entre 1923 e 1934 em Ur, que foram copiadas ao longo dos anos por Cyril Gadd, devem ser publicadas em um futuro próximo. Em suma, portanto, há todas as razões para esperar que a próxima década testemunhará a publicação de uma parte muito considerável das tábuas e fragmentos literários sumérios que estão há anos nos armários dos museus.

Mas, como a experiência mostrou – e como mais de um sumerólogo testemunhará – mesmo dado o texto completo de uma obra literária suméria, sua tradução e interpretação apresentam uma tarefa difícil e, às vezes, dolorosa. Com certeza, os problemas gramaticais sumérios não são mais tão agudos quanto nos dias anteriores. O progresso gratificante neste campo deve-se em grande parte aos esforços passados de cuneiformistas eminentes como Delitzsch, Thureau-Dangin, Zimmern, Landsberger e, particularmente, Poebel; é o Grundzüge der sumerischen Grammatik de Poebel, publicado há cerca de quarenta anos, que colocou a gramática suméria em uma base científica. E mesmo na difícil e complicada área da lexicologia suméria, as contribuições de estudiosos como Falkenstein, Jacobsen e Landsberger – para citar apenas os gigantes – prometem superar alguns dos obstáculos mais frustrantes. Em suma, portanto, não é improvável que, como resultado das contribuições cumulativas e cooperativas dos cuneiformistas em todo o mundo, a próxima década veja traduções relativamente confiáveis de um bom número de composições literárias mais significativas. Seja o que for que se possa desenvolver, estamos neste momento em posição de ter um novo olhar sobre a literatura suméria como um todo, e é isso que a pesquisa geral a seguir pretende fazer.

A literatura suméria, como o termo é usado neste capítulo, restringe-se a mitos e contos épicos, hinos, lamentações e documentos historiográficos, ensaios longos e curtos, preceitos e provérbios; não incluirá as inscrições votivas, algumas das quais não têm pouco valor literário (ver, por exemplo, as inscrições históricas de Entemena nas páginas 313–16), os textos da reforma Urukagina (ver páginas 317–23) e as cartas políticas, algumas das quais têm um sabor literário distinto (ver páginas 331–35). Os sumérios provavelmente começaram a escrever suas obras literárias por volta de 2500 a.C., embora os primeiros documentos literários ainda recuperados datam de cerca de 2400 a.C. Assim, a partir de aproximadamente este século, temos um cilindro de argila sólida inscrito com vinte colunas de texto, consistindo de um mito preocupado principalmente com o deus Enlil e sua irmã, Ninhursag, e mencionando uma série de outras divindades sumérias bem conhecidas, como Inanna, Enki e Ninurta. Seu enredo ainda é ininteligível, mas as palavras, frases e motivos individuais mostram um estilo e estrutura bastante semelhantes aos mitos de um dia muito posterior, indicando que houve um desenvolvimento literário contínuo e consistente ao longo dos séculos. Isso é corroborado por outro mito fragmentário que remonta ao século XXI a.C., que diz respeito ao filho de Enlil, Ishkur, o deus-tempestade, que havia desaparecido no mundo das redes. O angustiado Enlil reuniu os Anunnaki para pedir ajuda, e provavelmente foi a raposa que se ofereceu para trazer Ishkur de volta do mundo dos nether – um motivo que lembra até certo ponto o encontrado no mito do Paraíso (ver páginas 147–48).

Há todas as razões para acreditar que a produção literária dos sumérios aumentou com os séculos, e sem dúvida eles se tornaram bastante prolíficos no final do terceiro milênio, quando a escola suméria, a edubba, passou a ser um importante centro de educação e aprendizagem. A atividade literária suméria continuou inabalável até a primeira metade do segundo milênio, apesar do fato de que a língua

semita acadiana foi gradualmente substituindo o sumério como a língua falada da Suméria. Nas edubas que funcionaram durante todo o período da dinastia Isin e mesmo mais tarde, as obras literárias anteriores foram estudadas, copiadas e redigidas com entusiasmo e zelo, com cuidado e compreensão; quase todas as obras literárias que chegaram até nós são conhecidas apenas a partir de cópias e redações preparadas no que poderia ser descrito como a edubiba pós-suméria. Os professores, poetas e escritores presumivelmente de língua acádia que compunham o pessoal edubba até criaram novas obras literárias sumérias, embora, naturalmente, estas seguissem de perto a forma e o conteúdo, o estilo e o padrão dos documentos anteriores.

Muitas vezes foi assumido que as obras literárias sumérias eram todas de caráter religioso e que foram compostas e redigidas por sacerdotes para uso no culto do templo. Com a possível exceção dos hinos e lamentações, no entanto, essa visão é dificilmente sustentável. Para começar com os casos mais claros, é absurdo supor que os provérbios e preceitos sumérios ou os ensaios que tratam da edubba foram escritos por sacerdotes ou para sacerdotes ou que eles tinham qualquer conexão com o culto do templo. Também não há qualquer fundamento válido para supor que os contos épicos que giram em torno dos heróis Enmerkar, Lugalbanda e Gilgamesh foram compostos por sacerdotes e recitados no templo. Mesmo no caso dos mitos, não há indicação de que eles foram recitados em cultos de templos e festivais religiosos, pelo menos não durante os períodos sumério e pós-sumério. Somente no caso dos hinos e lamentações parece razoável supor que eles foram compostos e redigidos para uso no culto do templo. Mas uma vez que – como sabemos pelas recentes escavações em Nipur – as tábuas inscritas com os hinos e lamentações, como as inscritas com os outros tipos de obras literárias, não foram encontradas nos templos, mas no quartel dos escribas, elas também devem ter sido compostas na edubba pelos membros de seu cajado e não por sacerdotes; Na verdade, os padres não são mencionados em nenhum lugar como parte do pessoal da Edubba.

Uma figura-chave no crescimento e desenvolvimento da literatura suméria foi o nar, ou menestrel, que é mencionado às vezes lado a lado com o dubsar, ou escriba, nos hinos, mas sua conexão com a edubba não é clara. De qualquer forma, não é improvável que alguns dos graduados da edubba se especializaram em composições religiosas e foram ao serviço do templo para ensinar seus cantores e músicos e para supervisionar e conduzir as liturgias de culto, enquanto outros, especializados em mitos e contos épicos, foram ao serviço do palácio para treinar e instruir os cantores e artistas da corte. No entanto, até o momento, praticamente não temos informações sobre esses e outros detalhes semelhantes. Também não sabemos nada sobre o público ou "público leitor" para quem as obras literárias sumérias foram preparadas. Apenas o graduado em edubba sabia ler e escrever, e é pouco provável que mesmo os "homens de letras" fizessem uma prática de colecionar bibliotecas particulares para seu próprio entretenimento e instrução. Com toda a probabilidade, era apenas a edubba que tinha uma biblioteca, embora o templo e o palácio também possam ter possuído cópias dessas composições que eram relevantes para suas necessidades. É pouco provável que as obras literárias sumérias tenham permanecido nas

"prateleiras" edubba apenas para fins didáticos; De uma forma ou de outra, eles devem ter sido usados em reuniões públicas, sejam elas ocorridas no templo, na corte ou no mercado.

A grande maioria das obras literárias sumérias são escritas em forma poética. O uso de métrica e rima era totalmente desconhecido, mas praticamente todos os outros dispositivos e técnicas poéticas foram utilizados com pouca habilidade, imaginação e efeito: repetição e paralelismo, metáfora e símile, refrão e refrão. A poesia narrativa suméria – os mitos e contos épicos, por exemplo – abunda em epítetos estáticos, longas repetições, fórmulas recorrentes, descrições vagarosamente detalhadas e longos discursos. De modo geral, os escritores sumérios mostram pouco sentimento pela estrutura da trama intimamente unida; suas narrativas tendem a divagar de forma bastante desconectada e monótona, com pouca variação de ênfase e tom. Acima de tudo, os poetas sumérios parecem não ter um senso de clímax. Os mitos e contos épicos mostram pouca intensificação de emoção e suspense à medida que a história progride, e muitas vezes o último episódio não é mais comovente ou emocionante do que o primeiro. Também não há qualquer tentativa de caracterização e delineamento psicológico; os deuses e heróis das narrativas sumérias tendem a ser tipos amplos em vez de indivíduos de carne e osso reconhecíveis.

Os mitos sumérios atualmente recuperados, total ou em grande parte, são os seguintes: dois em que o deus Enlil desempenha o papel principal ("Enlil e Ninlil: O Nascimento do Deus-Lua" e "A Criação da Picareta"); quatro em que o deus Enki é o protagonista ("Enki e a Ordem Mundial: A Organização da Terra e Seus Processos Culturais", "Enki e Ninhursag: Um Mito do Paraíso Sumério", "Enki e Nimmah: A Criação do Homem" e "Enki e Eridu"); um sobre o deus-lua, Nanna-Sin ("A Viagem de Nanna-Sin a Nippur"); dois sobre Ninurta ("Os Feitos e Façanhas de Ninurta" e "O Retorno de Ninurta a Nippur"); cinco em que a deusa Inanna desempenha o papel principal ("Inanna e Enki: A Transferência das Artes da Civilização de Eridu para Erech", "Inanna e a Subjugação do Monte Ebih", "Inanna e Shukalletuda: O Pecado Mortal do Jardineiro", "A Descida de Inanna para o Mundo Nether" e "Inanna e Bilulu"); quatro em que o deus Dumuzi desempenha o papel principal ("Dumuzi e Enkimdu: O Cortejo de Inanna", "O Casamento de Dumuzi e Inanna", "A Morte de Dumuzi" e "Dumuzi e os Galla"); um mito relacionado ao deus dos Martu, o Bedu semítico que vive a oeste da Suméria ("As Bodas de Martu"); o mito do Dilúvio, no qual a identidade da divindade (ou divindades) que foi a principal protagonista ainda é incerta. (Os enredos de quase todos esses mitos foram esboçados no capítulo iv.) Uma excelente ilustração da imaginação mitológica suméria é "Enki e a Ordem Mundial", um dos mais longos e mais bem preservados dos poemas narrativos sumérios existentes. Seu texto é composto por aproximadamente 466 linhas, das quais cerca de 375 são preservadas inteiramente ou em grande parte; As lacunas mais graves estão no início e no fim e na passagem entre as linhas 146 e 181. O texto disponível, aqui apresentado em inglês pela primeira vez, foi reunido a partir de doze tábuas e fragmentos. A mais importante delas – a peça que se mostrou fundamental para a restauração do poema – é uma tabuleta de oito colunas originalmente inscrita com todo o texto do mito. Infelizmente, esta tábua foi

encontrada quebrada em duas quando desenterrada nas antigas escavações de Nippur, uma metade pousando no Museu Universitário da Universidade da Pensilvânia na Filadélfia e a outra na Coleção Hilprecht da Universidade Friedrich-Schiller em Jena. O texto deste último só se tornou disponível recentemente, e a restauração atual tornou-se possível como resultado de uma longa junção dos textos das duas longas peças separadas.

O poeta começa com um hino de louvor dirigido a Enki; parte dela é destruída e ininteligível, mas, de um modo geral, parece exaltar Enki como o deus que zela pelo universo e é responsável pela fertilidade do campo e da fazenda, do rebanho e do rebanho. Segue-se um paean de autoglorificação colocado na boca de Enki, que se preocupa principalmente com sua relação com as principais divindades do panteão – An, Enlil e Nintu – e com os deuses menores conhecidos coletivamente como Anunnaki. Após uma breve passagem de cinco linhas que fala da homenagem dos Anunnaki a Enki, Enki, pela segunda vez, profere um paean de autoglorificação. Ele começa exaltando o poder de sua palavra e ordem em prover a terra de prosperidade e abundância, continua com uma descrição do esplendor de seu santuário, o Abzu, e termina com um relato de sua alegre jornada sobre o pântano em seu magur-barco, "o ibex do Abzu", após o qual as terras de Magan, Dilmun e Meluhha enviaram seus barcos fortemente carregados para Nippur com ricos presentes para Enlil. Na conclusão desta passagem, os Anunnaki mais uma vez prestam homenagem a Enki, particularmente como o deus que "monta" e dirige os mes.

O poeta agora introduz uma descrição dos vários ritos e rituais realizados por alguns dos mais importantes sacerdotes e líderes espirituais da Suméria no santuário Abzu de Enki (infelizmente, a segunda metade da passagem está quase totalmente destruída). Após outra passagem fragmentária cujo conteúdo é totalmente incerto, encontramos Enki em seu barco mais uma vez. Com as criaturas marinhas fazendo homenagem a ele e a abundância prevalecendo no universo, Enki está pronto para "decretar os destinos". Começando, como era de se esperar, com a própria Suméria, ele primeiro a exalta como uma terra escolhida, santificada, com "elevados" e "intocáveis" eus, onde os deuses tomaram sua morada, depois abençoa seus rebanhos e manadas, seus templos e santuários. Da Suméria ele prossegue para Ur, que ele exalta em linguagem elevada e metafórica e abençoa com prosperidade e preeminência. De Ur ele vai para Meluhha e abençoa-a generosamente com árvores e juncos, bois e pássaros, ouro, estanho e bronze. Ele então passa a fornecer à Dilmun algumas de suas necessidades. Ele está muito desfavoravelmente disposto em relação a Elam e Marhashi, duas terras inimigas e passa a destruí-las e levar todas as suas riquezas. Para o nômade Martu, por outro lado, ele "apresenta o gado como um presente".

Enki agora se afasta dos destinos das várias terras que compunham o mundo habitado sumério e realiza uma série de atos vitais para a fertilidade e produtividade da Terra. Voltando primeiro às suas características físicas, ele começa enchendo o Tigre de água fresca, cintilante e vivificante – no imaginário metafórico concreto de nosso poeta, Enki é um touro desenfreado que acasala com o rio imaginado como uma vaca selvagem. Então, para garantir que o Tigre e o Eufrates funcionem

corretamente, ele nomeia o deus Enbilulu, o "inspetor do canal", para cuidar deles. Em seguida, Enki "chama" o pântano e o canavial, fornece-lhes peixes e juncos e nomeia uma divindade "que ama peixes" – o nome é ilegível – para cuidar deles. Ele então se volta para o mar, ergue ali seu santuário sagrado e coloca a deusa Nanshe, "a senhora de Sirara", no comando. Finalmente, Enki "chama" a chuva que dá vida, a faz descer na terra e a confia ao deus-tempestade, Ishkur.

Enki agora se volta para a terra e suas necessidades. Ele cuida do arado, jugo e sulco, e nomeia o fazendeiro de Enlil, Enkimdu, como sua divindade. Em seguida, ele "chama" o campo cultivado, produz seus variados grãos e vegetais e torna a deusa dos grãos, Ashnan, responsável por eles. Ele olha para a picareta e o molde de tijolos, e coloca o deus-tijolo, Kulla, no comando deles. Ele coloca alicerces, alinha os tijolos, constrói "a casa" e coloca Mushdamma, "o grande construtor de Enlil", no comando.

Deixando fazenda, campo e casa, Enki se volta para a planície alta, cobre-a com vegetação verde, multiplica seu gado e faz de Sumugan, "o rei das montanhas", responsável por eles. Em seguida, ele ergue barracas e currais de ovelhas, fornece-lhes a melhor gordura e leite e nomeia o deus-pastor, Dumuzi, para cuidar deles. Enki então fixa as "fronteiras" – presumivelmente de cidades e estados – estabelece pedras de fronteira e coloca o deus-sol, Utu, "no comando de todo o universo". Finalmente, Enki atende "aquilo que é tarefa da mulher", em particular a tecelagem de tecidos, e coloca Uttu, a deusa da roupa, no comando.

O mito agora toma um rumo bastante inesperado, quando o poeta introduz a ambiciosa e agressiva Inanna, que sente que foi menosprezada e deixada sem quaisquer poderes e prerrogativas especiais. Ela reclama amargamente que a irmã de Enlil, Aruru (vulgo Nintu), e suas deusas-irmãs (Inanna), Ninisinna, Ninmug, Nidaba, e Nanshe, receberam seus respectivos poderes e insígnias, mas que ela, Inanna, foi apontada por tratamento negligente e imprudente. Enki parece ser colocado na defensiva pela queixa de Inanna, e ele tenta acalmá-la apontando que ela realmente tem um grande número de insígnias e prerrogativas especiais - "o bandido, o cajado e a varinha do pastoreio"; respostas oraculares em relação à guerra e à batalha; a tecelagem e confecção de peças de vestuário; o poder de destruir o "indestrutível" e fazer perecer o "imperecível" – bem como dar-lhe uma bênção especial. Após a resposta de Enki a Inanna, o poema provavelmente termina com uma passagem de hinário de quatro linhas para Enki.

Aqui está agora a tradução do texto existente do poema (omitindo, no entanto, as primeiras cinquenta linhas, que são fragmentárias e obscuras).

Quando o pai Enki sai para a terra semeada, ele produz sementes fecundas, Quando Nudimmud sai para a minha ovelha fecunda, dá à luz o cordeiro,
Quando ele sai para a minha vaca "semente", ela dá à luz o bezerro fecundo, Quando ele sai para a minha cabra fecunda, ela dá à luz o cabrito fecundo, Quando você tiver ido para o campo, para o campo cultivado,
Você empilha montes e montes na planície alta,
[Você] . . . o... da terra ressequida (?).
Enki, o rei do Abzu, avassalador (?) em sua majestade, fala com autoridade: "Meu pai, o rei do universo,
Trouxe-me à existência no universo,
Meu antepassado, o rei de todas as terras,
Reuni todos os me's, coloquei os mes na minha mão.
Do Ekur, a casa de Enlil,

Eu trouxe artesanato para o meu Abzu de Eridu.
Eu sou a semente fecunda, engendrada pelo grande boi selvagem, sou o primogênito de An, Eu sou a 'grande tempestade' que sai do 'grande abaixo', eu sou o senhor da Terra, Eu sou o gugal dos caciques, sou o pai de todas as terras,
Eu sou o 'irmão mais velho' dos deuses, sou aquele que traz plena prosperidade, Eu sou o recordista do céu e da terra,
Eu sou o ouvido e a mente (?) de todas as terras,
Eu sou aquele que dirige a justiça com o rei An na margarida de An,
Eu sou aquele que decreta os destinos com Enlil na "montanha da sabedoria", Ele colocou na minha mão o decreto dos destinos do 'lugar onde nasce o sol'.
Eu sou aquele a quem Nintu presta a devida homenagem,
Eu sou aquele que foi chamado de bom nome por Ninhursag,
Eu sou o líder dos Anunnaki,
Eu sou aquele que nasceu como o primeiro filho do santo An".
Depois que o senhor pronunciou (?) (sua) exaltação,
Depois que o grande príncipe pronunciou ele mesmo (seu) louvor,
Os Anunnaki vieram diante dele em oração e súplica:
"Senhor que dirige o artesanato,
Quem toma decisões, os glorificados; Enki, elogio!"

Pela segunda vez, por causa da (sua) grande alegria,
Enki, o rei dos Abzu, em sua majestade, fala com autoridade:
"Eu sou o senhor, sou aquele cujo mandamento é inquestionável, sou o primeiro em todas as coisas, Sob meu comando as barracas foram construídas, os currais foram fechados, Quando me aproximei do céu, uma chuva de prosperidade desceu do céu,
Quando me aproximei da terra, houve um dilúvio alto,
Quando me aproximei de seus prados verdes,
Os montes e montes foram pi [conduzidos] à minha palavra.
Construí minha [casa], um santuário, em um lugar puro, chamei-o com um bom nome, Construí meu Abzu, um santuário, em um . ., decretei um bom destino para ele.
Minha casa – sua sombra se estende sobre o pântano da "cobra",
Minha casa, sua . . usa barba entre (?) as plantas de "mel" (?),
Os ca[rps] acenam a cauda para ele em (?) os sm[todos gizi-reeds],
Os pardais chilreiam em seus . . . ,
O porte de arma . . . ,
Entrou no meu, Enki,
Os abgal's,
. . [no meu] .
O enkum (e) [ninkum] . . . .
Cânticos e feitiços sagrados enchiam meu Abzu.
Meu barco-magur, a coroa, o 'ibex do Abzu'—
Em seu meio há um grande regozijo.
O pântano elevado, meu local favorito,
Estende os braços para mim, dobra (?) o pescoço para mim.
Os kara desenharam (?) sobre (?) os remos em uníssono,
Cante canções doces, faça o rio se alegrar,
Nimgirsig, o ensi do meu ma[gur-boat],
Ele [ld] o cetro de ouro [para mim],
Eu, Enki, [. . d] o barco 'ibex do Abzu',
Eu, o senhor... ,
Eu, Enki, . . .
(Aproximadamente cinco linhas faltando)
. . . . Eu vigiaria seus cedros verdes (?).
Os l[ands] de Magan e Dilmun
Olhei para mim, En[ki],
Atracou (?) o barco Dilmun ao chão (?),
Carregou o céu do Magan-boat alto;
O magilum-barco de Meluhha

Transporta ouro e prata,
Traz-os a Nippur para Enlil, o [rei] de todas as terras."
Àquele que não tem cidade, àquele que não tem cavalo,
O gado Martu-Enki pre[sen]ted como um presente,
Ao [grande] príncipe que saiu em sua [terra],
Os Anunnaki prestam a devida homenagem:
"Senhor que cavalga o grande eu, o puro eu,
Quem tem o comando do universo, o difundido,
Que recebeu o elevado "disco solar" em Eridu, o lugar puro, o lugar precário, Enki, senhor do universo, louve!"
Para o grande príncipe que sai em sua terra,
Todos os senhores, todos os chefes,
Os sacerdotes encantados de Eridu,
Os "usuários de linho" da Suméria,
Realizar os ritos de encantamento do Abzu,
Para (?) padre Enki no (?) lugar santo . . . dirigem o (seu) passo,
Na câmara de dormir, a casa principesca, eles... ,
Nas estações chamam o [seu] nome,
No (?) santuário elevado, os Abzu [eles] . . . ,
(Cerca de trinta e seis linhas destruídas em grande parte)
Nimgirsig, o ensi do magur-boat,
Ele [ld] o cetro santo para o senhor,
Os lajamas do mar, os cinquenta, fizeram-lhe o que tinha],
O kara's . . d como um . . -pássaro do céu.
Para o rei que está orgulhoso, o pai Enki – na Terra –
O grande príncipe que saiu em sua terra,
A prosperidade prevaleceu no universo.
Enki decreta (o) destino:
"Suméria, 'grande montanha', 'país do universo',
Cheio de luz duradoura, dispensando do nascer ao pôr do sol o eu para (?) o povo, Seus eus são altos de mim, inalcançáveis.
Seu coração é profundo, insondável.
O duradouro . ., o vosso lugar onde os deuses dão à luz, é intocável como o céu.
O rei nato, que veste o diadema duradouro —
O senhor nato, que põe a coroa na cabeça;
Seu senhor (é) um senhor honrado, ele se senta com o rei An na maré de An, Seu rei — a "grande montanha", padre Enlil,
Tem.. d ele para você por (?) o . . . como um cedro – o pai de todas as terras.
Os Anunnaki, os grandes deuses,
Ocuparam a (sua) morada no meio de vós,
Coma (sua) comida em sua giguna plantada em árvore.
Casa, Suméria, que suas muitas baias sejam construídas, que suas vacas se multipliquem, Que sejam erguidos os vossos numerosos rebanhos de ovelhas, que as vossas ovelhas sejam miríades, Que sua giguna alcance o céu,
Que o seu duradouro. . Levante a mão para o céu.
Que os Anunnaki decretem os destinos no meio de vocês".
Dirigiu-se ao santuário Ur,
Enki, o rei dos Abzu decreta (seu) destino:
"Cidade possuindo tudo o que é apropriado, boi lavado com água, firme, Dais de abundância do planalto, joelhos abertos, verde como uma montanha, Hashur-grove, largo de sombra — aquele que é senhorial por causa de seu poder (?) Direcionou o seu perfeito eu,
Enlil, a "grande montanha", pronunciou seu nome elevado no universo.
Cidade cujo destino foi decretado por Enlil,
Santuário seu, que você suba o céu".

Ele procee[ded] para a terra Meluhha,
Enki, o rei do Abzu, [decreta] (seu) destino:

"Terra negra, que suas árvores sejam árvores grandes, [que sejam 'terras altas']- árvores, [Maio] seus tronos [encher] o palácio real,
Que os vossos juncos sejam grandes juncos, [que sejam juncos 'montanhosos'], Que os heróis no lugar da batalha [empunham suas] armas,
Que seus touros sejam touros grandes, [que sejam] touros 'highland',
[Que possam] o seu grito [ser] o grito [dos touros selvagens 'highland'], Que o grande eu dos deuses seja aperfeiçoado para você],
[Pode] todos os dar-aves das terras altas [usam barbas carnales],
[Pode] seu pássaro ser o pássaro Haia,
Seus apelos enchem o palácio real,
Que sua prata seja ouro,
Que seu cobre seja estanho (e) bronze,
Terra, que tudo o que você tem, [aumente],
Que o seu povo [se multiplique],
Que o seu . . saia como um touro para o seu... "

. . . a cidade de ..
Tratou (?) como . . . ,
Ele purificou, purificou a [terra Di]lmun,
Colocou Ninsikilla no comando dele,
Ele deu.. como. ., ele come o seu .. -peixe
Ele deu. . como um campo cultivado (?), ele come [seus da]tes.

. . . . Elam e Marhashi . . .
Eram (destinados) a serem devorados como . . -peixe;
O rei (presumivelmente Enki) a quem Enlil havia concedido poderia,
Destruiu suas casas, destruiu suas paredes.
O seu metal (precioso) (e) lápis-lazúli (e o conteúdo de) seus armazéns, Ele trouxe para Nippur para Enlil - o rei de todas as terras.
Àquele que não constrói cidade, não constrói [casa]—
O Martu-Enki apresentou o gado como um presente.

Depois de ter lançado o olho daquele ponto,
Depois que o pai Enki a levantou sobre o Eufrates,
Levantou-se orgulhoso como um touro desenfreado,
Ele levanta o pênis, ejacula,
Encheu o Tigre com água com gás.
A vaca selvagem gemendo por seus filhotes nos pastos, a baia de escorpião (infestada), [O Tigre] está rendido a ele, como (a) um touro desenfreado.
Ele levantou o pênis, trouxe o presente de noiva,
Trouxe alegria ao Tigre, como um grande touro selvagem [regozijou-se (?)] em seu parto.
A água que ele trouxe é água com gás, seu "vinho" tem sabor doce,
O grão que ele trouxe, seu grão quadriculado, o povo come,
Ele fi[ll] o Ekur, a casa de Enlil, com posses,
Com Enki, Enlil se alegra, Nippur [está encantado].

O senhor vestiu o diadema para o senhorio,
[Vestir] a tiara duradoura para a realeza,
Pisou o chão do lado esquerdo,
A prosperidade saiu da terra para ele.
Depois de ter colocado o cetro na mão direita,
Para fazer o Tigre e o Eufrates "comerem juntos",
Aquele que profere o . . palavra de acordo com o seu . .,
Quem carrega como gordura o "joelho principesco" do palácio,
O senhor que decreta o destino, Enki, o rei do Abzu,
Enbilulu, o inspetor de canais,
[Enki] se encarregou deles.

Ele cal[liderou o pântano], colocou nele carpa (e) . . -peixe
Ele cal[liderou o freio de cana], colocou nele. . -juncos (e) juncos verdes (Faltam duas linhas)

[Ele emitiu] um desafio . .
Aquele que [se rede] nenhum peixe escapa,
Cuja armadilha não. . Escapa
Cuja armadilha nenhum pássaro escapa, . . . o filho de . . .
. . (um deus) que ama peixes,
Enki se encarregou deles.
O senhor ergueu um santuário (?), um santuário santo – seu coração é profundo, Ergueu um santuário (?) no mar, um santuário santo – seu coração é profundo, O santuário – seu meio é um . . . , conhecido por ninguém,
O [santuário] – sua estação é o . . constelação de Iku,
O elevado [santuário], acima (?) —a sua estação situa-se (?) junto à "carruagem", O... do tremor . . . seu melam's. .,
Os Anunnaki vieram com [oração] e súplica,
Para Enki no E-[engurra eles montaram] uma maré elevada.
Para o senhor... ,
O grande príncipe . ., bor[n. . .]
O «pássaro . . . .
(Faltam aproximadamente três linhas)
Aquela que é a grande inundação das profundezas,
Quem. . s o izi-pássaro e o lil-fish, que . . . ,
Quem sai do zipag, quem... ,
A Senhora de Sirar[a, Madre Nansh]e,
Do mar, do seu . . . Lugares
Enki colocou no comando.

Ele chamou as "duas" chuvas, a água do céu,
Alinhou-os como nuvens flutuantes,
Impulsiona (?) seu (?) sopro (de vida) em direção ao horizonte,
Transforma (?) o terreno montanhoso em campos.
Aquele que cavalga a grande tempestade, que ataca com raios (?),
Quem fecha o santo parafuso no "coração" do céu,
O filho de An, o gugal do universo,
Ishkur . ., filho de An,
Enki se encarregou deles.

Ele dirigiu o arado e o . . jugo
O grande príncipe Enki colocou os "bois com chifres" no . .
Abriram os sulcos santos,
Feito crescer o grão no campo cultivado.
O senhor que veste o diadema, o ornamento da planície alta,
O robusto, o agricultor de Enlil,
Enkimdu, o homem da vala e do dique,
Enki se encarregou deles.

O senhor chamou o campo cultivado, colocou lá o grão quadriculado,
Amontoado o seu . . grão, o grão quadriculado, o grão innuba em pilhas, Enki multiplicou os montes e montes,
Com Enlil espalhou por toda a abundância na Terra,
Ela, cuja cabeça e lado estão amassados, cujo rosto está coberto de mel, A Senhora, a procreatress, o vigor da Terra, a "vida" dos cabeças-negras, Ashnan, o pão nutritivo, o pão de todos,
Enki se encarregou deles.

O grande príncipe colocou a "rede" sobre a picareta, depois dirigiu o molde, Fertilizado a agarin, como boa manteiga,
Aquele cujo dente de picareta esmagador é uma cobra devorando os cadáveres, ... ,
Cujo. . molde direciona . . . ,
Kulla, o oleiro (?) da Terra,
Enki se encarregou deles.

Construiu barracas, dirigiu os ritos de purificação,
Erguidos apriscos de ovelhas, coloque lá a melhor gordura e leite,

Trouxe alegria para os refeitórios dos deuses,
Na planície vegetacional, ele fez prevalecer a prosperidade.
O provedor confiável de Eanna, a "amiga de An",
O genro amado do valente pecado, marido da santa Inanna,
A Senhora, a rainha de todos os grandes homens,
Que volta e meia comanda a procriação do . . . de Kullab,
Dumuzi, o divino "usumgal do céu", o "amigo de An",
Enki colocou [o comando] deles.

Ele encheu o Ekur, a casa de Enlil, com posses,
Enlil se alegrou com Enki, Nippur estava alegre,
Fixou as fronteiras, demarcou-as com pedras de fronteira,
Enki, para os Anunnaki,
Erguidas habitações nas cidades,
Estabeleça campos para eles no campo,
O herói, o touro que sai do hashur (floresta), que ruge leão-(como),
O valente Utu, o touro que se mantém seguro, que exibe orgulhosamente (seu) poder, O pai da grande cidade, o lugar onde o sol nasce, o gr[eat hera]ld do santo An, O juiz, o decisor dos deuses,
Quem usa barba de lápis-lazúli, quem sai do céu santo, o . . . céu
Utu, o filho nascido de [Ninga]l,
Enki colocou no comando de todo o universo.
Teceu a caneca-pano, dirigiu o temenos,
Enki aperfeiçoou muito aquilo que é tarefa da mulher,
Para Enki, o povo [. . . d] o . . . -vestuário,
A tiara (?) do palácio, a joia do rei,
Uttu, a mulher confiável, a alegre (?),
Enki se encarregou deles.

Depois, sozinha, tendo abandonado o cetro real,
A mulher, . . . , a empregada Inanna tendo abandonado o cetro real
Inanna, para [seu pai] Enki,
Ente[rs] a casa, (e) [humildemente] chorando, profere um clamor (?):
"Os Anunnaki, os grandes deuses – seu destino
Enlil colocado firmemente em sua [mão],
Eu, a mulher, que você tratou diferente?
Eu, a santa Inanna, onde estão [minhas prerrogativas]?
Arum, [o sist] de Enlil,
Nintu, a rainha [do] moun[tain],
H[como tomada para si] seu santo... de senhorio,
Levou para si a mesma... e) alho-poró;
Tomou para si o seu (?) vaso sila-incrustado de lápis-lazúli,
Levou para si o seu santo e puro vaso ala,
Tornou-se parteira da Terra,
Em sua mão você colocou o rei nascido, o senhor nascido.
Aquela minha irmã, a santa Ninisinna,
Tomou para si o unu brilhante, tornou-se o hieródulo de An.
Estacionou-se perto (?) An, pronuncia a palavra que enche (?) o céu,
Aquela minha irmã, a santa Ninmug,
Tomou para si o cinzel de ouro (e) o martelo de prata (?),
Tornou-se o met[alwor]ker (?) da Terra,
O rei [nascido], que veste o diadema duradouro,
O senhor nato que põe coroa na cabeça, você colocou [na mão dela].
Aquela minha irmã, a santa Nidaba,
Tomou para si a vara de medição,
Prendeu a linha do lápis-lazúli (?) no braço,
Proclama todos os grandes eus,
Fixa as fronteiras, marca os limites – tornou-se o escriba da Terra,
Em suas mãos você colocou o alimento dos deuses.
Nanshe, a senhora, o senhor – o santo... caiu a seus pés,

Tornou-se inspectora de pesca do se[a] (?),
Peixe, saboroso, (e) . . . ,
Ela apresenta ao [pai] Enlil.
Eu, a [mulher], por que você tratou diferente?
Eu, santa Inanna, onde estão minhas prerrogativas?"
(Faltam aproximadamente três linhas)

. . . . dele.... ,
"[E]nlil (?) . . . . ,
Tem adornado (?) para você . . . ,
Você usa lá a roupa (?) 'Poder do rapaz'
Você estabeleceu as palavras ditas pelo 'jovem',
Você se encarregou do bandido, do cajado e da varinha de pastoreio,
Empregada Inanna, o que, o que mais vamos acrescentar a você?
Batalhas (e) investidas – de seus oráculos (?) você dá (?) a resposta, No meio deles, tu que não és arabu-pássaro, dás (?) uma resposta desfavorável (?), Você torce o fio reto,
Maid Inanna, você endireitar o fio twi[sted],
Você confeccionou roupas, você usa roupas,
Você teceu caneca-pano, você enfiou o fuso,
Em seu . . . você tingiu (?) as multicoloridas. . fio.
Inanna, você tem . . . ,
Inanna, você destruiu o indestrutível, você fez perecer o imperecível, Você silenciou (?) o . . com o 'timbrel (?) do lamento',
Empregada Inanna, você devolveu os hinos tigi-e adab para sua casa.
Vós, cujos admiradores não vos cansamos de olhar,
Empregada Inanna, você que não conhece os poços distantes, as cordas de fixação (?); Eis que a inundação chegou, a Terra está restaurada,
A inundação de Enlil chegou, a Terra está restaurada."
(Dezenove linhas restantes destruídas)

Passando do mito ao épico, não há dúvida de que os sumérios foram os primeiros a criar e desenvolver uma literatura épica composta por contos narrativos heroicos em forma poética. Não muito diferente dos antigos gregos, hindus e teutões, os sumérios, no início de sua história, haviam passado por uma era heroica, cujo espírito e temperamento são revelados em sua sabedoria épica. Impelidos pela sede de fama e nome tão característicos da casta dominante durante uma era heroica, os reis e príncipes fizeram com que os bardos e menestréis ligados à corte improvisassem poemas narrativos ou leigos celebrando suas aventuras e conquistas. Esses leitos épicos, com o objetivo principal de proporcionar entretenimento nos frequentes banquetes e festas da corte, provavelmente foram recitados para o acompanhamento da harpa ou lira.

Nenhum dos primeiros textos heroicos chegou até nós em sua forma original, uma vez que foram compostos quando a escrita era totalmente desconhecida ou, se conhecida, pouco interessava ao menestrel analfabeto. Os épicos escritos das eras heroicas grega, indiana e teutônica datam de dias muito posteriores e consistem em redações literárias altamente complexas, nas quais apenas um número selecionado dos leitos anteriores são incorporados e, em seguida, apenas em uma forma altamente modificada e expandida. Na Suméria, há boas razões para acreditar, alguns dos primeiros leigos heroicos foram inscritos pela primeira vez em barro cinco a seiscentos anos após o fim da era heroica após considerável transformação nas mãos de sacerdotes e escribas.

Os épicos escritos das três eras heroicas indo-europeias mostram uma série de semelhanças marcantes na forma e no conteúdo. Em primeiro lugar, todos os poemas dizem respeito principalmente a indivíduos. São os feitos e as façanhas do herói individual que são a principal preocupação do poeta, não o destino ou a glória do Estado ou da comunidade. Embora haja poucas dúvidas de que algumas das aventuras celebradas nos poemas têm uma base histórica, o poeta não hesita em introduzir motivos e convenções anti-históricas, como noções exageradas dos poderes do herói, sonhos sinistros e a presença de seres divinos. Estilisticamente, os poemas épicos abundam em epítetos estáticos, repetições longas, fórmulas recorrentes e descrições que tendem a ser excessivamente descontraídas e extraordinariamente detalhadas. Particularmente notável é o fato de que todos os épicos dedicam espaço considerável aos discursos. Em todos esses aspectos, o padrão da poesia heroica suméria é semelhante ao padrão do material épico grego, indiano e teutônico.

Sem dúvida, há uma série de diferenças notáveis entre o material épico sumério e o dos gregos, índios e teutões. Por exemplo, os poemas épicos sumérios consistem em contos individuais e desconexos de duração variável, cada um dos quais é restrito a um único episódio. Não há uma tentativa de articular e integrar esses episódios em uma unidade maior. Há relativamente pouca caracterização e penetração psicológica no material sumério. Os heróis tendem a ser tipos amplos, mais ou menos indiferenciados, em vez de indivíduos altamente personalizados. Além disso, os incidentes e motivos do enredo são relatados em um estilo bastante estático e convencionalizado; há pouco desse movimento plástico e expressivo que caracteriza poemas como a Ilíada e a Odisseia de Homero. As mulheres mortais quase não desempenham qualquer papel na literatura épica suméria, enquanto elas têm um papel muito proeminente na literatura épica indo-europeia. Finalmente, na questão da técnica, o poeta sumério obtém seus efeitos rítmicos principalmente a partir de variações nos padrões de repetição. Ele não faz uso algum dos metros ou da linha uniforme tão característicos dos épicos indo-europeus. Apesar de todas essas diferenças, é pouco provável que uma forma literária tão individual em estilo e técnica como a poesia narrativa tenha sido criada e desenvolvida de forma independente e em diferentes intervalos de tempo na Suméria, Grécia, Índia e norte da Europa. Uma vez que a poesia narrativa dos sumérios é, com todas as probabilidades, a mais antiga das quatro, não é impossível que tenha sido na Suméria que o gênero épico se originou pela primeira vez e que se espalhou de lá para as terras ao redor.

Até o momento, podemos identificar nove contos épicos sumérios, variando em comprimento de pouco mais de cem a mais de seiscentas linhas. Dois deles giram em torno do herói Enmerkar e podem ser intitulados "Enmerkar e a Terra de Aratta" e "Enmerkar e Ensukushsiranna" (ver páginas 269–73). Dois centram-se no herói Lugalbanda, embora Enmerkar desempenhe um papel em ambos; estes podem ser intitulados "Lugalbanda e Enmerkar" e "Lugalbanda e Monte Hurrum" (ver páginas 273–75). Os cinco restantes giram em torno do mais conhecido dos heróis sumérios, o herói sem par de todo o antigo Oriente Próximo, Gilgamesh. Dois deles,

"Gilgamesh e a Bula do Céu" e "A Morte de Gilgamesh", são bastante fragmentários. Os três restantes estão quase totalmente preservados. São eles "Gilgamesh e Agga de Kish", que celebra Gilgamesh como patriota e "defensor do reino"; "Gilgamesh e a Terra dos Vivos", em que ele faz o papel do aventureiro assassino de dragões, o primeiro São Jorge do homem, por assim dizer; e "Gilgamesh, Enkidu e o Mundo Nether", que o retrata como um indivíduo surpreendentemente complicado: cavalheiresco, ousado, tirânico, leal, queixoso, oracular e curioso.

O poema "Gilgamesh e Agga" é o mais curto de todos os contos épicos sumérios; é composto por não mais de cento e quinze linhas. Por mais breve que seja, no entanto, é de interesse bastante incomum. Seu enredo lida apenas com humanos; ao contrário de todos os outros contos épicos sumérios, não introduz motivos mitológicos envolvendo nenhuma das divindades sumérias. O poema é historicamente significativo; lança uma nova luz considerável sobre a luta inicial das cidades-estado sumérias. Por fim, registra a convocação da primeira assembleia política do homem, um "congresso bicameral", que supostamente ocorreu há quase cinco mil anos.

Como fica claro na história da Suméria esboçada no capítulo ii, a Suméria, como a Grécia de um dia muito posterior, consistia em um número de cidades-estado disputando a supremacia sobre a terra como um todo. Uma das mais importantes era Kish, uma cidade que, de acordo com a lenda suméria, havia recebido "realeza" do céu imediatamente após o Dilúvio. Mas, com o tempo, outra cidade-estado, Erech, continuou ganhando influência e poder até ameaçar a supremacia de Kish na Suméria. Agga, o último governante da dinastia Kish, percebeu o perigo e enviou um ultimato a Erech, onde Gilgamesh era "senhor", para se submeter a Kish ou sofrer as consequências. Nosso poema começa com a chegada dos enviados de Agga com seu ultimato a Gilgamesh e aos erequitas.

Gilgamesh está determinado a lutar em vez de se submeter a Agga, mas primeiro ele tem que obter a aprovação dos cidadãos de Erech. Por isso, ele vai diante "da assembleia convocada dos anciãos de sua cidade" com o apelo urgente para não se submeter a Kish, mas para pegar em armas e lutar pela vitória. Os "senadores" têm uma opinião diferente, no entanto; eles preferem ceder a Kish e desfrutar da paz. Essa decisão é decepcionante para Gilgamesh. Por isso, comparece perante a "assembleia convocada dos homens (mais jovens) de sua cidade" e repete seu apelo. Em uma longa declaração terminando com um elogio a Gilgamesh e palavras encorajadoras de vitória, a assembleia de "homens" declara guerra e independência. Gilgamesh agora está bem satisfeito, e em um discurso para seu fiel servo e companheiro constante, Enkidu, mostra-se altamente confiante de uma vitória sobre Agga.

Em pouquíssimo tempo, no entanto – ou, como diz o poeta, "os dias não eram cinco, os dias não eram dez" – Agga sitia Erech e, apesar de suas palavras corajosas, os erequitas se confundem. Gilgamesh então se volta para os "heróis" de Erech e pede um voluntário para ir antes de Agga. Um deles, Birhurturre de nome,

prontamente se voluntaria; ele está confiante de que pode confundir o julgamento de Agga.

Mas assim que Birhurturre passa pelos portões da cidade, ele é capturado, espancado e levado diante de Agga. Ele começa a falar com Agga, mas antes que ele termine, outro herói, Zabardibunugga, sobe a parede. Ao vê-lo, Agga pergunta a Birhurturre se aquele é seu rei, Gilgamesh. Quando Birhurturre responde negativamente, Agga e seus homens não ficam impressionados e continuam a sitiar Erech e torturar Birhurturre.

Agora, no entanto, o próprio Gilgamesh sobe o muro para encontrar Agga cara a cara, e os erequitas são aterrorizados. Ao saber de Birhurturre que este, finalmente, é seu rei, Agga, devidamente impressionado, abandona o cerco. Gilgamesh então agradece calorosamente a Agga por sua atitude generosa, e o poema termina com um paean de louvor a Gilgamesh como o salvador de Erech.

Aqui está agora uma tentativa de tradução do conto épico; Muito disso ainda é incerto e obscuro, mas isso é o melhor que pode ser feito com ele no momento: Os enviados de Agga, filho de Enmebaraggesi

Procedeu de Kish para Gilgamesh em Erech,
O senhor Gilgamesh diante dos anciãos de sua cidade
Posto o assunto, busca a palavra deles:

"Para completar os poços, para completar todos os poços do terreno,
Para completar os poços, as pequenas tigelas da terra,
Para cavar os poços, para completar as cordas de fixação –
Não nos submetamos à casa de Kish, vamos feri-la com armas".

A assembleia convocada dos anciãos de sua cidade
Resposta Gilgamesh:
"Para completar os poços, para completar todos os poços do terreno,
Para completar os poços, as pequenas tigelas da terra,
Para cavar os poços, para completar as cordas de fixação –
Submetamo-nos à casa de Kish, não a golpeemos com armas."

Gilgamesh, o senhor de Kullab,
Que realiza feitos heroicos para Inanna,
Não levou a sério a palavra dos anciãos de sua cidade.

Uma segunda vez Gilgamesh, o senhor de Kullab,
Diante dos "homens" de sua cidade, coloque o assunto, busque sua palavra: "Para completar os poços, para completar todos os poços do terreno,
Para completar os poços, as pequenas tigelas da terra,
Para cavar os poços, para completar as cordas de fixação,
Não se submetam à casa de Kish, vamos feri-la com armas."

A assembleia convocada dos "homens" de sua cidade responde a Gilgamesh: "Dos que ficam, dos que sentam,
Dos que foram criados com os filhos dos reis,
Dos que pressionam a coxa do burro,
Quem tem o seu espírito!
Não se submetam à casa de Kish, vamos feri-la com armas,
Erech, a obra dos Deuses,
Eanna, a casa que sobe do céu–
São os grandes deuses que moldaram suas partes.
Suas grandes paredes tocando as nuvens,
Sua elevada morada estabelecida por An,
Você cuidou – você, rei e herói.
Conquistador, príncipe amado de An,

Como você deve temer a vinda dele!
Esse exército é pequeno, sua retaguarda cambaleia,
Seus homens não erguem os olhos."

Então, Gilgamesh, o senhor de Kullab,
Diante das palavras dos "homens" de sua cidade, seu coração se alegrava, seu espírito se iluminava, Ele diz ao seu servo Enkidu:
"Agora, então, que a ferramenta (pacífica) seja deixada de lado para a violência da batalha, Deixe as armas de batalha voltarem para o seu lado,
Que provoquem medo e terror,
Ele, quando vier — meu grande temor cairá sobre ele,
Seu julgamento será confundido, seu conselho será dissipado."

Os dias não eram cinco, os dias não eram dez,
Agga, filho de Enmebaraggesi sitiou Erech,
Erech — sua sentença foi confundida.

Gilgamesh, o senhor de Kullab,
Diz aos seus heróis:
"Meus heróis com rostos escurecidos,
Quem tem coração, que ele se levante, eu gostaria que ele fosse para Agga."

Birhurturre, o homem chefe, ao seu rei,
Ao seu rei, profere louvores:
"Vou a Agga,
Seu julgamento será confundido, seu conselho será dissipado."

Birhurturre saiu pelo portão da cidade –
Quando Birhurturre saiu pelo portão da cidade,
Agarraram-no às portas do portão da cidade,
Birhurturre — esmagam-lhe a carne,
Traga-o diante de Agga,
Agga fala com ele.

Ele não tinha terminado suas palavras, quando Zabardibunugga subiu ao muro.
Agga o viu,
Diz a Birhurturre:
"Escravo, esse homem é seu rei?"
"Esse homem não é meu rei,
Queria que aquele homem fosse meu rei,
Que era sua testa forte,
Que era o seu rosto de bisão,
Que era sua barba de lápis,
Que eram seus dedos graciosos."

A multidão não se levantou, a multidão não saiu,
A multidão não rolou no pó,
Os estrangeiros, a sorte deles, não se sentiram sobrecarregados,
Os nativos não morderam a poeira,
As proas dos longboats não foram cortadas,
Agga, o rei de Kish, não conteve suas tropas,
Golpeiam-no, batem-no,
Birhurturre — esmagam-lhe a carne.

Seguindo Zabardibunugga, Gilgamesh sobe ao muro,
O terror caiu sobre os jovens e velhos de Kullab,
As portas do portão da cidade – eles se posicionaram em suas abordagens, Enkidu saiu pelo portão da cidade,
Gilgamesh espreitou por cima da parede,
Agga o viu:
"Escravo, esse homem é seu rei?"
"Esse homem é de fato meu rei."

Assim que ele disse isso,
A multidão se levantou, a multidão partiu,
A multidão rolou na poeira.
Os estrangeiros, a sorte deles, sentiam-se sobrecarregados,
Os nativos morderam a poeira,
As proas dos longboats foram cortadas,
Agga, o rei de Kish, conteve suas tropas.

Gilgamesh, o senhor de Kullab,
Diz a Agga:
"Agga, meu tenente, Agga, meu capitão,
Agga, meu general do exército,
Agga, você encheu de grãos o pássaro em fuga,
Agga, você me deu fôlego, você me deu vida,
Agga, você trouxe o fugitivo para o seu colo".

Erech, a obra do deus,
As grandes muralhas tocando o céu,
A elevada habitação estabelecida por An,
Você cuidou, você, rei e herói,
Conquistador, príncipe amado de An,
Agga libertou-o por causa de Kish,
Antes de Utu, ele lhe devolveu o favor de dias anteriores,
Gilgamesh, senhor de Kullab,
Seu elogio é bom.

O tema motivador do segundo de nossos contos épicos de Gilgamesh, "Gilgamesh e a Terra dos Vivos", é a ansiedade do homem sobre a morte e sua sublimação na noção de um nome imortal. O enredo do conto é construído em torno de motivos e incidentes pertinentes ao seu humor predominantemente pungente. Estilisticamente, seu tom sombrio é sustentado e intensificado por uma seleção hábil dos variados padrões de repetição e paralelismo. Várias das passagens cruciais ainda são obscuras. A partir de hoje, a história pode ser reconstruída da seguinte forma.

O senhor Gilgamesh é sobrecarregado e oprimido com o pensamento da morte. Seu coração está dolorido e seu espírito pesado ao ver homens morrerem e perecerem em Erech, "cadáveres flutuando nas águas do rio". Percebendo amargamente que, como todos os mortais, ele também deve morrer mais cedo ou mais tarde, ele está determinado pelo menos a levantar um nome para si mesmo antes de chegar ao seu fim destinado. Ele, portanto, coloca seu coração em viagem para a distante "Terra dos Vivos" para derrubar seus famosos cedros e trazê-los para Erech.

Decidido, Gilgamesh informa Enkidu, seu servo leal, de sua proposta de empreendimento. Este último o aconselha primeiro a familiarizar o deus-sol, Utu, com seu plano, pois é Utu quem tem o comando da "Terra dos Vivos". Seguindo esse conselho, Gilgamesh traz oferendas a Utu e implora por seu apoio na jornada contemplada.

A princípio, Utu é cético em relação às qualificações de Gilgamesh, mas Gilgamesh é insistente e repete seu apelo em linguagem mais persuasiva. Utu então tem pena dele e promete imobilizar os sete demônios do tempo que poderiam ter ameaçado Gilgamesh em sua jornada. Feliz demais, Gilgamesh reúne cinquenta voluntários de Erech – homens desapegados que não têm nem "casa" nem "mãe" e que estão prontos para segui-lo onde quer que ele vá. Depois de ter armas de bronze

e madeira preparadas para si e seus companheiros, ele e seus seguidores partiram de Ereque para a "Terra dos Vivos".

No decorrer de sua jornada, eles atravessam sete montanhas, mas é só depois de cruzarem a sétima que Gilgamesh encontra "o cedro de seu coração". Ele a derruba com seu machado, e Enkidu corta seus galhos enquanto seus seguidores os amontoam em um monte. Mas esse ato despertou e perturbou Huwawa, o monstro que guarda a "Terra dos Vivos", e ele consegue fazer Gilgamesh cair em um sono pesado ou coma do qual ele só é acordado depois de tempo e esforço consideráveis.

Completamente excitada por esse atraso inesperado, Gilgamesh jura por sua mãe, a deusa Ninsun, e por seu pai, o herói divino Lugalbanda, que ele não retornará a Erech até que tenha vencido o monstro Huwawa, seja ele homem ou deus. Enkidu implora para que ele volte atrás, pois ele viu esse monstro medroso e tem certeza de que ninguém pode resistir ao seu ataque. Mas Gilgamesh não terá esse cuidado. Convencido de que, se eles ficarem juntos, nenhum mal pode acontecer com eles, ele pede que Enkidu afaste o medo e siga em frente com ele.

O monstro, no entanto, está espionando sua casa de cedro e faz esforços frenéticos para expulsar Gilgamesh. Mas este último se recusa a se assustar, e parece tentar tranquilizar Huwawa com a declaração enganosa de que ele está lhe trazendo presentes. De qualquer forma, encontramos Gilgamesh cortando as sete árvores que impedem a aproximação da câmara interna de Huwawa, enquanto seus companheiros cortam seus galhos e os organizam em feixes no sopé da montanha.

Gilgamesh agora ficou cara a cara com Huwawa. Ele lhe dá um tapa suave na bochecha, joga um anel no nariz sobre ele e prende uma corda sobre ele. Em seguida, Huwawa implora em lágrimas ao deus-sol, Utu, e se humilha diante de Gilgamesh em um esforço para obter sua liberdade. Gilgamesh realmente tem pena dele, e em frases de enigma sugere a Enkidu que Huwawa seja libertado. Mas Enkidu aconselha contra ações tão generosas como imprudentes e perigosas. Quando o indignado Huwawa faz uma réplica insultuosa contra Enkidu, este corta seu pescoço.

Os dois heróis agora trazem a cabeça decepada de Huwawa diante de Enlil, o rei dos deuses, ansioso, sem dúvida, por aprovação e recompensa divinas. Mas quando Enlil vê a cabeça decepada de Huwawa, ele profere uma maldição que parece condená-los a eternas deambulações sobre montanhas e planícies, queimados pelo sol ardente. Então, talvez como uma proteção contra as montanhas e florestas e as feras que rondam nelas, Enlil apresenta a Gilgamesh o que talvez sejam sete raios divinos, conhecidos em sumério como melam's. E sobre essa nota um tanto obscura e ambivalente, o poema chega ao fim. Uma tradução do poema diz o seguinte: O senhor fixou sua mente para a "Terra dos Vivos",

O senhor Gilgamesh fixou sua mente na "Terra dos Vivos",
Ele diz ao seu servo Enkidu:
"Enkidu, tijolo e carimbo ainda não trouxeram o fim fatídico,
Eu entrava na 'terra', marcava meu nome,
Em seus lugares onde os nomes foram levantados, eu levantaria meu nome, Em seus lugares onde os nomes não foram levantados, eu levantaria os nomes dos deuses."
Seu servo Enkidu lhe responde:
"Meu senhor, se você quiser entrar na 'terra', informe Utu,

Informe Utu, o valente Utu,
A 'terra', é responsabilidade de Utu,
A terra do cedro derrubado, é a carga do valente Utu,
Informe Utu."

Gilgamesh impôs as mãos sobre um garoto todo branco,
Pressionado ao peito um garoto salpicado como oferenda,
Colocou em sua mão o cetro de prata de seu comando,
Diz ao celestial Utu:
"Utu, eu entraria na terra', seja meu aliado,
Eu entraria na terra do cedro derrubado, seria meu aliado."
Utu celestial lhe diz:
"É verdade que você é um guerreiro principesco, mas o que você é para a 'terra'?"

"Utu, uma palavra eu falaria para você, para a minha palavra seu ouvido!
Eu gostaria que ele chegasse até você, dê ouvidos a ele!
Na minha cidade morre o homem, oprimido é o coração,
O homem perece, pesado é o coração,
Olhei por cima da parede,
Viu os cadáveres boiando nas águas do rio,
Quanto a mim, eu também serei servido assim, na verdade é assim!
O homem, o mais alto, não pode chegar ao céu,
O homem, o mais largo, não pode cobrir a terra.
Tijolo e carimbo ainda não trouxeram o fatídico fim,
Eu entraria na terra', colocaria meu nome,
Em seus lugares onde os nomes foram levantados, eu levantaria meu nome, Em seus lugares onde os nomes não foram levantados, eu levantaria os nomes dos deuses.
Utu aceitou suas lágrimas como uma oferenda,
Como um homem de misericórdia, mostrou-lhe misericórdia,
Os sete heróis do tempo, filhos de uma mãe,
Ele traz para as cavernas das montanhas.

Quem derrubou o cedro, ficou muito feliz,
O senhor Gilgamesh ficou muito feliz,
Mobilizou sua cidade como um homem,
Reunidos (seus homens) como companheiros gêmeos;
"Quem tem casa, para a casa dele!
Quem tem mãe, para a mãe!
Que os machos solteiros que fariam o que eu faria ficassem ao meu lado!"

Quem tinha uma casa, para a casa dele!
Que teve mãe, para a mãe!
Homens solteiros que fariam o que ele fazia, cinquenta, estavam ao seu lado.

Dirigiu seu passo para a casa dos ferreiros,
Forjou a espada, o machado esmagador, seu "poder do céu",
Ele dirigiu seu passo para as florestas negras da planície,
Derrubado o salgueiro, a maçã e a árvore da caixa,
Os filhos de sua cidade que o acompanhavam os tomaram em suas mãos,
Os sete demônios do tempo foram trazidos para as cavernas das montanhas, Atravessam a primeira montanha,

Não encontrou o cedro do seu coração,
Depois de terem atravessado a sétima montanha,
Encontrou o cedro do seu coração.

(Aqui várias linhas são destruídas, e não está claro exatamente o que aconteceu. Talvez Huwawa tivesse tomado consciência da derrubada do cedro, e tivesse mandado um sono forte contra Gilgamesh. De qualquer forma, quando o texto se torna inteligível novamente, encontramos alguém, provavelmente Enkidu, tentando despertar Gilgamesh de seu sono.) Ele toca nele, ele não se levanta,

Ele fala com ele, ele responde que não,
"Quem está dormindo, quem está dormindo,

Gilgamesh, senhor, filho de Kullab,
Quanto tempo você vai dormir?
A terra tornou-se escura, está cheia de sombras,
O crepúsculo trouxe à tona sua (fraca) luz,
Utu foi com a cabeça erguida para sua mãe, Ningal,
Ó Gilgamesh, quanto tempo você vai dormir!
Não deixem os filhos da vossa cidade que vos acompanharam
Fique esperando por você no sopé da montanha,
Não deixe sua mãe que te deu à luz
Seja conduzido para a praça da cidade.

Ele deu muita atenção,
Cobriu-se com sua "palavra de heroísmo" como uma veste,
Esticou sobre o peito a roupa de trinta siclos que carregara na mão,
Ressuscitou-se na "grande terra" como um touro,
Mordeu a poeira, sujou os dentes:
"Pela vida de Ninsun, minha mãe que me deu à luz,
Da santa Lugalbanda, meu pai,
Que eu me torne como alguém que se senta para ser admirado no joelho de Ninsun, minha mãe que me pariu."

Uma segunda vez, aliás, diz-lhe:
"Pela vida de Ninsun, minha mãe que me deu à luz,
Da santa Lugalbanda, meu pai,
Até que eu tenha vencido esse 'sujeito', seja ele homem,
Até que eu o tenha vencido, seja ele um deus,
Não vou virar para a cidade o meu passo de "terra".

O servo fiel suplicou, agarrado à vida,
Responde seu mestre:
"Meu mestre, tu que não viste aquele 'sujeito' não é aterrorizado,
Eu que vi esse 'sujeito' estou aterrorizado,
O guerreiro, seus dentes são dentes de dragão,
Seu rosto é um rosto de leão,
Seu rugido é a água da enchente,
De sua testa devoradora de cana, ninguém escapa.
Meu mestre, viaje-te para a terra,
Vou viajar para a cidade,
Vai dizer a tua mãe da tua glória,
Deixe-a chiar de rir,
Então lhe dirá da sua morte,
Que ela derrame lágrimas amargas".

"Para mim outro não vai morrer,
O barco carregado não afundará,
O pano de três camadas não será cortado,
Na parede ninguém ficará sobrecarregado,
Casa e cabana, o fogo não destruirá,
Ajudai-vos, mas ajudai-me, eu vos ajudarei,
O que pode acontecer conosco!
Depois de ter afundado, depois de ter afundado,
Depois que o barco Magan afundou,
Depois que o barco 'Might of Magilum' afundou,
Todos os vivos habitam no 'barco dos vivos'.
Venham, sigamos em frente, lançaremos os olhos sobre ele!
Se quando avançarmos,
Haja medo, haja medo, volte atrás!
Haja terror, haja terror, volte atrás!"

"Como seu coração deseja! Venha, vamos em frente!"

Quando ainda não tinham chegado a uma distância de um quarto de milha, Huwawa ficou perto de sua casa de cedro,
Fixou o olho nele, o olho da morte,
Jogou a cabeça contra ele, a cabeça coberta de culpa,
Gritou contra ele um grito aterrorizante.
Gilgamesh — seus seios, seus pés tremiam,
Ele tinha medo,
Ele não voltou atrás no caminho trilhado.

Ele (Huwawa) levantou-se em seus enormes pés de garras,
Atirou-se assim e que:
"De cara-ré, que veste a roupa uluhha,
Principesco, deleite dos deuses,
Touro irado, decidido na batalha,
Que fizeram orgulhosa a mãe que vos deu à luz,
Que fizeram orgulhosa a enfermeira que te amamentou, bebê no colo,
Não tenha medo, coloque a mão no chão".

Gilgamesh não colocou a mão no chão, disse:
"Pela vida de Ninsun, minha mãe que me deu à luz,
Da santa Lugalbanda, meu pai,
Você sabe bem quem mora na terra'.
Para os teus pezinhos, fiz sapatinhos,
Para seus pés grandes, eu fiz sapatos grandes."

Ele (Gilgamesh) mesmo arrancou o primeiro,
Os filhos de sua cidade que o acompanhavam,
Corte os galhos, junte-os,
Deite-os ao pé da montanha,
Depois de ele mesmo ter terminado o sétimo, aproximou-se de sua câmara, Pressionou-o contra a parede como a cobra do "cais do vinho",
Deu um tapa em sua bochecha como se estivesse apertando um beijo nele, Amarrou-lhe um anel nasal, como um boi apanhado,
Prendeu uma corda em seus braços como um guerreiro capturado.

Huwawa—seus dentes tremeram,
Apertou o senhor Gilgamesh pela mão:
"Eu diria uma palavra para Utu."
"Utu, não conheço a mãe que me pariu,
Não conheças o pai que me criou,
A terra me pariu, você me criou".

Ele adjurou Gilgamesh pelo Céu, Terra e Mundo Nether,
Pegou-o pela mão, aproximou-se dele.

Então o príncipe Gilgamesh – seu coração teve pena dele,
Ele diz a Enkidu, seu servo:
"Enkidu, deixe o pássaro capturado ir para sua casa,
Que o guerreiro preso volte ao seio de sua mãe".

Enkidu responde Gilgamesh:
"O mais alto que não tem juízo,
O destino vai devorar – Destino que não conhece distinções.
Se a ave capturada for para sua casa,
O guerreiro apanhado volta ao seio de sua mãe,
Você não voltará para a cidade de sua mãe que lhe deu à luz".
Huwawa diz a Enkidu:
"Homem contratado, faminto, sedento e obsequioso,
Por que você falou mal de mim para ele!"

Quando assim falou,
Enkidu, em sua raiva, cortou-lhe o pescoço,

Jogou-o em um saco de braço,
Trouxeram-no perante Enlil,
Abriu o saco de braço, puxou sua cabeça (decepada),
Colocado antes de Enlil.

Enlil olhou para a cabeça de Huwawa,
Ficou irritado com as palavras de Gilgamesh:
"Por que você agiu assim!
Porque você impôs as mãos sobre ele,
Destruíram o seu nome,
Que seus rostos sejam chamuscados,
Que o alimento que você come seja comido pelo fogo,
Que a água que você bebe seja bebida pelo fogo".

(Segue-se a apresentação dos sete melões por Enlil a Gilgamesh e uma obscura passagem de três linhas que encerra o poema.) No terceiro de nossos contos épicos, "Gilgamesh, Enkidu e o Mundo Nether", o herói é retratado por sua vez como um cavaleiro cavalheiresco, um valentão opressor, um choramingo desesperador, um sábio conselheiro, um mestre leal e um mortal triste ansioso para aprender sobre a vida no mundo nether. Seu servo Enkidu desempenha o papel de um amigo fiel e corajoso que, no entanto, não atende à admoestação de seu mestre em um momento crucial e perde sua vida como consequência. E ao fundo está Inanna, a Afrodite suméria, com suas lágrimas irresistíveis e seus malfadados dons contaminados pela morte.

O poema começa com um prólogo composto por duas breves passagens que nada têm a ver com Gilgamesh e o enredo da história. A primeira passagem diz respeito aos atos divinos da criação, incluindo a separação do céu e da terra, e é, portanto, de grande importância na cosmogonia e cosmologia sumérias. A segunda parte do prólogo retrata a luta entre Enki, o Sumério Poseidon, e o mundo encarnado em um dragão monstruoso. Parece ter ocorrido não muito tempo depois da separação do céu e da terra, depois que a deusa Ereshkigal foi abduzida para o mundo da rede à força – o que lembra o mito grego do estupro de Perséfone. Quanto ao desfecho dessa batalha, somos deixados no escuro pelo poeta, que estava ansioso para seguir com sua história de Gilgamesh, que, até onde se pode entender atualmente, é a seguinte: Era uma vez, uma árvore huluppu (talvez um salgueiro), plantada na margem do Eufrates e alimentada por suas águas, foi arrancada pelo Vento Sul e levada pelas águas do Eufrates. Lá, foi visto pela deusa Inanna, que estava vagando pelas proximidades apavorada – por algum motivo inexplicável – com a "palavra" de An e Enlil, as duas principais divindades do panteão sumério. Inanna pegou a árvore em sua mão e a trouxe para sua cidade Erech, onde a plantou em seu jardim frutífero. Lá, ela cuidou cuidadosamente na esperança de que, quando a árvore crescesse grande, ela pudesse fazer de sua madeira um trono e um sofá para si mesma.

Anos se passaram. A árvore amadureceu e cresceu grande, mas seu tronco ficou nu, sem galho ou folha. Pois em sua base, a cobra que não conhece nenhum encanto havia construído seu ninho; em sua coroa, o feroz pássaro Imdugud havia colocado seus filhotes; e no meio, a vampira Lilith havia construído sua casa. E assim Inanna, a alegre e sempre alegre, derramou lágrimas amargas.

Quando amanheceu, e seu irmão, o deus-sol, Utu, saiu de seu "campo principesco", Inanna contou-lhe em lágrimas tudo o que havia acontecido com sua árvore huluppu. Mas Utu não faria nada para ajudá-la.

Inanna, então, repetiu sua queixa para seu "irmão" Gilgamesh, e ele decidiu ficar ao lado dela. Vestiu sua armadura pesando cinquenta minas, pegou na mão o "machado da estrada" e matou a cobra que não conhece encanto na base da árvore. Vendo isso, o Imdugud fugiu com seus filhotes para as montanhas distantes, e Lilith derrubou sua casa no meio da árvore e fugiu para suas assombrações desoladas. Gilgamesh e os homens de Ereque que o acompanhavam então cortaram a árvore e a deram a Inanna para seu trono e sofá.

O que Inanna fez? Da base da árvore ela moldou um pukku (provavelmente um tambor); e de sua coroa, ela confeccionou um mikku (provavelmente uma baqueta); e então ela apresentou os dois para Gilgamesh. Mas Gilgamesh os usou para oprimir os cidadãos de Erech, particularmente, ao que parece, convocando os jovens para a guerra e, assim, fazendo viúvas de suas esposas. De qualquer forma, "por causa dos gritos das jovens donzelas", para usar as palavras do nosso poeta, o pukku e o mikku caíram na "grande morada", ou seja, no mundo das redes. Gilgamesh fez o possível para recuperá-los, mas não teve sucesso. E assim ele se sentou no ganzir, descrito como o "olho" do mundo das redes, e lamentou sua perda.

Agora, quando Enkidu, servo de Gilgamesh, viu a aflição de seu mestre, ele corajosamente se ofereceu para descer ao mundo nether para trazer o pukku e o mikku. Por isso, Gilgamesh o alertou sobre os tabus do mundo nether que ele deve se proteger contra "para que o grito do mundo nether não o segure, particularmente o grito pela mãe do deus da cura, Ninazu, que estava dormindo, completamente nu e descoberto, no mundo das redes. Mas Enkidu não atendeu à admoestação de seu mestre e, por isso, foi mantido firme pelo mundo e foi incapaz de reascender à terra.

Gilgamesh, perturbado por causa desse novo infortúnio, seguiu imediatamente para Nippur, a casa de Enlil, o rei dos deuses. Em lágrimas, contou-lhe o que tinha acontecido a Enkidu. Mas Enlil não se comoveu e se recusou a ajudá-lo.

Gilgamesh então seguiu para Eridu, a casa de Enki, o deus da sabedoria, e repetiu sua reclamação. Enki decidiu ajudar Gilgamesh, pelo menos na medida do possível diante das circunstâncias. Por sua ordem, o deus-sol, Utu, abriu um desabafo no mundo através do qual o fantasma de Enkidu – pois era tudo o que restava de Enkidu – subiu à terra. Mestre e servo – ou melhor, o fantasma do servo – se abraçaram, e Gilgamesh começou a questionar Enkidu sobre o que ele tinha visto nas regiões inferiores. E com este deprimente colóquio, o poema que começou com os dias felizes da criação chega a um fim longe de feliz. Eis agora o texto do poema, tanto quanto está disponível até à data: Nos dias de outrora, nos dias distantes de outrora,

Nas noites de outrora, nas noites longínquas de outrora,
Nos dias de outrora, nos dias distantes de outrora,

Depois de, em dias de outrora, todas as coisas necessárias terem sido criadas, Depois de em dias de outrora todas as coisas necessárias terem sido ordenadas, Depois de o pão ter sido provado nos santuários da Terra,
Depois de o pão ter sido assado nos fornos da Terra,
Depois que o céu foi afastado da terra,

Depois que a terra foi separada do céu,
Depois que o nome do homem foi fixado,
Depois que An levou o céu,
Depois que Enlil levou a terra,
Depois de Ereshkigal ter sido levado para o mundo das redes como seu prêmio.

Depois de ter zarpado, depois de ter zarpado,
Depois que o pai partiu para o mundo das redes,
Contra o rei, os pequenos foram arremessados,
Contra Enki, os grandes foram arremessados,
Suas pequenas pedras da mão,
Suas grandes pedras dos juncos dançantes,
A quilha do barco de Enki,
Domine a batalha como uma tempestade de ataque,
Contra o rei, a água na cabeceira do barco,
Devora como um lobo,
Contra Enki, a água na parte traseira do barco,
Derruba como um leão.

Era uma vez, uma árvore, um huluppu, uma árvore.
Tinha sido plantado na margem do Eufrates,
Foi regado pelo Eufrates.
A violência do Vento Sul arrancou suas raízes,
Arranca a coroa,
O Eufrates levou-o para as suas águas.

A mulher, vagando de medo diante da palavra de An,
Vagando com medo diante da palavra de Enlil,
Pegou a árvore na mão, trouxe-a a Erech:
"Levar-lhe-ei ao puro jardim fecundo de Inanna."

A mulher cuidou da árvore com a mão, colocou-a pelo pé,
Inanna cuidou da árvore com a mão, colocou-a pelo pé,
"Quando será um trono frutífero para eu me sentar", disse ela.
"Quando será uma cama frutífera para eu me deitar", disse ela.

A árvore cresceu grande, seu tronco não tinha folhagem,
Em suas raízes a cobra que não conhece encanto montou seu ninho,
Em sua coroa o pássaro-Imdugud colocou seus filhotes.
No meio dela, a empregada Lilith construiu sua casa:
A empregada sempre rindo, sempre alegre,
A empregada Inanna — como ela chora!
À medida que a luz se rompia, à medida que o horizonte se iluminava,
Quando Utu saiu do "campo principesco",
Sua irmã, a santa Inanna,
Diz ao irmão Utu:
"Meu irmão, depois de em dias de outrora os destinos terem sido decretados, Depois que a abundância saciou a terra,
Depois que An levou o céu,
Depois que Enlil levou a terra,
Depois de Ereshkigal ter sido levado para o mundo das redes como seu prêmio.

Depois de ter zarpado, depois de ter zarpado,
Depois que o pai partiu para o mundo das redes...
(Inanna agora repete toda a passagem, terminando com as seguintes linhas:) A empregada sempre rindo, sempre alegre,

Eu, a empregada Inanna, como choro!"

Seu irmão, o herói, o valente Utu,
Não ficou ao lado dela nessa questão.

À medida que a luz se rompia, à medida que o horizonte se iluminava,
Quando Utu saiu do "campo principesco",
Sua irmã, a santa Inanna,
Fala com o herói Gilgamesh:
"Meu irmão, depois de em dias de outrora os destinos terem sido decretados, Depois que a abundância saciou a terra,
Depois que An levou o céu,
Depois que Enlil levou a terra,
Depois de Ereshkigal ter sido levado para o mundo das redes como seu prêmio.

Depois de ter zarpado, depois de ter zarpado,
Depois que o pai partiu para o mundo das redes...

(Inanna novamente repete toda a passagem, terminando com as seguintes linhas:) A empregada sempre rindo, sempre alegre,

Eu, a empregada Inanna, como choro."

Seu irmão, o herói Gilgamesh,
Ficou ao lado dela nessa questão,
Vestia armadura pesando cinquenta minas na cintura.
Cinquenta minas foram manuseadas por ele como trinta siclos.
Seu "machado da estrada"—
Sete talentos e sete minas – ele pegou na mão,
Em suas raízes derrubou a cobra que não conhece encanto,
Em sua coroa o pássaro-Imdugud tomou seus filhotes, subiu às montanhas, No meio dela, a empregada Lilith derrubou sua casa, fugiu para o lixo.
A árvore – arrancou suas raízes, rasgou sua copa,
Os filhos da cidade que o acompanhavam cortaram seus galhos,
Ele a dá à santa Inanna por seu trono,
Dá-lhe para a cama,
Ela molda suas raízes em um pukku para ele,
Transforma sua coroa em um mikku para ele.

O pukku invocador – na rua e na pista ele fez o pukku ressoar,
O batuque alto – na rua e na pista ele fazia ressoar o batuque,
Os jovens da cidade, convocados pelo pukku—
Amargura e aflição – ele é a aflição de suas viúvas,
"Ó meu companheiro, ó meu esposo", lamentaram,
Que teve uma mãe – ela traz pão para seu filho,
Que tinha uma irmã, ela leva água para o irmão.

Depois que a estrela da noite desapareceu,
E ele tinha marcado os lugares onde seu pukku tinha estado,
Ele carregou o pukku diante dele, trouxe-o para sua casa,
Ao amanhecer nos lugares que ele marcara – amargura e aflição!
Cativos! Morto! Viúvas!

Por causa do grito das jovens donzelas,
Seu pukku e mikku caíram na "grande morada",
Meteu-lhe a mão, não conseguiu alcançá-los,
Meteu-lhe o pé, não conseguiu alcançá-los,
Sentou-se no grande portão ganzir, o "olho" do mundo das redes,
Gilgamesh chorou, seu rosto fica pálido:
"Ó meu pukku, meu mikku,
Meu pukku com raspas irresistíveis, com ritmo irreprimível—
Se ao menos meu pukku tivesse estado uma vez na casa do carpinteiro,
Se tivesse sido com a mulher do carpinteiro, como a mãe que me deu à luz, Se tivesse sido com o filho do carpinteiro, como minha irmãzinha...
Meu pukku, que vai trazê-lo para cima do mundo nether!
Meu mikku, que vai trazê-lo do mundo nether!"

Enkidu, seu servo, diz-lhe:
"Meu mestre, por que você chora!
Por que seu coração está gravemente doente!
Eu vou trazer seu pukku do mundo nether,
Vou trazer seu mikku do 'olho' do mundo nether!"

Gilgamesh diz a Enkidu:
"Se agora você vai descer para o mundo da rede,
Uma palavra que vos falo, tomai a minha palavra,
Instrução que eu te ofereço, tome a minha instrução:

"Não use roupas limpas,
Para que as contas não venham contra você como um inimigo.
Não unja você mesmo com o óleo doce do béquer,
Para que não se amontoem em seu cheiro.
Não jogue o pau de arremesso no mundo das redes,
Para que os atingidos pelo pau de arremesso não o rodeiem.
Não leve um cajado na mão,
Para que as sombras não tremulem sobre você.
Amarre não sandálias nos pés,
Não levante um grito no mundo nether,
Não beije a esposa que você ama,
Não bata na mulher que você odeia,
Não beije a criança que você ama,
Não bata na criança que você odeia,
Para que o grito do mundo nether não te segure —
O grito por ela que está dormindo, que está dormindo,
Para a mãe de Ninazu, que está dormindo,
Cujo santo corpo nenhuma veste cobre,
Cujo peito santo não cobre pano".

Enkidu desceu ao mundo das redes,
Não deu ouvidos às palavras de seu mestre –
Ele usava suas roupas limpas,
As contas vieram contra ele como um inimigo.
Ungiu-se com o óleo doce do béquer,
Ao seu cheiro, amontoavam-se à sua volta.
Ele jogou o pau de arremesso no mundo das redes,
Os atingidos pelo pau de arremesso o cercaram.
Ele carregava um cajado na mão,
As sombras tremulavam sobre ele.
Colocou sandálias nos pés,
Levantou um grito no mundo nether,
Beijou a esposa que amava,
Golpeou a esposa que ele odiava,
Beijou a criança que amava,
Golpeou a criança que ele odiava,
O grito do mundo nether o segurou firme —
O grito por ela que está dormindo, que está dormindo,
Para a mãe de Ninazu, que está dormindo,
Cujo santo corpo nenhuma veste cobre,
Cujo peito santo não cobre cortinas de pano.

Enkidu não foi capaz de ascender do mundo nether –
Nem o destino o prende,
Nem a doença o prende,
O mundo do nether o prende.
Nem o demônio Nergal, o implacável, o prende,
O mundo do nether o prende.
Na batalha, o "lugar da masculinidade" ele não caiu,

O mundo do nether o prende.

Depois foi Gilgamesh para Nippur,
Subiu sozinho para Enlil em Nippur, chorou:
"Padre Enlil, meu pukku caiu no mundo das redes,
Meu mikku caiu em ganzir,
Eu enviei Enkidu para trazê-los à tona,
O mundo do nether o prende.
Nem o destino o prende,
Nem a doença o prende,
O mundo do nether o prende.
Nem o demônio Nergal, o implacável, o prende,
O mundo do nether o prende
Na batalha, o 'lugar da masculinidade', ele não caiu,
O mundo do nether o prende rápido."

O Padre Enlil não o apoiou nesta questão,
Ele foi para Eridu,
Subiu sozinho para Enki em Eridu, chorou:
"Pai Enki, meu pukku caiu no mundo das redes,
Meu mikku caiu em ganzir,
Eu enviei Enkidu para trazê-los à tona,
O mundo do nether o prende.
Nem o destino o prende,
Nem a doença o prende,
O mundo do nether o prende.
Nem o demônio Nergal, o implacável, o prende,
O mundo do nether o prende.
Na batalha, o 'lugar da masculinidade', ele não caiu,
O mundo do nether o prende rápido."

O Padre Enki ficou ao seu lado nesta questão,
Diz ao herói, o valente Utu:
O filho nascido de Ningal:
"Abra agora o desabafo do mundo das redes,
Levante o fantasma de Enkidu do mundo das redes."

Ele abriu o desabafo do mundo das redes,
Levantou o fantasma de Enkidu do mundo das redes.
Abraçam-se, beijam-se,
Suspiram, aconselham:
"Diga-me, o que te viu no mundo das redes?"
"Eu vou te dizer, meu amigo, eu vou te dizer."

O poema termina com um colóquio de perguntas e respostas bastante mal preservado entre os dois amigos preocupados com o tratamento dos mortos no mundo das redes.

A hinografia – passar de épico a hino – era uma arte cuidadosamente cultivada e altamente sofisticada na Suméria. Dezenas de hinos, variando em comprimento de menos de cinquenta a quase quatrocentas linhas, chegaram até nós, e há todas as razões para acreditar que esta é apenas uma fração dos hinos compostos na Suméria ao longo dos séculos. A julgar por seu conteúdo, os hinos sumérios existentes podem ser divididos em quatro categorias principais: (1) hinos exaltando os deuses; (2) hinos exaltando reis; (3) orações hinárias em que os peões de louvor aos deuses são intercalados com bênçãos e orações pelos reis; e (4) hinos glorificando os templos sumérios.

Os hinos divinos são na forma de um discurso do poeta à divindade ou uma glorificação da divindade e suas realizações na terceira pessoa. Entre os mais longos e importantes estão: (1) um hino a Enlil notável por seu resumo poético da dívida da civilização com sua beneficência; (2) um hino ao deus Ninurta dirigido a ele não apenas com esse nome, mas também sob os nomes Pagibilsag e Ningirsu; (3) um hino à deusa Inanna por Enheduanna, há muito conhecida como a filha de Sargão, o Grande; (4) um hino a Inanna como a estrela de Vênus, notável por sua descrição da cerimônia hieros-gamos celebrando a união da deusa e do rei Iddin-Dagan de Isin no dia de Ano Novo; (5) um hino a Inanna como a deusa da guerra e da ira; (6) um hino a Utu como o deus da justiça que regula e supervisiona a ordem mundial; (7) um hino à deusa Nanshe como guardiã da ética e da moral do homem; (8) um hino a Hendursag, vizir especialmente selecionado de Nanshe encarregado de julgar os atos e malfeitos do homem; (9) um hino à deusa Ninisinna como a "grande médica dos cabeças-negras", patrona da arte da medicina e da cura; (10) um hino a Ninkasi como a deusa da bebida inebriante; (11) um hino a Nidaba como a deusa da escrita, da contabilidade e da sabedoria; e (12) um hino à deusa Nungal, filha de Ereshkigal, como juíza e protetora dos "cabeças-negras".

Dos hinos que exaltam os reis, o grupo mais importante pertence a Shulgi, o segundo governante da Terceira Dinastia de Ur; cinco deles são agora restauráveis total ou em grande parte. Dois hinos cantam os louvores do pai de Shulgi, Ur-Nammu. Há um grande número de hinos celebrando os governantes da dinastia Isin que seguiram os governantes da Terceira Dinastia, particularmente Iddin-Dagan, Ishme-Dagan e Lipit-Ishtar. A maioria dos hinos reais são extravagantemente auto-laudatórios; os próprios reis supostamente proferiram peões grandiloquentes, inflados e vaidosos de autoglorificação sem hesitação e inibição. Esse comportamento incomum e, do nosso ponto de vista, bastante indigno não é isento de significado psicológico; ela se encaixa na pulsão de prestígio e superioridade característica do comportamento sumério em geral (ver capítulo vii).

Um grande favorito entre os hinógrafos sumérios era o tipo de composição em que os peões aos deuses eram entremeados com bênçãos e orações pelos reis. Exceto, inesperadamente, para a deusa-mãe, Ninhursag, praticamente todas as principais divindades estão representadas nesta categoria hinária: An, Enlil, Enki, Nanna, Utu, Ninurta, Nergal, Inanna, Bau e Ninisinna. Quanto aos reis abençoados e orados, todos os governantes da Terceira Dinastia de Ur bem como os governantes anteriores da Primeira Dinastia de Isin estão representados. Um desses hinos é dirigido à deusa Bau como amiga e apoiadora de Eannatum de Lagash, o que indica de forma bastante conclusiva que esse tipo de hinário já era corrente na Suméria nos dias pré-sargônicos.

Finalmente, os hinos do templo são representados por um cântico de louvor ao Ekur, o templo de Enlil em Nippur; por um hino ao templo da deusa Ninhursag em Kesh; e o melhor de tudo, por uma composição de mais de quatrocentas linhas contendo breves hinos a todos os templos mais importantes da Suméria e da Acádia. Um dos mais notáveis de todos os hinos existentes no templo é o inscrito nos

cilindros Gudea há muito conhecidos, que consiste em cerca de quatrocentas linhas de texto e celebra a reconstrução do templo Eninnu em Lagash.

Voltando aos aspectos formais da hinografia suméria, vale a pena notar que a escrita de hinos se tornou uma arte literária tão sofisticada na Suméria que foi subdividida em várias categorias pelos próprios poetas antigos, e muitos dos hinos existentes são atribuídos às suas categorias apropriadas por uma assinatura especial no final da composição. A palavra suméria comum para hinos é senhor, que pode ou não ter nada a ver com o shir hebraico. Algumas das categorias de senhor são sir-hamun, talvez "hinos de harmonia"; sir-namnar, "hinos musicais"; sir-namgala, "hinos do navio-gala"; senhor-namursagga, "hinos de heroia"; e sir-namsipad-inanna-ka, "hinos de pastoreio da (deusa) Inanna", o pastor neste caso sendo, sem dúvida, o deus Dumuzi. As categorias hinárias que parecem ser nomeadas a partir dos instrumentos musicais que as acompanham são tigi, provavelmente um hino acompanhado de lira; irshemma, talvez um hino acompanhado de tambor; e adab, um hino acompanhado por algum instrumento de cordas ainda não identificado. Os hinos tigi e adab são divididos pelos poetas antigos em seções com as notações sagarra e sagidda, que parecem significar literalmente "as cordas definidas (?)" e "as cordas longas", respectivamente – mais uma prova de que esses hinos eram acompanhados por instrumentos musicais. Os hinos adab também incluem seções especiais com as notações barsud e shabatuku, cujo significado ainda é desconhecido; Eles geralmente terminam com uma oração de três linhas para o rei, designada como Urunbim, uma rubrica de significado incerto. Tanto a categoria adab quanto a tigi também fazem uso de uma antífona composta de uma a quatro linhas, algo como um refrão coral, com a notação ainda obscura que pode ser lida provisoriamente izkig. Finalmente, há uma série de hinos que são divididos em estrofes com a notação kirugu, "genuflexão" (?), que é frequentemente seguida pela passagem em forma de refrão designada como izkig.

As lamentações sumérias são principalmente de dois tipos: as que lamentam a destruição das cidades e cidades-estado sumérias e as que lamentam a morte do deus Dumuzi ou de um de seus homólogos. Do primeiro tipo, dois dos mais bem preservados dizem respeito à destruição de Ur. Um terceiro diz respeito à destruição de Nippur; começa como um lamento, mas termina com uma nota de alegria com a restauração da cidade por Ishme-Dagan de Isin. Quanto aos lamentos de Dumuzi, eles variam em tamanho de longas composições de mais de duzentas linhas a breves lamentos de menos de cinquenta linhas. Muitos desses textos de Dumuzi foram publicados até hoje. Mas ainda não há tradução confiável disponível para muitos deles, especialmente aqueles escritos em uma fonética e não na ortografia histórica, o que torna até mesmo a divisão de palavras incerta, muito menos o significado e a interpretação.

Relacionada com a lamentação está a elegia ou canção fúnebre. Esse gênero literário sumério era totalmente desconhecido até 1957, quando, durante uma visita à União Soviética, me deparei com uma tabuleta no Museu Pushkin inscrita com duas dessas elegias. Uma edição detalhada do texto foi preparada com a cooperação do

Museu Pushkin e apareceu em 1960. O esboço do conteúdo dos dois poemas e a tradução aqui apresentada baseiam-se neste estudo.

A tábua, que sem dúvida foi inscrita na antiga cidade de Nippur por volta de 1700 a.C. – pode, é claro, ter sido composta consideravelmente antes – foi dividida pelo antigo escriba em quatro colunas. Contém duas composições de tamanho desigual separadas por uma linha regrada. A primeira e mais longa das duas consiste em 112 linhas de texto, enquanto a segunda tem apenas 66 linhas. Seguindo o texto das duas composições, e separado dele por uma linha dupla, há um colofão de três linhas dando o título de cada uma das composições, bem como o número de linhas que elas contêm individualmente e em conjunto. Ambas as composições consistem em grande parte de sujeiras fúnebres proferidas por um único indivíduo chamado Ludingirra. No primeiro, Ludingirra lamenta a morte de seu pai, Nanna, que, se bem entendi a passagem pertinente, morreu de ferimentos recebidos em algum tipo de luta física. Na segunda sujeira, o mesmo Ludingirra lamenta a morte de sua boa e amada esposa, Nawirtum, que parece ter morrido de morte natural.

Em ambas as composições, as sujeiras são precedidas por prólogos que servem para definir o cenário. O prólogo da primeira sujeira consiste em 20 linhas e, portanto, é relativamente breve em comparação com o resto da composição. O prólogo da segunda sujeira, no entanto, consiste em 47 linhas e, portanto, é cerca de duas vezes e meia mais longo do que o restante do poema. Estilisticamente, ambas as composições fazem uso de dicção altamente poética caracterizada por vários tipos de repetição, paralelismo, refrões corais, símiles e metáforas. Os feitos e virtudes dos falecidos, bem como a dor e o sofrimento dos que ficaram para trás, são cantados em frases infladas e grandiloquentes; Mas esta é uma característica compreensível das canções fúnebres e orações em todo o mundo e em todos os momentos.

O prólogo da primeira composição começa com uma declaração bastante prosaica de duas linhas que parece relatar que um filho que tinha ido embora para uma terra distante foi chamado de volta a Nippur, onde seu pai estava mortalmente doente. Seguem-se seis linhas, cada uma das quais descreve o pai com algumas frases altamente lisonjeiras e termina com o refrão "(ele) tinha ficado doente". Essas linhas são seguidas por uma passagem que retrata a intensidade da doença e do sofrimento do pai e sua eventual morte. A notícia da catástrofe chega ao filho "em viagem distante"; pelo que, podemos supor, ele retorna a Nippur e, tomado de tristeza, escreve o lamento que se segue.

A sujeira em si começa por retratar a dor desesperada da esposa do falecido, que presumivelmente era a mãe de Ludingirra, de uma sacerdotisa lukur sem nome do deus Ninurta, de uma en-sacerdotisa sem nome do deus Nusku, e dos filhos do falecido e suas noivas. Seguindo o que parece ser uma breve oração pelo bem-estar de Nanna, a sujeira continua com uma descrição do luto pelo falecido por suas filhas, pelos anciãos e pelas matronas de Nipur, e por seus escravos. Neste ponto, surpreendentemente, interpõe-se o que parece ser uma oração de uma linha envolvendo o filho mais velho do falecido. Após esta oração vem uma passagem contendo uma série de maldições contra o assassino de Nanna e a prole desta última.

A sujeira termina com uma série de orações: pelo bem-estar do falecido no mundo, por seu tratamento favorável nas mãos de seu deus pessoal e do deus de sua cidade, e pelo bem-estar de sua esposa, filhos e parentes.

Na segunda elegia é o prólogo da sujeira que, como mencionado anteriormente, ocupa a maior parte do poema. Começa com o anúncio da morte de Nawirtum em uma série de símiles e metáforas paralelas e continua com uma descrição do luto que se seguiu por parte dos habitantes de Nippur. Após duas passagens muito obscuras – a primeira das quais parece descrever a interrupção de importantes ritos religiosos em Nippur como resultado da morte de Nawirtum – o marido de Nawirtum, Ludingirra, entra em cena para proferir seu lamento triste. A sujeira em si pode ser dividida em duas partes: um lamento amargo pelo luto de Ludingirra, consistindo em uma sucessão de cláusulas paralelas, cada uma seguida por um refrão idêntico; e uma série de orações pela falecida e por seu marido, filhos e família.

Quanto à importância e ao significado das duas elegias, não é preciso dizer que elas têm considerável mérito intrínseco como esforços literários; Procuram transmitir de forma poética imaginativa as profundas paixões e emoções humanas geradas pela trágica perda, através da morte inevitável, dos parentes mais próximos e queridos. Do ponto de vista da história da literatura, eles são nossos primeiros exemplos preciosos do gênero elegíaco – precedem em muitos séculos as sujeiras davídicas para Saul e Jônatas e os lamentos homéricos para Heitor que encerram a Ilíada com uma nota tão triste – e, portanto, devem revelar-se inestimáveis para fins de estudo comparativo. O primeiro dos dois poemas também é de alguma importância para nossa compreensão da cosmologia suméria; pois dela aprendemos que os sábios sumérios – ou pelo menos alguns deles – mantinham as crenças de que o sol, depois de se pôr, continuava sua jornada pelo mundo da lua à noite e que o deus-lua, Nanna, passava seu "dia de sono", isto é, o último dia de cada mês, no mundo das redes. Mais importante de tudo, os dois poemas, e particularmente o primeiro, lançam uma nova luz considerável sobre as ideias sumérias sobre a vida no mundo das redes. Assim, por exemplo, aprendemos agora pela primeira vez sobre o "julgamento dos mortos" e que, como era de se esperar, foi o deus-sol, Utu – o juiz por excelência da humanidade – quem tomou as decisões; também aprendemos que o deus-lua, Nanna, de alguma forma "decretou o destino" dos mortos no dia em que visitou o mundo.

Quanto à autoria das duas elegias e a motivação para sua composição, não há dúvida de que o autor dos poemas foi um dos ummias que trabalhou e ensinou na edubba suméria e que as próprias composições foram usadas como textos a serem estudados e copiados pelos alunos da edubba. De fato, uma das linhas da primeira elegia já foi encontrada inscrita em uma pequena tábua de prática escavada em Nippur na caligrafia de professor e aluno. Na superfície, o autor escreve como se ele mesmo estivesse apenas compondo os prólogos dos dois poemas, enquanto as próprias sujeiras estão presumivelmente sendo dadas como ipsissima verba de Ludingirra. Além disso, pelo menos na primeira elegia, o autor afirma que Ludingirra havia escrito seu lamento, o que poderia levar ao pressuposto de que o autor tinha, de fato, uma cópia das sujeiras de Ludingirra diante dele. Mas tudo isso

parece bastante improvável, especialmente tendo em vista a uniformidade de estilo que caracteriza os prólogos e as sujeiras. Em suma, fica-se com a impressão de que as duas elegias são esforços criativos puramente imaginativos por parte de um poeta movido pelo impulso estético de compor um canto fúnebre eloquente e comovente, assim como ele poderia ter sido inspirado, por exemplo, para compor um poema mitológico ou épico.

Aqui está agora uma tradução literal das duas elegias, com todos os pontos de interrogação e quebras, por mais desajeitados que sejam; partes do texto são, infelizmente, bastante difíceis e obscuras: Primeira Elegia

[Um pai] enviado para um lugar distante para seu filho,
O filho que tinha ido para o lugar distante não [negligenciou] as instruções "daqueles dias".
O pai da cidade ficara doente,
O precioso brilhante, encontrado (apenas) em montanhas remotas, adoecera, Quem era justo (e) atraente (?) de fala, quem... , adoeceram,
Quem tinha uma figura atraente (?) e (?) uma cabeça (atraente), ficara doente, Quem era sábio de plano, altamente qualificado para a assembleia, adoecia, Que era um homem de verdade, temente a Deus, ficara doente,
Ficara doente – e não comera – definhava (?),
Com a boca (?) fechada (?) não provou comida, deitou-se faminto,
Como um tablet (?), como uma criança (?), ele... ,
O herói, o líder (?), [move (?)] não um pé (?),
De (?) seu doente . . . foi consumido com gemidos (?)] por (?) seus filhos (?), Coração angustiado, [abalado (?)] com lamentos,
O estudioso morreu em Nippur (de ferimentos recebidos) em um ataque (?).
Este assunto chegou ao filho em uma viagem distante,
Como um filho que não havia sido separado (?) do pai,
Devolveu (?) não a veste (?) que lhe fora enviada (?),
O filho derramou lágrimas, atirou-se ao pó, profere para ele um "hino de canção", Ludingirra de seu coração ardente (?) escreve um lamento:
"Ó pai, que morreu num ataque (?),
Ó Nanna, que pelo mal planejado contra ele, foi levada para o mundo das redes, Sua esposa – eis que antes (?) era sua esposa, (mas) agora é viúva – Rodas (?) sobre você como um turbilhão, . . . para alegria . . .
Como um . . . ela age por você, (sim) você – foi-se a razão dela,
Ela montou [um grito (de dor)] como se estivesse prestes a dar à luz,
Vira o . . . , [geme (?)] como uma vaca,
. . . emitiu um grito (de dor), derrama lágrimas,
Encobriu o seu (?) . . . , e (?) tomou (?) o que é justo (?),
. . . na escuridão (?) . . . ,
Quem reúne (?) . . . ,
Toca você, o (?) coração... é (?) pesado (?).

"Quem (?) . . . sobe (?) . . . ao amanhecer (?),
De entre os . . . que habitam em . . . , a lukur-sacerdotisa de Ninurta (?) do . . . atirou-se [ao pó (?)], Como um deus enlutado (?), ela . . .
Seus gritos (?) (de angústia) . . . malvado
No meio (?) do claustro (?) ela (?) . . . ,
Fez (?) o amplo (espalhado) [pe]ople (?) . . . grãos, água (?).
"A confusão (?) de (?) batalhas (?) a en-sacerdotisa de Nusku(?) . .
. . . lágrimas (?) por você (?), por você (?) . ,
. . . . ,
. . . do seu colo . . . ,

. . . . ,
. . . . ,
"Seus filhos [que (?)] foram tratados (?) como filhos do rei, o que quer que eles (?) comam...
O que quer que eles (?) bebam[k] . . . ,

Mel (e) ghee eles (?) . . . ,
A tabela eles (?) carregam (?) com (?) óleo (para) você,
As lágrimas que derramaram por ele são lágrimas piedosas (?),
Seu luto (?) por ele é (aquele) de amor (e) puro(s) coração(a),
Como grãos murchos eles . . .
Os birdlings retornam (?) . . . , criam (?) . . . . .
As noivas de (?) seus filhos, que disseram: 'Onde, (oh) onde ele está agora?' — Sobre eles caiu (?) o seu . . . ,
Em seu . . . foi silenciado (?) por você—
No colo dos (membros da) casa (segurar) (?) . . . Para você
Teu... sons doces . . . dormir...
Gostar.... Foi...
O... lamento por você (?) . . . não (?) cessa.

"Ó meu pai, [que] o teu coração [esteja em repouso],
Ó Nanna, [que] o teu espírito [se agradar],
O ens (e) ensi's . . . ,
[Maio (?)] os que escaparam da mão da morte...
A mão da morte tem sido . . . em (?) seu (?) . . . , [ninguém] . . .
A morte é o favor (?) dos deuses, o lugar onde o destino é decretado.
Que sua descendência . . . seu joelho (?).
Suas filhas têm . . . para você em seu (?) . . . ,
Os anciãos de sua cidade [montaram (?)] luto (?) [para você],
As matronas da sua cidade têm . . . Para você
O escravo [por (?)] a mó . . . tem [derramado (?)] lágrimas por você,
A casa (hold) onde (?) ele (?) é colocado (?) . . . .
Ele tem . . . prata (?), adquiriu (?) grãos, multiplicou (?)] com posses.

"Que o filho mais velho [estabeleça (?)] para você o seu . . . fundações sólidas.
"O homem que te matou, [quem (?)] como quem . . . o coração . . .
Quem te agrediu (?), (sim) você, com força cruel –
A verdadeira (?) vingança pertence ao rei (?), ao pastor, ao seu deus (pessoal), O verdadeiro (?) conselho pertence a Utu— Aquele homem, [ma]se ele for um homem amaldiçoado, a morte [será a sua sorte], Seus ossos [não deixaram] ninguém [enterrar (?)],
Sua prole,. . . . , [pode] o seu nome [ser erradicado (?)],
Que suas posses sejam como voar (?) . . . Pardais (?) . . .
"Que o . . . do Land (?) . . .
Traga (?) o seu favor... palavras, que te façam contentar,
Ó Nanna, que seu espírito (?) se agrade, que seu coração esteja em repouso, Utu, o grande senhor (?) do Hades,
Depois de transformar os lugares escuros em luz, julgará seu caso (favoravelmente), Que Nanna decrete seu destino (favoravelmente) no "dia do sono",
[Maio] Nergal, o Enlil do mundo nether, . . . antes (?) dele (?),
Que os heróis comedores de pão (?) pronunciem o seu nome, . . . alimento [Maio] o . . . do mundo nether . . . compaixão...
Que (?) os bebedouros [saciem (?)] sua sede com água fresca, [Maio (?)] . . . , Em força [pode (?)] Gilgamesh... seu (?) coração (?),
[Maio] Nedu e Etana [sejam] seus aliados,
Os deuses do mundo nether [proferirão (?)] orações por você,
Que seu deus (pessoal) diga 'Basta!' Pode ele [decretar (?)] (favoravelmente) o seu destino, Que o deus da sua cidade... para você um . . . coração
Que ele [anule] para você (suas) promessas (?) e) Dívidas;
Que ele [apague] a culpa da casa (detenção) [das] contas (?),
[Que ele não traga a nada] o mal planejado contra você...
Que aqueles que você deixa para trás sejam felizes, [possam] . . .
Que o . . . tomar (?) . . . ,
Que os (bons) Espíritos (e) gênios [protejam (?)] seus . . . ,
Que os filhos que você gerou sejam escritos (?) para líderes [ip(?)],
Que (todas) suas filhas se casem,
Que sua esposa fique bem, que seus parentes se multipliquem,

Que a prosperidade (e)o bem-estar (?) os envolva dia sim, dia não,
Em seu . . . que a cerveja, o vinho (e todos) os bons azulejos nunca cessem, Que a invocação (?) da sua (?) casa (segurar) seja para sempre a invocação (?) do seu deus (pessoal) (?)!"

Segunda Elegia

Um dia mau [veio (?)] sobre a matrona em (?) dela (?) .
Sobre a bela senhora, a matrona bem favorecida, o mau-olhado [veio (?)], Ao ultrapassar (?) o ninho da ave a rede [caiu] (?),
A mãe fecunda, mãe de (muitas) crianças é [segurada (?) presa (?)] pela armadilha (?), A vaca de cor viada, a vaca selvagem fértil (?), [jaz (?) esmagada (?)] como um vaso gakkul, Nawirtum, a fértil (?) vaca selvagem [jaz (?) esmagada (?)] como um vaso gakkul, Aquela que (nunca) disse "estou doente!" não foi cuidada,
Quem não (nunca)... não . . . o lugar divino (?),
Como seu (?) lugar de descanso, seu (?) arremessado . . . não foi . . .

Nippur é enfeitado com nuvens (?), na cidade . . . ,
Sobre as multidões caiu um grito (?) de desgraça (?) .
. . . . ,
. . . . ,
Pena daquela cuja vida chegou ao fim os supera (?),
Ao ela ser (?) colocada (?) como uma estátua dourada eles (?) ficam angustiados (?) — Aquele que olha para ela, (como) não vai chorar (?)?
As mulheres chorando...
As melhores (?) canções dos bardos (?) de palavras doces
Transformam-se por toda parte em lamentos (e) gemidos (?).
Porque (?) . . . tinha sido devolvido (?), [eles (?) pronunciam (?)] como uma canção para ela, Porque (?) de seu pequeno . . .
O... pedra.... ,
Porque (?) no colo do marido (dela) os dias não se prolongaram, (e assim) o choro não cessou, Porque (?) do seu . . . Ninurta devolveu (?) não o grito alegre,
Porque (?) sua amada en-sacerdotisa não entrou no gipar,
A égua que havia sido escolhida (?) como (?) esposa (?) não é aceita (?) como sacrifício (?).
Porque (?) . . . foi posto fim (?) ao seu lado,
Ele (?) se eleva (?) em (?) grandeza (e (?)) favor, profere um lamento por ela, À sua (?) mãe que lhe dera à luz (?), ele . . Para ela,
Suas (?) ações (?), suas (?), ele faz para ela em (?) um . . . ,
Suas almas (?) surgiram antes (?) dela, seus corpos malignos (?) (?) (são (?)) aluguel (?) à parte (?), O seu (?) . ., os trabalhadores (?), (e (?)) parentes são . . . , o seu (?) . . . [são (?)] . . . .
Porque (?) . . . do joelho (?) . . . ,
Eles não (?) ficaram de pé...
(Todas) suas enfermeiras eram . . . ,
. . . . ,
Como homens enfurecidos, pedras... doente (?),
De sua (?) cidade a luz de cima... não aumentou (?).
Então [ela] se tornou o marido sozinho... ,
Em sua cidade, em Nippur, a cidade (?) . . . ,
Ludingirra, seu marido, todos al[um] .
Em sua cidade, em Nippur, a cidade (?) . . . ,
Aproximou-se dela com (?) sofrimento (?) coração (?) [em (?)] . . . , a grande morada, Eles (?) pegaram (?) sua (?) mão, seus (?) corações ficaram sobrecarregados (?), Dele... foi cortado (?) da alimentação, sua respiração foi sufocada (?), [gemidos (?)] como uma vaca que pronunciou, aquele que não tinha... -vestuário (?), O seu (?) . . . ele veste, chora diante dela:
"Ó onde está agora... Eu clamaria a você,
Onde estão agora (a deusa) Meme (e) os gênios, os sedutores (?)! Eu clamaria a você, Onde está agora a boca [comely (?)] (?), a boca atraente (?) (?), a boca graciosa (?)! Eu clamaria a você, Onde está agora a minha atraente (?) arma (?), a gloriosamente (?) algazarra (?)! Eu clamaria a você, Onde está agora o que ilumina o rosto (?), meu conselho principesco! Eu clamaria a você, Onde agora está o meu... , meu precioso brilhante! Eu clamaria a você, Onde estão agora as minhas doces canções que alegram o coração! Eu clamaria a você, Onde está agora a minha atraente (?) arma (?), a aljava dourada que ilumina o espírito! Eu clamaria a você, Onde estão agora as minhas danças, 'levantando as mãos', (e) brincando (?)! Eu gritaria para você.

"Que seu modo (de vida) não pereça (de memória), que seu nome seja pronunciado (nos próximos dias), Que a culpa da sua casa (porão) seja apagada, que suas dívidas sejam anuladas, Que seu marido fique bem, que ele se dê bem como (ambos) homem de valor (e) mais velho (?), Que o destino de seus filhos seja propício, que o bem-estar esteja reservado para eles, Que sua casa (segurar) se mova para o primeiro plano, que seu futuro seja amplo, Que Utu traga para vocês a luz do mundo — aquele que...

Que Ninkurra . . . por (?) você, que ela te eleve alto,

Porque a tempestade amarga se voltou (?) contra você, o horizonte pode virá-la (?) de volta (?), O demônio que trouxe sua mão contra você – que uma maldição cruel seja proferida (?) contra ele, Porque a bondosa matrona jaz como um boi em seu esplendor (?) —[bit]ter é o lamento para você!"

A historiografia, como já havia sido observado anteriormente neste livro, não era uma forma literária favorita entre os homens de letras sumérios, e as composições prestes a serem listadas podem ser designadas como "historiográficas" apenas estendendo generosamente o significado aceito da palavra. A mais longa e mais bem preservada das composições "historiográficas" sumérias é "A Maldição de Agade: O Vingador Ekur", que tenta explicar a destruição catastrófica da cidade pelas hordas bárbaras de Gutian (ver páginas 62–66). Outro documento historiográfico bem preservado gira em torno da derrota desses mesmos gutianos pelo "salvador" da Suméria, Utuhegal. Um terceiro e bastante breve, mas historicamente bastante significativo, documento diz respeito principalmente às sucessivas restaurações do Tummal, o santuário de Ninlil na cidade de Nippur (ver páginas 46–49). Há também tábuas e fragmentos que indicam que uma série de contos lendários existiram sobre Sargão, o Grande e seus feitos, particularmente aqueles relacionados a seus contemporâneos Ur-Zababa e Lugalzaggesi; mas ainda não foi recuperado o suficiente desse material para nos fornecer uma imagem clara de seu conteúdo. Finalmente, há a composição relacionada com a vida de Ur-Nammu no mundo das redes, que pode ter sido historiograficamente motivada (ver páginas 130-31).

O último grupo de documentos literários sumérios a ser considerado neste capítulo são as composições de "sabedoria", consistindo de disputas, ensaios longos e curtos, e coleções de preceitos e provérbios. A disputa, uma das favoritas entre os homens de letras sumérios, é o protótipo e antecessor do gênero literário conhecido como "tenson", que era popular na Europa no final da Antiguidade e na Idade Média. Seu principal componente é um debate, uma batalha de palavras, entre dois protagonistas opostos geralmente personificando um par de animais, plantas, minerais, ocupações, estações do ano ou mesmo ferramentas e implementos artificiais. A discussão, que vai e volta várias vezes entre os dois rivais, consiste principalmente em "falar para cima" em termos mais lisonjeiros o próprio valor e importância e em "falar para baixo" os do adversário. Tudo isso está escrito em forma poética, no entanto, já que os homens de letras sumérios eram os herdeiros diretos dos menestréis analfabetos de tempos muito anteriores, e a poesia chegava a eles mais naturalmente do que a prosa. A composição da disputa era muitas vezes completada formalmente com uma introdução mitológica apropriada que falava da criação dos protagonistas e com um final apropriado em que a disputa era resolvida em favor de um ou outro dos rivais por decisão divina.

A partir de hoje, sete dessas disputas são conhecidas: (1) "A disputa entre o verão e o inverno", (2) "A disputa entre o gado e o grão", (3) "A disputa entre o pássaro e o peixe", (4) "A disputa entre a árvore e o junco", (5) "A disputa entre a prata e o cobre

poderoso", (6) "A disputa entre a picareta e o arado, " e (7) "A disputa entre a mó e a pedra da gaivota". Com exceção do sobrenome, essas composições variam em tamanho de cerca de duzentas a pouco mais de trezentas linhas. Os dois maiores e mais bem preservados são "A Disputa entre Verão e Inverno" e "A Disputa entre Gado e Grãos"; O esboço seguinte de seu conteúdo ilustrará o estilo e a estrutura, o tom e o sabor do gênero como um todo.

"A Disputa entre o Verão e o Inverno" começa com uma introdução mitológica que nos informa que Enlil, a divindade líder do panteão sumério, estabeleceu sua mente para produzir todos os tipos de árvores e grãos e estabelecer abundância e prosperidade na terra. Para isso, são criados dois seres semidivinos, os irmãos Emesh, "Verão", e Enten, "Inverno", e Enlil atribui a cada um seus deveres específicos, que eles executaram assim: Enten fez a ovelha dar à luz o cordeiro, o bode para dar à luz o cabrito, Vaca e bezerro para multiplicar, gordura e leite para aumentar,

Na planície alegrava o coração da cabra selvagem, das ovelhas e do burro, Os pássaros do céu — na terra larga ele os fez montar seus ninhos,
Os peixes do mar – no freio de cana ele os fez botar seus ovos,
No palmeiral e na vinha fazia abundar mel e vinho,
As árvores, onde quer que fossem plantadas, ele fazia frutificar,
Os jardins que ele decorava de verde, tornavam suas plantas luxuriantes, Fez aumento de grão nos sulcos,
Como Ashnan (a deusa-grão), a gentil empregada, ele a fez sair robustamente.
Emesh fez nascer as árvores e os campos, fez largas as baias e os apriscos das ovelhas, Nas fazendas multiplicava os produtos, enfeitava a terra... ,
Fez com que a colheita abundante fosse trazida para dentro das casas, os celeiros fossem amontoados altos, Cidades e habitações a fundar, casas a construir no terreno,
Templos para subir montanha alta.

Cumprida a missão, os dois irmãos decidem vir a Nippur para a "casa da vida" e levar ofertas de agradecimento ao pai Enlil. Emesh traz diversos animais selvagens e domésticos, pássaros e plantas como seu presente, enquanto Enten escolhe metais preciosos e pedras, árvores e peixes como sua oferta. Mas na porta da "casa da vida", o ciumento Enten começa uma briga com o irmão. Os argumentos vão e voltam entre eles e, finalmente, Emesh contesta a reivindicação de Enten para a posição de "fazendeiro dos deuses". E assim eles se dirigem ao grande templo de Enlil, o Ekur, e cada um declara seu caso. Assim, Enten reclama com Enlil: Padre Enlil, você me deu o encargo dos canais,

Eu trouxe a água da abundância,
Fazenda eu fiz tocar fazenda, amontoei alto os celeiros,
Fiz aumento de grão nos sulcos,
Como Ashnan, a bondosa empregada, eu a fiz sair firme,
Agora Emesh, o . . . , que não tem compreensão para os campos,
Mexeu com . . . braço e . . . ombro
No palácio do rei...

A versão de Emesh da briga, que começa com várias frases lisonjeiras astuciosamente direcionadas para ganhar o favor de Enlil, é breve, mas ainda ininteligível. Então Enlil responde Emesh e Enten,

"As águas produtoras de vida de todas as terras, Enten é responsável por elas.
Fanner dos deuses – ele produz tudo,
Emesh, meu filho, como você se compara com seu irmão Enten!"

A palavra exaltada de Enlil, com significado profundo,
Cujo veredicto é inalterável, quem ousa transgredi-lo!
Emesh dobrou o joelho diante de Enten, ofereceu-lhe uma oração,
Em sua casa trouxe néctar, vinho e cerveja,
Comiam-se com néctar, vinho e cerveja aplaudindo o coração,
Emesh apresenta Enten com ouro, prata e lápis-lazúli,
Na fraternidade e no companheirismo, derramam alegres libações...

No litígio entre a Emesh e a Enten,
Enten, o fiel fazendeiro dos deuses, tendo provado ser o vencedor sobre Emesh, . . . Padre Enlil, louvado!

Em "A Disputa entre Gado e Grãos", as duas protagonistas são a deusa-gado, Lahar, e sua irmã, a deusa-grão, Ashnan. Esses dois, de acordo com nosso mito, foram criados na câmara de criação dos deuses para que os Anunnaki, os filhos do deus-céu, An, pudessem ter comida para comer e roupas para vestir. Mas os Anunnaki foram incapazes de fazer uso efetivo de gado e grãos até que o homem fosse criado. Tudo isso é contado em uma passagem introdutória que diz: Depois na montanha do céu e da terra,

Um (o deus-céu) fez nascer os Anunnaki (seus seguidores),
Porque o nome Ashnan não tinha nascido, não tinha sido moldado,
Porque Uttu (a deusa do vestuário) não tinha sido moldada,
Porque para Uttu nenhum temenos tinha sido criado,
Não havia ovelha, nenhum cordeiro era largado,
Não havia cabra, nenhuma criança foi largada,
A ovelha não deu à luz seus dois cordeiros,
A cabra não deu à luz seus três filhos,
Porque o nome de Ashnan, o sábio, e Lahar,
Os Anunnaki, os grandes deuses, não sabiam,
O grão de trinta dias não existia,
O grão de quarenta dias não existia,
Os pequenos grãos, o grão da montanha, o grão dos seres vivos puros não existiam.
Porque Uttu não tinha nascido, porque a coroa (da vegetação) não tinha sido levantada, Porque o senhor... não nasceram,
Porque Sumugan, o deus da planície, não tinha saído,
Como a humanidade quando criada pela primeira vez,
Eles (os Anunnaki) não sabiam comer pão,
Não conhecia o vestir de roupas,
Comia plantas com a boca como ovelhas,
Bebia água da vala.

Naqueles dias, na câmara de criação dos deuses,
Em sua casa Duku, Lahar e Ashnan foram moldados;
Os produtos de Lahar e Ashnan,
Os Anunnaki do Duku comem, mas permanecem não saciados;
Em seus puros rebanhos de ovelhas, o bom,
Os Anunnaki do Duku bebem, mas permanecem sem saciação;
Por causa de seus puros rebanhos de ovelhas, os bons,
O homem recebeu fôlego.

A passagem seguinte à introdução descreve a descida de Lahar e Ashnan do céu para a terra e os benefícios culturais que eles concedem à humanidade: Naqueles dias, Enki diz a Enlil:

"Padre Enlil, Lahar e Ashnan,
Eles que foram criados no Duku,
Vamos fazer com que eles desçam do Duku".

Na pura palavra de Enki e Enlil,

Lahar e Ashnan descendem do Duku,
Para Lahar, eles (Enlil e Enki) montaram o aprisco das ovelhas,
Plantas e ervas em abundância apresentam-lhe.

Para Ashnan eles estabelecem uma casa,
Arado e jugo apresentam-lhe.
Lahar de pé em seu aprisco de ovelhas,
Uma pastora que aumenta a recompensa do aprisco das ovelhas é ela;
Ashnan de pé entre as colheitas,
Uma empregada gentil e abundante é ela.

Abundância que vem do céu,
Lahar e Ashnan fizeram aparecer (na terra),
Na assembleia trouxeram abundância,
Na terra trouxeram o sopro da vida,
O eu do deus que eles dirigem,
O conteúdo dos armazéns que eles multiplicam,
Os armazéns enchem-se.

Na casa dos pobres, abraçando o pó,
Entrando trazem abundância;
A dupla, onde quer que estejam,
Traga aumento pesado para dentro de casa;
O lugar onde eles estão eles sentam, o lugar onde eles se sentam eles fornecem, Eles fizeram bem o coração de An e Enlil.

Mas então Lahar e Ashnan beberam muito vinho, e então começaram a brigar nas fazendas e campos. Nas discussões que se seguiram, cada divindade exaltou suas próprias conquistas e menosprezou as da outra. Finalmente, Enlil e Enki intervieram e declararam Ashnan o vencedor.

Há quatro composições do tipo disputa que, de uma forma ou de outra, dizem respeito à escola suméria e seus funcionários e graduados. Dois deles, "A disputa entre Enkimansi e Girnishag" e "O colóquio entre um ugula e um escriba", são tratados em detalhes no capítulo sobre educação (capítulo vi). A estes podem agora juntar-se "A Disputa entre Enkita e Enkihegal" e "A Disputa entre Dois Licenciados".

A "Disputa entre Enkita e Enkihegal", que consiste em cerca de duzentas e cinquenta linhas, começa com a surpreendente afirmação, "Companheiros, hoje não trabalhamos", e continua com uma série de cerca de vinte parágrafos, a maioria dos quais de quatro a cinco linhas, repletos de insultos e provocações lançados pelos dois protagonistas um contra o outro. Aqui, por exemplo, encontramos um dizendo ao outro causticamente: Onde está ele, onde está ele (esse sujeito), que compara seu pedigree ao meu pedigree! Nem do lado feminino nem do lado masculino ele pode comparar seu pedigree com o meu pedigree. Nem do lado do senhor nem do lado do escravo o seu pedigree é como o meu.
Ao que o outro responde:

Espere agora, não se gaba, você não tem futuro.

o que só coloca lenha na fogueira:

O que você quer dizer que eu não tenho futuro! Meu futuro é tão bom quanto o seu futuro. Tanto do ponto de vista da riqueza, quanto do pedigree, meu futuro é tão bom quanto o seu futuro.

Ou pegue este parágrafo acrimonioso em que um provoca o outro como um sujeito muito pouco musical: Você tem uma harpa, mas não conhece música,

Você que é o "menino da água" dos (seus) colegas,
(Sua) garganta (?) não pode soar uma nota,
Você gagueja (seu) sumério, não pode fazer um discurso reto,
Não pode cantar um hino, não pode abrir (sua) boca,
E você é um sujeito realizado!

Finalmente, depois que um dos antagonistas lançou críticas sobre os membros da família de seu oponente, eles decidiram ir para sua "cidade" e fazer com que seus colegas decidissem entre eles. Mas, se bem entendi o texto um tanto obscuro e ambíguo neste ponto, eles foram aconselhados a ir para a ugula, "o supervisor (?)", na edubba, e ele, o ugula, decidiu que ambos eram culpados e os repreendeu por perderem seu tempo em brigas e disputas.

"A Disputa entre os Dois Formandos da Escola" é uma composição de cerca de cento e quarenta linhas que começa com um discurso altamente arrogante de um dos protagonistas introduzido pela frase "Velho graduado, venha, vamos debater". O rival responde de acordo, e os insultos voam de um lado para o outro até o final da composição, que se encerra com uma explosão vituperativa de um dos antagonistas composta por vinte e oito linhas cheias de abuso vitrólico.

Finalmente, há uma disputa entre duas senhoras sem nome (não está escrito no dialeto sumério principal, mas no Emesal, o dialeto ordinariamente reservado nos textos literários sumérios para a fêmea da espécie) que é tão vituperativa e venenosa quanto aquela entre os alunos rivais. A composição é composta por mais de duzentas linhas divididas em cerca de vinte e cinco parágrafos que são repletos de provocações ridículas e zombarias sarcásticas e esdrúxulas.

Ao contrário da composição do tipo disputa, o ensaio parece ter encontrado pouco favor entre os homens de letras sumérios; Atualmente, pelo menos, temos poucas composições que poderiam ser classificadas como ensaios. Há o documento poético de Jó sobre o sofrimento e a submissão humana (ver páginas 126–29); dois ensaios, em parte em forma de diálogo, sobre a vida na edubba e o valor da educação (ambos tratados em detalhe no capítulo VI); e um breve ensaio inscrito em uma tábua na Coleção Hilprecht em Jena, que parece descrever um homem mau e odiado chamado Tani, que praticava violência, odiava a justiça e a verdade, era arbitrário na assembleia e, de fato, agia abominavelmente ao redor. Há também, talvez, uma série de ensaios muito breves ou em miniatura sobre vários assuntos, mas no momento pouco pode ser dito sobre a verdadeira natureza de seu conteúdo.

Há três coleções sumérias de preceitos e instruções: "O Almanaque dos Agricultores" (ver páginas 340–42), "As Instruções de Shuruppak a Seu Filho Ziusudra", que consiste em admoestações práticas para um comportamento sábio e eficaz, e uma terceira, que parece consistir em admoestações morais e éticas, embora seja apenas fragmentariamente preservada. O segundo deles, "As Instruções de Shuruppak a Seu Filho Ziusudra", é bastante interessante por causa de seu dispositivo estilístico de atribuir coleções de sabedoria inteira a governantes presumivelmente muito sábios do passado distante, uma característica do Livro Bíblico de Provérbios. Pois, embora esses preceitos tenham sido provavelmente compilados por volta de 2000 a.C., eles foram atribuídos ao rei Shuruppak, que era o pai de Ziusudra, o sumério Noé, evidentemente um candidato adequado para a

posição de sábio por excelência. O sabor bíblico dessa composição é evidente até mesmo em suas linhas iniciais, que dizem em parte: Shuruppak deu instruções a seu filho,

Shuruppak, filho de Ubartutu,
Deu instruções a seu filho Ziusudra:

"Meu filho, eu te instruiria, tomasse minha instrução,
Ziusudra, eu proferiria uma palavra a você, dê atenção a ela;
Não negligencieis a minha instrução,
Não transgrida a palavra que proferi,
A instrução do pai, a preciosa, cumpre diligentemente".

E assim chegamos ao último tipo de composição do gênero sabedoria, o provérbio. O total de material existente do provérbio sumério consiste em cerca de setecentas tábuas e fragmentos, a grande maioria dos quais não foi identificada até 1953. Uma boa parte das tábuas continha originalmente coleções inteiras de provérbios ou extensos trechos de tais coleções. O resto eram tabuletas de prática escolar contendo trechos muito curtos das coleções ou, muitas vezes, apenas um único provérbio. Edmund Gordon, meu ex-aluno e assistente, estudou cuidadosamente todo o material de provérbios existente; ele conclui que os antigos escribas sumérios produziram pelo menos quinze a vinte diferentes compilações de provérbios padrão, das quais cerca de dez a doze agora podem ser reconstruídas em grande parte. Estes contêm mais de mil provérbios entre eles. Em cerca de metade das coleções, os provérbios foram dispostos em grupos de acordo com os sinais iniciais. Nos outros, os provérbios não foram organizados em agrupamentos baseados em palavras-chave e, embora provérbios com assunto semelhante ocasionalmente apareçam lado a lado, o critério para a ordem de arranjo não é aparente. Seja como for, os provérbios sumérios revelam uma avaliação aguçada, se não sempre lisonjeira, da cena humana e das pulsões e motivos, das esperanças e anseios, e dos paradoxos e contradições que a permeiam. Aqui estão agora alguns dos provérbios mais inteligíveis traduzidos em grande parte por Edmund Gordon: 1 Deixe o que é meu ficar sem uso; mas deixe-me usar o que é seu – isso vai (dificilmente) encantar um homem para a casa de seus amigos.

2 Você não me diz o que encontrou; você só conta o que perdeu.

3 As posses são pardais em voo que não encontram lugar para descer.

4 Não escolha agora; mais tarde dará frutos.

5 Quem come muito não consegue dormir.

6 Não é o coração que leva à inimizade; é a língua que leva à inimizade.

7 Conte uma mentira; então, se você disser a verdade, será considerado mentira.

8 De boca aberta, entra uma mosca.

9 O viajante de lugares distantes é um mentiroso perene.

10 Construa como um senhor — viva como um escravo; Construa como um escravo — viva como um senhor.

11 Mão na mão — constrói-se a casa de um homem; De estômago a estômago – a casa de um homem é destruída.

12 Mal alimentado — grandiosamente vivo!

13 Ao caminhar, venha agora, mantenha os pés no chão.

14 A amizade dura um dia; O parentesco dura para sempre.

15 Quem tem muita prata pode ser feliz;

quem tem muito grão pode ficar contente;
mas quem não tem nada pode dormir.
16 Uma palavra doce é amiga de todos.
17 Um coração amoroso constrói o lar;
Um coração odioso destrói o lar.
18 A cantina do deserto é a vida de um homem;
o sapato é o olho de um homem;
a esposa é o futuro do homem;
o filho é o refúgio do homem;
a filha é a salvação do homem;
A nora é o diabo de um homem.
19 Casar com uma esposa de acordo com sua escolha;
Tenha um filho como seu coração deseja.
20 Um "delinquente", sua mãe nunca deveria tê-lo dado à luz, seu deus nunca deveria tê-lo moldado.
21 Um escriba que não conhece sumério, que tipo de escriba é?
22 Um escriba cuja mão se move tão rápido quanto a boca, isso é um escriba para você.
23 Um cantor cuja voz não é doce é um cantor pobre de fato.
24 Em uma cidade sem cães (de guarda), a raposa é a feitora.
25 A raposa pisou sobre o casco do boi selvagem, dizendo: Não doeu?
26 Um gato – por seus pensamentos!
Um mangusto – por seus feitos!

Em conclusão, devemos dizer apenas uma palavra sobre os antigos catálogos literários sumérios que se desenvolveram, sem dúvida, a partir da necessidade de manusear, armazenar e registrar os milhares de tábuas de variadas formas e tamanhos que foram inscritas com centenas de composições literárias. A partir de hoje, sete catálogos que datam do segundo milênio a.C. foram desenterrados e agora estão localizados da seguinte forma: um no Museu do Iraque, em Bagdá; um no Louvre; um no Museu Universitário da Universidade da Pensilvânia; um no Museu de Berlim; dois na Coleção Hilprecht, na Universidade Friedrich-Schiller, em Jena; e um temporariamente no Museu Britânico. Ao todo, esses sete catálogos listam os títulos de mais de duzentas composições sumérias, ou "livros", o título geralmente consistindo na primeira parte da primeira linha. Dois dos catálogos restringem suas listagens a hinos. Os cinco restantes não são tão limitados, mas contêm os títulos de vários tipos de composições. Os princípios que nortearam seus escritores não são de modo algum claros; a priori, era de se esperar que a natureza do conteúdo das composições fosse o critério determinante, mas isso raramente acontece. Um dos catálogos, que está no Museu do Iraque, afirma especificamente que é uma lista de comprimidos montados em certos recipientes, e isso pode ser verdade para vários dos outros catálogos.

Apenas recentemente, um oitavo catálogo literário de um tipo bastante diferente dos outros sete foi identificado pelos editores do Dicionário Assírio do Instituto Oriental da Universidade de Chicago, que também traduziram algumas linhas dele. Este texto é de particular importância, uma vez que, a julgar pelo roteiro, ele data da Terceira Dinastia de Ur, um período do qual quase nenhum documento literário foi recuperado até hoje. Infelizmente, o texto, só porque não tem paralelos posteriores, é

muito difícil de interpretar, e a tradução a seguir, que deve muito ao meu ex-assistente Miguel Civil, deve ser tomada como um esforço pioneiro e preliminar: Da tábua inicial (da composição intitulada) "Enki Subiu ao Refeitório" para (a tábua começando com as palavras) "Zênite do Céu" (são as quatro tábuas a seguir começando com as palavras): Quem conhece os eclipses, a mãe daquele que conhece os encantamentos,

No freio de cana balançando,
O... deuses da batalha,
Os gêmeos inimitáveis e lutadores;

(Todas essas tábuas estão inscritas com) seções consecutivas de (a composição intitulada) "Enki Subiu ao Refeitório" (e são encontradas) dentro de um "poço".

Da tábua inicial (da composição intitulada) "O Deus Lilia" para (a tábua começando com as palavras) "O . . . da viagem são sete" (são as três tábuas seguintes começando com as palavras): Nos sete... Fiz entrar,

Que o jovem tenha os (seus) braços presos,
O... dos grandes . . .

(Todas essas tábuas estão inscritas com) seções consecutivas de (a composição intitulada) "O Deus Lilia" (e são encontradas) dentro de um "poço".

(Quanto à composição intitulada) "Os Pés do Homem de Palavras Confiáveis Que...", (as tábuas inscritas com) suas seções consecutivas não foram encontradas.

(As tábuas inscritas com) as seções consecutivas de (a composição intitulada) "Quem sai contra a cidade inimiga ".

Não é impossível que este catálogo específico tenha sido preparado para listar as tábuas recuperadas de poços, onde podem ter sido escondidas por uma razão ou outra; A afirmação perto do final de que uma das composições não foi encontrada, se a renderização estiver correta, parece corroborar essa suposição. Quanto às duas últimas linhas, estas parecem ter ficado penduradas no ar, e não há como saber o que os antigos escribas queriam dizer com essa notação.

CAPÍTULO VI
EDUCAÇÃO: A Escola Suméria

Do ponto de vista da história da civilização, as conquistas supremas da Suméria foram o desenvolvimento do sistema cuneiforme de escrita e do sistema formal de educação, que foi sua consequência direta. Não é exagero dizer que, se não fosse a inventividade e a perseverança dos especialistas e professores sumérios anônimos e praticamente orientados que viveram no início do terceiro milênio a.C., é pouco provável que as conquistas intelectuais e científicas dos dias modernos tivessem sido possíveis; foi da Suméria que a escrita e o aprendizado se espalharam pelo mundo. É certo que os inventores dos primeiros signos sumérios, os pictogramas, dificilmente poderiam ter antecipado o sistema de escolarização tal como ele se desenvolveu nos dias posteriores. Mas mesmo entre os mais antigos documentos escritos conhecidos - aqueles encontrados em Erech - consistindo de mais de mil pequenas tábuas pictográficas de argila inscritas principalmente com pedaços de memorandos econômicos e administrativos, há vários que contêm listas de palavras destinadas ao estudo e à prática; ou seja, já em 3000 a.C., alguns escribas já pensavam em termos de ensino e aprendizagem. O progresso foi lento nos séculos que se seguiram; mas em meados do terceiro milênio a.C., deve ter havido um número de escolas em toda a Suméria onde a escrita era ensinada formalmente. Na antiga Shuruppak, a cidade natal do sumério Noé, um grande número de "livros didáticos" escolares que datam de cerca de 2500 a.C. foram escavados há cerca de cinquenta anos, consistindo em listas de deuses, animais, artefatos e uma variedade variada de palavras e frases.

No entanto, foi no decorrer da última metade do terceiro milênio que o sistema escolar sumério amadureceu e floresceu. Deste período, dezenas de milhares de tábuas de argila já foram escavadas, e não há dúvida de que centenas de milhares de outras estão enterradas no solo à espera da futura escavadora. A grande maioria tem caráter administrativo e abrange todas as fases da vida econômica suméria. Deles aprendemos que o número de escribas que praticaram seu ofício ao longo desses anos chegou aos milhares; Havia escribas juniores e "altos" escribas, escribas reais e do templo, escribas altamente especializados para categorias particulares de atividades administrativas e escribas que se tornaram funcionários líderes no estado e no governo. Há todas as razões para supor, portanto, que numerosas escolas de escribas de tamanho e importância consideráveis floresceram em toda a terra.

Mas nenhuma dessas primeiras tábuas trata diretamente do sistema escolar sumério, sua organização e método de funcionamento. Para esse tipo de informação, devemos ir até a primeira metade do segundo milênio a.C. A partir deste período posterior, escavadores descobriram centenas de tábuas de prática cheias de todos os tipos de exercícios preparados pelos próprios alunos como parte de seus trabalhos escolares diários; Seu roteiro vai desde os tristes arranhões do "aluno da primeira série" até os sinais elegantemente feitos do aluno avançado prestes a se tornar um

"graduado". A título de inferência, esses antigos copybooks não nos dizem um pouco sobre o método de ensino vigente na escola suméria e sobre a natureza do currículo. Melhor ainda, os próprios antigos professores e professoras gostavam de escrever sobre a vida escolar, e vários de seus ensaios sobre esse assunto foram recuperados, pelo menos em parte. De todas essas fontes obtemos uma imagem da escola suméria, seus objetivos e metas, seus alunos e professores, seu currículo e técnicas de ensino, o que é bastante único para um período tão precoce na história do homem.

A escola suméria era conhecida como edubba, "casa de tablet". Seu objetivo original era o que chamaríamos de "profissional", ou seja, foi estabelecido inicialmente com o propósito de treinar os escribas necessários para satisfazer as necessidades econômicas e administrativas da terra, principalmente, é claro, as do templo e do palácio. Este continuou a ser o principal objetivo da escola suméria ao longo de sua existência. No entanto, no curso de seu crescimento e desenvolvimento, e particularmente como resultado do currículo cada vez mais amplo, ele passou a ser o centro da cultura e do aprendizado na Suméria. Dentro de seus muros floresceu o cientista-erudito, o homem que estudou qualquer conhecimento teológico, botânico, zoölógico, geográfico, matemático, gramatical e linguístico que era atual em sua época e que, em alguns casos, acrescentou a esse conhecimento.

Além disso, ao contrário das instituições de ensino atuais, a escola suméria também era o centro do que poderia ser chamado de escrita criativa. Era aqui que as criações literárias do passado eram estudadas e copiadas; Foi aqui, também, que novos foram compostos. Embora seja verdade, portanto, que a grande maioria dos graduados das escolas sumérias se tornaram escribas a serviço do templo e do palácio e entre os ricos e poderosos da terra, houve alguns que dedicaram suas vidas ao ensino e ao aprendizado. Como o professor universitário de hoje, muitos desses antigos estudiosos dependiam para seu sustento de seus salários de ensino e se dedicavam à pesquisa e à escrita em seu tempo livre. A escola suméria, que provavelmente começou como um apêndice do templo, tornou-se com o tempo uma instituição secular; Os professores eram pagos, até onde se vê, das mensalidades cobradas dos alunos. O currículo também era em grande parte de caráter secular.

A educação não era, evidentemente, nem universal nem obrigatória. A maior parte dos alunos vinha das famílias mais abastadas; os pobres mal podiam arcar com os custos e o tempo que uma educação prolongada exigia. Até há pouco tempo, isso era assumido a priori como sendo o caso. Mas há cerca de uma década, um cuneiformista luxemburguês chamado Nikolaus Schneider provou-o engenhosamente a partir de fontes contemporâneas. Nos milhares de documentos econômicos e administrativos publicados por volta de 2000 a.C., cerca de quinhentos indivíduos se listam como escribas e, para maior identificação, muitos deles adicionam os nomes de seus pais e suas ocupações. Schneider compilou uma lista desses dados e descobriu que os pais dos escribas, isto é, dos graduados da escola, eram governadores, "pais da cidade", embaixadores, administradores de templos, oficiais militares, capitães de mar, altos funcionários fiscais, padres de vários tipos, gerentes, supervisores, capatazes, escribas, arquivistas e contadores – em suma, todos os cidadãos mais ricos de uma comunidade urbana. Apenas uma

única mulher é listada como escriba nesses documentos, e a probabilidade é, portanto, que o corpo discente da escola suméria consistia apenas de homens.

O chefe da escola suméria era o ummia, "especialista", "professor", que também era chamado de "pai-escola", enquanto o aluno era chamado de "filho-escola" e o ex-aluno "o filho-escola de dias passados". O professor assistente era conhecido como "irmão mais velho", e algumas de suas funções eram escrever as novas tábuas para os alunos copiarem, examinarem as cópias dos alunos e ouvi-los recitar seus estudos de memória. Outros membros da faculdade eram, por exemplo, "o homem encarregado do desenho" e "o homem encarregado do sumério". Havia também monitores responsáveis pelo atendimento e fiscais especiais responsáveis pela disciplina. Não sabemos nada sobre a patente relativa do pessoal da escola, exceto, é claro, que o diretor era o "pai-escola".

Se nos voltarmos agora para o currículo da escola suméria, temos à nossa disposição uma riqueza de dados das próprias escolas, o que é realmente único na história do homem primitivo. Pois, neste caso, não há necessidade de depender das afirmações feitas pelos antigos ou da inferência de informações dispersas; temos os próprios produtos escritos dos próprios alunos, desde as primeiras tentativas do iniciante até as cópias do aluno avançado, que eram tão bem preparadas que dificilmente se distinguiam das do professor. É a partir desses produtos escolares que percebemos que o currículo da escola suméria consistia em dois grupos primários; o primeiro pode ser descrito como semicientífico e erudito e o segundo como literário e criativo.

Ao considerar o primeiro grupo, ou semicientífico, de assuntos, é importante ressaltar que ele não decorreu do que podemos chamar de impulso científico, a busca da verdade pela verdade; em vez disso, cresceu e desenvolveu-se a partir do objetivo principal da escola, que era ensinar o escriba a escrever a língua suméria. Pois, para satisfazer essa necessidade pedagógica, os professores escribas sumérios conceberam um sistema de instrução que consistia principalmente na classificação linguística; isto é, classificavam a língua suméria em grupos de palavras e frases relacionadas e faziam com que os alunos memorizassem e copiassem até que pudessem reproduzi-las com facilidade. No decorrer do terceiro milênio a.C., esses livros didáticos tornaram-se cada vez mais completos e gradualmente se tornaram mais ou menos estereotipados e padrão para todas as escolas da Suméria. Entre eles encontramos longas listas de nomes de árvores e juncos, de todos os tipos de animais (incluindo insetos e pássaros), de países, cidades e aldeias, e de todos os tipos de pedras e minerais. Em suma, essas compilações mostram um considerável conhecimento do que se poderia chamar de folclore botânico, zoológico, geográfico e mineralógico, fato que só agora começa a ser percebido pelos historiadores da ciência.

Nossos alunos também prepararam todos os tipos de tabelas matemáticas e muitos problemas matemáticos detalhados juntamente com suas soluções. E no campo da linguística, encontramos o estudo da gramática suméria bem representado; Alguns dos tablets escolares estão inscritos com longas listas de complexos substantivos e formas verbais que indicam uma abordagem gramatical altamente sofisticada. Além

disso, como resultado da conquista gradual dos sumérios pelos acádios semitas no último quartel do terceiro milênio a.C., nossos antigos professores prepararam o que são, por todas as probabilidades, os dicionários mais antigos conhecidos pelo homem. Pois os conquistadores semíticos não apenas tomaram emprestada a escrita suméria; eles também valorizavam muito as obras literárias sumérias e as estudavam e imitavam muito depois que o sumério havia se extinguido como língua falada – daí a necessidade pedagógica de dicionários em que as palavras e frases sumérias fossem traduzidas para a língua acádia. (Ver Fig. 5.)

Quanto aos aspectos literários e criativos do currículo sumério, eles consistiam principalmente em estudar, copiar e imitar o grande e diversificado grupo de composições literárias que devem ter se originado e se desenvolvido principalmente na segunda metade do terceiro milênio a.C. O número dessas obras antigas chegava às centenas; eram quase todos poéticos em forma e variavam em comprimento de cerca de mil a menos de cinquenta linhas. Como recuperado até o momento, eles são vistos como consistindo no principal dos seguintes gêneros: mitos e contos épicos na forma de poemas narrativos celebrando os feitos e façanhas dos deuses e heróis sumérios; hinos a deuses e reis; lamentações, isto é, poemas lamentando a não rara destruição das cidades sumérias; composições de sabedoria, incluindo provérbios, fábulas e ensaios. Das cerca de cinco mil tábuas e fragmentos literários recuperados das ruínas da Suméria, não são poucos os que estão na mão imatura dos próprios antigos alunos.

Pouco se sabe ainda dos métodos e técnicas de ensino praticados na escola suméria. Pela manhã, ao chegar na escola, o aluno estudou o tablet que havia preparado no dia anterior. Depois disso, o "irmão mais velho", ou seja, o professor assistente, preparou um novo tablet, que o aluno passou a copiar e estudar. Tanto o "irmão mais velho" quanto o "pai de escola" examinavam suas cópias para ver se estavam corretas. A memorização, sem dúvida, teve um papel muito grande no trabalho do aluno. Depois, também, o professor e os assistentes devem ter complementado as listas, tabelas e textos literários que o aluno estava copiando e estudando com considerável material oral e explicativo. Mas essas "palestras", que sem dúvida seriam inestimáveis para nossa compreensão do pensamento científico, religioso e literário sumério, provavelmente nunca foram escritas e, portanto, estão perdidas para sempre.

Sumerian	Sign	Akkadian Translation	Meaning
i l - a r		ti-il-pa-nu	throwing stick
t a - a l		ru-up-šum	width
n a - g á		e-si-tum	mortar
g a - a z		pa-ḫa-su-um	to break into pieces
"		da-a-ku-um	to kill
n i n - d a		mi-i-rum	bull
"		pa-ar-si-ik-tum	a measure
"		it-tu-ú-um	funnel of a seed-plow

FIG. 5.—Extrato de um vocabulário sumero-acadiano

Embora a escola suméria não estivesse de forma alguma "contaminada" pelo que poderíamos chamar de educação progressiva, o currículo era pedagogicamente orientado, pelo menos até certo ponto. Assim, o neófito iniciou seus estudos com exercícios silábicos bastante elementares, como tu-ta-ti, nu-na-ni, bu-ba-bi, zu-za-zi, *etc.* Seguiu-se o estudo e a prática de uma lista de sinais de cerca de novecentos verbetes que davam sinais únicos juntamente com a sua pronúncia. Depois vieram listas contendo centenas de palavras que passaram a ser escritas, por uma razão ou outra, não por um sinal, mas por um grupo de dois ou mais sinais. Seguiram-se coletas contendo literalmente milhares de palavras e frases organizadas de acordo com o significado. Assim, no campo das "ciências naturais", havia listas das partes do corpo animal e humano, dos animais selvagens e domésticos, dos pássaros e peixes, das árvores e plantas, das pedras e estrelas. As listas de artefatos incluíam objetos de madeira – mais de mil e quinhentos itens que variavam de pedaços de madeira bruta a barcos e carruagens; objetos feitos de junco, pele, couro e metal; Diversos tipos de cerâmica, vestuário, alimentos e bebidas. Um grupo especial dessas listas tratava de nomes de lugares - terras, cidades e aldeias, bem como rios, canais e campos. Também foi incluída uma coleção das expressões mais comuns usadas em documentos administrativos e judiciais, bem como uma lista de cerca de

oitocentas palavras que denotam profissões, relações de parentesco, deformidades do corpo humano, *etc.*

Foi somente quando o aluno se familiarizou com a escrita do complexo vocabulário sumério que ele começou a copiar e memorizar frases curtas, provérbios e fábulas, e também coleções de contratos "modelo", sendo este último essencial para a redação de documentos jurídicos, que desempenharam um grande papel na vida econômica da Suméria. Junto com esse treinamento linguístico, o aluno também recebeu instrução em matemática, que assumiu a forma de estudar e copiar tabelas metrológicas, com a equivalência de medidas de capacidade, comprimento e peso, bem como multiplicação e tabelas recíprocas para fins computacionais. Mais tarde, o aluno foi colocado para resolver problemas práticos relacionados com salários, escavação de canais e obras de construção.

Na questão da disciplina – e como se verá adiante, a disciplina parece ter sido um grande problema na escola suméria – não havia poupação da vara. Enquanto os professores, sem dúvida, incentivavam seus alunos a fazer um bom trabalho por meio de elogios e elogios, eles dependiam principalmente da bengala para corrigir as falhas e inadequações do aluno. O aluno não teve vida fácil. Frequentava a escola diariamente do nascer ao pôr do sol; Ele deve ter tido algumas férias ao longo do ano, mas não temos informações sobre o assunto. Dedicou muitos anos aos estudos escolares; Permaneceu na escola desde a juventude até o dia em que se tornou jovem. Seria mais interessante saber se – e quando e em que medida – se esperava que os alunos se especializassem em um estudo ou outro. Mas neste ponto, como aliás em muitos outros assuntos relacionados com as actividades escolares, as nossas fontes falham-nos.

Para concluir, podemos dizer apenas uma palavra sobre o edifício da escola. No decurso de várias escavações mesopotâmicas, foram descobertos edifícios que, por uma razão ou outra, foram identificados como possíveis casas escolares; um em Nippur, outro em Sippar, e um terceiro em Ur. Mas, exceto pelo fato de que um grande número de comprimidos foi encontrado nos quartos, parece haver pouco para distingui-los dos cômodos comuns da casa, e a identificação pode estar errada. No entanto, há cerca de quinze anos, os franceses que escavaram a antiga Mari a oeste de Nippur descobriram duas salas que definitivamente parecem mostrar características físicas que podem ser características de uma sala de aula; Em particular, eles contêm várias fileiras de bancos feitos de tijolos cozidos, capazes de acomodar uma, duas e quatro pessoas.

Pode haver uma referência à forma do edifício da escola em um enigma enigmático que um antigo professor sumério inventou, que diz o seguinte:

(O que é:)
Uma casa que como o céu tem um arado,
Que como uma chaleira de cobre é coberta de pano,
Que como um ganso fica sobre uma base,
Aquele cujos olhos não estão abertos entra nele,
Aquele cujos olhos estão (arregalados) abertos sai dela?

Sua solução é: é a escola.

Enquanto a primeira parte deste enigma, que se encontra numa tábua ainda inédita escavada em Ur e copiada por Cyril J. Gadd, do Museu Britânico, é completamente obscura, as duas últimas linhas resumem sucintamente o propósito da escola; transformar o ignorante e o analfabeto em um homem de sabedoria e aprendizado.

Como já observado, temos à nossa disposição um grande número de ensaios relativos à educação que os próprios antigos escolares prepararam para a edificação de seus alunos, e estes dão uma imagem gráfica e vívida de vários aspectos da vida escolar, incluindo as inter-relações entre professores, alunos, pais e graduados. Seguem-se quatro dos ensaios mais bem preservados, que, a julgar pelo conteúdo, podem ser intitulados (1) "Dias escolares", (2) "Remadores escolares (A disputa entre Enkimansi e Girnishag)", (3) "Um escriba e seu filho perverso" e (4) "Colóquio entre uma úcula e um escriba".

O ensaio "Schooldays", que trata do dia-a-dia do estudante narrado por um "velho graduado" com alguns dos detalhes nostálgicos que o ex-aluno moderno relata em sua reunião de classe, é um dos documentos mais humanos escavados no antigo Oriente Próximo. Originalmente composta por um professor anônimo que viveu por volta de 2000 a.C., suas palavras simples e diretas revelam o quão pouco a natureza humana realmente mudou ao longo dos milênios. Encontramos nosso antigo aluno, não muito diferente de seu colega moderno, terrivelmente com medo de chegar atrasado à escola "para que seu professor não o cante". Quando acorda, apressa a mãe para preparar o almoço. Na escola ele se comporta mal e é agredido mais de uma vez pelo professor e seus auxiliares; temos certeza da renderização "enlatamento", já que o signo sumério consiste em "pau" e "carne". Quanto ao professor, seu salário parece ter sido tão escasso naquela época quanto agora; pelo menos, ele está feliz demais em ganhar um "pouco mais" dos pais para obter seus ganhos.

A composição, que foi, sem dúvida, a criação de uma das ummias na edubba, começa com uma pergunta direta a um antigo ex-aluno que diz: "Old Grad, para onde você foi (quando era jovem)?" Este último responde: "Fui para a escola". O professor-autor então pergunta: "O que você fez na escola?" Esta é a deixa para o antigo graduado relembrar suas atividades escolares assim:

Recitei meu tablet, comi meu almoço, preparei meu (novo) tablet, escrevi, terminei; então meus modelos de comprimidos foram trazidos para mim; e à tarde meus comprimidos de exercícios foram trazidos para mim. Quando a escola foi dispensada, fui para casa, entrei em casa e encontrei meu pai sentado lá. Expliquei (?) meus comprimidos de exercícios para meu pai, (?) recitei meu comprimido para ele, e ele ficou encantado, (tanto que) eu o atendi (com alegria).

O autor agora tem o estudante voltado para os empregados da casa (era evidentemente uma casa bastante abastada) com estas palavras:

Tenho sede, dá-me água para beber; Estou com fome, dá-me pão para comer; lavar os pés, arrumar a (minha) cama, quero dormir. Acorde-me de manhã cedo, não devo me atrasar para que meu professor não me cante.

Presumivelmente tudo isso foi feito, pois em seguida encontramos nosso aluno dizendo:

Quando levantei de madrugada, encarei minha mãe e disse a ela: "Me dê meu almoço, quero ir para a escola!" Minha mãe me deu dois rolos, e eu parti; minha mãe me deu dois rolos e eu fui para a escola. Na escola, o colega encarregado da pontualidade disse: "Por que você está atrasado?" Com medo e com o coração batendo, entrei diante da minha professora e fiz uma carícia respeitosa.

Mas, carrancudo ou não, foi um dia ruim para o nosso antigo aluno – pelo menos como o velho aluno se lembrava com bastante nostalgia – ele teve que tomar latas de vários membros da equipe da escola. Ou, nas palavras que o autor coloca na boca do ex-aluno:

> Meu diretor leu meu tablet, disse:
> "Falta alguma coisa", desabafou.
> (Seguem-se duas linhas ininteligíveis)
> O sujeito encarregado da arrumação (?) disse:
> "Você ficou na rua e não endireitou (?) suas roupas (?)", me enlatou.
> (Seguem-se cinco linhas ininteligíveis)
> O sujeito responsável pelo silêncio disse:
> "Por que você falou sem permissão?", questionou.
> O companheiro responsável pela assembleia (?) disse:
> "Por que você 'ficou à vontade (?)' sem permissão", disparou.
> O sujeito encarregado do bom comportamento disse:
> "Por que você se levantou sem permissão?", me perguntou.
> O responsável pelo portão disse:
> "Por que você saiu (do portão) sem permissão?", questionou.
> O sujeito responsável pelo chicote disse:
> "Por que você tomou... sem permissão", desabafou.
> O sujeito encarregado da Suméria disse:
> "Por que você não falou sumério?", me retrucou.
> Minha professora (ummia) disse:
> "Sua mão está insatisfatória", me enlatou.
> (E assim) Eu (comecei a) odiar a arte do escriba, (comecei a) negligenciar a arte do escriba.
> Meu professor não se deleitava comigo; (par) [parou de lecionar (?)] sua habilidade na arte escriba; de forma alguma me preparou nas questões (essenciais) para a arte (de ser) um "jovem escriba", (ou) a arte (de ser) um "irmão mais velho".

Desesperado, segundo nosso velho graduado, voltou-se para o pai, dizendo:

Dê-lhe um pouco de salário extra, (e) deixe-o tornar-se mais gentil (?); que ele seja livre (por um tempo) da aritmética; (quando) ele contar todos os assuntos escolares dos alunos, que me conte (também entre eles; isto é, talvez, que ele não me negligencie mais).

A partir daí, o próprio autor assume o controle, descrevendo os acontecimentos como se estivesse ali e os tivesse presenciado, assim:

Ao que o estudante disse, o pai deu ouvidos. O professor foi trazido da escola e, após entrar na casa, estava sentado na "cadeira grande". O estudante o frequentava e servia, e tudo o que aprendia da arte dos escribas, desdobrava-se ao pai. Então o pai, na alegria de seu coração, disse alegremente ao diretor da escola: "Meu pequeno companheiro abriu (amplamente) a mão, (e) você fez a sabedoria entrar lá; mostraste-lhe todos os pontos finos da arte escriba; Você o fez ver as soluções da matemática e aritmética (problemas), você (ensinou-o como) a fazer profunda (?) a escrita cuneiforme (?).

O autor agora faz com que o pai se dirija aos seus empregados domésticos, dizendo:

Despeje para ele irda-óleo, leve-o à mesa para ele. Faça o óleo perfumado fluir como água em seu estômago (e) nas costas; Quero vesti-lo com uma roupa, dar-lhe um salário extra, colocar um anel na mão dele.

Os criados fazem o que lhes é ordenado, e então a professora fala com o aluno:

Jovem, (porque) você não odiou minhas palavras, não as negligenciou, (que você) complete a arte do escriba do início ao fim. Porque você me deu tudo sem descanso, me pagou um salário maior do que meus esforços (merecem), (e) me honraram, que Nidaba, a rainha dos anjos da guarda, seja seu anjo da guarda; que sua caneta pontiaguda escreva bem para você; Que seus exercícios não contenham falhas. Dos vossos irmãos, sejais o seu líder; de seus amigos, que você seja o chefe deles; Você pode ser o mais alto entre os formandos da escola, satisfazer (?) todos os que andam (?) de e para dentro (?) dos palácios. Pequeno companheiro, você "conhece" (seu) pai, eu sou o segundo para ele; que vos seja prestada homenagem, que sejais abençoados — que o Deus de vosso Pai o faça com mão firme; ele levará oração e súplica a Nidaba, sua rainha, como se fosse um assunto para seu deus. Assim, quando você coloca uma mão gentil no . . . do professor, (e) na testa do "irmão mais velho", então (?) seus jovens companheiros lhe mostrarão favor. Você tem realizado bem as atividades da escola, você é um homem de aprendizado. Você exaltou Nidaba, a rainha do aprendizado; Ó Nidaba, louvor!

A partir do ensaio anterior, não é fácil decidir se o corpo docente da escola suméria consistia em grande parte de sádicos ou se seu corpo discente consistia de arruaceiros e rudes. Que esta última pode ter sido verdadeira, pelo menos em parte, parece ser corroborada pelo segundo de nossos ensaios, "A disputa entre Enkimansi e Girnishag". De acordo com esse documento, os antigos pedagogos parecem ter tido as mãos cheias tentando controlar os alunos que tinham prazer em empurrar, gritar, brigar e xingar.

Este ensaio sumério de cento e sessenta linhas só recentemente foi reunido a partir de sete tábuas e fragmentos por Cyril J. Gadd, professor emérito da Escola de Estudos Orientais e Africanos da Universidade de Londres, e autor deste livro. Dois deles foram escavados em Ur por Sir Leonard Woolley cerca de vinte e cinco anos atrás; eles foram publicados em parte pelo professor Gadd em 1956, sob o título "Professores e Alunos nas Escolas Mais Antigas", como uma palestra inaugural na Escola de Estudos Orientais e Africanos. Mas essas duas tábuas continham apenas o início e o fim do ensaio. Um texto mais completo está agora disponível como resultado da identificação de cinco peças escavadas em Nippur, uma das quais, uma grande tabuleta de oito colunas contendo toda uma coleção de ensaios sumérios, provou ser de particular importância para a restauração do texto de nosso ensaio. Escavado há cerca de sessenta anos, está agora na Coleção Hilprecht da Universidade Friedrich-Schiller de Jena, na Alemanha Oriental, e seu conteúdo só recentemente foi disponibilizado. Deve-se ressaltar, no entanto, que, apesar do texto mais completo agora disponível, muito do significado do ensaio e não poucas de

suas implicações ainda são bastante incertos, uma vez que muitas das passagens estão apenas parcialmente preservadas. O esboço aqui apresentado deve, portanto, ser tomado como preliminar e provisório, e futuras descobertas podem modificar consideravelmente a interpretação.

Uma informação cultural comparativa bastante inesperada e não desinteressante fornecida por nosso ensaio diz respeito ao significado literal e às implicações depreciativas da palavra "sophomore", que é conhecida pela primeira vez por ter sido usada como uma palavra inglesa em Cambridge em 1688. Há razões para acreditar que esta palavra, "sophomore", é a forma inglesa de uma palavra composta grega "sophos-moros", que significa literalmente "esperto-tolo". Agora, como o professor Gadd foi o primeiro a apontar, nosso ensaio sumério contém o equivalente exato do grego "sophos-moros". No decorrer das discussões amargas e abusivas entre os dois rivais da escola que constituem a parte principal do ensaio, um deles provoca o outro por ser um "galam-huru", uma palavra composta suméria que significa literalmente "esperto", ou seja, "sophomore". A composição consiste principalmente de uma disputa verbal amarga entre dois colegas de escola chamados Enkimansi e Girnishag, ambos muito avançados em seus estudos; na verdade, Girnishag pode ter atingido o ápice de ser "irmão mais velho", ou seja, um instrutor assistente na escola. No decorrer da disputa, cada um fala de suas próprias virtudes e talentos em termos brilhantes e fala de seu oponente com zombarias murchas e insultos vituperativos. Assim, logo no início do documento, um desses dignitários aborda o outro da seguinte forma:

Você dolt, numskull, praga escolar, você analfabeto, você ignorante sumério, sua mão é terrível; não consegue sequer segurar a caneta corretamente; é impróprio para escrever e não pode aceitar ditado. (E ainda você diz) você é um escriba como eu.

A isso as outras respostas dignas:

> O que você quer dizer que eu não sou um escriba como você? Quando você escreve um documento não faz sentido. Quando você escreve uma carta ela fica ilegível (?). Você vai dividir um patrimônio, mas não consegue dividir o patrimônio. Pois quando você vai fazer um levantamento do campo, você não consegue segurar a linha de medição. Você não pode segurar um prego na mão; você não tem sentido. Você não sabe como arbitrar entre as partes contestantes; você agrava a luta entre os irmãos. Você é um dos mais incompetentes dos escritores de tablets. Para que você está apto, alguém pode dizer (?)?

Ao que o rival rebate:

> Ora, sou competente em todos os sentidos. Quando vou dividir um patrimônio, divido o patrimônio. Quando vou fazer o levantamento do campo, sei segurar a linha de medição. Sei arbitrar entre as partes em litígio. Sei pacificar a luta entre os irmãos e acalmar seus sentimentos. Mas você é o mais preguiçoso (?) dos escribas, o mais descuidado (?) dos homens. Quando você faz multiplicação, ela está cheia de erros (?)... Em áreas (de computação) você confunde (?) comprimento com largura. Quadrados, triângulos, círculos (?) e setores — você trata todos eles sem entender como se... Você tagarela,, zombador e valentão, você (ousa dizer) que você é o "coração" do corpo discente!

Tomando essa frase como deixa, seu oponente começa com a pergunta: "O que você quer dizer que eu não sou o 'coração' do corpo estudantil?" Ele então continua com uma descrição de seus talentos como guardião de contas e termina com estas linhas:

Eu, fui criado em sumério, sou filho de escriba. Mas você é um, um saco de vento. Quando você tenta moldar um tablet, você não pode nem mesmo alisar (?) a argila

(?). Quando você tenta escrever uma linha, sua mão não consegue gerenciar (?) o tablet . . . Você "sophomore", tapa os ouvidos! cubra seus ouvidos! (Ainda) você (afirma saber) sumério como eu!

Neste ponto, segue-se uma longa passagem que está tão mal preservada que é difícil acompanhar até mesmo a mudança de oradores. Finalmente, alguém (provavelmente o ugula, isto é, um monitor de algum tipo) ficou tão irritado com um aluno – Enkimansi – que ele estava pronto para prendê-lo e colocá-lo acorrentado, a julgar pela seguinte passagem no final da composição, que na tradução provisória a seguir diz:

Por que você se comporta assim! Por que vocês empurram, xingam e lançam insultos uns aos outros! Por que você levanta uma comoção na escola! . . . . (Seguem-se quatro linhas ininteligíveis.) A comoção chegou até ele! Por que você foi insolente (?), desatento (?), (por que você) xinga e lança insultos contra aquele que é seu "irmão mais velho" e lhe ensinou a arte do escriba em seu próprio benefício (?)! Até a ummia que sabe tudo balançou a cabeça violentamente (?) (dizendo): "Faça com ele o que quiser". Se eu (realmente) fizesse com você o que eu gostasse – para um sujeito que se comportava como você (e) estava desatento (?) ao seu "irmão mais velho" – eu (primeiro) te batia com uma maça – o que é uma tábua de madeira (quando se trata de bater!) —(e) tendo colocado correntes de cobre em seus pés, trancá-lo em casa (e) por dois meses não deixá-lo sair da escola (prédio).

Seguindo quatro linhas ininteligíveis, a composição se encerra com as palavras: "Na disputa entre Girnishag e Enkimansi a ummia deu o veredicto".

Como se pode deduzir dos dois ensaios anteriores, a escola suméria era bastante formidável e pouco convidativa; O currículo era "rígido", os métodos de ensino monótonos, a disciplina dura. Não admira, portanto, que pelo menos alguns dos alunos brincassem de truant quando possível e se tornassem "crianças-problema" para o professor e os pais. O que nos leva ao terceiro de nossos ensaios escolares, "Um Escriba e Seu Filho Perverso", um texto reunido a partir de mais de uma deposição de tábuas e fragmentos. Este ensaio é digno de nota como um dos primeiros documentos da história do homem em que a palavra "humanidade" (sumério, namlulu) é usada não apenas para designar a humanidade, mas no sentido de conduta e comportamento condizentes com os seres humanos.

A composição, com cerca de cento e oitenta linhas, começa com uma introdução que consiste num diálogo mais ou menos amigável entre pai e filho, em que este último é aconselhado a ir à escola, trabalhar diligentemente e a reportar-se sem vagar nas ruas. Para se certificar de que o rapaz prestou muita atenção, o pai pede-lhe que repita as suas palavras textualmente.

A partir daí, o ensaio é um monólogo por parte do pai. Começa com uma série de instruções práticas para ajudar a fazer um homem de seu filho: não andar pelas ruas e avenidas; ser humilde diante de seu monitor; ir à escola e aprender com a experiência do passado primitivo do homem. Segue-se uma amarga repreensão ao filho rebelde, que, segundo seu pai, o deixou doente até a morte com seus medos perenes e comportamento desumano. Ele, o pai, está profundamente decepcionado com a ingratidão do filho; Nunca o fez trabalhar atrás de arado ou boi, nem nunca

lhe pediu que trouxesse lenha ou que o sustentasse como outros pais fazem seus filhos. E, no entanto, seu filho revelou-se menos homem do que os outros.

Como muitos pais decepcionados de hoje, o pai parece estar especialmente magoado por seu filho se recusar a seguir seus passos profissionais e se tornar um escriba. Ele o aconselha a imitar seus companheiros, irmãos e amigos e a seguir sua própria profissão, a arte de escriba, apesar de ser a mais difícil de todas as profissões que o deus das artes e ofícios pensou e criou em existência. É mais útil, argumenta o pai, para a transmissão poética das experiências do homem. Mas, de qualquer forma, continua ele, é decretado por Enlil, o rei de todos os deuses, que um filho deve seguir a profissão de seu pai.

Depois de uma última reviravolta para a busca do filho pelo sucesso materialista em vez do esforço humanista, o texto torna-se bastante obscuro; Parece consistir em breves e piedosos ditos destinados, talvez, a guiar o Filho na verdadeira sabedoria. De qualquer forma, o ensaio termina com uma nota feliz, com o pai abençoando seu filho e orando para que ele encontre favor aos olhos de seu deus pessoal, o deus-lua, Nanna, e sua esposa, a deusa Ningal.

Aqui está agora uma tradução bastante literal, ainda que provisória, das partes mais inteligíveis do ensaio, omitindo apenas aqui e ali uma frase obscura ou uma linha quebrada. O pai começa perguntando ao filho:

"Para onde você foi?"
"Não fui a lugar nenhum."
"Se você não foi a lugar nenhum, por que fica parado? Vá para a escola, fique diante de seu "pai-escola" (professor), recite sua tarefa, abra sua mochila, escreva seu tablet, deixe seu "irmão mais velho" escrever seu novo tablet para você. Depois de terminar sua tarefa e se reportar ao seu monitor, venha até mim e não vagueie pela rua. Vem agora, sabe o que eu falei?"
"Eu sei, vou contar para você."
"Venha, agora, repita isso para mim."
"Mal repita isso para você."
"Diga-me isso."
"Vou contar para vocês."
"Vamos, conte-me isso."

"Você me disse para ir à escola, recitar minha tarefa, abrir minha mochila, escrever meu tablet, enquanto meu 'irmão mais velho' é escrever meu novo tablet. Depois de terminar minha tarefa, devo prosseguir com meu trabalho e vir até você depois de ter relatado ao meu monitor. Foi o que você me disse".

"Venha agora, seja homem. Não fique parado na praça pública ou passeie pela avenida. Ao andar na rua, não olhe para todos os lados. Seja humilde e demonstre medo diante do seu monitor. Quando você mostra terror, o monitor vai gostar de você.

(Cerca de quinze linhas destruídas)

"Você que anda em praça pública, conseguiria sucesso? Em seguida, busque as primeiras gerações. Vá para a escola, será benéfico para você. Meu filho, procure as primeiras gerações, pergunte a elas.

"Perverso sobre quem eu vigia – eu não seria um homem se eu não vigiasse meu filho – falei com meus parentes, comparei seus homens, mas não encontrei ninguém como você entre eles.

"O que estou prestes a relatar com você transforma o tolo em um homem sábio, segura a cobra como que por encantos e não permitirá que você aceite frases falsas.

"Porque meu coração estava saciado de cansaço de você, eu me afastei de você e não dei ouvidos aos seus medos e resmungos – não, não dei ouvidos aos seus medos e resmungos. Por causa de seus clamores, sim, por causa de seus clamores, eu estava com raiva de você – sim, eu estava com raiva de você. Porque você não olha para a sua humanidade, meu coração foi levado como se fosse por um vento maligno. Seus resmungos acabaram comigo, vocês me levaram ao ponto da morte.

"Eu, nunca em toda a minha vida, fiz você carregar juncos para o freio de cana. As corridas de junco que os jovens e os pequenos carregam, você, nunca em sua vida os carregou. Eu nunca disse a você: 'Siga minhas caravanas'. Eu nunca te mandei trabalhar, para arar o meu campo. Eu nunca te mandei trabalhar, desenterrar meu campo. Nunca te mandei trabalhar como operário. 'Vai, trabalha e me apoia', eu nunca na minha vida te disse.

"Outros como você apoiam seus pais trabalhando. Se você falasse com seus parentes e os apreciasse, você os imitaria. Eles fornecem 10 gur de cevada cada – até mesmo os mais novos forneciam aos pais 10 gur cada. Multiplicaram a cevada pelo pai, mantiveram-no em cevada, óleo e lã. Mas você, você é um homem quando se trata de perversidade, mas comparado a eles você não é um homem de jeito nenhum. Você certamente não trabalha como eles – eles são filhos de pais que fazem seus filhos trabalharem, mas eu – eu não fiz você trabalhar como eles.

"Eu, noite e dia, sou torturado por causa de você. Noite e dia você desperdiça em prazeres. Você acumulou muita riqueza, se expandiu muito, se tornou gordo, grande, amplo, poderoso e inchado. Mas seus parentes esperam ansiosamente por seu infortúnio e se alegrarão com ele porque você não olhou para sua humanidade."

(Segue-se uma passagem obscura de quarenta e uma linhas que parece consistir em provérbios e serras antigas; o ensaio termina com a bênção poética do pai:)

Daquele que briga contigo, que Nanna, teu deus, te salve,
Daquele que te ataca, que Nanna, seu deus, te salve,
Que você encontre favor diante de seu deus,
Que a tua humanidade te exalte, pescoço e peito,
Que você seja o chefe dos sábios da sua cidade,
Que sua cidade pronuncie seu nome em lugares favorecidos,
Que seu deus o chame por um bom nome,
Que você encontre favor diante de seu deus Nanna,
Que você seja visto com bons olhos pela deusa Ningal.

Se, apesar do currículo pesado e longe de ser empolgante, das duras punições de seus professores e da rivalidade amarga de seus colegas mais agressivos, o estudante ambicioso e perseverante conseguiu se formar na escola, havia várias possibilidades de trabalho abertas para ele; Ele poderia, por exemplo, entrar nos serviços do palácio ou templo, ou poderia se tornar o escriba gerente e contador de uma das maiores propriedades que pontilhavam a terra. No quarto dos ensaios da escola, "Colóquio entre uma úcula e um escriba", encontramos o edubba, agora um escriba de pleno direito em uma dessas propriedades, tendo uma discussão com a úcula (provavelmente seu superintendente), que era ele mesmo um ex-aluno da edubba. A

composição, que consiste em setenta e oito linhas reconstruídas a partir de uma dúzia de tábuas e fragmentos, começa com um endereço junto à úcula que diz:

Velho Graduado, venha aqui para mim (e) deixe-me dizer-lhe o que minha ummia (o professor responsável pela edubba) me disse.

Eu também, como você, fui (uma vez) um cara pequeno e tive um "irmão mais velho".

A ummia me atribuía trabalho (que era até demais) para um homem (crescido).

(Mas) Atrevo-me como um junco atrevido, absorvi-me no trabalho, não negligenciei as palavras da minha ummia, não agi de acordo com o meu próprio espírito, (e como resultado) o "irmão mais velho" ficou satisfeito com a minha realização.

Ele se alegrou porque eu me humilhei diante dele e falei (?) a meu favor (?).

Tudo o que ele esboçou para mim eu fiz, eu coloquei tudo em seu lugar – (até) um tolo poderia facilmente (?) seguir (?) suas instruções.

Ele guiou minha mão sobre o barro, me mostrou como me comportar corretamente, "abriu" minha boca com palavras, proferiu bons conselhos, focou (?) (Meu) olho nas regras que norteiam o homem de realização: a diligência é a própria essência (literalmente "muito") da realização, a perda de tempo é um tabu, o sujeito que se gaba (e) perde tempo em sua tarefa falhou em sua tarefa.

Ele (o "irmão mais velho") não alardeava seu conhecimento, suas palavras são contidas – se ele alardeasse seu conhecimento, os olhos "estourariam".

Atendê-lo (portanto) antes que o sol nasça (e) antes que a noite esfrie; não recue o prazer de estar ao lado do "Big Brother"; Tendo chegado perto das "grandes testas", suas palavras serão honradas.

Ele (o "irmão mais velho"(?)) não voltou uma segunda vez os olhos fixos..., amarrou em seu pescoço uma guirlanda (?) de cortesia e respeito do homem (?).

Tendo o coração do aflito (?) sido acalmado, ele está livre da culpa.

O homem (que traz) leite (?) sacrifica (?), fez adequado (?) o seu dom; O homem rico pressionou seu filho dobrado no joelho em seu peito – então (?) você deve ser cortês com o homem, supervisor e dono, deve fazer seu coração contente.

Tanto pelo discurso bastante difuso e prolixo da ugula. Seguindo uma linha introdutória que diz: "O douto escriba responde humildemente à sua ugula", prossegue o texto com o que parece ser uma resposta longe de ser humilde:

Você me contou. . como um arquivo . ., (mas) agora vou deixar que você tenha a resposta para isso; quanto ao seu fole de boi, você não me transformará em um ignorante com sua falta de compreensão – eu responderei plenamente (?) (literalmente, talvez, "sessenta vezes").

Como um filhote de cachorro (seus) olhos estão bem afastados (?) (mesmo que) você aja (como) um ser humano.

Por que você estabelece regras para mim como se eu fosse um ocioso?

Quem ouvisse você largaria (?) as mãos em desespero (?).

Deixe-me explicar-lhe cuidadosamente (literalmente, "deixe-me colocar em sua mão") a arte de ser um escriba, já que (?) você mencionou.

Você me colocou no comando da sua casa (e) nunca deixei você me encontrar parado.

Segurei as escravas, as escravas e (o resto da) sua casa para sua tarefa; cuidaram para que gostassem do pão, da roupa e da gordura (e) que trabalhassem corretamente (literalmente, "como é o jeito deles").

Você não (tinha que) seguir seu escravo na casa de seu senhor; Fiz a desagradável (?) tarefa (?) (e) seguiu-o como uma ovelha.

Tenho dito diariamente as orações protetoras (?) que você ordenou; suas ovelhas (e) seus bois são agradáveis (e) trazem alegria ao seu deus; No dia em que o barco de seu Deus estiver atracado, eles (os sacerdotes (?)) imporão as mãos sobre você (em bênção). Você me atribuiu o peito (ou seja, talvez, a parte alta e não irrigada) do campo (e) eu fiz os homens trabalharem lá – uma tarefa desafiadora que não permite dormir nem de noite nem no calor do dia.

(Ainda) todos os . . . (e (?)) Os filhos dos fazendeiros acenam (?) com a aprovação (?).

Eu apliquei a mão gentil em seu campo (e) as pessoas falaram bem de mim; Fiz o boi trazer o que preencheu (?) o seu caminho (?), fiz ele carregar (?) a sua carga para você.

Desde a minha juventude você me criou, cuidou do meu comportamento, me tratou gentilmente como boa prata, (e) não... Eu (portanto) afastei (?) de você aquilo que "não anda em grandeza", como algo que é tabu para você; Eu mantive longe de você os "pequenos ventos (?)" (e) não deixou que eles existissem para você.

Levante agora a cabeça erguida, você que antes era um pequeno sujeito, você pode (agora) virar a mão contra (?) (qualquer) homem, (assim) agir (?) como convém.

Aqui provavelmente termina a resposta do escriba, embora não haja uma linha introdutória que indique uma mudança de orador. A resposta inesperadamente amável da ugula, que conclui a composição, diz o seguinte:

Tu que me homenageaste (?), que me abençoaste (?), que trouxeste instrução ao meu corpo como leite comestível (e) gordura – porque (?) não estavas na ociosidade que obtive os favores da terra, não sofreste os seus infortúnios. Os ummia, os "conhecedores da palavra" acenam (?) com aprovação (?), contam (?) tudo sobre você em suas casas (?), onde quer que estejam (?). Seu nome é pronunciado (apenas) para o bem, seus comandos são bem recebidos (?). Os boiadeiros (?) [parar (?)] sua luta contra suas canções doces; em suas canções doces os contendores (?) vão cair (?) [(sua) alegação (?)]. A ummia lhe presta (?) homenagem com o coração alegre (dizendo): "Tu que (como um) pequeno companheiro sentou-te diante das minhas palavras, agradou meu coração – Nidaba (a deusa padroeira da edubba) deu em tua mão a honra de (ser uma) ummia; vós sois os consagrados de Nidaba, que subais ao alto do céu. Que você seja abençoado com o coração alegre, [não sofra] nenhuma mágoa; que você [se sobressaia (?)] em tudo o que estiver na edubba, a casa do aprendizado; [pode] a altivez de Nidaba [trazer-lhe (?) regozijo inigualável (?). Em sua bondosa sabedoria contenda [vai parar (?)]; os pequenos companheiros vão cair (?) [sua argumentação (?) em]

. . . . Os artesãos pronunciarão [seu nome para sempre]; o.... vai contar [seu] . . . Na rua que ecoa (?), a rua onde... , você trouxe o inigualável eu; você dominou (?) a direção da conduta harmoniosa (?)."

Segue-se a típica frase de encerramento: "Ó Nidaba, louvado!" A tudo isso o professor e o professor moderno poderiam muito bem responder com um melancólico e invejoso "Amém!"

CAPÍTULO SETE
PERSONAGEM: Motivações, Motivos e Valores

De modo geral, os estudos dedicados à cultura e à civilização sumérias abordam seu assunto apenas do ponto de vista descritivo. Geralmente, eles procedem a quebrar a cultura suméria em seus vários aspectos; sociais, políticos, econômicos, administrativos, jurídicos, religiosos, tecnológicos, artísticos e literários. Cada uma dessas subdivisões é então descrita com o máximo de detalhes que os dados disponíveis permitem e o objetivo particular do estudo exige. Raramente a cultura suméria é abordada do ponto de vista psicológico, isto é, a partir de uma consideração do caráter e da personalidade das pessoas que a criaram. Para ajudar a preencher essa lacuna, dediquei uma série de estudos nos últimos anos aos aspectos psicológicos da civilização suméria, especialmente como revelado em seus documentos literários. Em um artigo intitulado "Rivalidade e Superioridade: Duas Características Dominantes do Padrão de Cultura Suméria", tentei isolar e descrever uma das principais forças motivadoras do comportamento sumério, a pulsão de superioridade e preeminência com sua grande ênfase na competição e no sucesso. Em um artigo intitulado "Amor, ódio e medo: aspectos psicológicos da cultura suméria", esbocei o papel do amor, do ódio e do medo como motivadores emocionais na conduta suméria. Neste capítulo, tentarei resumir os resultados desses dois estudos. Nunca é demais sublinhar que as conclusões aqui apresentadas têm um carácter preliminar e provisório; Mesmo os documentos literários cujos textos estão completos não podem ser totalmente compreendidos, muito menos aqueles – e são a maioria – que ainda têm inúmeras lacunas e rupturas. No entanto, pode-se dizer com segurança que pelo menos alguns dos resultados esboçados neste capítulo são razoavelmente confiáveis e resistirão ao teste do tempo.

Comecemos pelas três pulsões emocionais que motivam não poucos os valores do homem: o amor, o ódio e o medo. A palavra suméria para "amor" é um verbo composto que parece significar literalmente "medir a terra", "criar um lugar"; Não se sabe como isso se transformou no significado de "amor".

Como acontece com toda a humanidade, o amor entre os sumérios era uma emoção que variava em caráter e intensidade. Havia o amor apaixonado e sensual entre os sexos, que geralmente culminava no casamento; o amor entre marido e mulher, entre pais e filhos, entre os vários membros da família; o amor entre amigos e íntimos; e o amor entre deuses, reis e pessoas. Podemos começar nosso esboço de amor na Suméria com o amor natural e apaixonado entre "homem e empregada".

É sabido que o casamento na antiga Suméria, e de fato no antigo Oriente Próximo em geral, era geralmente um arranjo prático no qual o siclo cuidadosamente pesado contava mais do que o desejo quente do amor. No entanto, há evidências consideráveis de que não houve pouco cortejo e cooing antes do casamento; grande parte foi, sem dúvida, sub-reptícia e ainda mais doce por isso. Um exemplo muito

esclarecedor é fornecido por um poema inscrito em uma tabuleta na Coleção Hilprecht da Universidade Friedrich-Schiller de Jena, que poderia muito bem ser intitulado "O Amor Encontra um Caminho" ou "Mãe Enganadora". Os dois personagens principais do poema são Inanna, "Rainha do Céu", a Vênus Suméria, e Dumuzi, seu namorado e futuro marido. O poema, que é designado pelo próprio escriba antigo como um tigi, ou seja, provavelmente uma canção recitada para o acompanhamento da lira, é dividido em duas estrofes. A primeira começa com um solilóquio de Inanna no qual ela relata que um dia, enquanto ela estava inocentemente cantando e dançando no céu, Dumuzi a encontrou, pegou sua mão e a abraçou; ela então implorou para que ele a soltasse, já que ela não sabia como poderia manter esse amor clandestino de sua mãe Ningal, esposa do deus-lua, o pecado. Em seguida, Dumuzi sugere que ela engane sua mãe dizendo que ela passou as horas com uma amiga em praça pública. E com isso como desculpa pronta, eles fazem amor ao luar. Eis agora as palavras do próprio poeta: Ontem à noite, enquanto eu, a rainha, brilhava,

Ontem à noite, enquanto eu, a rainha do céu, brilhava, Enquanto eu brilhava, dançava,
Enquanto eu cantava enquanto a luz brilhante dominava (?) a noite, Ele me conheceu, me conheceu,

O senhor Kuli-Anna (Dumuzi) me encontrou,
O senhor meteu a mão na minha mão,
Ushumgal-Anna (Dumuzi) me abraçou.

Segue-se então um tête-à-tête bastante envolvente, terno e amoroso entre os dois amantes, com Inanna suplicando: Venha (?) agora (?) me liberte, eu devo ir para casa, Kuli-Enlil, (Dumuzi) me libertou, eu devo ir para casa, O que posso dizer para enganar minha mãe!

O que posso dizer para enganar minha mãe, Ningal!

Mas isso não impede Dumuzi, que tem uma resposta pronta: Eu vou te dizer, eu vou te dizer,

Inanna, a mais enganadora das mulheres, eu lhe direi: (Diga) "Minha namorada, ela me levou com ela para a praça pública, Lá um jogador (?) nos entreteve (?) com dança,
Seu canto, o doce, ele cantou para nós,
Em doce regozijo, ele afastou o tempo para nós";
Assim, enganosamente, enfrente sua mãe,
Enquanto nós, ao luar, tomamos nosso fardo de amor,
Vou preparar (?) para você uma cama pura, doce e nobre, O dia doce lhe trará alegre realização".

A segunda estrofe consiste em um monólogo exultante de Inanna – e não à toa – já que parece que, depois de sua noite de prazer, Dumuzi concordou em se casar com ela. A primeira parte da estrofe é destruída; quando o texto retoma, Inanna está fazendo um anúncio alegre de que Dumuzi está prestes a falar com sua mãe, presumivelmente para pedir sua mão em casamento. O poema termina, naturalmente, com o elogio extático de Inanna ao futuro marido e futura vítima de sua terrível ira.

Eu (Inanna) vim ao portão da minha mãe,
Caminhando na alegria,
Cheguei ao portão de Ningal,
Caminhando na alegria,
Para minha mãe ele (Dumuzi) dirá a palavra,
Vai polvilhar óleo de cipreste no chão,
Para minha mãe Ningal ele dirá a palavra:
Vai polvilhar óleo de cipreste no chão,
Aquele cuja morada é perfumada,

Cuja palavra traz alegria.

Meu senhor de membros puros e seus,
Ama-Ushumgal-Anna, o genro do pecado,
Meu senhor, doce é o teu aumento,
Saboreie suas plantas e ervas na planície,
Ama-Ushumgal-Anna, doce é o seu aumento,
Saboreie suas plantas e ervas na planície.

Embora de acordo com este poema, Inanna e Dumuzi mantenham seu amor em segredo e estejam até preparados para enganar a mãe de Inanna, há outra versão do caso em que Dumuzi atrapalha sua noiva ao ar livre e com a aprovação total de sua mãe. De acordo com esse mito, Dumuzi, o pastor, chega à casa de Inanna e pede admissão. A conselho de sua mãe, ela se banha e se unge, veste suas vestes de rainha, adorna-se com pedras preciosas e abre a porta para Dumuzi. Eles se abraçam com alegria e provavelmente coabitam.

Em outra versão do namoro e casamento Dumuzi-Inanna, a permissão do pai de Inanna, o deus-lua, o pecado, parece ser uma condição essencial. De acordo com este poema, que consiste em duas estrofes, Inanna, depois de decorar as várias partes de seu corpo com joias de metais preciosos e pedras, é recebida por Dumuzi no gipar do templo Eanna em Erech. Ela está ansiosa para dormir com ele imediatamente, mas evidentemente acha aconselhável obter o consentimento de seu pai; em qualquer caso, nós a encontramos enviando um mensageiro para seu pai com o pedido de que Dumuzi fosse autorizado a se aliar a ela.

Embora de acordo com as três versões resumidas acima, o amor de Inanna por Dumuzi pareça tão caloroso e apaixonado quanto o de Dumuzi por ela – ainda mais em alguns aspectos – temos uma imagem bem diferente de outro poema sumério que pertence ao gênero de disputa de obras literárias. De acordo com esse mito, que é na forma de uma brincadeira, Inanna realmente ama o fazendeiro Enkimdu e não o pastor Dumuzi. Apesar dos esforços persuasivos de seu irmão, o deus-sol Utu, Inanna primeiro transforma Dumuzi em "plano" e só muda de ideia depois de um discurso bastante irritado e agressivo de Dumuzi em que ele enfatiza a superioridade de suas posses sobre as de Enkimdu. Na verdade, Dumuzi está tão chateado com a preferência de Inanna que ele tenta escolher uma luta com seu rival, Enkimdu, e é só depois que este o apazigua com palavras amigáveis e promessas que os dois rivais se reconciliam.

Nem Dumuzi e Inanna foram as únicas divindades cujo casamento foi precedido por um caso de amor apaixonado. Enlil, a principal divindade do panteão sumério, o "jovem" de Nippur, apaixonou-se à primeira vista por Ninlil, a "jovem empregada" de Nippur, quando a viu na margem do riacho de Nippur, Nunbirdu, depois de ela ter se banhado em suas "águas puras". Quando ela recusou seus ardentes avanços, ele mandou seu mensageiro Nusku trazer um barco, onde ele a estuprou e a engravidou com a semente do deus-lua, Nanna. Por esse ato violento ele foi punido pelos cinquenta grandes deuses com o banimento para o mundo das redes, mas o fiel Ninlil o seguiu e teve lá mais três filhos com ele. Em algum momento o casal deve ter se casado, pois Ninlil é conhecido em todos os documentos literários sumérios como a esposa digna e respeitável de Enlil.

O deus Bedu Martu, por outro lado, não tinha necessidade de estuprar a senhora de sua escolha, Adnigkishar, filha de Numushda, a divindade tutelar da cidade Kazallu. Quando em um banquete divino na cidade de Aktab Martu expressou seu desejo de que ela se tornasse sua esposa, ela concordou alegremente, apesar de um amigo que se esforçou para dissuadi-la porque Martu era conhecido como Um morador de tenda [fustigado (?)] pelo vento e pela chuva, [ele sabe (?) não (?)] orações, Com a arma ele [faz (?)] da montanha a sua habitação, Contencioso ao excesso, volta-se (?) contra as terras, sabe não dobrar o joelho, Come carne crua,

Não tem casa em vida,
Não é levado ao sepultamento quando morre.

Finalmente, o importante papel que o amor e o sexo desempenharam antes do casamento, pelo menos em alguns casos, pode ser inferido das canções de amor supostamente cantadas por sacerdotisas selecionadas como noivas para o rei por ocasião dos hieros-gamos celebrados no dia de Ano Novo. Duas dessas canções chegaram até nós, e elas soam com amor apaixonado e êxtase sexual. Eis, por exemplo, um desses poemas dirigidos ao rei Shu-Sin por sua amada "noiva": Noivo, querido do meu coração,

Bom é a sua beleza, querida,
Leão, querido do meu coração,
Bom é a sua beleza, querida.

Tu me cativou, deixa-me ficar tremendamente diante de ti, Noivo, eu seria levado por você para o quarto da cama, Tu me cativou, deixa-me ficar tremendamente diante de ti, Leão, eu seria levado por você para o quarto da cama.
Noivo, deixe-me acariciá-lo,
Minha preciosa carícia é mais saborosa que o mel,
No quarto de dormir, cheio de mel,
Deixe-me desfrutar de sua boa beleza,
Leão, deixe-me acariciá-lo,
Minha preciosa carícia é mais saborosa que o mel.

Noivo, você tomou seu prazer de mim,
Diga à minha mãe, ela lhe dará iguarias,
Meu pai, ele lhe dará presentes.

Seu espírito, eu sei onde alegrar seu espírito,
Noivo, durma em nossa casa até o amanhecer,
Seu coração, eu sei onde alegrar seu coração,
Leão, durma em nossa casa até o amanhecer.

Você, porque me ama,
Dai-me rezar de vossas carícias,
Meu senhor deus, meu senhor protetor,
Meu Shu-Sin, que alegra o coração de Enlil,
Dai-Me rezai das vossas carícias.

Seu lugar bom como mel, ore coloque (sua) mão sobre ele, Traga a (sua) mão como uma roupa de gishban,
Copo (seu) entregá-lo como uma gishban-sikin-vestimenta.

Assim, há razões para acreditar que nem todos os casamentos na Suméria foram para vantagens práticas e que, pelo menos em alguns casos, foram motivados pelo amor e pelo desejo. Não é surpreendente, portanto, encontrar um provérbio sumério que lê: Casar com uma esposa de acordo com sua escolha;

Tenha um filho como seu coração deseja!

Com certeza, o casamento não era um fardo leve para o sumério, como fica evidente no provérbio: Quem não sustentou esposa ou filho,

não levou coleira.

Além disso, o marido sumério frequentemente se via negligenciado, ou como diz um deles: Minha esposa está no santuário ao ar livre,

minha mãe está à beira do rio,
e aqui estou eu faminto de fome.

De fato, o homem sumério, pelo menos às vezes, se arrependia de seu casamento, como pode ser visto no ditado: Para seu prazer – casamento;

sobre o seu pensamento sobre isso – divórcio.

Havendo amor ou não antes do casamento, uma vez casados, o casal se acomodou para uma existência humilde, cotidiana, em que o amor recuava cada vez mais para segundo plano. Mesmo assim, não é totalmente desconhecido, e frases como "marido amado" e "esposa amada" não são raras nos documentos sumérios. Assim, por exemplo, no poema "Gilgamesh, Enkidu e o Mundo Nether", encontramos Gilgamesh aconselhando seu fiel servo Enkidu, que está prestes a descer ao mundo nether para trazer o pukku e o mikku de Gilgamesh: Não beije sua amada esposa,

Não bata na sua esposa odiada,
Não beije seu filho amado,
Não bata no seu filho odiado.

Ou quando o rei Ur-Nammu, tendo morrido e ido para o mundo das redes, não encontra paz e estabelece um longo e amargo lamento em parte por causa de sua esposa que ele não pode mais pressionar em seu seio e seu filho que ele não pode mais acariciar em seu joelho. O rei é frequentemente designado como o "marido amado" de Inanna. Nas inscrições votivas, o marido não raro inclui sua esposa e filhos, ou seja, ele dedica o objeto à divindade não apenas para sua própria vida, mas também para a de sua esposa e filhos.

Isso nos leva à família, a unidade básica da sociedade suméria. Que os membros da família estavam unidos por amor, respeito e obrigações familiares está claro no provérbio: A cantina do deserto é a vida de um homem; o sapato é o olho de um homem; a esposa é o futuro do homem; o filho é o refúgio do homem; a filha é a salvação do homem; A nora é o diabo de um homem.

E de uma passagem de lamentação como:
A tempestade que não conhece a mãe, a tempestade que não conhece o pai, A tempestade que não conhece a esposa, a tempestade que não conhece o filho, A tempestade que não conhece a irmã, a tempestade que não conhece o irmão, A tempestade que não conhece o amigo homem, a tempestade que não conhece a amiga mulher.
E desta passagem que descreve as lamentáveis condições que deveriam prevalecer na cidade de Ur de acordo com uma decisão tomada pelos deuses furiosos: A mãe não cuidará do filho,
O pai não gritará, ó minha mulher,
A concubina não se alegrará no colo,
As crianças não serão acariciadas de joelhos.

Da mesma forma, quando o "Jó" sumério, afligido por terríveis sofrimentos e dores, suplica ao seu próprio deus pessoal, seu "anjo da guarda", o pai que o gerou, por assim dizer, ele pede à sua família que fique ao seu

lado com lágrimas e lamentações: Eis que minha mãe que me gerou não cesse o meu lamento diante de ti, Que minha irmã não pronuncie o cântico feliz e cante, Que ela pronuncie em lágrimas os meus infortúnios diante de ti, Que minha esposa expresse com pesar meu sofrimento,

Deixe o experiente cantor lamentar meu amargo destino.

Reveladora, também, a esse respeito, é a descrição mais ou menos estereotipada dos galla, os demônios desumanos, sem amor e cruéis do submundo, como seres que Tira a mulher do colo do homem,

Tirar a criança do peito da enfermeira;

ou, mais extensivamente, quem

Não sate com prazer o colo da esposa,
Não beije as crianças bem alimentadas,
Tira o filho do homem do joelho,
Levar a nora da casa do sogro.

Passando da família como um todo para a relação pai-filho, fica claro nas passagens citadas que era normal que os pais sumérios amassem e cuidassem de seus filhos e que os filhos amassem e atendessem a seus pais. Nos ensaios edubba que tratam das escolas e dos escolares sumérios, a relação entre pai e filho, em particular, revela-se próxima, íntima e cheia de compreensão. Nos mitos sumérios, a admoestação e o conselho dos pais para o bem e bem-estar de seus filhos são comuns e estereotipados. A deusa Ninmah, a mãe do deus-tempestade, Ninurta, estava cheia de compaixão por seu filho, que havia realizado atos perigosos e heroicos em sua luta contra os monstros do Kur, a tal ponto que ela não conseguiu descansar e dormir até que tivesse viajado para o Kur, apesar do "medo e terror da batalha" que grassava por todos os lados. Até mesmo os animais são considerados como amando muito seus filhos. O amor entre vaca e bezerro é proverbial em toda a literatura. O amor de uma cadela por seu filhote é admiravelmente expresso neste provérbio sucinto: Isto é o que o . . . (?) A cadela diz: "Se eu os faço bajular (coloridos) ou se eu os faço salpicados, eu amo meus filhotes!"
Até mesmo o monstruoso pássaro Imdugud e sua esposa levantam um grito amargo quando se aproximam de seu ninho e encontram seus filhotes desaparecidos.

Normalmente, também, deve ter havido uma relação próxima e calorosa entre irmãos e irmãs, bem como entre pais e filhos. O irmão, especialmente, parece ter tomado o lugar do pai em alguns aspectos. Inanna, por exemplo, pede ajuda a seu irmão, Utu, quando sua árvore sagrada em Erech é invadida pela cobra, pelo pássaro Imdugud e pela cruel Lilith. Quando chega a hora de Inanna escolher um marido, é seu irmão, Utu, que tenta guiar sua escolha e convencê-la, para seu próprio bem, a se casar com o pastor Dumuzi em vez do fazendeiro Enkimdu. Quando o jardineiro Shukalletuda tenta escapar da ira de Inanna, ele aceita o conselho de seu pai e "fica perto das cidades de seus irmãos"; e embora a palavra "irmãos" aqui se refira ao povo "cabeça preta" como um todo, o fato é que foi porque eles eram vistos como "irmãos" que Shukalletuda se sentiu segura e protegida. Enmerkar, quando sitiado pelos Martu em sua cidade Erech, envia Lugalbanda para sua "irmã" Inanna em Aratta para obter ajuda. Quando Dumuzi é capturado pelos demônios, ele implora a Utu para transformá-lo em uma gazela para que ele possa "levar sua alma" para sua

irmã, a deusa Geshtinanna, que o ama muito e ternamente. Quando Enki adoece e Ninhursag passa a curá-lo, ela pergunta repetidamente e com ternura: "Meu irmão, o que te machuca?"

A julgar pelo provérbio: "A amizade dura um dia; o parentesco perdura para sempre", o amor entre amigos não era tão forte e duradouro quanto o entre relações de sangue. No entanto, a amizade e a lealdade eram muito valorizadas na Suméria. A amizade entre Gilgamesh e Enkidu era lendária e proverbial em todo o antigo Oriente Próximo. Os amigos de Lugalbanda estavam profundamente preocupados com sua viagem contemplada para Aratta, que envolvia a travessia de altas montanhas e o temido rio de Kur. Quando, durante a marcha dos erequitas sobre Aratta, Lugalbanda ficou mortalmente doente no Monte Hurum, seus amigos enlutados o abandonaram somente depois de terem tentado de todas as maneiras reanimá-lo e acreditaram que toda a esperança havia desaparecido – mesmo assim, eles prometeram a si mesmos pegar seu corpo e devolvê-lo a Erech em seu caminho de volta. A angústia e amargura do sumério Jó se deve não pouco ao fato de que ele se vê traído por seus amigos e companheiros.

Quanto ao amor divino, o amor de deus pelo homem, deve-se ter em mente que, pelo menos teoricamente, os teólogos sumérios ensinavam que o homem foi criado pelos deuses apenas para servi-los e cuidá-los e, presumivelmente, portanto, que a relação deus-homem correspondia à de senhor-escravo. Mas as atitudes e práticas religiosas raramente estão de acordo com a teoria e a teologia, e o amor de Deus pelo homem no padrão de amor entre pais e filhos, bem como entre marido e mulher é um fenômeno não raro nos documentos sumérios. Para começar, havia a doutrina do deus pessoal – o "meu deus" do adorador, a quem ele pensava ser seu pai ou sua mãe. Foi o amor de Inanna por Ereque e seu povo que a levou a ir a Eridu e levar as "leis divinas" no "barco do céu", por mais perigoso que isso fosse. Na literatura de lamentação, os deuses manifestam repetidamente seu amor e afeto. Ningal, a esposa do deus-lua, por exemplo, é retratada pelos autores de "A Lamentação pela Destruição de Ur" como implorando, suplicando e chorando diante de An e Enlil para não destruir sua cidade e seu povo. De acordo com um segundo seu lamento, é o próprio Nanna que implora a Enlil que poupe sua cidade e seu povo. Quando o dilúvio foi decretado, Nintu chora e Inanna estabelece um lamento para o povo. Mesmo Enlil, distante e inspirador, é concebido como uma divindade benfazeja e paterna.

Na ocasião, os mortais individuais eram tratados com amor, carinho e compaixão pelos deuses. Tanto An quanto Enlil estimaram o herói do Dilúvio, Ziusudra, o presentearam com a vida eterna e o levaram para habitar entre os deuses no "lugar onde o sol nasce". Quando Enmerkar foi cercado em Erech por Martu, ele enviou Lugalbanda com um pedido de ajuda para sua "irmã" Inanna em Aratta, que disse em parte: Se ela (Inanna) ama a cidade (Erech), mas me odeia,

> Por que ela deveria ligar a cidade comigo?
> Se (por outro lado) ela odeia a cidade, mas me ama,
> Por que ela deveria me ligar com a cidade?

Lugalbanda, doente até a morte, abandonado e abandonado no Monte Hurum, ergueu os olhos para o céu e chorou diante dos deuses Utu, Inanna e Sin, e em todos os casos – mesmo no caso de Inanna – o poeta diz que chorou diante da divindade "como seu pai que o gerou". Quando Gilgamesh trouxe uma oferta a Utu e implorou por seu apoio quando ele estava prestes a marchar para a "Terra dos Vivos", o poeta escreve: Utu aceitou suas lágrimas como uma oferenda,

Como um "homem de misericórdia", mostrou-lhe misericórdia.

De acordo com outro poema, Gilgamesh é "o príncipe amado de An". Gudea, o homem "a quem Ningirsu ama", implora à deusa Gatumdug: Eu não tenho mãe, você é minha mãe,

Eu não tenho pai, você é meu pai.

O rei Shulgi é o amado de Ninlil. Seu filho, Shu-Sin, é "o Amado de Enlil, que Enlil escolheu como o amado de seu coração". Finalmente, os reis da Suméria são conhecidos como os "amados maridos" de Inanna ao longo dos documentos sumérios desde a época de Enmerkar até os dias pós-sumérios, uma vez que parecem ter sido místicamente identificados com Dumuzi, um dos primeiros rei divinizado da cidade de Erech, que de acordo com os mitógrafos sumérios havia realmente se casado com Inanna e, Pelo menos de acordo com uma versão, havia sido entregue por ela aos demônios, que o levaram para o mundo Nether.

O patriotismo, o amor à pátria e, particularmente, o amor à cidade natal foram uma força fortemente motriz no pensamento e na ação suméria. O amor à cidade-estado naturalmente veio em primeiro lugar no tempo e nunca foi completamente suplantado pelo amor à Suméria como um todo. Os habitantes de uma cidade eram conhecidos como seus "filhos" e eram considerados uma unidade intimamente relacionada e integrada. Normalmente, eles se orgulhavam da então cidade, do deus e do governante e estavam sempre prontos para pegar em armas em seu nome. A luta entre as cidades-estado, que de certo modo provou ser o desfazimento da Suméria, foi amarga e persistente; e eles teimosamente se recusaram a abrir mão de sua independência. Em que momento a Suméria começou a pensar em si mesma como uma entidade política que consistia em uma terra dividida em numerosas cidades-estado é incerto; deve ter ocorrido alguns séculos antes de 2500 a.C. Como mostram os hinos reais, era dever sagrado e patriótico do rei defender a terra dos inimigos e trazer segurança e bem-estar à "Terra", como a Suméria era frequentemente designada. Pelo menos desde a época da Terceira Dinastia de Ur, os sumérios, "os filhos da Suméria", são conhecidos como "os cabeças-pretas" e "irmãos". O amor do povo por sua cidade e estado se manifesta particularmente nas lamentações amargas e dolorosas em que os poetas sumérios lamentam a destruição da cidade e do estado.

Onde há amor há ódio, e a Suméria não foi exceção a esse respeito. Gilgamesh contrasta a esposa amada e a esposa odiada, o filho amado e o filho odiado, nas quatro linhas a seguir, que foram citadas acima: Não beije sua amada esposa,

Não beije seu filho amado.
Não bata na sua esposa odiada,
Não bata no seu filho odiado.

Enmerkar contrasta amor e ódio com efeito revelador em seu apelo a Inanna citado acima (página 259). O deus Hendursag é um rei que "ama a justiça", mas "odeia a violência". De fato, se não me engano, o ódio desempenhou um papel bastante dominante no comportamento sumério. Como será mostrado mais adiante, as instituições políticas, econômicas e educacionais sumérias eram profundamente coloridas pela competição agressiva, por uma busca de prestígio e preeminência, que deve ter inspirado um alto grau de ódio, desprezo e desprezo.

Os deuses também não raro demonstravam ódio e ira. Enlil, ele mesmo, "com a testa franzida", mata "o povo de Kish" e esmaga "as casas de Erech em pó". Então, porque seu Ekur em Nippur foi saqueado e contaminado, Enlil, "o dilúvio furioso que não tinha rival", provoca a destruição quase total de toda a Suméria, derrubando os bárbaros gutianos de suas montanhas. Todas as quatro divindades líderes, An, Enlil, Enki e Nintu, são implacáveis em sua decisão de destruir Ur e Suméria no reinado de Ibbi-Sin. Ninhursag pronuncia com raiva uma maldição de morte sobre Enki, que havia comido as oito plantas que ela havia trazido à existência. Ninurta amaldiçoa com raiva as pedras que agiram inimigamente em sua luta contra o demônio Asag. Ereshkigal, a rainha do mundo das redes, "mordeu a coxa, encheu-se de ira" quando o seu porteiro-chefe, Neti, anuncia a chegada da irmã, Inanna, ao "palácio do mundo das redes".

Mas o grande hater da mitologia suméria, como se poderia antecipar, é também o grande amante: a cruel, ambiciosa, agressiva, mas evidentemente não pouco atraente, Inanna. Quando "Dumuzi vestiu um manto nobre" e "sentou-se no alto de seu assento" em vez de se aproximar de sua esposa, Inanna, que acabara de ascender do mundo das redes, ela ficou furiosa e o entregou aos sete demônios do mundo que a acompanhavam. Como diz o poeta: Ela fixou o olho nele, o olho da morte,

> Falou a palavra contra ele, a palavra da ira,
> Proferiu o grito contra ele, o grito de culpa.

Quando o jardineiro Shukalletuda se aproveitou da cansada Inanna e a estuprou, ela ficou tão enfurecida que enviou três pragas destrutivas contra a Suméria em um esforço em vão para localizar seu abusador. Quando Gilgamesh rejeitou as propostas de amor de Inanna, ela enviou o cruel "touro do céu" para devastar a cidade de Erech, de Gilgamesh. Mesmo na literatura hinária, ela é retratada às vezes como uma deusa da ira amarga e da destruição terrível.

O medo, como o ódio, tendia a colorir profunda e sombriamente o modo de vida sumério. Do nascimento à morte, o sumério às vezes temia seus pais, seus professores, seus amigos e concidadãos, seus superiores e governantes, o inimigo estrangeiro, a violência da natureza, os animais selvagens, monstros e demônios cruéis, a doença, a morte e o esquecimento. Não admira, portanto, que a característica mais significativa da idade de ouro do homem, segundo os pensadores sumérios, tenha sido a liberdade do medo, ou como diz o poeta: Era uma vez não havia cobra, não havia escorpião,

> Não havia hiena, não havia leão,
> Não havia cachorro selvagem, nem lobo,
> Não havia medo, nem terror,
> O homem não tinha rival.

Passemos agora das pulsões e motivações emocionais para os valores que permeavam a vida suméria e comecemos pelo que é básico e fundamental em todas as culturas, a própria vida e a importância que lhe é atribuída. O amor à vida permeia a civilização suméria em todas as suas formas e aspectos: social, político, econômico e religioso. Sobre os numerosos objetos votivos que os sumérios dedicaram a um deus ou outro, eles afirmam franca e expressamente que o fazem para prolongar sua própria vida ou para a vida daqueles que lhes são próximos. As orações do hinário real estão repletas de orações especiais pela longa vida do rei. A busca vã e patética pela vida eterna é um dos temas favoritos da epopeia mesopotâmica. Enquanto todos os povos e culturas apreciam muito a vida e a valorizam, os sumérios se apegaram a ela com particular tenacidade por causa de sua convicção teológica de que, após a morte, o espírito emasculado desceu ao mundo sombrio e sombrio, onde a vida era, na melhor das hipóteses, apenas um reflexo sombrio e miserável da vida na terra. Não havia esperança de uma vida no paraíso, embora, paradoxalmente, haja indícios de que os bons e merecedores tiveram um destino mais feliz do que os maus e maus.

Intimamente aliado ao amor à vida estava o valor atribuído à prosperidade material e ao bem-estar. Os sumérios valorizavam muito a riqueza e as posses, as colheitas ricas, os celeiros bem abastecidos, as dobras e as baias cheias de gado grande e pequeno, a caça bem-sucedida na planície e a boa pesca no mar. Os reis constantemente se vangloriam em seus hinos de trazer prosperidade e bem-estar para a terra e seu povo. Os textos de disputa, como os que envolvem Emesh e Enten, e Lahar e Ashnan, estão repletos de passagens exaltando os produtos da agricultura e da pecuária. Nas lamentações, os poetas lamentam constantemente e em termos inequívocos a perda de bens materiais. Para dar apenas um exemplo, aqui está uma passagem reveladora de um lamento sobre a destruição de Ur: Meus pertences como gafanhotos pesados em movimento foram levados, Ó meus bens, direi:

Meus bens, que vem das terras de baixo, para as terras de baixo levaram, Ó meus bens, direi:
Meus bens, que vem das terras de cima, para as terras de cima levaram, Ó meus bens, direi:
Meu metal precioso, pedra e lápis-lazúli foram espalhados, Ó meus bens, direi.
Os provérbios sumérios contêm muitos elogios à fraqueza, ineficácia e miséria dos pobres; por exemplo:
Quando um pobre morre não tente reanimá-lo.

Quando tinha pão não tinha sal, quando tinha sal não tinha pão, Quando tinha carne não tinha condimento, quando tinha condimento não tinha carne.
A riqueza é difícil de encontrar, mas a pobreza está sempre conosco.

Os pobres não têm poder.

Quão humilde é o pobre homem; a borda do forno é o seu moinho.
Sua roupa rasgada permanece intacta; o que ele perdeu permanece inprocurado.

Parece não haver vestígios de promessas tão consoladoras para os pobres sumérios como "herança da terra" em algum milênio vindouro ou "torta no céu", para usar uma expressão americana. Podemos, portanto, concluir que a busca da riqueza, sem dúvida, desempenhou um papel importante na vida suméria.

Finalmente, no nível da ética e da moral, os documentos revelam que os sumérios prezavam e valorizavam a bondade e a verdade, a lei e a ordem, a justiça e a liberdade, a sabedoria e o aprendizado, a coragem e a lealdade – em suma, todas as

virtudes e qualidades mais desejáveis do homem. Até mesmo a misericórdia e a compaixão eram valorizadas e praticadas, pelo menos na brecha, a julgar pelas inúmeras referências ao tratamento protetor especial concedido às viúvas, órfãos e refugiados, bem como aos pobres e oprimidos. A evolução passo a passo desses valores éticos é tão difícil de rastrear para a antiga cultura suméria quanto para a nossa. Pelo menos em parte, eles devem ter crescido da extensão do motivo de amor do indivíduo e de sua família imediata para a comunidade em geral e até mesmo para a humanidade como um todo. Para os sumérios, os "cabeças-pretas", como passaram a ser conhecidos, perceberam claramente que eram apenas parte de uma humanidade maior que habitava as quatro ubda's, ou seja, as quatro regiões em que dividiam o mundo como um todo. De fato, como recentemente apontado pelo jovem estudioso, J. J. A. Van Dijk, a palavra suméria para "humanidade", namlulu, passou a designar em sumério não apenas os humanos no sentido coletivo, mas, como a palavra inglesa "humanidade", toda conduta e comportamento característicos da humanidade e dignos dela. (Para as ideias sumérias do mundo sobre eles, ver páginas 269-89.) Assim, por exemplo, no ensaio edubba citado acima, "Um Escriba e Seu Filho Perverso", o pai repreende seu filho não apenas por ingratidão chocante e por não seguir seus passos e se tornar um escriba, mas por ações não dignas de sua humanidade.

Mas, apesar de seus ideais elevados e ética sublime, as chances são de que os sumérios nunca poderiam ter chegado tão longe ou alcançado tanto materialmente ou espiritualmente, se não fosse por um impulso psicológico muito especial que motivou grande parte de seu comportamento e coloriu profundamente seu modo de vida – o ambicioso, competitivo, agressivo, e aparentemente longe do impulso ético para a preeminência e prestígio, para a vitória e o sucesso. Primeiro me deparei com a ideia de que a vontade de superioridade, a ambição motriz de vitória sobre um rival, era uma fonte impregnada de motivação no comportamento sumério no curso da junção e tradução dos poemas e ensaios sumérios que os próprios escribas antigos categorizavam como "concursos" ou "disputas". Muitos desses debates literários desinibidos e conflituosos chegaram até nós, e sua própria popularidade indica que eles refletem um padrão de comportamento bem conhecido pelos sumérios e aprovado por eles. Para citar apenas alguns exemplos típicos do estilo usado nesses diálogos de concurso, aqui está primeiro uma das partes mais inteligíveis de um discurso dirigido por Copper a Silver no debate "Copper-Silver": Prata, só no palácio você encontra uma estação, esse é o lugar para o qual você está designado. Se não houvesse palácio, não teríamos estação; Foi-se a sua morada... (Quatro linhas ininteligíveis.) . . . . Na casa (comum), você está enterrado em seus pontos mais escuros, suas sepulturas, seus "lugares de fuga" (deste mundo). Quando chega a hora da irrigação, você não fornece ao homem o tapete de cobre que solta restolho; É por isso que ninguém presta atenção em você! Quando chega a hora do plantio, você não fornece ao homem o adz de cobre que molda o arado; É por isso que ninguém presta atenção em você! Quando chega o inverno, você não fornece ao homem o machado de cobre cortante de lenha; É por isso que ninguém presta atenção em você! Quando chega a hora da colheita, você não fornece ao homem a foice de cobre cortante de

grãos; É por isso que ninguém presta atenção em você! . . . . (Quatro linhas ininteligíveis.) Prata, se não houvesse palácio, não teríeis nem estação nem morada; apenas a sepultura, o "lugar de fuga", seria a sua estação. Prata, se não fossem esses lugares, você não teria para onde ser designado! . . . . (Uma linha e meia ininteligível.) . . . . Como um deus, você não coloca a mão em nenhum trabalho (útil). Como ousa então me assaltar (?) como um lobo (?)? Entre em seus santuários escuros (?); Deite-se em seus túmulos!

Assim termina o discurso de Copper. O autor prossegue: As provocações que o poderoso Cobre lançara contra ele fizeram-no (Prata) sentir-se desgraçado; as provocações cheias de vergonha (?) e amargura o faziam esperto (?) e piscar (?) como água de um poço salgado... (Uma linha ininteligível.) . . . . Então Silver deu a réplica ao poderoso Cobre: . . . (Segue-se o amargo discurso de Silver a Copper, muito do qual é ininteligível no momento.) Ou, para pegar um trecho da "Disputa entre Verão e Inverno": Em seguida, Summer deu a réplica para Winter, que havia lançado provocações contra ele: "Inverno, não se gabe de sua força extraordinária! Eu conheço o seu covil (?). Deixe-me dizer onde você "fura" na cidade; você não consegue encontrar cobertura suficiente (?). Você é um sujeito doente (?) e de joelhos fracos! A lareira (?), a própria borda do fogo, o forno, essa é a sua montanha (?)! Seus pastores e pastores com (seus) pesados (rebanhos de) ovelhas e cordeiros, os companheiros fracos, correm diante de vocês como ovelhas de lareira (?) para forno e de forno para lareira (?). Durante o auge da tempestade você os sentencia a tosse constante (?). Por sua causa, o povo da cidade montou uma tagarelice constante de dentes. Durante os dias encharcados (?), ninguém anda pelas ruas. O escravo se alegra com a lareira (?) e passa seus dias dentro de casa. A escrava não sai para a chuva e passa o tempo com roupas. Durante o inverno, os campos não são trabalhados, seus sulcos não são atendidos... (Três linhas ininteligíveis.) . . . Não se vanglorie de sua força extraordinária; deixe-me mantê-lo direto sobre as regras e regulamentos (que o regem)!"

Finalmente, há uma amostra de um discurso fanfarrão do deus-pastor, Dumuzi, cujo pedido de casamento acaba de ser rejeitado pela deusa Inanna em favor do deus-fazendeiro, Enkimdu.

O impulso competitivo por superioridade e preeminência desempenhou um grande papel na educação formal suméria, que implicou muitos anos de frequência escolar e estudo. Junto com o chicote e a bengala, foi conscientemente utilizado por pais e professores para fazer com que o aluno se esforçasse ao máximo para dominar o currículo complicado, mas longe de ser emocionante, a fim de se tornar um escriba bem-sucedido e um erudito erudito. Assim, no ensaio "Dias de Escola" discutido no capítulo vi, encontramos o professor encorajando o aluno ambicioso com as seguintes palavras persuasivas: "De seus irmãos que você seja seu líder, de seus amigos que você seja seu chefe; que você seja o mais bem classificado entre os formandos da escola". Ou, pegando o ensaio "A Disputa de Enkimansi e Girnishag", os discursos dos estudantes rivais se eriçam com xingamentos tão insultuosos e vituperativos como "dolt", "numskull", "peste", "analfabeto", "bungler", "windbag" *etc.* Além disso, este ensaio em particular termina em uma frase que provoca uma conjectura bastante surpreendente, mas não pouco esclarecedora, sobre outra faceta importante da cultura suméria, a ênfase no direito e na legalidade, a propensão para compilar códigos de leis e escrever documentos jurídicos, que há muito é reconhecida como uma característica predominante da vida econômica e social suméria. Esta frase diz: "Na disputa entre Enkimansi e Girnishag, o professor dá o veredicto". A palavra suméria usada aqui para "veredicto" é o mesmo termo usado para veredictos em julgamentos judiciais, e não se pode conter a ideia de que a extraordinária importância que os sumérios atribuíram à lei e aos controles legais se deve, pelo menos em parte, ao padrão de comportamento controverso e agressivo que caracterizou sua cultura.

Voltando à cena política, temos agora pelo menos dois contos épicos celebrando a vitória do chefe da cidade-estado suméria de Erech sobre um rival presunçoso que governava a cidade-estado de Aratta, que não estava situada na Suméria, mas talvez em algum lugar na vizinhança do Mar Cáspio. A julgar pelo conteúdo desses dois poemas, era a ambição motriz de cada um desses governantes quebrar a moral de seu rival por uma espécie de "guerra de nervos" e, assim, fazer vassalos submissos a ele e a seus súditos. Os contos estão repletos de provocações e ameaças levadas de um lado para o outro por mensageiros e arautos, bem como com desafios e concursos. É finalmente Enmerkar, o senhor de Erech, que surge como vencedor e a quem, de

acordo com um dos poemas, seu rival derrotado, o senhor de Aratta, oferece submissão abjeta nestas palavras bastante reveladoras: Você é o amado de Inanna, só você é exaltado,

> Inanna realmente te escolheu para seu santo colo;
> Do baixo (terras) para o alto (terras) você é seu senhor, Eu sou o segundo para você,
> Desde o momento da (concepção), eu não era seu igual, você é o "irmão mais velho", Eu não posso comparar com você nunca!

Bastante reveladores, também, para o impulso sumério de vitória, prestígio e glória na frente política são os numerosos hinos reais auto-laudatórios em que o rei sumério recita suas próprias virtudes e realizações sem corar e desinibidamente em linguagem bastante hiperbólica e extravagante.

É, portanto, bastante óbvio que o impulso de superioridade e prestígio coloriu profundamente a visão suméria sobre a vida e desempenhou um papel importante em sua educação, política e economia. Isso sugere a hipótese provisória de que, não muito diferente da forte ênfase na competição e no sucesso na cultura americana moderna, a agressiva propensão para a controvérsia e o ambicioso impulso para a preeminência não forneceram pouco da motivação psicológica que desencadeou e sustentou os avanços materiais e culturais pelos quais os sumérios não são injustamente notados: expansão da irrigação, invenção tecnológica, construção monumental, desenvolvimento de um sistema de escrita e educação. Triste dizer, a paixão pela competição e superioridade carregava em si a semente da autodestruição e ajudou a desencadear as guerras sangrentas e desastrosas entre as cidades-estado e a impedir a unificação do país como um todo, expondo assim a Suméria aos ataques externos que finalmente a dominaram. Tudo isso nos fornece apenas mais um exemplo histórico da pungente ironia inerente ao homem e ao seu destino.

CAPÍTULO OITAVO
O LEGADO DA SUMÉRIA

Partindo do pressuposto de que a civilização tem algum valor para o homem, os sumérios há muito mortos poderiam muito bem apontar com orgulho "sem dedos" para as inúmeras inovações, invenções e instituições que ajudaram a originar. Com certeza, pode-se dizer que estes teriam sido, em qualquer caso, sumérios ou não sumérios. Mas isso não parece ser o ponto – os sumérios estavam lá primeiro, e não parece injusto dar crédito onde o crédito é devido. Seja como for, neste capítulo tentarei esboçar de forma bastante breve e hesitante algumas de suas contribuições mais palpáveis e significativas para a cultura do homem. No entanto, antes de nos voltarmos para o legado da Suméria para as gerações posteriores, vamos dar uma olhada no dar e receber entre os sumérios e seus vizinhos próximos e distantes nos dias em que eles estavam vivos e fazendo história em vez de serem transformados em história. E comecemos por Aratta, uma cidade-estado distante provavelmente situada no noroeste do Irã, perto do Mar Cáspio, que deve sua fama e nome não às suas próprias realizações, embora estas pareçam ter sido poucas, mas aos bardos e poetas da Suméria que, por alguma razão ainda não descoberta, cantavam de seus metais e pedras, seus artesãos e artesãos, seu en, ousadamente desafiador, seu mashmashmash orgulhosamente confiante e sua deusa amada, que parece ser ninguém menos que Inanna da Suméria.

Em 1952 publiquei um poema sumério intitulado "Enmerkar e o Senhor de Aratta: Um Conto Épico Sumério do Iraque e do Irã"; consiste em mais de seiscentas linhas de texto bastante bem preservadas reunidas a partir de vinte tábuas e fragmentos agora localizados no Museu de Istambul do Antigo Oriente e no Museu Universitário da Universidade da Pensilvânia na Filadélfia. Os dois principais protagonistas deste conto épico são Enmerkar, um senhor sacerdotal – ou en, para usar a palavra suméria – de Erech, uma antiga cidade suméria que os alemães têm escavado nos últimos trinta anos, e um en sem nome de Aratta, uma cidade-estado importante, mas ainda não identificada, no antigo Irã. Brevemente esboçado, o conteúdo deste conto épico sumério é o seguinte.

Era uma vez, Enmerkar, filho do deus-sol, Utu, tendo decidido fazer um estado vassalo de Aratta, implora a sua irmã, Inanna, a poderosa deusa suméria do amor e da guerra, que cuide para que o povo de Aratta traga ouro, prata, lápis-lazúli e pedras preciosas e construa para ele vários santuários e templos, particularmente o Abzu, o templo marítimo de Enki, em Eridu.

Inanna, atendendo ao apelo de Enmerkar, aconselha-o a procurar um arauto adequado para atravessar as imponentes montanhas de Anshan e garante-lhe que o povo de Aratta se submeterá a ele e realizará as operações de construção que ele deseja. Enmerkar seleciona seu arauto e o envia para o en de Aratta com uma mensagem contendo uma ameaça de destruir e tornar desoladora sua cidade, a

menos que ele e seu povo derrubem prata e ouro e construam e decorem o templo de Enki. Para impressioná-lo ainda mais, Enmerkar instrui seu arauto a repetir-lhe o "feitiço de Enki", que relata como o deus Enki pôs fim à "era de ouro" do homem sob a influência universal de Enlil sobre a terra e seus habitantes.

O arauto, depois de atravessar sete montanhas, chega a Aratta, repete devidamente as palavras de seu mestre e pede sua resposta. Este último, no entanto, se recusa a ceder a Enmerkar, alegando que ele é protegido de Inanna e que ela o trouxe para Aratta como seu governante. A partir daí, o arauto informa que Enmerkar havia trazido Inanna para Erech e feito dela rainha de seu templo, Eanna, e que a deusa havia prometido a Enmerkar que Aratta se submeteria a ele.

O pt de Aratta está atordoado com esta notícia. Ele compõe uma resposta para o arauto levar de volta ao seu rei, na qual ele admoesta Enmerkar por recorrer às armas e diz que prefere uma "competição", ou seja, uma luta entre dois campeões selecionados. Ele continua dizendo que, uma vez que Inanna se tornou seu inimigo, ele está pronto para se submeter a Enmerkar apenas se ele lhe enviar grandes quantidades de grãos. O arauto retorna a Erech pós-pressa e entrega a mensagem a Enmerkar no pátio da sala de assembleia.

Antes de fazer seu próximo movimento, Enmerkar realiza vários atos aparentemente ritualísticos em caráter. Primeiro, ele se aconselha com Nidaba, a deusa suméria da sabedoria. Então ele tem suas bestas de carga carregadas de grãos. Eles são levados a Aratta pelo arauto, que deve entregar ao seu senhor uma mensagem elogiando o cetro de Enmerkar e ordenando ao senhor que traga Enmerkar carnelian e lapis lazuli. Na chegada, o arauto empilha os grãos no pátio e entrega sua mensagem. O povo, encantado com o grão, está pronto para presentear Enmerkar com a desejada carneliana (nada parece ser dito do lápis-lazúli) e para que os "anciãos" construam sua "casa pura" para ele. Mas o histérico en de Aratta, depois de elogiar seu próprio cetro, recusa e insiste, em palavras idênticas às de Enmerkar, que este lhe traga carneliana e lápis-lazúli.

No retorno do arauto a Erech, Enmerkar aparentemente consulta os presságios, em particular um envolvendo uma palheta de sushima, que ele traz de "luz para sombra" e de "sombra para luz", até que ele finalmente a corta "depois de cinco anos, depois de dez anos passados". Ele envia o arauto mais uma vez para Aratta, desta vez apenas colocando o cetro em sua mão sem qualquer mensagem de acompanhamento. A visão do cetro parece despertar terror no en de Aratta. Ele se volta para seu shatam e, depois de falar amargamente da situação de sua cidade como resultado do desprazer de Inanna, parece pronto para ceder a Enmerkar. No entanto, ele mais uma vez lança um desafio a Enmerkar. Desta vez, ele exige que Enmerkar selecione, como seu representante, um de seus "homens de luta" para se envolver em combate único com um de seus próprios "homens de luta". Assim, "os mais fortes se tornarão conhecidos". O desafio, em termos de enigma, pede que o selecionador não seja nem preto nem branco, nem pardo, amarelo ou dappled – o que parece fazer pouco sentido quando se fala de um homem.

Na chegada do arauto a Erech com este novo desafio, Enmerkar pede-lhe que regresse a Aratta com uma mensagem em três partes: (1) Ele (Enmerkar) aceita o

desafio de Aratta e está preparado para enviar um dos seus próprios retentores para lutar contra o seu representante para uma decisão. (2) Ele exige que o en de Aratta acumule ouro, prata e pedras preciosas para a deusa Inanna em Erech. (3) Ele mais uma vez ameaça Aratta com destruição total, a menos que seu povo traga "pedras da montanha" para construir e decorar o santuário de Eridu para ele.

Na primeira parte da mensagem, as palavras de Enmerkar parecem esclarecer os termos do senhor de Aratta sobre a cor do retentor a ser selecionado. Enmerkar substitui a palavra "vestimenta" por "homem lutador". Presumivelmente, as cores foram feitas para se referir a roupas usadas pelos combatentes em vez de seus corpos.

Segue-se uma passagem notável que, se corretamente interpretada, nos informa que Enmerkar foi, na opinião do poeta, o primeiro a escrever em tábuas de argila e que o fez porque seu arauto parecia "pesado de boca" e incapaz de repetir a mensagem, talvez por causa de sua extensão. O arauto entrega a tábua inscrita ao en de Aratta e aguarda sua resposta. Mas a ajuda agora parece vir de uma fonte inesperada. O deus sumério da chuva e da tempestade, Ishkur, traz para Aratta trigo e feijão selvagens e os amontoa antes do en. À vista do trigo o en toma coragem. Sua confiança foi recuperada, ele informa ao arauto de Enmerkar que Inanna não havia abandonado Aratta ou sua casa e cama lá.

A partir daí, o texto torna-se fragmentário e o contexto difícil de acompanhar, exceto pela afirmação de que o povo de Aratta trouxe ouro, prata e lápis-lazúli para Erech e os amontoou no pátio de Eanna para Inanna.

Em outro poema épico sumério, que consiste em cerca de trezentas linhas e que foi apenas parcialmente publicado até hoje, encontramos novamente Enmerkar, o en de Erech, em uma disputa amarga com um en de Aratta, mas com um neste caso que leva o bom nome sumério Ensukushsiranna. Seu enredo, muito resumidamente, é o seguinte.

Nos dias em que um certo Ennamibaragga-Utu era rei de um império presumivelmente incluindo a Suméria e partes do antigo Irã, Ensukushsiranna, o en de Aratta, lançou um desafio a Enmerkar, o en de Erech, exigindo que este o reconhecesse como seu senhor e que a deusa Inanna fosse trazida para Aratta. Enmerkar desdenha do desafio e em um longo discurso, no qual ele se apresenta como o favorito dos deuses, declara que Inanna permanecerá em Erech e exige que Ensukushsiranna se torne seu vassalo. Ensukushsiranna reúne os membros de seu conselho e lhes pede conselhos. Eles o aconselham a se submeter a Enmerkar, mas isso ele indignadamente se recusa a fazer. Onde o sacerdote de Aratta vem em seu auxílio e se vangloria de que subjugará Erech – e, de fato, todas as terras "acima e abaixo, do mar à montanha de cedro" – por seu poder mágico. Ensukushsiranna fica encantado e lhe dá cinco minas de ouro e cinco minas de prata, bem como os suprimentos necessários. O mashmash chega em Erech no devido tempo, mas é enganado pelos dois pastores da deusa Nidaba e um velho ancião sábio chamado Sagburru, que finalmente o mata e joga seu corpo morto no Eufrates. Quando Ensukushsiranna ouve do que aconteceu com seu mashmashmash, ele

apressadamente envia um mensageiro para Enmerkar e capitula completamente, admitindo abjetamente que Enmerkar é seu superior.

Outro conto épico sumério cujo conteúdo é revelador dos contatos políticos, religiosos e culturais extraordinariamente estreitos entre Erech e Aratta é um que pode ser intitulado "Lugalbanda e Enmerkar". É composto por aproximadamente quatrocentas linhas, e os detalhes relevantes de seu enredo são os seguintes.

Lugalbanda, um dos heróis de Erech pertencente à comitiva militar de Enmerkar, acaba de retornar a Erech de uma jornada perigosa, apenas para encontrar seu senhor e liege em grande aflição. Por muitos anos passados, os Martu semíticos têm devastado tanto a Suméria quanto a Uri (mais ou menos a posterior Acádia). Agora eles estão sitiando Erech em si, e Enmerkar descobre que ele deve receber um pedido de ajuda através de sua irmã (ninguém menos que a deusa Inanna de Aratta). Mas ele não consegue encontrar ninguém para empreender a perigosa jornada até Aratta para passar a mensagem. Por isso, Lugalbanda se aproxima de seu rei e corajosamente se voluntaria para a tarefa. Após a insistência de Enmerkar no segredo, ele jura que fará a viagem sozinho desacompanhado de seus seguidores. Depois de receber de Enmerkar as palavras exatas de sua mensagem para Inanna, Lugalbanda se apressa para seus amigos e seguidores e os informa de sua jornada iminente. Tentam dissuadi-lo, mas sem sucesso. Ele pega em suas armas, atravessa as sete montanhas que vão de uma ponta a outra de Anshan – ou, como diz o poeta, "do 'ombro' de Anshan à 'cabeça' de Anshan" – e finalmente chega com passo alegre ao seu destino.

Em Aratta, Lugalbanda é recebida calorosamente por Inanna. Ela pergunta o que o levou sozinho de Erech para Aratta, e ele repete textualmente a mensagem de Enmerkar e pede ajuda. A resposta de Inanna é obscura; parece envolver um rio e os peixes incomuns do rio que Enmerkar deve capturar; também estão envolvidos certos vasos de água que ele deve moldar. Enmerkar faz o que foi dirigido, e o poema termina com um elogio a Aratta, que parece ter fornecido a Enmerkar metalúrgicos e pedreiros.

O conteúdo dos três contos épicos sumérios esboçados acima são de significado incomum pela luz que lançaram sobre a antiga cidade-estado iraniana de Aratta; eles nos fornecem uma série de detalhes reveladores sobre a organização política, economia e religião de Aratta, todos os quais são bastante novos e inesperados. Assim, descobrimos, de acordo com nosso poeta sumério, que o chefe político de Aratta, assim como na cidade-estado suméria de Erech, era um líder militar e religioso conhecido como en e que ele tinha um nome sumério. Também descobrimos que havia outros altos funcionários políticos em Aratta com títulos sumérios como ensi, sukkal, shatam, ragaba e ugula; e que Aratta, como a cidade-estado suméria, tinha uma assembleia consultiva, cuja opinião, no entanto, poderia ser ignorada pelo governante da cidade se ele se sentisse disposto a fazê-lo.

Em relação à religião, aprendemos que o panteão sumério era adorado em Aratta. Sua divindade tutelar era a deusa suméria Inanna que, a julgar pelo primeiro de nossos poemas épicos, "Enmerkar e o Senhor de Aratta", só mais tarde foi feita a "Rainha de Eanna" em Erech por Enmerkar. Outra divindade favorita de Aratta era

Dumuzi - há muito conhecido como um governante divinizado de Erech - o pastor que, de acordo com os mitógrafos sumérios, tornou-se o amado e condenado à morte de Inanna. O deus Enki, por outro lado, cujo protegido especial Enmerkar parece ter sido, estava bastante inimicamente disposto a Aratta e seu en.

A riqueza econômica de Aratta, a julgar por nossos poemas, consistia principalmente de ouro, prata e todos os tipos de pedra; Destacou-se, além disso, por seus hábeis metalúrgicos e pedreiros, seus pedreiros e escultores. Foi por esta razão, sem dúvida, que os governantes de Erech, uma região destituída de pedras e metais, estavam ansiosos para adicionar Aratta ao seu domínio. Por outro lado, Aratta não era rica em grãos, que Erech tinha em excedente – daí talvez a disposição por parte de seu povo de ceder a Ereque apesar dos desejos de seu governante.

Vamos agora recorrer às indicações geográficas em nossos poemas e tentar descobrir a provável localização de Aratta no mapa. Em primeiro lugar, estamos razoavelmente certos de que Aratta estava localizada no Irã, já que nossos poemas a descrevem como separada de Erech, no sul da Mesopotâmia, por toda a terra de Anshan, de seu "ombro" à sua "cabeça", e Anshan, a maioria dos estudiosos concorda, está situada no sudoeste do Irã. Um problema surge, no entanto, ao tentar localizar Aratta em relação a Anshan. Deve ser procurado ao norte de Anshan na direção do Lago Urmia e do Mar Cáspio, ou a leste na direção do Baluchistão e da Índia, ou ao sul na direção de Laristan e do Golfo Pérsico? Mais uma vez, é um conto épico sumério que pode nos dar a resposta. Este poema, que pode ser intitulado "Lugalbanda e Monte Hurum", permaneceu em grande parte ininteligível até 1955, quando uma grande tabuleta de seis colunas da Coleção Hilprecht da Universidade Friedrich-Schiller em Jena tornou-se disponível; conta a seguinte história.

Enmerkar, o senhor de Erech, decidiu viajar para Aratta a fim de torná-lo um estado vassalo. Acompanhado por uma vasta multidão de erequitas sob o comando de sete heróis sem nome e Lugalbanda, que, para citar as palavras do poema, "era o oitavo", ele chega ao Monte Hurum. Aí Lugalbanda adoece. Seus irmãos e amigos fazem tudo o que podem para reanimá-lo, mas sem sucesso. Levando-o para morrer, eles decidem que deixarão seu cadáver no Monte Hurum, prosseguirão em sua jornada para Aratta e, ao voltarem da campanha, pegarão seu corpo e o levarão de volta para Erech. Mas Lugalbanda não está morta. Abandonado e abandonado, ele ora aos deuses do sol, da lua e da estrela de Vênus, e eles restauram sua saúde. Ele vaga por toda a estepe montanhosa, e aí devemos deixá-lo para o presente, já que nossos textos disponíveis se rompem neste ponto.

É claro a partir deste poema que o Monte Hurum estava situado em algum lugar entre Erech e Aratta, e uma vez que não é irracional supor que o Monte Hurum era a casa original do povo humano do bairro do Lago Van, podemos concluir que Aratta estava nas proximidades do Lago Urmia ou talvez até mais a leste. De fato, a campanha de Enmerkar para Aratta pode ser comparada, em certa medida, com a de Sargão II mais de dois mil anos depois (714 a.C.) para a terra dos Mannai, cujo relato, curiosamente, menciona a travessia de um rio chamado Aratta, um nome que lembra, talvez, a cidade de Aratta.

De Aratta, perto do Mar Cáspio, voltemos a duas terras que muitas vezes andam juntas nas inscrições, Magan e Meluhha; sua localização ainda está em dúvida, embora possam vir a ser Egito e Etiópia. De fato, a maioria dos cuneiformistas concorda que, no primeiro milênio a.C., Magan e Meluhha correspondiam aproximadamente ao Egito e à Etiópia. É para os períodos anteriores – para os dias de Sargão, o Grande, Gudea e a Terceira Dinastia de Ur, por exemplo – que essa identificação tem sido geralmente considerada mais improvável, uma vez que envolveria a suposição aparentemente incrível de que os povos daqueles primeiros dias tinham navios marítimos que poderiam chegar à costa leste da África. Isso levou à hipótese de que ao longo dos milênios houve uma mudança na toponímia, ou seja, que no terceiro e segundo milênios a.C. os nomes Magan e Meluhha correspondiam às terras que fazem fronteira com as costas leste e sudeste da Arábia, mas que, por uma razão ou outra, esses nomes foram posteriormente transferidos para o Egito e a Etiópia.

Ora, metodologicamente falando, a verificação de uma hipótese envolvendo uma mudança de nome nos documentos cuneiformes para países de importância tão reconhecida como os referidos pelos nomes Magan e Meluhha deve ser baseada em evidências razoavelmente asseguradas e decisivas. Mas, a partir de hoje, não me parece haver esse tipo de evidência; há ainda uma forte possibilidade, como ficará evidente a partir do que se segue, de que não houve mudança toponímica e que Magão e Meluhha correspondem mais ou menos ao Egito e à Etiópia no terceiro milênio a.C., bem como no primeiro milênio.

Magão e Meluhha são mencionados em textos sumérios e acadianos desde pelo menos a época de Sargão, o Grande, até meados do primeiro milênio a.C. Sargão, o Grande, em suas próprias inscrições, escreve que os barcos de Magão, Meluhha e Dilmun ancoraram em sua capital, Agade. Seu neto, Naram-Sin, capturou Manium, o rei de Magan, trouxe de volta o espólio de Magan, e mandou extrair pedras lá; um número de vasos de alabastro dedicados por Naram-Sin e inscritos com as palavras "espólio de Magan" foram escavados. Gudea escreve que ele obteve diorito para suas estátuas de Magan e madeira para a construção de seu templo Eninnu de Magan e Meluhha. Ur-Nammu, no prólogo de seu código de leis, fala em devolver o Magan-boat de Nanna na fronteira – uma afirmação enigmática, mas que parece apontar para a importância atribuída às relações comerciais entre Magan e Suméria. Documentos econômicos da época da Terceira Dinastia de sua mencionam importações de Magão e Meluhha como cobre, marfim, carneliana e cebola. Nos períodos pós-sumérios, encontramos Meluhha mencionado várias vezes como um lugar de "homens negros", o que leva naturalmente a uma identificação de Meluhha com a Etiópia.

Há também uma série de referências a Magan e Meluhha nos textos literários sumérios, publicados e inéditos, que são altamente significativos da estreita relação entre Magan, Meluhha e Suméria e que apontam para a identificação de Magan e Meluhha com o Egito e a Etiópia. As referências são as seguintes:

1. Uma passagem de três linhas no poema "Gilgamesh e a Terra dos Vivos" que diz:

Depois de ter afundado, depois de ter afundado,
Depois que o barco Magan afundou,
Depois que o barco "The Might of Magilum" afundou.

Essas falas fazem parte de um discurso de Gilgamesh a Enkidu, que, apavorado com a ideia de encontrar Huwawa, o monstro guardião da "terra do cedro cortado", reluta em acompanhar seu mestre em sua perigosa jornada. As implicações da passagem são bastante incertas, mas prova que o tema do barco-magão e seu naufrágio era a tradição atual entre os sumérios. Além disso, há alguma possibilidade de que a terceira linha, que menciona um barco chamado "O Poder de Magilum", realmente se refira a Meluhha.

2. Uma linha no final do mito "Enki e Ninhursag" diz: "Que Nintulla seja o senhor de Magan". Estas palavras são proferidas pelo deus Enki, que está decretando o destino de oito divindades nascidas pela deusa Ninhursag para curar seus oito órgãos corporais que ficaram doentes e doentes como consequência de ele comer oito plantas proibidas. O nome Nintulla tem todas as características de um complexo sumério e tem o significado de "o senhor de tul", no qual a sílaba tul representa uma palavra desconhecida no momento. Aprendemos com essa linha, portanto, que um deus de Magão tinha um nome sumério e que os poetas sumérios e homens de letras não encontraram dificuldade em originar e propagar a ideia de que seu próprio deus Enki o havia nomeado como o deus de Magan. Isso fala por uma relação bastante próxima e íntima entre as terras e os povos da Suméria e Magão.

3. Uma passagem de oito linhas de "A Maldição de Agade" diz o seguinte:

O Martu do planalto, que não conhece grãos,
Traga-o (Naram-Sin) bois imaculados, crianças imaculadas;
Os Meluhhaites, os homens da terra negra,
Traga para ele todos os tipos de produtos exóticos;
Os elamitas e subarianos carregam as cargas para ele como burros de carga;
Todos os ensi's e os sanga's,
Os controladores da Guedinna,
Leve (seus) presentes direto (para Agade) mensalmente e no ano novo.

Aqui, então, encontramos os Meluhhaites listados como trazendo tributo a Naram-Sin em sua capital, Agade, ao lado dos Martu, Elamitas e Subarianos. Com certeza, é bastante surpreendente que Magan não seja mencionado aqui, uma vez que, de acordo com as inscrições votivas contemporâneas há muito conhecidas, Naram-Sin conquistou Magan e trouxe de volta o espólio dele; na verdade, não parece improvável, por razões gerais, que – parafraseando um conhecido ditado eleitoral americano – "como foi Magan, assim foi Meluhha". Seja como for, o que não é de pouca importância na passagem "A Maldição de Agade" é o fato de que os Meluhhaites são designados como "os homens da terra negra", uma frase que se assemelha à expressão "os Meluhhaites negros" encontrada nas inscrições do primeiro milênio mencionadas acima. Pois essa semelhança tende a indicar que a terra conhecida pelo nome de Meluhha para os autores daquele poema, que provavelmente viveram algum tempo por volta de 2000 a.C., era idêntica àquela conhecida como Meluhha para os escribas do primeiro milênio, e que não houve mudança toponímica ao longo dos anos.

4. Uma passagem de duas linhas em um hino de Ninurta publicado como texto nº 61 em meus Textos Literários Sumérios de Nippur, diz: "Cornalina e lápis-lazúli que você trouxe (?) da terra Meluhha." Essa afirmação faz parte de uma passagem que exalta o deus Ninurta como o "portador" de metais, pedras e minerais dos países em que são encontrados. A carneliana é de fato bem conhecida como um produto característico de Meluhha, mas é bastante surpreendente encontrar Meluhha notável também para o lápis-lazúli.

5. Uma variante ainda inédita de uma passagem do mito "Enki e Ninhursag", consistindo em grande parte de uma bênção proferida sem dúvida por Enki a Dilmun, diz o seguinte:

Que a terra Tukrish transporte para você ouro [de] Harali, lápis-lazúli, (e) . .;
Que a terra Meluhha [traga(?)] para você tentador, precioso carneliano, messhagan-madeira, fino "mar"(?) - madeira, (e) barcos de grande porte;
Que a terra Marhashi [traga (?)] para você pedra "preciosa" (e) cristal,
Que a terra Magan [traga (?)] para você o cobre poderoso, a força de . ., diorito, u-stone e shuman-stone;
Que o "Mar-terra (?)" lhe traga (?) ébano (?), o ornamento . . . do rei,
Que a terra Zalamgar transporte para você lã, (?), minério bom (?), (e) . .;
Que a terra Elam transporte para você lã (?) . ., (e) pesado (?) tributo;
Que o senhor, o dais da realeza, a cidade... , [traga (?)] para você grãos, óleo de gergelim, roupas nobres, roupas finas, (e) grandes barcos;
Que o mar largo lhe traga (?) sua abundância;
A cidade – suas habitações são boas moradias,
Dilmun – suas habitações são boas habitações;
Sua cevada é muito pequena cevada,
Suas datas são datas muito grandes,
Suas colheitas trazem três . . .
Suas árvores

Aqui, então, Meluhha é retratada como uma terra conhecida por carneliana e dois tipos de madeira, enquanto Magan é retratada como conhecida por cobre e três tipos de pedra. Uma vez que vários desses produtos são conhecidos pelos documentos econômicos como característicos de Magan e Meluhha, não parece despropositado supor que os homens de letras sumérios tinham uma ideia moderadamente boa da importância econômica dos dois países e, provavelmente, de sua localização também. Além disso, embora esta passagem nos diga relativamente pouco sobre Magan e Meluhha, é inestimável para o quadro que desenha de Dilmun e pode até ser significativa para a localização daquele país.

6. Uma passagem do mito "Enki e a Ordem Mundial" diz:

As terras Magan e Dilmun
Olhei para mim, Enki,
Atracou (?) o barco Dilmun ao chão (?),
Carregou o céu do Magan-boat alto;
O Magilum-boat de Meluhha,
Transporta prata e ouro,
Traz-os para Nippur para Enlil, o rei de todas as terras.

Embora o significado de várias das palavras e frases seja incerto, o sentido da passagem como um todo é bastante claro: o povo de Magan e Meluhha é descrito como trazendo seus produtos de barco – note que o Magilum-boat está aqui claramente identificado com Meluhha – para o templo de Enlil em Nippur, ou seja, é claro, para a Suméria. É pouco provável que essa descrição das "relações internacionais" do terceiro milênio a.C. não tenha passado de uma invenção de nossos poetas; deve ter sido de conhecimento geral que esses três países supriram a Suméria com muitas de suas necessidades econômicas, seja por meio de tributos forçados ou trocas comerciais ou ambos.

7. Uma segunda passagem relevante do mesmo mito, composta por dezesseis linhas, contém a bênção de Enki a Meluhha. Embora algumas das palavras e frases desta passagem ainda sejam obscuras, é óbvio que o poeta conhecia Meluhha (designada aqui, também, como "a terra negra") como um país próspero e populoso rico em árvores, juncos, touros, dar-pássaros – note que os dar-birds de Meluhha também são conhecidos pelos documentos econômicos, o que fornece prova adicional de que o poeta não inventou sua descrição do país – haia-birds, e metais diversos.

Todas essas evidências dificilmente resolvem com precisão o problema da localização e identificação de Meluhha. Mas não importa onde se situasse, o fato de que os poetas sumérios e os homens de letras estivessem tão favoravelmente dispostos a isso tenderia a indicar que havia uma relação bastante próxima e íntima entre Meluhha e a Suméria, muito mais próxima e muito mais íntima do que até agora se pensava.

A terra Dilmun, para a qual agora nos voltamos, parece ter sido ainda mais intimamente relacionada à Suméria do que Magan e Meluhha. Dilmun é identificado pela maioria dos estudiosos com a ilha de Bahrein, no Golfo Pérsico; uma grande e altamente competente expedição arqueológica dinamarquesa tem escavado lá nos últimos dez anos, em grande parte por causa de sua fé nessa identificação. Como a análise a seguir do material literário relevante mostrará, no entanto, há um espaço considerável para ceticismo sobre esse ponto. Na verdade, há até alguma possibilidade de que Dilmun venha a incluir a região no Paquistão e na Índia, onde uma notável cultura urbana e letrada floresceu no final do terceiro milênio a.C., a chamada cultura Harappan, ou Vale do Indo.

Uma pista bastante óbvia para a direção geral em que Dilmun deve ser procurado é encontrada nas últimas linhas existentes do mito do dilúvio sumério, segundo o qual Ziusudra, o herói do dilúvio sumério, recebe a vida eterna e é transplantado pelos grandes deuses An e Enlil para Dilmun, que é descrito como "o lugar onde o sol nasce". Agora, o epíteto "o lugar onde o sol nasce" dificilmente se encaixa na

ilha de Bahrein, que abraça a costa árabe e fica quase diretamente ao sul da Suméria; é muito mais provável que se refira à região do rio Indo, ou talvez ao Baluchistão.

Na inscrição de Lugalannemundu (ver páginas 50–52), oito terras sobre as quais Lugalannemundu reivindica o controle são nomeadas várias vezes na mesma ordem, assim: "A Terra dos Cedro", Elam, Marhashi, Gutium, Subir, Martu, Sutium e Eanna. Na suposição não irracional de que esta lista é geograficamente orientada, "A Terra do Cedro" referida não seria idêntica com o Líbano a oeste, mas com uma terra a leste de Elam. Isso é confirmado pelo fato de que o deus-sol, Utu, é descrito na literatura suméria como o deus que "se levanta da terra dos aromáticos e do cedro". Não é improvável que esta terra, que certamente deve ser procurada no leste, seja a mesma que a "Terra do Cedro" da inscrição Lugalannemundu. Além disso, como a "Terra dos Cedros" é o lugar de onde o sol nasce, não seria surpreendente descobrir que a "Terra dos Cedros" e Dilmun, "o lugar onde o sol nasce", são aproximadamente idênticos. E, de fato, o cedro é mencionado como uma árvore nativa de Dilmun em uma passagem enigmática e ainda enigmática em um lamento de Dumuzi que diz:

Meu ombro é o cedro, meu peito é o cipreste,
Meu.... é o cedro consagrado,
O cedro, o consagrado de Hashur,
A sombra de Dilmun.

Se a identificação da "Terra dos Cedro", o lugar onde o sol nasce, com Dilmun se revelar correta, então a terra para a qual Gilgamesh e Enkidu fazem sua perigosa e aventureira jornada no conto épico "Gilgamesh e a Terra dos Vivos" também pode vir a ser Dilmun, embora nunca seja explicitamente assim chamada no poema. Pois esta terra também é caracterizada como uma terra de cedros, e a divindade responsável por ela é ninguém menos que o deus-sol, Utu. Além disso, seu epíteto "Terra dos Vivos" pode apontar para sua identificação com Dilmun; pois Dilmun, de acordo com o poema "Enki e Ninhursag: Um Mito do Paraíso Sumério", é descrito como uma terra onde

O olho doente diz que não "estou com os olhos doentios",
O enfermo não diz "estou doente",
Sua velha (de Dilmun) diz que não "eu sou uma velha",
Seu velho não diz "eu sou um velho".

linhas que parecem dizer indiretamente e obliquamente que Dilmun é uma terra de imortalidade e imortalidade. Isso explicaria, é claro, por que Ziusudra havia sido transplantado para Dilmun uma vez que os deuses lhe concederam a imortalidade. Na verdade, ainda pode acontecer que Gilgamesh tenha viajado para "a Terra dos Vivos" em busca da imortalidade, apesar do fato de que as passagens iniciais do poema "Gilgamesh e a Terra dos Vivos" apontam para a busca por nome e fama como motivação impulsionadora.

Mas não importa onde Dilmun esteja localizado, é claro pelo que já foi dito que ele era visto pelos sumérios como uma terra paradisíaca abençoada, intimamente relacionada à Suméria, especialmente no nível religioso e espiritual. De acordo com o mito "Enki e Ninhursag", parece ter sido a terra natal de Enki, por assim dizer, onde ele gerou um grande número de divindades. A grande deusa Ninhursag também

parece ter estado bastante em casa em Dilmun; na verdade, parece ter sido o lugar onde todos os deuses se encontram. Sua divindade tutelar era uma deusa com o bom nome sumério, Ninsikil, "a senhora pura", e seu marido, que Enki gerou, era Enshag, "o senhor justo". Da passagem variante de Ur no poema "Enki e Ninhursag" citado acima (ver páginas 147-49), temos a impressão de que Dilmun era um dos países mais ricos e poderosos do mundo antigo.

Ora, Dilmun não é apenas uma ficção literária, uma terra nunca criada pela imaginação fértil dos bardos e poetas sumérios. Tem uma longa história, a julgar pelos documentos votivos e econômicos, a começar por Ur-Nanshe, que registra que "os navios de Dilmun lhe trouxeram madeira como tributo de terras estrangeiras". Os barcos de Dilmun ancoraram nas docas de Agade ao lado dos de Magan e Meluhha no tempo de Sargão, o Grande. De acordo com os documentos econômicos da época da Terceira Dinastia de Ur e do período Isin-Larsa que se seguiu, as importações de Dilmun consistiam em ouro, cobre e utensílios de cobre, lápis-lazúli, mesas incrustadas com marfim, "olhos de peixe" (talvez pérolas), marfim e objetos de marfim (pentes, couraças e caixas, bem como figuras em forma humana e animal e peças finais para móveis), contas de pedras semipreciosas, tâmaras e cebolas. As "cebolas Dilmun", de fato, são mencionadas nos textos econômicos que datam do século XXI a.C. Muito depois de os sumérios terem deixado de existir, ao longo do segundo e primeiro milênios a.C., encontramos Dilmun mencionado nos documentos acádios. Há mensageiros e caravanas de Dilmun. O rei assírio Tukulti-Ninurta usa em seus títulos a expressão "rei de Dilmun e Meluhha", lembrando, de certa forma, o bíblico "da Índia à Etiópia" usado do rei Assuero no Livro de Ester. Há um rei de Dilmun chamado Uperi, que prestou tributo a Sargão II da Assíria. Há outro rei chamado Hundaru, em cujos dias o espólio retirado de Dilmun consistia em bronze, objetos feitos de cobre e bronze, paus de madeira preciosa e grandes quantidades de kohl, usados como tinta para os olhos. Nos dias de Senaqueribe, uma tripulação de soldados é enviada de Dilmun para a Babilônia para ajudar a arrasar aquela cidade, e eles trazem consigo pás de bronze e espinhos que são descritos como um produto característico de Dilmun. Como interpretar a evidência literária suméria que trata Dilmun como um Elysium sumério à luz do Dilmun "pé no chão" dos documentos econômicos e históricos deve permanecer mais ou menos um mistério até que documentos escritos inteligíveis sejam encontrados em Dilmun em si, seja a ilha de Bahrein ou a região do sul do Irã e do Vale do Indo.

Como é evidente pelo que foi dito acima sobre Aratta, Magan e Meluhha, e Dilmun, a influência suméria, particularmente no nível religioso e espiritual, estendeu-se por milhares de quilômetros e em todas as direções. É óbvio, também, que ao longo dos séculos os sumérios não acumularam pouca informação sobre terras estrangeiras e povos estrangeiros. Mercadores sumérios vagando por terra e mar traziam consigo relatos dos lugares estranhos que visitavam e do povo que os habitava. O mesmo aconteceu, sem dúvida, com os soldados que retornavam de expedições militares bem-sucedidas. Dentro das próprias cidades sumérias, havia um número considerável de estrangeiros: soldados capturados em batalha e trazidos de volta como escravos, bem como homens livres que vieram se estabelecer na cidade

por um motivo ou outro. Em suma, portanto, os cortesãos, administradores, sacerdotes e professores sumérios tinham um conhecimento considerável de países estrangeiros: sua localização geográfica e características físicas, seus recursos econômicos e organização política, suas crenças e práticas religiosas, seus costumes sociais e princípios morais. De fato, não só os sumérios sabiam muito sobre países e povos estrangeiros; eles também os julgaram, isto é, avaliaram sua conduta e caráter e avaliaram seu modo de vida de acordo com seus próprios padrões e valores sumérios.

A julgar pelas evidências disponíveis, tanto arqueológicas quanto literárias, o mundo conhecido pelos sumérios não se estendia mais longe do que a Índia, no leste; Anatólia, a região do Cáucaso e as partes mais ocidentais da Ásia Central, ao norte; o Mar Mediterrâneo a oeste, embora talvez Chipre e até Creta possam ser incluídos; e Egito e Etiópia, ao sul. Atualmente, não há evidências conhecidas de que os sumérios tiveram qualquer contato ou conhecimento de povos que viviam no norte da Ásia, na China ou em qualquer lugar do continente europeu. Os próprios sumérios dividiram o mundo em quatro ubda's, isto é, quatro regiões ou distritos, que parecem corresponder aproximadamente aos quatro pontos da bússola. O agrupamento mais antigo conhecido deste tipo está na passagem da idade dourada do poema "Enmerkar e o Senhor de Aratta", cuja parte relevante diz o seguinte:

> Era uma vez, as terras Shubur e Hamazi,
> Muitos (?) - Suméria, a grande terra das leis divinas do principado,
> Uri, a terra tendo tudo o que é apropriado,
> A terra Martu, descansando em segurança,
> Todo o universo, as pessoas em uníssono,
> Para Enlil em uma língua dar louvor.

Se esta passagem for corretamente traduzida, parece indicar que os sumérios pensavam que sua própria terra Suméria formava o limite sul da Terra; que o distrito de Uri, geralmente equiparado a Acádia, embora possa naquela época ter sido pensado para incluir um território muito maior, formou o limite norte da Terra; que o distrito oriental era composto por Shubur e Hamazi; e que a região ocidental foi designada pelo nome da terra Martu, uma palavra que na verdade passou a significar "oeste" na língua suméria. Na literatura de presságio acadiano de uma data posterior, que pode, é claro, remontar a uma contraparte suméria anterior, os quatro distritos são geralmente dados como Akkad (no lugar da Suméria) no sul; Elam ou Gutium no leste; Shubur no norte (em vez do leste, como parece ser na passagem da idade dourada); e Martu novamente no oeste. Infelizmente, nem os escritores sumérios nem os acadianos entram em detalhes. Em nenhum lugar eles indicaram o que pensavam ser a extensão real dessas quatro regiões, que parecem deixar de fora países como Índia, Egito e Etiópia, por exemplo, países que certamente eram conhecidos tanto pelos sumérios quanto pelos acádios. De qualquer forma, de acordo com os pensadores sumérios, os limites desses distritos e das terras neles foram demarcados pelos deuses na época da criação do universo, e pelo menos por volta de 2400 a.C., o credo foi aceito em toda a Suméria de que o deus-ar, Enlil, era o rei de toda a terra habitada, "o rei de todas as terras", e não apenas da Suméria.

Habitando os quatro cantos da terra estavam os nam-lulu; esta é uma palavra composta suméria provavelmente consistindo de lu, "homem", reduplicado e o nome da partícula, usado para formar substantivos abstratos - corresponde, portanto, em formação ao inglês "mankind". O povo sumério – os "cabeças-negras", como se autodenominavam a partir de pelo menos 2000 a.C. – era apenas uma parte dessa humanidade maior, mas, escusado será dizer, uma parte muito importante. Na verdade, eles eram uma parte tão importante que, pelo menos em um caso, os "cabeças-pretas" parecem estar identificados com a humanidade como um todo. Assim, há uma passagem na primeira parte do mito do dilúvio sumério há muito conhecido que diz:

> Depois de An, Enki e Ninhursag
> Tinha moldado o povo de cabeça preta,
> Vegetação luxuriada da terra,
> Animais, criaturas de quatro patas (criaturas) da planície foram trazidos artisticamente à existência.

Aqui, então, "cravos" parecem estar justapostos a plantas e animais, como se a palavra se referisse à humanidade como um todo. Novamente, de acordo com o mesmo mito do Dilúvio, quando os deuses decidiram enviar a "realeza" na Terra, eles fundaram todas as cinco primeiras cidades reais na Suméria. E quando o Dilúvio veio "destruir a semente da humanidade", foi o rei sumério Ziusudra de Shuruppak que foi salvo pelos deuses como "o preservador do nome da vegetação e a semente da humanidade".

Não há dúvida de que os sumérios se consideravam uma espécie de "povo escolhido", "o sal da terra", por assim dizer. No mito "Enki e a Ordem Mundial", que trata da criação e organização do deus Enki das entidades e processos naturais e culturais essenciais à sociedade civilizada, o encontramos abençoando a Suméria em palavras aladas que revelam que os sumérios se consideravam uma comunidade bastante especial e sagrada mais intimamente relacionada aos deuses do que a humanidade em geral – uma comunidade notável não apenas por sua riqueza material e posses, não apenas por seus poderosos reis, mas também por seus honrados líderes espirituais, os en's – uma comunidade que todos os deuses do céu decretantes do destino, os Anunnaki, haviam escolhido como sua morada.

Naturalmente, nem todas as terras e povos estrangeiros eram vistos com tanto favor como Meluhha, Dilmun e Aratta. A amargura, o desprezo e o ódio, no entanto, eram amontoados principalmente sobre os inimigos em cujas mãos eles sofriam. Os gutianos, por exemplo, que nos dias da dinastia de Acádia trouxeram morte e destruição à Suméria e ao seu povo, foram descritos amargamente como "um povo que não tem controle", "uma víbora pungente das montanhas", "um inimigo dos deuses". Os elamitas e subarianos são chamados de "homens de destruição" nas lamentações sumérias. Além disso, no caso dos elamitas, encontramos uma tentativa de caracterização sucinta de sua personalidade em dois ditos (de uma coleção de provérbios sumérios) que Edmund Gordon está preparando para publicação. A primeira diz literalmente: "A Elamita – uma casa para ele morar não é boa", ou seja, presumivelmente, o elamita não estava satisfeito com uma casa. Se essa interpretação estiver correta, é claro que, com ou sem razão, os sumérios viam os elamitas como extraordinariamente gananciosos e ambiciosos. O segundo provérbio

diz literalmente: "O elamita está doente: seus dentes estão tagarelando". Se o significado é que os elamitas não podiam deixar de ganhar de dor, então é claro que os sumérios pensavam que os elamitas eram "bebês chorões" e não viris.

No caso de outros dois povos, os hurrianos e os martu, não é improvável que tenhamos uma caracterização desdenhosa envolta em uma palavra. Os hurrianos, como se sabe, viviam originalmente no Monte Hurum, a região do Lago Van. Agora, uma palavra hurum é encontrada na literatura suméria com o significado de "boor", "tolo". De fato, no ensaio edubba "A disputa entre Enkimansi e Girnishag", a palavra hurum é combinada com a palavra galam, que significa "inteligente", para descrever um dos alunos como um "esperto", ou sophomore. Ora, se a palavra hurum, "tolo", é idêntica à palavra hurum na frase kur-hurum, a "terra Hurum", essa única palavra diria uma página inteira sobre o que os sumérios pensavam dos hurrianos.

Da mesma forma, no caso do povo conhecido como Martus, é a etimologia da palavra suméria arad, "escravo", que pode ser reveladora. Pois foi sugerido, e na minha opinião não sem razão, que a palavra arad deriva da palavra (m)art(u); se isso for verdade, indicaria que os sumérios caracterizaram o Martu como de uma disposição servil e servil.

No caso do Martu, também, há um provérbio sumério de significado cultural; lê-se literalmente: "O trigo é preparado com (?) gu-nunuz-grão como confecção; os Martu comem-na, mas não sabem o que ela contém." Este provérbio se encaixa bem com um epíteto de Martu bem conhecido dos documentos literários que diz: "Martu que não sabe grão".

Os Martu, como se sabe, eram semitas. Mas se os sumérios falavam criticamente deles, era apenas em relação à sua cultura, não à sua origem étnica. Isso nos leva ao problema da relação entre os semitas – particularmente aqueles semitas que passaram a ser conhecidos como acádios – e os sumérios. Até recentemente, a história do início da Mesopotâmia era vista como uma luta amarga e mortal entre os dois grupos raciais. Alguns anos atrás, no entanto, Thorkild Jacobsen coletou algumas evidências bastante convincentes que o levaram à conclusão de que semitas e sumérios viviam "pacificamente lado a lado na Mesopotâmia". Isso, no entanto, só pode ser parcialmente verdade. Pois quando, por exemplo, o semita Sargão, o Grande, dedicou suas estátuas e estelas no mais sumério dos templos sumérios, o Ekur de Nipur, ele (e também seus sucessores Rimush e Manishtushu) as inscreveu tanto no sumério quanto no acadiano e principalmente no último, o que indica, é claro, que Sargão e seus sucessores estavam bastante conscientes de sua origem e origem semítica. Da mesma forma, a fim de manter as cidades sumérias conquistadas sob seu controle, Sargão e seus sucessores nomearam seus parentes acadianos para os postos administrativos mais altos e os guarneceram com tropas totalmente acadianas, a tal ponto, de fato, que documentos econômicos escritos na língua acadiana começaram a aparecer em toda a Suméria – tudo o que dificilmente os agradaria aos sumérios. Assim, não parece improvável que houvesse considerável atrito e sentimento duro entre os sumérios e os acádios de língua semítica e parentes que, durante o período da dinastia sargônica, estavam se esforçando para se tornar os senhores e senhores da Suméria – uma situação bastante intolerável que pode

explicar em parte a profanação e destruição do Ekur em Nippur por Naram-Sin, como descrito com tanta amargura e desgosto pelo autor de "A Maldição de Agade".

De qualquer forma, foi um povo semítico – os amorreus – que pôs fim aos sumérios como entidade política, étnica e linguística. Com certeza, os conquistados conquistaram os conquistadores, e os amorreus, comumente conhecidos como babilônios porque sua capital era a cidade da Babilônia, tomaram conta da cultura e da civilização suméria. Com exceção da língua, o sistema educacional babilônico, a religião, a mitologia e a literatura são quase idênticos aos sumérios, excluindo, é claro, as mudanças e variações esperadas devido aos desenvolvimentos políticos e ao passar do tempo. E como esses babilônios, por sua vez, não exerciam pouca influência sobre seus vizinhos menos cultos, particularmente os assírios, hititas, hurrianos e cananeus, eles, tanto quanto os próprios sumérios, ajudaram a plantar a semente cultural suméria em todos os lugares do antigo Oriente Próximo. E isso nos leva ao legado da Suméria através dos tempos, incluindo o nosso, embora em nossa época essa herança não seja mais uma fonte ativa e criativa de crescimento cultural, mas um tema bastante melancólico, se não totalmente pouco inspirador para a história antiquária.

O rastreamento do legado da Suméria pode muito bem começar com a instituição sócio-política comumente conhecida como cidade-estado, que, na Suméria, desenvolveu-se a partir da vila e da cidade na segunda metade do quarto milênio a.C. e foi uma instituição florescente ao longo do terceiro milênio. A cidade – com seus cidadãos livres e assembleia, seus nobres e sacerdotes, seus clientes e escravos, seu deus governante e seu vigário e representante na terra, o rei, seus agricultores, artesãos e comerciantes, seus templos, muralhas e portões – é encontrada em todo o mundo antigo, do Indo ao Mediterrâneo ocidental. Algumas de suas características específicas podem variar de lugar para lugar, mas em geral tem uma forte semelhança com seu protótipo sumério inicial, e não parece irracional concluir que não poucos de seus elementos e contrapartes remontam às raízes sumérias. Pode muito bem ser, é claro, que a cidade teria surgido no mundo antigo, independentemente de a Suméria ter existido ou não. Mas isso não é de todo certo; no Egito, por exemplo, a cidade-estado nunca criou raízes, e o mesmo pode ter acontecido em outras partes do mundo antigo.

Uma das características mais características da cidade-estado suméria durante a maior parte do terceiro milênio a.C. foi a lei escrita, começando com a escrita de documentos legais, como vendas e escrituras, e culminando com a promulgação de códigos de leis especialmente preparados. Documentos legais escritos e códigos de lei são encontrados em períodos posteriores em todo o antigo Oriente Próximo, e há pouca dúvida de que, embora estes possam diferir em detalhes, todos eles remontam a protótipos sumérios; mesmo a Grécia e Roma provavelmente nunca teriam tido suas leis escritas se não fosse a propensão suméria para manter um registro de seus negócios jurídicos.

Em matéria de realização científica, é provavelmente no campo da matemática que os sumérios deram sua maior contribuição para as gerações futuras, concebendo o sistema sexagesimal de notação de lugar, que pode ter sido o precursor do sistema

decimal hindu-árabe atualmente em uso. Traços do sistema sexagesimal sumério existem ainda hoje na medição do círculo e ângulo por graus e em alguns dos pesos e medidas que eram atuais até tempos relativamente recentes.

No campo da tecnologia, a roda do oleiro, o veículo de rodas e o veleiro são provavelmente invenções sumérias. E embora a metalurgia certamente não seja de origem suméria, os produtos dos metalúrgicos sumérios foram dispersos por todo o antigo Oriente Próximo, e alguns chegaram até a Hungria e a Europa Central.

A arquitetura foi a principal arte da Suméria desde os tempos mais remotos, em particular a construção de templos com suas fundações e plataformas de pedra, celas de nicho, paredes e altares pintados, colunas cobertas de mosaico e fachadas impressionantes; Não parece improvável que pelo menos algumas dessas técnicas arquitetônicas tenham sido difundidas pelo mundo antigo. Os arquitetos sumérios também fizeram uso da cúpula, abóbada e arco, e não é improvável que o arco tenha chegado à Grécia e a Roma a partir do contato com a Babilônia, que o herdou da Suméria. A escultura do Oriente Próximo também, particularmente a prática de confeccionar estátuas de deuses e homens, pode remontar às origens sumérias, já que foram os teólogos sumérios que primeiro conceberam a ideia de que a estátua representava o governante, ou mesmo algum outro alto funcionário, diante de seu deus em oração incessante, por assim dizer, por sua vida. O selo de cilindro sumério "rolou" seu caminho em todo o mundo antigo, da Índia a Chipre e Creta, e há muitas igrejas na Europa hoje cujas capitais são ornamentadas com motivos convencionalizados que remontam a cenas imaginadas e gravadas pela primeira vez pelo artista e artesão sumério.

As conquistas dos sumérios nas áreas de religião, educação e literatura deixaram uma profunda impressão não apenas em seus vizinhos no espaço e no tempo, mas também na cultura do homem moderno, especialmente através de sua influência, por mais indireta que fosse, sobre os antigos hebreus e a Bíblia. A extensão da dívida hebraica para com a Suméria torna-se mais aparente de dia para dia como resultado da gradual junção e tradução das obras literárias sumérias; pois, como agora se vê, eles têm um grande número de características em comum com os livros da Bíblia. Este capítulo será encerrado, portanto, com um esboço dos paralelos bíblicos encontrados na literatura suméria, isolando e analisando as várias crenças, princípios, temas, motivos e valores que parecem ser comuns aos antigos hebreus e aos sumérios muito mais antigos.

A forma e o conteúdo das obras literárias sumérias foram discutidos e analisados em grande detalhe no capítulo vi deste livro, e nenhuma elaboração adicional é necessária neste momento. Escusado será dizer que uma literatura escrita tão variada, abrangente e consagrada pelo tempo como a suméria deixou uma profunda marca nos produtos literários de todo o Oriente Próximo. Particularmente foi assim porque, uma vez ou outra, praticamente todos os povos da Ásia ocidental – acadianos, assírios, babilônios, hititas, hurrianos, cananeus e elamitas (para citar apenas aqueles para os quais evidências positivas e diretas estão disponíveis no momento) – haviam encontrado seu interesse emprestar a escrita cuneiforme para inscrever seus próprios registros e escritos. A adoção e adaptação desse sistema

silábico e logográfico de escrita, que havia sido desenvolvido pelos sumérios para escrever sua própria língua aglutinativa e em grande parte monossilábica, exigiu um treinamento completo na língua e literatura sumérias. Para este fim, sem dúvida, professores e escribas instruídos foram importados da Suméria para as escolas das terras vizinhas, enquanto os escribas nativos viajaram para a Suméria para instrução especial em suas academias mais famosas. O resultado foi uma ampla divulgação da cultura e literatura suméria. As ideias e ideais dos sumérios – sua cosmologia, teologia, ética e sistema de educação – permeavam em maior ou menor grau os pensamentos e escritos de todos os povos do antigo Oriente Próximo. O mesmo aconteceu com as formas e temas literários sumérios – seus enredos, motivos, dispositivos estilísticos e técnicas estéticas. E os hebreus da Palestina, a terra onde os livros da Bíblia foram compostos, redigidos e editados, não foram exceção.

Com certeza, mesmo as primeiras partes da Bíblia, é geralmente consensual, não foram escritas em sua forma atual muito antes de 1000 a.C., enquanto a maioria dos documentos literários sumérios foram compostos por volta de 2000 a.C. ou não muito tempo depois. Não se trata, portanto, de qualquer empréstimo contemporâneo das fontes literárias sumérias. A influência suméria penetrou na Bíblia através das literaturas cananeia, humana, hitita e acadiana – particularmente através desta última, já que, como se sabe, a língua acadiana foi usada em toda a Palestina e seus arredores no segundo milênio a.C. como a língua comum de praticamente todo o mundo literário. As obras literárias acadianas devem, portanto, ter sido bem conhecidas pelos homens de letras palestinos, incluindo os hebreus, e não poucas dessas obras literárias acadianas podem ser rastreadas até protótipos sumérios, remodelados e transformados ao longo dos séculos.

No entanto, há outra possível fonte de influência suméria na Bíblia que é muito mais direta e imediata do que a que acabamos de descrever. Na verdade, pode muito bem voltar ao próprio Padre Abraão. A maioria dos estudiosos concorda que, embora a saga de Abraão, como contada na Bíblia, contenha muito que é lendário e fantasioso, ela tem um núcleo importante de verdade, incluindo o nascimento de Abraão em Ur dos Caldeus, talvez por volta de 1700 a.C., e sua infância lá com sua família. Agora Ur era uma das cidades mais importantes da antiga Suméria; na verdade, foi a capital da Suméria em três períodos diferentes de sua história. Tinha uma eduba impressionante; e nas escavações conjuntas britânico-americanas realizadas lá entre os anos de 1922 e 1934, um grande número de documentos literários sumérios foram encontrados. Abraão e seus antepassados podem muito bem ter tido algum conhecimento com produtos literários sumérios que haviam sido copiados ou criados na academia de sua cidade natal. E não é de modo algum impossível que ele e os membros de sua família trouxeram um pouco dessa tradição suméria e aprendizado com eles para a Palestina, onde gradualmente se tornaram parte das tradições e fontes utilizadas pelos homens de letras hebreus na composição e redação dos livros da Bíblia.

Seja como for, aqui estão vários paralelos bíblicos da literatura suméria que inquestionavelmente apontam para traços de influência suméria:

1 Criação do Universo Os sumérios, como os antigos hebreus, pensavam que um mar primitivo havia existido antes da criação. O universo, de acordo com os sumérios, consistia de um céu e uma terra unidos engendrados

de alguma forma neste mar primitivo, e foi o deus-ar, Enlil – talvez não muito diferente do ruachelohim do Gênesis – que separou o céu da terra.

2 Criação do Homem O homem, segundo os hebreus e os sumérios, foi concebido como tendo sido feito de barro e imbuído do "sopro da vida". O propósito para o qual ele foi criado era servir aos deuses – ou somente a Javé, no caso dos hebreus – com oração, súplica e sacrifícios.

3 Técnicas de Criação A criação, de acordo com escritores bíblicos e sumérios, foi realizada principalmente de duas maneiras: por ordem divina e por "fazer" ou "modelar" realmente. Em ambos os casos, a criação real foi precedida pelo planejamento divino, embora isso não precise ter sido explicitamente declarado.

4 Paraíso Ainda não foram encontrados paralelos sumérios com a história do Jardim do Éden e da Queda do Homem. Há, no entanto, vários motivos paradisíacos que são significativos para fins comparativos, incluindo um que pode ajudar a esclarecer o episódio da costela em Gênesis 2:21-23. Além disso, há alguma razão para acreditar que a própria ideia de um paraíso divino, um jardim dos deuses, é de origem suméria (ver páginas 147–49).

5 O Dilúvio Como há muito é reconhecido, as versões bíblica e suméria da história do Dilúvio mostram inúmeros paralelos óbvios e próximos. Digno de nota, também, é o fato de que, de acordo com pelo menos uma tradição mesopotâmica, havia dez governantes antediluvianos, cada um com um tempo de vida de duração extraordinária, o que lembra alguns dos patriarcas antediluvianos bíblicos.

6 O Motivo Caim-Abel O motivo de rivalidade retratado no episódio Caim-Abel da Bíblia era um dos favoritos dos escritores e poetas sumérios (ver páginas 217–23 para mais detalhes).

7 A Torre de Babel e a Dispersão da Humanidade A história da construção da Torre de Babel originou-se, sem dúvida, em um esforço para explicar a existência dos ziguratas mesopotâmicos. Para os hebreus, essas estruturas imponentes, que muitas vezes podiam ser vistas em estado de ruína e decadência, tornaram-se símbolos do sentimento de insegurança do homem e da ânsia não desvinculada de poder que lhe traz humilhação e sofrimento. É muito improvável, portanto, que um paralelo com essa história seja encontrado entre os sumérios, para quem o zigurate representava um vínculo entre o céu e a terra, entre deus e o homem. Por outro lado, a ideia de que houve um tempo em que todos os povos da terra "tinham uma língua e as mesmas palavras" e que esse estado feliz foi posto fim por uma divindade irada pode ter um paralelo em uma passagem da era dourada que faz parte do conto épico sumério "Enmerkar e o Senhor de Aratta" (ver páginas 262 e 285).

8 A Terra e sua Organização O mito sumério "Enki e a Ordem Mundial: A Organização da Terra e Seus Processos Culturais" (ver páginas 174–83) fornece um relato detalhado das atividades de Enki, o deus sumério da sabedoria, na organização da terra e no estabelecimento do que poderia ser chamado de lei e ordem nela; este poema tem seus ecos bíblicos em, por exemplo, Deuteronômio 32:7-14 (note especialmente o versículo 8) e Salmo 107.

9 Deus pessoal A julgar pela aliança entre Deus e Abraão — note-se, também, a referência a um "deus de Naor" em Gênesis

31:53 — os antigos hebreus estavam familiarizados com a ideia de um deus pessoal. A crença na existência de um deus pessoal foi desenvolvida pelos sumérios pelo menos em meados do terceiro milênio a.C. De acordo com os mestres e sábios sumérios, todo homem adulto e chefe de família tinha seu "deus pessoal", ou uma espécie de anjo bom que ele via como seu pai divino. Este deus pessoal foi, com toda a probabilidade, adotado pelos paterfamilias sumérios como o resultado de um oráculo ou um sonho ou uma visão envolvendo um entendimento mútuo ou acordo não muito diferente da aliança entre os patriarcas hebreus e Javé.

Com certeza, não poderia haver nada mutuamente exclusivo sobre a aliança entre o sumério e sua divindade tutelar, e a esse respeito, portanto, diferia muito significativamente daquela entre Abraão e seu deus. Tudo o que o sumério esperava de seu deus pessoal era que falasse em seu favor e intercedesse por ele na assembleia dos deuses sempre que a ocasião exigisse e, assim, assegurasse-lhe uma vida longa e boa saúde. Em troca, ele glorificou seu deus com orações especiais, súplicas e sacrifícios, embora ao mesmo tempo continuasse a adorar as outras divindades do panteão sumério. No entanto, como indica o documento literário sumério "O Homem e Seu Deus", existia uma relação próxima, íntima, confiante e até terna entre o sumério e seu deus pessoal, que não tem pouca semelhança com aquela entre Javé e os patriarcas hebreus e, em dias posteriores, entre Javé e o povo hebreu como um todo.

10 Lei Que as leis bíblicas e o conhecido código da lei de Hamurabi mostram inúmeras semelhanças em conteúdo, terminologia e até mesmo disposição é reconhecido por praticamente todos os estudantes da Bíblia. Mas o próprio código de Hamurabi, como tem sido mostrado nos últimos anos, é uma compilação acadiana de leis baseadas em grande parte em protótipos sumérios (ver páginas 79–88). De fato, há boas razões para inferir

que o extraordinário crescimento e desenvolvimento de conceitos, práticas, precedentes e compilações legais no antigo Oriente Próximo remonta em grande parte aos sumérios e sua ênfase bastante unilateral na rivalidade e superioridade (ver páginas 266–67).

11 Ética e Moral Os conceitos éticos e ideais morais desenvolvidos pelos sumérios (ver páginas 123-25) eram essencialmente idênticos aos dos hebreus, embora lhes faltasse sua sensibilidade ética e fervor moral quase palpáveis, especialmente porque essas qualidades são exemplificadas na literatura profética bíblica. Psicologicamente, o sumério era mais distante e distante do que o hebraico – mais emocionalmente contido, mais formal e metódico. Ele tendia a olhar para seus semelhantes com alguma desconfiança, desconfiança e até apreensão, o que inibia em grande medida o calor humano, a simpatia e o afeto tão vitais para o crescimento espiritual e o bem-estar. E apesar de suas altas realizações éticas, o sumério nunca alcançou a elevada convicção de que um "coração puro" e "mãos limpas" eram mais dignos aos olhos de seu deus do que longas orações, sacrifícios profusos e rituais elaborados.

12 Retribuição Divina e Catástrofe Nacional A ira de Javé e a humilhação e destruição do povo que a incorre constituem um tema frequentemente repetido nos livros bíblicos. Normalmente, a catástrofe nacional ocorre através de um ataque violento de alguns povos vizinhos, especialmente selecionados como o flagelo e chicote de Javé. A este tema o documento historiográfico "A Maldição de Agade" oferece um paralelo bastante interessante: Enlil, a principal divindade do panteão sumério, tendo ficado profundamente irritado com o ato blasfemo de um governante de Agade, ergueu os olhos para as montanhas e derrubou os bárbaros e cruéis gutianos, que passaram a destruir não apenas Agade, mas quase toda a Suméria também.

13 O Motivo da Peste O mito sumério "Inanna e Shukalletuda: O Pecado Mortal do Jardineiro" (ver páginas 162-63) contém um motivo de peste que se assemelha em certa medida ao motivo bíblico da peste na história do Êxodo: em ambos os casos, uma divindade irritada com as maldades e a obsessão de um indivíduo envia uma série de pragas contra uma terra inteira e seu povo.

14 Sofrimento e Submissão: O Motivo "Jó" Muito recentemente, um ensaio poético sumério que é de significado bastante incomum para os estudos comparativos bíblicos tornou-se disponível. Seu tema central, sofrimento e submissão humana, é idêntico ao tratado de forma tão sensível e pungente no Livro Bíblico de Jó. Até mesmo o enredo introdutório é o mesmo: um homem – sem nome no poema sumério – que tinha sido rico, sábio, justo e abençoado com amigos e parentes é dominado um dia, sem motivo aparente, por doença, sofrimento, pobreza, traição e ódio. É certo, no entanto, que o ensaio sumério, que consiste em menos de cento e cinquenta linhas, não se compara de forma alguma com o livro bíblico em amplitude, profundidade e beleza; está muito mais próxima em humor, temperamento e conteúdo dos salmos mais chorosos e queixosos do Livro dos Salmos.

15 A Morte e o Mundo Holandês O Seol bíblico e, aliás, o Hades dos gregos, tem sua contraparte no Kur sumério. Como o Seol hebraico, o Kur era a morada escura e temida dos mortos. Era uma terra sem volta, da qual só excepcionalmente a sombra de uma figura outrora proeminente poderia ser chamada para interrogatório. Nos documentos literários sumérios, há vários outros paralelos interessantes com as ideias hebraicas relacionadas ao mundo nether: sua representação como a lamentável casa de antigos reis e príncipes; o levantamento das sombras dos mortos; e a prisão do deus Dumuzi, o bíblico Tamuz, por quem as mulheres de Jerusalém lamentavam até os dias do profeta Ezequiel.

Tanto para alguns dos paralelos bíblicos mais óbvios e significativos da literatura suméria. Escusado será dizer que esta lista apenas arranha a superfície. Assim, ao revisar a tradução do Almanaque dos Fazendeiros para este livro, fiquei impressionado com dois paralelos bíblicos de caráter ético que a tradução anterior havia perdido: a comovente exortação ao fazendeiro para mostrar compaixão aos "catadores" durante a colheita e aos bois durante a debulha. Nos próximos anos, à medida que mais e mais documentos literários sumérios se tornam disponíveis, o número de paralelos sumérios crescerá e se multiplicará – particularmente para livros como Salmos, Provérbios, Lamentações e Cânticos dos Cânticos. Essas considerações nos levam a uma pergunta que já pode ter ocorrido ao leitor: se os sumérios eram um povo de tão notável importância literária e cultural para o antigo mundo do Oriente Próximo como um todo que até deixaram sua marca indelével nas obras literárias dos homens de letras hebreus, por que parece haver pouco vestígio

deles na Bíblia? Em Gênesis, capítulos 10 e 11, por exemplo, encontramos listas de um grande número de epônimos, terras e cidades. Mas, exceto pela palavra bastante obscura "Shinar", que os estudiosos geralmente identificam com a Suméria, mas que na verdade representa o equivalente sumério da palavra composta "Suméria-Acádia", parece não haver menção aos sumérios em toda a Bíblia, um fato que dificilmente é conciliável com sua suposta preeminência e influência.

Curiosamente, uma solução para esse enigma bastante intrigante foi sugerida há mais de um quarto de século por meu professor e colega, Arno Poebel, na forma de um breve comentário em um artigo publicado no American Journal of Semitic Languages (LVIII [1941], pp. 20-26). A sugestão de Poebel não encontrou eco entre os orientalistas, e parece ter sido relegada ao esquecimento acadêmico. É minha convicção, no entanto, que resistirá ao teste do tempo e, a seu tempo, será reconhecido como uma contribuição significativa para as interconexões hebraico-sumérias.

Antes de avaliar a explicação de Poebel, no entanto, o leitor terá que ter em mente uma lei fonética suméria bastante curiosa, mas bem fundamentada e geralmente aceita, que é essencial para uma abordagem inteligente dos problemas envolvidos. Esta lei, cuja formulação marcou um marco no estudo da língua suméria, pode ser afirmada da seguinte forma: as consoantes finais sumérias eram admissíveis e não eram pronunciadas na fala, a menos que seguidas por uma partícula gramatical que começasse com, ou consistisse em, uma vogal. Assim, por exemplo, a palavra suméria para campo, ashag, foi pronunciada asha (sem o g final). Mas quando essa mesma palavra apareceu no complexo sumério ashag-a, "no campo", em que o -a é um elemento gramatical equiparado ao inglês "in", foi pronunciado ashag, não asha. Da mesma forma, a palavra suméria para "deus", dingir, foi realmente pronunciada dingi, com o r final silencioso. Mas no complexo, dingir-e, "por deus", em que o -e significa o inglês "by", a palavra foi pronunciada dingir, não dingi.

Agora voltemos ao nosso problema e à busca da palavra "Suméria", ou melhor, "Shumer", para usar a forma encontrada nos documentos cuneiformes. Poebel ficou impressionado com a semelhança da palavra com o nome "Sem", o filho mais velho de Noé, e ancestral distante de epônimos como Ashur, Elam, Aram e, acima de tudo, Eber, o epônimo dos hebreus.

A equação de "Shem" e "Shumer", no entanto, apresentou duas dificuldades: o intercâmbio das vogais e e u e a omissão do er final. Ora, o primeiro deles não apresenta nenhuma dificuldade; o cuneiforme u muitas vezes se torna e em hebraico – um exemplo particularmente pertinente é o shumu acádio, "nome", e o semem hebraico. Quanto à segunda dificuldade – a omissão do último er de "Shumer" em sua contraparte hebraica "Shem" – isso agora pode ser explicado pela aplicação da lei suméria de amissibilidade das consoantes finais. Pois a palavra "Shumer" era pronunciada Shumi ou, ainda mais provavelmente, Shum (o i final é uma vogal muito curta, semelhante a um shewa), e os hebreus assim a tomaram do sumério como "Shem".

Shem também não é o único exemplo de um nome hebraico emprestado de uma palavra suméria sem sua consoante final. O nome da cidade onde Abraão nasceu está

escrito como Ur na Bíblia. Mas o nome sumério, como há muito se sabe, não é seu, mas Urim; "Em seu", por exemplo, é urim-a, não seu-a. Neste caso, também, portanto, os autores bíblicos haviam tomado emprestado o nome como realmente pronunciado em sumério quando não seguido por um elemento gramatical começando com uma vogal.

Se a hipótese de Poebel se mostrar correta, e Shem é idêntica a Shumer-Suméria, devemos supor que os autores hebreus da Bíblia, ou pelo menos alguns deles, consideravam os sumérios como tendo sido os ancestrais originais do povo hebreu. Linguisticamente falando, eles não poderiam estar mais enganados: o sumério é uma língua aglutinativa sem relação com a família semítica flexionada de línguas da qual o hebraico faz parte. Mas pode muito bem ter havido considerável sangue sumério nos antepassados de Abraão, que viveram por gerações em Ur ou em algumas outras cidades sumérias. Quanto à cultura e civilização sumérias, não há razão para duvidar de que esses proto-hebreus absorveram e assimilaram grande parte do modo de vida sumério. Em resumo, os contatos sumério-hebreus podem muito bem ter sido mais íntimos do que se suspeitava até então, e a lei que saiu de Sião (Isaías 2:2) pode ter tido não poucas de suas raízes no solo da Suméria.

APÊNDICES

Os apêndices A e B foram preparados para dar ao leitor uma ideia da escrita e da linguagem sumérias.
O Apêndice C inclui traduções de trinta e cinco inscrições votivas baseadas em grande parte em um manuscrito inédito de Arno Poebel, preparado em conexão com o GRUNDZUEGE DER SUMERISCHEN GRAMMATIX. Os apêndices F(1) e G (1–3) também são baseados neste manuscrito. Para referências ao texto original das inscrições votivas, ver especialmente DIE SUMERISCHEN UND AKKADISCHEN KÖNIGSINSCHRIFTEN, de Thureau Dangin; INSCRIÇÕES REAIS DE SUMÉRIA E ACÁDIA, de George Barton; e o valioso compêndio CORPUS DES INSCRIPTIONS "ROYALES" PRÉSARGONIQUES DE LAGASH, de Edmond Sollberger.
O Apêndice D inclui fórmulas de data de exemplo de várias fontes.
O Apêndice E é uma versão revisada da Lista de Reis Sumérios baseada na LISTA DE REIS de Thorkild Jacobsen, na "Zur Liste der aelteren Koenige von Babylonien" de F. R. Kraus e nas cópias do autor dos fragmentos relevantes publicados no BOLETIM DO MUSEU UNIVERSITÁRIO (ver Seção II da Bibliografia).
As seções 2–4 do Apêndice F são baseadas em um estudo preliminar do material relevante do tablet pelo autor.
Apêndice G (ver acima no apêndice C).
O Apêndice H é baseado em O CÓDIGO DE LIPIT-ISHTAR, de Francis R. Steele.
O Anexo I é uma tradução do Almanaque do Agricultor, preparada em colaboração com Thorkild Jacobsen, Benno Landsberger e Michel Civil.

A. ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DO SISTEMA CUNEIFORME DE ESCRITA

O sistema cuneiforme de escrita foi provavelmente originado pelos sumérios. As inscrições mais antigas descobertas até hoje – mais de mil tábuas e fragmentos de cerca de 3000 a.C. – provavelmente estão escritas na língua suméria. Independentemente de terem sido ou não os sumérios que inventaram o roteiro, certamente foram eles que, no terceiro milênio a.C., o transformaram em uma ferramenta de escrita eficaz. Seu valor prático foi gradualmente reconhecido pelos povos vizinhos, que o tomaram emprestado dos sumérios e o adaptaram às suas próprias línguas. No segundo milênio a.C., ela era corrente em todo o Oriente Próximo.

A escrita cuneiforme começou como escrita pictográfica. Cada sinal era uma figura de um ou mais objetos concretos e representava uma palavra cujo significado era idêntico ou intimamente relacionado ao objeto retratado. Os defeitos de um sistema deste tipo são duplos: as formas complicadas dos sinais e o grande número de sinais necessários tornam-no demasiado pesado para utilização prática. Os escribas sumérios superaram a primeira dificuldade simplificando e convencionalizando gradualmente as formas dos signos até que seus originais pictográficos não fossem mais aparentes. Quanto à segunda dificuldade, reduziram o número de sinais e mantiveram-nos dentro dos limites, recorrendo a vários dispositivos úteis. O dispositivo mais significativo foi a substituição de valores fonéticos por ideográficos. A Figura 6 foi elaborada para ilustrar esse desenvolvimento.

O número 1 é a imagem de uma estrela. Representa principalmente a palavra suméria an, "céu". O mesmo sinal é usado para representar a palavra dingir, "deus".

O número 2 representa a palavra ki, "terra". Pretende-se, obviamente, ser uma imagem da terra, embora a interpretação do signo ainda seja incerta.

NO. 3 é provavelmente uma imagem estilizada da parte superior do corpo de um homem. Representa a palavra lu, "homem".

O número 4 é uma imagem do pudim. Representa a palavra sal, "pudenda". O mesmo sinal é usado para representar a palavra munus, "mulher".

O número 5 é a imagem de uma montanha. Representa a palavra kur, cujo significado principal é "montanha".

O número 6 ilustra o engenhoso dispositivo desenvolvido inicialmente pelos inventores do sistema sumério de escrita, segundo o qual eles podiam representar pictoricamente palavras para as quais a representação pictográfica comum implicava uma certa dificuldade. O sinal para a palavra geme, "menina escrava", é, na verdade, uma combinação de dois signos – o de munus, "mulher", e o de kur, "montanha" (sinais 4 e 5 em nossa tabela). Literalmente, portanto, esse signo composto expressa a ideia de "mulher-montanha". Mas como

os sumérios obtiveram suas escravas em grande parte das regiões montanhosas ao seu redor, esse sinal composto representava adequadamente a palavra suméria para "escrava", geme.

O número 7 é uma imagem de uma cabeça. Representa a palavra suméria sag, "cabeça".

O número 8 também é uma imagem de uma cabeça. Os traços verticais indicam a parte específica da cabeça que se destina, ou seja, a boca. O signo, portanto, representa a palavra suméria ka, "boca". O mesmo sinal representa a palavra cavada, "falar".

NO. 9 é provavelmente uma imagem de uma tigela usada principalmente como um recipiente de alimentos. Representa a palavra ninda, "comida".

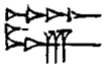
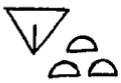
O nº 10 é um sinal composto que consiste nos sinais de boca e comida (nºs 8 e 9 da nossa tabela). Representa a palavra ku, "comer".

O número 11 é a imagem de um córrego de água. Representa a palavra a, "água". Este signo nos fornece uma excelente ilustração do processo pelo qual a escrita suméria gradualmente perdeu seu caráter pictográfico pesado e se tornou um sistema fonético de escrita. Embora a palavra suméria a, representada pelo sinal nº 11, fosse usada principalmente para "água", ela também tinha o significado de "em". A palavra "em" é uma palavra que denota relacionamento e representa um conceito difícil de expressar pictograficamente. Os criadores da escrita suméria tiveram a engenhosa ideia de que, em vez de tentar inventar um sinal de imagem complicado para representar a palavra "em", eles poderiam usar o sinal para um, "água", já que as palavras soavam exatamente iguais. Os primeiros escribas sumérios perceberam que um sinal pertencente a uma determinada palavra poderia ser usado para outra palavra com um significado totalmente não relacionado se os sons das duas palavras fossem idênticos. Com a disseminação gradual dessa prática, a escrita suméria perdeu seu caráter pictográfico e tendeu cada vez mais a se tornar uma escrita puramente fonética.

O nº 12 é uma combinação dos sinais de "boca" e "água" (nºs 8 e 11). Representa a palavra chatice, "beber".

O número 13 é uma imagem da parte inferior da perna e do pé em posição de caminhada. Representa a palavra du, "ir", e também a palavra gub, "ficar de pé".

O número 14 é a imagem de um pássaro. Representa a palavra mushen, "pássaro".

	I	II	III	IV	V
1					
2					
3					
4					
5					
6					
7					
8					
9					

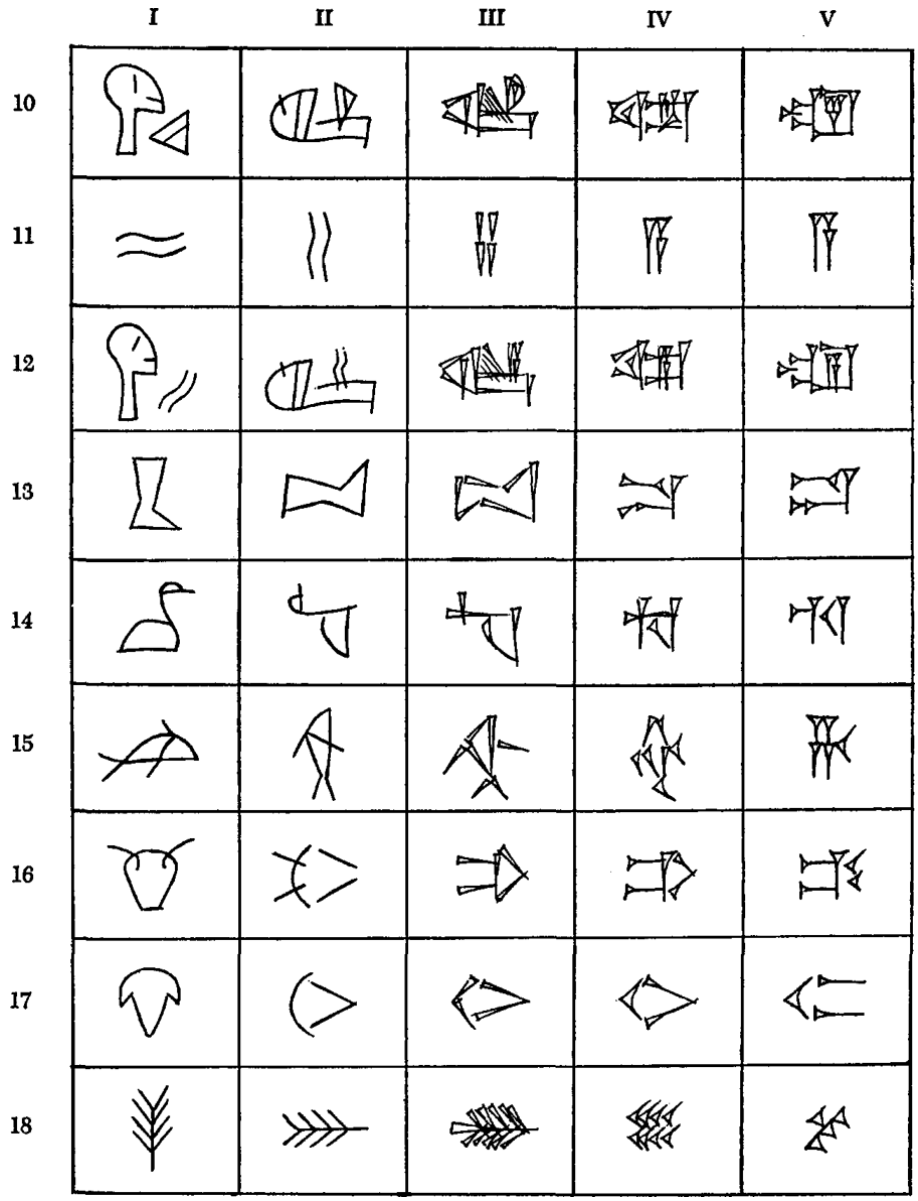


FIG. 6.—A Origem e o Desenvolvimento do Sistema Cuneiforme de Escrita. Uma tabela mostrando as formas de dezoito sinais representativos de cerca de 3000 a.C. a cerca de 600 a.C.

O número 15 é a imagem de um peixe. Representa a palavra ha, "peixe". Este signo fornece outro exemplo do desenvolvimento fonético da escrita suméria. A palavra suméria ha significa não apenas "peixe", mas também "pode" – ou seja, os sumérios tinham duas palavras que eram idênticas na pronúncia, mas bastante desrelacionadas no significado. E assim, no início do desenvolvimento da escrita, os escribas sumérios começaram a usar o sinal para ha, "peixe", para representar também o foneticamente idêntico ha, "pode".

O número 16 é uma imagem da cabeça e dos chifres de um boi. Representa a palavra gud, "boi".

O número 17 é uma foto da cabeça de uma vaca. Representa a palavra ab, "vaca".

O número 18 é a imagem de uma orelha de cevada. Representa a palavra ela, "cevada".

Os sinais na primeira coluna são do período mais antigo conhecido no desenvolvimento da escrita suméria. Não muito tempo depois da invenção da escrita pictográfica, os escribas sumérios acharam conveniente girar a tábua de tal forma que os pictogramas ficassem de costas. À medida que a escrita se desenvolvia, essa prática se tornava padrão, e os sinais eram regularmente girados em 90 graus. A segunda coluna da tabela fornece os sinais pictográficos nesta posição invertida. A próxima coluna representa a escrita "arcaica" corrente por volta de 2500 a.C. A coluna IV representa as formas dos sinais de cerca de 1800 a.C. em que a maioria dos documentos literários foram escritos. As formas mais simplificadas retratadas na última coluna foram os sinais usados pelos escribas reais da Assíria no primeiro milênio a.C.

B. A LÍNGUA SUMÉRIA

O sumério é uma língua aglutinativa, não flexionada como a indo-europeia ou semítica. Suas raízes, em geral, são invariáveis. Sua unidade gramatical básica é a palavra complexa e não a palavra individual. Suas partículas gramaticais tendem a manter sua estrutura independente em vez de se tornarem inextricavelmente ligadas à palavra raízes. Em estrutura, portanto, o sumério não se assemelha pouco a línguas aglutinativas como o turco, o húngaro e algumas das línguas caucasianas. No vocabulário, gramática e sintaxe, no entanto, o sumério ainda está sozinho e parece não estar relacionado a qualquer outra língua, viva ou morta.

O sumério tem seis vogais: três vogais abertas, a, e, o, e três vogais fechadas correspondentes, ā, ê, u. As vogais não eram bem articuladas e eram frequentemente modificadas de acordo com uma lei de harmonia vocálica. Isso era especialmente verdadeiro para vogais em partículas gramaticais, que eram curtas e sem acento. No final de uma palavra, ou entre duas consoantes, elas eram frequentemente elididas.

Sumério tem quinze consoantes: b, p, t, d, g (duro), k, z, s, sh, ch (como no "lago" escocês), r, l, m, n e g (como o ng em 'pulmão'). As consoantes eram admissíveis; eles não eram pronunciados no final de uma palavra, a menos que seguidos por uma partícula gramatical começando com uma vogal.

As raízes sumérias são monossilábicas em grande parte, embora haja um número considerável de palavras polissilábicas. A reduplicação de raízes é usada para indicar pluralidade de objetos ou ações. Os substantivos frequentemente consistem em palavras compostas: lu-gal, "rei" ("homem grande"); dubsar, "escriba" ("escritor-tablet"); di-ku, "juiz" ("juízo-determinante"). Os resumos são formados com a ajuda de nam (inglês "-ship"): lu-gal, "rei"; nam-lu-gal, "realeza". Os substantivos não têm gênero gramatical. Em vez disso, eles são divididos em duas categorias, animados e inanimados. Os animais pertencem à categoria inanimada, gramaticalmente falando.

A sentença suméria consiste em (1) uma série de complexos substantivos relacionados ao predicado como sujeito, objeto indireto, objeto dimensional ou objeto direto; (2) as partículas gramaticais que expressam essas relações; (3) o predicado constituído pela raiz verbal precedida por uma partícula temática e uma série de infixos que recapitulam a relação entre a raiz e os complexos substantivos. O complexo substantivo pode consistir de um substantivo sozinho ou de um substantivo e todos os seus modificadores, como adjetivos, genitivos, orações relativas e pronomes possessivos. As partículas de relação sempre vêm no final de todo o complexo substantivo e, portanto, são conhecidas como posposições.

Sumério é bastante pobre em adjetivos e muitas vezes usa expressões genitivais em vez disso. Cópulas e conjunções são raramente usadas; * as palavras, complexos e cláusulas relevantes são geralmente organizados de forma assintomática. Não há pronome relativo em sumério; Uma partícula nominalizante é usada no final das cláusulas. Além disso, as cláusulas relativas são utilizadas apenas de forma limitada; seu lugar é frequentemente ocupado por um particípio passivo que é idêntico ao infinitivo na forma.

Além do principal dialeto sumério, que provavelmente era conhecido como Emegir, "a língua principesca", havia vários outros que eram menos importantes. Um deles, o Emesal, era usado principalmente em discursos feitos por divindades femininas, mulheres ou eunucos.

C. INSCRIÇÕES VOTIVAS

1 AANNEPADA DO REINO UNIDO (tablet)

Aannepada, o rei de Ur, filho de Mesannepada, o rei de Ur, construiu uma casa para Ninhursag.

2 LUGALKIGINNEDUDU DE ERECH E UR (vaso)

Quando Enlil, o rei de todas as terras, dirigiu um chamado firme a Lugalkiginnedudu e deu-lhe o navio junto com a realeza - o navio que ele exercia em Erec e a realeza em Ur. Então Lugalldginnedudu, por sua vida, com grande alegria, dedicou (este vaso) a Enlil, seu amado rei.

3 LUGALKIGINNEDUDU (recortado a partir de três grandes blocos de granito vermelho não talhado e mármore branco)

Lugalkiginnedudu dedicou (este bloco) a Enlil.

4 ENSHAKUSHANNA (texto retirado de dois vasos)

Enshakushanna, o en da Suméria, o rei da Terra, quando os deuses lhe mandaram, fez guerra contra Kish e fez prisioneiro Enbi-Ishtar, o rei de Kish. (Daí em diante) o povo de Akshak e o povo de Kish [imploraram-lhe] que ele não destruísse as cidades também [mas tomasse] suas posses (em vez disso)... Ele devolveu suas cidades a eles (como eles pediram), (mas) dedicou em Nippur suas estátuas (isto é, de Akshak e Kish), seu metal precioso, pedra preciosa e seus bens de madeira a Enlil, o rei das terras.

5 ENSHAKUSHANNA (vaso)

Enshakushanna dedicou a Enlil as possessões de Kish, contra as quais ele havia feito guerra.

6 UR-NANSHE DE LAGASH (tomada de porta)

Ur-Nanshe, rei de Lagash, filho de Gunidu, filho de Gurmu, construiu a casa de Ningirsu; construiu a casa de Nanshe; construiu a casa de Gatumdug; construiu o harém; construiu a casa de Ninmar. Os navios de Dilmun trouxeram-lhe madeira como tributo de terras estrangeiras. Construiu o Ibgal; construiu o Kinir; construiu o cetro (?) -casa.

7 UR-NANSHE DE LAGASH (comprimido)

Ur-Nanshe, o rei de Lagash, filho de Gunidu, filho de Gurmu, construiu a casa de Nanshe; confeccionou (a estátua de) Nanshe, rainha e en; construiu o recinto do templo de Girsu; a estátua de Shulshagga; construiu o Ibgal; confeccionado (a estátua de) Lugalur . . . . . confeccionado (a estátua de) Lugaluru; construiu o Kinir; moldada (a estátua de) Ninab. . . . ; a estátua de Ningidri; construiu a casa de Gatumdug; confeccionou (a estátua de) Gatumdug; construiu o Bagara; construiu o harém; construiu o Abzu dos canais; construiu o Tirash.

8 UR-NANSHE DE LAGASH (tomada de porta)

Quando Ur-Nanshe, o rei de Lagash, filho de Gunidu, construiu Girsu, a morada, para Ningirsu, ele dedicou (esta tomada de porta para ele). Ele (também) construiu a casa de Nanshe; construiu o Ibgal; construiu o Bagara; construiu o harém; construiu a casa de Gatumdug; construiu o Tirash.

9 EANNATUM DE LAGASH (tijolo)

Eannatum, o ensi de Lagash, que recebeu poder de Enlil, que constantemente é alimentado por Ninhursag com (seu) leite, cujo nome Ningirsu havia pronunciado, que foi escolhido por Nanshe em (seu) coração, o filho de Akurgal, o ensi de Lagash, conquistou a terra Elam; conquistou Urua; conquistou Umma; conquistou o seu. Naquela época, ele construiu um poço feito de tijolos cozidos para Ningirsu em seu amplo pátio do templo. Seu deus (Eannatum) é Shulutula. Então Ningirsu amou Eannatum.

(Aqui o texto termina; mas este é provavelmente um trecho de uma inscrição mais longa que conta o que Ningirsu fez por Eannatum por causa de seu amor por ele.)

10 EANNATUM DE LAGASH (pedregulho)

PARA NINGIRSU — Eannatum, o ensi de Lagash, cujo nome Enlil havia pronunciado, a quem Ningirsu dera força, a quem Nanshe escolhera em (seu) coração, a quem Ninhursag nutrira constantemente com (seu) leite, a quem Inanna chamara por um bom nome, a quem Enki dera entendimento, o amado de Dumuzi-Abzu, o de confiança de Hendursag, o amado amigo de Lugaluru, filho de Akurgal, o ensi de Lagash – seu avô (de Eannatum) era Ur-Nanshe, o ensi de Lagash – restaurou Girsu para Ningirsu; construiu para ele o muro da "cidade santa"; (e) construiu Nina para Nanshe.

Eannatum conquistou Elam, a montanha elevada, (e) amontoou seus túmulos (isto é, os elamitas). Ele conquistou os ensi de Urua, que haviam plantado o estandarte da cidade (Urua) em sua cabeça (isto é, na cabeça do povo de Urua), (e) amontoou seus túmulos. Ele conquistou Umma (e) amontoou seus vinte túmulos; devolveu Guedinna, seu campo amado, a Ningirsu. Ele conquistou Erech; conquistou o seu; conquistou Kiutu; deitou lixo a Uruaz (e) matou seu ensi; deitou lixo a Mishime; destruiu Adua.

Com Eannatum, cujo nome Ningirsu havia pronunciado, as terras estrangeiras lutaram. No ano em que o rei de Akshak se levantou (para fazer a batalha), Eannatum, cujo nome Ningirsu havia pronunciado, feriu Zuzu, o rei de Akshak, da Antasurra de Ningirsu até Akshak e o destruiu. Naquela época, ele (Eannatum) cavou um novo canal para Ningirsu (e) nomeou-o Lummagimdug após seu nome Tidnu, Lumma - Eannatum era seu nome sumério.

Para Eannatum, o ensi de Lagash, que Ningirsu havia concebido (em sua mente), Inanna, porque ela o amava, deu a realeza de Kish, além do ensi-ship de Lagash.

Com Eannatum, (o povo de) Elam lutou; ele (Eannatum) levou (o povo de) Elam de volta para sua terra. Kish lutou com ele; ele levou o rei de Akshak de volta à sua terra.

Eannatum, o ensi de Lagash, que faz as terras estrangeiras se submeterem a Ningirsu, feriu Elam, Shubur, (e) Urua do Asuhur (canal). Ele feriu Kish, Akshak e Mari da Antasurra de Ningirsu.

Ele reforçou (as paredes do canal) Lummagimdug para Ningirsu e apresentou-o como um presente. (Então) Eannatum, a quem Ningirsu havia dado força, construiu o reservatório de (o canal) Lummagimdug contendo (?) 3.600 gur de 2 ul (provavelmente cerca de 57.600 galões).

Eannatum, que Ningirsu havia concebido (em sua mente), (e) cujo deus (pessoal) é Shulutula, construiu para ele (Ningirsu) o palácio, Tirash.

11 EANNATUM DE LAGASH (trechos da inscrição na Estela dos Abutres)

a) Favores divinos concedidos a Eannatum

Em [Eannatum] . . . Inanna se alegrava; Inanna segurou (seu) braço (e) o chamou pelo nome de Eanna-Inanna-Ibgalkakatum (isto é, Ele-que-é-digno-da-Eanna-da-Inanna-do-Ibgal). (Daí em diante) ela o sentou no joelho direito de Ninhursag, (e) Ninhursag [estendeu] seu seio direito para ele.

Em Eannatum, a semente implantada no útero por Ningirsu, Ningirsu se alegrou. Ningirsu mediu (para ele) (um extra) vão, mediu (para ele) côvados até 5 côvados, (fazendo) 5 côvados e 1 vão. Ningirsu em grande alegria . . .

b) O juramento da aliança

Eannatum colocou a rede shushgal de Enlil sobre o Ummaite, (e) ele (o Ummaite) jurou a ele (Eannatum). (E isto é) o que o Ummaite jurou a Eannatum: "Pela vida de Enlil, o rei do céu e da terra! Os campos de Ningirsu eu comerei (apenas) até um karu, (e só) até o velho dique eu reivindicarei (como meu direito); mas nunca até a eternidade violarei os limites de Ningirsu, nem infringirei seus diques (e) canais; nem vou arrancar suas estelas. (No entanto) se eu violar (os limites), então que a rede shushgal de Enlil, pela qual jurei, seja lançada do céu sobre Umma."

Eannatum, aliás, agiu com muita consciência. Duas pombas em cujos olhos ele havia colocado especiarias (e) em cujas cabeças ele havia espalhado cedro (?) ele fez ser comido por Enlil em Nippur (com o apelo): "Enquanto existirem dias (e) enquanto as palavras forem ditas, se o Ummaite, não importa a quem ou a pedido de quem, quebra (sua) palavra ao meu rei Enlil, o rei do céu e da terra, (então), no dia em que violar essa palavra, que a rede de shushgal de Enlil, pela qual ele (o Ummaite) jurou, seja lançada do céu sobre Umma."

Eannatum (daí em diante) colocou a rede shushgal de Ninhursag sobre o Ummaite, (e) ele (o Ummaite) jurou a ele (Eannatum). (E isto é) o que o Ummaite jurou a Eannatum: "Pela vida de Ninhursag! Os campos de Ningirsu eu comerei (apenas) até um karu, (e só) até o velho dique eu reivindicarei (como meu direito): mas nunca até a eternidade eu violarei os limites de Ningirsu, nem infringirei seus diques (e) canais, nem arrancarei suas estelas. (No entanto) se eu violar (os limites), então que a rede shushgal de Ninhursag seja lançada do céu sobre Umma."

Eannatum, aliás, agiu com muita consciência. Duas pombas em cujos olhos ele havia colocado especiarias (e) em cujas cabeças ele havia espalhado cedro (?) ele fez com que fosse comido por Ninhursag em Kesh (com o apelo): "Enquanto os dias existirem (e) enquanto as palavras forem ditas, se o Ummaite, não importa a quem ou a pedido de quem, quebrar (sua) palavra para minha mãe Ninhursag, (então), no dia em que ele violar essa palavra, que a rede shushgal de Ninhursag, pela qual ele (o Ummaite) jurou, seja lançada do céu sobre Umma.

Eannatum (daí em diante) colocou a rede shushgal de Enki, o rei do Abzu sobre o Ummaite, (e) ele (o Ummaite) jurou a ele (Eannatum). (E isto é) o que o Ummaite jurou a Eannatum: "Pela vida de Enki, o rei do Abzu! Os campos de Ningirsu eu comerei (apenas) até um karu, (e só) até o velho dique eu reivindicarei (como meu direito); mas nunca até a eternidade violarei os limites de Ningirsu, nem infringirei seus diques (e) canais; nem vou arrancar suas estelas. (No entanto) se eu violar (os limites), que a rede shushgal de Enki, o rei do Abzu, pela qual jurei, seja lançada do céu sobre Umma."

Eannatum, aliás, agiu com muita consciência. Ele libertou... no . . . de Ningirsu, (e) o peixe-suhur do Abzu ele mordeu em pedaços (com o apelo): "Enquanto existirem dias (e) enquanto as palavras forem ditas, se o Ummaite, não importa a quem ou a pedido de quem, quebrar (sua) palavra ao meu rei Enki, (então), no dia em que ele violar essa palavra, que a rede shushgal de Enki, o rei do Abzu, pelo qual jurou, seja lançado do céu sobre Umma."

Eannatum (daí em diante) colocou a rede shushgal-net do Pecado, o jovem touro espirituoso de Enlil, sobre o Ummaite, (e) ele (o Ummaite) jurou-lhe (Eannatum). (E isto é) o que o Ummaite jurou a Eannatum: "Pela vida do pecado, o jovem touro de Enlil! Os campos de Ningirsu eu comerei (apenas) até um karu, (e só) até o antigo dique reivindicarei (como meu direito); mas nunca até a eternidade violarei os limites de Ningirsu, nem infringirei seus diques (e) canais, nem arrancarei suas estelas. (No entanto) se eu violar (os limites), que a rede shushgal-net do pecado, o jovem touro espirituoso de Enlil, pelo qual eu jurei, seja lançado do céu sobre Umma."

Eannatum, aliás, agiu com muita consciência. (De) quatro pombas em cujos olhos ele havia colocado especiarias (e) em cujas cabeças ele havia espalhado cedro (?), duas [ele fez ser comido] em você [para Nanna (?), duas ele fez ser comido em Gaesh (?) para S]in (com o apelo): "Enquanto existirem dias e enquanto palavras forem ditas, se o Ummaite, não importa a quem ordem ou a pedido de quem, quebre (sua) palavra ao meu rei Pecado, o jovem touro espirituoso de Enlil, (então), no dia em que ele violar essa palavra, que a rede shushgal do Pecado, o jovem touro espirituoso de Enlil, pelo qual ele jurou, seja lançado do céu sobre Umma."

Eannatum (daí em diante) colocou a rede shushgal de Utu, o rei de . . . , sobre o Ummaite, (e) ele (o Ummaite) jurou-lhe (Eannatum). (E isto é) o que o ummaite jurou a Eannatum: "Pela vida de Utu, o rei de . . . I Os

campos de Ningirsu Vou comer (apenas) até um karu, (e só) até o velho dique vou reivindicar (como meu direito); mas nunca até a eternidade violarei os limites de Ningirsu, nem infringirei seus diques (e) canais, nem arrancarei suas estelas. (No entanto) se eu violar (os limites), então que a rede shushgal de Utu, o rei de ..., pela qual eu jurei, seja lançada do céu sobre Umma."

Eannatum, aliás, agiu com muita consciência. Duas pombas em cujos olhos ele havia colocado especiarias (e) em cujas cabeças ele havia espalhado cedro (?) ele fez ser comido por Utu, o rei de . . . , (em) Larsa no . . . Ebabbar (com o apelo): "Enquanto existirem dias e enquanto as palavras forem ditas se o Ummaite, não importa a quem ordene ou a pedido de quem, quebrar (sua) palavra ao meu rei Utu, (então), no dia em que ele violar essa palavra, que o shushgal-net de Utu, o rei de . . . , pelo qual ele jurou, arremessou do céu sobre Umma".

Eannatum (daí em diante) [colocou (?)] a serpente de Ninki [antes de (?)] o Ummaite, (e) ele (o Ummaite) pronuncia o nome de (isto é, "jura por") Ninki. (E isto é) o que o Ummaite jurou a Eannatum: "Pela vida de Ninkil Os campos de Ningirsu eu comerei (apenas) até um karu, (e apenas) até o velho dique eu reivindicarei (como meu direito); mas nunca até a eternidade violarei os limites de Ningirsu, nem infringirei seus diques (e) canais (os limites), nem arrancarei suas estelas. (No entanto) se eu violá-los (os limites), (então) que Ninki, cujo nome eu pronunciei, faça com que a serpente (levantando-se) da terra afunde suas presas no pé de Umma; (o momento) em que Umma atravessa aquele dique, que Ninki arrebate seu pé da terra.

Eannatum, aliás, agiu com muita consciência... * (com o apelo): "Enquanto existirem dias e enquanto as palavras forem ditas, se o Ummaite, não importa a quem mando ou a pedido de quem, quebra (sua) palavra para minha mãe Ninki; (então), no dia em que ele violar essa palavra, que Ninki, por quem jurou, faça com que a serpente (levantando-se) da terra afunde suas presas no pé de Umma; (no momento) em que Umma cruzar aquele dique, que Ninki arrebate seu pé da terra."

c) O nome da estela

O nome da estela é Ningirsu, Senhor-da-Coroa-Frutífera, Vida-do-Canal-Ugedinna – este não é o nome de um homem; pelo contrário, é o seu nome (da estela); o nome (isto é,) da estela do Guedinna, o campo amado de Ningirsu, que Eannatum devolveu a Ningirsu.

d) Inscrição acima do ombro de Eannatum

Eannatum, o prostrador de Ningirsu das terras inimigas.

12 ENANNATUM 1 DE LAGASH (argamassa diorito)

Enannatum, o ensi de Lagash, o prostrador das terras inimigas de Ningirsu, filho de Akurgal, o ensi de Lagash, mandou fazer um morteiro para o esmagamento de cebolas (e) dedicou-o para (o prolongamento da) sua vida a Ningirsu no Eninnu.

13 ENANNATUM 1 DE LAGASH (cabeça de maça de pedra)

Barakisumun (?), o servo de Enannatum, o ensi de Lagash, o sukkal, dedicou-o (esta cabeça de maça) a Ningirsu do Eninnu pela vida de seu rei Enannatum.

14 ENTEMENA DE LAGASH (Cones)

Enlil, o rei de todas as terras, o pai de todos os deuses, marcou o limite para Ningirsu (e) Shara por sua palavra firme, (e) Mesilim, o rei de Kish, mediu-o de acordo com a palavra de Sataran (e) ergueu uma estela lá. (Mas) Ush, o ensi de Umma, violou (ambos) o decreto (dos deuses) (e) a palavra (dada pelo homem ao homem), arrancou sua estela (da fronteira) e entrou na planície de Lagash.

(Então) Ningirsu, o principal guerreiro de Enlil, lutou contra (os homens de) Umma de acordo com sua palavra direta (de Enlil); pela palavra de Enlil ele arremessou a grande rede sobre eles (e) amontoou suas pilhas de esqueleto (?) na planície em seus (vários) lugares. (Como resultado) Eannatum, o ensi de Lagash, o tio de Entemena, o ensi de Lagash, demarcou a fronteira com Enakalle, o ensi de Umma; fez sua vala (da fronteira) chegar do Idnun (canal) ao Guedinna; inscritas (várias) estelas ao longo daquela vala; restaurou a estela de Mesilim ao seu (antigo) lugar; (mas) não entrou na planície de Umma. Ele (então) construiu lá o Imdubba de Ningirsu, o Namnunda-kigarra, (bem como) o santuário de Enlil, o santuário de Ninhursag, o santuário de Ningirsu, (e) o santuário de Utu.

(Além disso, seguindo o assentamento da fronteira,) os ummaiitas podiam comer a cevada de (a deusa) Nanshe (e) a cevada de Ningirsu na quantidade de um karu (para cada ummaite e apenas) por juros; (também) ele (Eannatum) cobrou um imposto sobre eles (e assim) trouxe para si (como receita) 144.000 karu "grandes".

Porque esta cevada não foi paga — (além disso) Ur-Lumma, o ensi de Umma, privou de água a vala limite de Ningirsu (e) a vala limite de Nanshe; arrancou suas estelas (da vala de fronteira) (e) as incendiou; destruiu os santuários dedicados (?) dos deuses que haviam sido construídos na Namnunda-kigarra; obteve (a ajuda de)

terras estrangeiras; e (finalmente) atravessou a vala de fronteira de Ningirsu-Enannatum lutou com ele no Gana-ugigga, (onde) os campos e fazendas de Ningirsu (são), (e) Entemena, o filho amado de Enannatum, o derrotou. Ur-Lumma (então) fugiu, (enquanto) ele (Entemena) matou (as forças ummaitas) até Umma (ela mesma); (além disso) sua força de elite (Ur-Lumma) (composta por) sessenta soldados que ele eliminou (?) na margem do canal Lummagirnunta. (Quanto a) seus homens (combatentes de Umma), ele (Entemena) deixou seus corpos na planície (para os pássaros e animais devorarem) (e então) amontoou suas pilhas de esqueleto (?) em cinco lugares (separados).

Naquela época (no entanto) Il, o chefe do templo de Zabalão, devastou (?) (a terra) de Girsu a Umma. Il tomou para si o primeiro navio de Umma; privado de água a vala de fronteira de Ningirsu, a vala de fronteira de Nanshe, a Imdubba de Ningirsu, aquele trecho (de terra arável) dos trechos de Girsu que fica em direção ao Tigre, (e) o Namnunda-kigarra de Ninhursag; (e) pagou (não mais de) 3.600 karu da cevada (devida) Lagash. (E) quando Entemena, o ensi de Lagash, repetidamente enviou (seus) homens para Il por causa daquela vala (fronteiriça), Il, o ensi de Umma, o saqueador de campos e fazendas, o falante do mal, disse: "A vala de fronteira de Ningirsu, (e) a vala de fronteira de Nanshe são minhas"; (na verdade) ele (até) disse: "Exercerei o controle desde Antasurra até o templo Dimgal-Abzu". (No entanto) Enlil (e) Ninhursag não lhe concedeu isso.

Entemena, o ensi de Lagash, cujo nome Ningirsu havia pronunciado, fez esta vala (fronteira) do Tigre para o Idnun de acordo com a palavra direta de Enlil, de acordo com a palavra direta de Ningirsu, (e) com a palavra direta de Nanshe, (e) restaurou-a para seu amado rei Ningirsu e para sua amada rainha Nanshe (depois) ele construiu de tijolos a fundação da Namnunda-kigarra. Que Shulutula, o deus de Entemena, o ensi de Lagash, a quem Enlil deu o cetro, a quem Enki deu entendimento, a quem Nanshe escolheu em (seu) coração, o grande ensi de Ningirsu, o homem que recebeu as palavras dos deuses, fique para sempre (literalmente, "até dias distantes") diante de Ningirsu e Nanshe (e implorando) pela vida de Entemena.

O Ummaite que (em qualquer momento futuro) cruzará a vala de fronteira de Ningirsu (e) a vala de fronteira de Nanshe para tomar para si campos e fazendas à força – seja ele (realmente) um Ummaite ou um estrangeiro – pode Enlil destruí-lo; que Ningirsu, depois de arremessar sua grande rede sobre ele, traga sobre ele sua mão elevada (e) seu pé elevado; Que o povo de sua cidade, tendo se levantado em rebelião, o derrube no meio de sua cidade.

15 ENTEMENA DE LAGASH (tijolo)

Para Ningirsu, o principal guerreiro de Enlil, Entemena, o ensi de Lagash, que Nanshe havia escolhido em (seu) coração, o grande ensi de Ningirsu, fez o Emah da fronteira que foi estabelecida por Enlil para Ningirsu; para Ningirsu, seu rei que o amava, Entemena fez com que ele (o Emah) chegasse do Idnun ao Mubikur (?); (e) as estelas dos campos (e) fazendas dos limites de Ningirsu que ele ergueu para ele (lá). O deus de Entemena, que construiu a Emah de Ningirsu, é Shulutula.

16 ENTEMENA DE LAGASH (tomada de porta)

Para Ningirsu, o principal guerreiro de Enlil, Entemena construiu a casa de carruagem. O deus de Entemena, que construiu a casa da carruagem, é Shulutula.

17 ENTEMENA DE LAGASH (tijolo)

Que Shulutula, deus de Entemena, o ensi de Lagash, que Nanshe escolheu em (seu) coração, o grande ensi de Ningirsu, o filho de Enannatum, o ensi de Lagash, o homem que construiu o Eshgi de Ningirsu, fique para sempre (literalmente, "até dias distantes") diante de Ningirsu – Ningirsu, o principal guerreiro de Enlil – no Eninnu (e implorar) por sua vida (de Entemena).

18 ENTEMENA DE LAGASH (prego de barro)

Para Nanshe do E-engurra, Entemena, o ensi de Lagash, que Nanshe escolhera em (seu) coração, o grande ensi de Ningirsu, o filho de Enannatum, o ensi de Lagash, construiu a E-engurra (a "casa das profundezas"), a data "pomar", (e) decorou-a para ela com ouro e prata. Ele trouxe (o prego de barro) para dentro (do E-engurra) (e) depositou (lá) para ela (Nanshe).

19 ENTEMENA DE LAGASH (Pedra)

PARA NINGIRSU, O PRINCIPAL GUERREIRO DE ENLIL - Entemena, o ensi de Lagash, o filho de Enannatum, o ensi de Lagash, construiu o palácio da Antasurra para Ningirsu (e) decorou-o com ouro e prata. Ele construiu para ele o . . -jardim (e) colocou poços de tijolos queimados nele. Naquela época, seu servo Dudu, o sanga de Ningirsu, construiu o muro dasila. da Guedinna (e) chamou-lhe E-igi-il-edinna (a "casa-levantadora-da-planície"). Ele construiu as muralhas do cais para os ferryboats de Girsu, (e) chamou-lhe Enzishagal ("O-senhor-que-dá-o-sopro-da-vida"). Que seu deus Shulutula se prostre (em oração) diante de Ningirsu no Eninnu por sua vida (de Entemena).

20 ENTEMENA DE LAGASH (vaso de prata)

PARA NINGIRSU, O PRINCIPAL GUERREIRO DE ENLIL – Entemena, o ensi de Lagash, que Nanshe escolhera em (seu) coração, o grande ensi de Ningirsu, o filho de Enannatum, o ensi de Lagash, fez para Ningirsu, o rei que o amava, um vaso de prata pura (e) pedra (?) do qual Ningirsu bebeu, (e) o trouxe para Ningirsu do Eninnu para sua vida.

Naquela época, Dudu era o sanga de Ningirsu.

21 DUDU (pequeno bloco quadrado de pedra)

Para Ningirsu do Eninnu, Dudu, o sanga de Ningirsu, trouxe-a (esta pedra) de Urua (e) transformou-a em (sua) maça superior.

Dudu, a cabeça sanga de Ningirsu. (Inscrição perto da escultura do homem.)

22 ENANNATUM II DE LAGASH (tomada de porta)

PARA NINGIRSU, O PRINCIPAL GUERREIRO DE ENLIL – Enannatum, o ensi de Lagash, que Nanshe escolhera em (seu) coração, o grande ensi de Ningirsu, o filho de Entemena, o ensi de Lagash, restaurou para Ningirsu sua cervejaria. O deus de Enannatum, o homem que restaurou a cervejaria de Ningirsu, é Shulutula.

23 URUKAGINA DE LAGASH (rótulo de argila em forma de azeitona)

O nome de (este rótulo de argila) é - Ningirsu falou (favoravelmente) com Bau no templo de Erech sobre o bem-estar de Urukagina.

24 URUKAGINA DE LAGASH (cones)

Para Ningirsu, o principal guerreiro de Enlil, Urukagina, o rei de Lagash, construiu o palácio Tirash; construiu a Antasurra para ele; construiu a casa de Bau para ela (Bau); construiu o Bursag, sua casa de sadug para ele (Ningirsu); construiu o barracão de tosquia de ovelhas na "Cidade Santa" para ela (Bau); cavou para Nanshe, o Idninadu ("o-canal-indo-para-Nina"), seu amado canal, (e) fez seu reservatório como o meio do oceano para ela; construiu o muro de Girsu para ele (Ningirsu).

Antigamente, desde os dias de outrora, a partir do (dia) em que saiu a semente (do homem), o homem encarregado dos barqueiros apreendeu os barcos. O pastor chefe apreendeu os burros. O pastor principal agarrou as ovelhas. O responsável pela pesca apreendeu as pescarias. As rações de cevada dos gudasacerdotes foram medidas (em sua desvantagem) no Ashte (presumivelmente o armazém do ensi). Os pastores das ovelhas de lã tinham que pagar prata (ao ensi) pela (tosquia da) ovelha branca. O homem encarregado dos topógrafos de campo, o chefe de gala, o agrig, o homem encarregado da fabricação de cerveja, (e) todos os ugula's tiveram que pagar prata pela tosquia dos gabalambs. Os bois dos deuses lavravam as manchas de cebola do ensi, (e) os campos de cebola (e) pepino do ensi estavam localizados nos melhores campos do deus. Os burros birra (e) os bois prêmio da sanga foram empacotados (presumivelmente como impostos para os ensi). Os assistentes dos ensi dividiam a cevada das sangas (em desfavor das sangas). As roupas (aqui segue uma lista de quinze objetos, principalmente roupas, a maioria das quais não identificáveis) das sangas foram levadas como um imposto (para o palácio dos ensi). A sanga (encarregada) dos alimentos (mantimentos) derrubou as árvores do jardim da mãe indigente e colheu os frutos.

Aquele que levou o morto ao cemitério (para sepultamento) – sua cerveja (ou seja, a cerveja que recebeu em troca) era de 7 jarros (e) seus (pães de) eram 420. O. . (um funcionário não identificado) recebeu 2 ul Tiazi-cevada, 1 roupa, 1 apoio para a cabeça, (e) 1 cama. A ludima recebeu 1 (ul) cevada.

Ele que trouxe um cidadão para descansar entre os juncos de Enki – sua cerveja era 7 jarros (e) seus (pães de) eram 420. O. . (um funcionário não identificado) recebeu 2 ul de cevada, 1 cama, (e) 1 cadeira. A ludima recebeu 1 (ul) de cevada.

Os artesãos tinham que implorar por seu pão (literalmente, "tomavam pão de súplica"). Os aprendizes tinham que levar os alimentos que saíam (?) do grande portão.

As casas do ensi (e) os campos do ensi, as casas do harém (palácio) (e os campos do harém (palácio), as casas do viveiro (palácio) (e) os campos do viveiro (palácio) amontoavam-se lado a lado. Das fronteiras de Ningirsu ao mar, havia o cobrador de impostos.

Se o retentor do rei cavasse um poço na parte mais alta de seu campo, ele pegou um cego (para tirar água e, presumivelmente, não lhe forneceu comida e bebida adequadas). Ele (o retentor do rei) apoderou-se de um cego para a água de cogumelo que está no campo (presumivelmente para drená-la se necessário e não lhe forneceu comida e bebida adequadas).

Essas eram as práticas (sociais) de outrora.

(Mas) quando Ningirsu, o principal guerreiro de Enlil, deu a realeza de Lagash a Urukagina, (e) sua mão (de Ningirsu) o segurou da multidão (literalmente, "36.000 homens"); então ele (Ningirsu) ordenou (literalmente, "criado para") os decretos (divinos) de outros dias.

Ele (Urukagina) manteve perto da palavra que seu rei (Ningirsu) lhe falou. Ele proibiu (literalmente, "jogou fora") o homem encarregado dos barqueiros de (apreender) os barcos. Ele proibiu os pastores chefes de (apreender) os burros e ovelhas. Ele proibiu o responsável pela pesca de (capturar) as pescarias. Ele proibiu o responsável pelo armazém de (medir) a ração de cevada dos guda-padres. Proibiu o oficial de justiça de (receber) a prata (paga pela tosquia) das ovelhas brancas e dos gaba-cordeiros. Ele proibiu os oficiais de justiça do imposto (isto é, cobrado sobre) as sangas que (costumavam ser) levadas (para o palácio).

Ele fez Ningirsu rei das casas dos ensi (e) dos campos dos ensi. Ele fez Bau rainha das casas do harém (palácio) (e) dos campos do harém (palácio). Ele fez Shulshaggana rei das casas do berçário (palácio) (e) dos campos do viveiro (palácio). Das fronteiras de Ningirsu ao mar, não havia cobrador de impostos.

Aquele que trouxe os mortos para o cemitério (para sepultamento) – sua cerveja era (apenas) 3 jarros (e) seus (pães de) eram (apenas) 80. O. . (um funcionário não identificado) recebeu (apenas) 1 cama (e) 1 apoio para a cabeça. A ludimma recebeu (apenas) 3 banimento (1/2 de ul) de cevada. Ele que trouxe um cidadão (para descansar) entre os juncos de Enki – sua cerveja era (apenas) 4 jarros e seus (pães de) eram (apenas) 240. O. . (um funcionário não identificado) recebeu (apenas) 1 ul de cevada. A ludima recebeu (apenas) 3 interdições de cevada. O nindingir recebeu 1 faixa na cabeça da mulher e 1 sila de manteiga.

Acabou com (a necessidade de) os aprendizes (levarem) os alimentos que saíam (?) do portão. Ele acabou com (a necessidade de) os artesãos pedirem seu pão. A sanga (encarregada) dos alimentos (mantimentos) não (ousava) entrar no jardim da mãe indigente (com a finalidade de derrubar as árvores e levar os frutos).

Ele (Urukagina) (também) promulgou (estas duas ordenanças): (1) Quando um bom burro nasce para o retentor de um rei, (e) seu supervisor lhe diz: "Eu quero comprá-lo de você", e quando ele (o supervisor) está prestes a comprá-lo dele, ele (o retentor do rei) diz a ele (o supervisor): "Pague-me tanto quanto eu achar justo" (literalmente, "Pesa para mim a prata que agrada ao meu coração"), então, quando ele se recusa a vendê-la (literalmente, "não deixa que lhe seja comprada"), o supervisor não deve coagi-lo a fazê-lo (literalmente, "ele não deve golpeá-lo" para forçar seu assentimento a ela). (2) Quando a casa de um retentor do rei estava ao lado da casa de um "homem grande" (e) esse "homem grande" lhe diz: "Eu quero comprá-lo de você", e se quando ele (o "homem grande") está prestes a comprá-lo dele, ele (o retentor do rei) diz: "Pague-me tanto quanto eu achar justo" ou "Pague-me em cevada equivalente à minha casa, Então, quando ele se recusa a vendê-lo, esse "homem grande" não deve coagi-lo a fazê-lo.

Ele (Urukagina) anistiou os "cidadãos" (literalmente, "os filhos") de Lagash que (foram presos por causa de) as dívidas (que eles) tinham contraído, (ou por causa de) as quantias (de grãos reivindicados pelo palácio como seus) devidos, (ou por causa de) cevada (reivindicada pelo palácio para seu) armazéns, (ou por causa de) roubo (ou) assassinato, e libertá-los.

Durante este ano ele (Urukagina) cavou para Ningirsu o pequeno canal pertencente (?) a Girsu (literalmente, talvez, "que Girsu tem"); deu-lhe seu antigo nome (ou talvez inversamente, deixou de lado seu antigo nome), chamando-o de "Ningirsu-quem-é-poderoso-fora-de-Nippur". Juntou-o ao canal de Ninadu, (dizendo) "Que o canal puro, cujo 'coração' é brilhante, traga água clara para Nanshe".

25 URUKAGINA DE LAGASH (cone)

(Esta inscrição começa com uma lista das atividades de construção realizadas por Urukagina em Lagash por suas numerosas divindades. Seguindo a lista, continua com as reformas dos numerosos abusos existentes na Suméria antes de seus dias:)

Naqueles dias, quando Ningirsu, o principal guerreiro de Enlil, deu a realeza de Girsu a Urukagina, (e) sua mão (de Ningirsu) o havia agarrado da multidão (literalmente, "36.000 homens"), então ele (Urukagina) [libertou] os Lagashitas (dos seguintes abusos):

O responsável pelo barqueiro costumava apreender as embarcações. Os pastores chefes costumavam apreender os burros e as ovelhas. O responsável pela pesca costumava apreender as pescarias. As rações de cevada dos gudasacerdotes costumavam ser medidas (em desvantagem) em Ashte. Os pastores das ovelhas de lã costumavam pagar prata pela (tosquia da) ovelha branca. (Todos) tais (funcionários) como o homem encarregado dos topógrafos de campo, o chefe de gala, o homem encarregado da cerveja, o agrig, (e) os ugula's usados para pagar prata para (a tosquia de) os gaba-cordeiros.

(Após uma pequena lacuna, a inscrição continua da seguinte forma:)

A sanga (encarregada) dos alimentos (mantimentos) não (ousou) entrar no jardim da mãe indigente, não caiu as árvores ali, (e) não juntou os frutos.

Aquele que trouxe os mortos para o cemitério (para sepultamento) – sua cerveja era (apenas) 3 jarros (e) seus (pães de) eram (apenas) 80. O.. (um funcionário não identificado) recebeu (apenas) 1 cama (e) 1 apoio para a cabeça. A ludima recebeu (apenas 1) proibição de cevada. Ele que trouxe um cidadão (para descansar) entre os juncos de Enki – sua cerveja era (apenas) 4 jarros e seus (pães de) eram (apenas) 240. O. . (um funcionário não identificado) recebeu (apenas) 1 ul de cevada. A ludima recebeu (apenas) 3 interdições de cevada.

Das casas dos ensi, dos campos dos ensi, (e) das posses dos ensi, Ningirsu era (agora) o rei. Das casas do harém (palácio), dos campos do harém (palácio), (e) das posses do harém (palácio) – Bau era (agora) a rainha. Das casas do viveiro (do palácio), dos campos do viveiro (do palácio), (e) das posses do viveiro (do palácio) – Shulshaggana era (agora) o rei.

(Segue a inovação descrita no documento anterior. Na sequência, o texto prossegue com a reforma dos antigos abusos:)

Acabou com (a necessidade de) os aprendizes (levarem) os alimentos que saíam (?) do portão. Ele acabou com (a necessidade de) os artesãos pedirem seu pão.

Os "cidadãos" (literalmente, "filhos") de Lagash que (foram presos por causa de) as dívidas (que eles) contraíram, (ou por causa de) as quantias (de grãos reivindicadas pelo palácio como suas) devidas, (ou por causa de) cevada (reivindicada pelo palácio para suas) lojas, (ou por causa de) roubo (ou) assassinato – Urukagina, que havia recebido a realeza de Girsu, libertar.

26 URUKAGINA DE LAGASH (placa oval)

(Após uma grande lacuna, o texto começa com uma descrição de um abuso cujo significado é bastante obscuro. Diz o seguinte:)

Se as ovelhas eram compradas, o homem (influente) costumava levar o melhor dessas ovelhas para si.

(O texto continua:) As rações de cevada dos gudasacerdotes foram medidas (em sua desvantagem) no Ashte. (Na verdade) seus armazéns de ração de cevada foram construídos no Ashte, (e) foram . . .

Se os agrig's, os ugula's, (e) gala's, os lavradores, (e) os homens encarregados da fabricação de cerveja trouxessem ovelhas de lã para o palácio (e) as tivessem tosquiadas lá, (e) se as ovelhas fossem brancas, eles tinham que pagar 5 siclos de prata pela lã das ovelhas (literalmente, "sua lã") que haviam sido trazidas para o palácio.

Os bois dos deuses lavravam as manchas de cebola do ensi, (e) os campos de cebola e pepino do ensi estavam localizados nos melhores campos do deus.

(Grande lacuna)

Se o retentor de um rei pegasse um cego para a água de cogumelo que está no campo, ele lhe daria para comer (nada além de) os alimentos que saem (?); nem lhe daria água potável; nem daria água potável ao burro (usado pelo cego).

Se o filho de um pobre homem colocasse um lago de peixes, o homem (influente) tiraria seus peixes, (e) esse homem ficaria impune.

Se um homem se divorciasse de (sua) esposa, o ensi levava 5 siclos de prata e o sukkalmah levava 1 siclo de prata. Se um perfumista (?) fez uma preparação de óleo de "cabeça" (?), o ensi levou 5 siclos de prata, o sukkalmah levou 1 siclo de prata, (e) o abgal levou 1 siclo de prata.

(Segue-se a descrição de um abuso que é obscuro porque o texto é fragmentário. Em seguida, após uma grande lacuna, o texto continua com as reformas que podem ser restauradas em parte da seguinte forma:)

Se um homem se divorciasse (sua) esposa, nem o ensi, nem o sukkalmah recebiam qualquer prata (em pagamento). Se um perfumista (?) fizesse uma preparação de óleo de "cabeça" (?), nem o ensi, nem o sukkalmah nem o abgal recebiam qualquer prata (em pagamento).

Se o filho de um pobre homem colocou um lago de peixes, o homem (influente) não (ousou) tirar seus peixes.

O ladrão foi apedrejado com pedras (nas quais estava inscrito seu mal) intenção. Os bens desaparecidos (quando encontrados ou recuperados de um ladrão) eram pendurados no grande portão (onde poderiam ser reivindicados pelo legítimo proprietário).

Se uma mulher dissesse a um homem "... " (Infelizmente, o texto é ininteligível neste ponto crucial), seus dentes foram esmagados com tijolos queimados, (e) esses tijolos queimados (nos quais sua culpa estava inscrita) foram pendurados no Grande Portão (para todos verem). As mulheres de outrora costumavam levar dois maridos, (mas) as mulheres de hoje (se tentassem isso) eram apedrejadas com pedras (sobre as quais estava inscrita sua maldade) intenção.

(Na sequência de uma reforma relativa a vários tipos de videntes e adivinhos, fragmentária e ininteligível, existe uma grande lacuna. O texto retoma em meio à recapitulação da luta entre Umma e Lagash narrada no cone de Entemena (páginas 311-15) e termina com um resumo das atividades de construção de Urukagina (?).

27 URUKAGINA DE LAGASH (comprimido)

O Ummaite incendiou o Ekisurra. Ele incendiou a Antasurra, carregou seu metal precioso (e) lápis-lazúli. Ele impôs as mãos sobre o palácio Tirash. Ele impôs as mãos sobre a Abzubanda. Ele impôs as mãos sobre o santuário (ou talvez, "dais") de Enlil (e) o santuário (ou talvez, "dais") de Utu. Ele impôs as mãos sobre o Ahush, carregou seu metal precioso (e) lápis-lazúli. Ele impôs as mãos sobre o Ebabbar, carregou seu metal precioso (e) lápis-lazúli. Ele impôs as mãos sobre a giguna da (deusa) Ninmah do bosque sagrado, carregou seu metal precioso (e) lápis-lazúli. Ele impôs as mãos sobre o Bagara, carregou seu metal precioso (e) lápis-lazúli. Ele incendiou o Dukuru, carregou seu metal precioso (e) lápis-lazúli. Ele impôs as mãos sobre o Abzu dos canais. Ele incendiou a casa de Gatumdug, carregou seu metal precioso (e) lápis-lazúli, destruiu suas estátuas. Ele incendiou o Ibgal-Eanna de Inanna, carregou seu metal precioso (e) lápis-lazúli, destruiu suas estátuas. Ele impôs as mãos sobre o Shapada, carregou seu metal precioso (e) lápis-lazúli. Na Henda ele derrubou o . . . Ele impôs as mãos sobre Kiab (e) a casa de Nindar, carregou seu metal precioso (e) lápis-lazúli. Ele incendiou Kinunir (e) a casa de Dumuzi-Abzu, levou seu metal precioso (e) lápis-lazúli. Ele ateou fogo na casa de Lugaluru, carregou seus metais preciosos (e) lápis-lazúli. Ele impôs as mãos sobre a E-engurra de Nanshe, carregou seu metal precioso (e) lápis-lazúli. Ele impôs as mãos sobre .. (e) a casa de Amageshtin – da (estátua) da (deusa) Amageshtin ele carregou seu metal precioso (e) lápis-lazúli, jogou-o (a estátua) em seu poço (isto é, o poço da casa de Amageshtin). Ele arruinou a cevada do campo de Ningirsu, tanto quanto havia sido arado.

Porque o Ummaite destruiu os tijolos de Lagash, ele cometeu um pecado contra Ningirsu; ele (Ningirsu) cortará as mãos que foram levantadas (?) contra ele. Não é o pecado de Urukagina, o rei de Girsu. Que Nidaba, a deusa (pessoal) de Lugalzaggesi, a ensi de Umma, o faça (Lugalzaggesi) suportar todos (esses) pecados.

28 LUGALZAGGESI (vaso)

Enlil, o rei de todas as terras - para Lugalzaggesi, o rei de Erech, o rei da Terra (isto é, a Suméria), o ishib de An, o lumdh de Nidaba, o filho de Uu, o ensi de Umma (e) o lumah de Nidaba, sobre o qual An, o rei de todas as terras, olhou com olhos firmes, o grande ensi de Enlil, a quem Enki deu entendimento, cujo nome Utu havia pronunciado, o grande sukkal do pecado, o shakannak de Utu, o sustento de Inanna, filho nascido de Nidaba, que é constantemente alimentado por Ninhursag com (seu) leite, o "homem" do (deus) Messanga-Unugga, o filho adotivo de (a deusa) Ninabuhadu, a rainha de Erech, o agrig elevado dos deuses.

Quando Enlil, o rei de todas as terras, deu a realeza da Terra a Lugalzaggesi, dirigiu-lhe os olhos (de todo o povo) da Terra de leste a oeste (literalmente, "do nascer do sol ao pôr-do-sol"), prostrou-se (todo o povo) por ele – então (todo o povo) do mar inferior, ao longo do Tigre (e) Eufrates até o alto mar direcionaram seus pés para ele; de leste a oeste, Enlil não lhe deu rival; (o povo de) todas as terras jaz (pacificamente) no prado sob seu domínio (literalmente, "sob ele"); a Terra regozijou-se sob o seu governo; todos os chefes da Suméria (e) os ensi's de todas as terras estrangeiras curvaram-se diante dele em Ereque de acordo com o eu do principado.

Naqueles dias, Erech passava seus dias com bom ânimo. Ur, como um touro, ergueu a cabeça para o céu. Larsa, a amada cidade de Utu, proferiu gritos de alegria. Umma, a amada cidade de Shara, "levantou um braço elevado". Zabalão fez as paredes ressoarem (com gritos de alegria) como a ovelha mãe cujo cordeiro foi devolvido (a ela). Der "levantou o pescoço para o céu".

Lugalzaggesi, o rei de Erech, o rei da Terra, dedicou, por sua vida, vários vasos a Enlil, seu amado rei; nestas, ele trouxe grandes oferendas de alimentos a Enlil, seu rei, em Nippur, (e) delas derramou libações de água doce – com (esta) inscrição: "Que Enlil, o rei das terras, suplice por mim diante de An, seu amado pai; que ele acrescente vida à minha vida'; sob o meu governo (literalmente, "debaixo de mim") que as terras jazem pacificamente nos prados; que toda a humanidade prospere como plantas e ervas; que os rebanhos de An aumentem; que (o povo da) Terra olhe para uma "terra justa"; a boa sorte que (os deuses) decretaram para mim, que nunca se alterem; (e) até a eternidade que eu seja o primeiro (?) pastor."

29 SARGON (comprimido)

Sargão, o rei de Acádia, o mashkim de Inanna, o rei de Kish, o gudasacerdote de An, o rei da Terra, o grande ensi de Enlil, destruiu a cidade de Erech, destruiu sua muralha; lutou com os homens de Ereque, conquistou-os; lutou com Lugalzaggesi, o rei de Erech, levou-o prisioneiro (e) trouxe-o em um pescoço para o portão de Enlil.

Sargão, o rei da Acádia, lutou com os homens de Ur, conquistou-os, destruiu sua cidade, (e) destruiu suas muralhas; deitou lixo E-Ninmar, destruiu suas muralhas, devastou seu território de Lagash para o mar, lavou suas armas no mar; lutou com os homens de Umma, conquistou-os, destruiu sua cidade, (e) destruiu suas muralhas.

A Sargão, o rei da Terra, Enlil não deu rival; (de fato) Enlil deu-lhe todo o território, desde o mar acima até o mar abaixo. Os acadianos (literalmente, "filhos de Acádia") seguravam os ensi-navios (em toda parte) do baixo mar e acima; os homens de Mari (e) os homens de Elam serviram a Sargão, o rei da Terra (como seu senhor).

Sargão, o rei da Terra, restaurou Kish (e) deu aquela cidade a eles (os homens de Kish) como morada.

Quem destrói esta inscrição – que Utu rasgue seu alicerce (debaixo dele); que ele o retire de sua semente.

A INSCRIÇÃO DO SEU PEDESTAL (DA ESTÁTUA)

30 SARGON (comprimido)

Sargão, o rei de Kish, triunfou em trinta e quatro batalhas (sobre as cidades) até a beira do mar (e) destruiu suas muralhas. Ele fez os navios de Meluhha, os navios de Magan, (e) os navios de Dilmun amarrados ao lado do cais de Agade.

Sargão, o rei, prostrou-se diante de Dagan (e) fez-lhe súplica; (e) ele (Dagan) deu-lhe a terra superior, (a saber) Mari, Yarmuti, (e) Ibla, até a Floresta de Cedro (e) até a Montanha de Prata.

Sargão, o rei, a quem Enlil não permitia rival – 5.400 guerreiros comiam pão diariamente diante dele.

Quem destrói esta inscrição – que An destrua o seu nome; que Enlil extermine sua semente; pode Inanna ..

31 RIMUSH (comprimido)

[Desde os tempos de outrora] ninguém tinha feito uma estátua de chumbo, (mas) Rimush, o rei de Kish, tinha uma estátua de si mesmo feita de chumbo. Estava diante de Enlil; (e) recitou (?) suas virtudes (de Rimush) no idu dos deuses.

Quem destrói esta inscrição – que Enlil (e) Utu rasgue seus alicerces (debaixo dele); que o repreendam de sua semente.

A INSCRIÇÃO DE . . . . .

32 NAMMAHNI DE UMMA (prego de argila)

Naqueles dias em que Yarlagan era rei de Gutium, Nammahni, o ensi de Umma, construiu para (a deusa) Ninurra, a mãe de Umma, sua antiga casa e a restaurou.

33 UTUHEGAL (comprimido)

ENLIL-Enlil, o rei de todas as terras, encarregou Utuhegal, o homem poderoso, o rei de Erech, o rei dos quatro quartos (do mundo), o rei cujo comando ninguém pode ganhar, para destruir o nome de Gutium, a cobra (e) o escorpião da montanha, que levantou o braço contra os deuses, que levou a realeza da Suméria para a terra (estrangeira), que encheu a Suméria de inimizade, que arrancou a esposa daquele que tinha esposa, que arrancou o filho daquele que teve um filho, (e) criou inimizade (e) rebelião na Terra.

(Pelo que) ele (Utuhegal) foi até Inanna, sua rainha, (e) fez súplica a ela: "Minha rainha, leoa em batalha, que ataca todas as terras (estrangeiras)! Enlil me encarregou de trazer de volta a realeza da Suméria. Seja você meu aliado (nisso)! Tirigan, o rei de Gutium, distribuiu (?) o . . de..... (Embora) ninguém tenha marchado contra ele, ele tomou o Tigre e a costa marítima. Na Suméria, fechou campos abaixo, fechou estradas acima. Ele fez as ervas daninhas crescerem altas nas estradas da Terra."

Utuhegal, o rei que recebeu poder de Enlil, a quem Inanna havia escolhido em (seu) coração, o homem poderoso, marchou para a batalha de Erech contra ele (Tirigan). Na casa do (deus) Ishkur, ele fez uma oferenda (?) (e) falou à sua cidade: "Enlil me deu Gutium; Inanna, minha rainha, como minha aliada, entregou meu destino ao comando de Dumuzi, o ama-ushumgal do céu, me deu Gilgamesh, filho da (deusa) Ninsun, como um mashkim."

Os cidadãos de Erech (e) os cidadãos de Kullab (um distrito de Erech) estavam cheios de alegria. Como um homem, (o povo de) sua cidade o seguiu, (e) ele dirigiu as tropas escolhidas (?) (dentre eles).

Depois de partir da casa de Ishkur, ele fez uma oferenda (?) no quarto dia no nagsu de (o rio) Iturungal; no quinto dia fez uma oferenda (?) no santuário da deusa Ilitabba. Ele fez prisioneiro Ur-Ninazu (e) Nabi-Enlil, o

shakannak de Tirigan, que ele havia enviado para a Suméria como embaixadores (e) colocou "estoques" de madeira em suas mãos.

Depois que ele (Utuhegal) partiu do santuário de Ilitabba, no sexto dia ele fez uma oferenda (?) em Muru; ele foi antes de Ishkur (e) fez súplica a ele: "Ishkur, Enlil me deu armas. Seja você meu aliado (nisso)!"

Naquela mesma noite, . . . ; foi a Utu (e) fez-lhe súplica: "Utu, Enlil me deu Gutium. Seja você meu aliado (nisso)!"

Nesse (?) lugar, Gutium reuniu (?) suas (?) forças (?) (e) enviou as tropas contra ele. Utuhegal, o homem poderoso, os conquistou (e) tomou o prisioneiro de seu shakannak.

Então Tirigan, o rei de Gutium, fugiu sozinho de volta (em direção a Gutium). Em Dubrum, onde se refugiara, foi tratado com gentileza (?). (Mas) como os homens de Dubrum sabiam que Utuhegal era o rei a quem Enlil havia concedido poder, eles não libertaram Tirigã. O enviado de Utuhegal fez Tirigan (e) sua família prisioneira em Dubrum, colocou "estoques" de madeira em suas mãos, (e) vendeu-o (?). Ele (Tirigan) foi (então) levado diante de Utuhegal, atirou-se a seus pés, (e) ele (Utuhegal) colocou o pé em seu pescoço. Ele (então) prostrou-se (?) e . . . Gutium, o escorpião (e) a cobra da montanha, removeu (?) o . . . de (?) seu território, (e assim) devolveu a realeza à Suméria.

34 UR-BAU DE LAGASH (estátua)

Para Ningirsu, o poderoso guerreiro de Enlil, Ur-Bau, o ensi de Lagash, filho nascido de Ninagal, a quem Nanshe escolheu em seu coração, a quem foi concedido poder por Ningirsu, a quem Bau chamou por um bom nome, a quem Enki deu entendimento, a quem Inanna concebeu (em sua mente), o amado servo de Lugaluru, o amado de Dumuzi-Abzu—

Eu, Ur-Bau, cavei para Ningirsu, meu rei, o . . terra para . . E é profundo; seu monte (isto é, o da terra escavada), eu esmagei (?) como pedra, atirei (?) como metal, espalhei (?) (literalmente, "transformei-o em 'terra larga'") como ninda, devolvi essa terra (escavada) em seu meio (isto é, na área que havia sido escavada), (e) amontoei a fundação da terra. Nesta (fundação) construí uma plataforma de 10 ells de altura, (e) na plataforma que construí para ele (Ningirsu) a Eninnu-Nigibarbar 12 ells (alta).

Para Ninhursag, a mãe dos deuses, construí sua casa Girsu. Para Bau, a graciosa senhora, filha de An, construí sua casa Urukuga. Para Inanna, a rainha santa e principesca, construí sua casa Uru. Para Enki, o rei de Eridu, construí sua casa Girsu. Para Nindara, o rei (e) en, eu construí sua casa. Para Ninagal, sua deusa, construí sua casa. Para Ninmar, a graciosa senhora, a filha mais importante de Nanshe, construí a Eshgutur, a casa que ela escolheu em seu coração. Para Ensignun, o burro de Ningirsu, construí sua casa de "burro premiado". Para Geshtinanna, o todo-poderoso (?) (literalmente, talvez, "maior que tudo"), construí sua casa Girsu. Para Dumuzi-Abzu, o senhor de Kinunir, construí sua casa Girsu.

35 SINGASHID DE ERECH (prego de argila)

Para Lugalbanda, seu deus, (e) para Ninsun, sua mãe, Singashid, o rei de Erech, o rei de Amnanum, o sustento de Eanna, na época em que ele construiu o Eanna, (também) construiu o Ekikal, sua casa de habitação, na qual seus corações se alegraram.

Durante seu reinado – seus anos foram anos de grande prosperidade – 3 gur de cevada, 12 minas de lã, 10 minas de cobre e um <f> gur de petróleo, cada um vendido por 1 siclo de prata de acordo com o preço (extraordinariamente baixo) de mercado (atual) em sua terra.

D. FÓRMULAS DE DATA DE AMOSTRA

"Ano (em que) Sargão destruiu Adab (?)"	Sargão, número de ano desconhecido
"Ano (em que) Naram-Sin destruiu Sabum"	Naram-Sin, número de ano desconhecido
"Ano (em que) Pirig-midashu, filha do rei, foi elevada à soberania de Marhashi"	Shulgi, ano 17
"Ano (em que) os cidadãos de vocês foram organizados como lançadores"	Shulgi, ano 19
"Ano (em que) Ganhar foi destruído"	Shulgi, ano 25

"Ano (em que) Simurum foi destruído"	Shulgi, ano 26
"Ano (em que) Simurum foi destruído um segundo tempo"	Shulgi, ano 27
"Ano (em que) Simurum e Lulubum foram destruídos pela nona vez"	Shulgi, ano 45
"Ano (em que) Kimash, Humurtu e o país vizinho foram destruídos em um dia"	Shulgi, ano 47
"Ano (em que) Shu-Sin, o rei de Ur, construiu o muro ocidental (chamado) 'Muriq-Tidnim'"	Shu-Sin, ano 4
"Ano (em que) Ibbi-Sin, o rei de Ur, derrubou como uma tempestade Susa, Adamdun e a terra de Awan, subjugou-os em um dia, e tomou seus en's cativos"	Ibbi-Sin, ano 17

E. LISTA DE REIS SUMÉRIOS

Depois que a realeza desceu do céu, Eridu tornou-se (a sede) da realeza. Em Eridu Alulim reinou 28.800 anos como rei; Alalgar reinou 36.000 anos – dois reis reinaram 64.800 anos. Eridu foi abandonado, (e) sua realeza foi levada para Badtibira.

Em Badtibira, Enmenluanna reinou 43.200 anos; Enmengalanna reinou 28.800 anos; Dumuzi, o pastor, reinou 36.000 anos - três reis reinaram 108.000 anos. Badtibira foi abandonada, (e) sua realeza foi levada para Larak.

Em Larak, Ensipazianna reinou 28.800 anos – um rei reinou 28.800 anos. Larak foi abandonada, (e) sua realeza foi levada para Sippar.

Em Sippar, Enmeduranna reinou 21.000 anos como rei - um rei reinou 21.000 anos. Sippar foi abandonada, (e) sua realeza foi levada para Shuruppak.

Em Shuruppak, Ubartutu reinou 18.600 anos como rei - um rei reinou 18.600 anos.

(Total) cinco cidades, oito reis reinaram 241.200 anos.

O Dilúvio, então, varreu (a terra). Depois que o Dilúvio varreu (a terra) e a realeza desceu do céu (uma segunda vez), Kish tornou-se (a sede) da realeza. Em Kish, Gaur reinou 1.200 anos como rei; Gulla-Nidaba-annapad reinou 960 anos; Palakinatim reinou 900 anos; Nangishlishma reinou . . . Anos; Bahina reinou . . . Anos; Buanum reinou 840 anos; Kalibum reinou 960 anos; Galumum reinou 840 anos; Zukakip reinou 900 anos; Atab reinou 600 anos; Mashda, filho de Atab, reinou 840 anos; Arurim, filho de Mashda, reinou 720 anos; Etana, o pastor, aquele que subiu ao céu, que fez firmar todas as terras, reinou 1.560 anos como rei; Balih, filho de Etana, reinou 400 anos; Enmenunna reinou 660 anos; Melam-Kish, filho de Enmenunna, reinou 900 anos; Barsalnunna, filho de Enmenunna, reinou 1.200 anos; Meszamug, filho de Barsalnunna, reinou 140 anos; Tizkar, filho de Meszamug, reinou 305 anos; Ilku reinou 900 anos; Iltasadum reinou 1.200 anos; Enmebaraggesi, aquele que feriu as armas da terra Elam, reinou 900 anos como rei; Agga, filho de Enmebaraggesi reinou 625 anos. (Total) vinte e três reis reinaram 24.510 anos, 3 meses, 3-1/2 dias. Kish foi derrotado (em batalha), (e) sua realeza foi levada para Eanna.

Em Eanna, Meskiaggasher, filho do (deus-sol) Utu, reinou (ambos) como en (e) rei 324 anos – Meskiaggasher entrou no mar (e) subiu as montanhas; Enmerkar, filho de Meskiaggasher, o rei de Ereque que havia construído Erech, reinou 420 anos como rei; Lugalbanda, o pastor, reinou 1.200 anos; Dumuzi, o pescador, cuja cidade era Kua, reinou 100 anos; Gilgamesh, cujo pai era nômade(?), reinou 126 anos; Urnungal, filho de Gilgamesh, reinou 30 anos; Udulkalamma, filho de Urnungal reinou 15 anos; Labasher reinou 9 anos; Ennundaranna reinou 8 anos; Meshede reinou 36 anos; Melamanna reinou 6 anos; Lugalkidul reinou 36 anos. (Total) doze reis reinaram 2.310 anos. Ereque foi derrotado (em batalha), (e) sua realeza foi levada para Ur.

Em Ur, Mesannepadda reinou 80 anos como rei; Meskiagnunna, filho de Mesannepadda reinou 36 anos como rei; Elulu reinou 25 anos; Balulu reinou 36 anos. (Total) quatro reis reinaram 177 anos. Ur foi derrotado (em batalha), (e) sua realeza foi levada para Awan.

(Em Awan, houve três reis que reinaram 356 anos, mas seus nomes são destruídos em grande parte; o texto então continua:) Awan foi derrotado (em batalha), (e) sua realeza foi levada para Kish.

Em Kish . . . reinou (mais de) 201 anos como rei; Dadasig reinou . . . Anos; Mamagal reinou 420 anos; Kalbum, filho de Mamagal, reinou 132 anos; Tuge reinou 360 anos; Mennumna reinou 180 anos; Lugalmu

reinou 420 anos; Ibbi-Ea reinou 290 (?) anos. (Total) oito reis reinaram 3.195 anos. Kish foi derrotado (em batalha), (e) sua realeza foi levada para Hamazi.

Em Hamazi, Hadanish reinou 360 anos. (Total) um rei reinou 360 anos. Hamazi foi derrotado, (e) sua realeza foi levada para Erech.

Em Erech . . . reinou 60 anos como rei; Lugalure reinou 120 anos; Argandea reinou 7 anos. (Total) três reis reinaram 187 anos. Ereque foi derrotado, (e) sua realeza foi levada para Ur.

Em Ur (os nomes dos governantes da Segunda Dinastia de Ur, que eram quatro em número e provavelmente reinaram 116 anos, estão destruídos). Ur foi derrotado, (e) sua realeza foi levada para Adab.

Em Adab, Lugalannemundu reinou 90 anos como rei. (Total) um rei reinou 90 anos. Adab foi derrotado, (e) sua realeza foi levada para Mari.

Em Mari, Ilshu reinou 30 anos como rei; . ., o filho de Ilshu reinou 17 anos; . . reinou 30 anos; . . reinou 20 anos; . . reinou 30 anos; . . reinou 9 anos. (Total) seis reis reinaram 136 anos. Mari foi derrotada, (e) sua realeza foi levada para Kish.

Em Kish, Ku-Bau, a hospedeira, ela que firmou as bases de Kish, reinou 100 anos como "rei". (Total) um rei reinou 100 anos. Kish foi derrotado, (e) sua realeza foi levada para Akshak.

Em Akshak, Unzi reinou 30 anos como rei; Undalulu reinou 12 anos; Urur (talvez para ser lido, Zuzu) reinou 6 anos; Puzur-Nirah reinou 20 anos; Ishu-Il reinou 24 anos; Shu-Sin, filho de Ishu-Il, reinou 7 anos. (Total) seis reis reinaram 99 anos. Akshak foi derrotado (e) sua realeza foi levada para Kish.

Em Kish, Puzur-Sin, filho de Ku-Bau, reinou 25 anos como rei; Ur-Zababa, filho de Puzur-Sin, reinou 400 anos. Simudarra reinou 30 anos; Usiwatar, filho de Simudarra, reinou 7 anos; Ishtar-muti reinou 11 anos; Ishme-Shamash reinou 11 anos; Nannia, a pedreira, reinou 7 anos. (Total) sete reis reinaram 491 anos. Kish foi derrotado, (e) sua realeza foi levada para Erech.

Em Erech, Lugalzaggesi reinou 25 anos como rei. (Total) um rei reinou 25 anos. Ereque foi derrotado, (e) sua realeza foi levada para Agade.

Em Agade, Sargão, cujo pai (?) era jardineiro, copeiro de Ur-Zababa, o rei de Agade que construiu Agade, reinou 56 anos como rei; Rimush, filho de Sargão, reinou 9 anos; Manishtushu, o irmão mais velho de Rimush, filho de Sargão, governou 15 anos; Naram-Sin, filho de Manishtushu, reinou 56 anos; Sharkalisharri, filho de Naram-Sin, reinou 25 anos. Quem era o rei? Quem não era rei? (isto é, um período de anarquia). Igigi, o rei; Nanum, o rei; Imi, o rei; Elulu, o rei – os quatro foram reis (mas) reinaram (apenas) 3 anos. Dudu reinou 21 anos; Shudurul, filho de Dudu, reinou 15 anos. (Total) onze reis reinaram 197 anos. Agade foi derrotada, (e) sua realeza foi levada para Erech.

Em Erech, Urnigin reinou 7 anos como rei; Urgigir, filho de Urnigin, reinou 6 anos; Kudda reinou 6 anos; Puzur-ili reinou 5 anos; Ur-Utu reinou 6 anos. (Total) cinco reis reinaram 30 anos. Ereque foi atingido por armas, (e) sua realeza foi levada para as hordas de Gutium.

Nas hordas de Gutium, (primeiro reinou) um rei sem nome; (então) Imta reinou 3 anos como rei; Inkishush reinou 6 anos; Sarlagab reinou 6 anos; Shulme reinou 6 anos; Elulumesh reinou 6 anos; Inimbakesh reinou 5 anos; Igeshaush reinou 6 anos; Iarlagab reinou 15 anos; Ibate reinou 3 anos; . . . reinou 3 anos; Kurum reinou 1 ano; . . . reinou 3 anos; . . . reinou 2 anos; Irarum reinou 2 anos; Ibranum reinou 1 ano; Hablum reinou 2 anos; Puzur-Sin, filho de Hablum, reinou 7 anos; Iarlaganda reinou 7 anos; . . . reinou 7 anos; . . . reinou 40 dias. (Total) vinte e um reis reinaram 91 anos e 40 dias. As hordas de Gutium foram derrotadas, (e) sua realeza foi levada para Erech.

Em Erech, Utuhegal reinou 7 anos, 6 meses e 15 dias como rei. (Total) um rei reinou 7 anos, 6 meses e 15 dias. Ereque foi atingido por armas, (e) sua realeza levada para Ur.

Em Ur, Ur-Nammu reinou 18 anos como rei; Shulgi, filho de Ur-Nammu, reinou 48 anos; Amar-Sin, filho de Shulgi, reinou 9 anos; Shu-Sin, filho de Amar-Sin (um erro para "o filho de Shulgi"), reinou 9 anos; Ibbi-Sin, filho de Shu-Sin, reinou 24 anos. (Total) cinco reis reinaram 108 anos. Ur foi derrotado, (e) sua realeza foi levada para Isin.

Em Isin, Ishbi-Erra reinou 33 anos como rei; Shuilishu, filho de Ishbi-Erra, reinou 10 anos; Idin-Dagan, filho de Shuilishu, reinou 21 anos; Ishme-Dagan, filho de Idin-Dagan, reinou 20 anos; LipitIshtar, filho de Ishme-Dagan, reinou 11 anos; Ur-Ninurta reinou 28 anos; Bur-Sin, filho de Ur-Ninurta, reinou 21 anos; Lipit-Enlil, filho de Bur-Sin, reinou 5 anos; Erraimitti reinou 8 anos; Enlilbani reinou 24 anos; Zâmbia reinou 3 anos; Iterpisha reinou 4 anos; Urdukuga reinou 4 anos; Sinmagir reinou 11 anos. (Total) quatorze reis reinaram 203 anos.

F. LETRAS

1 CARTA DE LUENNA A ENETARZI

A Enetarzi, a sanga de Ningirsu, diga: Isto é o que Luenna, a sanga da (deusa) Ninmar, diz:

Luenna, a sanga, lutou com 600 elamitas que levavam espólio (literalmente, "bens removíveis") de Lagash para Elam. Ele derrotou os elamitas e (levou) 540 elamitas (prisioneiros). Ur-Bau, o homem encarregado do shubur (?) -escravos, (e) Niglunutum, a úcula dos ferreiros, estavam entre eles, (e) estão no Eninmar. Ele [Luenna (?) recuperou (?) deles] 5 vasos (?) de prata pura, 20 . . . , 5 vestes reais, (e) 15 peles de ovelhas alimentícias (isto é, ovelhas criadas para serem comidas em vez de tosquiadas para lã).

Contanto que. . o ensi de Lagash vive (e) enquanto Enannatum sipad-zi, o agrig, vive, seu . . . será trazido para Ninmar.

2 CARTA DE ARADMU A SHULGI

Ao meu rei fale; assim diz seu servo Aradmu:

Encarregou-me de manter em bom estado as estradas de expedição para a terra de Subir, de estabilizar as fronteiras do seu país, de dar a conhecer os caminhos do país, de aconselhar os sábios da assembleia contra (?) os "maus (?) semente (?)", (e) tornar todos obedientes – para que a palavra do dia lhes fosse trazida à boca. Quando cheguei ao portão do palácio, ninguém pediu a "paz" do meu rei. Os que estavam sentados não se levantavam (e) não se prostravam. Quando me aproximei (descobri que) ele tinha... "a casa da expedição" que fora ornamentada com "pentes", ouro e prata "cabeças de lança", carneliana, (e) cobrindo (?) lápis-lazúli... "glorificava" constantemente prata e ouro; sentou-se num trono colocado sobre uma margarida; Ele colocou o pé em um banquinho dourado (e) não moveu o pé dele. Os oficiais de justiça encarregados (?) de seus escravos (?) —cada um encarregado de 5.000 (homens)—ficou à sua direita (e) esquerda. Ele [tinha servido com (?)] . . . como uma refeição (e) obtida. . . . Então eu fui trazido para . . . [Quando entrei] uma cadeira dourada com apoio para os pés me foi trazida, (e) me disseram para me sentar. De acordo com a ordem do meu rei, eu disse: "Permanecerei de pé, não me sentarei". Me trouxeram 1 boi gordo, 6 ovelhas gordas, (e) . . . ; quando o . . . (e) os oficiais de justiça do meu rei viraram minha mesa, eu estava com medo (e) apavorado. O quinto dia do mês Ezen-Ninazu passou, (e) eu enviei a você um . . . (Agora) o primeiro dia do mês Ubiku passou. Meu rei, você me encomendou, (mas) em meio mês (?)... aproximou-se. Meu rei Shulgi, que você saiba (isso).

3 CARTA DE SHULGI A ARADMU

Para Aradmu falar; assim diz o seu rei Shulgi: O homem, que enviaste, não vos ajuda; ele não pega as instruções da sua mão. Quanto a mim, exorto-vos (?) como se estivessem no meu lugar a estabilizar o país, a dirigir o povo, a torná-lo obediente, (e) a tomar (firmemente) as cidades do país. Dos seus "grandes" dão a conhecer a sua palavra. Que o meu terror cubra todas as terras estrangeiras. Que meu poderoso poder, "o poder da nave-herói", caia sobre as terras estrangeiras. Deixe meu Vento Sul cobrir a terra. Causa para fugir todos os supervisores da planície (e) todos os vigilantes (?) dos campos. Desde que essa "falta" (?) semente (?)" não . . . seu (?) sábio da assembleia. Traga-o antes de você (?), deixe-o entrar antes de você. Se o sábio da assembleia – como eu – não tivesse permanecido calado (?), ele (o "sujo (?) semente (?)") não teria se sentado em um trono colocado altivamente sobre uma margarida; ele não teria colocado o pé em um banquinho de ouro; ele não teria aterrorizado o ensi junto com o ensi-ship, o supervisor real com o supervisor real, e não os faria servir (ele); feria (e) não feria ninguém; o homem sobre o qual ele olha (com favor) não se fortaleceria. É assim que você faz firme a terra! Se você me ama, não se junte a ele. Você está inchado; não conhece (meus) oficiais de justiça; ter em mente a humanidade deles (dos oficiais de justiça) e minha heroína. Se você é meu pai e minha mãe, você deve falar diante de seus pais... Faça-os (o povo de Subir) obedientes; tornar firme o alicerce da terra. É urgente.

4 CARTA DE ISHBI-ERRA A IBBI-SIN

A Ibbi-Sin meu rei fala; assim diz seu servo Ishbi-Erra: Você me encarregou de uma expedição a Isin e Kazallu para comprar grãos. O grão atingiu o preço (de) 1 gur para cada (shekel), . . . (e até o momento) 20 talentos de prata foram gastos para comprar grãos. Mas agora, tendo ouvido o relato de que o hostil Martu entrou em seu país, eu trouxe para Isin os 72.000 gur de grãos – tudo isso. Agora, os Martu – todos eles – entraram no meio da terra (Suméria) (e) tomaram as grandes fortalezas uma após a outra. Por causa do Martu, não consigo transportar (?) esse grão; eles são fortes demais para mim, (e) estou imobilizado. Que meu rei tenha 600 barcos (com capacidade de) 120 gur cada calafetado; deixe-o (?) . . . um barco (de?) 72 . . . ; deixe-o (?) . . . 50 .. (e) 1 porta (e) . . . barco; e deixe-o (recolher?) todos (esses) barcos. (Então) que sejam trazidos para o estreito (?) . . . pelo rio, "o rio da montanha" e os canais escavados; e eu vou... antes dele. Coloque-me no comando dos lugares onde os barcos devem ser atracados, (e) . . . Todos os grãos serão armazenados (?) em bom estado. Se te faltar grão, eu te trarei o grão. Meu rei, os elamitas foram enfraquecidos na batalha; seus grãos . . . chegou ao fim. Não enfraqueçais. Não concorde em se tornar seu escravo e não ande atrás deles. Tenho (suficientes) grãos para 15 anos (para saciar) a fome de seu palácio e de suas cidades. Meu rei, me encarregou de cuidar de Isin (e) Nippur.

5 CARTA DE PUZUR-NUMUSHDA A IBBI-SIN

A Ibbi-Sin meu rei fala; assim diz seu servo Puzur-Numushda: O mensageiro de Ishbi-Erra . . colocou os olhos em mim (dizendo): "Meu rei Ishbi-Erra enviou a (seguinte) mensagem:

"Meu rei Enlil (por) seu comando me deu o pastoreio da terra, (e) Enlil me ordenou que trouxesse diante da deusa Ninisinna as cidades, os deuses e os acampamentos das margens do Tigre e do Eufrates, das margens do canal Nunme e das margens do canal Me-Enlil, da terra Hamazi até o mar de Magan; estabelecer Isin como o ganun-ship de Enlil; para fazê-lo ter um (grande) nome; para fazer . .; e tornar habitadas as suas cidades (da Suméria). Por que agora você me resiste? Juro pelo nome de Dagan, meu deus, não tenho nada além de intenções pacíficas para Kazallu. (Quanto a) as cidades (e) a terra que Enlil me ordenou (para tomar conta), no meio de Isin construirei suas . . . ; Farei com que celebrem suas festas; (e) Colocarei em seu gipar minha estátua, meu emblema, meu sumo sacerdote, (e) minha sacerdotisa. Antes de Enlil no Ekur (e) antes de Nanna (no) Ekishnugal, os filhos de . . . proferirão suas orações. E por que você fez . . . seu confiado de sua terra? Construirei o muro de Isin, (e) chamarei (seu) nome de Idilpashunu." "

Foi exatamente como ele disse; ele construiu o muro de Isin (e) chamou (seu) nome Idilpashunu. Ele apoderou-se de Nippur, pôs-lhe vigias e pronunciou (?) todos os comandos (?) —apoderou-se de Nippur. Ele tomou Zinnum, o ensi de Subir, como prisioneiro; saqueou Hamazi; (e) devolveu Narahi, o ensi de Eshnuna, Shu-Enlil, o ensi de Kish, (e) Puzur-Tutu, o ensi de Badzi-Abba, (cada um) ao seu lugar. Ishbi-Erra estava à frente de suas tropas, tomou as margens do Tigre, do Eufrates, do Nunme e dos canais Me-Enlil; e Idil-Malgi entrou . . . (Quando) Girbubu, o ensi de Girkal, resistiu, ele (Ishbi-Erra) cortou... (e) apreendeu-o. Seu terror pesa sobre mim; Ele colocou os olhos em mim. Que meu rei saiba que não tenho aliado, ninguém para andar ao meu lado; e (que) desde o seu . . . me ultrapassou, ando sozinho.

6 CARTA DE IBBI-SIN A PUZUR-NUMUSHDA

A Puzur-Numushda, o governador de Kazallu, fala; assim diz seu rei Ibbi-Sin:

Já que eu selecionei para você . . . tropas (e) tê-los colocado à sua disposição como governador de Kazallu, não são, como no meu caso, suas tropas seu renome? Por que você me mandou assim: "Ishbi-Erra tem seus olhos em mim, e (apenas) depois que ele me deixar, eu virei". Como é que você não sabia quando Ishbi-Erra voltaria para (sua) terra? Por que você, juntamente com Girbubu, o governador de Girkal, não marchou as tropas que haviam sido colocadas em sua mão diante dele? Como é que você demora para voltar atrás o . . . ? . . . Enlil enviou o mal sobre a Suméria. Seu inimigo descendo da terra... elevou-se ao rebanho da terra. Ora, Enlil deu a realeza a um homem sem valor, a Ishbi-Erra, que não é de semente suméria. Eis que, na assembleia dos deuses, a Suméria foi prostrada. O padre Enlil, cujas ordens são . . . , em verdade ordenou assim: "Enquanto existirem malfeitores em Ur, Ishbi-Erra, o homem de Mari, derrubará seus alicerces, medirá a Suméria". E (assim) quando você foi nomeado governador das várias cidades, eles foram para Ishbi-Erra de acordo com a palavra de Enlil. (Mesmo) depois de você, como um . . . , entregue a cidade ao inimigo e tenha se tornado um servo fiel, Ishbi-Erra não conhece (você). Agora traga-lhe (ajuda) para restaurar a boa palavra e acabar com a falsa; deixe-os executar . . . entre seu povo. Não se afaste; Não vá contra mim. Sua mão não alcançará a cidade; o homem de Mari não exercerá o senhorio de acordo com (seu) plano inimico. (Pois) agora Enlil agitou os Martu de fora de sua terra; eles derrubarão os elamitas e capturarão Ishbi-Erra. Com a restauração da terra ao seu (antigo) lugar, (seu) poderá tornar-se conhecido em todas as terras. É urgente, não...

G. DITILLA'S (decisões judiciais)

1.

Sheshkalla, filho de Ur-Lamma, declarou: "Não sou escravo de Ur-Sahar-Bau". (Mas o fato é que) Ur-Lamma, pai de Sheshkalla, foi dado como escravo por Alla, o escriba, na casa de Ur-Sahar-Bau, filho de Namu, (em troca de) uma pensão (?) de cevada e lã. Além disso, Ludugga e Dudima juraram que Ur-Lamma engendrou Sheshkalla, o escravo, na casa de Ur-Sahar-Bau. (Portanto) o escravo foi confirmado (como pertencente a) os herdeiros de Ur-Sahar-Bau.

Tiematta — o mashkim
Lu-Shara — o juiz
(Segue-se a fórmula de data.)

2.

Akalla, filho de Luninshubur, (e) Urshuanna foram testemunhas (do fato de que) Kaku, filho de Ninshubur, havia comprado as 12 grandes mudas de tamareira de Lunanna, o pai de Urabu, por 3 siclos de prata (como) seu preço total. Urabu (no entanto) repudiou as testemunhas. (Daí em diante) Kaku fez um juramento (que ele realmente havia comprado as mudas do pai de Urabu, Lunanna). (Portanto) o jardim foi confirmado (como pertencente a) Kaku.

Tiematta — o mashkim
Lu-Shara (e) Ur-Sataran — os juízes
(Segue-se a fórmula de data.)

3.

Innashagga, esposa de Dudu, filho de Titi, comprou um . . . Casa de 2-5/6 SAR com seu próprio dinheiro. Enquanto Dudu viveu, Ur-Eninnu, filho de Dudu, tinha a posse de sua casa. Uma vez que Innashagga tinha comprado a casa, ele (Ur-Eninnu) tinha o tablet (gravando) a compra da casa feita a ele por Innashagga. Innashagga fez o juramento de que comprou a casa com seu próprio dinheiro (e) não com a propriedade de Dudu.

Dudu havia dado Ninana, filho de Niza, a ourives, (como escrava) para Innashagga, sua esposa. Após a morte de Dudu, os herdeiros de Dudu, através de Arad-Nanna, o ensi (e) sukkalmah, reivindicaram o título (para o escravo) dela. Urgula, filho da sanga de Ninshubur, Nammah, a guzala de Gizi, (e) Alul, o cantor, testemunhou que Dudu havia dado o escravo a Innashagga; (e) os herdeiros de Dudu confirmaram esse depoimento. Como (seus depoimentos) foram confirmados pelas declarações dos herdeiros, as testemunhas não foram obrigadas a prestar juramento.

(Portanto) Ninana, filho de Niza, (e) a casa foram então confirmadas (como pertencendo) a Innashagga, a esposa de Dudu.

Geme-Tirash, Magina, (e) Sag-Bautuku, as filhas de Ninana, filho de Niza, receberam sua liberdade por Innashagga, a esposa de Dudu, perante os juízes. Os herdeiros de Dudu juraram pelo nome do rei que não mudariam a palavra da mãe.

Urbagara, o filho de Ur- . . . — o mashkim
Lu-Shara, Ludingirra, (e) Ur-Sataran – seus juízes (isto é, dos processos aqui registrados)
(Segue-se a fórmula de data.)

H. CÓDIGO DE LEI LIPIT-ISHTAR

PRÓLOGO

Quando o grande An, o pai dos deuses, (e) Enlil, o rei de todas as terras, o senhor que determina ordenanças, teve . . a Ninisinna, filha de An, a . . . para ela . . . (e) o regozijo . . . por sua testa brilhante; quando lhe deram a realeza da Suméria (e) Acádia (e) um reinado favorável em sua (cidade) Isin, o . . . estabelecido por An; quando An (e) Enlil chamou LipitIshtar — LipitIshtar, o sábio pastor, cujo nome fora pronunciado por Nunamnir — ao principado da terra, a fim de estabelecer justiça na terra, banir queixas, devolver a inimizade (e) rebelião pela força das armas, (e) trazer bem-estar aos sumérios e acadianos, então eu, LipitIshtar, o humilde pastor de Nippur, o fazendeiro ferrenho de Ur, que não abandona Eridu, o senhor adequado de Erech, rei de Isin, rei da Suméria e Acádia, que sou apto para o coração de Inanna, estabeleceu a justiça na Suméria e Acádia de acordo com a palavra de Enlil. Realmente, naqueles dias eu procurei... a liberdade dos filhos e filhas de Nipur, os filhos e filhas de Ur, os filhos e filhas de Isin, os filhos e filhas de Suméria e Acádia sobre os quais... escravidão . . . foram impostas. Na verdade, de acordo com . . . , fiz o pai sustentar seus filhos, (e) fiz os filhos sustentarem seu pai; Fiz o pai ficar ao lado dos filhos, (e) fiz os filhos ficarem ao lado do pai; na casa do pai (e) na casa do irmão, eu... Em verdade, eu, LipitIshtar, filho de Enlil, trouxe setenta para a casa do pai (e) do irmão; para a casa de solteiro, eu trouxe . . . por dez meses . . . a mulher de um homem, . . . o filho de um homem . . .

DAS LEIS

1 . . . que tinha sido criado . . . . . .

2 . . . a propriedade da casa do pai a partir de sua . . . . .

3 . . . o filho do funcionário do Estado, o filho do funcionário do palácio, o filho do supervisor . . . . .

4 . . . um barco . . . um barco ele deve . . . .

5 Se um homem contratou um barco (e) o colocou em um . . . viagem para ele . . 6 . . . o presente . . . ele deve . . .

7 Se ele deu seu pomar a um jardineiro para criar... (e) o jardineiro . . . ao dono do jardim .

8 Se um homem deu terra nua a (outro) homem para estabelecer um pomar (e este) não completou a terra nua como um pomar, ele dará ao homem que estabeleceu o pomar a terra nua que ele negligenciou, como parte de sua parte.

9 Se um homem entrou no pomar de (outro) homem (e) foi apreendido lá por roubo, pagará 10 siclos de prata.

10 Se um homem cortar uma árvore no jardim de (outro) homem, pagará 1/2 mina de prata.

11 Se ao lado da casa de um homem o chão nu de (outro) homem foi negligenciado e o dono da casa disse ao dono do terreno nu: "Porque o teu chão foi negligenciado, alguém pode invadir a minha casa; fortaleca sua casa", (e) este acordo foi confirmado por ele, o proprietário do terreno nu deve devolver ao proprietário da casa qualquer de seus bens que se perca.

12 Se uma escrava ou escrava de um homem tiver fugido para o coração da cidade (e) tiver sido confirmado que ele (ou ela) habitou na casa de (outro) homem por um mês, ele dará escravo por escravo.

13 Se não tiver escravo, pagará 15 siclos de prata.

14 Se o escravo de um homem tiver compensado sua escravidão a seu senhor (e) for confirmado (que ele compensou) seu senhor duas vezes, esse escravo será libertado.

15 Se um miqtum for uma concessão do rei, ele não será tirado.

16 Se um miqtum foi para um homem de livre e espontânea vontade, esse homem não o segurará; Ele (o Miqtum) pode ir aonde quiser.

17 Se um homem sem autorização vinculou (outro) homem a um assunto do qual ele (este) não tinha conhecimento, esse homem não é afirmado; ele (o primeiro homem) suportará a pena em relação à matéria a que o vinculou.

18 Se o dono de uma propriedade ou a amante de uma propriedade tiver inadimplido o imposto da propriedade (e) um estranho a tiver suportado, durante três anos ele (o proprietário) não poderá ser despejado. (Depois) o homem que pagou o imposto da herança possuirá essa propriedade, e o (antigo) proprietário da propriedade não levantará qualquer reivindicação.

19 Se o dono de uma propriedade . . . . .

20 Se um homem do(s) herdeiro(s) apreendido . .

21 [Se] . . . . a casa do pai . . . casou-se, o presente da casa de seu pai que lhe foi apresentado como seu herdeiro ele tomará.

22 Se o pai (estiver) vivo, sua filha, seja ela um nindingir, um lukur ou um hierodule, habitará na casa como um herdeiro.

23 Se a filha na casa do (seu) pai vivo . . . .

24 Se a segunda mulher com quem ele se casara lhe deu filhos, o dote que ela trouxe da casa de seu pai pertence a seus filhos; (mas) os filhos de (sua) primeira esposa e os filhos de (sua) segunda esposa dividirão igualmente os bens de seu pai.

25 Se um homem se casou com uma esposa (e) ela lhe deu filhos (e) esses filhos estão vivos, e um escravo também deu filhos para seu senhor (mas) o pai concedeu liberdade à escrava e a seus filhos, os filhos da escrava não dividirão a propriedade com os filhos de seu (ex) senhor.

26 Se sua primeira esposa morrer (e) depois dela (morte) ele tomar sua escrava como esposa, os filhos de sua primeira esposa são seus herdeiros; os filhos que a escrava deu para seu senhor serão como . . . , sua casa eles

27 Se a mulher de um homem não lhe tiver dado filhos (mas) uma meretriz (da) praça pública lhe tiver dado filhos, ele fornecerá grãos, óleo e roupas para essa meretriz; Os filhos que a meretriz lhe deu serão seus herdeiros, e enquanto sua esposa viver, a meretriz não viverá na casa com sua esposa.

28 Se um homem virasse o rosto para longe de sua primeira mulher... (mas) ela não saiu de casa, sua esposa com quem ele se casou como sua favorita é uma segunda esposa; continuará a sustentar sua primeira esposa.

29 Se um genro (prospectivo) tiver entrado na casa de seu sogro (e se) ele fez seu noivado (mas) depois o fizeram sair (da casa) e deram sua esposa a seu companheiro, eles lhe apresentarão os presentes de noivado que ele trouxe (e) essa esposa não pode se casar com seu companheiro.

30 Se um jovem se casou com uma meretriz (da) praça pública (e) os juízes ordenaram que ele não a visitasse, (mas) depois ele se divorciou de sua esposa, dinheiro...

31 [Se] . . deu-lhe, após a morte do pai, os herdeiros dividirão os bens do pai, (mas) a herança dos bens não dividirão; não "cozinharão a palavra de seu pai na água".

32 Se o pai, em vida, reservou um presente de noivado para seu filho mais velho (e) na presença do pai que ainda estava vivo, ele (o filho) casou-se com uma esposa, depois da morte do pai o herdeiro .

33 Se tiver sido confirmado que o . . . não tendo dividido a propriedade, pagará 10 siclos de prata.

34 Se um homem alugou um boi (e) feriu a carne no ringue do nariz, pagará um terço do (seu) preço.

35 Se um homem alugou um boi (e) danificou seu olho, pagará metade do (seu) preço.

36 Se um homem alugou um boi (e) quebrou seu chifre, pagará um quarto do (seu) preço.

37 Se um homem alugou um boi (e) danificou sua cauda, pagará um quarto do (seu) preço.

38 [Se] . . ele pagará.

EPÍLOGO

Na verdade, de acordo com a verdadeira palavra de Utu, fiz com que Suméria e Akkad mantivessem a verdadeira justiça. Em verdade, de acordo com o pronunciamento de Enlil, eu, LipitIshtar, filho de Enlil, aboli a inimizade e a rebelião; fez choros, lamentações, gritos... tabu; fez com que a justiça e a verdade existissem; trouxe bem-estar aos sumérios e aos acádios...

Na verdade, quando eu tinha estabelecido a riqueza da Suméria e da Acádia, ergui esta estela. Aquele que não cometer nenhuma má ação em relação a ela, que não prejudicará minha obra, que não apagará sua inscrição, que não escreverá seu próprio nome nela, seja presenteado com vida e sopro de longos dias; que ele se eleve alto no Ekur; que a testa brilhante de Enlil olhe para ele. (Por outro lado) aquele que cometerá alguma má ação em relação a ele, que prejudicará meu trabalho, que entrará no depósito (e) mudará seu pedestal, que apagará sua inscrição, que escreverá seu próprio nome sobre ele, (ou) que, por causa dessa maldição, substituirá alguém por si mesmo – esse homem, se ele é um . . . , se ele é um . . . , que ele tire dele. . (e) trazer-lhe . . . em seu . . . dele... quem; que Ashnan e Sumugan, os senhores da abundância, lhe tirem... dele... que ele abola . . . Que Utu, o juiz do céu e da terra... Levar... dele... sua fundação . . . como... que ele seja contado; que o fundamento da sua terra não seja firme; seu rei, seja ele quem for, que Ninurta, o poderoso herói, filho de Enlil...

I. ALMANAQUE DOS AGRICULTORES

Antigamente, um fazendeiro instruía seu filho (da seguinte forma):

Quando você estiver prestes a tomar posse do seu campo (para cultivo), fique atento à abertura dos diques, valas e montes (para que) quando você inundar o campo a água não suba muito alto nele. Quando você o esvaziar de água, observe o solo encharcado de água do campo para que ele permaneça um terreno viril para você. Deixe bois pás (isto é, bois cujos cascos estão protegidos de uma forma ou de outra) pisoteá-lo para você; (e) depois de ter suas ervas daninhas arrancadas (por elas) (e) o campo feito terra nivelada, vesti-lo uniformemente com machados estreitos pesando (não mais do que) dois terços de um quilo cada. (Em seguida) deixe o picareta erradicar os cascos de boi para você (e) alisá-los; ter todas as fendas trabalhadas com um arrasto, e fazê-lo ir com a picareta em todas as quatro bordas do campo (linhas 1-12).

Enquanto o campo está secando, deixe seu obediente (doméstico) preparar suas ferramentas para você, faça rápido a barra de jugo, pendure seus chicotes novos em pregos e deixe as alças penduradas de seus chicotes antigos serem consertadas pelos artesãos. Deixe o bronze . . . suas ferramentas "dão ouvidos ao seu braço"; deixe o couro "headbinder", goad, "mouth-opener", (e) chicote sustentá-lo (em assuntos que exigem disciplina e controle); deixe seu cesto de bandudo crepitar; (tudo isso) fará uma renda poderosa para você (linhas 13–21).

Quando o seu campo tiver sido abastecido com o que é necessário, fique atento ao seu trabalho. Depois de adicionar um boi extra ao boi-arado – quando um é amarrado a outro boi, seu arado é maior do que o arado (comum) – faça-os... uma bura; eles farão para você um . . . como uma tempestade, de modo que três cevadas gur serão plantadas naquela única bura. O sustento está no arado! (Assim) tendo o campo trabalhado com o bardil-arado – (sim) o bardil-arado – (e depois) tendo-o trabalhado com o arado shukin, repita (o processo). (Depois) de tê-lo (o campo) angustiado (e) raspado três vezes e pulverizado fino com um martelo, deixe o cabo do seu chicote sustentá-lo; Não há ociosidade. Fique sobre eles (os trabalhadores do campo) durante seu trabalho, (e)

não haja interrupções. Não [distraia] seus trabalhadores de campo. Uma vez que eles devem continuar de dia (e por) as estrelas do céu por dez (dias), sua força deve ser gasta no campo, (e) eles não devem dançar em você (linhas 22-40).

Quando você estiver prestes a arar seu campo, deixe seu arado quebrar o restolho para você. Deixe sua "tampa bucal" do arado . . . , (e) deixe o seu . . . em uma unha estreita. Deixe suas pranchas se espalharem para o lado, monte seus sulcos – em um garush monte oito sulcos. Sulcos que foram profundamente cavados – sua cevada crescerá muito (linhas 41-47).

Quando você estiver prestes a arar seu campo, fique de olho no homem que coloca a semente de cevada. Deixe-o soltar o grão uniformemente dois dedos de profundidade (e) use um siclo de cevada para cada garush. Se a semente de cevada não afundar corretamente, troque sua parte, a "língua do arado". Se o . . . , (então) arar sulcos diagonais onde você arou sulcos retos, (e) arar sulcos retos onde você arou sulcos diagonais. Deixe que seus sulcos retos transformem suas bordas em tulu-bordas; deixe que os sulcos Zu endireitam suas bordas; (e) arar ab-sulcos onde. (Então) que todos os seus torrões sejam removidos; todos os seus pontos altos sejam transformados em sulcos; (e) todas as suas depressões serão transformadas em sulcos baixos – (tudo isso) será bom para o broto (linhas 48-63).

Depois que o broto romper (a superfície do) chão, faça uma oração à deusa Ninkilim, (e) afaste os pássaros voadores. Quando a cevada tiver preenchido o fundo estreito do sulco, regue a semente superior. Quando a cevada ficar no alto como (a palha de) uma esteira no meio de um barco, regue-a (uma segunda vez). Água (uma terceira vez) sua cevada real. Se a cevada regada ficou vermelha, o que você diz é: "Está doente com a doença do samana". Mas se ele conseguiu produzir cevada rica em grão, regue-a (uma quarta vez), (e) ela lhe renderá uma medida extra de cevada em cada dez (linhas 64-72). Quando estiver prestes a colher seu campo, não deixe a cevada se curvar sobre si mesma (mas) colhe-a no momento de sua (total) força. Um ceifeiro, um homem que empacota a cevada amassada e um homem que [monta os feixes] diante dele – esses três (como uma equipe) farão a colheita para você. Os coletores não devem causar danos; não devem rasgar os feixes. Durante sua colheita diária, como nos "dias de necessidade", faça com que a terra forneça o sustento dos jovens e dos catadores de acordo com o número (ou seja, presumivelmente, ele deve deixar os grãos caídos no chão para as crianças carentes e catadores colherem), (e) deixe-os dormir (em seu campo) como (no) pântano (aberto). (Se você fizer isso) seu deus mostrará favor eterno. Depois de ter obtido . . . Não.... ,(mas) assar (um pouco) a cevada mown (para que) a "oração da cevada mown" seja dita para você diariamente (linhas 73-86).

Quando você estiver prestes a ganhar a cevada, deixe aqueles que pesam sua cevada [se prepararem] para você (caixas de) trinta gur. Faça sua eira nivelar (e) colocar o gur (-bins) em ordem (pronto para) a estrada. Quando suas ferramentas tiverem sido [adiadas] para você (e) seus vagões colocados em ordem para você, peça a seus vagões que subam os montes (de cevada) – seu "mound-threshing" (deve levar) cinco dias. Quando estiver prestes a "abrir o monte", faça pão de arra. Quando "abrir" a cevada, prenda os dentes dos trenós com couro e deixe o betume cobrir a... Quando você estiver prestes a pegar os bois (para a debulha), deixe que seus homens que "abrem" a cevada fiquem de pé com (deles, isto é, os bois) comida (linhas 87-99).

Quando tiver amontoado a cevada, faça a "oração da cevada (ainda) não limpa". Quando você ganhar a cevada, preste atenção aos homens que levantam a cevada do chão – dois "levantadores de cevada" devem erguê-la para você. No dia em que a cevada deve ser limpa, coloque-a em paus, (e) faça uma oração à noite e à noite. (Então) tenha a cevada "solta" (do joio) como (com) um vento avassalador, (e) a cevada "solta" será armazenada para você (linhas 100-108).

(Estas são) as instruções de Ninurta, o filho de Enlil. Ó Ninurta, fazendeiro confiável de Enlil, seu louvor é bom (linhas 109-11)!

ANOTAÇÕES

CAPÍTULO PRIMEIRO

Ver p. 229 para uma descrição das tabuletas pictográficas anteriores de Erec.
Para uma das mais importantes delas, a chamada Lista de Reis Sumérios, ver pp. 328–31.

CAPÍTULO DOIS

Para uma tradução da Lista de Reis, consulte o Apêndice E.
Para traduções de cinco dessas cartas, ver Apêndice F.
Para mais detalhes, ver pp. 46–49.
Para uma tradução deste poema, ver pp. 325–26.
Para uma tradução do poema, ver pp. 186–90.
Para uma tradução deste documento, ver pp. 322–23.
Revista Geográfica, CXVIII, pp. 24–39.
Revista de Língua e História e Geografia, I/5, II/3, III, 2 (1943-45).
Ver D. O. Edzard em Journal of Assyriology, LIII (1959), pp. 9–26.
Para relatos dessa luta, ver o conto épico "Gilgamesh e Agga", pp. 186-90.
IV, nº 1, de "Publicações da Seção Babilônica do Museu Universitário da Universidade da Pensilvânia".
Nas traduções citadas ao longo deste livro, dois pontos representam a omissão de uma palavra, três pontos a omissão de duas palavras, quatro pontos a omissão de três ou mais palavras. Os suportes encerram restaurações duvidosas; parênteses incluem palavras úteis para o significado, mas não no texto original. As palavras sumérias estão em itálico. Onde nenhum significado é dado, é desconhecido.
Três inscrições selecionadas podem ser encontradas nas pp. 308-9.
Para a localização de Dilmun, ver pp. 281–84.
Para uma tradução do documento que contém essas informações, ver pp. 313–15.
Para obter uma tradução do documento, consulte o Apêndice F.
Para uma tradução de todo o documento, ver pp. 322–23.
Para uma tradução completa da inscrição, ver pp. 323–24.
Para a identificação dessas terras, ver pp. 276-81.
20 Para uma tradução deste documento, ver pp. 325–26.
21 Ver pp. 130–31.
Edmond Sollberger, "Sur la Chronologie des Rois d'your", Archiv für Orient-forschung, XVII, pp. 17–18.
Revista de Estudos Cuneiformes, VII, 41.

CAPÍTULO TERCEIRO

Para obter detalhes adicionais sobre a arquitetura do templo, ver pp. 135–37.
Diakanoff, Suméria: Sociedade e Estado na Antiga Mesopotâmia (Moscou, 1959; em russo com currículo em inglês).
O leitor encontrará uma tradução completa e completamente revisada das três versões, baseada em grande parte, mas não totalmente, em um dos manuscritos ainda inéditos de Arno Poebel, nas pp. 317-22.
Para o texto completo do código Lipit-Ishtar, ver Apêndice H.
Revista de História Mundial, IV (1957), pp. 246–47.
6 Revue d'Assyriologie, LIV (1960), pp. 59–72. Ver também Ciba Journal, nº 12, pp. 1–7.
Ver, por exemplo, "O Amor Encontra um Caminho", pp. 250–52.
Suplemento nº 10 do Journal of the American Oriental Society (1950).

CAPÍTULO QUARTO

1 Jacobsen e Kramer, "O Mito de Inanna e Bilulu", Journal of Near Eastern Studies, XII, pp. 165–66; e Leo Oppenheim, "The Interpretation of Dreams in the Ancient Near East", Transactions of the American Philosophical Society, 1956, p. 246.

CAPÍTULO SETE

Artigos selecionados da quinta. Congresso Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas (1960), pp. 287-91.

Eretz-Israel, V (1958), pp. 66–74.

CAPÍTULO OITAVO

Os textos sumérios, bem como referências detalhadas, serão encontrados em meu "Magan e Meluhha de acordo com os Textos Literários Sumérios", preparado para o Huitième Rencontre Assyriologique.

Para uma discussão dessa cultura, ver Early India and Pakistan (1959), de Sir Mortimer Wheeler.

APÊNDICES

* "E" deve, portanto, estar regularmente entre parênteses, mas as traduções ao longo do livro não têm sido consistentes a este respeito.

* Nesta pausa esperamos uma descrição de algum ato ritual de Eannatum, correspondendo, por exemplo, ao envio de pombas em algumas das passagens paralelas anteriores.

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

GERAL

Braidwood, Roberto J.; O Oriente Próximo e os Fundamentos da Civilização. Eugênio, Oregon, 1952.
Chiera, Eduardo. Escreveram no barro. 2ª ed., Chicago: University of Chicago Press, 1955.
Childe, Vere Gordon. Nova Luz sobre o Oriente Próximo mais antigo. 4ª ed. Nova Iorque: Frederick Praeger, 1953.
Gadd, Cyril J. "As Cidades da Babilônia", in The Cambridge Ancient History (rev. ed.; Cambridge: University Press, 1962), I, cap, xiii, 1–60.
Jacobsen, Thorkild. "Mesopotâmia", in A Aventura Intelectual do Homem Antigo, de H. Frankfort et al., Chicago: University of Chicago Press, 1946.
Kramer, Samuel N.; Das Tábuas da Suméria. Indian Hills, Colorado: The Falcon's Wing Press, 1956. (Reimpresso em 1959 quando a história começa na Suméria. Nova Iorque: Doubleday & Co., Inc.) Oliveira, A. A.; A Antiguidade do Iraque. Copenhague: Einar Monksgaard, 1956. Um livro bastante caprichoso, mas não inútil, que contém uma bibliografia abrangente das publicações sumerológicas mais importantes até 1954.
Pritchard, James B. (org.). Textos antigos do Oriente Próximo. 2d ed. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1955.
Rowton, M. B. "Chronology: Ancient Western Asia", in The Cambridge Ancient History (rev. ed.; Cambridge: University Press, 1962), eu, cap, vi, pp. 23–69.
Saggs, H. W. F.; A grandeza que era a Babilônia. Nova Iorque: Hawthorn Books, 1962.

I ARQUEOLOGIA E DECIFRAÇÃO

Fossey, Carlos. Manual de Assiriologia. I. Paris: Leroux, 1904.
Papagaio, André. Arqueologia Mesopotâmica. I (1946) e II (1953). Paris: Albin Michel.
——. Tello. Vinte campanhas de escavação (1877-1933). Paris: Albin Michel, 1948.

II HISTÓRIA

Edzard, Dietz Otto. O "Segundo Período Intermediário" da Babilônia. São Paulo: Otto Harrossowitz, 1957.
——. "Enmebaragesi of Kis", in Journal of Assyriology, LUI (1959), pp. 9–26.
Jacobsen, Thorkild. A Lista de Reis Sumérios. Chicago: Editora da Universidade de Chicago, 1939.
——. "Early Political Development in Mesopotamia", in Zeitschrift für Assyriologie, LII (1957), pp. 91–140.
Kramer, Samuel N. "Um 'Fulbright' na Turquia", Boletim do Museu Universitário, XVII/2 (1952).
Kraus, F. R. "Na Lista dos Reis Anciões da Babilônia", in Zeitschrift für Assyriologie, L (1952), pp. 29–60.
——. "Nippur und Isin nach altbabylonischen Rechtsurkunden", in Journal for Cuneiform Studies, III (1951).
Lambert, Maurícia. "O Período Pré-Sargônico. Ensaio sobre uma História Suméria", in Suméria, VIII (1952), 57–77, 198–216.
Landsberger, Benno. "Die Anfaenge der Zivilisation in Mesopotamien", in Jornal da Faculdade de Línguas, História e Geografia da Universidade de Ancara, II (1944), pp. 431–37.
Sollberger, Edmond. "Sobre a Cronologia dos Reis de Ur", in Archiv für Orientforschung, XVII (1955), pp. 10–48.
Speiser, E. A. Origens mesopotâmicas. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1930.
Woolley, C. Leonardo. Escavações em Ur. Londres: Ernest Benn, Ltd., 1954.
——. Os sumérios. Oxford: Clarendon Press, 1929.

III SOCIEDADE

Diakonoff, N. M. Suméria: Sociedade e Estado na Antiga Mesopotâmia. Moscou: Academia de Ciências, URSS, 1959. Em russo com currículo em inglês.

Falkenstein, Adão. Os documentos da corte neo-suméria. I—III. Munique: Verlag der Bayerischen Akademie der Wissenschaften, 1956–57.
——. "La cité-temple sumérienne", in Journal of World History, I (1954), pp. 784–814.
Forbes, R. J. Metalurgia na Antiguidade. Leiden: Brill, 1950.
——. Estudos em Tecnologia Antiga. 6 vols. Leiden: Brill, 1955–58.
Frankfort, Henri. A Arte e a Arquitetura no Antigo Oriente. Baltimore: Penguin Books, Inc., 1955.
Hallo, Guilherme W.; Primeiros títulos reais mesopotâmicos. New Haven: Sociedade Oriental Americana, 1957.
Lenzen, H. Os sumérios. Berlim: Gebr. Mann, 1948.
Lloyd, Seton. A Arte do Antigo Oriente Próximo. Nova Iorque: Frederick Praeger, 1961.
Neugebauer, O.; As Ciências Exatas na Antiguidade. 2ª ed., Providence, R.I.: Brown University Press, 1957.
Neugebauer, O., e Sachs, A. Textos Cuneiformes Matemáticos. New Haven, Connecticut: American Oriental Society and the American Schools for Oriental Research, 1945.
Oppenheim, A. L., e Hartman, Louis F. Sobre cerveja e técnicas de fabricação de cerveja na antiga Mesopotâmia. (Suplemento nº 10 do Journal of the American Oriental Society, dezembro de 1950.) Papagaio, André. Suméria. Nova Iorque: Golden Press, 1961.
Steele, Francisco R.; O Código de Lipit-Ishtar. Filadélfia: Museu da Universidade, 1949.
Woolley, C. Leonardo. A Arte do Oriente Médio. Nova Iorque: Crown Publishers, 1961.

IV RELIGIÃO

Dhorme, E.; As religiões da Babilônia e da Assíria. Paris: Presses Universitaires de France, 1945.
Falkenstein, Adam, e Soden, W. von. Hinos e orações sumérias e acadianas. Zurique: Artemis Verlag, 1953.
Gadd, Cyril J. Ideias do Domínio Divino no Antigo Oriente Próximo. Londres: Oxford University Press, 1948.
Oliveira, Ch.-F. A Religião Suméria. Paris: Paul Geuthner, 1931.
Labat, René. O Caráter Religioso da Realeza Assiro-Babilônica. Paris: Librairie d'Amérique et d'Orient, 1939.
Moortgat, A. Tamuz. Berlim: W. de Gruyter, 1949.
Sjöberg, Ake. Der Mondgott Nanna-Suen. I. Estocolmo: Almquist e Wikseli, 1960.

V LITERATURA

Falkenstein, Adão. Goetterlieder sumério. I. Heidelberg: Carl Winter, 1959.
Gordon, Edmundo I. Provérbios Sumérios. Filadélfia: Museu da Universidade, 1960.
Kramer, Samuel N. Mitologia Suméria. Nova Iorque: Harper & Bros., 1961.
Van Dijk, J. J. A.; Sabedoria sumério-acadiana. Leiden: Brill, 1953.

VI FORMAÇÃO

Falkenstein, Adão. "O Filho da Casa da Mesa", in O Mundo do Oriente, III (1948), 172-86.
Gadd, Cyril J. Professores e alunos nas escolas mais antigas. Londres: Escola de Estudos Orientais e Africanos, Universidade de Londres, 1956.
Kramer, Samuel N. Dias escolares. Filadélfia: University Musoum, 1949.
Landsberger, B.; A fauna da antiga Mesopotâmia. Leipzig: S. Hirgel, 1934.

VII CARÁTER

Kramer, Samuel N. "Amor, Ódio e Medo: Aspectos Psicológicos da Cultura Suméria", in Eretz-Israel, V (1958), pp. 66–74.
——. "Rivalidade e Superioridade: Duas Características Dominantes do Padrão Cultural Sumério", in Artigos Selecionados dos Anais do V Congresso Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas (1956), pp. 287–91.

VIII LEGADO DA SUMÉRIA

Baltrushaitis, M. Arte Suméria, Arte Românica. 1934.
Kramer, Samuel N. "A literatura suméria e a Bíblia", in Analecta Biblica, XII (1959), 185–204.

ÍNDICE

Abisimti, 69
Abraão, 292, 294, 298
Ab, 122, 160–62, 172, 270
Aquemênes, 6
Dinastia aquemênida, 6, 10, 12, 13
Adab, 27, 40, 50–53, 61, 68
Adnigkishar, 253
Agade, 61–66, 278, 283, 295
Agade, Dinastia de. Ver Acádia, Dinastia de Agga, 46–49, 186–90
Agrab, 29
Agricultura, 104–8
Ainsworth, Guilherme F., 9
Deus-ar. Veja Enlil
Akalamdug, 50
Acádia, 20, 59–66, 273, 285
Acádia, Dinastia de, 37, 59–66, 286
Língua acadiana, 6, 9, 15, 16, 19, 20, 21, 30, 288
Acádios, 20, 59–66, 288, 291
Akshak, 52, 55, 56
Aktab, 253
Akurgal, 53–54
Al-Ubaid, 29, 41
Alvand, Monte, 13–14
Gama Amanus, 61, 62, 67
Amar-Sin, 69
Ambição. Veja Vontade de superioridade Amiaud, Arthur, 22
Amorreus, 66, 69–72, 288
An, 83, 87, 118, 122, 124, 136, 140, 163, 172, 198, 206, 220, 259, 260, 261, 281
Anatólia, 67, 100, 284
Pecuária, 109, 110
Anquetol-Duperron, A. H., 11, 13
Anshan, 67, 68, 72, 270
Antasurra, 55, 56
Anunnaki, 123, 134, 139, 154, 172, 220, 286
Deserto árabe, 69
Península Arábica, 42
Aradmu, 68–69
Aram, 298
Aratta, 37, 42 e ss., 258, 259, 267, 269–76, 284, 286
Arquitetura, 290; secular, 89; templo, 73, 135–37
Arménia, 62
Exército, 74
Arte, 99–100, 136
Artesãos e artesãos, 81, 82, 101–4
Artes e ofícios, 100–104
Aruru. Ver Ninnursag
Asag, 151, 153, 261
Ashnan, 173, 220-22, 263
Ashur, 68, 298
Biblioteca Ashurbanipal, 15, 17, 23
Asmar, 29
Montagem, bicameral, 37, 74, 77, 186

Assíria, 9 ss., 15, 21
Língua assíria, 6 e ss., 15, 16, 18, 19, 20
Assírios, 6 ss., 72, 289, 291
Assiriologia, 8, 18, 20, 21
Astronomia, 90–91
Asuhur, 56
Avesta, 12
Nuvem, 50

Babilônia, 7 e ss, 13, 16, 72, 283, 291
Babilônia, 3, 19, 21, 72, 288
Língua babilônica, 7, 16, 17, 19, 20
Babilônios, 6, 90, 148, 288
Bad-tibira, 155
Bagdá, 3,7 ss., 14, 17, 31
Bahrein, 281, 284
Baluchistão, 275, 281
Bancos, E. J., 27
Baqir, Taha, 31
Barahshi, 61
Bárbaras, Geosofat, 9
Bardos e menestréis, 170
Edifício, 139–40, 206
Beauchamp, Abade, 8
Beduíno, 145, 164, 171, 253
Cerveja, 110–11
Inscrição na rocha de Behistun, 13, 14–16, 17
Alvejante, 159
Bellino, Carlos, 8
Benjamim de Tudela, 7
Bergmann, Eugênio, 167
Bernhardt, Inez, 48, 167
Paralelos bíblicos, 148–49, 163–64, 224, 290–99
Birhurturre, 187
Bismaya, 27, 75
"Cabeças pretas", 285, 286
"Barco do céu", 161
Barcos, 104
Bohl, de Liagre, 167
Botta, Paulo Emílio, 9, 15, 16
"Tijolo do destino", p. 139
Brunnow, R. E., 25, 26
Touro do Céu, 63
Burocracia, 80
Sepultamento, 89; múltiplos, 129–30
Burnouf, Eugênio, 13, 14
Tocas, E., 29
Burshushua, 49

Calendário, 91, 140
Cananeus, 289, 291
Canais. Ver Irrigação
Datação por carbono-14, 31–32
Mar Cáspio, 5, 42, 44, 269, 276
Castellino, George, 167
Catálogos literários, 226–27
Deusa-gado. Ver Lahar
"Floresta de Cedro", 61

"Terra do Cedro", 281
Terra da "Montanha do Cedro", 51
Cemitérios. Ver Sepultamento
Cereais, 109
Chardin, Jean, 11
Chiera, Eduardo, 167
Crianças, 78–79
Cronologia, 31–32
Cru. Muazzez, 156, 167
Cidade: aspectos físicos de, 89; população de, 88–89
Cidade-estado, 289
Civil, Miguel, 93, 105, 227
Vestuário, 99
"Colóquio entre uma úcula e um escriba", 109, 222, 237, 246–48
Cosmogonia e cosmologia, 112–13, 145, 210, 292–94
Tribunais e juízes, 85–87
Namoro, 250–55
Criação do homem, 145, 149–51, 171, 292
Cros, Gastão, 22
Ctesifonte, 7
Escrita cuneiforme, 6 e ss., 9–26, 27–28, 291
"Maldição de Agade, O," 37, 62–66, 131, 217, 278, 288, 295
Vedação do cilindro, 100, 290
Chipre, 100, 290

Dança, 100
Dario, 10
Fórmulas de data, 35, 66
Tamareira, 109
"Morte de Dumuzi", pp. 156–60, 171
"Morte de Gilgamesh", pp. 130–32, 185
Decifração, 6, 9–14, 16–21, 23–26
"Feitos e Façanhas de Ninurta", pp. 151–53, 171
Deimel, Antônio, 26, 27, 75
Divindades. Ver Panteão
Delitsch, Friedrich, 25, 168
Delougaz, Pinhas, 29
Demônios: Galla's, 154–55, 158–60; tempo-, 191
O, 61
Deslandes, André Daulier, 10
Dikanoff, I. M., 75–76, 88
Dicionários, 233
Dierbakir, 62
Diques. Ver Irrigação
Dilmun, 53, 61, 67, 122, 147–49, 164, 172, 173, 277–79, 280, 281–84, 286
Dimpimekug, 131
Dirge. Essa Elegia
"Disputa entre Enkimansi e Girnishag", 222, 237, 240–43, 266–67
"Disputa entre Enkitalu e Enkihegal", pp. 222–23
"Disputa entre dois formandos da escola", pp. 222–23
Disputas, 217–23, 264–66
"Disputa entre o Pássaro e o Peixe, O", p. 218
"Disputa entre Gado e Grãos, O", 218, 220–22
"Disputa entre a mó e a pedra da gaivota, O", p. 218
"Disputa entre a picareta e o arado, o", p. 218
"Disputa entre Prata e Cobre Poderoso, O," 218, 265
"Disputa entre o Verão e o Inverno, O," 145, 218–20, 265
"Disputa entre a Árvore e o Junco, O", p. 218

Ditila, 85–87
Leis divinas. Veja-me
Divórcio, 78
Dossin, Georges, 30
Motivo para matar dragões, 185
Sonhos, 137–39, 157
Motivações e motivos, 250–62, 265–68
Dumuzi, 45, 131, 133–34, 140–41, 145, 153–60, 171, 174, 250–53, 285, 260, 261, 266, 274, 296; Parlamento OF, 208, 282
"Dumuzi e Enkimdu", 153, 171, 253, 266
"Dumuzi e os galla's", p. 171
Dumuzi e Inanna: namoro de, 153, 250–53; mitos de, 145, 153–60

Eanna (país). Ver Erech
Eanna (templo), 44, 46, 51, 136, 141, 252
Eannatum, 34, 53–57, 79, 206
Companhia das Índias Orientais, 8, 10
Eber, 298
Economia, 24, 74–78
edubba, 26, 36, 69, 83, 90, 109, 169–70, 210, 222, 230–48, 266, 292; ensaios de, 223, 237–48, 264, 266, 287
Educação: currículo, 232–34, 243; disciplina, 235–36, 243; docentes, 232; escola, 236–37; corpo discente, 231–32; métodos de ensino, 234–35, 243
Edzardo, D. O., 44 n.
Egito, 59, 61, 67, 100, 276–77, 284, 285, 287
Ekishnugal, 137, 141–42
Acres, 31, 37, 48, 59, 62–66, 119, 207, 219, 261, 288
Elam, 50, 51, 54, 55, 56, 61, 62, 67, 68, 72, 173, 281, 285, 298
elamitas, 6, 14, 55, 56, 58, 63, 66, 69, 70, 71, 142, 278, 286–87, 291
Elegia, 132, 208–17
Emesal, 223
Emesh, 218–20, 263
pt, 141–42, 286; Aratta, 269–73
Esmalte, 54, 56
Enamzu, 51
Enannatum, 56–57, 75
Enannatum II, 57
Enetarzi, 57–58
Enheduanna, 205
Enhegal, 75
Eninmar, 60
Eninnu, 67, 137–40, 207, 277
Enki, 31, 64, 118, 122, 134, 135, 140, 145, 147–51, 153,–55, 160–62, 168, 171–83, 197–98, 206, 222, 258, 261, 270, 277, 278, 280, 294; mitos de, 122,147–51, 171, 199
"Enki e Eridu", p. 171
"Enki e Ninhursag: Um Mito do Paraíso Sumério", 122, 147–49, 171, 277, 279, 282–83
"Enki e Ninmah: A Criação do Homem", pp. 149–51, 171
"Enki e a Ordem Mundial: A Organização da Terra e Seus Processos Culturais", 122, 140, 147, 171–83, 280, 286, 294
Enkidu, 132 e ss., 133, 190–205, 255, 258, 277, 282
Enkihegal, 222–23
Enkimansi, 222, 237, 240–43, 266–67
Enkimdu, 153, 173, 258, 266
Enkita, 222–23
Enlil, 62–66, 71, 83, 87, 108, 118–21, 124, 133, 140, 145–47, 153–54, 163, 168, 169, 171, 172, 192, 205, 206, 218–20, 222, 244, 253, 259, 260, 261, 280, 281, 292; mitos de, 133, 145–47, 148, 168, 171
Enlil (templo). Veja Ekur
"Enlil e a Criação da Picareta", 145, 171
"Enlil e Ninlil: O Nascimento do Deus-Lua", 133, 145–47, 171, 253

Enmebaraggesi, 44, 46
Enmerkar, 37, 42, 44–45, 141, 169, 185, 258, 259, 260, 261, 267, 269–74
"Enmerkar e Ensukushsiranna", 185, 272–73, 294
"Enmerkar e o Senhor de Aratta", 195, 269–72, 284–85
Ennamibaragga-Utu, 272
Enshag, 283
Enshakushanna, 55
Ensukushsiranna. Ver "Enmerkar e Ensukushsiranna"
Entemena, 35, 54–57
Enxertos, 218, 262
Épicos, 37, 183–205, 262
Erech, 27 e ss., 29, 31, 37, 44 e ss., 52, 54, 55, 59, 60, 63, 66–68, 118, 130, 132, 134, 136, 141, 155, 156, 160 e ss., 186–91, 198, 252, 258–62, 267–75, 281; Primeira Dinastia de, 46–49; Segunda Dinastia de, 50
Ereshkigal, 131, 134, 153–54, 261
Eridu, 31, 40, 135–36, 145, 153, 154, 160 e ss., 199, 259, 270, 271
Eshnunna, 72
Ensaios, 223–24
Etana, 43–44
Ética e moral, 123–29, 264, 295
Etiópia, 5, 61, 67, 276–77, 284–85
Rio Eufrates, 3, 30, 39–40, 41, 59, 71, 111, 149, 173, 273
Exploração e escavação, 7–10, 15, 26–31

Falkenstein, Adão, 25, 27, 79, 85, 167, 168
Família, 75, 78, 256–58
Fara, 26, 75
"Almanaque dos Agricultores", pp. 105–9, 224, 296
Medo, 262
Crescente Fértil, 51
Festivais, 140
Figueroa, em Garcia Silva, 10
Pesca, 110
Dilúvio, 27, 36, 42, 46, 186; história ou mito de, 163–64, 171, 281, 286, 293
Dilúvio-herói. Este Ziusudra
Poço de inundação, 28
Flor, Samuel, 10–11
Alimentação, 109–10
"Alimento da Vida", 154
Fowling, 110
Frankfort, Henri, 29
Fraser, J. Baillie, 9
"Liberdade" (palavra suméria para), 79
Amizade, 258
Mobiliário, 89

Gadd, C. J., 25, 29, 105, 167, 236, 240
Gana-ugigga, 56-57
Gatumdug, 260
Genouillac, Henrique de, 22, 27, 85, 156, 167
Geografia, 3, 39–40; Conhecimento sumério de, 284–85
Geshtinanna, 157–58, 160, 258
Gilgamesh, 45–49, 130–31, 134 e ss., 141, 169, 185–205, 255, 258, 259, 260, 262, 277; épico acadiano de, 44; épicos concernentes, 130, 132 e ss., 185–205
"Gilgamesh e Agga de Kish", 37, 185, 186, 190
"Gilgamesh e a Bula do Céu", p. 185
"Gilgamesh e a Terra dos Vivos", 185, 190–97, 277, 282
"Gilgamesh, Enkidu e o Mundo Nether", pp. 132–33, 185, 197–205, 255
Girnishag, 222, 237, 240–43, 266–67

Girsu, 58
Deus, pessoal, 126–29, 244, 258
Deuses. Ver Panteão
"Idade de Ouro", 262
Gordon, Edmundo, 167, 224, 287
Goueca, Antonio de, 9
Governo, 74
Deusa-grão. Ver Ashnan
Grãos. Ver Cereais
Gramática, 24, 25, 233
Textos gramaticais, 24
Grotefend, Georg Friedrich, 8, 12, 13, 14
Gudeia, 66–67, 99, 137–40, 260, 276; cilindros de, 22, 67, 137–40; estátuas de, 22, 67
Guedinna, 54–57
Gungunum, 72
Gutians, 37, 38, 62–68, 217, 261, 295
Gutium, 51, 67, 281, 285

Rio Habur, 72
Haia, 125
Halévy, José, 21
Salão, Leonard, 29
Hallab, 57
Hamadã, 13
O Diabo, 50, 71, 285
Hamurabi, 32, 72; código de, 83, 87, 295
Cultura Harappan. Veja a Cultura do Vale do Indo Harmal, 31
Ódio, 260–62
Haupt, Paulo, 24
Haynes, J. H., 22
Deus-céu. Veja um
Serra de Mão, 206, 261
Herbert, Senhor Thomas, 10
Idade heroica, 184
Heuzey, Léon, 22
Cervo-de-hieros, 140–41, 205, 254
Hilla, 7
Hilprecht, H.V., 22–24, 58, 167
Hincks, Eduardo, 14–20, 23
Historiografia, 34–39, 63, 217
História, política: estudo de, 24–25; fontes para, 34–39
Hititas, 289, 291
Férias. Ver Festivais
Santo casamento. Ver hieros-gamos
"Casa da vida", 219
O Diabo, 131
Huluppu-árvore, 198
"Humanidade". Ver namlulu
Hundaru, 283
Caça, 110
Hurrianos, 275, 287, 289, 291
Hursag, 153
Hurum, Monte, 258, 275, 287
É, 191–97, 277
Hyde, Tomé, 10
Hinos e hinografia, 38, 205–7, 262, 263, 267

Ibbi-Sin, 69, 71, 85, 101 e ss., 142, 261

Ibla, 60
Iddin-Dagan, 205, 206
Igigi, 123
O, 57
Imdugud-bhd, 198, 257, 258
Inanna, 55, 63, 64, 122, 140–42, 145, 153–63, 168, 171, 174, 197–98, 205, 206, 250–53, 256 e ss., 263, 269–74; mitos de, 145, 153–63, 171; Templo de, 31, 63, 133–34. Veja também Eanna "Inanna e Bilulu", p. 171
Mitos de Inanna e Dumuzi, 133–34, 153–60, 171
"Inanna e Enki: A Transferência das Artes da Civilização de Eridu para Erech", 116, 160–62, 171
"Inanna e Shukalletuda: O Pecado Mortal do Jardineiro", pp. 162–63, 171, 296
"Inanna e a Subjugação do Monte Ebih", p. 171
"A Descida de Inanna ao Mundo Nether", pp. 153–55, 171
Índia, 5, 11, 59, 61, 147, 281, 284–85
Cultura do Vale do Indo, 281
"Instruções de Shuruppak a Seu Filho Ziusudra, O," 224
Irã, 3 ss., 37, 269, 270
Iraque, 3, 6, 9, 18, 22, 31
Direcção iraquiana de Antiguidades, 29
Irbil, 68
Irrigação, 4–5, 104, 107, 151–52
Ishbi-Erra, 47, 70–72
Ishkur, 64, 168, 173, 272
Ishme-Dagan, 72, 206, 208
Ishtar. Ver Inanna
Portão de Ishtar, 8
Isimud, 148, 161–62
Isin, 40, 70–72, 88, 205, 208; dinastia de, 36, 47, 71–72, 87, 206
Período Isin-Larsa, 283

Jacobsen, Thorkild, 25, 29, 31, 70, 105, 156, 168, 288
Jarmuti, 60
Jemdet Nasr, 27 anos
Jestin, R., 27
Trabalho. Ver "Jó" sumério
Jordânia, Julius, 27
"Viagem de Nanna-Sin a Nippur", pp. 145–46, 171

Rio Karun, 39
Kazallu, 61, 71, 164, 253
Kermanshah, 13
Kesh, 207
Khafaje, 29 anos
Khorsabad, 15
Até, 122
Rei, L. W., 167
Lista do Rei, 29, 36, 43–52
Realeza, 74
Kish, 27, 40, 43 e ss., 52 e ss., 55, 56, 60, 61, 63, 186–90, 261; Primeira Dinastia de, 42, 46–49; Segunda Dinastia de, 50
Kizilyay, 156, 167
Koldewey, Roberto, 26
Torre, 173
Kullab, 40, 155
Onde, 151–53, 257, 258, 296
Kuyunjik, 15, 20, 23, 24

Lagash, 21–24, 26, 30, 34–35, 38, 40, 52–59, 60 e ss., 66–68, 75–76, 79–83, 84, 88, 99, 124, 137 e ss., 206, 207; Dinastia de, 30

Lahar, 220–22, 263
"Lamentação sobre a Destruição de Nippur, O," 38, 208
"Lamentação pela destruição de Ur, O", 38, 89, 142–43, 200, 259
Lamentações, 38, 208, 256, 259, 263
"Terra dos vivos", 148, 191–97, 258, 282
"Terra sem volta". Veja o mundo Nether Propriedade da terra, 26, 74, 75–77
Landsberger, Benno, 26, 41, 105, 168
Langdon, Estêvão, 27, 167
Laristão, 275
Larsa, 40, 68, 72
Lassen, Cristão, 13, 14
Latarak, 155
Leis e códigos de lei, 79, 83–88, 266–67, 289, 295
Layard, Austen Henry, 15
Lebrun, Carnalha, 11
Lees e Falcão, 39
Legado, 3–5, 43, 289–99
Legrain, León, 29, 60
Lenormant, François, 24
Lenzen, H., 28
Cartas, reais e políticas, 36, 68–71
Textos lexicais, 24, 26
Lilith, 198, 258
Leão da Babilônia, 8
Lipit-Ishtar, 87–88, 124, 206; Código de Lei, 87–88, 124
Catálogos literários. Ver Catálogos literários Literatura: problemas de restauração e tradução de, 165–68; papel da edubba em, 169–70, 233; características estilísticas de, 170–71
Lloyd, Seton, 30
Amor: divino, 258–60; humanos, 250–58
"O Amor Encontra um Caminho", 89, 250–52
Canções de amor, 254
Baixo Mar. Ver Golfo Pérsico
Luckenbill, D. D., 27
Ludingirra, 208–17
Luena, 58
Lugalanda, 58
Lugalannemundu, 27, 50–52, 281–82
Lugalbanda, 37, 42, 45, 169, 185, 191, 258, 259, 273–75
"Lugalbanda e Enmerkar", pp. 185, 273–74
"Lugalbanda e Monte Hurum", 185, 275
Lugalzaggesi, 35, 58–60, 217
Lullubi, 62
Lulu, 99
Encantamento, 55
Lummagimdug, 55, 56
Lombar, 75

Magão, 61, 62, 172, 276–84
Magilum, 277
"O homem e seu Deus", pp. 126–29, 294. Veja também "Jó" sumério Manishtushu, 59, 61–62, 288
Mânio, 62, 276
Mannai, 275
Marhashi, 51, 281
Mari, 30, 52, 60, 72, 236
Casamento, 78, 250–57
"Casamento de Dumuzi e Inanna", p. 171
"Bodas de Martu", 164, 171, 253
Março (ano), 145, 164, 171, 253

Martu (mito). Ver "Casamento de Martu"
Março (pessoas), 51, 55, 63, 164, 173, 258, 259, 273, 278, 281, 285, 287–88
Matemática, 91–92, 233, 289
Maio, 82, 115–17, 125, 153, 160–62, 259
Medos, 6
Medicina, 93–99
Mar Mediterrâneo, 5, 51, 59, 62, 284, 289
Meluhha, 61, 172, 173, 276–84, 286
Meluhhaites, 63
Menes, 62
Mesannepadda, 46–50
Mesilim, 32, 53 e ss.
Meskalamdug, 50
Meskiaggasher, 44
Partícula de purê, 46-49
Mesopotâmia, 3ss., 15, 19, 22, 32, 288
Metalurgia, 103, 290
Michaux, A., 7
Mignan, Roberto, 8
Mikku, 132, 198, 255
Deus-lua. Ver Nanna
Mossul, 7 ss., 15
Deusa-mãe. Ver Ninhursag
Alegre, Friedrich, 11–13
Cogumelo, 173
Música, 100
Mitologia, 144–64
Mitos, 38, 133–34, 171–83

Namhani (também "Nammahni"), 66–68, 84
Namlulu, 243, 264, 285–86
Nammu, 150
Namtar, 131
Nanna (também "Nanna–Sin", "Sin"), 64, 66, 84, 122, 132, 135, 137, 141, 145, 146–47, 153–54, 171, 206, 210, 244, 250, 252, 259, 277
Nanna (pai de Ludingirra), 208, 209
Nanshe, 124–25, 138, 173, 174, 206
Naram-Sin, 37, 62–66, 68, 276, 278, 288
Navirtum, 208–10
Oriente Próximo, 4, 45, 59, 115, 185, 237, 288 e ss.
Nebi Yunus, 15
Nabucodonosor, 8
Nedu. Este Neti
Nergal, 131, 134, 206
Mundo Nether, 129–35, 147, 153–55, 210, 296
Neti, 134, 261
Dia de Ano Novo, 124, 140–41, 205, 254
Nidaba, 58, 64, 124, 138, 174, 206, 248, 271, 273
Niebuhr, Carsten, 7, 11, 12, 16
Nimrud, 15
Nin-ti, 149
Nina, 138
Ninab, 164
O Diabo, 199
Nindub, 138
Nínive, 7 ss., 13, 15, 17, 23
Ningal, 137, 244, 250, 259
Ningirsu, 56, 57, 58, 82, 137–40, 205, 260

Ningishzida, 131, 138
Ninhursag, 29, 51, 122, 140, 145, 147–51, 152, 172, 174, 207, 258, 259, 261, 277
Ninisins (einnig "Nininsinna"), 87, 174, 206
Noventa e um, 111, 206
Ninkilim, 106
Ninlil, 37, 46–49, 133, 146–47, 217, 253, 260
Ninmah. Este Ninhursag
Ninmar, 58
Ninmug, 174
Ninshubur, 153–55, 162
Ninsikil, 283
Ninsun, 191
Nintu. Este Ninhursag
Nintulla, 277–78
Ninurta, 64, 108, 145, 151–53, 168, 171, 205, 206, 209, 257, 261, 279
Nippur, 22–24, 26, 31, 37, 40, 46–49, 59, 60, 62–66, 68–72, 146, 147, 153, 154, 172, 207, 208–10, 217, 219, 236, 240, 253, 261, 280; expedições e escavações em, 22–23, 31, 59
Numeração, sistema de, 91–92
Numushda, 164, 253
O Espírito Santo, 146
Nunbirdu, 253
Nungal, 206
Nusku, 64, 146–47, 209, 253

Persa antigo (língua), 6, 11–17
Oppenheim, Leão, 110
Oppert, Jules, 15, 17, 18, 20–21, 23

Pagibilsag, 205
Pahlavi, 12
Paquistão, 281
Palestina, 291–92
Panteão, 42, 64, 83, 113–23, 141
Paraíso, 122, 147–49, 164, 293. Veja também "Enki e Ninhursag: Um Mito do Paraíso Sumério"
Papagaio, André, 22, 30
Dinastia parta, 12
Patriotismo, 260
Persépolis, 6 e ss., 16 e ss.
Pérsia, 9 ss., 13
Golfo Pérsico, 3, 39, 53, 59, 60, 71, 275, 281
Persas, 6
Peters, João P., 22
Pharmacopoeia, 93–99
Motivo da peste, 162–63, 296
Poebel, Arno, 24–25, 47, 60, 80 n., 167–68, 297–99
Polifonia, 17
Porter, Robert Ker, 8
Pré-sumérios, 40–41. Ver também Proto-Eufrateanos Sacerdotes e sacerdotisas, 34, 141–42
Príncipe, J. D., 24
Proto-Eufratesanos, 41–42
Provérbios e preceitos, 224–26, 255–58, 263, 287
Pukku, 132, 198, 255
Tablet do Museu Pushkin, 44, 132, 208–17
Puzur-Numushda, 71

Radau, Hugo, 156, 167
Rask, Rasmus, 13–14
Rawlinson, Henrique Creswicke, 13, 18, 20, 23

"Retorno de Ninurta a Nippur, O," 171
Rico, Cláudio Tiago, 8, 13
Rim-Sin, 72
Rimush, 59, 61, 288
Ritos e rituais, 135, 140

Sacy, A. I. de Sylvester, 12, 14
Safar, Fuad, 30–31
Sagburru, 272
São Martinho, A. J., 13–14
Sargão, o Grande, 59–61, 141, 205, 217, 276, 283, 288
Sargão II, 15, 275, 283
Sarzec, Ernesto de, 21–22
Sataran, 54
Sayce, A. H., 24
Schmidt, Erik, 26
Schneider, Nicolau, 231
"Dias escolares", 237–40, 266
Escolas. Veja edubba
Ciência, 90–91, 233
"Escriba e Seu Filho Perverso, A", 89, 237, 243–46, 264
Escribas, 34 ss., 170, 230
Escultura, 28, 30, 99, 101, 280
Semitas, 19, 21, 42, 59–66, 72, 164, 288
Língua semítica, 17, 19, 20, 30, 42
Senaqueribe, 283; cilindro de, 8
Colonos, mais antigos na Suméria. Veja Pré-Sumérios; Proto-Eufrateanos Sistema sexagesimal, 91–92, 289–90
Shara, 55
O Diabo, 66
Sharur, 151–53
"Sem", como contraparte hebraica para "Suméria", pp. 298–99
Deus-pastor. Ver Dumuzi
Shu-Sin, 69, 71, 254, 260
Shubirila, 159
Shubur, 285
Shukalletuda, 162–63, 258, 262
Shulgi, 68–69, 85, 206, 260; inscrição de, 24
Shuruppak, 26, 224, 229
Sículo, Diodoro, 10
"Montanha de Prata", 61
Pecado. Ver Nanna
Sippar, 236
Escravidão, 78
Reformas sociais. Ver Urukagina, reformas de Estrutura social, 24, 74, 77–78
Sollberger, Edmond, 69 n.
Estela dos Abutres, 34, 55
Deus-tempestade. Este Ishkur
Subarianos, 63, 68–69, 278, 286
Subir, 51, 68–69, 281
Suméria e Acádia, 72, 88, 207; pessoas de, 124
Sumério "Jó", 125–29, 223, 256, 258, 296. Ver ako "O Homem e Seu Deus"
Verão. Veja Emesh
Sumugan, 174
Deus-Sol. Veja Utu
Susa, 50, 62, 67
Sutium, 51, 281
Silabários, 19–21, 23
Síria, 42, 69

Tabu, 133
Tal al Muqayyer, 7
Talbot, W. F. Fox, 18
Tammuz. Ver Dumuzi
Agora, 223
Cordilheira de Touro, 61–62, 67
Tecnologia, 289
Telloh, 21
Templo, 135–40; ritos de construção relacionados com, 137–40; destruição de, 142–43; terrenos de propriedade de, 75; pessoal de, 75, 141–42
Indústria têxtil, 104
Teologia, 112–13
Thureau-Dangin, François, 22, 24–25
Tidnum, 53, 55
Tiglath-Pileser I, 18
Rio Tigre, 3, 29, 39–41, 59, 71, 111, 149, 151–53, 173
Tirania, 37, 68
Comércio, 74
Transportes, 104
Tukulti-Ninurta, 283
Tummal, 37, 46–49, 217; texto de, 36–37, 46–49, 130
Tychsen, Oluf Gerhard, 12–13

Ubaidia, 29, 41–42
Ugme, 67
Ulmash, 63
Umma, 34–35, 38, 53–57, 60 e ss., 66 e ss., 79, 155
Apontamento, 283
Alto Mar. Ver Mar Mediterrâneo
Uqair, 30, 136
Ur, 7, 28 e ss., 40 e ss., 46 e ss., 52, 54, 55, 60 e ss., 66–72, 83 e ss., 99, 101 e ss., 105, 137, 141, 142, 146, 153, 154, 173, 208, 236, 240, 261, 292, 298; Primeira Dinastia de, 46–49; túmulos reais em, 28, 50, 100; Terceira Dinastia de, 32, 36, 38, 68–70, 83–85, 124, 137, 142, 206, 227, 260, 276 e ss., 283. Veja também Sepultamento, múltiplo Ur-Bau, 66–68
Ur-Lugal, 49
Ur-Lumma, 56–57
Ur-Nammu, 68–69, 83–85, 124, 130–32, 135, 206, 217, 255–56, 277; Código de Lei, 83–85, 87.124
Ur-Nanshe, 53 e ss., 75, 283; dinastia de, 22, 57, 79
Ur-Nanshe (a cantora), 30
Ur-Ningirsu, 67, 99
Ur-Zababa, 60–61, 217
Urgar, 66–67
URI. Este Akkad
Urim. Veja o seu
Urlugaledinna, 99
Urmia, Lago, 275
Uruk. Ver Erech
Urukagina, 35, 58, 66, 124; reformas de, 75, 79–83
Ush, 54, 57
Uttu, 174
Utu, 44, 64, 122, 124, 132, 133, 135, 148, 155, 159–60, 164, 174, 191 e ss., 198, 210, 258, 259, 270, 281
Utuhegal, 37, 38, 67–68, 217

Valle, Pietro della, 7, 10
Valores, 4, 262–64
De, Lago, 275, 287
Van Dijk, J. J. A., 167, 264
Produtos hortícolas, 109

Veterinários, 99
Virolleaud, Charles, 85
Inscrições votivas, 24, 34–35, 52–59, 256, 262

Notícia. Ver Erech
Deus-água. Veja Enki
"Água da vida", p. 154
Armas, 74, 103
Pesos e medidas, 64
Ásia Ocidental. Ver Oriente Próximo
Vontade de superioridade, 264–68
Inverno. Veja Enten
Deus-sabedoria. Veja Enki
Literatura de sabedoria, 38, 217–26
Mulheres, posição jurídica de, 78
Woolley, C. L., 28–29, 50, 88–89, 99, 101, 105, 129–30, 240

Cilindro, 67

Zabardibunugga, 187
Montanhas Zagros, 51, 62, 67–68
Ziggurat, 28, 30, 73, 89, 136–37, 293
Zimmern, Heinrich, pp. 167–68
Ziusudra, 26, 44, 135, 163–64, 224, 259, 281, 282, 286
Zoroastrismo, 12
Zuzu, 55